

NOTAS ÍNTIMAS

de

SANTA MARIA EUGÊNIA DE JESUS

(Anne Marie Eugénie Milleret de Brou)

FUNDADORA DAS RELIGIOSAS DA ASSUNÇÃO

**TRADUÇÃO DO VOLUME II
DOS TEXTOS AUTÓGRAFOS
GUARDADOS NOS ARQUIVOS
DAS RELIGIOSAS DA ASSUNÇÃO
AUTEUIL, PARIS**

**Publicação das
RELIGIOSAS DA ASSUNÇÃO
BRASIL**

NOTA SOBRE A EDIÇÃO BRASILEIRA

A edição francesa das NOTAS ÍNTIMAS de Santa Maria Eugênia de Jesus apresenta seu texto integral, segundo os autógrafos. Aproxima-se o mais possível dos originais. No entanto, para facilidade de leitura, em geral as palavras abreviadas por Maria Eugênia foram completadas. Ela anotava suas reflexões, sua oração, suas lutas, sem preocupação de uma redação trabalhada, já que não escrevia para publicar, mas unicamente para guardar suas experiências.

A edição francesa é um estudo profundo a partir dos manuscritos. Entre outras coisas, são assinaladas as correções, as palavras riscadas, as hesitações de redação... Essas hesitações estão assinaladas em notas de rodapé, muito numerosas. Não pretendemos, na tradução, retomar tudo isso, certamente útil para um estudo, mas menos necessário na tradução. Por isso há menos notas de rodapé e os números de chamada não são os mesmos. Para um estudo mais profundo da gênese de tal ou tal texto, é preciso referir-se à edição francesa – que pode ser encontrada em cada uma de nossas comunidades.

Notemos ainda que o “original” é francês, e que por mais que desejemos transmitir com exatidão, a tradução nunca é perfeita. Sempre poderíamos melhorar. Às vezes seria preciso explicar com mais detalhes – mas também queremos nos ater ao texto original. – De antemão pedimos desculpas por eventuais falhas, e ficaremos gratas que sejam assinaladas.

Permanecendo o mais possível perto do texto francês, a tradução tem que assumir certa liberdade, para maior clareza e para permanecer fiel ao pensamento da autora. As expressões não são as mesmas no francês e no português.

Maria Eugênia cita a Escritura em latim, segundo a Vulgata, que era a tradução (para o latim) utilizada na época. As citações foram traduzidas, em geral no próprio texto; outras vezes em nota de rodapé.

O objetivo desse trabalho de tradução para o português brasileiro é colocar a integridade desses textos à disposição das irmãs, para que melhor possam conhecer o mais profundo de Maria Eugênia, suas lutas, seu caminho de santidade. O trabalho da graça vai pouco a pouco perfazendo em sua vida a obra prima que Deus desejava.

Os anexos – que apresentam a família de Maria Eugênia, a cronologia de sua vida e as pessoas citadas (na medida em que podem ser identificadas) – ajuda, por vezes, a compreender seu pensamento.

É bom lembrar que Maria Eugênia pertence a uma época – o século XIX – e mergulha naquilo que é de sua época: romantismo, correntes políticas, temas religiosos e filosóficos... Através de tudo, caminha numa construção de liberdade, sob a ação da graça. A vida de oração, os sacramentos, o discernimento através da direção espiritual, a encaminham progressivamente para a santidade. Assim como no início de sua vida religiosa, no correr dos anos, através de alegrias e dificuldades, seu olhar está todo em Jesus Cristo e na extensão de seu Reino.

Com todo o carinho, fazemos esse trabalho pensando em vocês, nossas irmãs.

Ir. Marta Maria

Ir. Maria Rachel

Outubro de 2012

Para ajudar a leitura

O « Estudo de Arquivos n° 6 » – que no francês chama-se “A Oração de Madre Maria Eugênia, um Caminho de Santidade” – foi traduzido com o título “Notas Íntimas, um Caminho de Oração”. Para esta edição brasileira, transcrevemos parte da Introdução, que pode ajudar na leitura destas NOTAS ÍNTIMAS.

PLANO GERAL

Podemos destacar cinco etapas nessas NOTAS que traduzem a evolução de uma vida.

1) de 1835/36 a 1839: Rumo à descoberta de Deus e ao aprofundamento de sua vocação. Da dúvida à fé engajada.

“Considero minha fé como algo que descobri.” (1836/ N° 152)

2) de 1839/40 a 1844 – Rumo à Profissão Perpétua. Vida de Esposa de Cristo, o Verbo Encarnado.

“Ama e entrega-te” (1845/ N° 164)

3) de 1845 a 1866

“Contanto que eu vá para Deus” (1845/ N° 197) – Vida de esposa através da Cruz.

“É preciso que Eu te baste.” (1848/ N° 207)

4) de 1866 a 1888

“Ele rompeu vínculos, diminuiu os apoios, para que eu vá mais para Ele.” (1878/ N° 232)

Vida de esposa pelo desprendimento.

“Sempre, a qualquer tempo, que eu vá para Ele, que somente dEle espere qualquer ajuda.” (1878/ N° 234)

Ou: “Deus, meu fim, minha força”.

5) de 1888 a 1898

Transição para Deus. Vida de união pelo despojamento final.

“Entregar-me sem restrições a toda oração, a toda ação e a todo sofrimento que esteja de acordo com as atitudes de Cristo”. (1842/ N° 185)

“Sair de qualquer dificuldade pelo amor terno de Nosso Senhor e de sua vida no Santíssimo Sacramento.” (1890/ N° 238)

O esquema acima não é absoluto. Outro ponto de vista poderia destacar etapas diferentes. No entanto, essas que propomos salientam alguns momentos mais significativos. Dentro de cada fase, transparecem sentimentos diferentes. A

esperança pode conviver com o sofrimento, a confiança com o medo, a ternura com a rudeza, o zelo com a dúvida, o ardor do amor com a dolorosa consciência da própria miséria, a luta com a pacificação – antes que se instale “Aquela paz acima de qualquer sentimento.”

* * *

Essas NOTAS podem ser lidas com uma intenção determinada:

- Encontrar constantes de pensamento, acompanhar determinado tema
- Ter a referência a um ou a outro mistério, expressão de uma atitude espiritual.

Também é possível deter-se em um período, um ano, um determinado texto, identificando os locais, evocando a história que torna possível sua compreensão.

Podem ser lidos, ainda, de forma global, para buscar ali uma vida, encontrar uma mãe, uma irmã como nós, em suas lutas e seu desejo de fidelidade, e saber que “ali estão nossas fontes.”

É nossa missão, hoje

* * *

Como em toda abordagem de Maria Eugênia, é bom que se reporte, como pano de fundo:

- às *Origens*, narração que conserva, para nós, o clima do início.
- à Cronologia apresentada em anexo, e que permite situar os textos na história; ou ao *Esquema Histórico*, trabalho de ir. Jeanne-Marie, de 1976.
- a outros trabalhos sobre a vida de santa Maria Eugênia, por exemplo *Quand Dieu fait la route*¹, da ir. Madeleine da Cruz, 1980.

1. Traduzido com o título “Quando Deus vai à frente”.

INTRODUÇÃO DA EDIÇÃO FRANCESA

Os textos chamados *Notas Íntimas* constituem uma espécie de diário da alma de Maria Eugênia. Consistem em reflexões – por vezes, nos primeiros anos, sob forma de interpelação a um interlocutor invisível (Padre Combalot, parentes, amigos) – de impressões de oração, notas de retiros (tomada de hábito, profissão, retiro do mês, da Semana Santa, do ano feito sozinha ou com a ajuda de um sacerdote), revisão de um período de sua vida, prestação de contas ao diretor espiritual, notas escritas no dia a dia, horários, intenções de oração, trechos de leituras, bilhetes que, segundo o costume, eram confiados a uma professa no dia de seus votos, etc...

O comprimento, o estilo, o conteúdo dos bilhetes variam segundo as idades. Pouco a pouco as longas análises desaparecem, os retoques se tornam menos freqüentes, o olhar se simplifica, o escrito fixa algumas grandes idéias ou resoluções.

* * *

Nestas páginas, vemos Maria Eugênia passar da dúvida a uma fé comprometida, entregar-se, não sem lutas, a uma vocação imprevista, deixar aprofundar-se, nela, a graça de sua Primeira Comunhão. Conquistada pelo mistério do Verbo Encarnado, contempla a Cruz, vive a exigência do absoluto de Deus, vê quebrar-se laços muito queridos, e, através dos despojamentos, vai encontrando a paz e se encaminha para a última passagem em Deus.

Estas notas são realmente o eco de sua vida. Ela é parecida conosco, nos alcança, nos precede e nos incentiva.²

* * *

As *Notas íntimas* formam o Volume II dos escritos de Maria Eugênia, classificados nos quarenta volumes apresentados para o processo de Beatificação e identificados com menção “*Ita est*”. Os outros volumes contêm cartas a vários correspondentes, com algumas notas sobre a Fundação, a educação e convocações para os Capítulos Gerais.

Cada um dos textos desses quarenta volumes leva um número de classificação (de 1 a mais de 12.000), número dado pelas irmãs que, as primeiras, os classificaram e copiaram. Os textos do Volume II (*Notas Íntimas*) vão do número 151 ao número 257 e do ano 1835 (Maria Eugênia tinha 17/18 anos) ao ano 1890 (ela tinha 73).

A classificação e a cronologia serão expostas mais adiante.

* * *

2. As *Notas Íntimas* foram apresentadas nos Estudos de Arquivos Nº6 (1989) sob o título “A oração de Maria Eugênia, um caminho de santidade”, republicados em 2012. Esse trabalho foi traduzido com o título “*Notas Íntimas, um caminho de oração*”.

Em vários anos, não existem Notas.³ Maria Eugênia talvez as tenha escrito, mas, se existiram, nunca fizeram parte deste conjunto.

Depois da apresentação a Roma dos escritos, foram encontradas outras notas; que ainda não foram totalmente decifradas e identificadas. Até hoje permanecem inéditas.

A cronologia dos acontecimentos ajuda por vezes a justificar a ausência de notas.

De qualquer forma, a história espiritual de Maria Eugênia se ilumina pela sua correspondência, sobretudo com o padre d'Alzon durante quase 40 anos. As Instruções de Capítulos podem também ser lidas nesse sentido.

HISTÓRIA

Maria Eugênia conservou as *Notas Íntimas* que foram utilizadas, em parte, pela redatora das *Origens*, com algumas modificações de data ou de conteúdo. Transferidas ao Val Notre Dame, que se tornou Casa Mãe em 1907, foram copiadas ou datilografadas suprimindo ou transformando algumas expressões, com a preocupação de “edificação” freqüente no século XIX.

Por isso aparecem nos manuscritos palavras ou passagens riscadas com maior ou menor intensidade, às vezes legíveis, outras vezes indecifráveis; trata-se, em geral da expressão de dúvidas, tentações, amarguras, revoltas, sentimentos diversos a respeito de pessoas (P. Combalot, Térèse Emmanuel, P. d'Alzon...), de transgressões à regra, – que as irmãs das gerações precedentes acharam por bem fazer desaparecer.

Os textos apresentados no Processo de Beatificação são volumes conformes com os originais, sem preocupação crítica nem pesquisas de autenticidade mais modernas.

Durante a 2ª guerra mundial (1939-1945), as caixas contendo os originais dos Escritos de Maria Eugênia foram colocados “em segurança” nos porões do mosteiro ou enterrados profundamente. Mas a ruptura de canos por causa das bombas, ou a umidade da terra atravessaram a madeira das caixas: a tinta ficou borrada ou misturada, os papeis se colaram uns aos outros, os barbantes coloridos que seguravam os pacotes desbotaram e ainda mais, os grampos de metal deixaram marcas de ferrugem. Daí a dificuldade de separar certos textos, de decifrá-los depois da operação de secagem. É possível que a ordem das folhas se tenha alterado.

Desde a volta dos arquivos a Auteuil, a partir de 1970, o trabalho de identificação das folhas tem sido recommençado muitas vezes. Algumas perguntas ficam ainda sem resposta.

3. Trata-se dos anos: 1853, 1854, 1855, 1861, 1866, 1871, 1872, 1875, 1879, 1882, 1883, 1884, 1887, 1889, 1891 a 1898.

MANUSCRITOS

Os textos se apresentam sob diversas formas:

- cadernos, folhas soltas tamanho caderno ou folhas grampeadas em cadernos.
- folhas de papel de carta, simples ou duplas, por vezes já utilizadas de um lado: cartas recebidas por Maria Eugênia, rascunhos de cartas escritas por ela mesma, pedaços de folhas contendo endereço e selo postal.
- cadernetas de diversos tamanhos, ou folhas destacadas de cadernetas.
- papéis mais ou menos bem cortados ou arrancados de um conjunto etc...

* * *

- Certas páginas de caderno foram suprimidas (por Maria Eugênia ou por outras pessoas?): na margem que sobrou aparecem por vezes as primeiras letras ou primeiras sílabas de cada linha (ex: N.192/02)

- Às vezes existe um espaço entre dois textos: podemos perguntar-nos se o primeiro ficou inacabado voluntariamente ou se deveria ser completado mais tarde.

- Por vezes também, várias linhas ou a página inteira estão escritas na vertical sobre o texto horizontal precedente. [*texto cruzado sobre várias linhas ou sobre toda a página*]

- As notas são redigidas com tinta preta ou marrom (pode ser desbotada), raramente azul, ou a lápis (sobretudo os horários, resoluções, notas rápidas de cada dia).

- A letra se modifica ao longo dos anos:

Grafia fina da jovem ou da religiosa-noviça-fundadora.

Letra mais firme, mas sempre leve, dos primeiros anos da fundação, às vezes apertada, outras mais arejada.

Letra da idade madura, firme, levemente mais ampla.

Letra larga, apoiada, quando a idade se faz mais avançada e as responsabilidades mais pesadas.

Muitas vezes, a letra, como o conteúdo, permitem sugerir para um texto uma data diferente da que consta na classificação.

Para cada texto, tentamos descrever primeiro sua forma exterior, com freqüência reveladora, sempre interessante em relação à vida.

CLASSIFICAÇÃO – NN 151 a 257

- Os NN^{os} 151 a 239 formam, ao que parece, o essencial da coleção.
- Os NN^{os} 240 a 245 reúnem notas, a maioria sem data. Por vezes tentamos indicar uma, em função do texto ou por comparação com outra nota do mesmo gênero. Nesta “secção” tem uma importância particular os números:
 240 (graça do Salmo 20)
 241B/01 (sobre o ideal de perfeição)
 242/03 (próximo dos NN 247, 248, 249/01)
- Os NN^{os} 246 a 257 são, no conjunto, bilhetes de intenções de oração confiados a uma irmã na sua tomada de hábito ou profissão. Mas os NN^{os} 247, 248, 249/01 de dezembro de 1844 (profissão de Maria Eugênia) são os mais importantes.
 - Esta classificação teve que ser estabelecida segundo a ordem, o momento em que os textos foram encontrados. A coerência nos foge às vezes, mas uma explicação pode ser deduzida da estrutura do manuscrito e das etapas da classificação.

- Às vezes certos textos da mesma época, têm números distantes uns dos outros. Assim, por exemplo, Maria Eugênia escreveu primeiro num caderno ou em folhas seguidas e esses textos receberam um número; na mesma data ou na mesma época, ela anotou reflexões, resoluções, intenções, horários, numa ou em várias folhas soltas que nunca foram inseridas no seu lugar. Essas notas têm um número que não corresponde a sua data.

Por outro lado, vários textos foram classificados inicialmente sob um mesmo número. Alguns parecem constituir um conjunto, separados aqui e ali, seguindo os dias e o pensamento, por simples marcas ou por traços em toda a largura da página. Esses textos guardam aqui um único número de apresentação (ex: N^o 151/01 começado em 1836 e terminado, com toda evidência, em 1837).

Outros números apresentam textos que não têm a mesma unidade ou que são diferentes. Uma subdivisão foi estabelecida em vista de facilitar a leitura ou a pesquisa (ex: NN^{os} 154/01 a 154/13 ou 241 etc...) Em certos casos, esta subdivisão poderia ainda ser modificada; assim depois do N^o 241/01, a antiga numeração 240B/01 foi mantida no lugar de um eventual N^o 240/02. O mesmo se diria para os NN^{os} 241B/01, 241B/02 e 245B/01.

- A ordem dos números, que nem sempre corresponde à cronologia, apresenta, por conseguinte ilogismos. É possível remediar parcialmente, levando em conta a tentativa de classificação em anexo.

Para a edição francesa, a releitura dos textos foi feita a partir dos autógrafos. Somente o texto original permite avaliar a origem dos retoques ou supressões. Esta releitura foi ocasião de várias correções das transcrições precedentes.

* * *

No decorrer deste trabalho e apesar dos limites assinalados acima, só podemos estar em admiração ao constatar que estas linhas foram escritas, conservadas, transmitidas e que possam continuar a sê-lo até hoje.

Ir. Thérèse-Maylis R.A.
Arquivista

NOTAS ÍNTIMAS

NOTAS ÍNTIMAS

N.151/01

1835⁴ [Duas folhas com os contornos estragados, a primeira escrita reto e verso, a segunda escrita sobre duas linhas.]

Meus pensamentos são um mar agitado que me cansa e pesa. Tanta instabilidade, nunca um repouso, um ardor febril que sempre ultrapassa os limites do possível. Às vezes absorvida por questões bem acima de mim, e às quais eu faria melhor não pensar, as mais altas questões do mundo. Gostaria de saber tudo, analisar tudo, e lançando-me em regiões medonhas, vou audaciosamente, interrogando todas as coisas, perseguida por não sei que necessidade inquieta de conhecimento e de verdade que nada pode saciar. Além disso, este espírito altivo, o mais fútil objeto vai absorvê-lo, algumas folhas verdes, um raio de sol, que digo? uma vaidade, um elogio, um olhar. Quis subir como a águia, e caí bem depressa na minha miséria.

Além disso, todos esses sonhos do coração, necessidade de afeto que nada satisfaz, uniões de alma impossíveis aqui na terra, alguém que possa e que queira entrar com você nesse mundo escondido, como se fosse possível encontrar isso.

Então chegam as angústias, os fastios dos aborrecimentos da vida, sombrias tristezas impossíveis de expressar, que parecem alegrar-se nelas mesmas, regozijar-se num silêncio amargo que se esconde sob um aspecto indiferente porque eu sei, digo a mim mesma, que não existe ninguém que tenha um minuto a perder para tentar reavivar meu coração. E querendo voltar à vida real, tento deixar-me levar a esse fatalismo alegre que faz aceitar o tempo como se apresenta, pensar somente em rir e fazer rir, esquecendo o passado e desprezando o futuro. Às vezes me entrego a essa dolorosa embriaguez, zombo de tudo e até de mim mesma; mas, passado esse momento, encontro meu coração pesado, lágrimas de dor. Cansada de mim mesma, gostaria de anular esta inteligência, fazê-la calar, parar... mas somente Deus como Mestre pode dizer às ondas do mar: Não passem daqui.

Estou só, só no mundo, num amargo isolamento de alma. E que me importam esses homens que passam perto de mim, esses risos alegres aos quais eu me misturo e que quando quero eu provoco com minha louca alegria, esses amigos que me amam e não me conhecem, que me apertam a mão sem se inquietar por que bate meu coração, essas crianças grandes às quais sirvo de brinquedo, utilidade vergonhosa, a única que me coube por sorte. No entanto, eles me amam, eu lhes devo muito, não tenho nada contra eles; meu coração é bem ingrato, mas quando estou com eles, sinto-me mais sozinha do que nunca.

Quando um passarinho sofre, pelo menos seus irmãos o reanimam com cantos, mas à minha volta não existe harmonia.

Qual é a jovem que não tem um ombro onde apoiar sua cabeça quando chora?

Ó vocês todos que não encontram satisfeitas as exigências do coração, que não se sentem felizes, eu os invejo, pois é porque vocês já têm alguma coisa que procuram

4. A tinta assim como o lugar da data poderiam indicar que Maria Eugênia colocou o ano numa época posterior ao texto.

algo mais. Aquele que sofre de verdade, é aquele que não se queixa mais, porque nem ousa pedir um pouco de felicidade para o coração porque sabe que não tem nada e que não tem direito a nada.

Se eu morresse amanhã, seria esquecida depois de amanhã, ninguém viria rezar perto do meu túmulo. No entanto eu rezo pelos outros, mas eles não o sabem, ou melhor, que lhes importa?

Oh! eu deveria, ao pensar que meu enterro teria passado rápido pela sua vista e pelo seu pensamento, eu deveria aprender a deixá-los antes da última hora e cumprir também meu dever de ação. Rezar não é tudo, temos que rezar em ação, e se eu fizesse algo de bom, Deus desceria até mim, o Deus de toda consolação que prometeu reanimar e sustentar os corações cansados.

N.152/01⁵

1836 Paris 29 de março

Procurando bem as bases de minha fé, acho que posso reduzi-las à mais simples expressão. Sou cristã porque fora da religião cristã, e até católica, não vejo razões sólidas para distinguir o bem do mal, nem autoridade forte e regra santa que trace a linha de separação. O protestantismo é uma grande inconseqüência condenada por vinte passagens do livro que apresenta a única regra de sua fé. Eu me pergunto como pode existir um só protestante de boa fé que acredite em Jesus Cristo e na sua palavra e que não trema de medo diante de tantos anátemas que Ele pronunciou contra aqueles que não escutam a Igreja. Aliás, graças ao sistema de interpretação da Reforma, ninguém pode dizer qual é a moral do protestantismo, já que cada pessoa faz a sua.

O Deus do Deísta é um ser feito pela razão, quimérico e sem ação que nunca fez nada pela moral do mundo. Quanto ao ateu, não sei onde poderá encontrar alguma razão para fazer o bem e evitar o mal, nem mesmo distinguir um do outro, e no entanto o mais simples bom senso nos diz que a sociedade, que o homem não poderia sobreviver sem esta distinção. Seria preciso impor silêncio a nossa consciência, a nossa razão, até a nossos sentidos que se revoltariam diante dos extremos exageros dos crimes, para ousar pretender que neste mundo tudo é indiferente, e que é a mesma coisa assassinar a sua mãe ou cuidar dela. Por muito depravadas que tenham sido as instituições ou os costumes, jamais uma sociedade admitiu esse princípio, que teria sido, para ela, uma sentença de morte imediata; e se algum homem sozinho ousou levantar-se para proclamar esta doutrina de destruição, não acredito que tenha existido um só que não tenha recuado diante de suas últimas conseqüências; e que por profundas que tenham sido suas trevas, não tenha sentido bater seu coração de temor diante da luz, ou de admiração diante da virtude.

5. Os Números N.152/01 a N.158/01 (salvo N.154/10-13) fazem parte de um conjunto de folhas reunidas como um caderno por uma fita desbotada. A data 1837 da mão de Maria Eugênia na capa deve ter sido acrescentada depois da redação. No verso, como uma nota aparentemente posterior, pode-se ler: “Na primavera de 1828 eu estava em Bruxelas com minha mãe, eu devia ter 10 anos ½” (Corrigido: 11 anos ½). A primeira página deste caderno data de “1836 Paris 29 de março”. O texto, separado por linhas horizontais, foi escrito certamente em várias vezes. Apresenta-se como uma reflexão da jovem a partir das conferências de Lacordaire, em Notre Dame e uma releitura de seu caminho intelectual e religioso. A última parte em que faz alusão ao padre Lacordaire e ao padre Combalot deve ser de 1837.

Se agora quisessem nos obrigar a estudar o Corão e o King⁶, a religião dos Persas e a dos Selvagens antes de concluir que a religião católica é a única verdadeira, diríamos que nós julgamos a árvore pelos seus frutos, e que não vemos que todas essas pobres nações longínquas sejam civilizadas e fortes como as cristãs, e que não vemos que suas doutrinas tenham convertido aqueles que as estudaram, e que se a verdade estivesse lá, teria agido por vezes sobre aqueles que se tem aproximado; enquanto, ao contrário, as pessoas que põem diante de nós os Indianos e os Turcos nunca pensaram em fazer-se brâmanes ou maometanos.

Além disso, a maioria das objeções que fazem contra a Igreja valem também com a mesma força contra as religiões pagãs: a do livre arbítrio, incompatível com a providência e a bondade de Deus, por exemplo, a mais forte de todas para minha inteligência e que por vezes me deixa em suspense, pode-se fazer igualmente contra toda religião que proclame uma moral, pois para dizer ao homem faça isto e evite aquilo, é necessário, evidentemente, supor que ele é livre de escolher e ao mesmo tempo supor um dever a cumprir para com a Divindade que vê e conhece as ações dos homens, que o criou e lhe deu ordens. Que nos importaria uma Divindade que não nos houvesse criado e que fosse indiferente a nossos crimes?

Quando penso na oposição que existe entre o espírito do mundo e a lei de Jesus Cristo, penso que Deus usou de grande misericórdia, abrindo aos homens lugares de salvação longe do mundo. É muito difícil viver no meio de riquezas e ser pobre de espírito, ser rodeada de muito carinho e estar pronta para sacrificá-lo ao Senhor, estar no mundo e não amá-lo, ver a corrupção e ficar pura, conviver com a tentação e nunca sucumbir, escutar as adulações dos homens e não ficar embriagada, ou escutar censuras e não experimentar ressentimentos. Precisamos de uma grande força para ser, no meio do mundo, humilde, pobre e desprendida de tudo, e de grande santidade para nunca escandalizar ninguém, nem ser ocasião de pecado e Jesus disse: Infeliz do homem que escandaliza.⁷

O sr. de Frayssinous dá por motivos da fé universal do gênero humano na existência de Deus, o sentimento, a razão e o espetáculo da natureza; o que se reduz em definitivo a ter em nós mesmos a idéia, o sentimento da Divindade. Isto não me parece provável, nem mesmo possível, porque entrando em mim mesma, sinto que eu poderia ter passado minha vida diante do espetáculo da natureza sem procurar seu autor, e também não tenho sentimento íntimo de sua existência e certamente minha razão nunca me teria conduzido tão alto, já que a idéia de Deus me foi transmitida e minha razão mal poderia apenas concebê-la em esboço. Eu não teria inventado a idéia de Deus, que esmaga minha inteligência quando a medito, e acredito que nisto não sou uma exceção na natureza humana.

Não seria permitido pensar que, tendo Deus falado ao primeiro homem, segundo nos ensinam os livros santos, a tradição conservou essa revelação primitiva mais ou menos pura, nos diferentes povos. Sem dúvida esta doutrina que recebemos pela tradição, encontrava eco em nosso coração e em nossa inteligência, já que o homem

6. King: coleção de livros sagrados chineses.

7. Mat.18, 6.

tinha sido criado capaz de conhecer e de amar a Deus, mas não era ele quem descobria a Deus por suas próprias forças e iniciativa.

Aqui, como em todas as coisas, recebemos para transmitir, e escalando os elos do tempo, podemos dizer que é do mesmo Deus que recebemos a idéia de sua existência, assim como é dEle que recebemos a vida. Os que nos anunciam a verdade, são somente instrumentos de Deus, são ecos da primeira palavra dirigida a Adão, como nossos pais são os instrumentos de que Deus se serve para nos dar a vida, são unicamente o elo que nos liga a esta corrente da criação, que recebeu a vida em Adão. Mas não podemos encontrar nada em nós mesmos, nem a verdade, nem a vida.

Certamente compreendi mal ao sr. de Fraissynous. Deve ser isto mesmo que ele quis dizer, porque esta idéia me parece perfeitamente católica. Parece-me que ele explica bem a punição da idolatria: porque o homem foi justamente punido por ter alterado a verdade que lhe tinha sido transmitida, e por não se ter submetido, e no entanto não se pode muito acusar por não a ter adivinhado. Este crime é mesmo tão grande, que é punido nos seus descendentes como um segundo pecado original.

Esta idéia explica também a vinda do Cristo sobre a terra para dizer novamente ao homem a palavra divina que se tinha apagado de sua inteligência e de seu coração, ou pelo menos um longo espaço de tempo tinha alterado a tradição. Esta fez bem compreender a necessidade da Igreja nos ensinar já que ela é uma tradição inalterável, viva e falante, sem a qual a segunda revelação se perderia, como a primeira. Enfim, ela dá uma prova nova da criação de um só casal, pai de todo o gênero humano, porque uma tradição tão universal, a mesma em todas as diferentes raças de homens, prova bastante que a grande família humana só tem uma origem.

Qual é a doutrina católica sobre a inteligência dos animais? Tanto para eles como para nós, pode-se defender a doutrina das idéias inatas, pois eles sentem como nós, e o que se diz do homem, que não há necessariamente relação entre a vibração física de uma fibra e a sensação percebida, pode-se dizer a mesma coisa dos animais. Os animais conservam, com freqüência a lembrança de suas impressões, não posso afirmar que algumas vezes pensem, pois parece que têm às vezes idéias, que se não são exatamente iguais às de os homens, são semelhantes. Qual é, então para eles, o princípio sensível e sua natureza? Nossos livros santos as chamam de almas vivas. Se a alma dos animais é mortal, por que a dos homens é imortal? Adeus à impossibilidade de uma decomposição, de uma morte para as essências espirituais?

No entanto, eu faço naturalmente uma grande diferença entre o homem e o animal. O que nunca poderá entrar em minha cabeça é que o animal possa pecar; esta expressão tem algo de ridículo, que faz rir. É um tema de grande reflexão esta incompatibilidade da idéia do pecado, tal como a entendemos, com a ação do animal.

Eu gostaria de saber se me engano ao pensar que em nosso espírito não pode entrar uma idéia completamente falsa, uma idéia sem nenhuma base. Acho que uma idéia é a representação moral de um objeto, de uma realidade. Um espelho pode reproduzir, mais ou menos exatamente os objetos, mas só reflete a imagem do que existe. Um desenho, mesmo fantástico, só pode reproduzir objetos que existem, ainda que estejam truncados ou mal colocados; assim, num desenho fantástico, pode-se colocar num homem um rabo e pés de cabra; isso é falso, mas os cascos não são menos

verdadeiros, mesmo impropriamente atribuídos a um homem; o rabo também é uma realidade quando está no seu lugar, mas colocada aqui é um erro.

Nossa inteligência segue a mesma lei; podemos nos fazer a idéia de algo que não existe, de um animal fabuloso, suponho, formando-o de partes que existem, e atribuindo-lhe propriedades reais de outros corpos. Por exemplo, o dragão não existe, é uma imaginação louca, uma idéia que parece sem fundamento; mas o fogo que vomita é algo real tirado do vulcão, sua forma é parecida com a do crocodilo, e assim por diante.

Por conseguinte, as coisas abstratas, das quais teríamos idéia, mas cuja realidade não poderíamos verificar, existiriam necessariamente. Se em toda a natureza material não temos a idéia de uma propriedade, de uma forma que não existe em nenhum lugar, deve ser o mesmo nas coisas espirituais. Pelo menos devemos acreditar: seria para nós impossível ter uma opinião, ainda menos ter segurança de alguma coisa, se nós não acreditássemos na analogia das coisas acima de nossa experiência com aquelas que lhes são entregues, se não pensássemos que as operações, os raciocínios que nos levaram a um resultado, do qual podemos perceber a exatidão, nos produzirão resultados igualmente justos nas coisas nas quais não podemos ter certeza.

Pode ser que seja estender demais meu primeiro pensamento, mas creio que se poderia dizer que os atributos de Deus existem necessariamente, pois temos a idéia deles. E se isto for assim, será uma grande demonstração da existência das perfeições de Deus, porque não se pode dizer que, como para o dragão, qualidades reais foram mal atribuídas por nós a um único sujeito. Enquanto nada nos diz ser necessário que a forma do dragão esteja unida à necessidade de vomitar chamas, não podemos duvidar da necessidade rigorosa da reunião dos atributos, pois cada um deles acarreta e supõe o outro.

A eternidade, a criação, a aniquilação que Rousseau recusa admitir porque ele não saberia compreendê-las, seriam rigorosamente possíveis ou existentes, porque nós temos uma idéia delas.

Mas, por exemplo, eu não gostaria que se concluísse que a liberdade moral é uma idéia de todos os tempos e de todos os homens e que a temos necessariamente, porque afinal de contas, esta liberdade poderia existir em Deus, ou em Seres mais perfeitos que nós e não existir em nossa natureza.

O sistema dos materialistas que admitem um Deus, uma Inteligência superior e criadora, me parece bem insensata e bem espantosa. Que enorme tristeza deve sentir a pessoa que só vê na criação inteira uma obra sem fim, na humanidade só uma sucessão de gerações empurradas pelo vento do nada, cujas vagas se apressariam em trazer mais depressa, para cada um, seu tributo de lágrimas ao holocausto de infinitas dores que nos narram os anais do mundo. E que pavor desse Deus que criou o homem para sofrer e depois não ser nada, que jogou a terra no espaço e suas mil criaturas, obra inútil e abortada, que se devora a si mesma, não dá vida a nada e não tem finalidade nenhuma. O que podemos, cada um de nós, nesse círculo de ferro, a dor nos oprime, a vida nos escapa, amanhã não ficará nada de nós, e Reis irrisórios do mundo animal que tem menos do que nós os sofrimentos sem nome da Inteligência, único apanágio de nossa Realeza, será mesmo de nós, que por humanidade damos a morte a um animal que está sofrendo, iríamos dar a vida a um Ser que sai de nós, entregá-lo a uma vida de dores além da qual somente encontrará o

nada, de onde o teríamos tirado somente para turvar seu repouso com um horrível pesadelo. E Deus teria presidido tudo isso, o teria querido! Teria colocado em nossas almas os desejos, os pensamentos mais grandiosos para nos enganar e fazer com que sirvam para o nosso suplício! Divindade abominável, que se teria deliciado com os gemidos de todas as criaturas e cujos benefícios escondem uma dor! Que aqueles que o adoram vejam que já estão sob o império de Satanás, porque essas características só a ele convêm!

A moral cristã tem uma prova bem grande de sua divindade. Quando se anuncia, pela primeira vez a uma pessoa as Bem-aventuranças da humildade, da pobreza, do sofrimento, ela se assusta, sente no fundo de si mesmo o coração partido de pavor e no entanto de atrativo. Essa palavra a assusta, não a compreende, sente que contraria toda sua natureza, e no entanto o eleva. Percebe que esta doutrina não lhe é natural, que não brotaria espontaneamente em seu espírito, nem no espírito de nenhum ser humano, mas sente ao mesmo tempo que esta doutrina de abnegação e de renúncia, longe de estar abaixo de seu coração, está bem acima, e tem algo de sublime, mesmo que seja incompreensível para ela. Ora, o que não pertence à natureza do homem, nem está por baixo, tem o caráter divino e está evidentemente acima dele. Estas idéias morais do cristianismo são, evidentemente, idéias divinas que somente o Verbo Encarnado podia manifestar aos homens.

Por outro lado, à medida que o homem se impregna de cristianismo, aprende como são verdadeiras, desde este mundo, essas palavras ditas na montanha, e que são contrárias a todas as idéias naturais. Perguntem aos cristãos, aos santos. Ora quem é que pode criar um sentimento, uma verdade, eu até diria, quem pode descobrir aos homens uma verdade moral se não é o próprio Deus?

Apesar de gostar de perceber minhas idéias e ver minha inteligência colocar-se em favor da minha fé, penso que não é o raciocínio, nem a filosofia que devem levar à religião, mas a erudição histórica, a constatação de fatos que a provam. A fé que brota de nós mesmos é com freqüência imperfeita porque ela é orgulhosa, enquanto que inclinando nossa inteligência diante dos fatos, fazemos um ato de humildade e também de bom senso. É a lógica de Deus que nós substituímos à nossa.

Na instrução religiosa é difícil conservar o equilíbrio, não dando demasiado à autoridade, nem demasiado ao raciocínio. Não quero dizer que não devemos dar toda autoridade à Igreja católica, mas nós não acreditamos nem reconhecemos essa autoridade senão sob a autoridade de nosso bom senso, ou daqueles que nos rodeiam. Se é somente nosso bom senso, nosso raciocínio pessoal que nos submete à Igreja, é de temer que tenhamos um espírito de controvérsia, e que cedamos um dia a falsas evidências, e que nos coloquemos fora da verdade da fé católica que é essencialmente tradicional, apoiando-se sobre fatos, sobre autoridades materiais e não sobre as combinações de nosso espírito. Devemos admitir o testemunho daqueles que receberam, por sua vez, a corrente de testemunhos que remonta aos apóstolos, de forma que a religião se torna algo sagrado como os túmulos dos antepassados.

E no entanto, se nós não sentimos a verdade, a necessidade da religião, se ignoramos as provas e acreditamos simplesmente porque nossos pais nos transmitiram a religião, teremos uma fé bem vacilante, pouco segura, e a primeira inteligência que seja superior à nossa e a domine, nos convencerá, por seu poder natural, a

acreditarmos nela. Numa palavra, no segundo caso, acreditaremos nos homens e não em Deus; no primeiro acreditamos em nós mesmos. Essa é um pouco a posição de Marie⁸ e a minha. A opinião de Mr.M.⁹ bastaria para fazê-la vacilar, e eu, aquilo que não está ao alcance de minha inteligência, me perturba, mesmo se é inferior a meu pensamento. Eu faço questão da minha fé como algo que descobri e se tivesse que renunciar a certos raciocínios, a certas idéias que a ela me conduziram, não sei se eu continuaria católica. Muitas coisas me escandalizam e me entristecem; a meu ver com freqüência os cristãos não são suficientemente cristãos; a menor coisa em seus costumes religiosos me fere; uma imagem demasiado material, uma palavra cuja tendência me parece falsa, me paralisam. Será que eu sou mais ardorosa em minha fé conquistada, e que ainda tem para mim todo o entusiasmo do combate e todo o poder da vitória? Ou então, será que tenho algo de protestante no meu catolicismo, e cedo mais à evidência de minha razão do que à autoridade e aos costumes da Igreja? Se não estamos nem uma nem outra nas verdadeiras condições da fé, então quais são elas?

Perguntam-me como passei da dúvida à fé, e seja dito de passagem, de uma dúvida em que eu parecia muito mais, pelos meus atos e minhas idéias, com os cristãos que me rodeiam, do que me pareço agora que tenho fé. Mas quanto mais creio, mais esse elo me escapa. Se quisesse resumi-lo, parece-me, eis as questões que meu espírito se fazia. Mesmo duvidando eu devia agir, e assim me perguntava o que era o bem e o que era o mal – o que me parecia insolúvel sem um Deus, e um Deus manifestado. Por conseguinte havia um Deus em relação conosco ou então teríamos que nos perguntar se existiam o bem e o mal – e isso me era impossível recusar a crer. De onde vinham então e qual era sua razão? Evidentemente de um Deus que tinha falado a sua criatura e lhe tinha traçado deveres, de um legislador tendo poder de emitir leis, quer dizer, tendo todo o poder sobre nós. Acrescentemos a esta noção de poder uma noção de justiça e de bem como a única causa possível do respeito, da honra que damos à submissão a essa lei do bem que só pode ser a vontade de Deus cumprida, e o mal, sua vontade infringida.

Mas se Aquele que faz existir o bem, que é justo, poderoso, que sabe o fim de nosso ser e todos seus segredos, se Ele falou, o que é a verdade senão tudo o que é conforme a esta palavra sábia do futuro e das realidades que não atingimos? A verdade, é tudo o que Deus disse ser verdadeiro, tudo o que tem emanado dEle.

O que faz com que Deus se ocupe de nós, o que Ele quer, que finalidade procura, que lei rege seu relacionamento conosco? Ah! Que belíssima resposta tem o cristianismo quando diz: o amor. Mas ainda eu não me tinha impregnado disso, e eu me dizia somente que meu espírito não admitia crer num Deus mau; que se Ele era severo, se queria ver seu plano cumprido, isto seria uma razão a mais para procurar com exatidão sua vontade.

Mas, este espírito infinito, este primeiro princípio, prevendo tudo... como podemos ser livres sob seu poder? E se Ele não dirige e não prevê nada, é limitado; onde está seu limite, que seria mais forte do que Ele, onde está o infinito acima dEle, porque o finito supõe o infinito?

8. Provavelmente a prima de Maria Eugênia, Marie Foulon.

9. Seria M. de La Mennais, de quem fala mais adiante?

Eu não sabia responder. Mas, eu sentia que sou livre, e compreendo que é necessário sermos livres, pois só assim Ele poderia nos impor deveres. O bem e o mal não existem sem a liberdade e eu não posso admitir que não existam. Para mim, é o primeiro princípio, a coisa inegável, o axioma de minha razão e de minha vida.

Qual é o estado natural do homem? Não sei ainda. Mas será que é ignorar o mal, ser grosseiro, mau, e o mais afastado possível de tudo quanto se traduz em nós pelo pensamento da harmonia de um ser? O homem está mais perto de sua natureza à medida que é mais perfeito, mais esclarecido ou à medida que é mais bruto? Certo eu me inclino a acreditar...

Pode ser que eu fosse esquisita em tudo isto, não colocando a existência de Deus por princípio primeiro, já que a meus olhos era a única fonte desta lei moral da qual eu partia. Mas é que eu percebia, ao mesmo tempo, por todos os sentidos íntimos e pelos externos, a necessidade desse laço moral, cuja prática é demonstrada a cada hora. Razão, sentimento, experiência, tudo se rebela quando querem negar a moral, e confesso para minha vergonha, tudo ficava em suspense quando eu negava só Deus. Enfim, tomando o sentimento dos outros para confirmar o meu, eu via pessoas que negavam a Deus em seu coração, mas não via que negassem inteiramente o bem, a virtude, nem na sua palavra nem na sua vida. Nos tempos que vivemos é perigoso confiar no testemunho de alguém, porque o testemunho imediato impressionará sempre mais do que o testemunho transmitido. Acreditar na maioria, como o quer M. de La M[ennais]¹⁰ corre-se o risco de cair nesta multidão de imbecis que consolida sua incredulidade sobre a autoridade da multidão igualmente incrédula. Aliás, quando se reflete dentro de si mesma e que se raciocina à sós, duvido que se esteja de acordo com a opinião de um número maior ou menor de pessoas. Pouco me importaria que todos cressem em Deus, se eu não tivesse podido acreditar nEle, e que eu não me tivesse visto premida pela necessidade de agir, e de não fazer o mal, mas ao contrário de fazer o bem.

O que não posso compreender¹¹ é que Deus seja forçado a agir como os legisladores humanos, que fazem leis para a massa e não podem considerar em particular a sorte de um indivíduo, de forma que as leis mais sábias às vezes destroem uma existência particular.– Como os generais que, para salvar sua tropa e a cobrir de glória, entregam à destruição um ou dois regimentos. Mas Deus que vê tanto o inseto como a harmonia dos mundos, que é o mesmo Deus de cada um de nós, acompanhando cada um de nossos pensamentos e de nossas ações, prevenindo-nos e conduzindo-nos cada um pessoalmente, por vias tão maravilhosas como conduz os impérios, pudesse, para realçar a virtude, para lhe dar mérito, condenar homens ao vício e a uma morte eterna!... Sei muito bem que não haveria virtude se não tivéssemos liberdade, mas que importa isso a um homem tomado isoladamente que não a tenha, e para quem no entanto Deus deveria ser tão bom, se é que o é, como para com cada um dos indivíduos. Enfim, quando Deus cria um homem e que vê pela sua presciência que ele somente fará o mal, não faz uma horrível crueldade trazendo-o ao mundo? E

10. Alusão ao argumento do “senso comum” ou do consentimento universal, a qual pretende que os argumentos da maioria passam por cima da razão individual.

11. Pela tinta, pela letra e pelo conteúdo, é evidente que esta página foi escrita em 1837.

como um Deus bom pode cometer uma crueldade mesmo para com um só homem, quando seu poder e sua sabedoria infinita deveriam lhe permitir meios de dar à virtude o mérito, sem para isso precisar jogar os miseráveis no abismo?

Além disso, tantos criminosos, tantos infelizes que se perdem pelas ocasiões de pecado e pela ausência de socorro, ao passo que existem pessoas privilegiadas que Deus previne com mil graças, que as atrai sem que elas percebam, que as força a reconhecer o vazio das alegrias do pecado, e às quais Ele envia os melhores conselhos, os mais sábios e os mais caridosos de seus servidores.

Confesso, para minha vergonha, já que isso não me adiantou nada, mas eu acredito que se Deus tivesse enviado a meu irmão, aos homens que me rodeiam, a muitos pecadores e incrédulos, a metade das graças que Ele me deu, querendo me conduzir pela mão, fazendo-me encontrar amargura onde Ele não estava, me aborrecer de todas as coisas que recebia e não permitindo que elas me sujassem completamente, ajudando-me a fazer a experiência de todas as vaidades do mundo e de minha própria fragilidade sem me deixar cair completamente no abismo do qual me fazia sentir a profundidade, abrindo meus olhos para ver os caminhos que aí conduzem, enviando-me o mais eloqüente¹² de seus servidores para me converter, o mais caridoso¹³ para me conduzir, dando a todos uma bondade extrema para comigo, dando-me progressivamente a idéia da suavidade de seu serviço sem me mimar demais porque tenho disposição para não ser vigilante e me conduzir sozinha, creio que, com a metade dessas graças e ainda recebi muitas outras, e certamente outras que nem conheço, e que não posso dizer aqui, Deus teria feito Santos. Por que me privilegiou a mim, que sempre lhe resisto, e por que para tantos que desejam conhecê-lo Ele se cobre, por vezes, com um véu ciumento?

N.153/01¹⁴

Paris Abril de 1837

Algumas vezes me atormenta o pensamento de não agir por amor de Deus, mas pelo amor e admiração da perfeição a que o cristianismo nos chama. Eu amo a justiça, a retidão, a pureza, a humildade, o desprendimento de si, a caridade ardente, por elas mesmas, e desejo adquiri-las por elas mesmas, e não pelo pensamento de agradar a Deus. Mas me tranquilizo dizendo para mim mesma que amar essas virtudes é amar a Deus, pois são da natureza mesma de Deus que só é perfeição, é a plenitude de todas as perfeições. Pode ser por uma espécie de incompreensão grosseira, mas não posso me fazer alguma idéia de Deus como Ser separado destas coisas. Eu O compreendo como a fonte e a essência de todo bem, de modo que não se pode ser bom, virtuoso, senão por uma certa emanção de sua natureza, que devemos lhe pedir insistentemente, na oração. Assim, amar a bondade, a verdade, a justiça será amar o próprio Deus, que não é algo material, um Ser separado, independente de suas perfeições espirituais, mas o conjunto do mais alto poder, da mais alta bondade, da mais alta justiça, sabedoria e verdade que são Ele e estão nEle. – A expressão agradar

12. Padre Lacordaire.

13. Padre Combalot. Esta menção deixa adivinhar que este texto data de 1837, depois do encontro de Ana Eugênia com o padre Combalot.

14. Entre as Notas 152/01 e 153/01, uma página escrita foi tirada, cortada com tesoura.

a Deus supõe uma idéia humana que não posso captar bem aplicada a Deus, eu me aproximo dEle como de uma Lei eterna, de um bem, – mas a natureza humana está de tal forma acima da compreensão de meu pobre espírito que me faz sobretudo adorar o mistério de um Deus humanizado. – Assim eu posso bem melhor amar a Jesus Cristo do que amar a Deus. Eu desejo possuir Deus e acho que se eu fosse perfeita, comungaria de alguma maneira com sua essência e não concebo outra maneira de possuí-lo senão sendo confirmada desta posse pela impossibilidade de descer da perfeição e pelo aniquilamento do corpo, instrumento de erro que nos perturba e arrasta. Deus é amor, se eu amo a Deus, Deus está no fundo de meu coração; Deus é santo, eu terei Deus em mim se consigo ser santa; Deus é verdade, se amo e acredito na verdade, ainda eu possuo Deus. – Em tudo isto, sobretudo, compreendo que existe um desenvolvimento, porque a fé, por si mesma, está longe de nos dar todas as verdades e que a clareza, a certeza, a universalidade de conhecimento que teríamos com a posse de Deus como verdade, não é desta vida. Não é deste mundo, porque o amor perfeito e a santidade perfeita não existem também, pois se possuíssemos Deus pela santidade e o amor, acho que a luz da verdade não faltaria. Afinal, aspirar ao amor perfeito, à santidade perfeita, é aspirar a Deus, porque, se posso dizer assim, essas coisas todas são Deus mesmo.

Mas, em relação a Jesus Cristo, além de todas essas coisas, eu desejaria ainda mais: meus sentidos queriam ver, tocar, reverenciar sua humanidade santa, minha boca gostaria de beijar seus pés e meus olhos derramar lágrimas sobre suas chagas. Aproximando-se de nós, por uma humildade inefável, santificou nossa materialidade, que também se inflama de santos desejos que só podem ser saciados por uma união tão sensível, como o coração a deseja íntima, e o espírito espiritual.

Que prazer posso encontrar voltando-me para o lado das criaturas, já que elas só podem me amar, ou me estimar porque não me conhecem, e elas se enganam, ou eu as engano sobre minha pessoa. Porque se elas pudessem conhecer tuas vergonhosas infidelidades para com um Deus que te ama tanto, teu amor por ti mesma, teu orgulho, o pouco amor que tu dás a Jesus Cristo em agradecimento por tudo o que Ele fez por ti, elas te desprezariam como a lama. Volta-te do lado de teu Deus que te ama tanto mesmo te conhecendo, que te ama apesar de todas tuas misérias até se oferecer e morrer por ti e te ordenar vir te unir a Ele. Ele só pede teu amor, tu pretendes ter um coração amoroso, enche-o deste amor, entrega-o e que nem um só instante se separe de Jesus Cristo. Tu somente podes perder seu amor pelo desejo do amor das criaturas. Bendize-O quando elas te julgam como tu és e até o que tu não acreditas que és; não procures saber se os outros não têm também misérias, securas de coração, nem se eles têm mais ou menos que tu, das coisas que te acusam. Apraz a teu Deus que te conheçam assim; consola-te se te custa pensando que Ele te ama no entanto de um amor terno e particular, e se a vista de tuas misérias te entristece, concentra teu olhar no amor inextinguível, adorável, infinito de teu Mestre, de teu Esposo, dAquele que quer te dar sua vida e se unir à tua. Vê como respondes, que pouco amor tu tiraste desta fonte divina e reconhece que tu te queixas por falta de amor.

Na Igreja cantam-se louvores da mulher forte, e no mundo se ama e elogia a mulher fraca. Eu sou cristã e bem influenciada com esta idéia do mundo, não tenho vergonha

de minha fraqueza, ao contrário, eu me glorio dela, não como São Paulo se glorificava, mas sem desejo de sair dela, sem ocupar-me dAquele que é a força dos cristãos. Eu gosto de ser fraca, gosto de mostrá-lo, dizê-lo, eu me consolo das faltas que por minha fragilidade cometo, como se fosse uma virtude cujo excesso ou imprudência me arrastaram.

Preciso das severidades do claustro para ser cristã: fora daí, se alguém me fala de obras que agradam a minha imaginação, eu me deixo ir e digo que eu amo esses livros, deixo ver um pouco minhas poesias, minhas idéias. No entanto, *Jocelyn*¹⁵ por exemplo está no Índice, e meus pensamentos, meus sonhos, são o desejo de uma felicidade toda terrestre, de um amor infinito, sem medida; isto não é a vida cristã com sua serenidade, seu amor de Deus, seu desprendimento perfeito, seus esforços contra os vícios, suas mortificações contra as alegrias e os bens sensíveis deste mundo, sua modesta virgindade, sua pureza temerosa, sua humildade, sua obediência, sua caminhada para Deus.

Preciso que tudo me lembre sem cessar tudo isto, meus superiores, meus amigos; por mim mesma eu sou levada para aquelas coisas, para essas poesias que falam da frieza da Igreja, da sombria gravidade do claustro etc.

Religiosa, obrigada a dar a conhecer meus pensamentos, serei obrigada a vencê-los ou serei castigada, corrigida, assim como meus defeitos. Todas minhas ações serão revisadas até nos mínimos detalhes; sob a disciplina dos superiores, terei que me dobrar, para que eu me faça como devo ser. No mundo, nunca será igual: tudo me arrasta e já sou uma tentação suficiente para mim mesma, uma tentação contra a qual tenho necessidade de me armar com toda a severidade das prescrições claustrais; nada como as mortificações, jejuns, pobreza, obediência trabalho obrigatório e contínuo, sujeição de todas as minhas ações e de todos os meus pensamentos, sono curto e interrompido, longas orações, silêncio inviolável, desprezo por parte dos outros, ausência de todas as comodidades ou prazeres da vida, severos castigos pelas menores faltas, nada de tudo isto será demasiado para vencer em mim o pecado, para fazer de mim uma cristã. E a prova é a horrível revolta carnal que este único pensamento excita em mim, todo meu corpo treme como uma vara verde e sinto violentas palpitações. Parece que todo meu sangue se congela e se retira para livrar a vida dessas severidades. Se eu estivesse desprendida de mim mesma e mestra de meus sentidos, reagiria assim? E como poderei vencer uma tal repugnância se não for obrigada? Um dia, pode ser, jamais dois. Enquanto eu me sinto livre, terei dez vezes menos força. Mas, se minha imaginação não vê outra saída, morrerá e com ela toda minha personalidade vencida por uma lei inviolável que a machucará sem piedade todos os dias e sempre. Estes pensamentos me parecem duros, agora, no entanto é o caminho da salvação. Somente no convento eu poderei fazer o que devo, e tenho que me decidir a entrar.

Não posso me aniquilar a mim mesma, pois passo por todas as angústias da morte e sofro mil vezes mais; é a desolação do nada e é a atividade mais estranha a meus gostos, a mim mesma, a minha alma, a meu espírito, é morrer e eu sou muito jovem para morrer, para morrer por tanto tempo. Oh! Meus sonhos de infância, onde vocês

15. *Jocelyn*, obra poética de Lamartine publicada em 1836.

foram? Por que é necessário que os afaste? Assim que um se apresenta e uma voz expressa algo semelhante ao que eu sinto, meu coração se parte, as lágrimas vêm a meus olhos, ao pensar em vocês, meus amigos, minha alegria, companheiros de minha infância, sonhos de minha juventude, prefiro chorar com vocês do que ter toda a felicidade sem vocês. E estas lágrimas¹⁶ será que são um crime...¹⁷

E no entanto é necessário; a vida não é como meus sonhos e tenho que cumprir meus deveres. Tudo sofre aqui na terra, por que eu quero me subtrair à lei comum? É a condição de toda virtude, de toda utilidade. Estou sozinha no mundo, sonhos, a lembrança de um túmulo, a amizade de um parente¹⁸ isso é tudo. Estes sonhos podem tornar-se santos, posso acrescentar uma coroa, ou até duas, dar a vida a uma alma, consolar uma sombra amada, tenhamos coragem, saibamos morrer, tudo está aí, coisas bem grandes serão o preço do sacrifício.

E ainda, independentemente de todas as coisas, eu o devo a Deus, cujos direitos não posso destruir negando-os, Ele que me amou, me procurou, me resgatou, perseguiu, e em quem não penso nunca.

Quando nos entregamos a Deus, inteiramente como os santos, os religiosos, os mártires, não lhe damos absolutamente nada; queiramos ou não, pertencemos a Ele. Ainda que nós procuremos, que amemos, que abracemos todos os sofrimentos pelo amor de Deus, fazemos o possível para suavizá-los e é maravilhoso que Ele se digne nos recompensar, já que Ele poderia deixar-nos sofrer sem que tivéssemos o direito de nos queixar, nem pedir nada em troca. Quando nós as aceitamos, somos simplesmente como o soldado obrigatoriamente recrutado e que vai alegremente ao combate; ele morre da mesma forma que aquele que duvida e se lamenta. Deveríamos tremer sempre que recusamos abraçar por Deus alguma coisa que nos parece dura, porque Ele pode, no dia seguinte, nos enviar à força algo bem mais duro, sem nos deixar nem mesmo o mérito de consentir.

É curioso ver como tratamos a Deus, algumas vezes, de igual para igual, recusando crer nEle, exigindo isto, recuando diante daquilo, achando que temos mérito de tudo o que lhe damos, nós pobres átomos que somos diante dEle como se não fôssemos. Somos alguma coisa somente nEle e por Ele. Nossa dependência é tão inteira que eu não sei quem teria o direito de dizer que Deus é cruel, mesmo quando Ele nos fizesse sofrer sempre e todos os sofrimentos. Não existe injustiça em retomar os dons que nos emprestaram, e a saúde, a beleza, a vida, a felicidade tudo é dEle e vem dEle. Somos obrigados a reconhecer que não temos nada a pedir em troca do que Deus quer para nós. Deus tem uma bondade imensa, incompreensível, que leva em conta uma lágrima, um suspiro, um pensamento e esquece sempre os insultos do fraco átomo revoltado! E depois quando estamos bem, a Eucaristia então plenifica, transporta e confunde.

Perecíveis, a nós foram confiados objetos perecíveis. Por que essa indignação? Por que esses resmungos? Mesmo que tudo quanto está à disposição de vocês percesse,

16. Primeira versão: "E mesmo essas lágrimas são um crime". A transformação em interrogação não parece ser de Maria Eugênia. A pontuação no final do parágrafo é difícil de decifrar.

17. Em seguida vêm 7 linhas apagadas e só se pode adivinhar as últimas palavras: "eu estou perdida".

18. O túmulo de sua mãe, morta em 8 de julho de 1832 em Paris; a amizade de seu tio Sr. de Franchessin.

não pereceria nada do que é seu. Vale mais dar a Deus o que Ele pede de volta, do que ser forçado a lhe restituir. (Card. Bona, caminho do céu.)

Vocês pensam que vão se tornar participantes de uma felicidade, sem experimentar nenhuma espécie de tribulação?

Devemos olhar para onde vamos em lugar de prestar atenção no que sofremos.

N.154/01

Durante o Retiro de 1837¹⁹

Quantas pessoas me terão feito bem, quantas pessoas pelas que eu deverei rezar!

Como meu coração se alarga, que intuição de amor infinito Deus me comunica por vezes. Sinto como uma dilatação de amor, sinto que eu me torno melhor e este aumento da vida do coração, da vida da alma, da pureza, da ternura íntima, me enche de uma alegria impossível de explicar. Os movimentos de felicidade dos pobres doentes que retornam à vida, não são nada perto do que eu sinto, mas posso comparar. Gostaria de poder dar a meus irmãos o que eu sinto, estou serena, tão confiante no bem que vejo nascer em mim, parece-me que sinto de tal forma a obra de Deus que não tenho medo de me comprometer e em relação a isto a lembrança de minhas faltas e de minha pequenez, em lugar de me desanimar e de me entristecer, me encoraja e quase me satisfaz, se posso falar assim.

E ainda como é doce pensar que para todos aqueles que me amam e me fizeram bem, eu posso fazer muito mais do que eles ou pelo menos posso quitar completamente essa dívida. Quando Deus me reconcilia com Ele e me admite à Mesa Santa, e que ofereço no altar os méritos da adorável Vítima por todos os que amo, eu faço por eles algo grandioso; porque o sacrifício da Missa dá a Deus toda a honra que lhe é devida, como é que a participação aos méritos deste sacrifício, a união com o Salvador imolado não daria às criaturas muito mais do que elas podem ter dado. Certamente eu creio uni-las e faze-las participar quando peço isso a Deus, sobretudo depois que Ele se deu a mim.

Esta dor infinita que experimentei pensando que minha mãe poderia ter ido à morte eterna, é preciso que eu pense que eu a darei a Jesus Cristo se eu o abandonasse. E ainda bem mais, porque Ele me ama em Deus!

19. Ana Eugênia teve a permissão do padre Combalot para participar de um Retiro que ele pregava nas Dominicanas em maio de 1837. Cf. Vol.6 C. 1505 e C. 1506: “É ai que recebi de Deus a graça de me dar inteiramente a Nosso Senhor, na vida religiosa e para esta Obra”

N.154/02

Eu só compreendo as coisas quando as experimento. Neste momento compreendo o sentimento dos Santos que preferiam ter que obedecer a superiores que não pensavam como eles e ordenavam coisas de que eles não gostavam, porque tinham maior garantia de não fazer sua própria vontade, mas a vontade de Deus. Quando calculo que eu não terei que sofrer de nenhuma severidade, que será uma vida segundo meus gostos nos estudos, na família e na oração, que a obediência não me será difícil com alguém que amo e que tem uma inteligência muito ampla, eu me sinto, apesar de tudo, atemorizada, perturbada, acho mil objeções, mil dificuldades, repugnâncias, me revolto de antemão contra mil coisas, me queixo de tudo o que não gosto, lastimo tudo quanto gostei, me inquieto, me perturbo, me revolto e caio num estado de ódio, de terror, de recusa da minha vontade, numa ansiedade, uma recuada horrível.

Mas como o Espírito Santo me incentiva a querer o que Deus quer, e me mostra minha vocação claramente escrita nos conselhos de um Diretor que me foi enviado por Deus e que Ele esclareceu para me conduzir, na minha posição, nas graças que Deus me faz e me tem feito, nas luzes que ele me dá, até no projeto desta obra cujo fundador me tem enviado de uma forma tão extraordinária, enfim, no meu dever de trabalhar para obter a salvação de minha mãe e daqueles que amo.

Eu luto contra o Espírito Santo e, infeliz que sou, tento escapar dEle. Deus seja louvado! até aqui, fui vencida na luta. Então desde o fundo de meu abatimento, de minha tristeza, de minha angústia, eu diria mesmo de minha agonia, acabo, por assim dizer, sendo forçada a me entregar entre as mãos de Deus, e dizer: que sua vontade seja feita, seja qual for, não importa o que possa me custar, eu entrego minha vida, minha vontade, meu pensamento, meu corpo ao que Ele quiser, de forma que: se Ele quisesse que eu entrasse na Ordem mais severa, se Ele quisesse que eu sofresse muito e de muitas formas, eu o faria amanhã. Assim que eu digo isto sinceramente, uma paz inexprimível invade minha alma, todas as vagas de meu pensamento, de minhas inquietações, se acalmam, tudo me parece fácil, e me parece ter certeza de que Deus está comigo, que eu lhe agradeço, que Ele me aceita e que estou unida a Ele. Não tenho o menor escrúpulo, me parece que isto lava todas minhas faltas, eu fico forte, alegre, contente comigo mesma, disposta a rezar, cheia de energia e de um espírito de doçura e de paz. Só me resta perguntar a Deus o que Ele quer e eu o faço então com tanta confiança, e sei isso muito bem quando rezei.

As duas coisas que me prejudicam: uma é a busca de mim mesma, quando me ocupo do que me custará ou não me custará. Outra é o orgulho que faz com que eu queira fazer admirar meu sacrifício, eu mesma quero admirá-lo, e então vou detalhando tudo o que sacrifico, paro em cada coisa com pesar.

O bem é o que Deus quer. O mal é o que Ele proíbe, ora se eu acredito que Ele quer que me consagre a Ele, se eu vejo isso com tanta evidência como vejo a proibição de mentir ou de roubar, então eu tenho que me fazer religiosa.

N.154/03

Retiro

Quando sair daqui, direi minha resolução somente a minha prima. E para que esta decisão não recaia sobre ela, vou dizer a ela que vou escrever a meu pai quando estiver na Lorena²⁰ depois que estivermos separadas por bastante tempo. A meu irmão, a meu tio, só direi algo se eles me perguntarem, e ficarei muito contente se isso acontecer. Quanto ao espetáculo, que é impossível assistir, já que fiz uma promessa de não ir, será necessário dizer durante um mês, ou dois, ou... não sei.

Então da Lorena vou escrever a meu pai uma carta muito séria, muito firme que eu poderia preparar aqui. Quando o Sr. de Franchessin me falar, vou responder que durante os 6 meses de estada no interior, ele só me verá uma vez por mês, e como não sou noviça, nem faço nada de severo, apesar de minha entrada na casa de Madre Francisca de Sales, eu o veria uma vez por mês; e que não deve achar ruim que eu faça uma experiência, senão eu o desejarei sempre, não vou pensar em outra coisa; mas se depois de 6 meses essa vida me faz feliz, ele terá que achar bom que eu continue ainda outros 6 meses, que sou de pouca utilidade para ele, e que enfim somente depois de 18 meses é que vou pensar em começar um Noviciado, que vai durar ainda vários anos. Eu poderia falar da Obra à Sra. Foulon, que me questionará muito, porque ela só se relaciona com a Igreja através de seu confessor que vê raramente, mas isto também não é muito necessário.

N.154/04

Quando penso no desgosto que dou a homens mortais, eu deveria antes pensar no que dou a Jesus Cristo se O deixo, porque Jesus Cristo me ama, me chama, me atrai ao “odor de seus perfumes”²¹. Ele falou a meu coração, faz muito tempo que o inquieta, Ele me enviou a eloquência do P. Lacordaire, para me dizer o que eu não queria escutar, permitiu que por um atrativo de imaginação eu lesse bons livros, me tirou meu confessor para me dar outro zeloso, ardente, cheio de autoridade e de uma caridade sem fraqueza²², fez que me dirigisse maravilhosamente por uma mistura de bondade e de severidade, enfim, sobretudo me colocou numa posição maravilhosa, que só ela deveria assegurar minha vocação. Conheci bastante o mundo para ver o perigo que era para mim, para perceber a vaidade que conheço bem a fundo, e sei que isso pouco preenche o coração e o quanto o aborrecimento da toilette, a tortura da maledicência, o peso dos chatos, a espera mentirosa, o temor da censura, o cansaço, o sentimento de não ser compreendida, o tempo perdido, o descontentamento de si comportam algumas alegrias mortais para a alma pois são alegrias de vaidade. Vivi bastante no mundo sem amá-lo, não me custou deixá-lo,

20. Durante o verão de 1837, Ana Eugênia morará com umas amigas no seu país natal. Cf. *Origens I* c.IV e início da correspondência com o P. Combalot

21. Cântico dos Cânticos 1,2; 4,10

22. “...morreu o confessor que minha mãe me tinha dado, então me dirigi ao P. Combalot” Vol VI C. 1505

seus prazeres não me pareceram difíceis de sacrificar por um amigo, uma conveniência – E eu acharia difícil sacrificá-los por Jesus Cristo?.-

No entanto Deus quis me tratar como uma bem amada; me deixa todo o mérito de um sacrifício, ao me deixar, apesar de que eu conheço seu vazio, um certo amor do mundo, a lembrança de lhe ser agradável, os meios de ir a ele, de gozar dele, de ser amada, adulada, toda minha liberdade enfim porque Ele quer, em sua bondade, que eu tenha algum mérito diante dEle; parece-me que Ele mesmo me incentiva a me tornar digna dos benefícios que me prepara.

Ao mesmo tempo Ele me inunda de luz sobre o pecado deste mundo, sua pouca conformidade com Jesus Cristo, sobre a natureza do prazer que aí encontro, sobre o egoísmo, a vaidade, a culpabilidade do amor que tenho por ele, e vejo isso com uma tal clareza que eu seria muito mais culpada ao resistir do que muitos cristãos que não cumprem os mandamentos pois não conhecem bem o seu dever. Sim, eu deveria estar apavorada da luz que eu tenho; a que conduzia os Magos ao presépio de Cristo não era mais fulgurante, e a luz impõe a obrigação de segui-la. Se eu resisto ao Espírito Santo, como algumas vezes eu quero, eu não seria só uma cristã medíocre, eu seria uma renegada, não sei até onde eu iria. O Espírito luta comigo como uma águia, às vezes todas as potencias de minha alma são transtornadas, meu corpo também sucumbe, eu me sinto alquebrada, abatida, palpitante, tremendo como uma vara verde; mas se me uno à vontade de Deus, se como sua serva, eu me coloco inteira à sua disposição com a vontade de fazer o que Ele quiser, seja qual for a maneira que Ele a manifeste, de sofrer o que Ele quiser, imediatamente reencontro a paz, a oração, tudo se torna suave, fácil, nada mais me apavora. O que preciso pedir a Deus, é que Ele realmente me aniquile nesses combates, que não me deixe força para resistir, que Ele me domine, me quebre!

Deus me chama à solidão por um atrativo ao qual não posso resistir. Se penso em duvidar de minha decisão, em recuar, o combate se faz muito violento e me quebra, todas as potências de minha alma se perturbam, se abatem, eu não poderia viver assim. Mas assim que me coloco inteiramente entre suas mãos, sinto uma paz íntima, profunda, tão serena, tão suave, que eu fico descontente de confessá-lo àqueles que me amam, sinto que esta paz me aliviará de tudo e me consolará de tudo. Posso então, estar triste, mas não sofro, o fundo de minha alma está mergulhado numa atmosfera superior de calma, de amor e de união. Não consigo expressar estas coisas, nunca senti nada igual, meu espírito não o compreende, não consigo perceber; se alguém dissesse isso para mim, eu não acreditaria, mas é impossível deixar de vê-lo muito fortemente e muito seriamente.

Afinal, que importa! A vida é tão curta, nós nos encontraremos no além.²³ Vocês sabem que se enquanto eu resisto, acontecesse alguma desgraça a minha família, nunca me consolaria, porque acreditaria ser eu a causa. Vocês não querem que eu obedeça à vontade de Deus, porque vocês sabem que sou livre para poder resistir; mas enfim, Ele não poderia tirar-me do meio de vocês?. Quem sabe o que eu poderia deixar cair sobre minha cabeça, se eu resistisse completamente. Sei que posso resistir, mas se Deus me quer para Ele, quem nos diz que Ele não quebrará, com golpes terríveis, os laços que me tenham retido, sem que eu tenha o mérito de uma obediência generosa. Ou ainda,

23. Neste parágrafo e no seguinte, Ana Eugênia parece dirigir-se a sua família.

Ele poderia me levar em algumas horas, eu morreria, e vocês me perderiam, e eu não teria feito nenhum bem; e me apresentaria diante do tribunal da Eternidade com as mãos vazias de boas obras que poderiam interceder pelos outros e por mim.

Vocês se enganam pensando que eu quero fazer minha vontade e responder a um atrativo, não é isso de jeito nenhum. Minha vontade está quebrada e dominada. Mesmo tendo a certeza de que aí encontraria somente sofrimentos, doenças, contrariedades, nada me faria vacilar nem um minuto. Eu não gosto de austeridade. Se eu experimentasse, amanhã, um movimento tão violento, tão evidentes para entrar na Trapa²⁴, eu entraria o mais rápido possível. E nisso não tenho o mérito de grande resignação, pois quando eu gostaria não senti-la, me encontro sem forças para lutar, e o que sofro interiormente é muito mais penoso do que eu poderia sofrer exteriormente.

É uma coisa bem consoladora para mim, pensar que Jesus amou tanto as crianças. Eu sou uma criança no cristianismo; estou somente despertando para a vida da graça. Por isso, somente posso ter o mérito de uma grande humildade. Queira Deus me conceder esta graça.

N.154/05

Você²⁵ acreditou que eu seria capaz de pertencer a Deus, de servi-lo num estado de virgindade e você me falou de um Instituto de educação. Isso é grande, eu sei, no entanto não é a isso que eu me sinto chamada. Com muito gosto eu aceitaria pois tem, para mim, muito mais atrativo do que qualquer outra obra religiosa. Eu conservaria algo que, para mim, é uma grande alegria: o estudo. Também teria uma vida menos dura e isso apavora menos a sensualidade de minha carne e o orgulho de meu espírito. Mas é justamente aí que percebo que não é disso que preciso. Quando se entra em religião e que a escolha está influenciada pela idéia de algumas privações, algumas mortificações de mais ou de menos, não se tem o espírito deste estado que deve ser o de um sacrifício completo e de uma inteira abnegação de si mesma. Se meço o que quero dar e não aceito de todo coração o que agrada a Deus, porque minha carne resmungaria, certamente tenho de que me inquietar do futuro de minha vocação. Eu faço uma oblação hipócrita, um furto no holocausto, e não posso esperar as graças que Deus derrama àqueles que se entregam sinceramente a Ele e que são necessárias para ser fiel à santidade dos votos e da profissão religiosa.

Por outro lado, deixando o mundo para fugir das tentações, eu levo comigo as mais perigosas: as suavidades do estudo, a confiança que colocaria aí, o orgulho da ciência que, necessariamente teria que adquirir para me tornar útil, a vaidade dos sucessos que poderei obter em minhas aulas, o hábito de mandar com as alunas, e uma grande facilidade em me superestimar, em considerar minha abnegação como algo extraordinário porque não verei maiores, e ao contrário de todas as jovens que me

24. Ordem dos Trapistas. A Abadia N. Sra. da Trapa foi fundada em 1140. Caiu no relaxamento e foi restaurada, no século XVII, pelo Abade Armando de Rancé, que instaurou uma observância severa.

25. Ana Eugênia parece dirigir-se ao P. Combalot.

rodearão, saindo do colégio para reencontrar suas famílias ou felizes casamentos aos quais eu teria renunciado, eu seria capaz de crer que fiz muito e de esquecer o que me falta.

Enfim, eu não tenho as qualidades para ser uma boa educadora, eu sou e serei por muito tempo ainda uma mulher incapaz dessa perseverança, dessa atitude, dessa dignidade tão necessárias diante da infância. Meu espírito não tem suficiente lógica, lucidez, simplicidade; não sei para que posso servir, duvidarei bastante de minha utilidade e isto será para mim uma grande perturbação, um grande peso.

Ser Irmã de caridade²⁶, ao contrário, eu teria certeza de me renunciar perfeitamente, na minha carne e no meu espírito, certa por conseguinte de receber a benção de Deus; o bem que desejo adquirir na vida religiosa, a paz do coração, a confiança de fazer alguma coisa boa e de não me enganar no meu caminho, eu a terei, terei sempre a capacidade de cuidar dos doentes, e estarei convicta de que, fazendo isso, faço algo de bom e que agrada a Deus, que não me engano, nem me exponho a ter nenhuma responsabilidade, e ao mesmo tempo vendo tanto sofrimento, tantas pessoas morrerem, vendo as últimas angústias dos pecadores ou a paciência dos santos doentes, eu hei de amar sempre mais meu estado, que me assegura um fim cristão, eu agradecerá sempre mais ao Senhor da graça que me teria feito me chamando para isso e entrarei num sentimento humilde de mim mesma e do pouco que faço vendo toda esta pobre gente, desprezada aos olhos do mundo agüentar e sofrer muito mais do que eu teria sacrificado.

N.154/06

Os sentimentos religiosos são infinitos, sempre se descobre uma nova fase, um novo aspecto. A inteligência descobre cada dia novas coisas a admirar, o coração novas coisas para contemplar. A última palavra do amor ou da verdade nunca está dita, nós nos alimentamos cada dia sem jamais nos saciarmos; sempre desejamos mais; e que não digam que o impenetrável nos pára, que nos chocamos diante dos mistérios deste amor e desta verdade. Não, sem desvendar o incompreensível, o campo ainda é infinito, cada dia Deus nos faz dar alguns passos, Ele descobre a nossos olhos alguma maravilhosa harmonia que encanta e subjuga, Ele nos dá o pão quotidiano do amor e da verdade, Ele envia cada dia um pensamento novo a nosso espírito, um sentimento mais suave a nosso coração, e justamente o sentimento e o pensamento que nossa fraqueza necessita nesse momento; porque seus tesouros são inesgotáveis e suas graças tão variadas como nossas misérias de cada dia.

26. Maria Eugênia escreve mais tarde sobre o P. Combalot: "Tomando sobre minha consciência uma ascendência, que , depois de tudo, devo lhe agradecer, já que me conduziu onde estou hoje, ele me proibiu entrar nas Irmãs de caridade, como eu pensava, e acabou por me apegar a seu projeto" Vol.VI C.1505.

N.154/07

Uma coisa me inquieta, e é que dizem sempre que temos que detestar o pecado por causa de Deus e eu, por uma espécie de reviravolta desta proposição, eu amo sobretudo a Deus e me volto sobretudo para Ele, por que me curou e me preservou do pecado.

Envergonhada de mim mesma e de minha iniquidade, achava que ninguém que me conhecesse poderia me amar, eu me desprezava, me subestimava. E quando penso que Deus me levou por uma longa corrente de graças, a me dirigir primeiro a Ele nesta miséria, depois não somente me purificou de culpas passadas, me livrou de muitas inclinações ruins e que não são mais tentações para mim; então por agradecimento, creio que eu O amo muito. Mas este pretendido amor não é em relação a mim, ao amor de minha excelência.– E não é daí que vem o cuidado que tenho para evitar faltas que me humilham a meus olhos, mais do que aquelas que penso lhe desagradam, é por isso também que tenho pouco cuidado em me manter unida a Ele.

Faz muito tempo eu me disse que eu amava mais a santidade, a justiça, a virtude do que o próprio Deus, mas me tranqüilizei acreditando que Deus sendo a mais alta santidade, amar a santidade era amar a Deus.

N.154/08

Não sei por que, sendo para mim a oração tão suave e cumulando-me de consolações e de alegrias inefáveis, tenho tanta dificuldade para rezar, e não o faria se não soubesse que devo rezar; e todo o tempo que rezo, mesmo que com frequência me sinta muito feliz, fico inquieta, ocupada com a hora e quase com pressa de acabar.

Deus viu que sou covarde demais para caminhar sem ter algum socorro sensível. Percebo que me envia graças tão suaves e tão evidentes que não tenho mais mérito em acreditar do que São Tomé na ressurreição. Eu, tão fria, tão distraída, tão seca, eu que nunca senti necessidade de rezar, e tinha minha alma como afastada das fontes divinas, a tal ponto que não podia me penetrar da presença de Deus, agora sou completamente diferente e me sinto comovida de um tempo para cá. A beleza da natureza na primavera me fala de Deus e me dá confiança nEle; mil pensamentos que me tocam me são enviados do alto.

Na realidade, muitas considerações sobre a verdade que tocam as pessoas piedosas, a mim me deixam fria; mas penso que não é ruim me deixar tocar só pelo que fala a meu coração; e entre todas as coisas que mais me tocam, nenhuma tem mais poder do que o pensamento de que é possível que Deus queira me conduzir assim, me escutar, me inspirar, aproximar-se de mim e unir-se a mim com a união mais real.

N.154/09

Sinto que sou muito infiel à graça de Deus, porque ela me urge vivamente, me pede muito e me faz conhecer claramente que há coisas que meu espírito mundano julga de pouca importância, e que desagradam a Deus; mas longe de obedecer a este chamado, eu o afasto e o combato com miseráveis raciocínios de uma sabedoria bem mundana, sob mil pretextos. Algumas vezes prometo segui-lo no dia seguinte, mas nem um só dia cumpri o que sabia que devia fazer, nem obedeci a voz de Deus. Eu me sinto tão culpada que não ousa pensar na presença de Deus, fico inquieta quando rezo e nem ousa aproximar-me dos sacramentos. Por outro lado, quando me aflijo por não ter feito o bem que devia fazer, quando formulo boas resoluções, quando quero fazer triunfar minha boa vontade sobre a ruim, experimento um tal combate, uma tal revolta carnal, que tenho palpitações violentas.

Devo confessar: sou bem covarde por não combater, pois sempre que fiquei dona de mim experimentei um vivo prazer, e até sensível; enquanto se me deixa vencer, fico vinte vezes mais tentada, triste e perturbada.

N.154/10

Se eu tivesse visto meu irmão se arrancar de meus braços para ir combater e rezar sobre o Sepulcro do Cristo, pode ser que eu tentasse retê-lo, pode ser que eu o agarrasse com dês espero; mas nunca o amaldiçoaria, nunca teria acusado seu coração. Pois bem, em nosso tempo também existe uma cruzada católica, a cruzada do Senhor, a cruzada da fé. E eu também quero trazer minha pedra ao edifício de glória e de salvação que humildes arquitetos constroem, e se necessário, quero unir minha gota de sangue à deles. O sacrifício de si mesma é a condição da toda ação útil, de toda virtude. Deixar vocês, vocês que amo, é um sacrifício semelhante à morte, e eu que acredito que saberia morrer pelo Senhor, vacilaria quando o Senhor me pede esse sacrifício?! A morte, por outro lado, não é para todos, amanhã, e não teremos que nos resignar, não só a deixar tudo, mas também, a dor dos que ficam? Pensem que eu morro, que morro feliz por começar a viver de uma vida grande e divina.

Deus fez tanto por mim, eu quero fazer algo pelo seu Nome, não que Ele precise de mim, mas porque não podemos nos opor aos desígnios de Deus. Ele encontra prazer em fazer brilhar seu poder no que existe de pequenino, Mas o vermezinho não pode se recusar, a argila não se revolta contra o oleiro que a trabalha²⁷. Sem a fidelidade de Nossa Senhora às graças que tinha recebido, sem seu consentimento aos desígnios de Deus sobre ela, a terra ainda não teria visto o Salvador. Deus nos fez livres, livres até de contrariar²⁸ seus desígnios pois nem o pecado, nem seus castigos entraram nos seus desígnios. Poder espantoso, quando pensamos que, como tudo está ligado na terra e na providência de Deus, o menor ato de revolta por nossa parte pode produzir

27. Cf. Isaias 29,16.

28. A continuação desta nota está reproduzida a partir de um pequeno bilhete, dobrado, inserido no caderno, e no qual o texto integral se encontra escrito em três páginas.

tanto mal e impedir tanto bem. Mas pensemos também com alegria que o sacrifício de nós mesmas, a conformidade com a vontade de Deus, a fidelidade em obedecer às inspirações da graça, podem, apesar de nossa pequenez, produzir um bem muito grande. Assim nos recolocamos na linha da Providência de Deus, a deixamos livre de derramar sobre nós os tesouros de sua bondade, e como Ele gosta fazer grandes coisas por meios fracos, não podemos conhecer o bem que nos concede fazer, nem poderíamos sondar a profundidade do mal de que seríamos a causa.

Assim, quando de um ano para cá, meu coração batia ao pensar em meus contemporâneos, ilustres defensores da fé, Lamennais, antes de sua queda, Lacordaire, Montalembert, e todos os outros, eu sonhava em ser homem para ser, como eles, extremamente útil, pensava que eles salvariam à Pátria fazendo-a voltar à fonte da Verdade, eu não pensava que me seria dado a mim, cheia de misérias e de fraquezas, associar-me a eles, em seus grandes destinos. E no entanto é assim, porque meu humilde sacrifício, se é completo, Deus o abençoará, como os grandiosos pensamentos deles. Pode ser que eu faça grandes obras, pode ser que tenha santas como filhas e pode ser que elas tenham muita influência para santificar outras pessoas. Tudo isso pode ser, se eu souber morrer perfeitamente a mim mesma para que Jesus Cristo viva em mim, o Deus que se digna me habitar. Então Ele colocará em mim o que quer recompensar, que maravilha do amor! Diante disso só podemos nos humilhar e adorar.

N.154/11 [Quarta página do bilhete dobrado, escrito no sentido contrário às páginas precedentes.]

Se você soubesse Marie,²⁹ quanto o desejo, cada dia esse desejo entra mais fundo em minha alma, choro por não ser ainda amanhã. Queria ser perfeita para poder fazer algum bem, gostaria ter a virtude de todos os santos, seu maravilhoso desapego de si mesmo, para atrair as bênçãos de Deus sobre minha Obra. Você poderia me ajudar, Marie, e você também participaria dos méritos desta obra que, não duvido, serão bem grandes. Diga-me, por favor, todos os meus defeitos, tudo aquilo que lhe parece mal ou imperfeito, procurarei me corrigir, não ficarei triste, porque cada dia descubro mais a imensa bondade de Deus, quanto Ele nos ajuda a destruir nossas enfermidades. Sei que Ele se serve, com frequência, daquilo que é mais baixo, mais vil, mais nada, mais afastado dEle, e nesse sentido, tenho a esperança que sua misericórdia se derramará sobre mim porque sou somente miséria, e me glorifico com São Paulo nas minhas fraquezas³⁰. Se tenho algo de bom em mim, eu saberei que é obra gratuita da bondade de Deus e glorificarei o Senhor porque tem feito em mim grandes coisas.

N.154/12 [Pequeno bilhete separado, escrito reto e verso.]

Dizem que ir encontrar os homens quando seu coração está triste é quimera, é sonho. E a alma machucada foge para o seu deserto. Mas Deus, que é mais humilde³¹, não C. 2 desdenha nenhum de nossos sofrimentos, não quer saber se é no mundo real que está

29. Provavelmente sua prima Marie Foulon.

30. 2 Col. 11,30.

31. Este texto, a partir de “Deus que é mais humilde” se encontra na correspondência ao P. Combalot. 21 junho de 1837 (Vol. I, C. 2).

nossa cruz ou no mundo ainda mais real de nosso pensamento, nesse mundo da alma do qual o outro é somente o envelope material. Essa ondas de emoção que lhe enviamos, pouco lhe importa de onde vem, Ele as toma todas, as purifica, as eleva até Ele, as transforma em oração, em lágrimas de amor e então a alma fica como inundada em consolações tão encantadoras, que nenhuma língua humana pode dizer o que são. A pessoa se desconcerta, se envergonha de sua indignidade e repete com São Francisco Xavier: Senhor, basta, não mereço receber tanto, como poderei corresponder a tantos bens? Não é um anjo que desce do céu, não é nada de visível, mas é impossível duvidar da presença do Senhor. Ele fala como um amigo a seu amigo, não é necessário lhe dizer nada, vê tudo, aceita todas as ofertas, não desconhece nenhuma intenção, o que é ruim, o que é humano desaparece maravilhosamente diante dEle. Todas as luzes do amor são dadas por um instante à frágil criança que veio com confiança e a única dor que a alma pode sentir é de não ter nada a dar a este Senhor cheio de amor. Tudo desaparece a seus olhos, a vida, a morte, não são mais nada, ela gostaria ter que sofrer muito para dar muita glória a seu Mestre. Oh! quanto tempo blasfemei quando me queixava de meu isolamento. Não existe isolamento para aquele que escutou as palavras divinas: *Venham a Mim, todos vocês que sofrem, e Eu vos consolarei.*³²

N.154/13 [Bilhete um pouco menor que o precedente, escrito reto e verso.]

A prudência humana, oh! não me falem nunca mais. O Verbo eterno foi bem louco quando deixou o trono de seus esplendores eternos para vir salvar um vermezinho revoltado e culpado. E para isso, fazer-se bem menor do que ele, sofrer mais do que ele, mais do que os condenados, e ainda ficar perto dele no tabernáculo até o fim dos tempos, para ser insultado por esta criatura infame.– E eu, deixar esperanças passageiras, bens, amigos, coisas que me escapam, eu que mereci cem vezes o inferno, deixar esse miseráveis negócios e vaidades da terra para me unir a esse Deus que é meu amor e que quer sê-lo sempre. – Eis algo grande. Ó meu Jesus, é sua santa loucura que me salva .– Por que eu não poderia ter mais mérito, mais boa vontade, melhor intenção. Ó meu Jesus quero ser louca por você, quero fazer tudo por você. Bendito seja porque você foi tão louco por mim e você veio se fazer maldição para me salvar, pão para me alimentar e me escutar.

N.155/01 [Continuação do caderno depois de arrancar sete páginas. A sétima página foi escrita reto e verso e podemos ler o início de cada linha; seria provavelmente o começo do texto seguinte.]

...outra coisa sobre meu estado, meus superiores etc; isto é curiosidade vã e tentação, a resposta não pode me fazer avançar de um milímetro em minha perfeição, seja que me desanime ou que me conforte. – A única coisa que devo fazer é me dirigir a Deus para lhe pedir sua graça e a simplicidade de espírito para pensar somente nEle, começar a praticar, e depois velar fortemente sobre cada uma de minhas ações a fim de as manter na regra de perfeição que eu conheço bem mais do que pratico.

Mas, meu Deus quem me fará praticar tudo isto, quem me tornará forte sobre minha alma e meu corpo que empurra sempre minha alma para tantas mediocridades e infidelidades. Que seja tua infinita misericórdia, ó meu Salvador!. Eu não o mereci

32. Mat. 11,28.

por minha fidelidade, quero, no entanto, com uma vontade firme me unir a sua cruz, não contar para mais nada, nem com minhas comodidades, nem com minha saúde, nem com minha vida. Tire-me essas ternuras sem fim, salve-me de mim mesma e faz-me viver somente por você, já que você se digna me escolher e que por você eu devo deixar, não só meu pai e minha mãe, mas sobretudo o egoísmo de meu próprio coração.—

N.156/01 [Continuação do caderno.]

Quasimodo 26 de abril de 1840.

Senti fortemente neste retiro que não me situo o bastante na paz e na presença de Jesus Cristo, de maneira que interiormente ele não pode estar completamente contente comigo, pois eu não tinha mortificado meus desejos de ser conhecida e estimada de forma a sê-lo só por Jesus Cristo; isto atrapalhava minha paz; eu deveria, diante das pessoas de fora, não escutar nenhum pretexto de me fazer conhecida; e para as pessoas de dentro não me importar com o que podem pensar ou dizer, quando eu faça sinceramente e suavemente tudo quanto eu deveria fazer. – Guardar minha alegria pela fidelidade interior a Jesus Cristo e a confiança nEle. Pensar, com mais freqüência, na consagração que me torna como um vaso sagrado, todo unguído pelo Espírito Santo de quem recebi uma impressão tão grande nesse dia³³: melhor desfrutar, melhor prezar o grande tesouro que tenho em Jesus Cristo, que me chama para ser somente sua. Tornar-me fiel a esta vocação que me incentiva a ficar sempre a seus pés, para adorá-lo, amá-lo, servi-lo e lhe agradecer. Procurar me manter aí com um coração puro, de ter um amor digno de um tal lugar, quer dizer, puro, casto, forte, humilde, doce, sincero, generoso, desprendido, de tal modo que o Espírito Santo possa iluminá-lo da maneira como só pode fazer num coração esquecido de tudo e que está realmente morto para todas as coisas da terra e ressuscitado para seu Salvador. Então não me prender às coisas exteriores sem as interiores que muitas vezes descuidei e que devem se expressar em amor de filha, de namorada, de serva e de esposa.—

N.157/01

Tomada de Hábito 12 de agosto de 1840³⁴

Unida ao despojamento e abandono cego no qual sua santa Mãe viveu, unida a tudo o que você suportou por mim, na sua paixão, eu entrego a você, meu divino Salvador, o sacrifício total de minha afeições e considerações, querendo me aplicar unicamente, por sabedoria e por toda consolação, a minha regra, e cumprir todos os pontos em qualquer estado ou abandono em que me encontre, ou qualquer que seja o

33. Ana Eugênia evoca o dia de sua Crisma, no domingo de quasimodo (depois da Páscoa) 15 abril de 1837 C. 1557 Julho de 1842: "Recebi muitas graças nesse dia: a Crisma foi realmente a porta de minha nova vida; somente a recebi com 19 anos".

34. A tomada de hábito foi em 14 de agosto de 1840. A letra, a tinta e a posição das palavras parecem indicar que "Tomada de hábito" e "1840" foi acrescentado depois da data de 12 de agosto.

pretexto que possa ter para deixar de lado um ou outro ponto, mesmo se aturo algum desprezo, alguma fadiga ou sofrimento interior e exterior. Eu faço este compromisso em sua presença, quero que seja tão sagrado como o hábito religioso que vou receber e que deverá me lembrar sem cessar, e me levar a uma completa fidelidade nas menores observâncias, apesar de todas as impressões naturais vivas demais que poderiam me ocupar em outra coisa. Eu me entrego cegamente a sua vontade, seja para aceitar afeto ou desprezo, para o futuro e o presente, a miséria e o fim de minha vocação religiosa, seja o que for. Não permita mais Senhor, que eu seja tão infeliz, para ocupar meu espírito em prever, em combinar as coisas que entreguei, sem exceção, a sua soberana sabedoria e a seu soberano amor. Tire-me minhas inquietações naturais pelo esforço de sua graça, para me deixar, somente, a única inquietação que me seja permitida que é a de cumprir por força, mesmo que me custe muito, cada um de meus deveres à medida que se apresentarem, segundo a plenitude da luz e da graça que terei no momento. Se às vezes falto, me levantarei, assim que o perceber, para a ação seguinte, empregando tempo para reparar a falta e não para pensar nela.

N.158/01

8 meses antes, Fragmentos de um retiro³⁵ por volta de novembro de 1839

Santificar-me e corrigir-me pela mortificação, a humildade, a doçura, o silêncio, a modéstia e o recolhimento, procurando não me separar de Jesus, pois longe dEle é que faço tantas faltas. Falar menos, buscar a Deus no fundo de minha alma, *amar sofrer e ser humilhada (pati et contemni pro te)*, alegrar-me nas pequenas ocasiões de sofrimento, humilhação, submissão, não dizer nenhuma palavra irônica ou irritada ou de vingança, mas sim de alegria. Querer de Jesus Cristo a graça e a misericórdia, dos homens a justiça e o castigo.

Se tenho um pouco de fé, serei consolada de todo sofrimento porque foi dito: *Beati qui lugent.*³⁶ Também me alegrarei no desprezo *Beati estis cum maledixerint.*³⁷ Irei então com confiança a Jesus Cristo, *Venite ad Me qui onerati estis.*³⁸ Sabereis que seu fardo será leve, e seu jugo não será pesado demais; que Ele será humilde para vir até mim, suave para me receber. Ele o disse. Sejamos, então, felizes por sermos pobres, sofredores, nas lágrimas, humilhados, puros de coração pelo desprendimento, mesmo cruel para a natureza.

*Abneget semetipsum.*³⁹ Prometo, meu Senhor, me renunciar, por um inteiro abandono à vontade de meus superiores, ao menor sopro, como um corpo morto sem repugnância, nem opção pelas penitências, os empregos, a saúde, as cartas e a todas as coisas. – Carregarei minha cruz de sofrimentos por meio de uma sincera e

35. Parece que Maria Eugênia escreveu primeiro “Fragmentos de um retiro” e depois acrescentou as datas, antes e depois do título. E ainda: 1839 parece corrigido sobre 1840 e novembro sobre outubro.

36. *Felizes os que choram* (Luc 6, 21).

37. *Felizes sereis quando vos amaldiçoarem* (Mt 5, 11).

38. *Vinde a mim, vós que estais sobrecarregados* (Mt. 11, 28).

39. *Renuncie a si mesmo* (Lc 9, 23).

contínua mortificação, humilhações, amando sinceramente àqueles que me desprezarão e injuriarão; de pobreza enfim, abandonando-me a sua Providência e tomando sempre, para mim, o mais miserável da casa.

Para conseguir frutos da graça, deverei ser a primeira a me levantar, a última a me deitar, fazer-me humilde serva espiritual e corporal das outras, pouco me fazer valer mesmo das irmãs, muito menos diante do mundo, somente anunciar e não ter outra vontade senão a de Deus, da Regra, do Superior, eclipsar-me nessas vontades, falar humildemente e suavemente a todas, fortalecer-me para ser um modelo de regularidade e fazer que, firmemente, se guarde a Regra, sem nenhuma reação de impaciência à ordem exterior ou a meu descanso, mas para a maior glória de Deus. Trabalhar com todas minhas forças, acreditar que sou devedora aos outros dos menores instantes, lhes falar de seu interior colocando-me aos pés deles e de Jesus Cristo; rezar continuamente para não privá-lo do fruto de louvores que lhe devo e para obter seu espírito. Segurar meu Salvador pela mão, dar-lhe todos os pequenos instantes que eu puder, para lhe pedir sem cessar esta firme e corajosa regularidade de que tanto preciso. – Em tudo isso mortificar-me, somente dizer palavras suaves e de afeição; não buscar consolação em nenhuma dessas coisas, mas somente em Jesus Cristo. Não ocupar demasiado o Padre, nem eu mesma de mim, não falar, calar-me muito, buscar a Deus só e levar-lhe, suavemente, os outros numa profunda obediência e um profundo desprendimento de mim mesma, de minhas idéias e critérios, mesmo para os outros, de forma que a cada instante eu possa dizer: Que lhe agrada que eu faça?

Querer para os outros alívios e comodidades que não quero para mim; ser a primeira a ocupar-me de trabalhos humildes, da pobreza, a me privar de tudo, a me cansar. Prometo, meu Deus, a partir de hoje, tomar sempre para mim o menos, o mais pobre, o menos bom, o mais incômodo, o mais duro e penoso. *Alter alterius onera portate*⁴⁰, quero carregar os fardos de todas, porque não quero ser árida na terra da graça, dominada por minha antigas sujeiras, infiel ao sacrifício que fiz de todo meu ser, incapaz de aquele que devo fazer no fim de meu noviciado. Jesus será meu Mestre do Noviciado; eu hei de vir pedir a Ele constantemente que me ajude, me sustente, me levante, que não deixe que lhe recuse coisa alguma. *Riga quod est aridum, Lava quod est sordidum, Sana quod est saucium, Fove quod est frigidum, Flecte quod est rigidum, Rege quod est devium.*⁴¹ – Purificar também, retificar minhas intenções, aplicar-me seriamente às virtudes interiores, à mortificação, à obediência, à humildade, ao puro amor de Deus, sem jamais me descuidar por causa de meus deveres, mas fazendo com que sirvam a minha perfeição.

Sobre a vontade de Deus (Padre Nouet). — Cumprindo-a, glorifico a Deus como os santos, os anjos, como o próprio Jesus Cristo, eu me elevo até Ele para mudar minha vontade enferma na dele, santa, divina e perfeita. Eu me torno seu pai, sua mãe, seus irmãos, etc.⁴² as delicias de meu Deus e de Deus só se torna minha família. Enfim, Jesus Cristo me promete o céu e que Ele há de me dar como sempre quis, se somente eu uno sempre minha vontade a essa vontade de amor.

40. Carregai os fardos uns dos outros (Gal 6, 2).

41. Regai o árido, lavai o que está sujo, curai o doente, aquecei o frio, amolecei o rígido, endireitai o desviado – Sequência de Pentecostes.

42. Cf. Mt 12, 50.

Quanto à mortificação, prometo a meu Deus velar sobre meu olhar, minha atitude, mortificar-me nisto e nas refeições. Também ser generosa nas penitências permitidas que quero aceitar em silêncio, sem fazer objeções. – Silêncio igualmente para não queixar-me de coisas pequenas e generosidade para me levantar exatamente na hora da comunidade.

— Quanto à pobreza, quero me sentir como uma serva contratada por meu Pai, para servir na casa e receber dEle a alimentação, a roupa, e outras comodidades, com grande agradecimento pois recebo um ordenado muito alto, como uma caridade de Nosso Senhor, porque tendo-lhe entregado tudo, eu não tenho absolutamente nada, devo em justiça trabalhar para viver sem perder um momento, ser econômica, pedir humildemente, receber com ação de graças. – Eu não tenho nada, não quero mais falar de minha família nem de minha posição, tudo é de minhas irmãs, eu sou a serva delas e por um amor terno pela pobreza, quero tomar ainda daquilo que elas me dão, o mais pobre, o mais vil, não quero ter medo que me falte tudo, nem atormentar meu espírito com essa ocupação.

Oh! Senhor quem poderá agradecer a você o bastante por mim, por me colocar a mim, tão miserável, esta obra entre as mãos, obra que é tão grande diante de você: você me dá estas filhas, me dá os meios de glorificá-Lo imensamente, a mim, que tanto lhe resisto e lhe sou infiel. Oh! como são boas e eu ruim! Meu Senhor quero seriamente me converter, dar-lhe glória me abaixando ao valor de meu nada, dar a conhecer a imensidão de sua misericórdia para comigo, sentindo-me feliz que me conheçam e me desprezem. Quero começar realmente meu noviciado, ser verdadeiramente pobre, humilhar-me, entregar-me sem reservas à obediência, somente buscar-te a Ti, depender absolutamente de Ti, começar a ser de verdade generosa, ou pelo menos, gritar para Ti, pedindo que me ajudes a sê-lo e fazer penitência do pouco que tenho feito, depois de ter tido tanta aparência de ser boa. Mas quem me ajudará a ser fiel a essas resoluções, senão somente Tu meu Jesus. Ajuda-me cada dia a cumprir este compromisso, que cada manhã pense 1º em buscar o desprezo de que necessito e que mereço, 2º em mortificar minha carne, 3º em ser pobre em tudo, 4º obediente em tudo e sem medida, 5º boa pela mortificação da minha vontade, pelo empenho e pelo amor das contrariedades, 6º recolhida, modesta, regular, cumprindo a obediência nas menores coisas e me colocando como a serva de nosso Padre, em suas reprimendas, suas ordens e em todo o relacionamento da vida.

5ª feira. Meu Deus, desde que estou de Retiro, tomo resoluções e vivo mal, recaio em todas minhas faltas de dissipação e de espírito natural. Meu Deus, dá-me por vigia a santa humildade, que me acompanhe em toda parte; desde meu despertar ela guardará a mortificação, a obediência e o recolhimento, eu poderei me lembrar de meus pecados, levantar-me em espírito de penitência, ou como a serva da casa; – em minha oração para me fazer sentir a necessidade que tenho das graças de Deus, animar-me a pedir graça e perdão; a mesma coisa na Missa; no Ofício, no trabalho, no recreio com minhas irmãs, com as pessoas de fora. A resolução mais forte que devo tomar, é no começo de cada ação oferecê-la a Deus e pedir-lhe a santa humildade para me guardar, como a única virtude que convém a minha miséria, pois é a que mais me falta e também para que me impeça de fazer tantas faltas contra as virtudes de meu estado. – Devo me lembrar que todas minhas virtudes estiveram sempre cheias de amor próprio, que o coloquei nas minhas confissões, minhas direções, minhas cartas, minhas palavras, minhas amizades, tudo quanto saiu de mim. Também meditarei muito sobre a maneira como a humildade pode produzir e

guardar as outras virtudes em cada ação de minha vida, hei de pedi-la a Nosso Senhor, desejando praticá-la só por Ele, só diante dEle, ser deixada de lado, esquecida de todos, para O encontrar melhor e falar de mim só a Ele.

6ª Feira. Oh meu bom Jesus!, Quem me fará a graça de buscá-IO como devo e de encontrá-IO, porque longe de você fico triste e não posso nada e em você tenho tudo com superabundância. Apenas consigo ver você um instante com os olhos de minha alma, todos os trabalhos se tornam suaves e leves para mim. Ensine-me a fixar o olhar de meu coração somente em você, a seguir com a vista sua sagrada pessoa, custe o que me custar, para fixar meu espírito em você. Tudo o que você tem feito, foi por amor, com uma doçura de caridade incrível; você sofreu por minha pobre alma que quer ser sua. Seja seu bem-amado, a alegria, as delícias, as consolações de minha alma. Ó meu Deus, é verdade que você se digna me amar, me escutar, me perdoar, me socorrer, vir a mim, e se comprazer com minha conversa. Oh! Que miserável seria não responder a este amor do Rei de glória e a este desejo, misericordioso demais, que Ele tem de me ver perto dEle e semelhante a Ele.

Quero sair daqui com uma vontade só: morrer a mim mesma pelo silêncio, a humildade, a obediência dócil, a crucifixão de meu corpo, a pobreza verdadeira e amar a meu Salvador Jesus com todas minhas forças, com todo meu coração, com toda minha alma, ternamente, com confiança em todos os instantes do dia, e não separar-me dEle pela dissipação, pois somente Ele é minha alegria, minha força e meu bem.

Final de Retiro. Jesus meu Deus, eu vivi até este dia segundo a natureza, eis que quero viver segundo a graça, quer dizer, na morte a mim mesma e na fidelidade perseverante e contínua da Regra, não agindo mais segundo minhas paixões e meus conflitos interiores, mas unicamente segundo sua graça. Ó meu Deus ajude-me a ser fiel, sobretudo, a esta última e sumária resolução de libertar meu coração pela verdadeira mortificação da carne, da vontade, dos pensamentos e de todos os laços, para que você possa me dar essa água viva que você deu à Samaritana e que eu possa merecer a graça e a força de viver como você, de sofrer como você, e de morrer como você, com você e por você.

N.159/01 [Aqui começa uma série de folhas que parecem ter sido arrancadas de um caderno.]

Março e abril de 1837

Deus dá muito por pouco que se faça. Custou-me seguir sua inspiração, ir à Páscoa onde Ele queria que eu fosse: assim que eu obedeço, Ele me faz a graça de conservar continuamente o sentimento de sua presença. E é tão certo que é um dom de sua bondade, pois eu quis consegui-la por meus próprios meios, mas mesmo neste inverno, no campo, onde eu não tinha distração alguma, não consegui sozinha.

Não sei se é permitido pensar, como às vezes eu faço, que Deus me conduz com um cuidado particular, pode ser orgulho, mas este pensamento me emociona enormemente. Não posso me impedir de acreditar nisto, quando vejo mil circunstâncias imprevistas, que eu não provoquei, o que as pessoas chamam mil acasos, e que me trazem, cada dia um bom conselho, um novo ânimo ou uma lição

salutar sobre minha fraqueza, minha presunção, minha vaidade. Os livros que devem me ajudar, caem nas minhas mãos sem procurá-los. A Sra. Levaillant, que nunca me dá livros, me emprestou, faz dias, esses Anais da Fé que me emocionaram até as lágrimas. Quando os li, eu me espantei de ousar descansar em minha vida inativa, quando existem ainda, neste século de dúvidas, mártires, confessores tão corajosos, e em volta de nós tanto bem para se fazer. Quando faço a revisão de minha vida e admiro os milagres que me salvaram da incredulidade, ou de faltas terríveis, acredito às vezes, que Deus tem desígnios particulares sobre mim, e se não posso compará-los com a visão minha miséria, eu me digo que Deus gosta de se servir do que existe de mais vil, de mais pobre, de mais nada, para que sua grandeza e sua força brilhem mais nesses vasos de argila. Tudo lhe é possível, e é uma humildade falsa deixar de se apoiar na sua força.

É uma coisa muito consoladora para mim, pensar que Jesus amou tanto as crianças. Eu sou uma criancinha no cristianismo, estou apenas despertando para a vida da graça. Por isso não posso ter outro mérito senão o de uma grande humildade. Que Deus queira me dar.

Quem pode dizer o que é a bondade de Deus? Apenas tive o desejo de aproximar-me dEle e Ele me fez sentir sua presença no meu coração. Antes, o isolamento me era pesado, todas as vezes que eu estava emocionada, eu precisava abrir meu coração, eu procurava carinho, simpatia, e me atormentava em vão. Isto era tão amargo para mim, que eu procurava evitar todas as emoções mesmo suaves.

Pois bem! Hoje, choro, me emociono, todos meus sentimentos, os mais puros e mais doces se agitam vivamente sem que eu tenha necessidade de recorrer a alguém. Parece-me que Deus me ouve, que Ele está comigo, penso que é Ele que me envia pensamentos poéticos, jovens, harmoniosos para tocar meu corpo demasiado frio diante das verdades severamente expressas. Eu recebo tudo como vindo dEle, e O reconheço, e parece que temeria introduzir um terceiro nesta doce união de pensamentos que começo a ter com Deus. Como ousei pensar isso? Não sei. Pode ser uma presunção bem grande, uma ilusão ruim. No entanto, não me parece que assim seja porque eu o mereça, mas porque Deus é infinitamente bom, porque Ele me chama a servi-LO, e Ele vê que meu coração é duro e apegado à terra, por isso Ele se faz sentir para desapegá-lo de tudo quanto o amarra. Ele me faz saborear suas doçuras para me dar muita coragem de segui-LO num caminho de tristezas e sofrimentos⁴³.

N.160/01

Maio de 1837

Vocês⁴⁴ me acham fria, e eu não posso reprovar vocês; alguns meses atrás eu teria também julgado assim minha decisão. Não posso dizer como isto se fez, mas naquela época me parecia impossível deixar minha família; hoje sei que o devo e o posso.

43. “sofrimentos” está escrito com tinta roxa no fim da página, com letra que não parece ser de Maria Eugênia. Talvez falte uma folha.

44. Ana Eugênia se dirige a sua família, como no N° 154/04.

Meu coração se ampliou em lugar de esfriar-se. Eu amo vocês muito e talvez ainda mais, e com toda certeza amo vocês muito melhor, porque é no Cristo que amo todos meus irmãos mesmo desconhecidos com um amor que Deus se digna aumentar cada dia no meu coração. Fechada em mim mesma, eu vivia em egoísta a 3 ou 4; agora, o mundo não é suficiente grande para meu amor, gostaria de derramar essas ondas sobre todos os corações cansados, e sobretudo poder dar esta luz e este amor que me cumula a todos os que não o conhecem. Deixando vocês, não os sacrifico, sou eu quem sacrifico a alegria que encontrava no convívio com vocês, mas tudo quanto eu fazia por vocês, Deus o fará mil vezes melhor. Sei que minhas mãos elevadas ao pé do altar atrairão sobre vocês tantas bênçãos, que quanto mais amo vocês, mais desejo deixá-los. Receberão nos seus corações a verdade, a paz, o amor, mas ousariam me criticar por querer, ao mesmo tempo, obter tudo isso para vocês e fazer também algo por Deus? Eu O amo ainda mais do que amo vocês. Será que é egoísmo, que é frieza, deixar a vida tranqüila e doce, independente, fácil, os cuidados de meus amigos, as lisonjas do mundo, minha beleza, minha juventude e todas essas vaidades que nossa natureza ruim ama tanto, para abraçar obrigações estreitas, a vida dura de obediência, de pobreza, de humildade, de desprendimento, de morte contínua que é a vida religiosa? Não, certamente não é egoísmo, só pensar nisso purifica meu coração e todas minhas afeições. Então é que amarei realmente todos aqueles que amo, quando, não esperando nem recebendo nada deles, nem sequer um olhar de amizade, eu rezarei noite e dia minhas mais fervorosas orações pela sua felicidade, e Deus a dará, tenho a certeza, porque Ele retribui ao cêntuplo o que se faz por Ele. E não pensem ter pena de mim, não, mesmo se sofro muito, ficarei satisfeita de fazer algo por Deus. Meu coração está premido por esta necessidade. O que é um amor que não se prova com nada? É assim que Cristo amou aos homens? Não é verdade que Ele baixa, cada dia, no altar, para falar a nossos corações, para escutar nossas queixas, nossos suspiros, acalmar nossos sofrimentos mesmo aqueles cuja fonte é impura? Ele não faz ainda mais, descendo até nos corações cheios de egoísmo e de paixões ruins para curar todas as feridas? E por uma bondade imensa, incompreensível, não se digna, em seguida, aceitar como mérito, todo o bem que Ele mesmo colocou em nós, os santos desejos, os bons pensamentos, as orações fervorosas cujo autor e fonte é Ele próprio? Esses prodígios de amor são tão imensos, de tal grandeza que os sábios deste mundo não conseguem acreditar, e a nós que acreditamos nos tocamos muito pouco, a nós que sabemos e sentimos que são bem reais. Oh! como nos envergonhariam esses incrédulos que nós desprezamos, se Deus os transportasse de golpe, a esta fé da qual somos indignos, e lhes descobrisse a verdade desses milagres de bondade que eles não podiam crer possíveis. Veríamos essas pessoas absortas na contemplação do amor, abaixar-se sempre mais e se espantar infinitamente diante de tanto que Deus fez por uma criatura tão miserável. Em seguida se levantariam para aceitar todos os sacrifícios, amar todos os sofrimentos e mostrar por toda a vida de desprendimento e de caridade que seu amor divinizado por Jesus Cristo busca elevar-se até o amor do Homem-Deus.

N.161/01 [Folhinha de caderno intercalada, igual às folhas de 154/10-13.] [1837-1838]

Como poderia me inquietar de alguma coisa, e não ter, ao contrário, muita confiança, pois Deus vem sempre em meu auxílio como por milagre. Ele permitiu que eu fosse violentamente combatida, somente onde eu tinha todos os recursos para sair vitoriosa, a liberdade de ir a qualquer hora aos pés do Santíssimo Sacramento, a

solidão, a comunidade de oração destas santas mulheres, a confissão e a comunhão. Desde então, parece-me que coloquei a alegria, a paz, e a força no fundo de minha alma. Ante ontem, eu me inquietava com a dificuldade de obedecer, e ao abrir a *Imitação de Cristo*⁴⁵ para fazer minha leitura cai no Cap. 13 do livro 3. Hoje pensava que se me tornasse o centro de uma experiência, teria muitos tormentos e muito trabalho, que seria incapaz e que isto atrapalharia meu caminhar, pois eu teria necessidade de aprender a me calar e a obedecer ou de ocupar-me dos outros, de ocupar-me de mim. Na vida de Santa Teresa encontrei diversas palavras de Jesus Cristo a...

N.161/02 [Bilhete mal cortado,intercalado.]

[1837 ou 1838]

Tenho o espírito fraco demais para me arriscar a me ocupar de Deus, de sua imensidade, de sua presença em toda parte. Fico confusa ou eu compreendo todas as coisas em Deus e Deus em todas as coisas, o que é um pouco de panteísmo ou eu não compreendo absolutamente nada. Essa essência infinita, imensa, incompreensível esmaga minha inteligência, o que leio nunca me satisfaz, isso me parece, quase sempre, material demais, pois fazem de Deus um Ser humano ou pelo menos separado de todas as coisas, mas vindo tudo dEle, não pode ficar estranho a tudo, apesar de que a maneira como está presente seja misteriosa e incompreensível para mim. Mas, penso que não é necessário atormentar-se com tudo isso, o Verbo de Deus se fez carne também para os pobres de espírito. Sua humanidade santa é fácil de compreender, de imaginar, podemos concretizar todas as imagens materiais, as mais reais. Até aqui tive a felicidade de nunca viver afastada de sua presença real. É por conseguinte a Jesus Cristo Deus homem que adoro, é Ele que eu vejo perto de mim sob todas as formas que mais podem me tocar e Ele que compreende a imensidão de seu Pai dá a Deus por mim, todas as homenagens que lhe são devidas.

A tudo quanto tenho escrito aqui, posso aplicar as palavras de Dom Bonald: “Existem pessoas que se queixam de não crer porque querem imaginar.”

De fato, eu gostaria de poder imaginar a presença de Deus, sua forma, seu pensamento, a maneira como está presente, isso é louco e ridículo.

N.161/03 [Continuação das folhas soltas de um caderno.]

Novembro no convento⁴⁶

Como entender que, quando agora entro numa discussão religiosa, não sei mais ser lúcida, não tenho nada a responder, não posso dar nenhuma razão de minha fé. No entanto, cheguei a fé através da convicção de minha inteligência, discuti, recuei, e se me submeti à lei da autoridade, é que me pareceu evidente. Fui levada por longas discussões, pela corrente de meus pensamentos à qual acrescentava cada dia um elo.

45. *A Imitação de Jesus Cristo* de Tomás de Kempis, Cap. 13: Da obediência e da humildade.

46. Em novembro de 1837, Ana Eugênia encontra-se nas Beneditinas do Santíssimo Sacramento, rua Tournefort em Paris. Esta Congregação foi fundada no século XVII por Madre Mectilde de Bar, no atual nº 11 da rua Férou.

É verdade que, quando depois da fé encontrei o amor, todas essas coisas empalideceram diante de mim, quis que tudo fizesse silêncio; somente busquei mergulhar minha alma nas vagas de sangue que via se derramarem sobre o altar. Mas, enfim, minha inteligência continua viva, e o que encontrei então, os pensamentos que tive, as razões que me dobraram, por que se desvaneceram diante de mim?

Durante um certo tempo escrevi uma parte do que atravessou meu espírito, procurei raciocinar e aprofundar minha fé, desde que a reencontrei, esperando poder partilhar tudo com outras pessoas; mas, como no meio dos meus, tentando fazê-lo só consegui me tornar insuportável, aliás não é minha missão, e por outro lado me parecia que me apeguei a minhas idéias, e que este orgulho do espírito que quer discutir sempre, e pôr em relevo minha auto suficiência desagradava a Nosso Senhor, queimei todos esses cadernos. Será que hoje vou lamentar isso, ou melhor, será que não vou gostar mais me ver entre os pobres de espírito, certa que o dia em que, para meus irmãos ou para mim, terei necessidade de alguma coisa, Deus providenciará, seja o pensamento mais forte ou o pedaço de pão que cada dia lhe pedimos. Por mim mesma chegarei à verdade, encontrarei as faculdades que parecem escondidas. Oh! Não perturbarei este sagrado sono que Nosso Senhor parece me permitir de dormir em seu regaço e quando o momento de despertar chegar, gostaria me ver pequena e frágil, até que Ele me queira mais forte.

N.161/04

[1838]

Hoje, quinta-feira 18 de janeiro depois de ter comungado com meu Padre⁴⁷ concordamos que o que Deus me pede é:

Uma humildade bem profunda, sabendo que se um homem me conhecesse como Jesus me conhece, me desprezaria, não tenho mesmo um coração terno, não sou digna de ser amada por ninguém.

Um agradecimento imenso a Deus que me ama, mesmo que eu não seja digna de ser amada das criaturas.

Um abandono generoso e completo, entre suas mãos, em espírito de amor, de penitência e de reparação, pois mereci cem vezes mais do que Ele pode me enviar.

Uma vitória completa sobre o homem animal através de uma precisão matemática em meu regulamento, um esforço corajoso sobre minhas fraquezas, e a fidelidade às práticas que podem ser necessárias para mim.

Uma caridade completa e devotada pela irmã⁴⁸ que Deus me envia, para amá-la, edificá-la, cuidá-la e preferi-la em tudo, sendo devotada a ela e responsável por ela e aproveitando fielmente das pequenas ocasiões de mortificação que poderiam me dar

47. Padre Combalot.

48. Não se sabe exatamente de quem se trata. Em dezembro de 1837, foi questão, na correspondência com o P. Combalot de uma jovem que poderia juntar-se a Ana Eugênia, e eventualmente partilhar seu quarto, assim como uma jovem vienense, encontrada pelo P. Combaot, mas cuja descrição não corresponde a este parágrafo. (Cf. Vol. I Cartas 14 e 15 dezembro de 1837) . Finalmente nenhum desses projetos se realizou.

sua falta de educação, de tato, de elegância, o fato de saber mais do que eu, sua presença no meu quarto.

Recorrer a Nossa Senhora e a Jesus para obter deles uma caridade terna, reconhecendo que lhes pertença, tornar aos poucos minha roupa de acordo com meu estado, conservando, no entanto, um aspecto digno, mas suprimindo tudo quanto é rico ou elegante.

Fazer um regulamento para meu dia: acordar à 6h. 7h. meditação, 7h30 Missa, arrumar meu quarto e pelas 8h45 2 horas de trabalho, almoço, recreio até 12h30, depois 1 hora de costura, 4 horas de trabalho, jantar recreio e às 6h, 2 horas de trabalho, 1 hora na capela, leitura espiritual e descanso.

Pensar quanto Deus é bom de me amar e de me fazer amar por meu Padre, pois ninguém jamais me amou, porque eu não tinha nada que me fizesse amar, nem a Sra. D⁴⁹, nem a Sra. C. nem a Sra T, nem meu irmão, – pedir-lhe que me ensine a ser terna e caridosa e para isso trabalhar para me desprender de mim mesma, ser simples, verdadeira. Deixei os meus para trabalhar sobre mim, senão para que é que eu vim, pois se não sigo Jesus Cristo, não vale a pena entristecer pessoas diante das quais eu só podia censurar o fato de me separar delas. Será que eu me amo melhor do que eles?

Não olhar para trás, meu agradecimento, meus compromissos, a expiação que devo a Jesus Cristo, tudo me liga; penso também em minha mãe. Que eu vá com confiança a Nossa Senhora, mãe de amor e de ternura, de misericórdia, de mansidão.

N.161/05

Santíssimo Sacramento⁵⁰

4 de abril de 1838

Hoje, meditando sobre a Assunção de Nossa Senhora, quando rezava o Rosário, pensei que nunca poderíamos tomar por divisa: *A mulher foi elevada*, nem acreditar que somos chamadas a fazer uma revolução na educação e nas Ordens religiosas.

Para entrar no espírito de São Francisco de Paula, de São Francisco de Sales, seria melhor dizer e pensar que, como somos pouco corajosas para abraçar as austeridades das contemplativas, a clausura e as severidades das Ordens estabelecidas, pareceu-nos que ainda se podia, atrás deles, respigar no campo da Igreja, e que uma família ternamente unida onde a vida fosse fervorosa e seriamente religiosa poderia ainda ser útil a pessoas de nossa têmpera e que aí serviriam a Deus de maneira conforme com sua fraqueza. Sabemos também que a educação religiosa sendo uma necessidade atual, pareceu-nos que esta nova família deveria consagrar-se à educação e procurar empregar todos os métodos novos e inteligentes, todos os germes católicos, todo o movimento efetuado nesse sentido e que colocando-nos sob a proteção da Virgem misericordiosa, assumiríamos o patrocínio de sua Assunção, mistério de glória que nos enche de alegria e esperança e serve de sustento e de consolação a nossa fraqueza e esperamos que ela acolherá nossa intenção de honrar este dia de sua festa que os santos e os anjos celebram no céu.

49. Sem dúvida a Sra. Doucet, não parece a Sra. Champagneux (conhecida pelo P. Combalot e que gostava muito de Ana Eugênia), A última inicial parece um T. Nesse caso é difícil de identificar. Se for um F, poderia ser a Sra. Foulon.

50. Convento das Beneditinas do SSmo. Sacramento, onde Ana Eugênia está instalada desde novembro de 1837 a agosto de 1838.

Temeria que não houvesse bastante caridade e respeito para com as Ordens estabelecidas, nem o sentimento de nossa própria incapacidade e miséria dando outras razões.

Não é verdade que felizes do bem que fazem essas Ordens, as aplaudiremos sempre e desejamos somente acrescentar e estender para as classes que preconceitos mais ou menos bem fundados, mas que procuraremos evitar, impeçam, afastem de participar? Jesus Cristo, Maria, a Igreja, eis nossa divisa. Possamos nós ser loucos, arrasados, humilhados e a glória deles resplandecer, se estender!

Que as coisas possam ir tão bem, e o império da religião tornar-se tão universal que nossos serviços possam ser rejeitados pelos homens como inúteis sobre a terra, como o são diante de Deus! Oh! Maria, a mais humilde das criaturas, inspire-me realmente e sempre os sentimentos de seu coração, inspire-os a todas, como me pareceu recebê-los, hoje, sob sua influência, e dar-nos a luz do Espírito Santo para que conheçamos o desprezo de que somos dignas!

N.161/06 [Folha recortada e sem data, menor do que as outras.]

Se quero me fazer religiosa, é para nunca me envergonhar de mim mesma; já tenho bastante para me envergonhar das mil vaidades e pequenezes sem arriscar acrescentar nada mais grave, porque tenho um espírito de uma lógica implacável, eu vou até o fim das conseqüências, não posso fazer nada pela metade, com a fé quero viver de fé e tudo o mais me pesa. Mulher do mundo, eu viveria somente de vaidades, e esta vida já me invadiu demais; ela me horroriza.

C.1563

Por outro lado, existe em mim, uma necessidade de amor que deve ser satisfeita, vocês estão cegos, vocês, que nunca a viram sob meu sorriso e minhas gozações. O misticismo católico me satisfaz plenamente quando a ele me abandono, mas sou fraca demais e pouca coisa me separa, me perturba: se vocês não me deixam entregar-me a isto, quem responderá do futuro? Quando me vejo, temo o ardor e a energia que sinto na minha alma; não sou como as pessoas a meu redor, usada por uma vida culposa, a flor de meu ser não caiu ainda sob nenhum sopro, olho o mundo como um grão de areia, a honra, a seus olhos como uma palavra vã. O desdém da vida, a ausência de vaidades que parecem fugir, hoje, diante de mim daria a minhas paixões uma força espantosa, uma energia, uma resolução que me faz medo, se eu não me sirvo de tudo isso para dar a Deus, sem reserva, o império de minha alma.

Uma de duas coisas no mundo: ou voltarei a ser vaidosa, mole, fraca, dominada pela vida egoísta e falsa do mundo, e então as faltas que cometerei, nada as escusará, sentirei minha alma no chão e a lembrança que poderia ser bem outra, será para mim, como um verme que atormenta.

Ou bem, a força que Deus me tem dado agora, o desprezo do sofrimento, da pobreza, assim como dos bens e das vaidades da vida me fortalecerão e então como não terei mais vida senão no meu coração, ou morrerei de não ter mais alimento na presença de Deus que me tinha socorrido e chamado e a quem teria resistido e morrerei do aborrecimento da vida material, ou bem serei entregue a paixões violentas, dolorosas e pode ser que até culpadas.

N.162/01 [Duas folhas de caderno, maiores do que as precedentes.]

3 de fevereiro de 1839 – Apresentação no Templo

*Nunc dimittis.*⁵¹ Oh! meu Deus, eu que recebi meu Senhor, não como Simeão, mas como Maria, não devo pedir que me deixe ir... mas que me faça ficar perto dEle.

Concede-me, minha Mãe, ficar bem unida a Jesus, ser digna de recebê-lo com frequência e de conservá-lo sempre no meu coração. — Este menino será um sinal de contradição, para a perda de muitos. — E para que não seja para minha perda, concede-me não estar nunca em contradição com Ele, ser humilde como Ele é nessa renúncia, obediente como Ele não se oferecendo Ele mesmo, zeloso pela glória de Deus e pela salvação da humanidade, que eu seja devotada oferecendo-me cada dia sem jamais me retomar.—

4 de fevereiro — Jesus Cristo chefe da Igreja, nós somos seus membros — Quando a Virgem O ofereceu no Templo, também nos ofereceu a nós todos, unamo-nos pois a suas disposições. Ele se ofereceu para a glória de Deus, a salvação da humanidade, a expiação do pecado do mundo, ofereceu seu corpo e o nosso também para poder fazer penitência, sua vontade, seus afetos, sua alma para ser quebrada pela angústia; não nos assustemos, pois nunca sofreremos tanto quanto Ele sofreu. Nós nos oferecemos com Ele, não nos pertencemos mais, nada deve nos fazer recuar diante de seu serviço.

5 – No templo. Jesus Cristo foi oferecido por Nossa Senhora e entregue a Ana a profetisa. Somente aqueles que eram justos O viram e O reconheceram. – E a mim Ele me foi dado e eu não tenho nem os longos anos de serviço de Ana, nem a menor imitação de suas virtudes, nem, sobretudo, a modéstia de Nossa Senhora. – No meu comportamento não tive nem temor nem vigilância. – Procuremos reparar fortemente tudo, imitar a modéstia das santas mulheres. Empenhamo-nos agora em evitar a liberdade nos olhares, as palavras inúteis, os pensamentos mundanos, sejamos loucas, ridículas se for necessário, exagerando na circunspeção e na reserva.

6 – Sobre minha conduta. – Passei minha vida longe de Deus, indo pouco a esses templos onde Ele se oferecia por mim, e somente para profaná-los pela leviandade de meus pensamentos, vivendo para mim, adorando-me, rebuscando-me. No entanto, Ele não me abandonou, Ele me levou a compreender minha miséria, me tocou, me acumulou. Mil acontecimentos extraordinários se juntaram para me ajudar e eu me entreguei a Ele, ou pelo menos acreditei, porque como me apoiar nesta pretendida reforma, já que em lugar de buscar expiar o orgulho pelas humilhações, a libertinagem de imaginação pela severidade da vigilância e a renúncia a tudo quanto a excitava, a moleza, os prazeres mundanos pela austeridade, a preguiça e a inutilidade pelo trabalho, enfim todas minhas faltas pela penitência, uma penitência verdadeira e universal. Em lugar disso, acho muito me abster somente dessas faltas que eu prometi reparar e em lugar de reparar o passado, acumulo ainda arrependimentos para o futuro. Vivo de tal maneira como se nunca jamais houvesse pecado antes, poderia então inquietar-me do que tenho feito desde minha pretensa conversão. Quero reviver na boa estima do pequeno mundo que me rodeia, não me abstenho de nada, sou preguiçosa, dissipada, distraída na Igreja, inquieta, sem vigilância nos meus pensamentos, sem humildes sentimentos de mim mesma, sem

51. *Agora podes deixar* (Lc 2, 29).

modéstia, sem espírito de mortificação nos meus olhares, minhas ações, na comida. E acho que já fiz muito, e não sinto inquietação alguma.

Senhor Jesus venha a mim, esclareça-me com seu espírito, que eu viva na sua presença, por você, unida a sua cruz, e mesmo que eu fosse pura como um Serafim, eu me imporia a obrigação de fazer penitência.

Sobre os benefícios de Deus. – Dons naturais – qualidades de espírito, força, beleza do corpo; independência, facilidades de minha posição; abusei de tudo isso.

Dons da graça, no primeiro momento de minha existência: o batismo, onde recebi os nomes de Anne e de Marie e de uma mártir, um anjo que me acompanhou sempre, sacrifício de Jesus Cristo, ao qual eu assistia tão mal; com 12 anos recebi o perdão de minhas faltas, Jesus Cristo se entregou a mim, compreendi por um instante sua bondade, em seguida O esqueci completamente, mas Ele ficou na porta de meu coração e acabou por derrubá-la, de um ano para cá me cumula de graças, me deu uma santa amizade⁵² cujas doçuras nasceram de seus sofrimentos, na cruz me deu sua Mãe, Ele se dá com tanta freqüência a mim, no entanto eu não deixei ainda totalmente, meu coração sob a influência de sua graça.

Tudo isto não basta, Ele me promete os dons da glória, se quero ser somente sua, ele me reabilita, me chama a seguir o cortejo virginal com sua Mãe, e no entanto, não penso nele, não sou totalmente sua, prefiro os maus pensamentos, as más lembranças ou todas as frivolidades do mundo a escutar sua voz. Meu Deus! Que não seja nunca mais assim, Jesus e Maria eu sou toda sua e só quero ser somente sua.

7 de fevereiro As bem-aventuranças

1ª Amar a pobreza na minha vida material, diminuindo minhas necessidades e vivendo com economia, gostar de parecer pobre, vestir pobremente, ter aparência de uma mulher de classe simples. Maria quis ser a mulher de um carpinteiro, não falar mais como eu o faço de não ter o costume de tal ou tal coisa. Pensar que sou uma pobre operária que trabalha para ganhar sua vida e colocar tanta atividade e exatidão no que faço como se ganhasse assim meu pão, não sou a serva de Jesus Cristo? – Amar, enfim, fazer meu serviço eu mesma e pensar algumas vezes quando algo me pareça duro, quantos pobres, amigos de Jesus Cristo, fazem neste momento coisas mais duras.

8 fevereiro – *Bem-aventurados os mansos*. Sempre acreditei que eu era mansa ao ser fraca e no entanto nunca falaram isso de mim. É que eu gosto ter razão, fazer valer minha opinião, falar, decidir, fazer-me de doutor, julgar os outros. No meu rosto não aparece a doçura de Maria. A mansidão é humilde, benevolente, não condena, não menospreza; façamo-nos doce interiormente e exteriormente para poder servir os outros e não escandalizar. O espírito de silêncio de moderação nas palavras me servirá maravilhosamente.

9 – *Bem-aventurados os que choram*. Tomar esta palavra para mim quando percebo que vem algum desgosto ou alguma contrariedade. Incentivar em mim, o desejo de chorar com Nossa Senhora ao pé da cruz, de sofrer partilhando os sofrimentos de Jesus Cristo. Deus ama aqueles que são ternos, cujo coração se comove, que choram

52. Poderia ser o P. Combalot (a correspondência mostra bem essa relação de amizade) , ou talvez Joséphine de Comarque, futura Ir. Marie Thérèse, que o padre Combalot encontrou em setembro de 1838 e com quem Anne Eugénie mantém desde então uma correspondência fraterna. (Cf. Vol. V).

com seu próximo.— Enfim, sobretudo, bem-aventurados aqueles que choram seus pecados. Eu nem penso em chorá-los. Ofenderam a Deus soberanamente. Não sou daqueles que conservaram sua alma sempre pura e só podem gozar do amado celeste. — Incentivar, em mim, a contrição, a compunção, a humildade do pecador penitente e procurar conservá-la habitualmente.

10 – *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.* Incentivar, em mim, um amor grande de meu progresso, uma sede de minha santificação, não negligenciar nenhuma coisa, por pequena que seja, para isso fazer bem minhas ações ordinárias com essa finalidade. — Mas por mim mesma eu não tenho justiça, é Jesus Cristo que a dá, Ele mesmo é a justiça. — Não temer mostrar minhas misérias, minha nudez de justiça, quando me assaltam pensamentos de complacência no que faço, de boa opinião de mim mesma, humilhar-me destes pensamentos como não podendo nada sozinha, nem mesmo ser humilde. — Enfim o que posso fazer hoje para avançar na justiça.— Vou procurar fazer perfeitamente todas minhas ações e me manter unida a Jesus Cristo, pelo pensamento que Ele e sua santa Mãe fizeram todas essas ações comuns, humilhando-se por nós e por nosso amor.

11 *Bem-aventurados os misericordiosos.* — Ó Jesus minha misericórdia, você me perdoou até por não ser misericordiosa, conceda-me a ternura de seu coração para que o meu seja profundamente comovido pela miséria dos pobres. Se agora não me consagro a eles, que eu seja, pelo menos, misericordiosa espiritualmente, rezando, chorando por aqueles que não O possuem aqui na terra e no purgatório. Que um dia, quando tenha companheiras, você me dê a ternura de suas entranhas para com elas, para as crianças de que terei que me ocupar, uma santa ternura, toda voltada e dedicada a sua perfeição. Para mim conto com sua misericórdia, não me abandone, entregue-me a sua santa Mãe e que ela me entregue a você e que nada me separe de suas misericórdias,

Bem-aventurados os que têm um coração puro.— Que longe está o meu de ser puro, os 7 pecados capitais tiveram sua influência; um coração puro é inteiramente de Jesus Cristo, fundado e firme nEle, em seus pensamentos, suas ações e afeições. É assim até hoje. Concebamos um profundo horror de tudo quanto o suja, não o prostituamos, por um instante, ao demônio. É-me permitido me aproximar tão freqüentemente da fonte da pureza, peçamo-la, pois por mim mesma como posso ser pura? E verei a Deus, todas as iluminações, todas as belezas, todos os transportes, todos os arrebatamentos, todos os amores desta terra são imagens fracas de que a pobre criatura como eu, sou obrigada a me servir para me fazer uma idéia deste bem infinito. Amemos, por conseguinte, infinitamente a Deus, desejemos unicamente a Ele. Mas, não é que Ele se digna mostrar-se a nós cada dia apesar de meu coração impuro. Ó Jesus pureza das virgens, faça nascer em mim esta virtude de Maria. Como seu coração era belo, como agradava a você. Que meu coração se esconda dentro do seu e do de sua Mãe.

Sexta Feira de manhã. — Finalmente fiz bem melhor minha oração, mas sem muita ordem, tive alguns bons sentimentos sobre a graça que Deus me faz, chamando-me a servir a glória de Maria, a ser esposa de Jesus Cristo, e a me unir a Ele substancialmente pela comunhão, esses dois pólos do mundo. Tive algum sentimento da grandeza de Deus que vai se incorporar a mim, e muito lhe pedi que me recrie.

Sábado de manhã.- Sobre a dor de Nossa Senhora ao ver São José pronto para afastar-se dela depois da encarnação. Rezei muito mal, muitas distrações. Adquirir o amor das humilhações cujo motivo é Jesus.

*Univers*⁵³ do 5 de março de 1839

carta do Sr. Roux

N 163/01 [Folha recortada, do mesmo formato que a 161/06.]

14 de dezembro de 1839

Sei muito bem que a tristeza excessiva que sinto vem de meu amor próprio e da imaginação. Mas, meu Deus, será que não posso sustentar meu ânimo, pensando que apesar de tê-lo merecido, tê-lo mesmo procurado, o efeito penoso que sinto, deve ser suportado com amor e resignação a sua santa vontade que o quis e o permitiu. Meu Deus não sei o que me aflige. Parece-me que são essas grandes revoltas contra a autoridade, esses movimentos de antipatia, de menosprezo, até de ódio a que meu coração adere. Mas por que me aflijo? É que temo ofender você e que você não possa viver num coração onde se encontram tão fortemente e tão naturalmente, tantos sentimentos contrários a seu amor, a sua paz, a sua humildade.

Parece-me que não O procuro mais, rezando tão pouco, me recolhendo e mortificando tão pouco e temendo tanto o sofrimento, sentindo tão pouco amor pela sua presença no Santíssimo Sacramento, não me sentindo tocada pelo respeito, não procurando me encontrar com você, sentindo-me como apressada para terminar de rezar, fazendo tudo instintivamente e por uma impulsão exterior e mecânica, até na comunhão, buscando fugir de mim mesma no trabalho onde não encontro mais nada, mas onde não sinto mais a inquietação.

Meu Deus, meu Salvador Jesus, parece-me que no céu e sobre a terra, somente quero você, meu coração não pode viver em nenhuma coisa mais, nada poderia consolá-lo, preenchê-lo, nada, nem parentes, nem amigos, nem egoísmo, nem vaidade, disso estou certa. Por que, então, não tenho minha plena alegria em você? Por que me parece que estou diante de você, como se eu lhe mentisse e que lhe falando dessa maneira lhe dou as costas? Por que ainda me paro em coisas que não são nada para mim, não me proporcionam nada, a não ser perder-me um instante de vista para me encontrar novamente com mais amargura e desânimo? Parece-me, com frequência, meu Deus, que tenho feito esforços para deixar todas essas coisas, de forma que agora não são mais nada para mim, mas não coloquei nada no seu lugar e então meu coração está vazio como um deserto. Desejo seu amor com lágrimas, mas sinto que ainda não o tenho, então duvido às vezes e minha alma cai no último abismo da tristeza. Meu Jesus fiz-me sentir seu amor no meu coração, que o seu nome não seja mais uma palavra vã, que ele toque meu coração como antes, preserve-me do desânimo ou da perplexidade de consciência que me faz ver um mal em todos meus desejos e em todos meus esforços, até quando se voltam para você.

Eu adoro de joelhos sua Majestade infinita, sua sabedoria infinita, aceito com toda minha alma tudo o que lhe agrada fazer sentir a meu coração, gostaria, ó meu Deus de passar pelas situações mais sofridas para chegar a conseguir amá-LO. Senhor meu

53. *L'Univers*, (*O Universo*), jornal fundado em 1833 pelo Padre Migne. O jornalista Louis Veuillot (1813-1883) fará dele o jornal do catolicismo ultramontano (defensor do Papa e das instituições romanas).

Deus conceda-me o dom de amar você, esconda-me completamente aos olhos dos homens, não permita que se misture a nenhum pensamento meu um desejo de ser conhecida e estimada por eles. Este desejo o denego e detesto, renuncio a tudo quanto pode ser busca de mim mesma, a todos os amores próprios nos quais vivi demais, esconda-me, sepulte-me, tire-me a vista, a palavra, tudo quanto você quiser, mas não me afaste de você porque pequei longe de você. Preferiria ser amarrada no fundo de uma tumba onde todos meus sentidos fossem acorrentados, de forma a nunca mais poder ofendê-IO, mas quem será esse laço se não você mesmo, ó meu Jesus! Na santa obediência você deve ser, para mim, esse laço de amor que cativa tudo em mim sob a vontade do Superior, mas seja-o para mim, pois não posso nada sem você. Como desejo esse estado onde não existe possibilidade de ofendê-IO, onde serei aniquilada por sua glória. Bendito seja, meu Deus, quando você se digna conduzir-me pelas renúncias de espírito, de vontade ou corporais que exige de mim meu Superior. Sinto-me feliz, se sei estimá-las quando a vontade dele me segura a cada instante, pedindo-me tudo o que me custa, ou tudo o que julgo ser vontade injusta, extravagante ou arbitrária. Ensine-me a amar todas as ocasiões de obedecer, e amar aquele que as proporciona, a nada recusar, nada, pois onde penso que posso fazer algo, encontro justamente uma ocasião mais rica de morrer. Ensine-me também a amar, ó Deus de amor, que seu coração esteja no meu coração, que eu ame humildemente e filialmente o seu servidor. Não ousou lhe dizer, meu Deus que eu amo nosso padre, mas ao menos você sabe que eu desejo amá-lo em você, dar-lhe razão em todas as coisas, dobrar-me aos desejos dele e servir a obra dele e a de você. Desejo desprezar-me e estimá-lo, quero perder-me e perder tudo da parte das criaturas por encontrar você, ó meu Bem amado, e ao mesmo tempo que eu digo isto, minha alma treme apesar de mim mesma, temendo perder você por toda a eternidade. Existe algo em mim que não é muito sensato, mas me perturba, e é um grande temor de não estar em estado de graça quando me aproximo de você e assim crucificá-lo em mim.

Ó meu Deus, que palavras de consolação você me fez encontrar esta manhã na Via Sacra: é que você quer nossa salvação muito mais do que nós mesmos, mas quem me dará a graça, ó meu Senhor, de deixar e desprezar de tal maneira meu corpo, meu espírito, minha vontade, minha estima e toda alegria para que eu saiba que quero verdadeiramente minha salvação a fim de que você, a querendo ainda mais do que eu, obtenha essa união eterna com você, santa e adorável Trindade, de quem estou bem separada aqui, por tantos pecados e má vontade.

O meu Deus, ajude-me, eis que quero calar-me, mortificar-me, submeter-me em tudo, me fazer desprezar tanto quanto eu puder, não procurar a companhia, alegria ou sustento senão em você, mesmo se não O escuto.

Ó meu Deus se você me fizesse a graça de esquecer as criaturas, de nunca mais lhes falar nem as escutar no fundo de minha alma, mas unicamente sentir e escutar você que é o Criador. Eis o que você me pede faz muito tempo, e temo ofendê-IO porque não o fiz, e temo que você me abandone. Senhor para trabalhar tudo isto preciso uma graça bem grande, ó Jesus por sua agonia, você que carregou todas as nossas faltas, e pelo ardente desejo que você teve na cruz de minha salvação e minha perfeição, conceda-me esta graça, de pôr fim a este barulho interior, à lembrança da palavra das criaturas e de suas opiniões ou vontades, assim como às buscas curiosas sobre mim mesma, minhas penas e meu estado. Conceda-me a santa simplicidade para procurar unicamente você, mas de verdade, a confiança de encontrar você, a força para deixar

e crucificar tudo o mais e sobretudo a mim mesma. Se você me abandonar, quem me socorrerá? Você sabe, Senhor, que só tenho você no mundo, que deixei tudo por você, que só tenho confiança em você, seja então meu Mestre, conceda-me deixar tudo de verdade a fim de que eu morra e seja somente um corpo morto nas mãos da obediência e um espírito unido a você que gerará até o dia de sua libertação com uma firme esperança e grande fidelidade e grande amor.

Torne-me flexível a todas as ordens, silenciosa e atenta para não procurar minha consolação fora, afastada de todo ataque e desprezo de meu próximo e cuidadosa de honrá-lo, fazendo-me desprezar, mortificada enfim e desprendida de meu corpo que é seu, de minha saúde pela qual não quero recusar nunca, de fazer o que os outros queiram.

Quando sou tentada de inquietar-me de minha direção e de consultar meu interior, tenho que me lembrar que a primeira coisa que terei a dizer é minha moleza e covardia, por não praticar fielmente a regra, fugindo, na realidade, da mortificação e sofrimento, queixando-me daquelas que Deus me envia e entregando-me à preguiça. Também por vaidade, temendo as humilhações, as palavras duras, os desprezos, alimentando pensamentos de vaidade, desejos de ser conhecida, estimada, a tal ponto que a meu redor reconhecem que sou orgulhosa. – Enfim, eu tenho o meu espírito agitado, inquieto, sem suavidade frente aos que me repreendem, sem caridade, sem abandono à vontade de Deus e de meus superiores, sem presença de Deus, sem oração, amargo, impertinente, sem ter nunca na minha alma a fidelidade para sofrer, a intenção reta e pura, o desejo de ser repreendida ou contrariada, a atenção a Deus e a Jesus Cristo apesar de que a graça me pede isso com frequência. – O que terá a me responder um homem verdadeiramente de Deus, senão de me inquietar somente em praticar o bem que conheço e evitar o mal que vejo, em amar a Deus mais do que a mim mesma, a meus irmãos com toda minha alma, em me mortificar, em me humilhar, não falar de mim, ter Deus sempre no meu coração, de forma que nas ocasiões de contrariedades, eu fique calma e até me alegre, porque não confiando na minha prudência, gostaria vê-la mudada em uma coisa que Deus permite, desejar sinceramente as penitências, as repreensões, os desprezos e que então Deus me dará uma nova luz e que tudo será em favor da obra e de mim. – Pedir... (falta a continuação)

N.163/02 [Bilhete mal colocado; poderia ser de antes da fundação como os NN 154/10-13.]

...parece-me necessário

Que não me atormente mais com as austeridades, nem com os escrúpulos, que não pense em me mortificar nem em me examinar muito, não analisar, fazer simplesmente o que é de regra ou de obediência e me manter habitualmente num silêncio de recolhimento e de união amorosa com Jesus Cristo, Maria e meu padre ao amor do qual não devo temer me abandonar, pensando nas graças que recebi, nas que estão preparadas para mim, na união de alma de meu padre comigo, no amor de Jesus Cristo e de Maria por mim, em vejo dele como um reflexo no de meu padre, evitando suavemente os pensamentos humanos, as lembranças de romances, sem me perturbar sem me indignar, vendo em tudo até nas suas reprimendas uma terna e afetuosa intenção de meu Salvador e evitando os pensamentos que podem me afastar destes doces sentimentos.

Não pensar muito em ser vítima, crucificada, desprendida, mas caminhar de boa fé e como criança que procura obedecer a sua mãe.

Quanto às tentações de vaidade, dizer simplesmente a Deus que não as quero; para o futuro, que isto não tem nada comigo. Viver com Maria em Belém dando o seio a Jesus e o adorando, com ela também em Nazaré onde ela era tão feliz por possuir seu Jesus, que é a alegria dos eleitos no céu e que se dá a nós. Somente buscar na comunhão amar a Jesus, recebê-lo e escutá-lo.

N.163/03 [Folha intercalada, formato de caderno. Poderia datar de antes da Fundação.]

Meu Senhor Jesus, esposo de minha alma, você por quem quero fazer tudo e sofrer tudo, permita-me esboçar para minha pobre alma o que ela deve fazer para ultrapassar esses amargos desamparos, essas profundas tristezas que aceito de todo coração mas onde não quero sucumbir.

É você, meu Deus, que se dignou me salvar pela sua graça, sei que eu não poderia sem você sair adiante, eu me digo isto para aprender a não pôr obstáculo a esta graça de misericórdia e de suavidade.

Necessito nesses momentos ir ao pé do altar, e pensar no seu amor de compaixão; pedir-lhe que venha a mim como você se dava aos seus apóstolos, com uma ternura incrível, pensar que você me olha com compaixão, que você me diz: Minha pobre filha, porque você é realmente meu pai e meu bem-amado, pensar que você teve piedade das filhas de Jerusalém e que você lhes disse sob a Cruz: Não chorem por mim mas por vocês. Você me permite chorar por mim quando minha alma está triste até a morte e você tem piedade de mim.

Eu lhe pediria ainda amá-lo como aqueles que O conheceram, pois se meu coração é tão humano, tão terno, tão inclinado às afeições naturais e sensíveis, com certeza Senhor, eu O teria amado muito, se houvesse vivido perto de você.

Devo, então, não atormentar minha pobre alma, deixá-la a seus pés que faça o que quiser, deixá-la descansar, não fazer nada, escutar sua voz que me diz: Eu sou teu melhor amigo, o mais doce, que mais podes desejar? Descansa perto de Mim.

Depois, tenho que colocá-la face ao céu, quando está lindo, colher as flores dos campos, contemplá-las, pensar em você que as fez e que você é bom, já que tudo isso dá paz a minha alma.

Quanto a minhas vaidades, pensarei que o vestido celeste se faz do avesso, quanto mais feio e pobre aos olhos dos homens, sem que um só o aprove, mais agrada a você; se você se digna me roçar com sua asa, não recusarei este sopro de vida, de inspiração, de amor e desfrutarei com agradecimento.

Tenho necessidade disto para me calar e encontrar em mim essas harmonias sem as quais eu sofro. Procurarei ainda o belo em sua palavra, algum trecho de Jó ou de Moisés. Meu Deus não me censurarei mais porque meu coração quer amor, e meu espírito gosta do belo, eu buscarei tudo isso em você. Você é a única beleza, o amor infinito, que eu possa procurar você em toda parte, encontrá-lo sempre, esconder-me em Você, viver sempre de Você. É assim que poderei aplicar-me a uma perfeição que me mata, quando ela é entendida à maneira dos livros. Você, suas obras na natureza, sua palavra me instruem bem melhor. Para sacrificar as coisas da terra, para não caminhar com elas, para deixar tudo e sempre, não é necessário cortar-se as asas.

1835 151
e l'espérance sont mes seuls agitateurs, ou mes seuls
passés. Tant d'instabilités, jamais de repos, jamais
d'avenir qui toujours dépasse le bonnet du passé. Le
tantôt, absorbée par des questions bien au delà de
propre, et aux quelles je faisais mesurer de l'âme
cette plus haute question du monde. Je
tant savoir tout analyser, et me lançant dans
régions effrayantes, je vais hâter d'instants
toutes choses, palpitantes de je ne sais quel besoin
de connaissance et de vérité que rien ne peut
profiter. Et l'âme est esprit hautain, la pensée
est va d'absolue, quelques feuilles vaines, une
sable, que dis-je, une vanité, un élève, une
âme mentée comme l'aigle, et je suis bien
de dans une mesure.
Des rêves du cœur, des larmes d'effort
rien ne satisfait, des amours d'âmes impossibles
quelqu'un qui pense et qui vieillit, sentes
de ce monde cruel, comme à cela se trouvent
l'âme rampant des angoisses, des dégoûts, des
de vie, de sombres tristesses que l'âme ne peut
semblent se rejeter en elle-même, ses complaisances
un silence amer à se cacher sous une enveloppe
différente, parce que je suis, une désigne alors, qu'il
tra pensant qui tout une minute ne perd pas pour
de savoir mon cœur. Et voulant revenir à la
salle, j'aurais voulu laisser aller à ce fatalisme
une qui fait passer le temps comme il vient,
sages qui a vécu et laisse vivre en oubliant le
et regardant l'avenir. Quelquefois je me guide
dans une ivresse, je vis de tout et même
et même, je rapporte un cœur

Nº 151/01

Primeiro texto classificado nas Notas Íntimas.

1835 Ana Eugênia tem 17-18 anos

152 1836 1^{re} année 29 Mars
En cherchant bien le bas de ma foi, il me
semble que je puis le définir ainsi à peu près
simple et profane. Je suis chrétienne parce que
l'âme de la religion chrétienne est une cathédrale
je ne puis perdre bonne raison à la distinction du
bien et du mal, ni à l'autorité faite et de règle
écrite. Je ne trouve la ligne de démarcation.
La protestation est une grande conséquence
condamnée par vingt passages du livre qui fait
son seul règle de son foi, et par conséquent je ne suis
catholique et n'ai jamais pu reculer vers le protestant. De
bonne foi lui écrit en 1836 et en son parole et ne
peut pas dire les amathènes qu'il a prononcées
certaines années qui se sont écoulées. D'ailleurs,
grâce au système d'interprétation de la religion, on
ne peut dire ce qu'est la morale du protestantisme,
puisque elle est en que chaque homme lui fait
de Dieu du Diable et son être de vrai, et chimérique
et sans action, qui n'a jamais rien fait pour la
morale du monde. Avant à l'athée, je ne suis au
il pourrait prendre quelque raison de l'être le bien et
le mal, ou même de distinguer le bien du mal.
et cependant il est plus simple bon sans nous dit que la
société, que l'homme ne savait pourtant se distinguer
dans cette distinction. Il nous faudrait proposer
selon à notre conscience, à notre raison, même
à nos sens qui se révolteraient devant les crimes
ou les crimes, sans avoir prétendu que tout est
indifférent en ce monde et que c'est une même chose
d'assassiner sa mère ou de se laisser tuer. D'ailleurs
l'homme en avait pu établir les institutions ou les mœurs,
jamais une société n'a été créée et principe, qui
ont été fondés sur une sentence de mort immédiate.

Nº152

Primeira página de um conjunto de folhas encadernadas com uma fita desbotada.

A data 1837 parece ter sido acrescentada depois da redação.

O primeiro texto é de 1836 – 29 de março. Ana Eugênia tem 19 anos.

154/10
Si j'avais un grand fusil à remonter et
mes bras pour aller combattre et
mourir sous le tombeau de Christ, je
étais aujourdhui tranché de la tête et
étais le dernier je ne serais avec des
mais je ne l'aurais point mais
je n'aurais point accusé son cœur. Ici
l'un dans notre temps aussi, il y a une
croisade catholique, la croisade du
Saigneur, la croisade de la foi! Et moi
aussi je veux apporter ma pierre à
l'édifice de gloire et de salut que
constituent d'humbles architectes et si il
le faut je veux mêler ma goutte de
sueur dans leur sacrifice. Je dois même
être la condition de toute utilité de toute
vertu; vous quittez, vous avec jamais
c'est un sacrifice semblable à la mort
et moi qui crains que je sois mouvé
pour le Saigneur, j'hésiterais quand le
Saigneur le demanderait. La mort, d'ailleurs
n'est-elle pas notre sort de demain, et
ne faut-il pas alors se résigner
non seulement à tout quitter, mais à la
pauvreté de ceux qui restent. L'angoisse que
je meurs, que je meurs bienheureux,
pour comment à vivre d'une vie
grande et saine. Dieu a tout fait pour
moi, je veux faire quelque chose pour son

Nº 154/10

Bilhetinho inserido no caderno precedente.

Pode ser datado de 1837, Ana Eugênia tem 19-20 anos.

241
L'âme humaine
L'âme humaine est le grand de nos sentiments
mon amour de l'Église — et chaque jour
je me dis que l'âme humaine est
l'âme humaine est un être qui a quelques choses
de saintes souffrances au sacrifice, dans sa
sainte idée. L'âme humaine tout ce qui lui est possible
et la moindre faute, la moindre imperfection
est tout ce qui elle avait. Une merveille, une
merveille — l'âme humaine avait dans sa

Vierge descendrait être avec des gens
de son classe — Jésus le Roi des Cieux
viendrait avec des pécheurs.

N° 241/05
Depois de 1837.
Ana Eugênia tem 20 anos.

178
85

Je suis par lequel j'en suis sûr, j'ai agi...
de ce que...
me gâter...
je n'ai pu...
et...
mais...
me...
peut-être...
négligence...
presque...
maintenant...
peut-être...
même...
des choses...
de ce...
je ne suis...
surtout...
abandon...
à...
les...
jamais...
tout...
l'innocence...
ces choses...
comment...
me...
et que...
à...
je...
je...

Nº 178/01

Bilhete de agosto ou setembro de 1841, próximo dos primeiros votos.

Maria Eugênia recorda a graça de sua primeira comunhão.

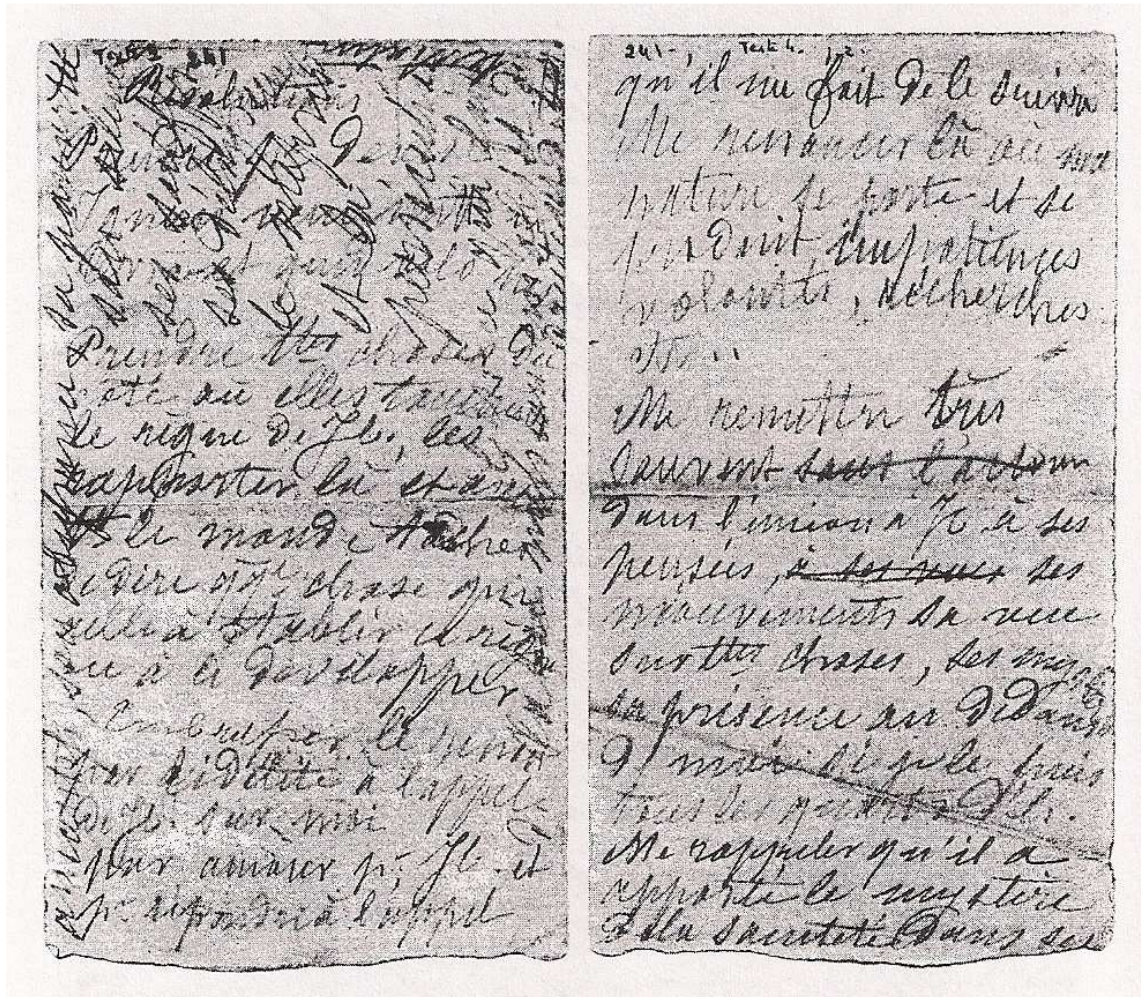
Ela tem 24 anos.

3^{me} jour. Pique de P.C.
J'ai été bien touché de la pensée
que M. S. veut étendre son règne
sur le cœur de tous les hommes,
le mien d'abord et je veux prendre
dans cette retraite tous les
moyens possibles qu'il y a, pour
vrais dire tous les autres cœurs
et il m'appelle à travailler
inutilement avec Lui pour
les lui gagner. C'est p^{er} cela que
je suis B^{te} de l'Esprit, c'est
l'objet de mon vœu que j'ai fait.
Je ne devrais rien faire, rien
dire qui n'ait pour but
d'étendre ce règne, je devrais
toujours avoir avec tout le
monde une parole qui y
portât. — et pour moi savoir

N° 234/01

Retiro de novembro de 1878 – Terceiro dia.

Maria Eugênia tem 71 anos.



N° 241/04
Resoluções – 1878
Maria Eugênia tem 71 anos.

Março de 1840

Senhor Jesus tal como sou, pobre de toda virtude, vil e má em todas minhas ações, agindo só com orgulho, fraqueza, infidelidade, distração e toda espécie de imperfeição, ousou suplicar-lhe sua misericórdia para me conduzir à verdadeira, pura e sincera perfeição das pessoas religiosas e santas. Confio em você para que me conceda essa graça, e eu me entrego a você para que me conduza por todos os meios que sua providência possa conhecer e peço todos os sofrimentos que necessito; eu O bendigo e agradeço todos os que você achou por bem me enviar, peço a graça de aproveitar bem, eu lhe suplico de me corrigir e purificar por todas as criaturas, especialmente por meus Diretores e Superiores a quem prometo obedecer fielmente assim como a minha Regra. Eu lhe peço que me torne uma nova criatura, e como sei que você pode me transformar, acredito em sua bondade que você o fará, que você me fará atravessar todas as dificuldades, me guardará casta e pura de toda alegria humana, de forma que hoje me abandono com uma imensa esperança, a todos os meios que você me apresentará, para recebê-los sem temor, com simplicidade e amor. Eis me a filha de sua Providência, faça comigo segundo sua misericórdia. Você o fará, meu Deus, mas faça também que tendo essa providência por mãe eu responda a todos seus desígnios e os abrace com amor, na contínua lembrança da necessidade que tenho de humilhações e sofrimentos, de forma que eu me alegre quando você me humilhe e crucifique, e que eu trabalhe também, para isso, todo dia. Esquece minha alma, todos os bens e todas as idéias da terra, trabalha como conhecendo somente a Deus, fazendo o que é puro diante dele, buscando-O sem cessar e sobretudo esquecendo até o último vestígio do que chamam bem neste mundo. Não queiras amigos, sucessos, nem alegrias; mas não temas, ama e entrega-te, teu Deus será tudo para ti, te guardará em toda parte, porque tu não tens nada mais sobre a terra, e tu lhe suplicaste de te dar sua cruz para que ela te resgate. Assim meu Deus prometo, hoje, esta obediência, respeito, abandono para aí viver e morrer, e o estender a todos aqueles pelos quais você me governará.

Retiro de Eleição dezembro de 1840

Compreendo, Senhor, que esta vida é um combate contínuo. Ao dizer para você que não quero outro contentamento a não ser sua vontade, me comprometi a uma coisa que, como superiora, é essencialmente meu dever, quer dizer, me comprometi a ser religiosa, a buscar unicamente o que você quer, já que é isso que deve ser feito aqui na terra, e que nem mesmo é ser cristão não querer procurá-lo. – É meu dever fazer aqui o que Deus quer, é meu dever absoluto. Aqui só existe o mal por causa de meus pecados, do pouco de vida religiosa, de atenção contínua à vontade de Deus que mostro, da liberdade que me dou de fazer, com freqüência, o que gosto ou me dá alegria. – Devo começar um combate sério contra tudo o que me diz respeito, desejos, antipatias, impaciências, preguiças etc, devo combater sem piedade tudo isso, para me mortificar e por espírito de penitência e para destruir minhas inclinações naturais, e para agir realmente só segundo a vontade de Deus, fazendo tudo quanto me repugna, voltando sem cessar ao combate, preparando-me cada manhã como não tendo outra finalidade na vida senão destruir a estima de mim mesma, contrariar

minhas comodidades, sofrer no meu corpo tudo o que posso, não me queixar, nem falar de mim, procurar me odiar em tudo, e não fazer nada de acordo com meus gostos, retirando absolutamente meu gosto e para obedecer a Nosso Senhor, buscar só o que é dEle e acabar com as reflexões sobre mim mesma, o que me disseram, o que fui etc.

Também eu confiei demasiado em mim: devo desprezar meus próprios meios, não me espantar se fracassam, buscar orientação nos santos e contar unicamente com a graça de Nosso Senhor, reconhecendo, em verdade, que sou a causa de toda a vaidade que se mistura aí e do pouco progresso que minhas irmãs mostram às vezes.

Enfim, devo combater para não julgar, amar, querer a não ser segundo a fé, e procurar dar a minhas irmãs o exemplo do que deve ser uma noviça que se mortifica e trabalha sobre ela mesma.

Lembrar-me, finalmente, que nem a doença, nem a perturbação, nem o desgosto, devem parar este combate, mas somente a morte.

Ainda tenho que olhar freqüentemente se sou livre de todo movimento pessoal e no recolhimento e a oração me colocar em atitude de fazer o que Jesus Cristo pode pedir a cada instante e que eu reproduza em mim suas virtudes nas circunstâncias imprevistas.

N.166/01

Dezembro de 1840

Eu não sei o que fazer para minha direção. Certamente não tenho mais a disposição que me fazia procurar nosso Padre, (P. Combalot) como Nossa Senhora procurava São José. Com muita freqüência, pensamentos de irritação e de fatalismo substituíram aquelas minhas disposições. Agora que estou mais calma, se vejo nele meu Superior, não posso lhe fazer a menor oposição; nem lhe recusar todos os detalhes de meu interior, se eu o considero como a mediação da vontade de Deus sobre mim. Ceder-lhe, dizer-lhe minhas contínuas perplexidades, é recolocar nas suas mãos tudo quanto lhe estou retirando, é lhe dar pretexto para me recusar a autoridade que a Regra acha necessária para a Superiora governar a casa. Mas, falar com ele como a uma criança grande me dá remorso.

Parece-me que minhas disposições e meu estado presente me fazem encontrar mais inconvenientes do que nunca numa direção tão pouco serena. Só tenho força sobre mim mesma com a ajuda da obediência. Sem isso estou sempre buscando, mudando, duvidando do que devo e do que faço. Minha direção autorizou demais esta perpétua incerteza, se não é ela mesma que a causou. De dois anos para cá, ela só se tornou tão pesada porque me fez ir continuamente de uma prática e de uma oração para uma outra. Um dia era indispensável aprofundar a santa infância, ver em tudo Jesus Cristo nascendo. Apenas eu tinha feito alguns esforços nesse sentido, que tinha que me ocupar de meditar o Evangelho de cada domingo. Só isso era sólido. O tempo que necessitava para dobrar meu espírito levava nosso Padre a me falar de uma oração de simples presença de Deus, logo em seguida me pedia ver em meus defeitos ou distrações a prova que não estava ainda madura para isso; ele me dizia que toda a vida espiritual estava fundada na Cruz de Jesus Cristo e que devia meditar a Paixão, entrar nos sentimentos da agonia. Depois que eu não era filha da Igreja se não sentia através desta ocupação o efeito de alguma festa alegre que caía nos dias seguintes. –

Que martírio para meu espírito, que é bem mais lento do que o seu é vivo. Com frequência me dizem que eu sou inteligente; nas coisas de Deus não o sou. Compreendo muito lentamente, não posso pensar em duas coisas ao mesmo tempo, os motivos multiplicados, os raciocínios me cansam além do que posso expressar, e não me preocupo em ser de outro jeito. Um ponto só, um único pensamento, uma pequena ação de Jesus Cristo, um movimento de sua alma, é suficiente para ocupar toda minha vida. Contemplar esse pouco, honrá-lo, imitá-lo, isto vai além da impotência de meu ser. Não consigo expressar o que quero dizer, mas se minha existência inteira se dedicasse à contemplação, não digo de um aspecto da vida de Jesus, mas de uma circunstancia de um aspecto, sinto que minha existência não bastaria e que desejaria ampliá-la infinitamente para esta única ocupação e esta única homenagem. E isto me parece bem legítimo.

Eu estava, pois, como alguém a quem fazem rodar sem cessar para todos os pontos do céu e que fecha os olhos ofuscados; como alguém que afogam no licor mais apropriado para dar vida, e pior que tudo isso, uma vez que eu atribuía a mim mesma o sofrimento e o pouco proveito que fazia.

Acho que sempre me trataram assim, mas no começo eu não sofria. Isso servia de alimento a minha imaginação e tudo se absorvia num atrativo sensível ao Santíssimo Sacramento, atrativo que perdi completamente, não tendo agora nenhum atrativo sensível. O que me espanta é que com a ternura de amor que eu sentia então, e que me incentivava a fazer grandes sacrifícios, eu estava muito apegada a vaidades, não sabia o que era a pureza diante de Deus e agia continuamente por motivos mais do que imperfeitos. – Depois tive inquietações, securas, tentações sobretudo contra a fé, e agora como retirar alguma coisa do emaranhado em que estou?

Sob o império de uma natureza muito viva (mas muito controlada) nas suas impressões, afetos e sentimentos, quase sempre vivi de agitações, parece-me que Deus pede outra coisa. Vejo que jamais fui simples interiormente, parece-me que eu deveria ir a Deus com grande paz e um abandono sem reserva. Por este último, sempre tive atrativo, mas nada na prática. Minhas últimas resoluções de Retiro me levavam a fazer tudo pelo serviço de Deus, de forma que durante o dia devia ter essa meta em todas minhas ações, e não desejar nada fora dessa meta. Pensava que me agitava demasiado em tudo, nas minhas comunhões, por exemplo, quando vou sem parar de um ato ao outro: fé, amor, etc. temendo sempre de esquecer algum – que eu deveria deixar-me levar pelo amor suave de meu Deus para que Ele possa empregar-me nos seus desígnios como uma criatura passiva, gozar dEle quando comungo, fazer meus deveres sem reflexão tal como Ele quer que eu o faça, sofrer, falar, ou trabalhar ou descansar, com um repouso habitual em sua vontade. Percebo vivamente que o amor é o princípio de tudo o que Deus é em relação a nós, também penso que sua misericórdia é conhecida só por Ele. Estes dois pensamentos me tiram todo desânimo, mas temo com frequência não amar Deus. – Uma falta voluntária parece-me afastar tão longe destas resoluções que então eu as enxergo como obra de imaginação e orgulho e que desejo tentar o que faz um pouco de bem à menos adiantada de minhas irmãs. – Devo dizer o que acho ser a causa do temor que tenho de elevar-me demasiado, aceitando entrar no atrativo tão simples que acabo de dizer, porque sinto interiormente algo mais que nas resoluções mais perfeitas que pude fazer. O que desejo fazer agora, o que percebo nesta nova maneira de abandono, é mais escuro, mas muito mais íntimo, é como se entrasse no interior da virtude, e tudo quanto quis fazer de melhor, não vale, hoje, para minha consciência este novo bem,

esta fidelidade interior que percebo e na qual sinto como a abertura para uma nova morada que seria muito mais a morada da verdade.

Quando rezo bastante nos meus Retiros, nos momentos de calma e de fervor, volto sempre a acreditar que Deus me pede esse grande abandono, que não é orgulho ocupar-me unicamente nisso, ao contrário, seria infidelidade ou pelo menos grande perda para mim recusar essa graça. É a esse respeito que penso praticar as virtudes: humildade, esquecimento de mim, achar ridículo etc... e em geral sou mais fiel quando isto me vem de fora, do que quando eu o tento fazer. O pesar que sinto de minhas faltas, diante de Deus, é também de ter sujado o nome de esposa de Jesus Cristo, agindo por mim mesma, em lugar de deixar agir em mim seu princípio de vida, de forma que Ele não pode mostrar através de mim sua santidade e ao contrário a cobri de minha impureza.

Por outro lado tenho hábitos ruins que me paralisam: dissipação de espírito, reflexões contínuas sobre as ações feitas ou a fazer, e sobre o efeito que elas produzirão; demasiada perplexidade quando quero ser fiel, perguntando-me sempre o que Deus quer que eu faça e me atormentando com os motivos naturais que se misturarão sem eu queira; o apego ao sucesso de que uma vez eu quis (porque não tenho muitas vontades) apego, no entanto, em gostar de ver que Deus age quando minha prudência se esgota e que só Ele resta para sustentar tudo ou para quebrar minha vontade (Experimento sempre essa exultação de ver Deus triunfar de mim e de todos meus apegos). Enfim acima de tudo, me faltam fé e mortificação. Faz tempo que tenho como um fundo de incredulidade ao qual dei com frequência demasiada atenção, de forma que me impede sutilmente deixar Deus agir por mim, esperar dEle minhas palavras e meu sucesso. Parece-me que se se apresenta algo importante para fazer, temo abandoná-lo a Deus; atraso toda ocupação interior até o momento em que tudo se termine, e meus pensamentos se absorvem de tal maneira nos assuntos que me inquietam, que não temo faltar com Deus a ponto de me ocupar dEle somente nos momentos de oração ou de recolhimento, por exemplo quando me levanto. Não vou a essas ações como sendo enviada por Deus, e até na direção de minhas irmãs, acontece por vezes, que a faço com os recursos de meu espírito, não procurando sempre falar o que Deus quer, mas o que eu calculo que deve produzir tal bem, a meu ver.

Por falta de mortificação, busco o que gosto onde não existe falta evidente, e sou capaz de me fazer a ilusão ou me distrair, para contentar um movimento de amor próprio: eu o faço algumas vezes contra minha consciência e minha resolução formal. Sinto, no entanto, que não deveria considerar minha satisfação quando se encontra de acordo com meus deveres, mas me desapegar completamente dessa satisfação pensando que é o próprio Deus quem me pede esses deveres, e não dar nem um passo a mais do que seja de sua santa vontade. Aqui minha natureza resiste ainda muito. Tenho mil razões para gozar de minhas comodidades, onde me é permitido, e tenho vergonha de reconhecê-lo, no entanto, não fiz jamais esse passo de não querer nenhum outro contentamento senão o de ver, escutar e obedecer a Nosso Senhor pela fé, aqui na terra e pela posse no Céu. Isto se apresenta com frequência, assim cuido de minha saúde mais por mim do que para poder servir a Deus, me concedo mil pequenas comodidades sem precisar verdadeiramente, e não tomo um remédio que me faria sofrer. E se a ação está de acordo com meu dever, fico contente, justo no grau onde me é permitido ser eu mesma.

No entanto, é verdade, se eu fosse fiel em tudo isto, acredito que não teria esses aborrecimentos que experimento do lado de Deus: esses desgostos, essas distrações nascem do remorso de minha infidelidade, da dissipação que decorre, da negligência para reparar tudo isso. Seria necessário abraçar os pequenos sofrimentos e renunciar com frequência a meu conforto. Sou tão covarde que o temo muito, o frio basta para me distrair de Deus, pequenas dores me fazem abandonar minhas resoluções. É pelo meu interior, sobretudo que eu me reprovo, para o exterior não é tão sensível. Acho muito mais difícil manter minha alma indiferente nisto, do que ser privada algumas vezes daquilo que eu buscava naturalmente (e reconheço a diferença que existe entre fazer mortificações e ser mortificada, a diferença entre toda virtude de meus atrativos presentes e as resoluções antigas de fazer tal ou tal ato). Dar este fundo de meu ser para não ter mais nada de próprio, é o que não faço e com frequência nem imagino. Parece-me que é uma ilusão, não querer sentir o bem-estar das coisas que me são agradáveis. O que fiz de mal foi me inquietar muito mais da regularidade exterior do que da fidelidade interior. A vontade de viver segundo a lei, de não pecar, nem maledificar, não me deixa, ou bem de agir perfeitamente e de dar tudo de mim. A direção contribuiu, ainda, para esta infidelidade, seja ocupando-me de outra coisa, seja depois de ter aprovado esta tendência única para Deus querendo me fazer unir as coisas mais opostas, seja dizendo que, em lugar de pensar em tudo isso, teria que pensar nas ações – o que é precisamente entrar na minha tentação.

Ao contrário, para mim o que seria um socorro, quase necessário, é que me exigissem uma só ocupação interior. Necessito um tema de oração para me recolher, um só assunto, já que necessito tanto tempo para me envolver. Se me fosse dado por obediência, me indicaria com que espírito e em união a que mistério de Jesus Cristo, Deus quer que eu trabalhe. – Mas isto é impossível –

De minha parte não sinto atrativo que possa substituir esta obediência. Meu espírito busca demasiado o que devo fazer. Faz algum tempo que medito a vida escondida e interior de Jesus Cristo e suas disposições para com o Pai e para conosco, mas ainda me distraio indo sem parar de um para outro.

No entanto, não estou disposta a desanimar, porque sei que somente Nosso Senhor pode estabelecer o reino da vontade de Deus numa alma tão viva, mole, inquieta e acessível a tantas vaidades e distrações, eu quero esperar que Ele acederá a meus desejos e a minha pobreza de socorros, substituindo com uma misericórdia bem maior o socorro que os homens não me dão.

O que me incomoda ainda na Oração são as lágrimas. O menor pensamento de amor de Deus, ou de união íntima com Ele me faz chorar, e temo que isso aumente a doença nos olhos, e me torne incapaz de cumprir meus deveres, e que eu me torne seca, afastando-me de todos esses pensamentos.

N 167/01 [Folha intercalada, formato de papel de carta, provavelmente um rascunho, porque o número seguinte – ao qual falta uma página – continua este mesmo retiro.]

Retiro de Fevereiro de 1841

1º Dia

Deus me concedeu a graça de chorar muito meus pecados. *Tibi soli peccavi.* (Sl.50) Este pensamento, de ter em tudo recusado a Deus os seus direitos sobre mim, me afligiu vivamente, ainda que suavemente. Vi como era importante, para mim, viver

de fé, de esperança, de amor e de oração, dando a Deus tudo o que lhe devo, sem cessar, e pelo menos dar-lhe plenamente as orações marcadas pela Regra. Pela modéstia religiosa e a mortificação, eu deveria levar a Deus por meu exterior e glorificá-lo; pela humildade, desaparecer a meus olhos e também aos olhos dos outros, para lhe entregar tudo. Percebo que perdi graças pelas quais Deus teria sido glorificado em mim, tornando-me santa. Tomei a resolução de ser fiel às orações de Regra, me envolvendo inteiramente, também de colocar meu exterior na mão de Deus para seu serviço, com gravidade e humildade, imitando seus verdadeiros servidores, trabalhar sem cessar segundo a pobreza, ser exata aos horários de regra para o despertar, ser mais breve com as visitas e mais religiosa, trabalhar para me humilhar, não falar nunca de mim, receber de joelhos as repreensões de meu superior, e somente lhe responder dentro da vontade de Deus com doçura e gravidade.

2º Dia

Na comunhão, eu me dei a Jesus, para perder nEle e para Ele todas as coisas, desejando me tornar com Ele vítima apresentada no templo por todas suas intenções e com a mesma plenitude de renúncia. Pedi para me tornar fiel e recusar toda satisfação que poderia ter com meus sentidos. Por isso 1º evitar toda alimentação delicada, todo pensamento para me cuidar fora da regra, a menos que peça a permissão a nosso Padre ou a minha orientadora espiritual⁵⁴, de forma que se me esquecer, eu siga a regra. 2º renunciar a minhas distrações e estar disposta a passar os recreios em silêncio interior, de forma que sofra menos vendo nosso Padre vir nesta hora ou me impor penitências. Vejo com clareza que, dando esse passo de dizer a Deus que não quero outra alegria senão em fazer sua vontade, eu me proponho muito, muito trabalho, mas quero esquecê-lo. Para começar por essas duas coisas pequenas, e acrescentando o desejo de fazer mais depois. O que percebi em seguida é quanto este único amor à vontade de Deus deve me deixar em paz, contente e unicamente atenta ao que faço em cada momento. E ainda quanto me falta de humildade e que nem sei mesmo o que é humildade.

3º Dia

Na comunhão recebi Jesus para que Ele seja o tudo de minha vida.

E já que nossa união de esposa com Ele, aqui na terra, consiste em encontrá-lo no que Ele fez, procurarei fazer suas ações e ter seus pensamentos. Num casal pobre, os dois trabalham, sofrem etc. assim Jesus rezou, trabalhou, sofreu, falou, orientou e eu sou chamada a fazer tudo isso com Ele, como sua esposa, como Ele o faria, e porque Ele o faria (isto me servirá sobretudo, para as mortificações e a direção das irmãs). — Pedi a Jesus para me dizer uma palavra que me sirva de norma: estas duas me vieram ao espírito: *Si quis vult venire post Me, abneget semetipsum, tollat crucem suam et sequatur Me* (Luc.9, 23). E também: *Estote ergo vos perfecti sicut pater vester caelestis* (Mat. 5,48).⁵⁵

A primeira expressa quanto devo separar-me de mim mesma, e combater tudo o que me prendia antes, e suportar meus sofrimentos em silêncio para seguir somente o Esposo. A segunda me pede entrar na vida de Jesus, pois Ele mesmo é esse Pai do qual devo expressar a doce e simples perfeição em minhas obras, manifestando sua

54. Ir. Térèse-Emmanuel.

55. *Se alguém quiser vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga. — Sede perfeitos como vosso Pai celeste.*

semelhança em todas as obras que faço, sem que, no entanto eu deva querer fazer todas as obras que Ele fez para serem imitadas pelos homens.

Ensine-me Senhor, a me esquecer, me aniquilar, a não contar para nada – a obedecer-lhe absolutamente, continuamente, sem refletir, sem tardar, nem resistir mas com inteira submissão como sua santa humanidade obedecia ao Verbo.

Ensine-me o que é dar-lhe minhas ações e entrar nas suas somente agindo por você, – como é mostrar sua presença em mim pela modéstia, na paz e regularidade e na atenção interior, sempre consultando-O e imitando

Depois, o que é sentir em si confusão da pouca semelhança real que tenho com você, humilhando-me diante daqueles que vêem você em nós e ainda mais diante daqueles que não O vêem em nós – Ensine-me o que é esse amor a toda humilhação que você sofreu por causa de meus pecados e que deve ser bem grande em meu coração, pois querendo imitar sua humanidade tão pura e unir-me a você, eu só lhe apresento um instrumento tão manchado no fundo, que essa impureza que é minha, deveria me dar um desprezo constante de todos meus movimentos e sentimentos.

*“Ut omnis operatio nostra a te cœpta, per te finiatur.”*⁵⁶

[Outra página de caderno, cujo início desapareceu. Estes parágrafos retomam o fim do segundo dia, conforme acima.]

... o quanto esse único apego à vontade de Deus deveria me deixar tranqüila, contente e unicamente atenta àquilo que faço em cada momento. Depois, vi muito que não tenho humildade e nem mesmo sei o que é, tanto que não sei como fazer, a não ser rezar e fazer o esforço de me calar sobre mim mesma.

N.168/01 [Continuação do nº 167.]

[Fevereiro de 1841]

3º Dia

A infelicidade que eu tive ontem de me impacientar contra meu superior, me fez compreender que eu deveria sair de sua presença quando sinto que estou ficando emocionada, e cortar em seguida toda reflexão sobre o que ele ou eu fizemos em situações como essa, proibindo-me de pensar nisso e de falar sobre. O apego a minha vontade, sobretudo quando me fixo nela, provoca essas dificuldades, tenho que fazer o esforço de quebrá-la. – Na comunhão recebi Jesus para que Ele seja o tudo de minha vida, prometi tê-lo sob meus olhos em pensamento o mais possível em minhas ações, e já que nossa união de esposa com Ele, aqui na terra, consiste em encontrá-lo no que Ele fez, procurarei fazer suas ações e ter seus pensamentos. Num casal pobre, os dois trabalham, sofrem etc. assim Jesus rezou, trabalhou, sofreu, falou, orientou e

56. A oração *Actiones quæsumus Domine*, do antigo Breviário. Hoje, oração de Laudes de segunda-feira da primeira semana: *Que todas as nossas ações, começadas em Ti, em Ti terminem.*

eu sou chamada a fazer tudo isso com Ele como sua Esposa, esse pensamento me servirá sobretudo, para e a direção dos outros e as mortificações, fazendo isso como Ele o faria e porque Ele o faria. – Pedi a Jesus para me dizer uma palavra que me sirva de norma: estas duas me vieram ao espírito: *Si quis vult venire post Me, abneget semetipsum, tollat crucem suam et sequatur Me.* (Luc.9, 23) E também: *Estote ergo vos perfecti sicut pater vester caelestis* (Mat. 5,48).⁵⁷ A primeira expressa quanto devo separar-me de mim mesma, e combater tudo o que me prendia antes, e suportar meus sofrimentos em silêncio para seguir somente o Esposo. A segunda me pede entrar na vida de Jesus, como já disse, pois Ele mesmo é esse Pai do qual devo mostrar a imagem e expressar a doce e simples perfeição em minhas obras, que todas as obras que faço mostrem sua semelhança, sem que, no entanto eu deva querer fazer todas as obras que Ele fez...

4º Dia Tudo pela glória de Deus segundo sua vontade.

Eu me ocupei muito da maneira como devo viver a semelhança com o Homem-Deus, e tive muita dificuldade de entrar nisso. – Acho que devo destruir generosamente todos meus sentimentos próprios, para entrar, em consideração à graça que faz habitar Deus em mim, na dependência na qual a humanidade santa se colocava junto ao Verbo. Renovar, efetuar sem cessar esta dependência que não me é natural como era para Jesus Cristo. – Assim, cobrir-me, continuamente com o véu de sua modéstia e mortificação, cumprir a Regra como Ele o faria, com os olhos fixos nEle, assumir suas intenções de glória a Deus, de submissão, sua humildade, suas disposições como pecador, pois Ele carregou nossas culpas. Eu, sou responsável pelas minhas culpas, e devo tanto mais me humilhar, e procurar purificar-me pela humilhação e o pesar, sabendo que é bem odioso obrigar o Verbo a servir-se de um instrumento sujo. A santíssima humanidade de Jesus era toda pura. –

5º Dia

muita dificuldade para rezar – Procurar entrar na oração de Jesus, oferecer suas disposições, aceitar o efeito dessas disposições contanto que Deus me mantenha, na vida e na morte, unida a meu Esposo. – Essas disposições me pareceram ser de zelo, amor, humildade, desprezo dos bens naturais, inteira submissão, adoração etc.

*Ut omnis operatio nostra a Te cœpta per Te finiatur – Ut vita Jesu manifestetur in carne nostra mortali*⁵⁸

6º Dia

Si quis venire post Me (Lc.9,23). *Estote ergo vos perfecti* (Mt.5,48).⁵⁹

Ensine-me Senhor o que é esquecer-me, aniquilar-me, não contar para nada –

– o que é obedecer-lhe absolutamente, continuamente, sem pensar, sem reflexão, sem tardar, sem resistência, mas com a inteira sujeição de sua santa humanidade ao Verbo.

57. *Se alguém quiser vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga. — Sede perfeitos como vosso Pai celeste.*

58. “Que todas nossas atividades tenham sua fonte em Ti e recebam de Ti seu acabamento.” Esta oração está na Liturgia das Horas, Laudes da segunda-feira da primeira semana. – ...a fim de que a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal (2 Cor 4,11).

59. *Se quereis me seguir. — Sede pois perfeitos.*

– o que é dar-lhe todas minhas ações e entrar nas suas não fazendo nada senão por você,

– o que é mostrar sua modéstia, gravidade, paz, doçura, regularidade e a atenção interior para O consultar e O imitar. – Depois, o que é suportar uma imensa confusão, por levá-lo comigo só em aparência e nos meus melhores momentos, de forma que seja profundamente humilhada diante de toda criatura que quer ver você em mim, e pior ainda, se há tão pouca semelhança que se esquecem de procurá-Lo.

– O que é, finalmente, a confusão e o amor de toda humilhação que você suportou por causa de meus pecados e que eu devo carregar com você, pois os meus pecados são meus, não são emprestados, de forma que esse fundo corrompido, enquanto eu começo a imitar sua humanidade muito pura desde o mais profundo, isso me leva a um desprezo constante de mim, de meus sentimentos e até do que posso fazer de melhor em aparência, este “eu” sendo sempre um fundo impuro e único do meu lado, a única coisa que posso me atribuir. Que esta confusão me torne abjeta ante meus superiores e de toda criatura. – Quero obter a graça de penetrar em tudo isto e de fazer disso minha contínua ocupação.

Depois do retiro

N.169/01

Sinto muita dificuldade em explicar-me e me apavoro de me compreender tão pouco. Apenas saio do retiro e tenho que renovar sem cessar, e a muito custo, o consentimento que dei a tanta coisa; encontro novamente sentimentos, desejos, antipatias, às quais Nosso Senhor ficaria indiferente e não as sentiria. Parece-me uma abstração e uma impossibilidade não me preocupar, nem guardá-las para ter somente os sentimentos que interessam a Jesus Cristo, e que Ele mesmo tem. Procurei rezar o Ofício como sendo o eco da voz de Jesus Cristo e repetindo ao Pai seus sentimentos, num total aniquilamento dos meus, que se perdem e se unem assim aos de Jesus, e desta maneira minha oração seja a de Jesus. – Tudo isto me custa e me parece escuro. Antes procurava fazer tudo por Nosso Senhor, caminhar diante dEle, – agora eu não deveria agir, mas deixar que Ele aja sozinho, não caminhar, mas para que Ele caminhe, destruir todos os movimentos, todos os sentimentos que Ele não faria em mim, enfim, não ser nada, agir sempre como instrumento, combatendo continuamente minha atividade própria, até nas coisas boas. – Logo depois, tive um medo mortal de entrar nesse abandono. Temo perder minha energia, e tendo quase sempre uma dificuldade interior ou exterior, eu me pergunto como as suportaria se somente tenho como segurança uma aceitação obscura à vontade de Deus conhecida.

N.169/01

Fevereiro de 1841 depois do Retiro

Tudo o que vi durante o Retiro, como abandono, como simplicidade, como passividade contínua entre as mãos de Deus, para fazer tudo pela sua glória, e segundo sua vontade, é ainda, para mim, algo muito obscuro. Eu o concebo rapidamente na oração, não concebo nenhuma outra coisa, mas o vejo como minha finalidade, minha meta, mas me faltam meios para realizá-lo. Todos meus defeitos aparecem como uma barreira, não sei o que fazer para agir com simplicidade, e na ação não dura nem um quarto de hora. Então duvido da necessidade de me esforçar; parece-me que as representações naturais que eu me fazia antes, por momentos, das ações de Nosso Senhor, para recolher minha imaginação ao longo do dia, eram bem

mais simples e mais fáceis, mesmo que, com ausência de gosto sensível, teriam se tornado um grande trabalho. Na incerteza, e aborrecida do que faço na oração, só penso em fazer minhas ações por espírito de dever, o que para mim é natural (conseqüência de minha educação), a tal ponto que nem penso em Deus para realizá-las. Então eu atuo de bom grado, com grande negligência interior e quando nosso Padre me diz de me ocupar somente do que faço, ele me anima a entrar nessa incredulidade, nesse desprezo da pureza interior, do princípio e toda ação, que é completamente contrário a meu atrativo, se é que é de Deus. – Mas esse atrativo não tem nada de sensível, como tinha antes; é mais como um centro ao redor do qual sou obrigada a rodar, vejo que tudo tem a ver com isso. Peço muito a Deus que me faça compreender, na prática, o que vejo na oração com tanta impotência e escuridão. Com freqüência, desesperada de não poder fazer o que sei que é o melhor, tomo, pelo menos, muitas resoluções particulares para minhas obrigações, e pode ser que dessa maneira, me habitue a fazer essas obrigações com minhas forças naturais, em lugar de realizá-las pelo meio que penso que Deus quer me dar e que me aniquilaria. Tudo isso é bem obscuro e essa escuridão é bem terrível para meu espírito: é por isso que me sinto tentada a afastá-la, mesmo sabendo que esse aniquilamento nas mãos de Deus é coerente com as luzes da fé. Conheço também, cada dia um pouco mais que os frutos de uma vida boa nascem de um coração fiel: e eu não tenho esses hábitos de severa regularidade que tanto desejo com toda minha alma, e que ficaria contente de tê-los.

Aliás devo confessar que não me empenhei suficientemente em tudo isso. – Na oração, o pensamento de Deus me alegra e me basta – Como gostaria de encontrar um meio para dar a Deus todo meu ser pois Ele tem direito de o possuir.

Eu me impaciento, às vezes, com nosso Padre, porque não me dirijo a ele como uma mediação de Deus. Essas impaciências são terríveis porque despertam um fundo de antipatia desdenhosa que é, acho, minha tendência natural mais violenta.

No entanto necessito usar às vezes de uma espécie de autoridade com o P. C[ombalot] – censurando-o um pouco obtenho algumas coisas e outras consigo com doçura.

Quando sinto tanta repugnância e impotência em cumprir minhas resoluções, gostaria de não ter percebido que Nosso Senhor deve ser o princípio de nosso Ser, e poder contentar-me de caminhar eu mesma para Ele e diante dEle como antes, sem lhe dar o fundo de todos meus sentimentos para não me preocupar de outra coisa senão de seus sentimentos e de deixar que só Ele aja em mim. Assim mesmo eu renovo meu consentimento, não encontro meio de cumpri-lo e tudo vira amargura e escuridão.

N.170/01

Março de 1841

Meu comportamento é humano demais, eu recorro a minhas forças naturais nas desavenças extremas e as dificuldades de nosso início de afastamento do P. C[ombalot]. Não me pacifico com as motivações de fé que tinha prometido tanto. Meu eu se mostra, age; se apropria esta obra. Oh! sinto que é um momento perigoso quando nos desligamos dos laços onde se tinha procurado um socorro contra si mesmo. O P. C[ombalot] me humilhava, me segurava com uma dependência contínua da vontade que podia voltar a cada minuto, ele me contrariava, me

reprendia, me fazia dobrar a cada instante, ou me castigava pela menor falta de obediência e de submissão, com longas reprovações ou com penitências humilhantes e severas. — Sei que quebrando a ligação interior com esta autoridade que me acompanhava nos menores detalhes, eu poderia progredir na virtude, habituando-me a buscar em tudo a vontade de Deus, em lugar de aceitar uma ordem humana, mas eu não fiz isso e temo que Deus não abençoe o futuro.—

Para mim é duro e difícil guardar sempre a liberdade interior que o P. C[ombalot] me devolveu; no entanto acho que é um dever. Nada mais estranho que o estado em que me encontro, sentindo dolorosamente um isolamento total do lado das criaturas, e também por causa da dor que encontro temendo sair desse isolamento. Apesar que às vezes tento encontrar um socorro humano, fico contente de não conseguir, pois me parece que seria faltar com Nosso Senhor. Faz seis semanas que estou quase sempre agitada como Marta, e junto com sofrimentos físicos e um mal-estar que me fazem perder muito tempo e faltar à mortificação. Minha querida Marie⁶⁰ reza por mim, mas também ela tem sido infiel. As outras, por vezes me esmagaram de desânimos e exigências, quando eu tinha colocado, infelizmente, toda minha paciência somente no exterior. — Nunca me senti tão irritada com os defeitos dos outros, nem tão impaciente com suas fragilidades, quase não tenho mais sentimentos de amor fraterno, o peso da obra, meu sentimento de isolamento, as inquietações pelo futuro, os assuntos materiais, cartas, visitas, sentimentos de irritação com n[osso] P[adre], que tenho muita dificuldade para dominar e que se apresentam quando eu pensava que os tinha vencido, a consciência de um estado de infidelidade para com Deus, sem fé, sem esperança divina, sem desejo, tudo me põe em uma angústia indescritível. Dirigir os outros é um martírio para mim, sobretudo quando estão perturbadas e que é necessário dar-lhes orientação com mais freqüência: não fica para mim nem um momento livre, de forma que me encontro vazia do que deveria dar aos outros. Ó meu Deus quando é que terei completamente retomado meu fôlego e não terei mais esse sentimento angustiante de não ser reta para com Deus? —

N.171/01

Abril de 1841

Ainda uma fonte de angustias para mim, é a oposição que sinto com freqüência, com as pessoas mais santas, pela sua maneira de compreender o cristianismo. As idéias pelas que eu entrei no cristianismo e que se aproximam muito das do P. Lac[ordaire],^{C.1501} me são tão inerentes que só poderia sacrificá-las exteriormente. Mas não sei expressar isso: nunca faço ver essa oposição e o choque que experimento não me faria agir de outra maneira diante de pessoas suficientemente esclarecidas e virtuosas mas que tivessem outra maneira de compreender.

Quando alguém compreende o que experimento na oração e me diz, sem me obrigar, que devo ceder a esse atrativo, meu amor próprio gostaria que eu não me fizesse compreender. Temo mortalmente responder a esse atrativo de abandono e de entrega total. Minha natureza treme, e uma vez feito o sacrifício, ainda deve ser refeito sempre. Sinto que é a morte de minha atividade inata, de minha personalidade, e até<sup>C.1501
C.1508</sup>

60. Provavelmente Ir. Térèse Emmanuel.

dessa energia natural que me resta de ordinário, como um último apoio para suportar as outras perdas. Mas neste caminho sei que não se trata mais de empregar esses meios e que a 1ª coisa que devo destruir são as voltas e os olhares sobre mim mesma que tenho continuamente. – Oh! Se olharmos um pouco para Deus com sinceridade, vemos que sua pureza não pode aceitar para seu serviço, nem mesmo nossas forças mais puras e que para trabalhar no templo de Deus, só podemos levar os materiais que Ele mesmo nos dará. – Mas sentir diante de si uma obra que deve ser feita e colocar-se no vazio de todos os meios que se tem, repudiá-los para esperar que não se vejam, nem se sintam, nem se conheçam, que não se tem nenhuma segurança em desenvolvê-los, nem mesmo uma segurança na obediência; se eu me enganasse fazendo isso, que seria de meus deveres, da obra, de minhas irmãs, de tudo o que pesa sobre mim com tanta gravidade e que mesmo a superexcitação de todos meus meios naturais não dão conta, e que todos meus esforços de energia não me bastam para completar as qualidades naturais que me faltam para realizar esta missão que jamais pensei dirigir senão em segundo lugar.⁶¹

Mas com de todos esses esforços, o que tenho feito puramente só por Deus? De que ousarei pedir em recompensa a Deus? Estou cheia de egoísmo, de covardia, de amor próprio, minhas melhores intenções sempre foram manchadas, me ocupo de tudo, e nada ainda foi feito por mim unicamente para Deus e eis por que tenho tanta dificuldade em entrar nesse despojamento, e precisamente eis por que tenho tanta necessidade desse despojamento. Quando penso que desde meu Retiro, ou talvez oito dias depois, evitei, quase continuamente, esse atrativo, que o afastei, tentei desviá-lo, queria jogar na lama esta natureza que não fez o que Deus lhe pedia e eu me irrito contra mim mesma com um soberano desprezo, desespero de mim e não sei como chegarei a fazer o que devo para me tornar tudo o que quero ser para Deus. Tenho tendência a todos os defeitos, e mesmo assim estou longe de ter um real desprezo de mim; o que mais temo é perder minhas forças naturais. Nas dificuldades, que não podem deixar de me atingir, parece-me que sentiria perder minha rigidez natural, esse deve ser com que tantas vezes brincaram, e ao que me agarro nos momentos mais penosos. Não sei se outros poderiam compreender, como eu, a que ponto isto é oposto ao abandono que Deus me pede. Pois bem! o que mais me assusta é nesses momentos de transtorno e angústia não ter mais segurança em mim, e me apoiar somente, como penso que deve ser, numa aceitação escura à vontade de Deus, que me escapará a cada instante. Poderiam me dizer que é prever demais, mas tenho sempre alguma preocupação interior ou exterior eu me seguro continuamente com a ajuda da resolução que tomei faz muito tempo: “olhar para onde vou em lugar de estar atenta ao que sofro”, palavra sempre me tocou muito e está mais de acordo com minhas disposições pessoais do que com aquilo que Deus me pede. – Ademais, até o presente, tenho que reconhecer, não adquiri quase nenhuma virtude em religião. É evidente, para mim, que para avançar devo aproveitar dos meios que Deus quer me dar e deixar os meus; sinto a perda de muitos socorros; mas Deus suprirá às circunstâncias exteriores, se sou fiel.

N.153/01

61. Desde antes da fundação, Maria Eugênia desejava que o cargo de superiora fosse confiado a uma outra irmã. Em fevereiro-março de 1839 pensou-se em uma viúva, Sra. Albert de la Ferronays, que o P. Combalot encontrou e que se interessava pela obra. Maria Eugênia escreve ao P. Combalot: “Vou pedir a Deus que o sr. ache bom o meu conselho de colocar tudo em seu nome e sob sua direção.” (C. 76 e C. 77). Essa senhora não entrou na Assunção. Depois, Maria Eugênia desejava deixar seu cargo a M. Térèse Emmanuel.

N.172/01

Maio de 1841

Nem ousou confessar a mim mesma o estado em que me deixou tudo quanto acaba de acontecer.⁶² Minha alma está tão triste que tenho necessidade de encorajamento, ao mesmo tempo pela Obra e por mim, mas tenho que renunciar a isso. Seja feita a vontade de Deus. Gostaria ter alguma esperança de ver o P. C[ombalot] sair da linha de absoluta separação que tomou. Eu não sabia que era capaz de experimentar o que sinto, choro como uma criança, e ao cabo de todas as ternuras do P. C., de minha rigidez, do desprendimento excessivo ao qual pensava ter chegado, percebo que eu amava muito mais a ele, do que ele me amava. Desde ontem busco como eu poderia ter evitado esta separação, o que eu poderia ter sacrificado para deixar-lhe a Superioridade e ao mesmo tempo manter a casa na regra. A acusação que me fez de meu caráter desdenhoso me pesa, e no entanto não consigo descobrir outra solução. O único que me consola é a doçura e a moderação que experimentei ao longo das últimas cenas. Eu me esforcei tanto, durante a tormenta, para ficar interiormente e exteriormente unida às disposições de Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, que o próprio P. C. me disse, dois dias antes, que eu não poderia ter sido melhor.

No entanto, quando rezo, choro ainda, e por aí vejo como sou mais frágil do que aparento e gostaria de ser.

N.173/01

Junho de 1841

Agora que estamos sozinhas frente à realidade e que não vivemos mais de ilusão como com o P. C[ombalot], tenho muitas vezes o coração bem apertado, mas procuro não mostrá-lo. As dificuldades de fora me absorvem. C.1571

Interiormente não faço o que deveria. Não me recuso, mas também não coopero. Não renuncio irrevogavelmente a mim mesma; gostaria que me pegassem e me quebrassem mil vezes em tudo, pois eu não tenho a força de fazê-lo eu mesma. Teria necessidade de mortificações para me habituar a fazer o que me custa e para penetrar meu espírito e meu corpo do dever que tenho de recusar as coisas de que gosto, mas sem a obediência, cedo a minha covardia, a minha repugnância, tanto maior quanto mais me abandono a elas, e desde que o Padre se foi não tenho feito nada sobre tudo isso.

[Última página do caderno, que tem ainda 5 folhas em branco]

N.174/01

Agosto de 1841

Você não conhece, Padre⁶³, esses atrativos, de certa maneira imperceptíveis, do Esposo, que atraem a uma simplicidade, a uma gravidade interior na qual parece que se encontra, pela primeira vez um sentimento de verdade, como se a alma, em tudo quanto faz ordinariamente, estivesse nas nuvens, e que ela tocasse por um instante a

62. As dificuldades que conduziram à ruptura com o P. Combalot dia 3 de maio de 1843.

63. Trata-se provavelmente do P. d'Alzon, que aceitou a direção espiritual de Maria Eugênia dia 16 de julho de 1841, depois da ruptura com o P. Combalot.

terra, ou que ordinariamente embriagada e louca sentisse o que é a razão. O nome que eu daria a esse estado, se não tivesse lido autores místicos, seria que são momentos de contemplação involuntária: mas o que dizem sob esse título não expressa o que quero dizer. Minha alma não se cala, ela diz uma ou duas palavras, que depois tenho dificuldade em me lembrar e que a encantam em certa maneira, por insignificantes que sejam; porque servem para a manter nesse estado, e lhes são um meio de aspirar por Deus. – Creio que uma vez era por esta palavra: *Dilectus meu mihi et ego illi*⁶⁴ palavra que não ousei tomar para meu anel, minha alma me dizia que um dia, no entanto, meu Esposo seria todo para mim e eu toda para Ele. Outra vez, ao pensar na morte, eram palavras de desejo de ver a Deus. – O dia de Santa Marta, esta palavra de sua vida *Magdalena assueta pedibus Domini*⁶⁵ me prendeu com os mesmos desejos e nas mesmas dores de ser tão infiel que temo não ter jamais outra parte senão a de Marta, apesar de que Nosso Senhor me tem dado graças para ser Maria mesmo na ação. Minha alma fala com Deus o tempo todo, repetindo sempre a mesma coisa; sinto, nesse estado a dor da maneira ruim com que faço as coisas boas. Todas minhas faltas de simplicidade, minhas distrações, reflexões, correrias, curiosidades, a atenção que dou ao que me custa ou ao que gosto, tudo isto me causa um grande remorso. Não sei como entro nesse estado, acho que as palavras que me tocam me fazem entrar facilmente, mas um só respiro me faz sair, e é quase a isto que aplicaria, se eu ousasse, esta palavra do Cântico: *Um só olhar teu me arrebatou*.⁶⁶

– E nesse estado, não posso impedir que as lágrimas caiam, mas tão serenamente que não se podem comparar com as outras vezes em que choro.

Acredito que não faço Oração quando estou assim querendo me ocupar das virtudes, dos mistérios etc., é verdade que essas últimas experiências ficam no meu espírito e me fazem tomar resoluções especiais, mas sobretudo imprimem na alma um certo desprendimento, um senso de Deus, um recolhimento todo particular, um amor íntimo, disposições novas no fundo da alma, disposições que me tornariam calma e simples se eu respondesse.

Eis tudo quanto posso dizer para submetê-lo à obediência; é contra esta luz interior e esta simplicidade que cometi faltas a respeito de...

[Falta a continuação]

N.174/02 [Os números 174/02 — 174/04 são escritas em vários momentos em pequenas folhas.]

30 de março de 1841 [A lápis.]

Minha grande resolução deste retiro é procurar viver de tal modo a vida de Jesus de uma comunhão a outra que acabe por merecer a comunhão quotidiana.

N.174/03 [A lápis e difícil de decifrar.]

Não pretender ser estimada, nem agradecida por nada do que tenho feito, mas somente por Deus. Não me espantar se o amor me pede para fazer outra coisa e

64. *Meu amado me pertence e eu pertenceo a ele* (Cant. 2,16).

65. *Madalena assídua aos pés do Senhor* (Cf. Luc.11,38-42). Maria Eugênia assimila Madalena a Maria, irmã de Marta.

66. Cântico dos Cânticos 4,9.

mostrar assim o que Ele pode nas pequenas como nas grandes. Pensar que o amor de Deus quer que eu pratique a humilhação, as pequenas práticas, e caminhe, sem refletir, com confiança nele, segurando sempre a sua mão.

N.174/04 [A tinta.]

Para a irmã da Casa de Repouso Santa Marta, Sra.d' Aiguebelles Rue de Vaugirard 60. falar a minhas irmãs da vontade de Deus em tudo quanto fazemos e da união amorosa que devemos a Ele.

da humilhação, paz, e desejo de contentar Deus fazendo sua vontade nas tentações, sem se espantar nem se irritar de ter o sentimento que só as recusamos por orgulho.

N.175/01

1841

Retiro de Profissão

6 de agosto

Não sei como estou hoje. Pela manhã experimentei a impressão de minha primeira comunhão, pensando nas graças que Deus me tem feito desde minha infância para me atrair a Ele. Não tenho o pesar de minhas faltas passadas, nem de meus defeitos atuais; me encontro bem perto de Deus, gostaria me perder nele, mas não ousou e penso mais em prestar contas da impressão de minha 1ª comunhão, do que me entregar a essa impressão, temendo que seja uma espécie de quietismo e algo que não me ajude a melhorar. Esta tarde pensei nas minhas últimas resoluções; parece-me que tenho fé, esperança e amor, não vejo nada a me reprovar, no entanto me faltam as virtudes que daí decorrem. Acho que devo sobretudo, vigiar minhas palavras e o amor de meu corpo. Mortificar meus sentidos e me calar, isto é o que mais me ajudará a praticar meus votos, mas tenho hoje pouca inclinação para a prática e prefiro gozar de Deus e perder-me silenciosamente nEle – no entanto não ousou: a cada instante da oração gostaria de fazer mais do que faço, vejo a hora passar com angústia, o tempo é curto demais mas não faço nada, nem entro em nada, porque temo fazer o que me atrai o que eu quero me impor, que seria: me decidir a vencer tal defeito, desprezar, combater tais disposições; ou ainda pensar no que Jesus Cristo poderia fazer em mim, mas para tudo isto não sinto gosto, e o faço pela metade, não estando certa se meu atrativo não deveria ser acompanhado e se não me daria força para tudo o mais. Estou abandonada, amo, espero, creio, e no entanto fico inerte, sem ação, sem horror de mim e sem ânimo para fazer nada. – Conforme meu gosto interior, só quereria na minha vida ocupar-me de Deus, sinto-me impotente para resolver algo, para prometer o fervor que têm direito de esperar de mim depois da profissão – esse estado interior me provoca repugnância para a ação pois não sei como conjugar as duas coisas – temo que seja o resultado da orientação à qual estou agora submetida.– O que me incomoda ainda é não rezar como eu gostaria e como acho que deveria ser, em torno de Jesus Cristo. O que me causa grande dor é a estima que tenho de mim que me custa, e acreditar mesmo, ainda que me desole em pensá-lo, e que eu chore por não ter sentimentos ruins sobre mim mesma.

Mais tarde pensei que Jesus me dava uma parte na sua milícia, assim como enviava os discípulos durante sua vida mortal ou depois da ressurreição, pensei em Marta encarregada por Ele de converter e trabalhar para Ele, pensei que aqui não existia

nenhum mal a não ser pelos defeitos de meu trabalho, e que tudo seria bom se eu fosse santa, e que ademais eu tinha sido enviada a pessoas que amam a Jesus Cristo para tomar o lugar dEle e que por isso devia estimar meu trabalho e que Jesus me pedia que me tornasse parecida com Ele pelos três votos, e que recebendo o nome e o estado de esposa, eu deveria estar unida à posição de Jesus diante de seu Pai: quer dizer, em obediência, em adoração, em amor, em entrega etc. – como o próprio Jesus, nas suas disposições e na submissão constante da santa Humanidade para com o Verbo. – Tudo isto me escapa e não se imprime de forma alguma em mim, e rezo para que Deus o realize, mas o fruto me escapa; não retiro outra coisa da minha oração senão a certeza de que Jesus me escutou. Por resolução geral prometi me mortificar e me calar, pois todas as minhas faltas vêm desses dois pontos, mas não possuo mais as resoluções que as considerações. Eu só me lembro delas colocando logo por escrito — tive vivos sentimentos de amor.

2º dia

Tive hoje de manhã uma grande alegria da extrema separação das criaturas em que Deus me colocou. Parece-me que não tenho mais ninguém, não sinto ter nem pai, nem irmão, nem amigos, nem filhas, nem irmãs, nem padre espiritual, nem nada. Tudo virou estranho para mim. Sinto mais dificuldade do que gosto em tudo isso, só percebo que tenho um laço com Deus, e de tal maneira que eu sentiria alegria de me liberar e que o aplicaria, pelo menos tão facilmente, a outros. O ato de minha profissão me dá o sentimento de uma solidão, como se eu fosse jogada no meio de um povo estrangeiro, assim como Marta podia se encontrar com as mulheres que Deus lhe havia dado por companheiras em Tarascon; se Maria foi ao deserto, pouco importa, contanto que o desígnio de Deus seja cumprido, uma outra será para mim igualmente boa. E ainda me sinto jogada no meio do mundo para ir de uma comunidade a outra, em pobreza, na incerteza do futuro, sem nenhum interesse, para entrar, sair, encontrar-me em todos os apuros da solidão. A única pessoa que me prestou socorro foi meu Diretor, que é, mesmo de longe, uma voz de Deus para me incentivar, e eu ficaria desolada se fosse outra coisa: porque sinto uma alegria soberana nessa solidão, mas uma alegria impossível de expressar. Então eu me acusei de ter tão pouca pureza interior e que estando tão desapegada pelo fundo, existe sempre algo de impuro na aplicação que me sinto obrigada a dar às criaturas.— Eu renunciaria, mudaria sem dificuldade, mas enquanto isso procuro distração, consolação, vaidade etc. Deus só não me conduz à pureza dessa pobreza. Queria não aceitar nada, mas sou como incapaz de me prometer de caminhar com pureza de sentimentos. Chorei então a impureza, a multiplicidade, as sinuosidades de meu próprio coração, suplicando a Deus que já que Ele o separou de toda tendência natural, Ele o oriente unicamente para Ele e o torne reto na sua presença em humildade e verdade – Eu o peço, mas sou incapaz de realizá-lo. – Sinto-me como uma luva atirada ao chão [= *recebendo um desafio*], que se contenta com ficar no chão, aceitando o desprezo, o despojamento que me fizeram, gostando de sua flexibilidade, não podendo utilizá-la para nada.

4º dia

Eis-me aqui, entregue a mim mesma, não me ocupei mais de todos esses atrativos, mas de minhas necessidades e meus pecados. – Pedi a Deus que reservasse para outros essas delicias de seu amor: isso não é para mim e me assusta. Tomo para mim imitar a vida de Jesus Cristo, que foi abandonado e não consolado, que sofreu e trabalhou.— Desejo levantar-me cada dia, como Ele, para fazer tudo quanto Ele teria

feito, cumprir a Regra e os regulamentos particulares que decidi diante dEle, fazer constantemente esforços medíocres, em lugar desses altos e baixos de uma impetuosidade inigualável e de um desleixo que fica aquém do esperado.– Tudo o que posso permitir a esses desejos do amor, é que me ajude a evitar as menores alegrias para que a força de meu coração não se perca em fagulhas e seja toda para meu Deus. –

O regulamento que quero seguir a fim de honrar em mim que estou unida a Jesus Cristo seu nível perfeito de caridade, quer dizer sua aplicação a todos os deveres, o de me levantar às 5h30, vestir-me rápido, unindo-me à oferenda de Jesus nos primeiros momentos do seu dia e rezar as orações.

5º dia

Mesma liberdade, mas também estou mais distraída por mim mesma. Pensava que Nosso Senhor às vezes me fazia invejar São João, mas que Ele me dizia como a São Pedro: *Tu vero sequere me*⁶⁷, que meu gosto iria às vezes pelos sentimentos de Madalena, mas que Marta era minha parte, contanto que tirasse daí a perturbação. Eu lamento um pouco isso, mas eu temeria mais ainda as santas loucuras de amor das almas contemplativas, tais como eu as pressentia. –

Decidi, depois de considerar muitas coisas aos pés do Senhor, suas misericórdias desde minha infância, a graça que vai me fazer, minhas obrigações etc. examinar-me cada dia sobre a obediência, pobreza e castidade, pensar bem que sacrifiquei meu corpo e quero cumprir a promessa de não ter nenhuma outra alegria senão na vontade do Pai, por uma observância regular que será toda minha alegria e afastando as ocasiões em que as criaturas me distraiam. Assim, as visitas que não são necessárias para a glória de Deus, vigiar-me nisso severamente para não me distrair com elas. Que eu pense em cumprir meus votos segundo a luz de Deus em simplicidade interior, e não com gracejos. Resolvi empregar minha oração da tarde para buscar os meios de aperfeiçoar minhas irmãs e os desígnios de Deus sobre elas.

[Seguem quatro páginas em branco.]

N.176/01

15 de agosto de 1841

Meu Senhor Jesus, quero escrever, somente para mim, o que você me fez pensar, esta manhã, em minha profissão; concede-me a graça de me lembrar. Eu dizia o Ofício alegrando-me da escolha de seus mandamentos, voltando-me para você pela oração de esperança e uma grande admiração. Durante a Missa procurei passar por cima de todas as idéias naturais para chegar a Jesus de Nazaré, a Jesus saindo do seio de sua Mãe no estábulo, a Jesus pobre operário submisso a José, a Jesus pregando na Judéia, a Jesus na cruz na hora em que o mundo não conhecia o valor da Cruz. Esse é o esposo que desejo e que me é dado, e Ele me diz: Tu sabes o que é minha vida: sabes que minha pobreza é dura, que falta tudo, que não tem nenhuma doçura, nenhum bem-estar em nenhum momento e em coisa alguma? Sabes que, em minha casa de operário, trabalha-se além das forças; sofre-se, falta o necessário, dorme-se pouco, não se tem tempo para si mesmo, nem alimentação, nem remédios para suas necessidades? Sabes que a pobreza é uma canga que domina a todos e que afasta até

67. *Tu, porém, segue-me* (Jo 21,21).

os socorros espirituais? – É esmola, se alguém dá atenção à mulher do pobre em suas penas e necessidades: ela se torna um peso se se queixa. Sabes que sou ciumento? E que para ser minha, deve-se agradar somente em Mim, sem mesmo Eu estar presente? Que todos teus sentidos não devem se satisfazer em nada? Que não deverás nunca ver, escutar, saborear a não ser minha vida quando eu conceder essa graça. Mas o voto que você vai fazer exige que se purifique do menor prazer, para que Eu não te surpreenda em alguma satisfação que seja contra meu ciúme. Quero teus olhos baixos fora de minha casa, tua boca muda, teus ouvidos fechados ou pelo menos que segundo a alma eles estejam fechados quando alguma circunstância exterior te faça prestar atenção em uma coisa criada.

Sabes o que é minha obediência a todos, os que me compreendiam, ou que não me compreendiam, que ignoravam, que não queriam meu bem, a toda hora, sempre, em todas as coisas. Tu te submetes comigo, a meu Pai, a Maria e a José, e a quem quiser mandar com legítima autoridade eclesiástica?

Sabes que eu era conduzido a contrapelo, abaixo de minhas luzes, em coisas sem beleza, sem justiça a meus olhos, irás tu até a Cruz, sem a recusar quando a quiserem colocar sobre ti? Tu vês meu abandono, meu sacrifício, meus sofrimentos, tu queres tudo isso? Mas, tu o queres, para o viver sem que tenham que te forçar, sem cessar, em todas as coisas? Para que nesta casa interior onde te chamo, sejas pobre, despojada, trabalhando, porque estamos em Nazaré, enquanto um movimento te basta para estar à vontade, sem nem mesmo escandalizar? para que sem mesmo ver meu ciúme, sem que Eu te afaste por não ter recusado até o menor prazer natural, como digo, para te desviar deles sem cessar, e mesmo te deixando livre no meio do mundo, te manter escrava da privação de toda a vida dos sentidos e da vaidade, fechar interiormente os olhos e o prazer em todas as coisas, abrindo-os somente para Mim, que Eu me faça sentir e ver ou não? fechando-te enfim na casa interior. Enfim, sem que Eu te incentive, renunciar sem cessar a tua vontade, obedecer a todos, abraçar a contradição com alegria etc.

Então, é tudo isso que tu vais prometer, cumprir a regra sem ser severa em exigí-la. – Meu coração sente, diante disso grande remorso pela negligência em pequenas coisas, pequenas faltas de mortificação, faltas ao silêncio, à regra etc.

Aquele que se apresenta é escolhido entre mil. É o único necessário de minha alma. Ó como ele tem razão de me falar assim. Agora que eu o abracei, tenho que responder a sua luz, e nunca mais faltar às leis desta casa, da qual me tornei servidora, pois uma falta me coloca fora, e como esposa, afastado, ofendo meu Esposo.—

O sacrifício de Jesus, no altar, me é oferecido para resgatar as outras sujeiras que me restam e deveriam afastá-las, mesmo que eu não estivesse em falta. Mas, para isso a fé me é oferecida, não tenho desculpa, e por uma humilde fidelidade em guardar a graça de ter sido admitida, sem ainda ter observado as leis da casa. Eu te prometo, Senhor, viver agora segundo Nazaré e fazer desta casa um Nazaré.—

N.176/02 [Bilhete escrito a lápis, Sem data.]

Se devo caminhar para uma vida de oração e de união completa a Nosso Senhor, somente poderei chegar por uma vida de sacrifício, de grandes esforços sobre mim

mesma, sincera humildade para com Ele, meu próximo e para comigo mesma fazendo todas as mortificações que me permita minha saúde.

o esforço para viver recolhida, falar menos, sobretudo com as pessoas de fora, e adquirir um modo de ser religioso que desejo também das outras.

se necessito ser empurrada, forçada para caminhar assim se ele o quer, devo me revestir de humilde submissão

se é, para mim, uma necessidade renunciar a meu conforto, a minhas distrações, aceitar a separação das coisas criadas e fazer coisas que somente me ferem a mim mesma

se é a essa pureza que devo tender pela destruição de minhas imperfeições, aceitando suavemente as conseqüências, e à bondade, procurando tê-la de modo sobrenatural e constante.

se é verdade que devo amar a solidão e o silêncio, e no entanto me entregar ao trabalho e ao próximo.

que devo me corrigir de ser impaciente e severa em meus julgamentos e ao mesmo tempo devo manter mais firmemente a perfeição religiosa nas coisas e pessoas.

N.177/01- [Texto escrito no dorso de uma carta dirigida a Maria Eugênia no dia 27 de setembro de 1841 por M. Ferrand de Missol.]

Temo algumas vezes ser *sine affectione*⁶⁸ e no entanto trabalhei nisso toda a minha vida, esforçando-me muito para me manter livre de consolações, de afeição, e temo não ter feito isso somente por causa de Nosso Senhor, mas por ufanía e independência.

Talvez eu tenha tratado meus sentimentos com dureza demais, por vingança do império extremo que poderiam tomar sobre mim, ralhando-me a mim mesma de uma maneira que faz mal e que eu quero que você saiba, porque é ao mesmo tempo ironia, indiferença, uma espécie de resignação fatal, com soberano desprezo pelas coisas que provocam minha dor, tanto quanto de minha dor mesmo. Gostaria de poder deixar tudo de lado... no entanto, para dizer a verdade, os gestos de benevolência me fazem muito bem do lado de Deus, me sinto muito mais comovida, do que com a dor e quando tenho o coração menos seco do que o tenho agora; naturalmente, isso abre meu caminho para Deus, me tornando em seguida menos rígida, mais simples e mais humilde, eu diria até mais criança. Os obstáculos desenvolvem demais, em mim, a energia, e a natureza lutadora (mas será que você compreende o que eu digo [?]).

Sinto por vezes, agora, um desejo imperceptível, imenso na sua fonte, de ter certeza do amor de Jesus Cristo ou somente de escutar falar dele: parece-me que um nada me abriria a porta, me faria entrar nesta união de amor, no entanto não encontro a saída,^{C.1550} e então me digo a mim mesma, a respeito de meu confessor: como o que ele me diz me fecha, tenho que deixá-lo de lado e caminhar. Tenho agora tentações de incredulidade, não concretas sobre tal ponto ou outro, mas generalizadas e que partem de um certo mal estar de meu espírito. Reconheceria sem duvidar que estou louca e que todo o mundo aqui na terra é louco, que somos o joguete de uma vertigem, e que não se pode tomar nada a sério, isto seria bem representado por

68. *Sem afeição* (Rom 1,31).

Fausto⁶⁹ apesar de que tudo isto não me vem dele. Eu me digo: por que querer agir? Aqui na terra tudo se faz com meios que eu desprezo. Se Deus quer agir, Ele agirá sem mim, nunca me expressou sua vontade. Por que não ficar em paz ocupando-me somente de minha salvação, e dando-me pouco trabalho por esta Obra. – De fato, fui um pouco negligente de um tempo para cá, e desanimada pela Obra, e empreguei mais tempo para mim do que em ajudar ao que pode lhe obter sucesso.

———*Expectans expectavi Dominum et non intendit mihi.*⁷⁰ Depois da confissão.

N.178/01 [Folhas duplas de caderno.]

[Agosto ou setembro de 1841: data suposta, segundo a data da nota seguinte, escrita na mesma folha.]

Posso facilmente me ocupar ~~em meus retiros~~ da lembrança de tudo quanto Deus tem feito por mim, desde minha infância. Referindo-me às graças tão suaves que recebi dele, na minha 1ª comunhão, ao participar da Eucaristia, em minhas confissões e comunhões, mesmo quando eu era tão pouco piedosa, mais tarde na minha confirmação, esses sentimentos se renovam em minha alma, e eu poderia me ocupar deles por muito tempo e suavemente, mas me apavoro de ~~passar meu tempo em renovar~~ sentimentos que não me fazem melhorar na prática, e não impedem nem meus desejos de agradar, nem minha negligência nos deveres religiosos, nem todos os meus defeitos, visto que os esqueço logo em seguida.⁷¹ É por isso que na oração me aplico com força a pensar na ação. Mas é um trabalho que nem sempre consigo fazer, enquanto esses sentimentos que me fazem esquecer as coisas da terra, me ocupam facilmente, desde que não os impeça.

O que me parece suspeito é que, nesse amor de doçura, não sinto nenhum temor nem impedimento produzido pela santidade de Deus, não me sinto perturbada pela oposição de minhas ações com a sua pureza, não tenho inquietação nenhuma, mergulho num abandono tranqüilo, e tão confiante que é quase garantido.

Quando fiz minha 1ª comunhão, sozinha e sem a preparação normal, senti tão profundamente como jamais voltei a sentir, uma separação silenciosa de tudo quanto eu amava, para entrar, sozinha, na imensidão dAquele que eu possuía pela primeira vez. Essas coisas não se podem transmitir e não compreendo como eu sentia tanta alegria, pois eu tinha por minha mãe um culto tal, que no meu raciocínio de criança pensava que ela não poderia morrer! E que, mais tarde, sua morte me deixou em tal estado que eu não sabia em que eu poderia me interessar neste mundo. No momento em que recebi Jesus Cristo pareceu-me que tudo o que tinha visto aqui na terra, inclusive minha mãe, era como uma sombra passageira, uma aparência da qual eu me afastaria completamente e que, na verdade eu tinha mais laços com esses sacerdotes desconhecidos, com as pessoas que estavam nessa Igreja, onde eu não ia nunca, do que os laços que tinha com minha família e com tudo o que habitualmente tinha em torno de mim. Parecia-me que meus olhos se fechavam a tudo quanto eu conhecia e

69. Personagem de várias obras literárias e musicais, que vende sua alma ao diabo em troca de saber e dinheiro.

70. *Esperei o Senhor com grande esperança, e Ele não me ouviu.* (Sl 39, 2). Maria Eugênia introduz a negação, quando o texto da Vulgata diz: *e Ele me ouviu, escutou minha oração*. Explica numa carta: “...eu tinha o espírito cheio dessa palavra do salmo: *Expectans expectavi Dominum*, mas terminava dizendo: *et non intendit mihi*. C. 1550 de 1841.

71. Nas cinco primeiras linhas há um texto intercalado, escrito entre as linhas; é difícil integrá-lo à redação. Cf. texto francês. (N.T.)

se abriam para Aquele que era tudo para mim. E esses laços de apego, tão grandes na infância, que nos ligam até aos lugares, não era mais que uma relação que devia terminar, com todas as coisas às quais meu coração estava ligado. Perdida em meu Deus, meu espírito esquecia todo o resto, sem experimentar o mínimo pesar, como se não houvesse jamais existido. E com toda certeza, nesta impressão, que não foi longa, eu não via, não escutava mais nada, não sentia nenhuma presença senão a de Deus, cuja imensidade parecia suspender e absorver todas minhas potências.—

Quanto mais tempo passa, mais me espanto desse sentimento que deixou, no momento, tão pouco rastro, mas que se realizou tão completamente. Apenas vejo, hoje, alguma pessoa que conheci na minha infância, família, posição, casa, tudo mudou, só tenho por mãe a Santa Igreja, por quem então eu tinha tão pouco amor, e os únicos laços que têm para mim algum valor são os que contrai em seu seio.

Eu me espanto tanto mais que, naquela época, eu rezava só de vez em quando alguma oração, que já havia sido incrédula, que nesse momento comecei a me tornar independente de minha mãe, por quem eu via tudo, e cuja palavra era dogma de fé para mim – e que longe de sofrer com isso, a única impressão que ficou, nesse momento, foi uma grande consolação, aliás, eu voltei a minha vida habitual sem me preocupar por me ter sentido afastada dela. Pensava que devia ser o efeito da comunhão, pois nesse momento a presença a Deus é mais forte do que a si mesma. De fato, creio que nunca me faltou, cada vez que comunguei, essa impressão de dom recíproco entre Deus e a pessoa, pois sempre que me aproximei da confissão ou da comunhão senti uma emoção muito profunda e sempre durante a ação de graças Deus era tudo para mim e tudo o que não era Ele se tornava estranho a minha alma.

Agora, se me deixo ir a esses sentimentos, parece-me que tenho, pelo despojamento de tudo o que então me rodeava, uma posse contínua dos sentimentos que experimentei durante o tempo da comunhão. Deus se tornou tudo para mim, não tenho nada fora dEle: será que posso passar minha oração, ou meus retiros nesse gozo? Será que basta? Parece-me que poderia passar aí a eternidade, mas devo trabalhar para Deus, tenho que purificar minha alma na sua presença. Ainda não sou toda sua, nem sobretudo digna de sê-lo. É bom ou ruim fixar minha atenção nessas últimas coisas, em lugar de me fixar nessa possessão que excita meu amor, que desprende, e que pode, não sei, fortalecer a alma para fazer as obras às quais temo não me dedicar suficientemente quando experimento esse gozo.

Quando me sinto liberada de ter que falar aos outros, pregar-lhes, sustentá-los, sinto naturalmente imensa alegria. Estar de retiro com alguns livros, rezar, escrever o que sinto, é demasiado prazer natural.

N.178/02 [Fim da quarta folha da nota precedente.]

Retiro do mês Festa de São Januário – 24 de setembro de 1841

Reconheci em tudo quanto disse à pessoa que me ajuda⁷² e depois diante de Deus que o que me retém é um amor extremo de meu ser intelectual, de minha perfeição como possuída por mim. Cessar de me olhar, de me conhecer, de me analisar, ignorar meus movimentos naturais é algo que me repugna. Por isso minha franqueza não é sempre e até com frequência mesmo, é o contrário dessa simplicidade que Deus me pede.

72. Provavelmente Ir. Térèse Emmanuel.

Compreendi que eu era como um *Warnicht*⁷³ intelectual, me contemplando e me absorvendo à vontade nessa contemplação. Que vergonha! E quanto tempo perdido a me reler, a falar de mim, a escrever sobre mim, a fazer que falem de mim etc. Tenho que acabar com isso jogando o fundo desse ser no esquecimento, no desprezo, para olhar somente a Jesus Cristo; as resoluções de meu primeiro retiro me ajudarão.

Tomo por prática especial, para este mês, me calar, fazer trabalhos penosos, fazer tudo em dependência de Jesus Cristo e não para desenvolver minha força, não falar de mim mesma e somente escrever diante de Deus, enfim, esforçar-me por ter um espírito sério, segundo o que Deus me mostre ser necessário para ter esse espírito. As pequenas leviandades, zombarias me afastam do espírito de Deus, devo falar com gravidade, respeito e bastante pouco de tudo o que, em mim, se refere ao serviço de Deus, de meus Diretores, Superiores, cartas etc.

N.179/01 [Folha simples de caderno, escrita no reto e quatro linhas no verso.]

21 de dezembro de 1841

Senhor, já que você colocou perto de uma pobre alma infiel como eu e sob sua orientação, uma alma na qual não posso deixar de ver uma de suas Esposas mais queridas, dê-me agora sua graça para expressar o que você me deixou conhecer desta alma para o consolo e encorajamento daquelas que podem passar pelo mesmo caminho de provas, e para a instrução daquelas que poderiam se apavorar e fugir, o que acredito, no entanto que sua bondade não permitirá nunca; pois apesar da indignidade das Mestras e dos Superiores, você lhes dará, sem dúvida por amor para com a alma fiel, as graças de confiança e de luz que você não me tem recusado quando minha irmã teve necessidade de encontrá-las em mim. Eu me reprovo de não ter sido mais exata em escrever o que a humildade e a confiança de minha irmã me faziam saber, dia a dia, de suas disposições. Quero fazê-lo agora para sua glória, meu Deus: abençoa meu desejo de fazer isso sem misturar nada de meu espírito, faça que todo o tempo que empregarei nisso, sirva para a santificação de minhas irmãs, para que eu deseje conservar as luzes que você dá a essa alma generosa; ajude minha memória afim que eu possa expressar fielmente tudo quanto vi nestes três anos, de sofrimentos, dificuldades, esforços, quedas mesmo momentâneas desta alma, defeitos que venceu quase completamente, graças que recebeu e virtudes que laboriosamente adquiriu.

Quando conheci minha Irmã Th[érèse] Em[Manuel] faz dois anos e meio...

N.180/01 [Três folhas arrancadas de um caderno, escritas reto e verso.]

21 de dezembro de 1841

C.1571 Vi esta manhã Ir. Thérèse Emmanuel, estava mais tranqüila depois de ter aceitado, sem reserva, a dor e a expiação de todas as faltas que, esta alma inocente sente, como se ela estivesse coberta de todo esse mal, ou melhor, para falar uma linguagem de fé, porque ela tem a luz de Deus para conhecer o pecado contínuo que existe quando não se obedece a Deus, como é verdade que ela não obedeceu sempre, e para conhecer também, que fomos manchados em Adão, somos pecado no mais profundo de nós

73. Palavra em alemão, em caracteres góticos, indecifrável.

mesmos, todos levamos e temos todas as inclinações para o pecado. Ela sentiu isso na confissão geral de tal maneira que não podia se contentar com acusar os pecados, pois isto seria supor que o pecado teria terminado; que faria somente atos isolados; mas na realidade o pecado reinava nela com uma influência contínua, e tudo quanto saía dela estava imbuído de malignidade. E acrescentava: não posso conceber que pequei tanto. – Ela pensava até que deveria deixar esta Congregação que era constituída por virgens. Não me disse isto claramente, mas quando lhe perguntei se ela não se achou demasiado manchada para pertencer a Assunção e se ela não desejava entrar numa congregação de pecadoras penitentes como Madalena, ela não ousou negá-lo. Mas acrescentou que quando este pensamento lhe vinha na cabeça, sofria muito (sem dúvida um pouco também por me ver sofrer e porque com freqüência lhe disse que necessitávamos dela); mas ela não podia resistir, e se sentia obrigada a não fazer nenhuma reflexão contra, nem oposição, caso fosse isso vontade de Deus. Sentiu-se muito consolada com a orientação do confessor⁷⁴ pois ele lhe assegurou que devia ficar na Assunção e que todo esse sofrimento lhe atraía grandes graças de Deus e que é chamada a uma grande santidade, etc. Também lhe falou que Deus a levou a sério e que pode ser que terá ainda que sofrer mais e que somente existirá seriedade entre ela e Deus. – Ela recebe com perfeita simplicidade e humildade tudo quanto se fala com ela das graças de Deus, dos desígnios de Deus sobre ela etc. sem a menor volta de satisfação própria, nem vergonha pensando que essas coisas aumentam nossa estima. Ela tem essa pureza, – digo isto para o consolo das pessoas que se amam em Deus – e nenhum remorso de nossa mútua afeição, ao contrário se inquieta de meu progresso, de minhas dificuldades com grande compaixão, de minhas faltas com paciência, de meus atrativos com vivo desejo que me entregue. Pensa, como eu, que Jesus Cristo é nosso laço de união e que, mesmo se não podemos nos separar em Deus, quando uma fique para trás, será uma dor tão viva e tão justa para a outra, que fará com que sua oração se torne um incentivo e a leve para a frente. Quando me falando dela, me percebeu triste e abatida, ela parou inquietando-se de minha dor, e me pedindo para não ser tão severa comigo mesma, mas doce e acredite que minha dor é simplesmente dor e não pensar sempre que são faltas e defeitos por ter pouca virtude e coragem. Ela é muito doce e suave para aliviar os outros, o que é bem contrário a suas disposições naturais, e isso só pode vir de Jesus Cristo. Também ela julga favoravelmente o que eu sou, não por falta de lucidez mas sendo sua superiora, não ousou lhe confidenciar tudo o que poderia diminuir a confiança que ela tem de que Jesus Cristo está sempre comigo.

7 de janeiro de 1842 – Eu a vi várias vezes. Ela sentiu repugnância em escrever para seu confessor a cópia de várias visões e sentimentos que tinha experimentado, para que ele refletisse diante de Deus e pudesse orientá-la melhor. Para ela era entregar o fundo de sua alma e para ser conduzida, quer dizer, que uma mão venha apossar-se de todas essas coisas tão íntimas: no entanto ela escreveu tudo e o entregou ao Padre. É normal para as pessoas que Deus conduz temer muito que uma orientação humana disponha outras coisas segundo sua maneira de ver e não segundo o que Deus pede. Elas devem guardar a liberdade de espírito comunicando-se a vários orientadores, se a molestassem, mas nela havia apenas aborrecimento, pois até agora ela foi compreendida. Aliás, ela se dirige somente às pessoas que lhe são propostas, porque lhe são dadas, sem procurar outras. Ontem me falou de uma alternativa de sofrimento

74. Nesse tempo, o padre Le Saint, capelão das carmelitas, era o confessor da comunidade. Seria também de ir. Térèse Emmanuel?

e de descanso. Alegria de ver que a educação que se dá aqui realiza o que nós tínhamos desejado, ver que as mestras passam para as alunas o espírito cristão, enquanto nós pensávamos que não o tinham suficientemente nem para elas mesmas, por falta de renúncia; quanto a seus sofrimentos, embora momentâneos, que começavam tão fortes quanto antes e varias vezes teve que se resignar diante de seus sofrimentos mais duros: alguns sentimentos da parte de Deus. – No dia da Circuncisão especialmente, durante [a leitura] do sermão de Bossuet teve impressões sobre a santidade de Deus: uma separação de tudo quanto não é Ele, e quanto a ela, que é chamada a ser santa, quer dizer, a separar-se de tudo o que não é Deus. – Isso é verdade, ela deve, em tudo, aderir ao que tem de Deus em cada coisa, de forma que no trabalho, na atividade, só existe para ela uma serena aderência à vontade de Deus, e Deus se serve dela para que na multidão de coisas que faz, ela seja uma com Deus, sob a sua mão. Este é o remédio, como ela reconhece, diante do sofrimento que teve por se impacientar diante da miséria e da lentidão dos outros. Disse-me que ela se sente obrigada, há algum tempo, a colocar-se sob o fardo dos sofrimentos que vê nas irmãs e, esquecendo-se de si mesma, rezar continuamente por isso. Quando os sofrimentos dos outros não são razoáveis, é incrível como isso é pesado. Por isso ela se sentiu impaciente e desanimada diante das crianças daquelas das quais está encarregada, e da pobre Irmã Marie Jos[èphe]. – Ela confessou que o que tornava difícil ocupar-se delas em união com o desejo de Deus, é que essas pessoas inquietas e desatentas fazem elas mesmas todo o movimento interior e seus sofrimentos não vêm de Deus, mas delas mesmas. Também ela disse que se não é Deus que age na pessoa que sofre e que queremos ajudar, Ele então sofre de vê-la numa atividade infeliz, e que dessa maneira podemos nos unir a sua paciência e a sua serenidade para conseguir recolocar essa alma numa opção de fé, para que não fique numa inversão deplorável das coisas, onde Deus é que sofre e a alma se agita e se anima. – Essa maneira de ver convém eminentemente a seu atrativo, eu não sei expressá-las. Também experimentava uma atração de amor bem forte olhando sua aliança e percebendo que ela era esposa. O *Sanctus*, *San[ctus]* que é a divisa de seu anel, a incentivava a ser santa. Nunca tinha gostado tanto de seu anel, como agora, mas que esse atrativo de amor é acompanhado de dor, ao perceber a distância entre os dois extremos[:] Deus e ela. Pensou também, que poderia sentir uma grande dor por não poder morrer e depois de ter feito tudo quanto podia para morrer a si mesma, sentir entre Deus e ela este obstáculo da vida. Perguntei se ela se ocupava do desejo de morrer; mas não até agora, porque se por um lado a vida está aí e me separa de Deus; por outro, na morte o pecado a separaria. – Quanto à mortificação, ela é fiel, e se acusa como uma grande falta não ter colocado absinto na comida, num dia de festa em que a comunidade teve uma refeição melhor. Pegou uma roupa que cheirava mal e lhe repugnava muito, e me perguntou se esse odor poderia passar para ela, o que poderia molestar as outras e me pediu para não responder para poupá-la, como ela sabe que não faço com ela. Ante-ontem ela caiu a ponto de se fazer uma entorse nas mãos e não dizia uma palavra até que o percebemos. Hoje vendo-me aflita, me disse que teve uma enorme consolação de pensar que pelo menos ela me estava muito unida como ninguém poderia estar e que podia contar com ela e encontrar apoio na sua afeição e em nossa união em Nosso Senhor. – Era a respeito de uma irmã muito doente⁷⁵ e que eu temia perder e ficaria sem ela para o trabalho da Obra.

75. Provavelmente Ir. Marie Josèphe, que entrou em 1840 e faleceu dia 29 de junho de 1843.

Gosto de falar isto porque por vezes pensam que a virtude exclui a união com outras pessoas, mas quanto mais esta irmã avança, mais a encontro apta para me sustentar em tudo quanto é o serviço de Nosso Senhor e a me consolar nas fragilidades ou nos desgostos que me impediriam este serviço. É verdade que não desejamos outra coisa e não queremos outra união senão a de Jesus Cristo e de sua Cruz, e encorajar-nos a carregá-la melhor cada dia, firme e suavemente. O que existe de mais interessante é que eu a incentivo para ser corajosa e ela me prega a suavidade, enquanto ela é a mais corajosa e eu a mais frágil.

N.181/01 [Conjunto de seis folhas de caderno.]

1842

Janeiro 24 e 25 – Perco minha individualidade de forma a me fazer sentir como uma privação obscura de mim mesma, em todas as coisas que procuro fazer. Faço o que tenho que fazer, sem minha alma, de alguma maneira, quer dizer, menos suas vontades, seus sentimentos, seus desejos etc. e acho que faço tão pouco caso dela tanto na ação como na inação, que não tomo conhecimento nem a favor nem contra. Pela falta de reflexão escapo da memória do que estava no meu espírito um momento antes, e sem pensar no que tenho que prever para o momento seguinte. Sofro por pedaços, de uma maneira recortada, uma dor e um mal estar em tudo, sem procurar nada além da impressão, ou parar por um instante a continuar o que tenho que fazer com uma fidelidade mesmo surda. Em lugar de sentimentos, vontades etc. que nem olho, parece-me que ofereço os que pertencem a Jesus Cristo de forma que Ele é minha alma ou melhor, pertencem a Ele os sentimentos, vontades que eu ofereço sem participar deles.

Não refletir sobre nada, suportar um peso de dor que arrasa a ação, não parar para a examinar ou mesmo vê-la, ir assim mesmo a outras ações e deveres com outras intenções e vontades, dissimulando o que tenho realmente em minha alma, e mostrar tão pouco exteriormente os sinais disso que exteriormente pareço mais livre e desprendida que nunca, isso me faz gritar para Deus, algumas vezes, com angústia mas com resignação. Esta necessidade de avançar sempre se torna pesada para mim sobretudo no fim do dia. Deito sem ter tido nem um momento para mim, estranha a tudo o que se passava em minha alma. A falta de apôio, de desejo de apôio, de ter outra disposição a não ser a pura aceitação, e a surda renúncia ao que sinto em cada momento é dolorosamente obscuro; mas não paro mais em minha dor do que em meu prazer: acima de uma e do outro não me repouso em Deus, mas me apôio nEle – É como se eu emprestasse a alma de cada pessoa para agir segundo seu desejo, dirigindo umas, consolando outras, dobrando-me a toda vontade, e cedendo em tudo, sem mesmo consultar, para poder renunciar ao sentimento que posso ter em relação a tudo isto.

25 de jan[eiro] em Matinas – de um Mártir.– Eu pedia a Jesus como queria me unir aos mártires e me veio ao espírito que Ele era o *Rex martyrum*, rei do sofrimento, tendo-o dominado e que eu devia ser sua esposa. Eu não ousei parar nem um instante mais nas dores que eu sofria; ou interromper pela menor atenção a mim mesma o louvor que eu oferecia a Deus com as palavras da Igreja. Ao final do ofício fui ajudada por uma luzinha: que eu carrego a cruz de Jesus com Ele. – Depois, sentindo-me um pouco mais forte no sofrimento, parecia-me que Jesus me dizia: Eu vou te apresentar agora, a cruz nua em todas as coisas, tu me verás e tu a aceitarás

para me encontrar como um meio de união comigo, para ser esposa, para partilhar comigo. Esta palavra cruz não é uma palavra vazia.

Também pensei que a separação que Jesus quer fazer em mim, há de fazer-se pela pura e simples aceitação de tudo quanto Ele me envia, com a finalidade de separação de mim mesma em mim, e de mim nos outros.

26 de jan[eiro]. Na Missa aceitei a cruz de Jesus, Ele me mostrava que eu devia encontrar a união íntima com Ele na cruz, e no esquecimento de mim mesma que experimentarei na ação. – Também compreendi que agora, como esposa, devia agradar unicamente a meu Esposo; assim na ação devia encontrar única e simplesmente a sua vontade, sem dar atenção ao que sinto em mim, nem ao que outros podem sentir através de mim, mas unicamente prestar atenção ao que Ele quer de mim, seja sofrimento ou escuridão.

Gostaria ter um descanso para curtir minha dor mas não devo tomá-lo. Tudo se segue: a oração, o trabalho, o encontro comunitário, há lugar para tudo menos para mim. Eu me devo às minhas irmãs, a Deus, ao trabalho, à leitura e não me encontro em nada; algumas vezes as lágrimas sobem a meus olhos, e não as deixo cair, os pensamentos, reflexões entram no meu espírito e me afasto deles, mas todo meu corpo treme com uma perturbação que desconheço. Se encontro um momento livre, vem alguém e o toma, parece que pertence a uma irmã para pedir uma autorização, ou para uma orientação, uma simpatia, e isto vale mais, pois mesmo que fique com esse tempo livre, o vivo sem mim, quer dizer, fora de meus sentimentos ou vontades. – Que Deus me ajude.

2 de fevereiro. – O dia inteiro fiquei numa forte amargura interior, então de tarde quis me colocar em disposições de amor e de reparação pelo mal imenso que se faz nestes dias. Eu me aplicava nisto e começava a rezar a Jesus por todas as pessoas, mas me sentia atraída por Ele a me absorver nele e tinha dificuldade em ocupar-me do que não era Ele mesmo, de forma que eu procurava um meio de encontrar socorro para elas em reparação pelas ofensas, numa união com Ele, uma participação íntima com o que há nele de amor e misericórdia e perdão para elas. Minha alma está ainda como junto a Ele, unida a Ele pela profundidade de suas potências, em silêncio para receber um pouco de seu incompreensível amor pela humanidade. Parecia-me que minha participação silenciosa era mais eficaz para ajudar e para consolar do que todas minhas palavras, todos meus esforços. Eu não pretendia nada pelo que eu tinha e nem me inquietava de possuir tão pouco. Jesus, em mim, era um grande tesouro para as pessoas, rico em graças, em amor, em perdão.

4 [de fevereiro] Na oração eu queria ficar unida a Jesus, procurar nEle tudo o que repara o mal e tudo o que salva as pessoas. Eu me entregava para sofrer como já tenho sofrido diante do mal, mas me parece que, para mim, não existe mais sofrimento, sem a participação que encontro no que Jesus sente, e a participação que encontro no que é dele torna o sofrimento um meio de união com Ele. Assim, em lugar de sentir, no mal, o que é contra Ele, a iniquidade em todas as coisas, eu participo secretamente do fracasso do amor, que enfraquecia o Salvador e o puxava para baixo, a toda miséria, ao aniquilamento total. Eu gostaria de apagar a sede de Jesus Cristo pelo reconhecimento e a volta das pessoas, eu lhes ofereço sua redenção e sinto que me deixaria cortar em pedaços para as entregar a Ele. Mas, tenho tanta amargura que lhes sou inútil. Eu tenho dificuldade em deixar de lado minha dor para me entregar completamente a carregar o que...

Março de 1842

Ao sair do confessionário, me sinto mais abatida, porque considerando o caminho da virtude, vi e também me mostraram o que deveria fazer, e minha alma me repete somente: sofro demais, estou quebrada demais. Parece que a única coisa que esqueceram é ela e seu estado que não posso expressar. Daí vem o aborrecimento, a irritação do que me aconselham: parece que é como um peso a mais sobre um vaso que está afundado num mar de amargura. Mas sobre esse mal que me arrasa, ninguém pode me ajudar, nem compreender, e eu mesma não sei o que dizer. Sem dúvida, estou contente, contente até de não receber alívio, e só vou a uma orientação espiritual tendo aceito a dor de não ser aliviada e rezado esta oração da Imitação, pela qual tenho uma grande devoção: *Senhor muda para mim todas as coisas da terra em amargura, faze com que tudo o que seja duro e penoso, fortaleça minha paciência; concede-me força para me vencer, paciência para sofrer, constância para perseverar e no lugar de todos os bens deste mundo, dá-me a graça que vem de Ti.*⁷⁶ Mas depois me inquieto da oposição que sinto aos conselhos que me são dados, pelo menos me inquieto de meu aborrecimento, de meu pouco fervor para seguir essa orientação, temo que seja orgulho esta tentação de isolar-me e acolher mais amargura nessa ausência de socorro. Houve um tempo em que tudo quanto me diziam me reanimava, me servia; um tempo em que eu oferecia todas minhas ações a Jesus Cristo, onde esperava encontrá-lo ou lhe agradecer, onde eu acreditava estar unida a Ele, rezava, tinha a esperança de crescer na união, na fidelidade, de viver, mais cedo ou mais tarde, a meias com Ele; mas eu não era melhor em outras coisas. Esse tempo também estava cheio de ilusões, eu me humilhava sem dificuldade lembrando de minhas faltas, estava cheia de arrependimento, de amor, de fervor, e no entanto cometia mil faltas e buscava mais do que hoje minha satisfação. Eu estava apegada ao afeto dos outros, sentia muito quando se afastavam. Pensava não poder me passar de mil coisas que hoje nem desejo: e quanto ao sofrimento posso dizer que, os mais fortes desse tempo não se comparam com os que agora suporto muito melhor: pois então eu não teria imaginado que ninguém se ocupassem de meus sofrimentos, nem mesmo eu. Mas também, em tudo o que me acontecia, eu via algo de Jesus Cristo: minhas aflições eram uma parte das dEle, minhas afeições eram um prolongamento de seu amor e assim tudo mais: hoje não consigo pensar dessa maneira, essa ousadia me faria sorrir. Sinto-me como uma coisa que Ele rejeita, mas ainda feliz de poder, mesmo materialmente, estar a seu serviço, só tenho coragem para trabalhar duramente, que todo o meu amor de então não me deixaria aceitar facilmente. Não posso imaginar que Ele está a poucos passos de mim, sobre o altar: a comunhão, para mim, é um ato mecânico de obediência; a oração, quando me empenho, é uma oferenda da oração de Jesus Cristo, mas com a distancia que existe entre o turbulo e o incenso que aí é queimado. Nada pode me persuadir de que existe uma relação entre Jesus Cristo e eu. Acredito tudo quanto diz a fé, obedeço a tudo o que querem que eu pense, mas sinto um abismo de separação. Sou levada a desprezar meus pensamentos, minhas aflições, minhas impressões, e não lhes dar crédito. Vejo minha aflição como uma imaginação seguida de imaginações de união, e as agüento sem mesmo me queixar sinceramente. Eu só sei que sofro e que até minha alma me

76. Livro 3, capítulo 26 – citação livre.

parece uma coisa estranha. Como expressar essas flutuações, essas amarguras? Tudo isso, aliás, não é razoável e a razão humana só faz me irritar bastante. A compaixão é uma consolação que não devo pedir e também eu não quero me afastar dessa aflição. Deus sabe que eu não quereria retirar nem um grão de areia e que aí ficaria eternamente. Sua vontade, suas perfeições interiores de que Ele goza sempre, são toda minha consolação, cheia de tristeza, porque gostaria de honrá-las pelas virtudes, pelo recolhimento, pela exatidão a meus deveres, mas não tenho nada disso. Ocupar-me das pessoas me custa muito, no estado em que me encontro, seus defeitos me fazem sofrer, suas dúvidas, suas faltas me atingem, e não tenho paz enquanto elas não a tem, e o que elas têm de consolação, sua virtude, as graças de Deus se Ele as dá, mesmo me alegrando, são, para mim, um novo motivo de angústia em relação a mim mesma. O que eu lhes digo sobre a virtude, os meios, a confiança em Deus, me culpabiliza, pois estou longe de tudo isso, e quando vejo que elas também não aceitam muito, sofro, pois confirmam meu sentimento interior, e seu afeto me causa medo diante de Deus. Quando elas me procuram, eu gostaria às vezes, de não atendê-las, pois penso que é bom que sofram também um pouco e como eu estou nestas angústias, meu espírito duvida do valor das suavidades que Ele lhes repete. Para cúmulo dos males, nesse desprendimento me veio uma tentação que eu não acreditava ser possível, e enquanto eu não quero ser aliviada por aqueles que poderiam fazê-lo sem pecar, eu me surpreendo a sonhar com outras consolações. Estou contente pelo que aprendo para os outros, mas quando sinto pena por eles, penso em mim.

N.183/01 [Duas folhas de caderno escritas reto e verso e meia página em branco.]

1842

C.1551 Terça feira 12 de abril na comunhão supliquei a Nosso Senhor que me ilumine, não sobre meu interior diretamente, mas sobre o que Ele quer que eu faça, aceitando bem minha escuridão sobre tudo, exceto sobre aquilo em que devo me esforçar para fazer a fim de cumprir sua vontade no interior de minha alma, como caminhar, a que me entregar e o que devo evitar.

Pareceu-me que Deus queria que eu deixasse Jesus agir em mim, em todas as coisas e que meu ser sempre limitado, impotente, inútil, seguisse o impulso que o Verbo deu a sua humanidade: dessa forma só me restaria desprezar-me a mim mesma, aniquilarme, esquecer-me, e deixar Jesus agir em mim, e fazer com uma obediência absoluta, o que eu visse, em cada instante, que Ele faria em meu lugar, e quer fazer, sem uma reflexão sobre o que eu faria por meu gosto ou em que me oporia. Este aniquilamento não deve ser feito pela força, pelo sofrimento, nem pela coragem, pois então eu me atribuiria a mim esta força e esta dureza, mas por puro desprezo de mim mesma, esquecimento e renúncia. Meus caminhos não são ainda tão duros, são escuros, vazios de todo gosto, como devem ser de repugnância e resistência, devendo eu ser bastante fiel para não parar para reconhecer tudo isto em mim. Devo agir, rezar, etc, ficando vazia, despojada, sem que nada possa me contentar ou me pertencer, em todas minhas ações, e oferecer tudo o que é de Jesus, vivendo dEle, agindo de certa maneira suas ações e não as minhas. Que as inquietudes sobre mim, os desejos de ser mortificada, humilhada, conduzida até severamente, não são, no entanto, segundo este caminho silencioso e escuro: certamente vêm a meu espírito, pelo desejo de ter alguma certeza das virtudes religiosas, alguma prova de que as possuo, mas não devo querer essa

posse, nem pensar nelas, mas contentar-me com saber que Jesus é muito rico de todas essas virtudes e que minha pobreza, sem limites, quer ser um instrumento pelo qual Ele mostra suas riquezas quando quer, sem que o instrumento possua nunca, outra faculdade maior que a de ser, cada vez mais, maleável e abandonada.

Quanto aos pensamentos de penitência, parece que tudo isto explica por que tenho tão poucos e acho que não devo procurá-los, até que Jesus se sirva de meu corpo e de minha alma para partilhar suas expiações. Mas faz-se penitencia para tornar-se pura e capaz de agir para Deus e desejar lhe pertencer. Não sinto que me seja pedido tanto ser pura e sim ser maleável, quer dizer, com certeza agindo como Jesus agiria. Assim eu agirei de forma muito pura e é nesse sentido que continuamente me é pedido ser pura: não no sentido de que eu a deva possuí-la nem sobretudo ter consciência dessa posse e me garantir sua posse, mas posso ver meu ser como ele é, vil e indigno sem muita reflexão sobre o que faço, não tendo outra pretensão que reduzi-lo a um estado passivo, e não de fazê-lo agir por Deus como se fosse alguma coisa por si mesmo.^{†77}

Pensei que isto me aproximava do mistério da Encarnação e sobretudo da Eucaristia, e que seja a santa Humanidade aniquilada diante do Verbo e unicamente atenta a lhe obedecer sem voltar sobre si mesma, seja a Santa Hóstia eram, para mim, modelos e luzes. Isto traz para mim, alegria, porque assim que deixo de olhar para mim, para olhar somente as perfeições de Deus, experimento uma alegria indizível. O que eu não sei é o que fazer com esses sentimentos de alegria e transportes de amor que vêm de mim, e que me parece que não devo nem me opor, nem me entregar, mas deixá-los como vêm, e não lhes dar muita importância porque vêm de mim, e que devo oferecer, acima deles, os atos de amor mais serenos, mais puros, mais fortes de Jesus para seu Pai.

†Daí decorre uma outra necessidade de usar meios de penitência para manter meu corpo tão submisso como meu espírito (e de submeter e humilhar meu espírito no meu corpo) a tudo quanto Deus quiser de mim, ao que a obediência me pede ou pode me pedir, ao que a graça me inclina, de forma que não sinta nenhum sofrimento ou repugnância capaz de me fazer menos exata e obediente. Daí resulta também uma grande mortificação de indiferença ao frio, ao calor, à alimentação, ao cansaço e fazer em todas essas coisas o que Jesus faria, deixando todo sentimento de lado. Para chegar a isto, não sei que práticas de penitência seriam bastante eficientes. – Penso que os meios próprios de minha Congregação não são bastante fortes para as doenças de minha alma. Em questão de humilhações, mortificações, obediência, preciso muito exercício para conseguir manifestar a vida de Jesus Cristo, nas ocasiões imprevistas destas virtudes. Sou religiosa somente de nome: vazia, dissipada, acomodada, apegada a minha vontade, resistindo a qualquer ordem por causa das pessoas sem respeito, e creio, no entanto, que a firmeza dos Superiores sanaria tudo isso. Tenho vontade de abraçar os remédios: entendendo remédios enérgicos mais do que remédios lentos e ordinários. Prefiro os primeiros, porque exigindo enormemente de mim, consegue-se muito, enquanto que exigindo pouco não se consegue nada. – Eu me esforço e me dobro diante duma exigência, mas me amoleço diante da misericórdia, revolto-me contra o que fica entre os dois, pois não apresenta força suficiente que me vença ou de amor para que me sinta tocada.

⁷⁷ É possível que esta cruz † remeta ao último parágrafo, que seria inserido aqui. No entanto Maria Eugênia recopia este texto na carta 1551 de 18 de abril de 1842 na mesma ordem que este texto.

N.184/01

27 de maio de [18]42 Oitava do Santíssimo Sacramento 3 h.

Hoje, ao começar o Ofício do meio dia, tive o desejo de me deixar levar pela mágoa que tive dificuldade em reprimir desde pela manhã, e chorar. Eu refletia sobre se faria mal, sabendo que podia me dominar, e de repente tive um grande movimento interior que me dizia para não dar a minha dor toda a amargura possível e também um grande desejo de sofrer que desde um tempo atrás, tenho com freqüência, mas que passa rapidamente. Eu me senti mais fortalecida do que poderia expressar, desejando dar a minha mágoa toda sua extensão, e fazer tudo o que me ajuda a senti-la e avaliá-la melhor e recusar tudo quanto poderia aliviá-la. Então procurei assumir no Ofício os sentimentos de Jesus Cristo na sua paixão e me manter num esforço, já que minha covardia faz com que eu não acrescente nada a minha dor. Senti um amor do sofrimento por ele mesmo, que não compreendo. Pedi a Deus para pegar meu espírito por seu lado mais sensível, de não me dar descanso; rezando o *Magnificat* pareceu-me que encontrei o que ontem tanto procurava para dar graças a Deus. – O sofrimento era objeto de meu agradecimento, a razão de meu amor, eu o amava porque me deixava sofrer. A dor estava presente, mas eu estava sem misericórdia por mim, eu teria dado gritos de alegria de me ver devorar, uma alegria de vingança, uma alegria dura, um ódio sem limites por mim; parecia-me tão bom que eu sofresse. Não sentia nada por Deus aí, somente uma vez, rapidamente, senti alegria de que se ama mais querendo sofrer sempre por Ele do que de qualquer outra maneira. – Saí bem reconfortada, e estou disposta a não ceder em nada a minha dor, nem repouso, nem interrupção no trabalho, nem lágrimas, nem queixas, nem consolação. Parece-me que posso apegar-me a este amor do sofrimento, procurando fazer as coisas como me custam mais, viver, falar, trabalhar para me crucificar, e apegar-me mais e mais ao sofrimento. – Eu vejo isto como uma graça e não saberia dizer como, mesmo na dor e sem que ela diminua, isso me fortaleceu e me levantou de uma maneira conforme minha necessidade, enquanto as consolações, não as compreendo bem e elas se esgotam rapidamente.

Tive remorsos de ter falado de meus sofrimentos passados ou presentes, de preocupações, de ter querido me preparar para as que possam vir, temendo-as e me resignando. Parece-me que somente deveria dizer: Se Deus me concede a graça que tal criatura que amo tanto me despreze, etc.

Experimentei tudo isso fortemente e com uma espécie de exultação.

N.185/01 [Folha dupla de caderno escrita reto e verso. Nesta folha estão inseridas outras, soltas.]

Domingo 25 de junho de 1942. Depois de vésperas, como lia num livro de espiritualidade (prática da presença de Deus), o que comentava sobre as aflições interiores que se podem encontrar, as minhas me pareceram muito maiores e estive tentada de me queixar a Deus e de apiedar-me de mim dizendo: Não, para mim não sobrou nem um apoio, nada me restou, nem um apoio como o de M. C[ombalot], nem confiança na Obra, nem força, nem ânimo para continuar, nem nada, nada para Jesus Cristo.

Meu espírito, então, voltou-se para o que experimentei fortemente, faz algum tempo, lembrando-me das primeiras palavras que escrevi: ”que toda vazia e nua devia deixar agir a Jesus Cristo em mim, e que meu ser ligado, impotente, obscuro, inútil, só tinha que acompanhar a ação de sua santa Humanidade.” Compreendi, com muito custo, que era

preciso não ter nenhum apoio, mesmo doloroso, e que não devia ter segurança, nem repouso até mesmo no sofrimento e na obediência... Me foi dito: O que te impede de fazer o que Jesus Cristo faria aqui? Para fazer isso é necessário que tu te repouces em alguma coisa ou pessoa, e que apóies teu espírito em seguranças e vontades? – Ele velará para que a Regra seja guardada, as irmãs sejam fervorosas, as alunas cuidadas com zelo, os estudos, a educação cristã, as coisas materiais exatas, pobres, prudentes e humildes. – Faze isto pela sua vontade com a inclinação que sabes que Ele fará tudo. Sua vontade te basta, sua inclinação te basta. Age como instrumento, como membro de seu divino corpo. Que necessidade tens de sentir ou de encontrar em ti mesma e fora de ti, inclinação e vontade?

Eu me perguntava aflita: Mas, minha vida, minha vontade, minha inclinação, minha atividade espiritual, que farei de tudo isto? Que farei deste eu, já que devo agir como se ele não existisse, e que fica de fora de tudo o que me obrigam a fazer? Se eu fosse um corpo sem alma, eu me animaria com a alma de Jesus Cristo, mas agir deste modo sem minha alma, não me anula esta alma, então em que a aplicarei, que farei dela?

Não recebi resposta alguma. Esperava ter o sentimento que tanto desejava, que esta alma liberada, de alguma maneira, presidisse minhas ações, fixasse sua vida numa visão de fé, no amor, na contemplação de Deus, num esforço contínuo para adorá-lo, aproximar-se dEle, fazer unicamente por Ele todos os atos de que é capaz, de forma que Ele seja o objeto de sua vida escondida, à medida que Ele vai se tornando, como disse acima, o motor de toda vida exterior do corpo.

Este silêncio me fazia sofrer, e não sei se me será dado viver da fé em Jesus Cristo e de me alegrar nEle – ou se esse silêncio indica o esquecimento que devo fazer de mim mesma, deixando-me morrer de vazio e desolação, e cumprindo minuto a minuto a ação de Jesus Cristo, como um ser que não tem “eu”.

N.185/02 [Início de folhas soltas. Na primeira há duas linhas apagadas.]

Domingo 3 de julho de 1842

Depois da comunhão, sentia a tristeza que experimento com freqüência, de não sentir que Jesus Cristo me atrai a Ele e que o fim de meu sofrimento seria alguma união com Ele; e ao contrário me ver sempre enviada aos outros, só ter luzes para os ajudar, e não sentir nada que indique um trabalho de Jesus Cristo em mim, nada que seja entre Ele e eu, nem alguma operação purificadora, nem alguma aspiração de amor, estar entregue a distrações exteriores, faltar-me socorro e mil coisas desta espécie, peso de meu cargo, da Obra etc. Eu dizia como faço com freqüência que Ele não me tratava como esposa, que Ele não amava minha alma, e não desejava possuí-la. Veio-me ao pensamento, mas não como uma impressão de Jesus Cristo, que um casal pobre, depois dos primeiros dias, em que tiram tempo do trabalho, eles não se ocupam mais um do outro. A mulher partilha o trabalho do marido, ela pertence, como ele, a todas as ocupações quotidianas. Ele é amável para os estranhos mais do que com ela; ele quer que ela o seja também, mas ela é toda dele, é um bem que nada tirará dele, o único que ele possui, e se ela comesse a perder seu tempo queixando-se que ele não se ocupa mais dela, ele poderia lhe fazer uma grave admoestação por desperdiçar o tempo que poderia dedicar a ele, e lhe diria: Mas não é você o que tenho de mais caro? Por que você quer que eu passe meu tempo redizendo meu amor? Você sabe bem que eu não tenho nada que seja mais meu, mais íntimo que você; conheço seu devotamento, trabalhamos juntos, temos as mesmas preocupações. Por que você vai duvidar de mim, quando eu não duvido de você, Eu que dou a você essas preocupações. Eu cuido muito dos outros, mas você é uma parte de mim mesmo.

C.1557 Parece-me que, de fato, agora nada me impedirá de pertencer a Deus. Os transtornos das obras, dos superiores, da política, do interior, nada me poderá tirar esse ser religioso, a tal ponto que ser, e ser religiosa é para mim, a mesma coisa. Parecia-me que repetir *quem me separará do amor de Cristo* (Rm 8,35), não era orgulho, mas que eu devia essa confiança ao pobre e todo-poderoso esposo. E que se Ele me concede a confiança de acreditar que sempre serei dEle, mesmo se Ele não se ocupa muito de mim e que Ele me envia aos outros, não duvidando de mim, nem tendo ciúmes, eu lhe devo inteiramente esta confiança de acreditar que me guardará sempre sua, e que confiando na sua bondade e fidelidade, posso dizer em paz: *nem a morte...nem a vida...nem criatura alguma me separará do amor de Cristo* (Rom.8,38-39). Estes pensamentos me deram muita alegria, mas não ousei parar neles. Vieram a meu espírito, não como um sentimento de Deus mas por mim mesma – aliás, isso seria uma felicidade enorme.

Um outro dia da semana tive um sentimento bem grande de humilhação por voltar sobre mim mesma.

[O texto termina aí, deixando um espaço em branco no fim da página.]

N.185/03

15 de agosto de [18]42

+ M.A.E.

C.1559 Gostaria, ó meu Deus! de dar-lhe um grande testemunho de amor, nesta festa, que tem sido, para mim, o dia de tantas misericórdias, em que recebi o hábito, pronunciei os votos, mas você vê a segura de meu coração, não sei onde você está, nem quem você é; nunca talvez me foi tão difícil falar com você. No entanto quero fazê-lo, pois o estado de estupidez em que me encontro, dá menos lugar à resistência, tentarei reparar no que me falta de amor, dando-lhe tudo quanto tive a infelicidade de lhe recusar mesmo quanto seu amor me pedia. Eu me abandono, sem limites, a viver as menores influências de seu espírito, aceito me submeter de tal forma às exigências da vida de Jesus em mim, que seus sentimentos abafem os meus. Quero ter em meu coração o que Jesus tinha no dEle, em meu espírito, unicamente seus critérios, em meu corpo, o que sofreu no seu. Aceito o efeito dessa oração, para que você me coloque no mesmo estado a que Ele pediu ser reduzido por amor de você, ou também para não duvidar em pedir-lhe os mesmos sofrimentos, humilhações etc. e assim entrar de cheio em todos seus desejos, lembrando-me que ele está unido a mim, nesta terra, pelo laço da graça, mas como sua vida e a minha se contradizem, eu lhe prometo me deixar atrair inteiramente pela sua para nunca mais fazer passar a minha por cima da dele. Com certeza, eu deveria ter horror ao pensar que já fiz isso, mas tudo o que posso com minha insensibilidade, é me entregar sem limites à oração, a toda ação, e a todo sofrimento que sejam conforme a vontade de Jesus Cristo; despojar-me de todo poder de resistência e confiar este abandono total, que quero fazer de mim mesma, àquele que cuida de minha alma, suplicando-lhe não me poupar na prática real desta vida de desapropriação. Eu me abandono, sem limites a tudo quanto conheço ser bom e perfeito à luz de sua graça, renuncio a me dizer que C.1561 não sou obrigada a fazer certos sacrifícios, quero me obrigar a fazer toda obra perfeita, que não seja contrária a minha vocação nem à obediência. – Por isso aceito

o peso dos pecados de meus irmãos⁷⁸, eu me ofereço a partir de hoje, para suportar a vergonha e o sofrimento por toda falta cometida contra você, e quero colocar como único limite a esta oferenda, sua vontade e a obediência. Carrega-me com todas as faltas dos meus, das pessoas que estão perto ou longe de mim. Tenho este desejo se lhe for agradável. Trate-me como um objeto de horror a seus olhos, eu lhe peço, se isto lhe dá glória. Eu quero receber na oração unicamente, o que você me der; mesmo se isto é contra meus sentidos, ou contra meu gosto, me comprometo a não me afastar, pois só quero o que você quiser, pelos caminhos que você escolher, e não quero expressar desejo algum de que você os modifique.

Renovo também, hoje, meus votos, plenamente, desejando reparar todas minhas faltas, temo não viver uma verdadeira castidade, uma verdadeira pobreza, uma verdadeira obediência, no entanto, desejo oferecer-lhe tudo, sobretudo renovo minha entrada na vida religiosa, para fazê-la total hoje, para deixar tudo, fechar meus sentidos, morrer a meus desejos, a meus pensamentos, a meu corpo, a meus parentes e ser unicamente toda sua. Sei que o que estou prometendo não sei muito bem como vai ser pois até agora não vivi essa vida! Suplico a meu pai espiritual para me ajudar a viver essa morte ao mundo que prometi. Enfim renovando minha caminhada da fé, na qual prometi tantas vezes viver, coloco-me novamente sob a obediência do guia que Você me deu e lhe suplico exigir de mim tudo quanto acabo de prometer e usar para conseguir isso, toda liberdade de uma pessoa que quer, apesar de todas as suas resistências, pertencer a Você sem limites, sem barreiras. Renovo todo meu ser para voltar a Você e àquele que tem seu lugar, com um completo abandono. O que quero daqui para frente é ser crucificada a tudo e assim unir-me a Você, me sepultar, perder qualquer domínio sobre mim e me deixar formar pela graça e pela obediência, para que Você possa vir a mim e estabelecer sua morada. Espero que nem Você, nem meu Padre, me rejeitarão, e que Vocês realizarão o sacrifício que ofereço com grande desejo, sem saber, absolutamente, que meios encontrar em mim para chegar até lá.

Ainda reconheço uma de minhas resistências, que quero quebrar a seus pés. Eu me abandono e me entrego particularmente à penitência; aceito todas as práticas, não quero outra reserva nem outra medida, a não ser as da obediência; renuncio a todas minhas oposições, me despojo de todos meus raciocínios, e mesmo que se apresente a ocasião de perder a vida pelas penitências, eu consinto, reconheço que não pertence a mim julgar, e mesmo que me custe, estou pronta e abandonada sem medida.

N.186/01[Folha dupla escrita reto e verso, mais oito linhas.]

Retiro de setembro de 1842

O primeiro dia contava meditar sobre Jesus Cristo obediente. Ocupei-me das graças que Deus me tem feito e fiquei surpreendida pelo grande tamanho, graça de luzes sobre a vida de Jesus em nós no retiro sobre a Apresentação; graças de atrativo e de amor por Deus imensas antes de minha profissão; de paz e de estima dos sofrimentos durante este inverno; de liberdade de coração e de espírito com facilidade para as coisas de Deus, desde a Assunção. – Eu resisti tremendamente a essas graças, sobretudo às primeiras, no entanto senti seus efeitos que me fazem mergulhar em agradecimento por Deus e em vergonha por ter sido tão ingrata para Ele. Penso, por outro lado que Ele me

78. Cf. Carta 1561 de 16 de setembro de 1842 em que Maria Eugênia fala do sofrimento com sua família.

cumulou dessa maneira porque quer de mim alguma coisa, e me sinto obrigada a trabalhar para ser verdadeiramente santa. As três virtudes que conheço e devo trabalhar para adquirir neste retiro são: humildade, obediência perfeita, espírito sobrenatural, sempre atenta a Deus e dependente dEle. – Quanto à obediência, vi que deve ser sempre muito humilde, perseverante, doce, fácil ao menor sinal, não admitindo nenhum pensamento pessoal, nenhuma resistência nem repugnância, grave e respeitosa, seja porque é demasiada bondade orientar uma criatura ingrata como eu e ajudá-la a agir como ela não o faria por ela mesma, seja porque vejo Jesus Cristo que obedeceu, não a mestres doces e amorosos como eu tenho.

No segundo dia me tocou fortemente a humildade do dogma de nossa justificação. Esta verdade que tudo em nós é sujeira e corrupção, menos o que Deus faz em nós sem nosso concurso, me esclareceu de uma forma nova. Onde cabe, agora, qualquer vã complacência? Aquilo que eu vejo, com freqüência, com curiosidade de espírito, idéias, disposição natural, é tão odioso como o verme e as diversas aparências de uma chaga. As boas obras – há apenas as que faço com total esquecimento de mim mesma, deixando agir o espírito de Jesus Cristo e afastando energicamente minhas disposições ruins que gostariam de tomar o lugar. Se eu sou fiel, se me mortifico pelas minhas próprias forças, isso não tem valor nenhum. Vendo o fundo de minha inenarrável pobreza, suplico Deus que não permita que eu faça uma só ação, mas que me conceda ser movida pela sua sabedoria, pelo seu amor e pela sua força. Que sua sabedoria me obtenha seu Espírito de amor, que esse amor, que não é meu, me mova e que eu reconheça que nada disso é meu. Eis uma ocupação interior à qual devo voltar sempre, para me refugiar em cada ação na sabedoria e no amor de Deus. Assim se me levanto, me deito, rezo, falo, que seja por essas duas forças, que eu lhe peça continuamente agir em mim e em meu lugar, reverenciando-as e me retirando de minhas ações, para que Deus aja plenamente em mim, chorando minha presunção, minha atividade, minha nudez diante de Deus, minha confusão por todo o bem que penso que fiz se isso for submetido ao julgamento de Deus.–

Esta manhã tive outros pensamentos sobre a humildade: é a virtude que devo trabalhar, praticando cuidadosamente todas as coisas que a Oração me mostrou.

N.187/01

Esta tarde contemplando a justificação que somente nos vem por Jesus Cristo, me vejo tão pecadora quanto fui vã e tenho olhado somente para mim. Oh! Quem me desprezará como o mereço, que superior se indignará contra mim para me repreender publicamente, que inferior para estimar minha conduta pelo que vale, que circunstância me fará aparecer na confusão que mereço, e meu Deus me concederá a graça para que, em todas as humilhações que mereço, não me inquiete mais para aparecer humilde, mas deixar agir a sabedoria e o amor divinos.

É em Jesus Cristo sofrendo em todos seus membros, que quis me deter hoje. Minhas resoluções em relação a isso consistem numa fervorosa obediência que me ajude a fazer tudo quanto me permite, com muita atenção para reprimir a liberdade de meus sentidos e procurar mortificar-me cada vez mais, e enfim ser muito exata para me

levantar pela manhã (ou deitar tarde, se sinto muito frio, sem acender o fogo) e ler pelo menos quinze minutos cada dia a Escritura.⁷⁹

N.188/01

+ 25 de março de 1843

Neste retiro do dia da Anunciação, renovo, ó meu Deus todos os votos que fiz e com a esperança e o desejo ardente que você imprimiu no meu coração, me ofereço a você para ser uma dependência e uma pertença a sua Encarnação sagrada, aplicando-me também, em toda sua extensão, a todos os mistérios aos quais você queira que eu me consagre. Eu me consagro, me entrego, me dou e me submeto a Jesus Cristo, tanto quanto me for possível e me seja permitido fazer por mim mesma, para que tudo em mim sirva de homenagem a seus mistérios divinos. Eu lhe suplico, não somente de aplicar aí minha vontade, meu espírito, meu coração e todas minhas potências livres e inteligentes, eu as entrego para viver isso e desejo ardentemente que me sejam tomadas; prometo, mas com a fraqueza de minha instabilidade, reorientá-las com meu pouco poder, esperando que um dia a misericórdia divina as aplicará poderosamente para o santo objeto de meus únicos desejos e imprimirá em mim, a vida e o amor de Jesus, suas inclinações, suas virtudes, seus sofrimentos. Mas isto ainda não é suficiente, desejo que até as ações mais insignificantes estejam de tal modo revestidas, aos olhos de Deus, das ações semelhantes às de Jesus Cristo que lhes rendam honra e homenagem. Por isso lhe suplico aceitar meu sono em continuação e dependência do sono de Jesus, minhas refeições em união a Jesus que dava honra a Deus quando tomava alimento, minhas palavras, meus movimentos, meus olhares e os menores detalhes que posso fazer com o ser que Ele me deu, imitando e em honra das ações de Jesus durante sua vida mortal. Não posso prometer que sempre terei isto presente, mas será que é demasiado temerário ousar esperar da bondade divina que ela aceitará as ações nas quais eu esquecerei de renovar esta oferenda segundo a intenção que tenho hoje, que renovarei com a maior frequência possível, e ainda, que ela se dignará me ajudar a retirar de minha vida, aos poucos, tudo quanto torna minhas ações tão diferentes das ações de Jesus. Eu me dou, me entrego e me consagro a Deus (salvo a opinião de meus confessores, antes de ter falado), em união a todas as intenções de Jesus Cristo no mistério da Encarnação, e especialmente, conforme o que conheço, para ser vítima para Deus: *Ecce venio* (Heb.10,7), a fim de reconhecer o direito que tem sobre mim, dar-lhe glória e expiar os pecados dos outros e os meus, dos quais aceito a dor, a vergonha, e a penitência segundo o que Deus quiser, ou daqueles que o representam, para mim. Reconheço que a primeira consequência é que eu a abraço, que me torne, em todo momento, tanto quanto me seja possível, pobre, humilde, obediente, modesta, recolhida, silenciosa na proporção de meu orgulho, da preguiça, das buscas, da dispersão e da desobediência dos pecadores e de mim mesma; prometo a Deus me esforçar, que me forme sobretudo no silêncio interior e exterior que Ele me pede particularmente e que consiste num silêncio a todo raciocínio, a toda providência, a toda repugnância e a toda atividade. Sinto na Oração um tal desejo de participar do estado de Jesus no seio de sua Mãe, que este desejo me devora diante de Deus. Sempre pedi a Deus poder honrar seu

79. Em seguida, algumas linhas a lápis que parecem anotações para um texto ou conversa ulterior: “Ele tem muito respeito por mim, vendo a esposa de seu Mestre o horror que eu tenho do sofrimento Desprezo que tenho pela violência. O P. Combalot me experimentou e humilhou no tempo dele. O que ele me dizia do P. d’A[lzon] depois da 1ª visita Meu voto [?] ao P. Lacordaire – Que eu fale com ele ainda com muito respeito”.

divino Filho por estados, já que me via tão pouco fiel para o fazer por atos; mas se for possível, neste momento, que ele me fizesse pequena e me recolocasse no seio de minha Mãe, no embaraço e a obscuridade sentidos por Jesus Cristo, meu Deus, que eu tivesse pressa de desnudar-me de meu espírito e de meu corpo atual, para entrar nessa humilhação e nessa impotência em que vejo meu Salvador.

Estes mistérios são tão grandes e eu tenho tão pouca inteligência que só posso me apresentar como uma pessoa de desejos: depois que me ofereci com o que acho de melhor e que experimentei diante de Deus o sentimento de amor, que pela sua graça compreendi que no céu e na terra só tenho necessidade dEle, suplico-lhe aceitar a homenagem maior que pode receber, a adoração mais profunda, o amor mais puro, tudo o que eu não tenho nem conheço, mas que, no entanto, quero lhe dar; porque lhe são devidas: Oh! Meu Deus, que felizes me parecem as pessoas em que você imprime um sentimento particular por seus mistérios; elas sabem o que você quer delas, nessa hora. Feliz repetirei a mesma palavra durante séculos, se é essa que você quer escutar de minha boca; mas não sei e somente posso lhe oferecer o ardor de meus desejos. É o que sobretudo fiz esta noite.

C.1586 Senti também esta manhã, particularmente depois da comunhão, que o mistério de hoje nos dá uma verdadeira família no céu. Jesus Cristo é nosso irmão e nosso esposo, isto não é uma palavra vã, mas uma realidade, Maria se torna nossa Mãe. Colocando-me no seio de Maria com Jesus, e honrando São José, como pai, em união do amor e da obediência que Jesus teve para com ele, tive uma luz sobre a obediência que eu devia praticar com o P. d'Alzon, e a relação que Deus queria que tivesse com ele. Eu me tinha atormentado estes dias, perguntando-me como poderia me abandonar a ele pois não é meu superior legítimo, e tendo escrúpulo da ligação estreita que espontaneamente tenho com ele. Esta manhã quando nem pensava nisso, e quase imediatamente depois da comunhão, veio-me de repente o pensamento que ele devia ser meu São José; e Ir. Thérèse E. (quando for minha superiora como autoridade, mas desde agora quanto ao amor), Nossa Senhora; que esta é a família que Deus me deu por laços de afeto e de união espiritual. Perguntei a Nosso Senhor, se Ele permitia verdadeiramente que eu me unisse para eternidade a essas duas almas, e senti uma espécie de reprovação interior, me dizendo que não só Deus o permitia mas que o queria, que era sua vontade e que eu o devia aceitar. Em resposta a minhas inquietações de obedecer a um outro que não é meu superior direto, compreendi que devia me abandonar como uma criança, porque aqui jamais estarei submetida só a meus superiores. O único limite à obediência do menino Jesus para São José foi: *devo me ocupar das coisas de meu Pai* (Luc.2,49). Sem dúvida devo estar às ordens antes de tudo de meus superiores diretos, como Jesus o estava de seu Pai, mas isso não impedia de abandonar-se à disposição e à posse de São José que o acariciou, alimentou, salvou e circuncidou, apresentou no Templo, conduziu pelos desertos quentes do Egito, sem que Nosso Senhor tenha dito uma palavra sobre a superioridade de seu Pai celeste, até a hora em que estava ocupando-se de seu Pai e respondeu a José: *Devo me ocupar das coisas de meu Pai*. Tomando, por conseguinte, esta palavra como único limite, resolvi me entregar, sem nenhum escrúpulo à obediência e ao amor daquele que Deus me deu como pai. Acrescento que sinto amar muito essas pessoas em Deus e por Deus, e quero usar seu apoio e sua convivência sobriamente, por necessidade e para a glória de Deus e que, enfim, estou pronta a perdê-las e sempre pensei mesmo que vou vê-las morrer antes de mim.

N.189/01 [Folha dupla de caderno escrita numa só página.]

1843

15 de junho, festa do SS Sacramento – Antes da segunda Missa, como eu estava procurando a graça que pediria mais a Deus, ao longo do dia, uma palavra de Santa Margarida, me fez descobrir que deveria ser a simplicidade. Compreendi nestes dias, que o impedimento entre Deus e eu era por causa de minhas inquietudes contínuas de ter pecado ou de cometer um pecado nisto ou aquilo, de fazer mal o bem que devia fazer etc. Tenho que trabalhar para me convencer que Deus veio do céu para salvar os pecadores, dos quais eu sou a primeira, que veio para nos vivificar, que continua desejando isto sempre com o mesmo amor e a mesma bondade, apesar dos obstáculos que colocamos, que Ele pode tudo pelo seu poder e que tudo isto se realizará, mais cedo ou mais tarde, pela oração feita em união com a Igreja. Então, somente esta vida me há de remediar os mil defeitos relativos a cada virtude, e tudo o que me falta de humildade, silêncio, generosidade, obediência, caridade, modéstia, é o Espírito de Deus (e não minhas resoluções) que me lembrará que tenho que ser melhor, e me fará ser melhor sem que eu perceba, contanto que eu seja toda sua, a Ele me aplique, a Ele me entregue, sem nenhuma outra preocupação. – Devo preferir isto mesmo à ocupação de imitar a castidade, pobreza etc. do Filho de Deus.– A união, o recolhimento, eis o que é indispensável, o pão que alimenta, e somente deveria me ocupar de um detalhe na medida em que me mantém na união. Que minha confiança esteja neste pão; longe de pedir as virtudes para ousar pretender a união, Deus só pela união me preservará de faltas mais graves. — Eu tinha rezado o Ofício, na véspera, com grande aflição, algo semelhante ao sacrilégio, sentindo que a comunhão me tinha vivificado tão pouco até então.

N.190/01 [Início de um caderno que ficará inacabado.]

1843

10 de setembro. Retiro de 8 dias. – Nos quinze dias que precederam este retiro, estive ocupada freqüente e fortemente na oração: 1º do pensamento que Deus me quer acima das coisas da terra e sobretudo daquilo que é artificial na terra. 2º Do pedido contínuo de misericórdia de Jesus Cristo por mim, durante seus sofrimentos e sua solidão na terra, o que é a única coisa que pode me obter separar-me da terra e me unir a Deus; para cobrir minha indignidade inexprimível a este respeito, e que me parece sempre um obstáculo para cumprir seus desígnios, para cobrir também minhas infidelidades do passado que deveriam fazer que eu fosse rejeitada, para me obter forças e não recair, isto me fez ter sempre diante dos olhos a oração de Jesus por mim. *Meditatio cordis ejus in conspectu meo semper*⁸⁰ sobretudo crucificado, onde Ele fica reduzido a dores enormes, para obter de mim o sacrifício de meus pensamentos. 3º Vi que em troca de seu sangue, eu devia, pelo menos, dar a Ele todos os meus pensamentos e muito seriamente, que contanto que não pare em nenhum divertimento ou em algo terreno, e fique sempre voltada para Deus, mesmo vazia, Jesus Cristo fará todo o resto, e me comunicará a generosidade de participar, mais tarde, de seus sofrimentos, pois agora reconheço com verdade e humildade, que me sinto incapaz de sofrer como Ele, e até mesmo de pedi-lo. O que é necessário é me entregar a Jesus Cristo para que Ele me conduza até lá, separando-me de

C.1591
C.1592

80. *O pensamento de seu coração está sempre diante de meus olhos* (Cf. Sl 26,3).

tudo o que não é Ele. Fiz isto com todas minhas forças. – 4º Que Jesus só pode me dar como dote o que Ele teve, e não segundo meus gostos, luzes, ocupações que tanto amo, mas seus silêncios, suas humilhações na infância, sua submissão em Nazaré, sua atenção em dizer somente as palavras ditadas pelo seu Pai na vida evangélica, sua paciência na Cruz, morte no Sepulcro; pois esses pensamentos se apresentaram a mim, secamente, como verdades e não como atrativos. Eu não senti as facilidades que antes tive para entrar nisso, mas a oração de Jesus Cristo por mim me basta para me assegurar que o conseguirei, e que quando cair poderei recomeçar porque Ele continuará a oferecer seus méritos por mim, durante toda a minha vida. Penso, agora, que entrarei nessas coisas como pecadora perdoada, não como inocente convidada, como o apóstata que volta, que espera muito tempo na porta, mas que será recebido se persevera com confiança, humildade e fidelidade. 5º Devo me tornar passiva para com Jesus Cristo, sabendo que Ele é o Santificador todo-poderoso das pessoas, e esperando as virtudes somente de sua ação, fazendo calar minha atividade pelas virtudes e colocando minha penitência em ficar vazia esperando dEle que me faça sentir sua vinda.

Esta manhã, 1ª meditação. – Sobre o amor com que Deus ama a si mesmo. Ele me criou para manifestar algumas de sua perfeições: seu Filho me concedeu graças para reproduzir a glória dada ao Pai pela sua santa infância em minha infância, por cada estado de Jesus Cristo com os quais que tive algo a ver. Nesta hora, estou no seu lugar, como religiosa, quer dizer, hóstia de louvor, de respeito e de amor a Deus; como superiora, ou seja, hóstia de serviço e de caridade para com os outros. – Sinto que tenho que entrar, enfim, seriamente nos desígnios de Deus e afastar toda distração, leviandade, ocupação terrestre para penetrar-me com toda seriedade da finalidade para a qual Deus me deu o ser e Jesus Cristo a graça. Espero esta nova graça somente dEle, e eu a peço beijando seus pés, como Madalena, para ser admitida, como ela, na graça e no amor, e oferecendo seu próprio amor e seus desejos de santidade por mim.– Encontrei estas palavras no Evangelho: *No mundo tereis sofrimentos, mas tende confiança Eu venci o mundo.*(Jo 16,33) Chorei muito a seus pés, a inutilidade e leviandade de minha vida passada, toda perdida para o que Ele queria para mim.

2ª meditação. Sobre o amor que devo a Deus por Ele mesmo. Só existe uma marca real desse amor, e é entregar-lhe tudo quanto Ele colocou de liberdade em meu pequeno ser. Deus é sua própria glória e não tem necessidade de sua criatura: por conseguinte, ela lhe devolve tudo quanto Ele lhe deu, quando lhe entrega toda sua liberdade e entra na total dependência de uma coisa sem movimento próprio, só dispondo de si nas menores coisas, só movida pela vontade de Deus. – Aí compreendi que os outros me achem muito independente, pois a respeito da vontade de Deus, não sou o que Deus quer e Ele mesmo me mostrou isso em outro retiro. Resolvi deixar Deus dispor de mim, através de meu diretor, minha enfermeira, meu orientador espiritual, ou qualquer outra pessoa que para mim represente Deus, a quem entreguei tudo, com palavras, há muito tempo. Na Via Sacra pedi a Deus a graça de todos esses mistérios. O espírito de morte, na 1ª estação, despojamento na 9ª, dependência sem o menor esforço para me aliviar desprendendo minhas mãos da cruz, ou não deixando que as cravem, enfim, quanto aos amigos e a todas as coisas do mundo, sepultá-los completamente, para não ver, nem saber, nem falar, nem me deixar conhecer ou amar: eis o que me mais me foi pedido.–

11 de setembro – Adquiro a convicção, pelo pouco recolhimento que tive ontem e hoje na meditação sobre alguns temas seguidos e a leitura de livros severos (*As Orações Cristãs* de M. de Rancé), que não é isso o que Deus quer de mim. Eu sou

levada, não sei por que, a procurar as coisas duras; produzem dissipação e falta de silêncio em meu espírito, devo pois considerar essa minha inclinação como um estranho gosto da natureza e não da graça. O pensamento que Deus me ama e que por causa deste amor gratuito está sempre agindo em minha alma, por Jesus Cristo, e pelos méritos de Jesus Cristo coisas grandes e divinas, e que Ele quer também agir por mim sobre os outros através do cuidado em renovar a fé na Oração e me colocar sob esta ação, lendo livros de amor sérios (M. de Bérulle, o Retiro, o Santo Evangelho etc.) pois produzem em mim um grande recolhimento, muito mais duradouro e fértil para as virtudes, uma separação simples das coisas da terra, um amor abandonado, confiante, pacificador e atuante, cheio de agradecimento, de alegria e de espera, e longe da atividade e das distrações que as coisas duras oferecem. Esta ocupação me torna pequena, me une a Deus, me coloca na verdade, na paz, na obediência, na simplicidade, na doçura, enquanto sair de um retiro empregado em meditar os melhores temas, me faria tirar uma quantidade de resoluções exteriores, sem um pinga de união nem de recolhimento para cumprir uma só! Minha resolução maior deve ser, justamente, de viver unida a Deus, sinto que é isso que Ele me pede, e não uma multiplicidade de esforços. Ora, tentando essa união nos retiros é que cheguei a apreendê-la e a vivê-la sempre.

Pela manhã tive dificuldade para me recolher. Somente o consegui quando pensei me dedicar em reproduzir a vida de Jesus quando Ele tinha a idade que eu tenho, ou seja, em Nazaré e reproduzir particularmente a espécie de silêncio que Ele guardou. Esse silêncio eu o compreendi como uma submissão. De fato, a única coisa que se diz, é que *era lhes submisso*. E eu estou encarregada de governar. Mas nisso, justamente, o mistério se aplica. Jesus regia aqueles dos quais Ele dependia, e não somente Maria e José, mas Ele guiava, sustentava, levava para Deus todos os que se aproximavam d'Ele, entre os quais havia, com certeza, na aldeia, alguns caracteres estranhos, pessoas pouco fieis à graça. Em silêncio, condescendente, paciente, dando bom exemplo, rezando, Jesus os atraía para cumprir a vontade de seu Pai. Também os suportava dependendo deles, coisa maravilhosa para mim que quero aprender a depender dos outros sem deixar de orientar os outros. — 2º Na vida comum, Jesus eleva todas as ações até a vida divina, Ele faz divinamente as menores coisas humanas, e Ele partilha comigo sua graça, pois não sou capaz de ser absorvida pela vida divina, mas devo viver humanamente, separando-me o mais possível de minha vida humana, segundo esse desejo de me afastar das coisas terrestres, elevando-as, por muito que me custe, à vida sobrenatural, à vontade e à intenção de Jesus. 3º Não existe nem a luz do Tabor, nem Calvário; mas abandono total que conduz, com a graça, a carregar bem a Cruz quando se apresentar. Jesus faz todos meus atos, Ele reza e sua alma se expande e deixa todo mal-estar, mas ao mesmo tempo deve fazer todas as coisas humanas sem as quais não poderia viver. (Ele não poderia por dignidade, eu não devo por fidelidade) Ele trabalha, se relaciona com os outros, ama Maria e José, mas sempre com a profundidade das realidades divinas, o Ser de Deus, o pecado, a reconciliação, a justiça, a Providência, a Omni-presença, todas as coisas cuja lembrança deve me manter serena e silenciosa. Ele é ignorado e eu devo me retirar e me ocultar, fazer-me ignorar o mais possível. Ele é todo para seu Pai, para Maria, para José, Ele é todo amor. — Prevê as leis de sua Igreja, as regras e a ordem de todas as comunidades, prepara-lhes graça e direção; eu devo associar-me a seu Espírito para o trabalho que devo fazer, nesse mesmo sentido.⁸¹

81. Trata-se da redação das Constituições C. 1592 de 12 de setembro de 1843.

De tarde. — Madalena chora seus pecados aos pés de Jesus: eu chorei com ela, sobretudo meu orgulho, desleixo, vontade própria, infidelidades à graça e a meu emprego, distrações interiores e exteriores. Tenho grande atrativo para me colocar com ela perto de Jesus. — Quem me dera poder chorar meus pecados diante de Jesus e de todos os que me desprezariam e reconheceriam minhas faltas. Se faço aqui atos de humildade dessa espécie, me estimam mais, e sinto-me tentada de fazer mais. Quando será que terei o meu coração aniquilado, alquebrado de contrição e de amor aos pés de Jesus? Compreendo o que querem dizer quando falam de meu orgulho excessivo. É bem excessivo de fato: aflijo-me de levantar a cabeça sempre: no entanto não me parece mais excessivo do que meus outros defeitos, todos são excessos abomináveis diante de Jesus. — Amo uma pessoa que me proporciona ocasião de humilhar-me, de renunciar-me, de dependência, que fez morrer meu prazer no recreio, que me oferece mil ocasiões de morrer inteira, e que, por isso (Oh vergonha!) tenho muita dificuldade em suportar⁸².

Fiz a via sacra em união com Madalena. Oh! Como amo esta grande santa!⁸³ Eu me uno facilmente a ela e esta união me coloca numa situação legítima de humilhação e de amor para com Nossa Senhora serena aos pés de Jesus sofrendo, porque ela é mais pura. Eu, como pecadora, choro com Madalena, fico desolada de ver meu Salvador sendo tratado dessa maneira por mim, e não compreendo como a terra pode me suportar, nem as criaturas me agüentarem, quando saio de diante de Jesus humilhado com um coração orgulhoso. Gostaria de ter somente seus sentimentos, embriagar-me com sua cruz e buscar suas humilhações além de toda sabedoria humana. Atrevo-me a lhe pedir sua Cruz, contanto que Ele não a sofra e vendo que Ele a carrega sozinho até o fim, e que até sua Mãe, toda pureza, tem seu coração em pedaços, eu quero pelo menos, como Madalena, odiar minha carne e minha vida, odiar o pecado sobretudo, fazer sentir no meu corpo a Cruz que Jesus carregou sozinho sem me fazer participar, e não ceder nada a meu espírito, se ainda posso ter um desejo depois de ter visto Jesus sofrer angústias por mim. Adorei Jesus, sobretudo nas suas quedas, percebi seus sofrimentos e chorei amargamente, chorando também por não ter encontrado ainda uma vida nova. — Compreendi diante da Cruz e do sepultamento, o peso desse espírito de viuvez e de gemidos que a Igreja atribui ao Estado Religioso.

Penso que Deus só me pede uma virtude: o amor, e que devo afastar tudo quanto incentiva minha atividade, por isso não pedir ser mandada severamente, mas buscar na autoridade tudo quanto me leva ao amor. Penso que procurando ser tratada com dureza, como o pedi sempre, posso aí buscar excitação. Devo ficar serena e somente no silêncio do amor, até que minha atividade seja adormecida ou purificada.

3º Dia. Resoluções que penso dever cumprir depois do Retiro.

1º Ler durante o café da manhã um dos livros que me levam suavemente para Deus: o Evangelho, Santa Gertrudes, M. Olier, o P. Grou etc.—

82. Trata-se de Ir. Marie Augustine: “Só o contato com Ir. Marie Augustine é para mim uma terrível mortificação de cada instante, pois ela quer que me ocupe dela sem cessar, quer que eu a adore e que naturalmente o que eu sou a choca profundamente... Mas elevemo-nos até Deus. Esta pessoa é um tesouro para mim, ela me proporciona a ocasião de me ver susceptível, ocupada de mim, voluntariosa, independente, desdenhosa, e me obriga com freqüência a vencer tudo isso... Quero me corrigir ao sair de meu Retiro e trabalhar com empenho com essa pessoa, em honra do trabalho penoso e infrutífero que Jesus teve muitas vezes comigo.” C.1592 12 de setembro de 1843.

83. Maria Eugênia expressa seu amor de por Madalena em várias passagens de seus escritos: Capítulos de 22 julho de 1877, de 18 março de 1881 e 22 de julho de 1881.

2º Não faltar nunca a Oração, pelo menos por uma hora por dia. Escrever em poucas palavras alguma coisa que Deus me inspirou, mas nunca reler sem pedir autorização ao Senhor.

3º Afastar toda dureza nas palavra ou nos livros, e quando encontrar, desviar logo e absolutamente a lembrança.

4º Ocupar-me durante a oração do amor que Deus tem por mim, manter-me aberta ao que Jesus quiser fazer em mim, sabendo que seu amor é gratuito e preventivo.

5º Combater, pelo recolhimento e a volta contínua àquilo que Jesus Cristo quer fazer atualmente em mim toda superficialidade, divertimento, zombaria, curiosidade, ocupação terrena, conversas com os outros, servindo-me para isso da união ao silêncio humilde de Jesus e guardando exteriormente o hábito de falar baixo e pouco como me aconselharam para meu pulmão, o que tem a vantagem de ajudar as irmãs a fazerem menos barulho. Devo ser, para elas, exemplo de edificação e modéstia e não de diversão.

6º Ser absolutamente dependente de meu Diretor, de minha ajuda espiritual e de minha enfermeira para o que concerne minha saúde e para o que se refere a cada um, pois eu fiz um voto de obediência e tenho que praticá-lo. Não expressar nenhum desejo. não pedir o que penso que me faria bem, não falar de minha saúde com pessoas de fora, nem procurar alívio nisso, não sair da clausura, em honra de Jesus, que não quis se desprender da Cruz, ou sair do Sepulcro.

7º Opor o mesmo pensamento às melhores... [sem terminar]

13 de setembro *Patrem meum et patrem vestrum Deum meum et Deum vestrum.*⁸⁴

4º Dia – Sobre as marcas de amor que Deus me deu. Fui fortemente tocada ao pensar que, pela adoção em Jesus Cristo, Deus é meu Pai pela graça, assim como Ele é de seu Filho por natureza; e que pelo mistério da Encarnação, Ele estendeu até mim, de alguma maneira, a filiação divina, para partilhar a ternura que tem pelo seu Filho. Então, o que temer de Deus se Ele quer ser meu Pai? E como não ser feliz sempre e confiar nEle sempre? Quando na doença, no perigo, eu via minha mãe perto de mim, não precisava de mais nada. Inclusive se ela me houvesse dado algo mau, com sua própria mão, eu o teria tomado com segurança e alegria. O amor era, para mim, muito mais do que o dom. Por que não sou a mesma com Deus? Por que, no perigo penso nEle acreditando que vai me quebrar? Se Deus é Pai, o que Ele quer é me salvar, me corrigir, é verdade, e isso eu desejo, eu lhe peço mesmo, pois é um dos grandes bens que espero de sua bondade paternal. O mal que está em mim, me desagrada, e desejo ardentemente mais do que qualquer outra coisa, ser conduzida à pureza, à humildade dos sentimentos de Jesus Cristo. Mas por que me falta confiança nEle? É daí que vêm meus maiores defeitos, meu orgulho é simplesmente um esforço para encontrar em mim o que poderia suprir ao que não ousa esperar de Deus, meu temor da dependência, uma falta de confiança na ação de Deus para meu bem e para com os outros etc. minhas voltas sobre o passado, minhas amarguras de ter sofrido seriam logo transformadas se eu acreditasse que Deus as levou em conta e as sofreu comigo. – Nas doenças, nos sofrimentos, nas dificuldades nada me pesaria se eu ousasse contar com Deus como com um Pai. Mas que loucura não ousar! Ele fez para mim um artigo de fé, e terá o direito de me dizer no dia do julgamento: *Que podia fazer por ti que Eu não tenha feito?*⁸⁵ – Não se trata aqui de ficar com meu sentimento de desconfiança por causa dos sofrimentos que esse sentimento me dá, como

84. *Meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus* (Jo 20,19).

85. Cf. *Impropérios* da Sexta-Feira Santa.

estaria tentada a fazer. Deus quer que eu lhe dê a glória de reconhecer seu amor e lhe dar graças. Ele não me pede as angústias dos maus que O odeiam, mas a confiança dos bons a fim de que apoiada nesta confiança, eu possa, como eles, sofrer por Ele. Mas, meu coração, ousarás acreditar? Deus é teu Pai. Este título de santidade, de amor, de respeito, de autoridade, de confiança que tu não conhecestes, Deus o toma em relação a ti. Ele te conduzirá através da vida, te ensinará, te sustentará, te levantará. Mais forte ainda que tua mãe, Ele não será nem menos terno nem menos próximo. Por conseguinte: refugia-te Nele, aprende a vê-lo sempre ao teu lado para que nada te abale, ou melhor, não faças esforços, mas mantém-te serenamente no amor profundo que tu tens por Ele, que Ele seja tua respiração, tua paz na tentação, tua alegria, tua amizade nas contrariedades, e já que somente queres a Ele, faze calar toda atividade, até de seu serviço, no abandono a Ele. – Meditei, entretanto, também sobre a participação que, como resposta a essa graça, eu deveria ter do amor de Jesus pelo seu Pai. Fui levada a contemplar a dependência da humanidade em relação ao Verbo; esta contemplação me toca profundamente, sob qualquer forma que se apresente; porque é, acredito, a meta à qual Deus me chama, apesar de que há muito tempo não tenho nenhuma facilidade para me colocar nessa dependência. Eu a concebia hoje, nesse sentido. Na Trindade, o Filho ama infinitamente o Pai; Ele trouxe na sua humanidade o mesmo sentimento, teve uma impetuosidade de amor para empregar toda essa humanidade e em todos os momentos dessa humanidade para a glória do Pai. Mas essa humanidade, que é propriamente meu modelo, ainda que seja a pessoa do Filho de Deus, tinha uma vontade, já que em Jesus Cristo havia duas vontades. Ora, não somente com esta vontade movida pelo Verbo, a Humanidade buscou em tudo a glória do Pai, mas ela amou o Verbo que a usava dessa maneira e era feliz de servir para manifestar seu amor, – aí existe um abismo de graça inexprimível e não ousou expressar meus pensamentos sobre esse mistério que sempre me é apresentado como modelo, mas temo dizer alguma palavra que não seja de fé. Penso que minha alma está também animada pelo Verbo, e ao mesmo tempo pela Santa Humanidade, pois é o espírito de Deus feito homem que é a graça dos cristãos. “*A graça veio por Jesus Cristo*” (Jo.1,17) e na comunhão que nos vivifica recebemos até o seu Corpo. Pois bem, minha alma deve amar Jesus muito fielmente para ser uma manifestação de amor para seu Pai, amar o Pai com todo o amor de Jesus Cristo, ser diante do Pai a expressão de Jesus Cristo. Não deve ter nenhum movimento próprio, senão para voltar-se para Jesus, agradecer-lhe que se digne animá-la e suprir à pobreza de seu amor.

5º Dia 14 [de setembro] Ontem, em meio a todos esses pensamentos que deviam ser suficientes para me ocupar, fui tentada por curiosidades, conversas interiores com as criaturas, pensamentos inúteis, atividade, atrapei a oração para fazer isto ou aquilo. Vejo que me espera um combate real contra essas coisas, que a vontade de deixá-las de lado não impedirá que se apresentem continuamente a meu espírito, e que só sairei vitoriosa por uma fidelidade muito verdadeira e contínua, mas sem escrúpulo, porque não há motivo de reprovação mas só de humilhação por ter me preocupado, sem ter cedido voluntariamente, e sobretudo sem ter feito nenhuma ação segundo os desejos da natureza.

Ontem também, apesar de tudo o que precede, na estação da Crucifixão de Jesus, não consegui me impedir de lhe dizer ainda, que se o estado de desespero de onde estou saindo, tivesse alguma coisa que aliviasse seus sofrimentos, podia me fazer voltar a ele. Adorando Jesus na sua agonia na Cruz, não ousando chamar a Deus de Pai, e não menos sendo desprezado por Ele do que pelos homens, eu sentia desgosto ao ver que minha vida teria ido sob o peso da inimizade com Deus e que no entanto, não excluía a esperança da salvação eterna, nem sobretudo a vontade de fazer até o fim, e em

qualquer situação difícil, a vontade de Deus. – Se o desespero não ofendesse a Deus, eu aceitaria de boa vontade, morrer com sentimentos de desespero, no lugar dos pecadores que mereceram esse castigo. Mas, se isso me afasta de Deus, se abrindo os olhos além da tumba, encontro meu Deus irritado de minha desconfiança, eis o que não posso aceitar e o que me tornava tão infeliz ultimamente, porque me via sem cessar num pecado contra a esperança. – Mas são uma loucura todas essas voltas sobre mim. É necessário que a confiança me una a Deus, e me tire de qualquer pensamento diferente, para me tornar capaz de sofrer simplesmente e em Jesus Cristo. – Desejo pertencer ao amor, imitar as pessoas crucificadas, que como Madalena se formaram ao pé da cruz: que eu torne Jesus o Mestre, Ele o realizará, que minha Cruz atual seja fazer exatamente o que Jesus faria no meu lugar, mortificar meus pensamentos, minhas atividades, meus relacionamentos com as criaturas, esta cruz será mais útil do que os desesperos onde, por vezes, eu me permitia me refugiar nas coisas exteriores.

Esta manhã estou cansada, por isso rezo com negligência. No entanto meditei sobre Jesus Cristo modelo de nosso amor por Deus e acredito que encontrei a resolução importante de meu Retiro. Jesus Cristo honrou sem cessar a seu Pai, seja pelos seus sentimentos interiores, seja pelas suas ações, seja pelos seus sofrimentos, Ele não teve um movimento que não fosse pelo amor de seu Pai; viveu unicamente pelos interesses de seu Pai, e nunca pelos seus, em nada. É nessa altura que Ele me pede manter continuamente meu coração. Por esse caminho devem ser santificados todos os instantes de minha vida, minhas ações, meus sentimentos e meus sofrimentos, pois em qualquer situação que me encontre, posso glorificar a Deus por uma dessas três coisas. Para isso devo afastar a maioria de meus desejos. A esta luz devo discernir todos meus projetos. Por isso, que pensar de desejo de ir a Hyères ou a Bonnes?⁸⁶ É por amor a Deus que o desejei? Será que aí encontraria sua glória, seu interesse? Sim, se fosse a obediência que o pedisse, mas eu só poderia aceitá-lo neste caso, e não seria uma ausência perigosa pela satisfação do amor próprio. Que pensar dos meus melhores desejos de ver uma criatura, de falar ou de saber alguma coisa? Deus encontra aí seu interesse? Também, será que eu procuro somente o interesse de Deus até num encontro necessário, nas palavras que eu digo? – Na vida ativa, terei que me questionar com frequência e fazer um exame minucioso sobre meus desejos. Deus me pede, já faz tempo, que deixe cair toda ação e todo movimento, em que Ele não tenha interesse. Isto me pareceu duro, na falta de liberdade em que me encontrava e que me dava prazer, dois anos atrás. Depois da aflição que experimentei e experimento ainda por ter sido infiel, não se trata de voltar atrás. Não mereço receber uma graça que me faça descobrir tudo quanto devo me despojar, mas procurarei suprir por uma contínua oração, colocando todos meus desejos diante de Deus e renunciando fielmente a todos os que não são unicamente dEle. Somente poderei dizer: isso que importa a Deus? – e deixarei de lado como não me interessando também a mim. E se as circunstâncias me obrigassem, tentaria agir com despreendimento e indiferença, segurando meu coração tão fortemente em Deus, que ele não se dê um prazer natural. Finalmente Jesus Cristo nunca pensou em si mesmo. Esta palavra contém o remédio para todas as aflições interiores. Pensar pouco em si, e muito nas perfeições divinas, não haveria mais que aflições divinas, como sentir dor do pecado, mas sem ficar abatida e sem diminuir as grandes virtudes de fé, esperança

86. Estações de águas no sul da França.

e de amor. Meus últimos desesperos partiam de olhar demasiado para mim mesma, e longe de me afastar deles, me afundavam mais e mais.

Em suma, quero dar glória a Deus por todos os instantes de meu ser, quero fazer só o que Ele quer que eu faça; aliás, que eu morra ou que eu viva, que sofra ou me alegre, só desejo chegar a que isso não conte para mim. Não se trata de escolher o mais penoso, de amar o sofrimento, mas simplesmente e porque é bem melhor, deixar-me levar somente pelo amor de Deus e amar em tudo sua vontade e sua glória. Acredito que esta seja a grande resolução de meu retiro, espírito de vida nova que devo levar dele.

Passei a tarde a pedir a Jesus Cristo sua graça para fazer, ao sair do retiro, tudo quanto espera de mim; a comunicação de seu amor: pedi que me dê mesmo seu coração, especialmente para cumprir meus deveres de Superiora, onde vi que falhei muito, deixando ir as coisas de qualquer jeito e as pessoas a sua imperfeição, sem reanimá-las para fazer freqüentes esforços.

Sinto ainda neste retiro complicações demais, gostaria de me centrar no único pensamento que Deus me tinha dado antes de começar.

N.191/01 [Continuação do caderno, folha dupla.]

12 de janeiro de 1844

Retiro do Mês

– Durante

este mês contemplei com proveito a parábola do Filho pródigo, do Bom Pastor etc em meio a muitas aflições. Faz três dias especialmente estava cansada de minhas dificuldades e não estava disposta a me inclinar humildemente e suavemente sob esse peso. – Desde ontem, pensei muito (chegou uma carta de Amélie⁸⁷ que despertou meu gosto pela filosofia) que eu sofria tanto porque havia querido me colocar – fazem 2 anos – num espírito de penitência que é contrário a minhas convicções e a meus atrativos, pois comportam o temor de Deus e os sofrimentos aceitos em vista de meus próprios pecados. Estas duas coisas me são odiosas; sei bem, mesmo sem precisá-lo, que é por esse motivo que quis me submeter. Como eu não conhecia nada de mais revoltante que o temor, nem de mais baixo que sofrer por si mesmo, queria que meu amor devorasse essas duas coisas, e temo ter esquecido que por esse caminho podia secá-lo. Seguindo esse pensamento, fui diante de Deus com a disposição de ocupar-me especialmente de amor, de humildade e de sofrimento no amor. Depois de várias coisas fui fortemente ocupada em unir-me aos sentimentos principais do Menino Jesus, a seu amor pela sua mãe, seu amor pelo seu Pai. Tenho dificuldade em expressar o que senti, era como se Deus me abrisse os olhos e me desse toda uma liberdade de amor.

Este amor de Jesus menino por sua Mãe me pareceu tão terno, tão confiante, eu o via abraçando-a com doçura, saudando-a cem vezes por dia em seu coração de menino *ave Maria – Santa Maria – Mãe* – e eu compreendia que para colocar em mim todos esses sentimentos de meu Esposo, eu devia fazer o mesmo com a mesma confiança e ternura.

Este sentimento de amor pelo seu Pai me apareceu sob uma luz nova. Eu via o menino Jesus recostado na palha, em seu longo silêncio, exultando de amor porque seu Deus estava presente sem cessar, mais presente que o ar que respirava, que a manjedoura que o sustentava, que seu Ser e as profundezas mesmas desse Ser. Compreendi, então, como um dom acima de todo dom extraordinário esta contínua presença de Deus, à

87. Não é possível identificar essa pessoa.

qual não penso de ordinário senão para me apavorar. Deus é tudo o que eu desejo, ou que não cesso de desejar, somente sua glória, servi-IO, e cumprir sua vontade, Deus é sem cessar quem me envolve, minha sociedade, o hóspede íntimo de meu ser e posso estar atenta aos lugares, as coisas, e estar ocupada de outra maneira a exultar de alegria sob esse revestimento de Deus.– Jesus menino estava aí para este Deus, sofria e devia sofrer por Ele, podia lhe dizer: É por você, que sou criança, que passo frio, que sou imolado, marcado com o selo da vítima. Pois bem! Apesar de tudo do que sou culpada, de tudo o que sou, posso dizer a Deus: É por você que sou dependente, que tenho frio, que sou e devo ser vítima; é por você que sou religiosa, como Jesus é criança por você. – Esta permissão, esta verdade foram para mim inefáveis. Oh! O que não se suportaria, podendo dizer a Deus presente: É por você! Enquanto o menor peso se torna insuportável quando se diz só o que eu dizia: É justo. Pois finalmente, ainda que pecadora como eu sou e digna dos maiores castigos, é livremente, é por Deus que quero ser penitente, que desejo ser vítima com Jesus, e se eu não houvesse pecado, eu o quereria hoje, ainda com mais alegria. Descobri depois que só Jesus se mantinha nessa intimidade com Deus de uma maneira gloriosa para Deus e digna dessa intimidade. Ele não se retira de nós por causa de nossas falhas, mas temos que deixar Jesus agir em nós, para nos conduzir a Deus, já que Ele nos concedeu a primeira graça de abrir-nos os olhos para nos fazer compreender essa presença, essa sociedade, essa intimidade com Deus, maior que as graças particulares concedidas aos maiores santos. Oh, minha alma você vai sentir ciúme? Existe uma graça que iguale a presença contínua de Deus, revestindo e sustentando a alma e o corpo, a tal ponto que se nossos olhos se abrissem, não poderíamos suportar tal esplendor? Ou ainda, a comunhão que leva Jesus Cristo a nossos corações para se tornar, em nós, o princípio de uma homenagem pura para esta divina Majestade? Isto me levou a tentar esquecer, com freqüência, o lugar onde me encontro, para me ver a mim e as coisas e pessoas que me rodeiam, amorosamente perdidas na presença de Deus! Isso me deu muita confiança e tomei estas palavras de Jeremias para mim: “*Eu te coloco como uma cidade fortificada*” (Jer.1,18). Deus me arma dEle mesmo para ir ao combate da penitência, como o menino Jesus. “*Como meu Pai me ama, assim Eu vos amei*” (Jo.15,9) , pois Este amor que me foi revelado, não é para que eu não sofra, e assim eu não o estimaria do fundo do coração, mas para que sofra com um impulso de amor, sem temor, e sem esse peso terrível da justiça a qual eu me referia sempre tristemente.

N.192/01 [Quarta página do caderno.]

15 de março de 1844

Estou bastante tranqüila desde minha última carta. É interessante constatar que o fato de expressar meus pensamentos, que não são muito bons, me pacifica, mais do que senti-los tacitamente, sem explicá-los a mim mesma. Só ontem me trouxeram *Vozes de prisão* de M. de Lamennais: mais de uma coisa fez bater meu coração, quando^{C.1611} abri esse pequeno volume, mas com mais calma. Não é possível que a regeneração terrestre da humanidade, de sua lei social, não deva surgir da palavra de Jesus Cristo. As noções admitidas hoje, e o espírito dos católicos de nossos dias, podem obscurecer esta certeza a meus olhos, eu posso até não a captar, mas esta pobreza, esta noite de minha inteligência oprimida por idéias que eu rejeitaria naturalmente como opostas, não impede que a coisa seja, e que minha fé a saúde através de minhas

trevas. Fica, sem dúvida uma amargura, é que então quando não se concebe absolutamente o caminho para a realização da meta, a ação se torna mais pesada, mais incerta, mais tímida. Mas...

[A página seguinte, que estava escrita até a metade, foi cortada e retirada. Fica, na esquerda, margem de uns três centímetros, na qual pode-se ler o início de cada linha, que correspondem à carta 1611 do 15 de março de 1844 ao P. d'Alzon. – Consultar o texto francês para comparar.]

[Seguem-se oito páginas em branco.]

N.193/01⁸⁸

Para o P. d'Alzon — Festa de Santo Agostinho — Retiro de 1844

Que a humanidade de Jesus é pura dependência, flexibilidade, doçura, submissão interior ao Verbo e exterior a todas as pessoas escolhida por Deus para todas as situações mais humilhantes, para todas as coisas, em todos os momentos, (trabalhar, calar-se, deixar seus amigos, ir aqui ou ali, fazer isto ou aquilo, tudo isso estava dentro da obediência de Nazaré *Era-lhes submisso* (e isto me custa, por exemplo, costurar quando gostaria de bordar, e muito mais todo o resto.)

Que está abandonada aos mais cruéis sofrimentos passados, presentes e futuros e que não retire nada da sua fidelidade e da doçura de sua obediência.

Que está unida ao Verbo, aderindo a Ele, gozando e vivendo somente dEle, sem parar em nenhuma outra coisa, mesmo que seja uma criatura. (Aí está o fundo do que Deus pede a minha alma, e muitas vezes eu me afastei.)

Que estas são as três disposições que me são pedidas e às quais não fui fiel: o orgulho, a vontade própria, a independência e a teimosia, a superficialidade e a dissipação se opõem à 1ª. A moleza de corpo e de espírito e o amor de mim mesma à 2ª – O amor das criaturas, distrações, busca de satisfações à 3ª. –

Em que pode me ajudar para chegar até lá? Em que pensa que posso me trabalhar? Em que me encontra mais frágil?

Quanto à mortificação que faço já há algum tempo, penso que necessito dela, mas que resisto fortemente: o jejum me faz bem tanto a meu corpo quanto a minha alma: eu poderia me habituar a tomar somente pão e água no almoço. O cilício e a disciplina, mais vale empregá-los como penitência, quando não tenha feito minha leitura espiritual ou não me levantei na hora marcada etc. Que ele me prescreva a esse respeito o que quiser e me diga o que me permite e até onde me deixa livre quando ele se cala. Eu deverei tomar sobre meu sono, o que faltasse a 5/4 de hora ou a 1h1/4 de oração por dia. Que ele me corrija da falta de pontualidade para me levantar. Se ele quer mais tempo para leitura ou estudo, confesso que meu corpo se habitua como à maioria das coisas. Somente devo me impor silêncio e flexibilidade, fazendo-os, espírito de amor. – Quanto ao absinto, dormir numa tábua, as urtigas, o que ele quer? – Ademais, ele deveria, algumas vezes, me pedir, sem raciocinar muito,

88. Esta nota está escrita no verso de uma carta ou projeto de carta de Maria Eugênia a um Bispo (4 de agosto de 1844) em vista de uma visita que esse Bispo faria à comunidade. A carta está assinada: “Ir. Maria Eugênia de Jesus. Sup. das damas da Assunção”. Mais em baixo, no canto direito, encontra-se a divisa “D. Seul” (Deus Só). Essa divisa, “Dieu Seul” ou D.S. é empregada pela primeira vez por Maria Eugênia aos 2 de março de 1841 junto de sua assinatura numa carta ao P. Combalot, C 127. Mais tarde ela a utilizará muitas vezes, enquanto a divisa *Maria Assumpta est*, será usada por Maria Eugênia no cabeçalho das cartas.

algo de muito duro, a meu ver, para me levar ao abandono absoluto, moderando-o ele mesmo, mas exigindo uma submissão à proposta mesmo de fazer mais tempo ou torná-la mais dura do que seria razoável, passando quando possível aos efeitos (tomar a disciplina até o sangue, 2 vezes seguidas, cinto de ferro mais tempo, jejum, ou vigília absoluta etc). – Que ele me proíba de tomar algo entre as comidas – de levantar os olhos quando saio. – Este última coisa me faz voltar ao 3º pedido: Deus me incentiva a lhe pedir que me exija privar-me de satisfações que estão fora de Deus. – Infelizmente tudo me ajuda: conversas, preguiças, falar muito no recreio.

Se eu devo fazer meu exame particular sobre a obediência à Regra e a ele, ou a humildade ou a caridade, a mortificação, o recolhimento ou o que? – Para obter de mim a flexibilidade que me é necessária que ele me faça obedecer em coisas sobre as quais não tenho outra obrigação, senão a vontade dele, e que mude (estudos, horas, práticas, trabalho, penitências etc)

N.193/02 [Nota reto e verso sobre uma folha de carta-envelope dirigido à Superiora das Irmãs da Assunção, r. de Vaugirard 108, Paris.]⁸⁹

Se pode haver ilusão em minha maneira de rezar o Ofício, que a dúvida o impeça, — consiste em dizer cada palavra em nome de Jesus detido em nós e prisioneiro de nossos vícios e maldades, gritando a seu Pai por nós do fundo de nosso coração, queixando-se da resistência e da escravidão que lhe fazemos suportar, expressando seu amor perfeito aos mandamentos de seu Pai, seu conhecimento das perfeições infinitas, duas coisas que Ele quer nos comunicar. (Os salmos das horas menores o expressam particularmente). Minha alma sente-se cansada por vezes, como se fosse uma operação que a mantém vazia e em estado de aniquilamento; com mais freqüência se sente inflamada de amor por esse Salvador que reza nela e por ela, com grande dor de o manter cativo dessa maneira e grande desejo de ser dócil com a flexibilidade da santa humanidade para com o Verbo. – Que me parece que isto está de acordo com muitas palavras de São Paulo que, no entanto temo um pouco praticar porque, para mim, não é como uma piedosa representação; mas a verdade mesma, e que eu adoro com igual fé Jesus Cristo, autor da oração em mim, como o adoro no Santíssimo Sacramento, apesar de que essas duas presenças são diferentes: a 1ª é pela graça e a fé, a 2ª é sua carne sagrada. Mas sobretudo, eu não me entrego, e sofro muito com isso, pela repugnância que sinto de ter que explicar isso a meu confessor, que me parece não compreender nada, e nem quer se dar o trabalho de compreender, a julgar pelo pouco que respondo a suas perguntas e que ele atribui a minha ignorância, e se eu insistisse, não sei se ele acharia outra coisa pior⁹⁰, de modo que ele só me fala da presença de Deus em toda parte, e quer que eu viva disso; e isso me repugna porque somente o Nome de Jesus me ajuda muito mais do que a imensidade divina, na qual eu acredito e adoro com certeza, mas sem ver o caminho que vai dela a mim; Jesus ao contrário é um caminho bem seguro, e se Ele não é o princípio das virtudes e mesmo que Ele não possa ser, em mim, às vezes paciente, às vezes humilde, às vezes doce etc. eu desespero de agir segundo essas virtudes, visto que sou fortemente oposta a elas, e quando acontecesse de ver o olhar de Deus fixado em mim, nunca poderia satisfazê-lo, a menos que Jesus se encarregasse de o satisfazer

89. O carimbo do correio parece indicar setembro de 1841, o que é coerente com o endereço. Porém pela letra e pelo conteúdo, esta nota não parece estar em seguida da precedente, datada de 1844.

90. Segundo a correspondência parece tratar-se do P. Gabriel.

em mim. Toda minha perfeição parece-me que consiste em acreditar firmemente nesse socorro do Salvador; em deixá-lo agir e ceder a Ele, mortificando o que minha natureza produziria por ela própria, e reclamar na oração; aceitar essa graça e dar glória ao Pai. Acho que a Igreja termina todas as orações em nome de Jesus Cristo para nos certificar desta verdade que é Ele quem reza em nós. Parece-me que todo o dogma da graça justifica meu atrativo, e que é o valor que Santo Tomás dá à qualidade de chefe da Igreja pertence só a Jesus Cristo. Mas como você quer que eu diga tudo isso a meu confessor que não me perdoaria jamais de querer parecer muito sábia, e que acredita que minhas aflições procedem de minha ignorância de outro caminho. Ele não me criticaria, sem dúvida de me apoiar em Jesus Cristo.

Tomado em um certo sentido, pode-se chegar ao panteísmo, e vejo com frequência conclusões afastadas dos misticismos que me propõem, e isso me põe em guarda e me dá desconfiança.

N.194/01 [Papel de carta; duas folhas soltas]

Retiro de 10 de setembro de 1844

C.1635
C.1636
C.1637

1º Dia. Depois de ter lido longamente Bossuet sem saber em que parar, de repente me invadiu um sentimento profundo, ao perceber que todas minhas misérias vêm de minha falta de piedade. Depois de me ter detido bastante tempo e refletido, parece-me que devia pedir três coisas neste retiro, ocupar-me só disso e me convencer delas: 1º a piedade que deve animar todos meus atos, meus exercícios espirituais sobretudo, e me proporcionar uma vida com Deus. Ora, Ele pode ocupar meu espírito, tocar meu coração, pode dar-me pelo recolhimento e pela piedade graças às quais não tenho respondido; também me mostrar em que eu afasto a piedade, em que devo me aplicar na oração, no Ofício, em tudo, mostrar-me isso através das irmãs, dos confessores, diretor ou Superior, pouco importa, Ele saberá, poderá e quererá fazê-lo se eu lhe suplicar como a mulher do Evangelho que importunava seu juiz. (Cf. Luc 18,1-5).

2º A graça de me manter na verdade, como a mais vil de todas as pecadoras, a pessoa mais infiel a Deus, mais inclinada ao mal, mais cheia de misérias, orgulho, luxúria, avareza, ódio e rigidez, egoísmo, gula, preguiça, cada um desses vícios só foi vencido em mim por um outro; agir na verdade por Deus só, segundo Deus só, sem querer usurpar a estima de ninguém, buscar somente seu olhar, assim preparar minhas confissões e direções, e outras coisas que se apresentem, esquecendo as criaturas, e como tendo que prestar contas ao tribunal de Deus, e lhe apresentando primeiro aquilo que Ele mais me reprova, em lugar de me encerrar nas regras de formalismos humanos e de teologias.

3º Espírito de penitência, para agir como pecadora, sabendo-me indigna de toda satisfação, na comida, escolhendo pouco e o pior (mesmo o que deveria ser jogado fora), por causa de minha indignidade absoluta aos olhos de Deus; a mesma decisão para a roupa, quarto, distração, repouso, bem-estar natural; ao contrário, sou digna de castigo em todo tempo, fazer isto tudo quanto me é possível e permitido e escolher isso como algo que me convém. Outros apanágios da verdade: que eu sou a pior criatura da terra, ceder, não julgar, não criticar, sobretudo humilhar-me diante dos outros, pedir a Deus suas virtudes, não me envaidecer das boas opiniões a meu respeito, ou das bondades que têm por mim, mas envergonhar-me da habilidade que me leva a isso, não ser exigente, obedecer sem discussão a todas e sobretudo aos meios de cura que gostariam de empregar etc. despojamento dos parentes, etc...

Trabalhar durante o retiro para me convencer de tudo isto e para consegui-lo.

Tarde. Propor como objeto de minha piedade: Jesus sofrendo, humilde, doce, imutável em amor, em flexibilidade e sacrifício de si mesmo.

Domingo Jesus sofrendo pela Igreja, imitá-lo, oferecê-lo e unir-me a Ele.

Segunda, Jesus sofrendo sob a ação do Espírito Santo.

Terça Jesus sofrendo pelo P. d'Alzon e sua obra, suas virtudes e amizade, submissão, edificação, oferecer seus méritos pela obra nova.

Quarta Jesus sofrendo por mim, responder a seus desejos e me entregar, sentindo-me confusa diante de tanto amor.

Quinta Jesus sofrendo pela casa e procurar responder.

Sexta Jesus sofrendo pela glória, a obediência e o amor do Pai.

Sábado Jesus sofrendo pela salvação de todos, dos meus, dos pecadores mais obstinados, entregando-os a sua Mãe que sofre também pela santificação das pessoas escolhidas, sua mãe, as santas, Ir. Th[érèse] Em. e cada religiosa.

Vejo, com freqüência, que minha perfeição consiste em aceitar que me imponha suavemente e de boa vontade, tal cruz, que ele queira me impor (austeridade) ou que Deus me envie, nem fazer um movimento para evitá-lo, nem diminuir nada, nem me queixar, e gostaria que, se fraquejo, ele me faça levantar como Jesus com a cruz. Percebo, no entanto que isto é um papel difícil e que minha fidelidade deve evitar.

Retiro de setembro de 1844

2^{do} Dia – Não me lembro bem de minha oração desta manhã, sei unicamente que foi muito rica, confiante e pacífica. Parece-me que tendo recebido hoje Nosso Senhor, ele ficou comigo e me convencendo de seu amor por tudo quanto sofreu por mim, lhe abri meu coração como a meu único amigo. Reconheci com ele que entre os sofrimentos que sente meu coração e aos quais volta por vezes, há alguns que são naturais e que é errado voltar a eles, mas o faço, a maioria das vezes, para me lamentar, ou para que tenham pena de mim; sei que estas falhas vêm do pecado, são renúncias às coisas que me uniam à natureza, o que deve ser objeto de ação de graças ou de simples submissão, pois há outras mais legítimas às quais sou mais sensível, mas das quais falo menos porque atingem menos os outros, são as do lado de Deus e produzidas pela contrariedade de meu desejo de ser toda dEle. Ainda aí vi as coisas de duas maneiras: ausência de luzes, gostos, sentimentos, de representações fáceis das coisas de Deus, perdas onde se pode encontrar um grande bem pois me sentia levada a descansar aí, a me orgulhar, me fazer estimar e que aliás as impressões, as ternuras, as numerosas resoluções não são Deus, agem em mim superficialmente e não me tornam realmente boa, e não me ajudam a reconhecer a verdade de meu estado de vil pecadora; aliás, essas impressões particulares, a inquietação de ter falhado em alguma coisa pequena, querer ver tudo através disso, os desesperos, as perplexidades a necessidade de um conselho inteligente, tudo isso, não me traz, na realidade, nem simplicidade, nem paz, nem humildade, nem conhecimento de minha impotência e pequenez, nem por conseguinte é uma escada segura para chegar a Deus. O mal da segunda espécie é bem pior, minha pobreza em todas as virtudes, em boas obras, em bom exemplo, a angústia que acompanha sempre a imperfeição, meus pecados, as falhas em meu cargo, a estima de mim mesma, a dissipação com as

peças, tudo isto me levou aos pedidos de ontem, acrescentando a disposição de uma plena submissão à vontade de Deus. – Esta submissão, este abandono, basta amplamente, e não devo me imaginar mais nada para o *Eis que venho* (He.10,7). Deus o levará até onde quiser, por Ele mesmo, e pelos outros, mas me incentivando e sustentando, de forma que não devo me inquietar de falhar. Gostaria de aprender a sofrer como os animais sem pensar no futuro, nem nas conseqüências pois pertencem a Deus.

Vejo que o pedido de piedade responde à dissipação, à verdade de meu estado de pecadora, às vãs estimas de mim mesma e a uma parte de minha conduta ruim com o próximo. A penitência sustentaria um e outro, e a regularidade, a submissão amorosa a vontade de Deus responde a tudo e em particular à Regra, a obediência às coisas deploráveis e aos imprevistos. Pedi para tudo isso atrativo e cooperação, o querer e o fazer, feliz da realidade da graça e prometendo dar tudo e pedindo que me dêem a possibilidade de dar. Acho que minha oração já é um ato de minha parte, e no entanto foi Deus que me concedeu fazê-la. Enfim, pedi poder viver da vida da Eternidade, começá-la por um puro olhar de Deus, um afastamento das coisas passageiras, pedindo para viver cada dia como se não houvesse amanhã neste mundo e prometendo de realizar isso. Eu esperava tudo de Jesus sofrendo por mim e o pedia pelos seus méritos.

3º Dia. – O que mais me ocupou esta manhã foi o amor da Beleza sempre antiga e sempre nova,⁹¹ uma confiança que sou chamada a possuí-la um dia, a certeza que a fé, os sacramentos, a vocação, os sofrimentos, as dificuldades, os bons desejos, todas as circunstâncias de minha vida, as pessoas e as coisas me foram dadas para me conduzir a isso. Depois tive um sentimento de paz sobre o mal e a morte *Desejo morrer e estar com Cristo* (Fil.1,23), de abandono a Deus em todas as coisas desta vida passageira, grande desejo de o servir com uma regularidade perfeita, encontrando sua vontade nos menores pontos da Regra, e levar a comunidade à maior perfeição possível, na regularidade, na modéstia, na oração, no silêncio. Eu tinha substituído a Missa pelas orações do Ordinário e a comunhão espiritual, com tanta consolação, que vou fazer isso com mais freqüência.

N.195/01 [Duas páginas arrancadas, formato de caderno e uma em papel de carta.]

Direção dada pelo P. d'Alzon + 30 outubro de 1844⁹²

Na minha visita a Nîmes combinamos:

Que devo continuar a fazer esforços para me manter numa grande flexibilidade.

Que devo me entregar generosamente a Jesus Cristo e segundo todas as inspirações que tive; aceitar esse estado de pecadora que não me permite queixar-me do passado e que me faz sentir um grande desejo de me humilhar, de reparar minhas infidelidades e de curar minhas misérias; que devo me abrir a esse sentimento de pureza de uma Esposa que tende a me separar de todas as coisas da terra. *Como lírio entre espinhos assim é minha amiga entre as jovens* (Cant.2,2). – Que devo aceitar

91. Confissões de Santo Agostinho. Livro10, XXVII, 38: *Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei.*

92. Do 16 de outubro ao 2 de novembro de 1844, Maria Eugênia está em Nîmes, para trabalhar com o P. d'Alzon sobre a redação das Constituições.

essa sentença de morte pronunciada contra Jesus, como pronunciada também contra minha vida, minhas satisfações naturais para me abandonar a toda a extensão dos desígnios de Deus, como Jesus se abandonou no Calvário, – *feito obediente até morrer* (Fil.2,8), como Jesus nascendo em Belém e como Jesus na hóstia: *Eis que venho* (Heb.10,7; Sl 39, 8). Que geralmente devo acreditar na ação e nas moções de Deus e devo me esforçar seriamente por responder, entrar na vida de Jesus e cumprir meus 3 votos segundo a luz interior que me seja dada, não me contentando com fazer somente as coisas como são pedidas exteriormente, mas aplicando-me em fazê-las como vi na oração. O padre aprova completamente o desejo de começar a vida da Eternidade, procurando agir diante da verdade de Deus. Ele quer que somente me confesse das coisas que não faço dentro desta visão, e para me tirar a preocupação das distrações, proíbe-me confessar disso durante um ano e pede que lhe dê conta só do efeito que me produzirá esta proibição. Ordenou-me prolongar minha oração o mais possível, rezar com liberdade e confiança, sem me esforçar em meditar e sem temer pensar que não estou fazendo nada.

O padre me ordenou me manter como superiora no meio das irmãs e nem sonhar em ser dispensada, nem ceder em absoluto, nem falar disso com as irmãs, mas me fazer o centro e ter com todas as irmãs o relacionamento, a autoridade e a decisão necessárias para isso, não comprometendo por uma falsa humildade o respeito de meu cargo e mortificando com cuidado as negligências, as imprudências, preguiças e familiaridades que prejudicariam minha ação de Superiora.

Ele quer que eu seja séria; que combata em tudo minhas covardias e minhas distrações, que faça por Deus todos os sacrifícios que lhe neguei e que me torne generosamente fiel a tudo quanto percebo que me pede para viver uma união mais perfeita, mas por amor, com grandeza de coração, de forma que se a irritação me toma, eu deixe um pouco de liberdade a minha natureza, o que é melhor do que começar uma luta de amargura durante um tempo, mesmo se em algum momento parece ser mais perfeito; não posso fazer nada sem amor, senão é melhor deixar a ação de lado, sobretudo quando a irritação me invade. Ele quer somente que nesses momentos, mesmo aceitando em paz a fraqueza de onde nascem esses movimentos amargos de me achar tão frágil, tão irritável, eu procure melhores disposições. Devo rapidamente buscar melhores disposições perto de Jesus humilhado, carregado de dores, tão doce, tão flexível, tão generoso, tão amoroso em seu sacrifício; e mesmo aceitando em paz a fraqueza de onde nascem as disposições amargas, devo procurar por amor e por docilidade esforçar-me para não deixá-las reaparecer.

Para me ajudar a realizar tudo isso, farei as seguintes austeridades:

3 vezes por semana tomarei a disciplina, na 6ª feira durante um Miserere, os outros dias menos tempo. – 3 vezes por semana a corrente de ferro durante 3 ou 4 horas. Quanto puder tomarei somente pão para o almoço, jejuarei 6ª feira, me levantarei meia hora antes que as irmãs. Não devo considerar esta Regra como um limite que me imponho a mim mesma, devo ficar abandonada a tudo quanto o padre queira acrescentar ou mudar. Fico livre para fazer às vezes outras austeridades que me pareçam necessária ou alguma penitência por uma infidelidade de que sinto remorso, mas me proibiu absolutamente de falar sobre isso.

O padre quer me formar como a uma noviça, e me promete aceitar um voto de obediência de minha parte, se ele me perceber, durante um certo tempo, suficientemente flexível e submissa para não temer que este compromisso me perturbe. Ele tem muito interesse em me ver penetrar neste abandono a toda vontade

N.198/01

de Deus e nesta única ocupação de sua glória cujo modelo para mim é Jesus; ele me prometeu de me ajudar nesta prática, dispondo de mim em coisas duras ou contrárias ao que penso, me obrigando a obedecer sem raciocinar e a me sacrificar a Deus como sinto que Ele me pede.

Ele me ordenou que me levante rapidamente e aproveite esse tempo, ou uma parte, para examinar o que Jesus Cristo quer que eu viva durante o dia, particularmente nas minhas relações com o exterior onde devo renunciar a toda atividade e busca de mim mesma para não ser mais que o instrumento de Jesus Cristo, perfeito na dependência. O padre me ordena expressamente que fuja das satisfações naturais fora de minha vocação, e se acontecer que encontre alguma legítima, ele está convicto que devo sacrificar a Deus toda busca de contentamento fora dEle. Quer que faça meu exame particular sobre o espírito de entrega total e docilidade, que trabalhe para ter com meus Superiores espírito de fé e respeito. Também me ordena baixar os olhos nas saídas, e me confia a missão de trabalhar para salvar a meu tio⁹³, e ter para com ele os mesmos sentimentos do próprio Jesus. O padre me obriga a lhe prestar conta do que terei feito nesse sentido para reconciliar esta alma com Deus. Quer que ponha o cilício durante o tempo que esteja com meu tio, para me lembrar e como uma oferta a Deus por ele.

Para mortificar o amor que tenho por minha saúde e minha vida, ele quer que nas pequenas doenças eu me deixe cuidar como o médico ou as enfermeiras decidirem a menos que ache algum inconveniente grave.

Para mortificar também minha ansiedade em abrir rapidamente as cartas que recebo, abrirei as dele somente 24 horas depois de recebidas, a menos que me indique no envelope a urgência.

Enfim, o padre me faz um dever estudar o mais possível, marcando-me eu mesma um objetivo, seja no ensaio de um tratado de estudos, seja na preparação das instruções do Capítulo, instruindo-me o mais perfeitamente possível das verdades dogmáticas, procurando adquirir o conhecimento das coisas que se ensinam na casa para poder fazer os exames e ter opiniões mais fundamentadas no detalhe. Devo lhe prestar contas do que farei nestes pontos. Particularmente ele quer que leia a Escritura durante uma parte do tempo que vou ganhar pela manhã. Ele me ordena também a exatidão a minha leitura espiritual e me indicou o tratado *sobre as Virgens* de Santo Agostinho.

Deseja, sem o impor, a mesma exatidão sobre o Rosário. Concede-me comungar cinco vezes por semana; acha bom que me dirija ao Padre Leroux, apesar de toda consideração humana, quando achar que é útil e que me mantenha numa certa reserva e liberdade com nosso confessor atual (M.G.)⁹⁴

Acrescento aqui, como o padre me ordenou, o sentimento grande, tão rico que tive ao final de meu Retiro, a força, o poder, a energia de Jesus Cristo nestas palavras: *Aquele que crer em Mim fará as obras que Eu faço e ainda maiores* (Jo.14,12). Esta impressão me dará um coração grande e muito ativo. Todas as pequenas coisas, sentimentos de susceptibilidades, de repugnância, desaparecerão como a neblina diante do sol; eu via claramente que todas as fragilidades de meu coração deviam ser

93. Sr. de Franchessin.

94. Provavelmente o Padre Gabriel, capelão e confessor. O Padre Gaume é o Superior eclesiástico.

vencidas pela força de Jesus Cristo, e todas essas voltas e desvios, pela verdade, todas essas covardias, todas faltas de mortificação, pelo respeito de sua glória: *Glorifiquem a Deus nos seus corpos* (1Cor.6,20) . É este sentimento que, ordinariamente, é o princípio da minha força, mas não o tive há muito tempo.

[Folha de papel de carta.]⁹⁵

Ao Padre d'Alzon

Eis as outras coisas que no momento de sua partida você me disse para acrescentar:

Em que posso me tornar dependente? – Posso na mortificação tanto quanto Deus permitir que não me sinta cansada, e não me surpreenderia que assim fosse muito mais do que se pensa. Posso para minha vontade naquilo que você me pedir por um tempo, no futuro, mesmo as coisas mais difíceis – não me deixando depois cumpri-las. Este estilo de obediência destrói meu orgulho e minha independência, inclusive pede mais submissão de minha parte, do que aquilo que eu poderia decidir por mim mesma e como não tem nenhum inconveniente para fora, pode se aplicar a tudo: humilhação, sofrimento, privações, trabalho etc. Você pode ainda me fazer obedecer em todas as coisas sobre as quais o consulto, me obrigar a submeter-lhe outras, encontrar ocasião de fazer sacrifícios dolorosos, de privação e de vontade dos quais já lhe falei que Deus me pede. Mas eu gostaria de fazer observar que é desejável que eu possa agir com você como uma criança carinhosa, e que, creio que a espécie de humilhação que é feita de zombarias perturbaria essa disposição: ao contrário, o espírito sério em mim e naquele que me fala me dá sempre um certa unção que suaviza tudo, que me coloca diante de Deus e faz que me humilhe mais profunda e suavemente e que enfim quase destrói a impressionabilidade que você percebeu em mim. Pois essa impressionabilidade é como um sentimento de vergonha natural, de resistência humana que se cala diante de pensamentos mais sérios.

Outros sentimentos que tive durante o Retiro (e que me custa lembrar a você) são que, em mim não se pode ceder à natureza sem mortificar a graça. Mesmo quando é você que usa de indulgência e que assim eu não estou em falta, isso me coloca numa vida menos sobrenatural. Por exemplo, olhar objetos por curiosidade, tomar comodidades, ainda que com autorização, isso gera em mim uma espécie de apatia. Ao contrário só o fato de me colocar em disposição de fazer ou não, de ir ou ficar, segundo a obediência, me situa na vida da graça. Quanto às coisas que devo ver a fim de saber, creio que, é bom começar por fazer o sacrifício e não pedir a permissão senão depois de ter aceitado bem a renúncia e ter mortificado o primeiro impulso de desejo. Também me acho obrigada a lhe pedir que me chame a atenção, a respeito da penitência, se me afasto dela buscando meu prazer, queira por mim, mas com paciência. Finalmente, as duas coisas que me ocuparam diante de Deus são: que, o mais importante para tornar-se santa, é unir-se a Deus e ter muito contato com Ele: *Para mim é muito bom estar com Deus* (Sl 72,28) e que Jesus me pede para consultar sua inclinação e sua disposição para com cada pessoa com quem me relaciono, mesmo que seja por um instante.

95. Esta página leva o número 3, no mesmo estilo das precedentes, nº 1 e 2 , mas parece que são de uma data ulterior. O papel e a letra são diferentes e o contexto parece ser de 1845: vinda do P. d'Alzon a Paris, retiro de Maria Eugênia, voto de obediência ao Padre.

Tenho certeza que você me permite, ao terminar, lhe recomendar estas duas últimas coisas, meu querido Padre, e lhe repetir o quanto lhe desejo que tenha uma grande participação no espírito de Jesus, de forma que Ele seja em você seriedade, autoridade, serenidade e lembre a todos que você é outro Cristo, pelo silêncio, e acolhida mesmo para com aqueles que não consegue educar, espírito elevado, sobretudo acima das brincadeiras desta terra, e também um espírito de poder e de tenacidade lá onde você pode agir, educar e formar os outros, uma disposição enfim, para realizar sempre esta palavra de Nosso Senhor: *O que digo, não o digo por mim mesmo* (Jo 12,49), de tal maneira que você possa comunicar esse espírito aos outros, fortalecendo-os pelo desprendimento dos bens e dos males desta vida, e em primeiro lugar comunicá-lo a sua filha que Deus lhe confiou e que deseje sinceramente também ela trabalhar sobre isso.

N.196/01 [Dupla folha de caderno escrita reto e mais seis linhas e meia escritas no verso.]

[1844]

Bem-aventurada Maria de Socos

Hoje, antes da Missa, senti imensa dor ao pensar que Deus não é nada para mim, e que entre Ele e eu não existe nem retidão, nem harmonia. Se Ele me castigar por ser culpada, será meu juiz, se dispuser de mim, será meu patrão, terá parte em mim de maneira verdadeira, conforme a sua verdade. Mas onde está diante dEle a verdade de minha qualidade de esposa: quando recebo sua carne, onde fica a sua relação com um ser todo sujo como é o meu? Sinto-me como um sacerdote sacrílego, que sabendo a aversão que Deus tem dele, é obrigado, por causa do exemplo que deve dar, a fazer todas as ações santas, Missa, confissão etc. – Assim eu falo em nome de Deus e não é Deus quem fala em mim; eu O levo em meu hábito, em minha autoridade, na minha aparência, e somente posso chorar quando entro dentro de mim e percebo o abismo que nos separa: pensar em fazer tudo hoje, retamente diante dEle e por Ele, parece-me como um menino que dissesse: hoje vou viver como um homem; ou esse sacerdote, se Deus o tocasse de arrependimento, e dissesse a si mesmo: continuarei na intimidade de Deus o que eu fazia indignamente em seu Nome. Oh! Como seria bom para a alma ser tratada com rigor, se a jogassem num abismo de humilhações, ela encontraria sua paz, invejo a penitência pública na porta das igrejas, porque aí reencontraria a verdade,

Mas estou tão cheia de mim mesma que não posso sair adiante, impotente para agir com pureza, tenho que esconder minha vergonha e parecer boa. Não posso, não ousar, não quero deixar de comungar, pois finalmente Jesus fará um dia algo por mim, mas como o recebo? E todos os sentimentos de confiança e amor que posso ter, como não me diria que são pura imaginação, quando o fruto da comunhão e de toda conversa com Jesus aparece tão pouco em mim. No entanto, tem piedade de mim, meu Deus e que o sacrifício de Nosso Senhor me obtenha seu olhar e a graça de ter com você uma relação não mais de mentira, mas de verdade. Todas as penitências corporais me parecem impotentes para me purificar e expiar: só a retidão de coração e a simplicidade podem me reconciliar segundo o conhecimento que tenho de meu mal, mas como consegui-las, como agir sempre com Jesus Cristo tal como o exigem deveres tão santos como são os meus?

Retiro do mês 4 de março de 1845

O que me reprovou diante de Deus, é que Nosso Senhor não é suficientemente objeto de minha ocupação, nem o princípio interior de minha vida. Parece-me que, antes, eu tinha centrado mais nele meus pensamentos, julgamentos, sentimentos, as motivações de minhas ações. Seria talvez consequência das minhas resistências interiores quando progressivamente Ele me pediu certos despojamentos mais profundos, uma dependência íntima e contínua, uma fidelidade acima dos sofrimentos, das coisas que me custam; uma morte completa a minhas satisfações, para, mesmo quando as tenho, não saboreá-las, mas saborear, querer e aceitar unicamente sua vontade. Ser para Ele como uma humanidade flexível, pronta para tudo, fiel a fazer por Ele só, as grandes e as pequenas coisas.

Esta resistência me provocou tanta dor e uma privação tão amarga de Jesus Cristo, senti mil vezes essa dor, mas era uma dor de mercenário, dor do castigo, dor tão pouco pura, que virava raiva e me afastava de Deus e tive que trabalhar para moderá-la e assim aproximar-me um pouco de Deus. Não preciso confessar que o fundo da resistência vive e reina ainda com frequência no meu coração? Não é verdade que se eu pudesse aliar a graça de Jesus Cristo, a oração tal como a tinha antes que Nosso Senhor me levasse tão longe, o cuidado de combater suavemente certos defeitos, que me molestam bastante, levar uma vida regular, dar bom exemplo, ter um coração doce, tranqüilo, possuindo-me honestamente a mim mesma nas coisas menos culpáveis e se nenhuma reprovação íntima me pesasse, eu me sentiria bem contente? – Há alguma coisa aí que não posso sondar, um sentimento interior que necessito esclarecer, porque mesmo de boa fé, eu faço o contrário.

Com frequência me digo: mas por que querer voltar a coisas que me perturbaram tanto? Se não consegui essa maneira de fazer minhas ações como Jesus Cristo, não é verdade que fiz alguns progressos imitando sua maneira de agir? Não consegui me corrigir um pouco, de muitos defeitos que tinha, na mesma época ou antes de minhas resistências, e eu seguia Jesus Cristo interiormente na medida em que via claro que ele estava no meu interior? Não procurei sacrificar o que era objeto de minhas resistências, como as penitências, mas procurei me abandonar completamente, seguir adiante, e expressar minha repugnância somente quando a obediência o pedia, e ainda suavemente, também cumprir fielmente, ao menor sinal o que me era mais custoso, e não estou, enfim, numa disposição para aceitar tudo, fazer tudo como um cordeiro, coisa de que estava bem longe? Não ganhei sobre a disposição natural de meu coração ao ressentimento, a me afastar quando me sinto ferida? Não me tornei mais flexível; não me ocupo mais dos outros, não volto menos ao que escrevi sobre meu estado, minhas impressões, não tenho menos necessidade que meu diretor se ocupe de mim, não procuro aceitar bem tudo quanto ele me diz, me humilhar sem me perturbar tanto por ter falhado em algo?

Por que, então, sentir que não dou a Jesus Cristo tudo o que Ele me pede, de onde vem minha dispersão, como a natureza e o olhar pessoal e humano escorregam cada vez mais no meu espírito, quando há alguns anos, com todos meus defeitos, eu vivia mais numa atmosfera de fé e fidelidade?

Será que todas minhas recusas, toda minha lentidão não puderam impedir os pedidos que Jesus Cristo me fez, e não bastaria que eu voltasse a Ele e lhe desse tudo o que

lhe recusei estes anos, mas ele quer me ver mais longe de tudo o que eu deveria ter aprendido a lhe dar nesses anos? Será que não basta que ele me desaproprie de tal ou tal coisa e que Jesus Cristo quer hoje, não somente os frutos mas o fundo mesmo, de tal maneira que aceita os frutos como um sinal de que no fundo estou inteiramente a ele na vida e na morte, para fazer as coisas mais diversas, assim como sua santa humanidade que comia, dormia da mesma forma que foi até a Cruz? Até eu chegar à mesma disposição, serei uma esposa infiel e Deus não poderá agir livremente em mim. Mas, meu Deus! Quem poderá sondar a medida deste sacrifício? Abrange tudo, tudo, e tudo se torna sacrifício. Prometi isto várias vezes, o desejei com frequência, peço ainda a Deus essa graça, mas fazer isso, viver isso, será que o fiz, mesmo por momentos? Será que chegou a hora de me decidir completamente? O fruto deste retiro será, pelo menos, decidir pedi-lo com insistência, me incentivar, tentar porque o P. d'Alzon me pede para acreditar nas moções de Deus, procurar generosamente responder, não me contentar com ser fiel exteriormente mas penetrar na vida de Jesus e agir sob o olhar da verdade de Deus. Aliás não tenho má vontade, pois quando procuro me desprender de coisas concretas, dispor somente pela obediência, é na esperança que, à força de entregar os frutos e de me livrar das inclinações, acabarei por entregar o fundo.

O que tentei explicar acima, me pesou, e deixou confusa muitas vezes. E o que me levou a perceber isto, foi o recolhimento que tive esta manhã pela 1ª vez, em muito tempo, quando me coloquei a seus pés, pedindo-lhe perdão por, sendo sua Esposa, viver tão pouco ocupada dEle. Pareceu-me que Ele me reprovava muito severa e tristemente. Eu me lembrava dos antigos gestos de ternura que tinha com Ele, e me pareceu que desde que não o via mais, eu tinha agido como uma esposa sem amor, que na ausência de seu esposo, fazia os sacrifícios necessários para cumprir seus deveres para não quebrar seus compromissos, mas achando-os duros, e com o coração bem longe, e pensando como seria doce livrar-se completamente do Esposo, que se ela não tivesse entrado nessa situação de dependência, teria liberdade, distrações, afetos etc... – cumprindo seus deveres porque é necessário, mas sem ligação nenhuma com o Esposo nem com seu amor. E se esse Esposo, como o nosso, só se fez invisível para gozar do coração de sua Esposa, para se saber procurado, que ofensa seria! Felizmente, eu tinha a certeza que este Esposo é o único capaz de perdoar tudo, de compreender toda a fragilidade da criatura, de nos levantar de tudo; o único a quem podemos nos dirigir para lhe pedir o amor que lhe devemos ter, para lhe confessar que não O amamos suficientemente.

Eu percebia que nessas ausências aparentes, eu deveria saber que ele não se afastava de mim, somente se tornava invisível, que devia percebê-lo perto de mim em todas minhas ações que Ele quer fazer suas; procurá-lo e unir-me a ele, fazer tudo para encontrá-lo aí; assim, segundo a maneira de ver que eu tinha antes, Ele rezou, ordenou, trabalhou etc. Quando rezo, devo encontrá-lo na sua oração e unir-me a Ele; devo encontrá-lo na espera, na contrariedade, na alimentação, no trabalho, procurando fazer tudo com ele, porque ele o fez, muito mais do que só para fazer.

2º Percebia também que Ele era um homem de dores, e que é isso que nos separa porque eu gosto de entretenimentos e de vaidades enquanto que Ele sofre e expia nossas faltas. Mas, quem atenuará suas dores, quem as aliviará partilhando-as, se sua esposa se afasta, ou se distrai longe. Ah! Prometi novamente procurá-lo nas suas dores, empregar minha oração a lhe fazer companhia, incentivar a compaixão no meu coração, passar minha vida partilhando seus sofrimentos para aliviá-los e consolar

seu coração quebrado com esta marca de amor, a única que será sempre verdadeira. E aí é que eu o encontrarei.

3º Enfim, eu o encontrarei cuidando de seus filhos. Ele os confiou a mim; a um coração de esposa, a um coração de vítima e de irmã de seus sofrimentos, Ele quer ainda acrescentar um coração de Mãe. Quantas glórias deseja me dar se eu responder. Almas que são o fruto de seu sangue, mas que como os recém-nascidos somente têm ainda os traços gerais de sua semelhança, ele os confia a mim, para que sua plenitude seja também o fruto de meus cuidados, para que eu os eduque e se tornem semelhantes a ele em tudo. Que respeito, que amor, que cuidado por estas imagens dele! Que Esposa, digna desse nome, não faz de tudo, para ver nos filhos a imagem do Esposo! Quem é aquela que ama; e que cuidando destas queridas imagens do Esposo não cuida delas por amor do Esposo e até com o coração do Esposo.

Meu Deus, tanto tempo passei a me procurar, ah! ajuda-me a encontrar você e a procurá-lo, sem cessar, nesses três amores onde deve centrar-se toda minha vida: o amor que você tem por mim e que faz com que esteja perto de mim em todas minhas ações; o amor que devo a você e que deve unir-me a seus sofrimentos; o amor pelas almas onde você vive e que deve me incentivar a ir a elas por você, a ver você sempre nelas e a cuidar delas por você.

Vejo que não é através da razão que devo procurar Deus. O raciocínio me afasta de Deus, me irrita, me derruba. Mas meu coração, minha imaginação e minha vontade se deixam tocar facilmente pelas coisas de Deus. Não importa com que força eu caminhe, contanto que me encontre com Ele!

N.198/01⁹⁶[Folha dupla de carta dobrada em quatro, no sentido horizontal. Na 1ª página à esquerda ASS.N.D. gravado em relevo.]

Paris 20 de maio de 1845

São Bernardino de Sena

Acho que a vontade de Deus, no voto de obediência que lhe fiz, é para mim:⁹⁷ :

1º uma relação de dependência. Na minha situação atual não dependo de ninguém, e devo evitá-lo a fim de conservar para a obra a maior liberdade de ação possível. Parece-me que Deus quer suprir a isto, submetendo a uma exata dependência tudo quanto é pessoal no exercício desta liberdade, de tal maneira que conservando a liberdade em relação à comunidade, eu não possa querer nem fazer a menor coisa que me concerne, sem sua autorização, ou sua vontade; esta autorização pode ser recusada ou deferida nas coisas mais legítimas unicamente para me fazer praticar a dependência, e que me sejam dadas ordens que não tenham outro objetivo senão de

N.195/01

96. Existem deste texto dois manuscritos um pouco diferentes um do outro: o nº 198/01 do 20 de maio de 1845, foi registrado antes do nº 198 B/01 do 19 de maio. Num 3º exemplar, incompleto e recopiado por outra mão (Ir. Marie- Gonzague), as 3 últimas linhas são da mão de Maria Eugênia. Este texto não está reproduzido aqui.

97. Sobre o voto de obediência de Maria Eugênia ao P. d'Alzon, ver depois do nº195/01 de 1844, a correspondência de 1845, sobretudo a carta 1659. -O P. d'Alzon responde em 31 de março: "Já falaremos em Paris sobre o voto de obediência que você quer fazer comigo. Repugna-me aceitá-lo da parte de uma religiosa. Parece-me tom ar algo que já não lhe pertence; mas falaremos longamente." (Carta 375 p. 243 da edição Vaillé) Cf. também *Études d'Archives* nº 4.
O P.d'Alzon ficou em Paris do 20 de abril ao 15de setembro de 1845.

me fazer sentir que não sou dona de minha vontade. Um dos pontos desta dependência, é ainda para mim a obrigação de prestar conta de minha conduta, de ver que me pedem contas e exigem exatamente a medida de esforços e de fidelidade de que sou capaz.

2º Uma relação de humildade. Não acredito que na posição onde estou devo facilitar a meu confessor ou meu Superior que me tratem de maneira humilhante. Quem destruirá então este orgulho interior, esta disposição a me enaltecer tanto que ninguém se atreve a me tocar, senão somente você? Deus me pede que pelo menos me faça bem pequena sob sua mão e creio que Ele quer que você me faça descobrir todos os bens da humildade e do recolhimento que se encontram para mim no fato de ser repreendida, de receber uma penitência, sendo tratada com autoridade como uma criança. – Ademais tenho tendência a querer que as coisas sejam segundo meu pensamento, e a acreditar que sempre tenho razão; mesmo se Deus não me pede que lhe submeta minhas idéias, sei muito bem que Ele me pede obedecer sem julgar, acreditar que você sabe de que preciso, melhor do que eu, e isto é ainda uma prática de humildade que somente em você posso encontrar, em qualquer necessidade que tiver, pois os outros não me conhecem e não têm que decidir por mim, nas coisas de meu interior.

3º Uma relação de sacrifício. Tanto Deus me pede deixar a vida natural, tanto, infelizmente, estou disposta a retomar imperceptivelmente seus caminhos. Preciso que alguém os feche e que disponha de mim às vezes em uma coisa, às vezes em outra, a fim que eu não me aproprie de nenhuma. É necessário que os limites que, com freqüência, sou tentada a por na mortificação interior ou exterior, sejam às vezes quebrados e ultrapassados, pela obediência além das medidas tão estreitas de minha prudência humana ou de minha covardia. É a maneira de me manter num espírito de sacrifício contínuo, pois basta que me obriguem a vencer algo que me custa, para que eu me sinta despojada de todos os outros e obrigada tê-los prontos para sacrificá-los sem reserva. Tenho o desejo sincero de me manter nesta disposição. Ora, nada me ajuda tanto como as provações renovadas de tempos em tempos, que não me deixam estabelecer em parte nenhuma, com segurança, o campo de minhas repugnâncias e de minha vontade. Na oração tenho a impressão que devo ser imolada a Deus pela obediência, e que não sou eu que devo me imolar, mas que devo pedir a você que o faça, porque é dessa maneira que Deus quer receber meu sacrifício e me comunicar a força para cumpri-lo.

4º Uma relação de fé. Jesus Cristo quer ainda que eu aceite de coração, com alegria, tudo o que você me peça, seja algo grande ou pequeno, como uma vontade pessoal dele. Você não representa para mim o governo geral da Providência mas o governo particular de Nosso Senhor. Ele me expressa sua vontade através de você, o que ele quer de mim agora, a disposição que me pede, a prática, o sacrifício que ele deseja e até a hora em que o deseja. É este pensamento que deve me flexibilizar e me dar alegria em tudo quanto eu puder fazer com você por obediência.

5º Uma relação de amor. Para mim tem sido muito difícil, durante muito tempo, amar meus Superiores. Deus quer, no entanto que manifeste de alguma maneira a confiança filial que eu lhe devo, essa relação de criança que lhe faz gritar meu Pai do fundo de um coração confiante e na sua ausência sinto dificuldade em acreditar na sua bondade. Isto também agora é difícil para minha natureza; no entanto é o lado pelo qual os outros podem se tornar fáceis para mim, e o único alívio de que necessito para me dobrar diante de tudo quanto você possa me pedir.

6º Deus me pede ainda respeitar sua autoridade em toda pessoa a quem você quiser delegar; ele me diz que preciso me dobrar humildemente sob qualquer mão, tornar-me uma criatura flexível, suave, confiante, doce para me deixar imolar; também que é necessário que você me trate duramente para fazer de mim a vítima de Jesus Cristo, sem que isso tire nada de meu amor filial. Ele quer que eu lhe diga que nunca duvide de me dobrar, mesmo se me revolto ou fico aparentemente perturbada; e que devo lhe assegurar que posso sempre me submeter, pois no fundo eu estimo mais a direção que exige, e que quanto às dores do coração, ou algum transtorno físico, bastam algumas palavras de bondade, para acabar com essas reações.

Se você encontra ocasião de empregar esses meios, para me ajudar a conseguir a flexibilidade que Deus me pede, pode contar comigo, estou pronta a lhe prestar contas de minha conduta e a obedecer, tanto quanto você queira, a toda pessoa que você quiser me enviar para me mandar, me repreender ou me corrigir. Também você pode contar que por obediência conseguirei fazer tudo o que me pareceria impossível, e que tenho necessidade de aprender a sofrer e a me submeter.

N.198 B/01 [Primeira versão do texto anterior, em papel de carta dobrado como o anterior.]

Paris 19 de maio de 1845

Parece-me que a vontade de Deus, no voto de obediência que lhe fiz, seja para mim:

1º Uma relação de dependência. Na minha situação atual não dependo de ninguém, e evitá-lo a fim de conservar para a obra a maior liberdade de ação possível. Parece-me que Deus quer suprir a isto, submetendo a uma exata dependência, tudo quanto é pessoal no exercício desta liberdade, de tal maneira que, conservando a liberdade em relação à comunidade, eu não possa querer nem fazer a menor coisa que me concerne, sem sua autorização, ou sua vontade; esta autorização me pode mesmo ser recusada ou deferida nas coisas mais legítimas unicamente para me fazer praticar a dependência, e que as ordens que me sejam dadas não tenham outro objetivo senão o de me fazer sentir que não sou dona de minha vontade.

2º Uma relação de humildade. Não acredito que na posição onde estou devo me prestar muito a ser repreendida, colocada de castigo, tratada com autoridade ou como uma menininha por meu Superior ou por meu confessor. Quem destruirá então esse orgulho interior, esta disposição a me enaltecer tanto que ninguém se atreve a me tocar, senão somente você? Deus me pede que, pelo menos me faça bem pequena sob sua mão. – Ademais tenho tendência a querer que as coisas sejam segundo minha opinião e a acreditar que sempre tenho razão; mesmo se Deus não me pede que submeta a você minhas idéias, sei muito bem que Ele me pede obedecer sem julgar, acreditar que você sabe melhor do que eu de que preciso, e isto ainda é uma prática de humildade que somente com você posso encontrar, em qualquer necessidade que tiver, pois os outros não me conhecem e não tem por que decidir por mim, nas coisas de meu interior.

3º Uma relação de sacrifício. . O quanto Deus me pede deixar a vida natural, tanto, infelizmente, estou disposta a retomar imperceptivelmente esse caminho. Preciso que alguém o feche e que disponham de mim por vezes em minhas satisfações, por vezes de minhas distrações ou de minhas relações com o mundo ou com minha família , a fim de que não estabeleça minha propriedade nessas coisas: é preciso que os limites que com freqüência, sou tentada a colocar na mortificação interior ou exterior, sejam

quebrados e ultrapassados, de tempos em tempos, pela obediência além das medidas tão estreitas de minha prudência carnal ou de minha covardia. É a maneira de me manter num espírito de sacrifício contínuo, pois basta que me obriguem a vencer algo que me custa, para que eu me sinta despojada de todos os outros e obrigada estar pronta para sacrificá-los sem reserva. Tenho o desejo sincero de me manter nesta disposição. Ora, nada me ajuda tanto como as dificuldades renovadas de tempos em tempos, que não me deixam estabelecer em parte nenhuma com segurança o campo de minhas repugnâncias e de minha vontade. Na Oração tenho a impressão de que devo ser imolada a Deus pela obediência, e que devo contribuir, entregando-me, e dizer o que sinto diante de Deus, da maneira como a obediência deve dispor de mim, depois obedecer e me deixar imolar.

4º Uma relação de fé. Jesus Cristo quer ainda que eu aceite de coração, com alegria, tudo o que você me pedir, seja algo grande ou pequeno, como uma vontade pessoal dele. Você não representa para mim o governo geral da Providência mas o governo particular de Nosso Senhor; ele me expressa sua vontade através de você, o que ele quer de mim agora, a disposição que me pede, a prática, o sacrifício que ele deseja e até a hora em que o deseja. Sinto que é este pensamento que deve me flexibilizar e me dar alegria em tudo quanto eu puder fazer com você por obediência.

5º Uma relação de amor. Para mim tem sido muito difícil, durante muito tempo, amar meus Superiores. Deus quer, no entanto, que manifeste de alguma maneira a confiança filial que eu lhe devo, essa relação de criança que lhe faz gritar meu Pai do fundo de um coração confiante e em cuja ausência sinto dificuldade de acreditar na sua bondade. Isto também agora é difícil para minha natureza, depois das feridas que recebeu. É aí, Padre, o lado pelo qual você pode me tornar fáceis todos os outros e o único alívio de que necessito para me dobrar diante de tudo quanto você possa me pedir.

Aliás, você sabe bem, pois já lhe falei, que mesmo aparentando qualquer revolta ou confusão, você não deve nunca duvidar de me dobrar pelo mais profundo de mim, e que eu o posso sempre. As dores no coração, a indisposição física desaparecerão diante de algumas palavras de bondade, e no fundo eu terei mais confiança e mais estima de sua direção se você me dobrar.

Você sabe também que Deus me pede estar sempre pronta a prestar contas de minha conduta à 1ª pessoa que você achar por bem me enviar para me dirigir, me repreender, me corrigir e parece-me que se você o julga conveniente, será para mim uma grande prática de aniquilamento e de desapropriação, e eu estarei disposta, com a graça do Senhor, a ter para com essa pessoa, a mesma obediência que tenho com você mesmo.

[depois de um espaço]

Com estas condições não sinto absolutamente que Deus me repreve a franca liberdade que tenho com você, nem minha ousadia em lhe dar minha opinião, nem a independência de minhas opiniões sobre todas as questões gerais.

N.199/01 [Bilhete dobrado em quatro no sentido horizontal.]

1845

Minha grande resolução será acreditar na bondade, no amor de meu Deus, na ação de Jesus Cristo em mim, no seu perdão incessante, no seu desejo de me afastar da vida

natural, não somente para me isolar, mas para unir-me a Ele, fazer-me entrar na sua vida, guiar sua esposa, purificá-la, servir-se dela para os outros, ter com ela uma convivência contínua, fazê-la, enfim, verdadeiramente esposa.

Peço a Deus que me conserve esta fé na vida sobrenatural e em seu desejo de expandi-la em nós, assim que nos voltamos para ela.

Eu me abandono sem reservas entre suas mãos para tudo quanto ele queira fazer de mim, no mais íntimo de mim mesma. Tendo renunciado, por um novo voto de obediência, que renovo de todo o coração, ao menor direito de propriedade sobre mim, quero pois obedecer fielmente entregando-me inteiramente a Jesus Cristo, suprimindo, o mais que puder palavras, sono, reflexões inúteis, dissipações, distrações e voltas sobre mim mesma, para dedicar-me totalmente a essa entrega.

Peço a Deus seu Espírito Santo para ter finalmente um coração grande, zeloso, ativo para o bem dos outros. Peço-lhe também, que me conserve a vontade plena e amorosa com a qual aceito toda espécie de trabalho e sofrimento pelo seu serviço e lhe suplico de me tirar a timidez que me impede de acreditar que sou capaz de amá-lo, de sofrer por ele, e de me unir a ele.

Finalmente peço particularmente a humildade, a doçura e a flexibilidade na obediência, fazendo a grande resolução de trabalhar para me tornar uma coisa humilde e pequena com a qual podem fazer o que bem entendam, imitando a Jesus manso e humilde de coração.

N.200/01 [Bilhete dobrado em quatro; papel de carta-envelope no qual pode se ler o endereço riscado: “Superiora da Assunção, rue des Postes (Impasse des Vignes)”.⁹⁸

Resoluções

30 de maio de 1845

1º ser mais doce e corrigir o caráter.

2º calar todos os raciocínios interiores, todas as reflexões sobre os outros, sobre a obediência, as contrariedades, para falar unicamente a Jesus Cristo no meu coração.

3º abraçar o espírito de sacrifício para aceitar praticar a virtude sempre em meio às dificuldades em lugar de querer covardemente que nada me custe; ir ao que for mais penoso, procurar conversar com as irmãs de quem não gosto, procurar ser mandada por pessoas que me maltratam, enfim buscar a cruz e a mortificação com as pessoas e com as coisas, nos imprevistos, na dificuldade em suportar as tentações sem se queixar e sem deixar-se levar por seus defeitos, mas agradecendo a Deus por encontrar alguma coisa que sofrer por Ele.

Dizer a Deus cada manhã: Quero ser doce por você, sofrer por você, me calar por você.

98. No fim desse bilhete, o nome de Ir. Marie Catherine escrito também por Maria Eugênia. Pelo estilo e o conteúdo, pode-se supor que as resoluções são de Ir. Marie Catherine, escritas para ela por Maria Eugênia.

N.201/01 [Quarta página de uma folha dupla de caderno e continua numa folha simples.]

Retiro de um dia 24 de fevereiro de 1846

Depois que Nosso Senhor me tinha mostrado, durante um tempo, como ter com Ele um relacionamento de esposa. O Santíssimo Sacramento estava exposto durante as 40 horas. Toda minha oração me ocupou a aprofundar esta palavra de São Paulo: *Não sou eu quem vivo mas é Jesus Cristo quem vive em mim* (Gal.8,20), pois Jesus Cristo me pede deixá-LO penetrar em tudo o que sou e em tudo o que faço. Tudo quanto lia, pensava e pedia a Nosso Senhor, me levava ao espírito de sacrifício, de abnegação e de obediência para realizar esta palavra. Pedi perdão a Deus, com muita contrição, por minhas faltas de submissão de espírito, Deus repreendeu severamente minhas menores faltas de obediência, mostrando-me o quanto Ele me tinha esclarecido sobre esta virtude. Percebi que como esposa eu deveria estar coberta do tríplice véu da modéstia, do silêncio e da humildade. Pedi muito a Jesus Cristo para expulsar de mim os demônios contrários, e todos os outros, gula, covardia, dissipação etc. dos quais estou cheia. Percebi que para curar tinha que ficar habitualmente, ou pelo menos com freqüência, bem perto do médico, que não vai curar de repente mas devagar ou me guardará do mal enquanto fique perto dEle em oração, confiança e amor, assim como Ele fez com seus apóstolos e seus santos sobre os quais Ele agiu dia após dia. As duas considerações que me tocaram mais, foram as da pureza prévia que convém a uma esposa de Jesus Cristo, que deveria ser escolhida depois de uma infância piedosa, uma juventude modesta e tímida, com um coração que nenhum esquecimento do serviço de Deus, nenhum prazer, nenhum pensamento impuro tenham atingido. Eu me vi como Madalena obrigada a ser mais generosa, humilde, agradecida e a mortificar tudo em mim. A 2ª é o pensamento de tudo o que me fariam fazer e me pediriam num convento bem fervoroso, se eu entrasse como noviça. Este pensamento me leva a não fazer menos aqui, já que ali estaria contente, sendo tão obediente, mortificada, modesta, exata como me exigiriam e a me humilhar o mais possível para substituir o que me teriam feito.

Outro pensamento me ajudou a me recolher muito e não o devo esquecer: é o olhar de gozo do Verbo divino em meu coração, na comunhão e no resto do dia, tanto mais audaciosa quanto eu lhe der mais minha humanidade para que ele aí viva. É desfrutar já aqui na terra da essência divina pela fé com um desejo cheio de confiança da hora em que gozarei dela plenamente pela morte.

N.202/01 [As notas 202 e 203 estão num pequeno caderno à parte, mais um bilhete solto.]

Abril de 1846 [escrito na página de guarda.]

Eu aplico a meus defeitos as imprecações dos salmos, para ser liberada deles pois pesam a Jesus Cristo na sua paixão.— Que não me pare diante de nada, dizendo: é necessário que ela seja desta ou daquela maneira. Comunguei segunda para conseguir a força de seguir a Regra e a Lei da Igreja, e a graça de ser mais severa comigo mesma e que o P. d'Alzon o seja também mais. Deus me concede sempre, creio, a 1ª coisa quando a peço.

N.203/01

Quinta Feira Santa

9 de abril de 1846

N.241/01

Rezei bastante bem, durante o dia e a noite – tive desejo de pedir que me permitam passar o purgatório neste mundo para que nada me impeça, depois da vida, de ir ver a Deus. – amor por Ele de uma maneira por assim dizer, pessoal e bem simples – no meu desejo de consolá-LO, pensei que posso fazê-lo com os que são seus, sobretudo com as irmãs: *Todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a Mim que o fizeram* (Mat. 25,40), propósito firme de fazê-lo com amor, sobretudo nos seus sofrimentos de espírito. – Sentimento da grande necessidade que tenho de me corrigir, desejo um noviciado severo se for possível, desejo a cruz, até a mais dura, contanto que me purifique e me torne agradável a Jesus Cristo. – Propósito de procurar o mais perfeito⁹⁹. Oferta de mim como vítima. Amor terno pela penitência sonhando que pode me aproximar de Deus. Peço com insistência ao P. d'Alzon que me faça morrer a mim mesma, que ele enfie os cravos em tudo quanto existe em mim de vida natural, assim irá desaparecendo e renunciará a se instalar de novo em minha vida.

Que graça poderia lhe pedir com mais insistência senão de me fazer morrer a mim mesma? Que ele não se engane, pois isto será o selo de minha confiança. Nunca me decidiria deixá-lo quando o achasse severo, mas pensaria, apesar de tudo, em deixá-lo se o achasse mole. Por outra parte deve lembrar-se que, ao chegar, no início deste ano,¹⁰⁰ ele rezou a Nosso Senhor sobre isto e me falou que o resultado de sua reflexão e de sua oração foi que devia ser mais severo.

Examinando bem a coisa diante de Nosso Senhor, creio, no entanto, ter melhorado desde algum tempo, pois eu experimentava revoltas e reservas, mas não tenho mais, a não ser quando não tenho bastante dependência em coisas pequenas. – Também uma grande coisa, é que afastei completamente o desespero que, sem cessar, me atormentava, e cuja causa era, sem dúvida, o orgulho. Assim pela manhã quando o pensamento de que agia para reforçar minha autoridade em minha maneira de deixar na sombra a Ir. Th[érèse] Em[Manuel], senti muita dor, não querendo me cegar, nem me privar da comunhão pois era o momento; parecia-me que eu tinha aí um sentimento de Judas. Mas em seguida meu coração exclamou: Oh! meu Senhor, eu nunca serei como ele, porque sempre esperarei em você; os filhos do Zebedeu queriam a primazia e você os transformou porque se dirigiram a você. – Eu farei como eles e quero também seu cálice para afogar todas essas tendências. Isto me fez muito bem.

Também meu amor se está tornando mais simples sem exames e sem dar voltas. Sinto que minha amizade me ajuda nisso. Percebo que me ensina também a conversar com Nosso Senhor.

As virtudes das quais senti mais necessidade são: a reserva nas palavras *coloquei uma sentinela na porta de meus lábios* (Sl.139, 3); a presença de Deus, a humildade, o amor do sofrimento, e na dependência uma total morte a mim mesma com

99. Esta idéia de procurar o mais perfeito, volta com freqüência nas notas de Maria Eugênia, sob a forma de propósito, de promessa, como expressão de um ideal ou na perspectiva de um voto. O texto das Notas que parece ser o primeiro nesse sentido é o N° 241B/01, possivelmente de 1842 (cf. C. 1561).

100. Em 1846 o P. d'Alzon esteve em Paris do 23 de fevereiro ao 24 de abril.

seriedade, depois a insistência na oração, a mortificação de pensamentos, ações, leituras inúteis, diminuição de visitas inúteis. Esta última ordem de coisas é fonte de securas, independências, zombarias, disposições naturais e opostas à vida religiosa. Tenho dificuldade em ser prudente e mortificada. Eu mesma não sei como fazer.

Faltas – Impaciência por causa das velas colocadas no sepulcro¹⁰¹, por causa da omissão de Ir. Th. Em. que não tinha preparado o *Mandatum*¹⁰² e a adoração, palavras ditas a este respeito. Recebido e retido um instante o Sr. de Fr[anchessin].

Sexta Feira Santa. – Rezei bastante aridamente o dia todo. Às 2h. forte sentimento de que devo entregar, sem resistência, minhas mãos a Jesus e todo meu ser para que o crucifiquem. Prometi fazer isso. Rezei muito a Jesus na cruz por mim e por todos os nossos, sobretudo colocando-os sob o sangue que jorra de seu coração. Resolvi ser paciente como Jesus para sofrer nesta vida tão curta. 3 horas mesmo de uma tal agonia vão passar rápido. Serei paciente, instante, na oração e no sofrimento, não me afastando antes do tempo, que por si já é tão curto, mesmo que pareça longo a nossa impaciência.

À noite, em Completas, esta palavra: *Senhor em Ti confio, salva-me por tua justiça* (Sl. 30,2) fez aumentar minha confiança e meu amor; é por sua justiça, que felicidade e o que não fez ele para que sua justiça seja superabundante e nossa confiança sem limites. Sinto que minha paz atual brota desta confiança. No Ofício de Trevas, senti a tristeza de Nossa Senhora, eu também a sentia pois era meu Esposo que tinha morrido. O Cântico *não verei mais o Senhor na terra dos vivos* (Is.38,11), me partiu a alma. Eu poderia tê-IO visto como Madalena em outro tempo, depois a morte; que isto tenha acontecido assim é horrível, porque é por isso que nunca mais poderei vê-lo. Como Nossa Senhora pode se consolar, mesmo pela Ressurreição, se Santa Teresa, em todas as visitas do Filho de Deus, somente experimentava uma grande angústia por não estar no céu com Ele. Ele está no céu e Nossa Senhora na terra, eu também, sinto uma tristeza extrema e um amor totalmente pessoal. Pedi a Nossa Senhora que rezasse por mim enquanto eu sentia sua tristeza. Tive muito temor de Deus ao ler os jornais (gosto dessa leitura) e de outras ocupações que me distraíram.

Faltas: não empreguei bem meu tempo, palavras inúteis que me dissiparam pela manhã com o P. Gabriel e na enfermaria ao meio dia e com o Sr. Gouraud no jardim,

Sábado Santo. Oração sobre estas palavras: *Seus pecados, seus muitos pecados lhe foram perdoados porque mostrou muito amor* (Lc.7,47) procurando oferecer a Deus um amor confiante e prometer para o futuro um amor agradecido. Oração de amor e de tristeza. Há em mim dois seres, um que deve ser respeitado pois parece com Nossa Senhora, e tem a disposição de se unir a todos seus sentimentos; o outro sou eu mesma, a maior pecadora do mundo. Necessita ser quebrado. A tristeza de Sexta Feira Santa, parece não querer sair de meu coração. –

Faltas: ontem à noite e pela manhã, rudeza diante do mau humor de Ir. Marie Thérèse. – De tarde a consolei e cuidei dela

101. Devem ser as velas no altar de reposição da Quinta-Feira Santa.

102. Tradução: *mandamento*, primeira palavra de uma antífona cantada durante o lava-pés.

Páscoa. Na Missa, experimentei uma imensa dificuldade em expressar como a visão beatífica se abre aos homens pela ressurreição, pois sem podermos parar na simples visão de Jesus Cristo conversando nesta terra, fomos feitos para ver Deus, todos meus ossos gritam : Eu fui feita para ver a Deus face a face. Imensidão desta visão que se abre hoje, mas sentimento sério e até triste. Nós vemos a Deus em Jesus Cristo, mas não temos Jesus Cristo familiarmente conosco. União aos sentimentos de Nossa Senhora a este respeito. – Mesmos pensamentos na Benção e no canto *Rainha do céu*. A ressurreição me levou na sua alegria a um sentimento de privação terrestre que me fez chorar sem querer.

Faltas: de manhã me levantei demasiado tarde, preocupação por Caroline durante a Missa, tempo perdido com o P. Gabriel, a Sra. de Mesnard, Sr. d’Altenheim, não vi minhas irmãs, nem escrevi cartas urgentes, não fiz oração da tarde, distrações nas Vésperas e Matinas.

de tentação e confusão um instante diante do medo de ser triste por natureza e a análise de um sentimento.

2ª feira de Páscoa. Estive confusa e não escrevi nada desde esse dia até 6ª feira seguinte. Receio que nessa perturbação eu me tenha deixado ir a meu sentimento em lugar de me esforçar por ser humilde como o pó, não reconhecendo minha culpa, e ter falado nesse sentido, também ter buscado minha influência exclusiva sobre as irmãs, quando percebi, por um instante, que queriam ter outra que não me fosse unida, me queixei de minha saúde, ter perdido tempo, não ter tomado tempo suficiente para a Oração e tive distrações durante o Ofício.

Sexta-feira cometi a falta de ler todo um folhetim.

N.241/01
C.1726

Sábado, não dei quase tempo a Oração, me mostrei rígida e zangada com uma palavra impetuosa de Ir. Térèse Emm., sobre o que eu teria dito a Srta. Eg,¹⁰³ fiquei para o almoço do Sr. Dulac por meu prazer, vi uma parte de um folhetim.

Domingo, nada de Oração, sentimento forte durante o ofício e noutros momentos, percebendo que Deus me pede ser humilde como o pó com o P. d’Alzon. Desaprovo minha falta de humildade, percebendo o que achei de desagradável no P. d’Alzon e na sua irmã.¹⁰⁴ Eu deveria estranhar que me agüente e me consulte. – O P. d’Alzon pode me ajudar a ser humilde, fazendo-me praticar a que consiste em depender nas menores coisas, em ser mandada, repreendida. Esse sentimento de humildade que devo conseguir, me aniquilando diante de Deus.

Segunda feira. Sentimento de ter dificuldade em expressar o sentimento de estar despojada de um apoio natural, por meus temores pelo espírito da Obra do P. d’Alzon.

103. Provavelmente a Srta d’Esgrigny.

104. Sra. de Puységur

[Depois de várias páginas em branco Maria Eugênia retoma na penúltima página do caderno.]

1846 Abril Várias ordens do P. d'Alzon durante sua estada¹⁰⁵

Ele quer que quando ache que posso me curar ou não ficar doente, sem os cuidados que tomo para minha saúde por razões insuficientes; (que) eu não as tome e não me deixe arrastar pelo desejo de aproveitar dessas ocasiões.

Não quer que me queixe da saúde além do necessário para que me cuidem se for preciso.

Pede que lhe diga tudo quanto Nosso Senhor me inspira na Oração pedindo mais severidade ou coisas que me repugnam expressar.

Quer que escreva cada dia sobre minha consciência e que não passe mais de quinze dias sem lhe dar conta em Nismes ou em Paris.

Quer que combata minha preguiça e que encurte as visitas, tentando não ficar mais de meia hora quando puder.

Fez um regulamento de meu tempo: 3 vezes por semana ver as irmãs durante a manhã, os outros dias ocupar-me das contas ou da casa. Posso tomar uma manhã para escrever a ele. Quer que veja as Noviças cada mês; as professoras, cada 15 dias pelo menos. Depois de minha leitura às 2h. escrever cartas, leituras entrecortadas por imprevistos. Deseja que leia a Escritura e Santo Tomás (Das Virtudes 2^a 2^ª). Quer que lhe peça permissão para ler os livros que quero ler.

N.203/02 [Bilhete inserido no caderno citado em N.202.]

N.245B/01
N.204/01 Resoluções Setembro de 1846

Chorar o pecado, fugir do pecado, pagar pelo pecado.

Viver somente para amar a Deus, aplicar-me para conhecê-lo, agir na sua presença, ter por ele uma amor efetivo, fazendo tudo quanto ele quer de mim, respeitosa no seu louvor, terna por causa de sua bondade, confiante na sua liberalidade, temerosa por causa de minhas ofensas e daquelas que tenho responsabilidade, pura pela separação do mundo e de mim mesma e pelo bom uso das criaturas, zelosa em procurar para os outros os mesmos bens, procurando ocupar-me incessantemente deste amor e deste conhecimento de Deus e avançar até sair de mim mesma e me perder nele.

Virtudes principais:

obediência, regularidade severa, penitência, paciência, espírito de compunção, oração, desprezo de mim e do que acontece, caridade.

Lembrar quanto chorei por ter desobedecido, até em coisas pequenas, de ter sido preguiçosa, gulosa e todos os demais pecados que cometi voluntariamente até hoje.

N.204/01 [Formato de caderno, uma folha reto e verso e uma reto, seguida de 5 folhas em branco.]

N.245B/01
C.1775

Retiro de setembro de 1846

Minhas resoluções pessoais feitas, vou me aplicar agora às da Superiora.

105. P.d'Alzon prega o Retiro de Quaresma em Nossa Sra. das Vitórias, Fica em Paris desde fevereiro até o dia 24 de abril

1º Creio que falamos demasiado nesta casa, mesmo para coisas úteis. Em parte sou responsável e quero melhorar: 1º pedindo mais silêncio ao Conselho 2º reuni-lo semanalmente (a regra pede cada 15 dias) e colocar todos os assuntos necessários 3º ter uma maneira silenciosa de escutar, de repreender, de dizer o necessário, sem discutir, sustentar minha opinião mas suavemente, como se tivesse os lábios fechados e com dificuldade para abri-los 4º transmitir o mesmo espírito à mestra de Noviças e às do colégio 4º Os recreios são um pouco barulhentos, procurarei moderá-los e santificá-los 5º Brinca-se facilmente fora do recreio com o cachorro, o gato etc... eu não o farei e procurarei afastá-los, enviá-los longe.

Princípios de Santa Chantal que eu notei:

1º Não repreender com violência, mas vencer o mal pelo bem. Acho que segundo nosso espírito, devemos repreender em nome de Nosso Senhor.

2º Atender cordialmente às necessidades temporais.

3º Falar sempre bem das irmãs e não dar facilmente crédito aos defeitos de que as acusam.

4º Falar com freqüência a todas, que Deus nos conduz nas tentações e dificuldades. Cuidar especialmente daquelas que são negligentes e das que se mortificam.

5º Não permitir que falem aos exercícios espirituais: que sejam bem fieis à regra e às obrigações de seus cargos e não se dispensem com facilidade de nenhum exercício comunitário, por humilde e difícil que seja, o exemplo de uma superiora tendo grande força. (lavar a louça, devo fazê-lo, a assistente doente)

6º Que tenham muito cuidado em não receber mais jovens do que possam formar, sobretudo à humildade, simplicidade, submissão, respeito com todos, total dependência a Deus e esquecimento de si mesmas.

7º Não se queixar da pobreza e ter alegria quando algo lhes seja recusado, e se elas pedem socorro, lembrar que a recusa é uma dependência da pobreza.

8º Ensinar às irmãs a cobrir o mais possível os defeitos do próximo, sobretudo quando ele falou dos delas.

9º Ser fiel ao trabalho manual e ver cada mês o que fazem as irmãs nesse sentido.

Continuação das resoluções para a Casa

Colocar nas celas um quadro dos Anjos da guarda

Sentenças nas paredes

Ver as irmãs domingo, terça, quinta e sábado

Nos mesmo dia, entre uma e outra direção, visitar as celas e os ofícios e ver a ecônoma

Trabalhar 2ª, 4ª, 6ª

Diminuir as visitas e as cartas

Reunir o Conselho sábado à 1h1/2

Fazer a louça domingo ou quinta à noite

Rezar uma Ave Maria de joelhos, antes do trabalho, em pé antes das visitas, do Ofício etc. evitar falar nos corredores

Ver cada noite, ou ao meio dia, as cartas que posso responder por outra pessoa

Aplicar-me cada semana a viver o artigo da Regra lido no Conselho

Pedir, salvo em caso extraordinário, que me entreguem as cartas pela manhã, ao meio dia e à noite e que aproveitem esse momento para pedir o que necessitem, sobretudo pela manhã até as 9h.

Pedir que visitem as doentes com mais freqüência.

N.204/02 [Bilhetinho.]

N.241/01
C.1884
C.1885
C.1886

25 de s[etembro de 18]47¹⁰⁶

Peço a Deus o dom da oração contínua, o esquecimento e mim, sair de mim, e de todo apoio ou procura de apoio em mim mesma, para apoiar-me única e totalmente em Deus, passar minha vida em oração a Deus e cumprir, sem muito refletir, tudo quanto Deus me pedir. Não contristar o Espírito Santo, não resistir-lhe, não O apagar, usar seus dons com adoração e não pensar que são meus, enfim a verdadeira pobreza de espírito, abandono, confiança. O despojamento de coração também pela suavidade e a morte a mim mesma.

Boas vocações, uma casa bem religiosa, um bom confessor, mil ações de graças por tudo o que Deus nos fez, e me fez, pelo P. Deplace. – Agradeço ao Espírito Santo pelos seus sermões Que o Espírito Santo o retribua por tudo quanto nos deu e para seu coração, consolação, força e santidade. Que Deus o inspire para se aproximar de nós e do P. d'Alzon. – Para o P. d'Alzon, consolação, saúde, dom de governo, serenidade, calma, luzes sobrenaturais no seu Retiro; para o bem de sua Obra, um homem de toda confiança, um bom diretor para ele, homens de zelo e fervor pela Obra. Obrigada por me conduzir. Consolações de minha parte.

Para as professoras e para todas nossas irmãs, plenitude de vida religiosa. Para Ir. Térèse Emmanuel grandes graças espirituais tanto para o Noviciado, como para ela mesma e sua família. Que Deus a tome inteiramente. Para nosso Santo Padre o Papa¹⁰⁷ os maiores socorros de Deus, a santidade, conversão de M. de Lamennais. Para todos os nossos irmãos, espírito sobrenatural e perfeito, para suas crianças e as nossas, pureza, o espírito cristão mais santo, melhores e mais santificantes relacionamentos dos dois com o P. d'Alzon.

Conversão do Sr. de F[ranchessin], de meu pai, meus irmãos, meu sobrinho, todos os meus, todos os que se recomendaram a minhas orações. Graças de força e santificantes para a Sra. de Nic[olaï ?].

Tudo o que pode santificar M. Madeleine, saúde e fervor para ela. Cura de ir. M. Caroline. Verdade e graça de Deus para o P. Gabriel.

[Folhinha solta, a lápis.]

...exigir-me, acho mais digno do que oferecer, tenho mais confiança para o suportar

1847 – O que gosto nas minhas descobertas de retiro, é que tudo isso é tão simples, tão puro, tão comum, tão seguro e tão razoável, que descanso na certeza que não sou nada, não valho nada, e não fiz nada – sou infinitamente devedora e devo pretender simplesmente não ser nada, mas necessito trabalhar em mim, parece bastante fácil

106. Sobre este retiro de 1847, ver também *Partage Auteuil* N° 37, p.29-35.

107. Pio IX, desde 16 de junho de 1846.

por um lado, porque realmente não sou nada. A menos que Deus me incentive a alguma coisa menos ordinária na oração Oh! quanta dificuldade teria de perder o uso de minha razão. – A direção do P. Deplace não chegará até aí, e nem o conceberia e eu não gostaria para isso...

N.205/01¹⁰⁸ [Uma folha de caderno grande, escrita reto e verso.]

Outubro de 1846

Você se tornou o dono de minha vida desde que se tornou servidor de Deus... A oração e o jejum, duas vezes por semana, lhe servirão de faíscas para acender o desejo que você tem de ser de Deus... Ler a Sagrada Escritura, pesando as palavras, todas as palavras, como se pesasse uma peça de ouro, pois tem que construir-se uma biblioteca interior e fazer passar no seu coração toda a ciência que tem na cabeça, para a repartir quando Deus quiser. *Tu escondeste estas coisas aos sábios* (Mat.11,25). A esmola é o asilo, companheiro do jejum e os dois da oração e os três juntos, da penitência.

Que não se orgulhe pelo conhecimento da verdade, que não lhe pertence, pois pertence somente a Deus.

Temos que ir onde Deus quer e não fazer nada covardemente.

Humilhar-se. sofrer, depender de Deus, isso é a vida do cristão. Se fazemos essas três coisas continuamente, e todos os dias, com alegria e serenidade no fundo da alma.

Idéia engenhosa, mas singular: Deus quis que a razão humana fizesse os maiores esforços antes de conhecer a lei da graça: certamente não encontraremos mais Ciceros nem Platões, e o Sr. Joubert: Deus não podendo repartir a verdade com os gregos, lhes deu a poesia.

Devemos nos considerar como instrumento e pena de Deus, não nos orgulhando se avançamos, nem nos desanimando se não temos sucesso: porque não precisamos menos graça para evitar o desânimo, do que para evitar a soberba, pois um e outro são produtos de nosso orgulho. São Bernardo compara Deus, em relação aos homens, com um professor ou um pintor que conduz a mão de uma criança, e pede somente que não mexa a mão, mas que a deixe conduzir, é o que faz o homem que resiste ao movimento de Deus. Seria ridículo que a criança se envaidesse de sua obra, pois para escrever dessa maneira precisaria sempre do mestre, e que sem ele escreveria ridiculamente. Assim acontece com Deus e os homens. Por isso não existe nada de mais razoável do que a humildade, nos trabalhos por Deus, bem como pelos dons naturais. Com esses sentimentos crescemos em virtude e em luz...¹⁰⁹ Por isso as Obras que são feitas com o espírito de Deus e com toda a pureza de coração, reconhecem-se na revisão e produzem graças nas pessoas que as lêem, em todos os séculos da Igreja, como as Sagradas Escrituras. Porque existem três classes de livros que edificam a Igreja e os fieis. Os primeiros são as Sagradas Escrituras; os segundos são os dos Concílios e dos Padres; os terceiros são de homens de Deus que

108. Neste número, talvez sejam notas de leitura, copiadas aqui e ali por Maria Eugênia.

109. É difícil situar essa referência a São Bernardo.

colocaram seus corações diante dele ao fazer essas obras. Todos os outros, qualquer que seja a santidade dos temas e matérias, são livros que pela matéria têm algo do judaísmo e pelo espírito do paganismo.

Devemos rezar sempre pelas crianças, sempre vigiar como sentinelas, como numa cidade em guerra. O diabo faz a ronda por fora. Ele ataca muito cedo a inocência batismal. Ele faz o reconhecimento do lugar: se o Espírito santo não o habita, ele toma o lugar. Ataca as crianças e elas não se defendem: nós devemos defendê-las. Uma cizânia jogada quando pode, lhe basta. Procura pequenas fissuras no pequeninos.

O gosto que nunca é mais delicado e mais elevado do que nas pessoas de natureza nobre e moral, também se encontra com frequência bastante desenvolvido em naturezas opostas. Uma certa corrupção agradável o apura, às vezes. Quem tem mais gosto do que o Sr. Talleyrand ou César? Por isso, uma bela pessoa dizia: Acredite, temos que escolher entre Deus e o mundo, entre a beleza eterna, e a vã aparência. Seja o que for da literatura! Estou persuadida que a poesia não perderia nada se o mundo fosse cristão; porque Deus afinal é o maior dos poetas. Mas, enfim se (a poesia) perdesse, que importa? É algo verdadeiro e sério que necessitamos para viver e morrer.

Montaigne tem seu cúmplice entre a maior parte de homens aparentemente cristãos, mas que vivem como se a cruz não existisse. – Você é crítico, ama por gosto bem refinado essa mistura confusa do espírito?... Faz esse trabalho com qualquer um e como um exercício? Onde está o cristianismo? – Você é filólogo e interessado em nomes e palavras... nessa ciência há mil desvios, se você não tem presente o grande Nome, o Verbo eterno. Se você acompanha e adora sua curiosidade e é ela que o conduz, onde fica o cristianismo? – Você é moralista e você observa o mundo, e você só tem um cuidado: ver o que existe e dizê-lo bem, atingi-lo bem, com uma palavra acertada. Você termina com um capítulo religioso, mas La Bruyère, onde está o Cristianismo?

Você está possuído pela erudição, a emprega para altos fins, mas é sua paixão, onde está o Cristianismo?... Sinceros e considerados religiosos esses homens são inconseqüentes nesse ponto, saem pela tangente do verdadeiro cristianismo e caem, mais ou menos na boa lei natural. No coração de quase todos acontece como em certos países onde o cristianismo ao se implantar, somente cobriu o antigo culto, que ainda aparece. Esse paganismo é imortal nesse mundo até sob o Cristianismo, e por vezes até mais sutil... Aqui a salvaguarda consiste nesta regra única aplicada em toda parte: *Sua vontade está na lei do Senhor, ele a medita dia e noite* (Sl.1,2), a vida toda, dia e noite, fixada e concentrada na Cruz.

N.206/01 [Formato de caderno, 9 folhas reto e verso.]

18 fevereiro de 1848

Retiro de 8 dias¹¹⁰

Horário:

5h1/2 ou 6h Levantar, fazer o quarto e acender o fogo

110. O P. d'Alzon está em Paris, de 15 de janeiro a 12 ou 13 de março de 1848.

6h Oração 6 1/2 Missa- ação e graças até 7h1/2 –Café –ler ou escrever até 9h.
9h. 2ª Oração e Ofício- depois, Leitura ou oração
11h 3ª Oração ou Via Sacra
12h Almoço – passeio ou trabalho manual
2h Via Sacra ou 3ª Oração
3h.Leitura da Regra – reflexão ler ou escrever
5h.4ª Oração
6h. Ofício
6h1/2 Jantar, depois ler ou escrever – Ofício se não o rezei
8h1/2 Oração diante do Santíssimo Sacramento
Exame das resoluções e das graças recebidas prolongar o mais possível este encontro com Nosso Senhor.

1º Dia

Pensando ontem, na finalidade deste retiro, senti fortemente que o que eu devia procurar adquirir era: disposições de humildade, despojamento de mim e profunda e universal submissão. Alguns dias antes, encontrei estas palavras de Santa Chantal que me chamaram a atenção: que o interior de São Francisco de Sales era todo pureza, humildade, simplicidade e união de espírito com Deus. Eu estou tão longe disso, que me pergunto como um interior pode estar repleto de tudo isso. Também me chamou a atenção outra coisa que ela diz: que nunca, esta alma tão pura, suportava voluntariamente o que via como menos perfeito, pois seu amor cheio de zelo não o teria permitido. É justamente nisso que falhei muito, inclusive mesmo nas coisas da perfeição, mais amor próprio do que amor puro. No retiro meditei a agonia de Nosso Senhor, como me pediram, mas o pensamento que me tocou logo, foi que Nosso Senhor, que começa a me fazer compreender o que significa amá-lo, chegando a me fazer indiferente a toda a vida dos sentidos, à estima de mim e dos outros, a todo prazer de alma e a toda vontade que não seja a dEle, foi assim que Ele me amou primeiro. Um grande amor no coração humano faz que, contanto que procure o bem da pessoa amada e que tenha seu amor, não interessa mais nada, e não somente nem se tem alegria fora desse amor, mas até o mais duro se faz alegremente, pois toda a noção de alegria consiste no que se refere ao objeto do seu amor. O amor que não chega a essa pureza, nem a essa intensidade nos seres humanos, seria uma desordem; sente-se somente algo disso, mas que não pode se comparar com o que Jesus Cristo fez por nós, melhor dizendo, por mim, por esta alma, que se busca a si mesma e faz tantas reservas com ele, apesar de estar a seu serviço há 11 anos. Sim, Jesus amou não somente os santos, mas a mim, esta criatura ruim; Jesus me amou com amor eterno, estou coberta de suas misericórdias, eu sou somente sua misericórdia, Ele velou sobre uma infância onde aparecia o germe de toda concupiscência, cuidou de uma juventude cheia de mim mesma e de uma vida religiosa onde eu até agora só procurei minha vontade, moleza, orgulho, consolação, o prazer segundo a natureza humana e enfim até na Oração, na obediência e nas virtudes. Ali, onde eu me amava a mim mesma, ele me amou com um amor que desde o primeiro instante de sua vida até o último, só procurou meu bem, meu amor, com a glória e o amor de seu Pai e afastou toda alegria possível da vontade, fora disso. Quando se agradou a si mesmo?

Onde colocou sua alegria? Em que sua vontade duvidou de se submeter? O que ganhou para Ele? Onde está a estima, o contentamento interior, ou a consolação, o repouso? Onde o sentimento de seu poder, a escolha de sua vontade na agonia e na paixão e em toda sua vida?

Oh! Com quanta pureza, delicadeza e generosidade me amou! Oh! Como Seu interior é somente humildade, pureza, simplicidade e amor! Oh! Está na hora que o amor de agradecimento me desprenda de tudo, para que eu somente procure seu bem, quer dizer, minha união a Ele, a glória de seu Pai, a salvação de todos! Amemos a Deus, pois Ele nos amou primeiro. Não consigo expressar a confusão que experimento ao ver que no amor a Jesus Cristo, me amei a mim mesma, me busquei até agora, enquanto meu Deus me procurou a mim unicamente. Agora me alegro de ter sido quebrada em relação a minhas experiências anteriores de oração, e ter passado, nestes dois últimos anos, por tantas angústias. Eu me amava com Jesus Cristo em todos esses projetos de perfeição, eu queria me encontrar, me estimar, daí meus sofrimentos sem os quais talvez eu não me tivesse desiludido com nenhuma dessas buscas sutis de amor próprio, de prazer, de desejo de estima e consolação, não conheceria melhor nem meu orgulho, nem a tenacidade de minha vontade, nem o egoísmo de minha natureza, nem minha pobreza espiritual. Compreendi no dia de hoje, a necessidade de acrescentar a mortificação dos sentidos, às resoluções de humildade e de submissão e de desprendimento interior, pois cada dia mais reconheço que devem ser a alma e o fruto de meu retiro. Em todos esses pensamentos encontrei de novo, com uma luz claríssima, o que Deus quer de mim, a paz e grandeza de coração.

2º Dia

Fui profundamente tocada por uma imagem de Jesus chamando à porta de uma casa pobrezinha, e dizendo: *Estou à porta e chamo* (Ap. 3,20) creio que Jesus bate à porta de meu coração que por causa de seus sofrimentos e desiludiu e finalmente se colocou entre os pobres. Ele pede entrar em meu coração, com sua simplicidade, sua pureza, sua humildade, seu amor, sua unidade de coração que consiste em querer tudo quanto seu Pai quer, e não querer nem conhecer outra coisa. Que relação existe entre esta divina simplicidade, humildade e pureza de amor e o que eu tenho vivido até aqui? Oh! Que incômodas deviam se sentir estas virtudes, com todas as pretensões que eu unia ao meu desejo de progredir! E esta última palavra diz tudo: desejo de avançar, de minha perfeição, não de amar a Deus, e ainda é necessário acrescentar tudo o que eu reconheço, de desejo de estar bem, que me vejam bem, de eu mesma me achar bem, desejos de toda espécie, de chegar aqui ou ali na Oração, de acompanhar tal ou tal desenvolvimento, de conseguir tal coisa sobre a direção, na hora e não depois, que me achem submissa, que contem muito comigo etc. etc. – Vejo a necessidade de penetrar na noite da vontade, segundo a 7ª carta do P. Berthier. Eu tenho quase todos os defeitos que ele assinala como conseqüência das amarras que conservo e Deus me pede que lhe entregue minha vontade livre de tudo para me unir a Ele por amor. Eu via, por dizer assim, que cem coisas diferentes e opostas, muito duras ou muito suaves, poderiam ter sido propostas a Jesus, ao mesmo tempo, e Ele escolheu somente o que era para meu bem e a vontade do seu Pai. *Sim, Pai porque assim foi de teu agrado* (Mat 11,26; Lc 10,21). Isto é para mim. Que necessidade tenho de querer ou de ter querido alguma coisa antes do tempo? Quando cada uma se apresenta, ainda que mude a cada minuto completamente, de negro para branco, cada uma, assim que me chega, é o meio de me unir a Jesus Cristo, é sua

vontade sobre mim e devo amá-la assim, e até me tornar indiferente de antemão. Então, nessa paz e nesse desprendimento, poderei guardar Jesus na minha casa e falar com ele simplesmente e com amor, pronta, como Ele, para responder a qualquer sinal da vontade de seu Pai, sem refletir, sem pretensão complicada. Por tudo isso rezei muito a Nosso Senhor, amei-o muito, lhe pedi muito ser fiel a quanto ele me dá neste Retiro. Compreendi que o que ele me pede é deixar toda preocupação de estima de mim ou dos outros, pela humilhação de meus sentidos e das faltas que daí se seguem, por uma mortificação universal que me proporcione a conformidade com Jesus Cristo e me torne capaz de segui-lo até a Cruz, dos prazeres, emoções e apegos de minha alma, pelo despojamento de minha vontade, enfim tão forte, tão sutil, tão cabeçuda, por uma submissão humilde e universal, tal como a acabo de apresentar. Quanto à direção, falei com Deus, que mesmo me conduzindo pelas sombras da morte, eu esperaria ainda filialmente nele; me senti levada a falar a mesma coisa por meu padre, que sempre será só o que Deus quiser, e em cujo coração aprendi quanto devo confiar em Deus, e com quem quero manter um coração de criança, mesmo nas maiores agonias, pois parece-me que isto faz parte da humildade, simplicidade, pureza, que Deus me faz compreender, e da submissão que quero lhe prometer de conservar em tudo, para que me guarde do pecado. Falei disso ao P. d'Alzon e me aconselhou a pesar bem diante de Deus se eu queria chegar até lá, mas que esta disposição era boa e seria para mim um grande princípio de paz. Pensei diante de Deus o que eu deveria fazer em relação a alegria da amizade com o P. d'Alzon, para colocar aí, como em tudo, a vontade de Deus. Resolvi não pedir nada a essa amizade, não desejar nada, somente aceitar o que o P. d'Alzon me dê, o mais simplesmente e retamente, sem apegos e sem buscas de mim mesma, como havia decidido anteriormente, sem jamais me deter para desfrutar mas somente usar dela.

Também meditei sobre a agonia e retive como algo excelente para mim, o exemplo de Nosso Senhor, fiel à hora de sua oração na gruta, ainda que aí a agonia o esperava, de Nosso Senhor privado de consolação da parte dos seus, amando-os, instruindo-os mais do que reclamando-os como consoladores, e tomando conta deles e de sua liberdade, finalmente, o exemplo das condições de sua oração no sofrimento, a saber: solidão, humildade, confiança em Deus, resignação e perseverança.

3º Dia.

Estive mais árida e um pouco doente. Examinando diante de Nosso Senhor esse abandono de confiança na direção, de que falei ontem ao P. d'Alzon, senti, como já me tem acontecido há algum tempo, mas desta vez mais fortemente, que Nosso Senhor devia ser, acima de tudo, meu Diretor, meu Mestre espiritual *Magister*, que me ensine pelos seus exemplos, suas palavras, e sua vida interior, que tenho que ir a ele na Oração, considerando-o assim, e me tornando o mais possível fiel a praticar o que ele me ensina, como o devo a um tal Mestre. Mas terei sempre necessidade de um diretor para me exercitar e me preservar das ilusões do amor próprio, porque é só na submissão às vontades e às orientações imprevistas que se tem certeza de morrer a si mesma e de imitar a Nosso Senhor, é aí que se conhece se morremos a nós mesmos e se imitamos a Nosso Senhor.

– Colocar algum limite no meu abandono a este respeito seria renunciar à resolução de submissão que quero tomar e me expor a fazer mil faltas quando Deus quiser que me peçam algo que eu não compreenda. Eu digo isto de coração, e para que não seja somente pela amizade e a confiança que tenho com o P. d'Alzon, e qualquer que seja a angústia, escuridão ou agonia, meu Diretor, e aqueles que Deus quiser me dar, com

a mesma força, se é que alguma vez me dará outro, me conduziriam, eu esperarei sempre filialmente, nesta atitude com amor e abandono e a aceitarei inteiramente. Meditei um pouco hoje, sobre a humildade pois sinto o quanto a necessito. Aliás sinto um grande alívio em achar que não sou nada, que não valho nada, que não tenho nada, que não fiz nada. Esta justa estima de mim mesma me coloca no meu lugar e na paz e segurança. A solidez das disposições que Nosso Senhor me inspira parece-me que me salvam de todas as armadilhas de meu amor próprio. Mas sinto uma dor muito grande, ao lado disso, por me ter servido a mim mesma até agora, em lugar de servir só a Jesus Cristo.

O que mais me ocupou e recolheu durante o dia foi a vida pública de Jesus, como modelo de superiora, meditação que não tinha preparado, mas que me atraiu. No meio de seus apóstolos, sua modéstia, sua santidade, sua paciência e seu amor, todas as suas palavras e todos seus atos procurando a santificação de todos, seu interior tão simples e todo amoroso para seu Pai e seus discípulos, santo e severo contra o pecado, suportando tudo menos isto, seu zelo de pai do século futuro, olhando o futuro da humanidade, querendo formar Apóstolos e Mártires e querendo sofrer e morrer por isso. Percebi que com muita frequência e durante muito tempo eu deveria aprofundar todas as suas ações e todas suas palavras, na Oração para me formar como superiora, mas pesando suas palavras como se pesa o ouro com grande respeito e zelo para configurar-me com Ele.

4º Dia

Meditei sobre Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento. Tive muitas distrações pensando na finalidade de nossa obra, no espírito cristão dos estudos etc. parece-me que o sentimento de sua missão, me prende com mais força e compreendo melhor que é necessário dominar o desenvolvimento do homem sensual e de espírito dissipado, múltiplo e mundano, pela força do homem de ação e de fé e quanto se deve temer contentar-se com a forma e não ir ao fundo e às coisas que são do serviço eterno de Jesus Cristo. – Nosso Senhor me concede, neste retiro, um zelo novo para formar para Ele, pessoas zelosas e capazes e trabalhar pelo Reino do futuro.

Diante do Santíssimo senti o espírito de paz, de espera, de silêncio e caridade de Nosso Senhor, e quero imitá-lo nessas disposições; devo evitar cuidadosamente criticar no meu coração e nas minhas palavras, pois quando não o faço de coração, não me reprovoo de dizer muitas coisas, como o P. d'Alzon me advertiu. Gostaria de conservar no meio dos saltos de humor, das loucuras dos caracteres humanos, a mansa e amorosa tranqüilidade de Jesus Cristo. — Depois o contemplei como vítima e é preciso que o amor de seus sofrimentos seja meu sustento nessa espécie de dificuldades. Sinto a necessidade de amar os sofrimentos, parece-me que produzem grande bem e que mesmo quando se vivem com imperfeição, Deus age mais do que nos momentos de suavidade, pois ficamos mais perto de nós mesmos e por conseguinte mais expostos a quedas e a voltas insensíveis de impureza. – Então pedi a Deus sofrimentos, as dores de cabeça do P. d'Alzon, por exemplo, mas com a graça de suportá-las sem que prejudiquem meu trabalho e resolvi aceitar bem e estimar todas as que vierem. Mesmo estando bem árida e vazia, sinto como se Nosso Senhor tivesse entrado em minha casa, simples e sereno como O contemplei na imagem. Rezo o Ofício com ele e fico muito na sua companhia, tendo a certeza que ele é única e perfeitamente desejável. Ao sair do retiro, sem dúvida terei dissipações, cometerei muitas faltas, mas o fato de não me perturbar já me parece que é fruto da resolução de humildade que prometi, volvendo sempre a Nosso Senhor com confiança e

simplicidade, para tirar de minha alma toda vontade e todo apego imperfeito que apareça. – Pedi ao P. d’Alzon que me peça algum ato de humildade amorosa, como ajoelhar-me, lhe dizer tudo, lhe pedir perdão se ele percebe momentos de revolta, porque isso ajuda a me serenar. E que ele não creia que quero ter reservas na minha dependência. Resolvi estas duas coisas: se tivesse amanhã outra direção, abandonar-me na véspera, sem reservas à que eu tiver; 2º Não mudar nada em meu relacionamento num momento de confusão. Devo acrescentar que toda revolta em mim, tem algo de artificial, que a seriedade apaga, porque sinto que meu nível de fé não me deixa apresentar seriamente qualquer objeção. Digo a mesma coisa dos caminhos de Deus, de suas mais misteriosas direções e de tudo quanto a Igreja aprovou. Por tudo o que Deus é, sinto que lhe devo e quero com toda minha alma, aceitar sua vontade, seus desígnios, suas propostas, independentemente das vantagens para mim. Isto me anima a desejar a morte, é que para mim no presente e sempre, somente vejo segurança, tesouro como a misericórdia sem limites de Deus e o sangue de Jesus Cristo. É aí que me jogarei com confiança para morrer e como para mim, não consigo outro apêio, nem outra riqueza, sempre o terei, amanhã como daqui a cem anos. Este desejo da morte, me ajuda a viver o abandono, pois as coisas duras não podem ir além da morte e *morrer é lucro* (Fil. 1,21).

5º Dia

Esive mais árida e com dor de dentes. Mas procurei amar este sofrimento e aceitá-lo bem. Tive alegria ao dormir pensando que receberia amanhã Nosso Senhor, como Esposo e me ofereceria a Ele como Esposa, como me disse o P. d’Alzon. Quando não consegui participar da Eucaristia, pela manhã, me trouxeram Nosso Senhor e senti vivamente seu amor de Esposo. Passei toda a manhã a meditar sobre os laços que me fazem ser sua Esposa, a obediência, a pobreza, a pureza, o zelo, mas compreendi que a consumação da união estava no sofrimento e no amor dos sofrimentos, o que peço muito a Deus. Tendo pedido às irmãs que me advertissem sobre meus defeitos, tirei a conclusão de suas respostas, é que devo me aplicar a ser mais severamente séria, silenciosa, mantendo a Regra e (aplicar-me) à perfeição, para comigo e para com os outros, sem tanta condescendência. Para mim, vou insistir sobre a modéstia religiosa, e falar menos, seja com as visitas ou em outros lugares, encurtar as conversas com as pessoas de fora e sair da sala, tão séria, como se saísse da Oração, sem ceder nada a ninguém sobre este ponto, nem aos temperamentos, nem às curiosidades etc. Devo me esforçar por ter uma ação geral mais santificante em todo momento. – Tive no decorrer das meditações, uma luz que me esclareceu muito sobre a diferença de ação entre um diretor e um superior, um devendo agir com uma soberana suavidade, o outro com força e até severidade, repreendendo a tempo e a contra tempo. O Espírito Santo cujas moções são tão suaves e deixam tanta liberdade às pessoas, me parece ser o modelo da direção, e Nosso Senhor no meio de seus apóstolos, da superioridade. Para mim, que tenho, com freqüência, que conciliar os dois, é muito instrutivo.

6º Dia.

Rezei muito e minha alma entrando em oração sentia, apesar de não a ter começado com facilidade, nem gosto, que nada no mundo podia ser melhor para ela e que seu maior bem, em todo tempo, seria passar com fé e simplicidade um tempo bem longo, pois ao final encontraria Jesus Cristo. O que mais me ajuda é ir a Nosso Senhor como a meu Mestre espiritual, ao mesmo tempo que o venero como meu Deus e o amo como meu Esposo. Esta manhã sentia repugnância pensando em sair de retiro,

prevendo as dificuldades que iria encontrar para fazer o bem que ainda falta aqui. Senti na oração: 1º que necessito um certo espírito de solidão interior, e recorrer unicamente a Nosso Senhor para não me perturbar pelos incidentes e ter sempre a liberdade de espírito necessária para procurar o bem. 2º que devo de bom grado sofrer com tranqüilidade e a necessidade que sinto como resumo deste retiro de uma mortificação universal para entrar na noite de minha vontade e de meus sentidos e escapar ao amor próprio que tanto me separou de Deus até aqui. Por isso é necessário querer uma vida de Cruz e Deus prepara minha vontade com paz e amor, na convicção que não farei logo tudo o que supõe esta universal mortificação, mas também na resolução de me levantar após cada queda, e de procurar que minha vontade não se apegue a nada, mas a Deus só e a Jesus Cristo e a amar o sofrimento por Jesus Cristo. – Este pensamento de mortificação, de renúncia a tudo quanto pode satisfazer meus sentidos ou meu amor próprio, me faz tomar grandes resoluções para que, se tenho que fazer uma viagem ou que dificuldades ou outras circunstâncias me tirassem de nossa vida ordinária, eu tome o cuidado de ser mais do que nunca, religiosa, quer dizer, mais pobre, obediente, recolhida e mortificada. Diante de Deus, sinto, por uma pequena emanção de seu amor, que viver ou morrer, estar doente ou com saúde, ter sucesso ou fracassar etc. todos os males ou todos os bens, padecer o espírito que me mortificaria mais, estar em qualquer Ordem, sobrecarregada de trabalho ou de sofrimentos, tudo isso não é nada, pois mesmo que não se entregue ao amor próprio nem ao mundo, e tenha sempre Jesus Cristo e Nossa Senhora que nada pode tirar, a quem a aceitação dos sofrimentos une mais e mais, e que um dia terminarão e vai possuí-los sem véu. 3º Na meditação sobre os sofrimentos de Jesus, encontrei o que me pode fazer o maior bem, em qualquer circunstância, é o amor por seus apóstolos, quando Ele sofria ou sofria por causa deles, seu cuidado, sua solicitude por eles: *Deixem os outros irem embora. Não perdi nenhum daqueles que me deste* (Jo.18, 8-9).

De tarde lendo a Regra, além dos pontos de modéstia, silêncio, brevidade nas conversas, em que reconheci minha negligência nos artigos sobre a clausura e visitas, achei que essas regras parecem se dirigir a pessoas pouco obedientes porque dão as razões de tudo quanto prescrevem, isto me parece pertencer mais ao diretório ou comentário.

7º Dia

Rezei muito pouco. A Revolução que há dois dias começou em Paris me obriga, hoje 24 de fevereiro¹¹¹ a pedir notícias, por causa da gravidade da situação, e a estar cada dia em alerta, para poder tomar as precauções necessárias. Na primeira oração somente senti que Jesus é meu soberano bem, e que nada podia tirá-lo de mim, que estava feliz de encontrar nele meu melhor amigo, meu conselheiro, meu consolador. Muito lhe pedi para ir sempre assim a ele e encontrar tudo isso nele, e tomei essa firme resolução

8º Dia.

Senti, terminando e voltando a meu retiro, que a maior graça que Jesus me fez nestes dias, é a de se ter mostrado a mim como amigo, como diretor, como hóspede e como força, de uma forma tão íntima, que para conservar isto devo meditar sua vida e suas palavras, colocar-me bem intimamente a seus pés nas Orações tão longas e tão

111. Luis Felipe, Rei da França desde 1830, foi derrubado aos 24 de fevereiro de 1848 pela revolução. Um Governo provisório proclamou a Segunda República .

freqüentes como for possível, preferi-lo a tudo e afastar minha vontade, minha alegria, meus desejos, de tudo o que não é ele, oferecer-lhe no lugar as virtudes, que Ele sabe bem que eu não tenho[:] uma vontade abrasada do amor mais sincero, cujo zelo não me permita me apegar à menor coisa imperfeita deliberadamente e que torne meu interior humilde, puro e simples como o seu, na devida proporção. E se tenho que sofrer algo aqui, devo pensar que talvez Jesus não me teria dado essa preciosa amizade, se eu não tivesse passado por coisas duras. Nas circunstâncias presentes, vamos sofrer bastante, tanto nisso como da responsabilidade das pessoas e do choque de caracteres, Jesus é um Consolador que suaviza nossos sofrimentos, e se não sofrêssemos, não teria de que nos consolar. –

N.207/01 [Formato de caderno, quatro páginas reto e verso, uma página reto e nove linhas no verso, mais duas folhas em branco.]

Retiro 28 de maio de 1849

Segunda-feira de Pentecostes

C.2037
C.2043

5h. Levantar, Oração, Prima, Missa de ação de graças até 7h1/2 –Café, ler ou escrever.

9h. 2ª. Oração – depois, passeio e leitura

10h1/2 3ª Oração ou leitura das Regras

11h1/2 Ofício Almoço, passeio, terço e leitura

2h 4ª Oração ou leitura das Regras

3 h Vésperas

3h1/2 passeio e leitura

4h Via Sacra ou Oração depois tempo livre

5h1/2 5ª Oração

6h1/2 Jantar

7h. Passeio ou ler ou escrever

8h Mês de Maria – Ofício – Via Sacra ou Terço se foram omitidos. Exame

29 de maio de 1849

Meu Retiro transcorre numa simplicidade tão grande, que não tenho quase nada para escrever. Todas as meditações do P. Lejeune encaixam maravilhosamente comigo, penso a que ponto Deus é meu bem e um bem infinito, que vive em mim, que me fez para o alto destino de Esposa sempre ocupada dele e que as criaturas devem me levar a ele, sei que, entre as coisas criadas, foram a abjeção e a contradição que atraíram sobre mim suas graças, que quero amá-las, e me aplicar a fixar todos meus pensamentos em Deus, meu tudo, meu bem infinito, cuja mão me sustenta acima do abismo, me dá vida para agir e para pensar até quando o esqueço. Vejo que o coração de Jesus Cristo vivia sempre nessa presença, nesse amor, nessa adoração e na felicidade dessa infinita bondade, e eu quero viver aí com ele. Sinto que com a liberdade de coração e a confiança com que o P. Gerbet me conduz, seria algo muito doce a minha alma, estar sempre com Deus, escutar seus conselhos em tudo, e agir unicamente sob sua inspiração. Gostaria poder afastar todas as ocasiões, até as mais

queridas, que me levam a outros pensamentos e a outra maneira de atuar. Se eu não o conseguir, terei paciência com minha fragilidade. Para isso me estimaria feliz de me tornar cega e surda. Parece-me que minhas faltas, até as pequenas, não foram indiferentes para mim, mas apesar da dor que me causam, quanta negligência para cair em todas as tentações, sobretudo na infidelidade à obediência, ao recolhimento, deixando-me levar pela preguiça, pela amargura e a faltas de caridade. No entanto estou persuadida, e sempre o estive, que é melhor morrer do que desobedecer ou fazer qualquer outro pecado. Há algum tempo me acontece ter má vontade para a perfeição. Não quero mais que seja assim, compreendo que para estar segura de não cometer nunca uma falta grave, é necessário estar pronta para sofrer até o martírio, a deixar tudo, até a própria alma, ante uma palavra da obediência ou na hora da provação. Quero me esforçar para vencer todos meus maus hábitos ou inclinações, sobretudo as divagações de espírito, e isso por zelo e amor. Penso muito na virtude de zelo e a pedi muito, pode ser pela primeira vez de minha vida. Acho que é o verdadeiro indício do amor e desejo que me leve a não aceitar nada que desagrade a Deus, a querer fazer tudo quanto ele quiser e sobretudo a pensar nele, também desejo entusiasmo para contagiar os outros a ter sede de fazer reinar Deus neles o mais perfeitamente possível. Que eu viva somente para ir a meu soberano bem, não perder nem uma hora longe dele, e satisfazer seus desejos e sua infinita bondade por minha santificação, a mais fiel e generosa possível, a de nossas irmãs e a conversão dos pecadores. Que não veja uma alma em pecado mortal, pois, por assim dizer, faz sofrer ao próprio Deus, ainda presente nela para fortalecer sua vida, e cujo amor se consome, em vão, do desejo de sua volta. Que empregue toda minha indústria em afastar o pecado venial das almas onde Deus habita, e primeiro e sobretudo da minha. – Junto com isso peço muito a humildade. – A união a Deus sem escrúpulo, o zelo, a humildade, eis os três frutos que desejo adquirir neste retiro e sinto que desses pensamentos brota um vivo sentimento de amor. Gostaria de ter a coragem para fazer todas as noites a Via Sacra, ganharia um espírito diferente; a obediência, a paciência, o desprezo de mim mesma, o amor a Jesus Cristo e muitos outros bens, que para mim são quase sempre fruto deste exercício.

30 [de maio]

N.241/01

Esta manhã me levantei com entusiasmo pois Deus me conduz ao que eu havia desejado encontrar neste Retiro: necessidade de cumprir os desígnios de Deus sobre mim, entrar no mais profundo de minha alma, viver aí com Jesus Cristo, rezar com ele e renunciar de tal maneira as coisas exteriores que nem veja, nem ouça, nem me aproxime, mas somente por obediência ou zelo. Fui invadida por esta luz e encontrei um recolhimento bem mais íntimo e disposições mais fervorosas, com muita contrição e humilhação pelo passado. Vou procurar centralizar ai meu retiro, ainda que com toda a liberdade de coração que me aconselharam; era para entrar nisto que buscava livros que me forçassem um pouco a isso, mas estou aí só pela inspiração de Deus, procurarei todos estes dias, expressar bem tudo quanto ele me mostra e todas as conseqüências, e agora devo colocá-las em prática. As duas passagens de Gœrres, páginas 463 e 469 são as que me esclareceram mais nitidamente sobre o que Deus me pede e fui procurá-las pois não as tinha relido fazia mais de um ano, pelo menos, e vejo que meu crime é não ter querido ainda fazer algo, e não ter feito nada, tanto mais que essas eleições trazem grandes conseqüências para a glória de Deus e o bem dos outros, e que recusá-las e torná-las inúteis, também acarretam, por conseguinte, grandes

conseqüências. Ora, é uma eleição e uma escolha particular ser chamado a tanta renúncia, a se cativar tanto, a obedecer tanto e a se entregar tanto, apesar que de por outro lado, é uma eleição comum para aqueles que são chamados à vida religiosa.

31 de maio de 1849^{C.2039}

Graças ao que o P. Gerbet me falou no início deste retiro, parece-me que compreendi duas coisas que não se tinham nunca unido no meu espírito: Jesus Cristo me pede, com certeza, viver de seu Espírito, sob sua dependência, uma vida toda interior e separada das coisas criadas, mas que esse Espírito é, por excelência, um espírito de^{C.2040} suavidade, de alegria, de misericórdia, *Consolatur optime, dulcis hospes animæ...*¹¹² Esta vida deve ser alegre, feliz perto dEle, e eu devo me entregar tudo isto, com grande liberdade de coração, com o amor mais alegre de minha alma, afastando a tensão, a inquietude e perturbação por ter faltado. No começo de minha vida religiosa eu não compreendia a necessidade desse espírito de recolhimento, de oração, esse espírito todo de Deus e para Deus; mais tarde, quando o percebi, me apareceu como uma escravidão terrível, para conseguir dominar a natureza pela violência, sem contar bastante com a misericórdia do Hóspede interior, então, me joguei no desespero e na inquietação interior. Hoje, posso me dizer: o que é deixar todo o resto, não ver nada, não ouvir nada e não se apoiar em nada, a não ser para viver com Aquele que amo acima de tudo e como nesse esforço não contar com a misericórdia dAquele que amo e que é infinitamente bom?

1º de junho de 1849

Acho que hoje Deus quer me ocupar do desprendimento das criaturas e de mim mesma, e que talvez eu tenha chegado ao feliz momento de minha vida em que me fará compreender e saborear esse desprendimento das criaturas que sempre foi para mim uma grande dificuldade, tanto mais que se não vem de Jesus Cristo, pode ser muito ruim e fazer muito mal ao coração dos outros, ao mesmo tempo que seca e encolhe o seu.

Depois da comunhão, eu me retirei no mais profundo de minha alma, prometendo a Nosso Senhor ficar a seus pés o mais tempo que eu puder, demorar aí e voltar se me ausento. Supliquei que me dissesse o que queria de mim e eis o que entendi: 1º É necessário que eu te baste.¹¹³ Tu o podes e o deves porque eu o quero. Deixar o fundo da alma para subir até as criaturas, dar-te a elas com meu espírito, amá-las com a maior caridade, que eu te inspirarei e da qual sou o modelo, ir a eles no meu lugar, como eu iria e com um zelo incansável preparar-me um lugar no coração de cada uma, mas não quero que te apoies em nenhuma, nem creias que não podes deixá-las, nem que sintas necessidade delas. Eu devo te bastar. 2º Quero que fiques muito a meus pés, me tratando com a confiança e liberdade de uma filha querida, e com o amor de esposa, mas também com a maior humildade e aniquilamento possíveis, pequena, humilde, flexível, simples e arrependida. 3º Trabalharás para tirar tudo o que me desagrade, todo tipo de pecados veniais, e te adornarás de virtudes santas que me pedirás que eu as peça a meu Pai junto contigo e que me pedirás diretamente a Mim. Eu posso e quero te dar isso. Não te turbarás nem desanimarás pelas tuas faltas,

112. *Ótimo consolador, suave hóspede da alma* (Sequência de Pentecostes).

113. Sobre este texto, cf. *Partage Auteuil* N° 37, p. 4-6.

sejam grandes e numerosas, mas tu as chorarás. Quanto às dificuldades de fora ou aridez interior, tentarás amá-las, por desprezo de ti mesma. Lembra-te de tratar sempre as irmãs como Esposas com as quais posso demonstrar preferências, e te encarrego de santificá-las, tirando delas, na medida que te for possível, todas as imperfeições que tiverem. 4º Lembra-te que toda a felicidade e alegria de minha humanidade, consistiu em ter uma união com Deus que, exceto o último segredo de seu Ser, tudo lhe foi comunicado e abraçou, com agradecimento, sua vida e sua morte tão duras, dando graças a todo momento por ter sido feita Humanidade do Filho de Deus, mesmo com grandes sofrimentos. – E você, ainda que durante 20 ou 30 anos abraçar a vida mais dura e as maiores renúncias para ser verdadeira Esposa do Filho de Deus, como seria? Minha divindade é um bem infinito para o qual tu estás feita, no qual desde este mundo te moves, vives e existes, eu habito em ti, pela minha graça, vou a ti pelo sacramento, sê feliz por esse dom, mesmo quando sentir o sacrifício de ti mesma e de todas as alegrias naturais, às quais eu te peço que renuncie.

2 de junho. Meditei sobre a vida escondida de Jesus, e pedi a Deus ser humilde e permanecer na penumbra na vida, e quando deva encontrar pessoas de fora, sobretudo se se trata de pessoas ilustres, seja Ele quem fale e que eu me coloque sob sua ação, de forma a não brilhar em nada, também desejar ser pouca coisa na Congregação e me desfazer da inclinação de conservar o lugar que eu penso ser devido a meu cargo de superiora. Não! Querer, mesmo sendo superiora, não desejar ser objeto de atenções, nem de considerações pessoais.

N.208/01 [Seis folhas de caderno, arrancadas, escritas reto e verso]

C.2105
C.2106
C.2107

Retiro de 8 dias 15 de março de 1850)

1º Dia Fiquei bastante árida, mas contente de ter tempo para refletir seriamente diante de Deus e rezar. O que mais me ocupou foi o desejo de melhorar e o pensamento de que só Deus pode fazer esse milagre. Eu lhe pedi isso, com todo o ardor e a insistência de meu coração, lembrando-lhe que foi ele quem fez de Santa Teresa, depois de muito tempo, uma criatura inteiramente dele; também aproximou dele a Santa Catarina de Sena, foi ele quem comoveu de amor e penitência a Santa Catarina de Gênova, na hora em que entrou no caminho dos santos; são suas impressões que mudaram Ir. Térèse Emmanuel e se eu não tenho as mesmas disposições dessas santas, não foi ele que tocou um dia desse amor soberano a Santa Margarida de Cortona e a Santa Jacinta de Mariscotti¹¹⁴. É Ele e somente Ele quem dá a contrição, a humildade, o amor, o espírito de oração e todos os bens. –

C.2105 A espécie de luz que acredito ter recebido, é que Ele queria que eu entrasse no espírito de vítima e de cordeiro, sobretudo pelo coração, para não procurar nenhuma satisfação própria, mas me servir de todas suas delicadezas, somente para beneficiar o próximo, e quando eu as sentir para mim, me refugiar no espírito de vítima. Sim, Deus quer que eu conserve meu coração, assim me disseram, e me sirva dele, que o desenvolva para dar tudo aos outros, para tratá-los a todos com infinitas delicadezas,

114. Na carta de 11 de fevereiro de 1847 (C. 1817), Maria Eugênia explica ao P.d'Alzon que Ir. Marie Emmanuel gostaria de receber a vida dessas duas santas penitentes.

mas sem buscar nada para mim, repetindo-me esta palavra: que onde começamos a nos buscar, aí cessamos de amar. – Eu te farei, meu Deus um sacrifício de tudo o que é meu, prazeres, contrariedades, uso dos sentidos, emprego do tempo, pensamentos, sentimentos, tudo, tudo, se você me conceder essa graça. Oh! Quero passar este retiro a pedi-la. Tudo, tudo para o próximo, e nada para mim, mesmo nas coisas espirituais. – Meu egoísmo vencido e uma generosidade que me faça, ao contrário, entregar-me como vítima pelos outros, por amor de você. – Quero que a obediência me ajude, e me parece que deveria dar conta, cada quinze dias, dos pontos seguintes sobre os quais farei esforço:

1º Se por preguiça negligenciei algum bem que podia fazer, ou se tendo terminado minhas obrigações, empreguei fielmente o tempo para ler, aprender algo, rezar, enfim, para me tornar mais capaz e aperfeiçoar em mim o instrumento de Deus.

3º ¹¹⁵ Se não passei algum dia sem fazer alguma caridade a meu próximo, se fiz todas as que podia, se cada vez que desejei algo para mim, aceitei esse desejo somente para ver que efeito fazia nos outros, e fazer-lhes o que eu teria desejado que me fizessem a mim, se fiquei firme em não aceitar nada como alimento, cuidados, consolação mesmo espiritual, até estar certa de que todas aquelas que poderiam ter a mesma necessidade que eu a receberam antes de mim.

4º Se tive somente palavras e pensamentos suaves, de cordeiro, imitando o Cordeiro Divino.

5º Se evitei de falar de mim, a não ser para reconhecer minhas faltas, quando necessário, e se somente falei delicadamente com o próximo e do próximo.

6º Se procurei agir sempre puramente, humildemente, amorosamente, puramente por Deus, humildemente comigo e amorosamente com o próximo. – Também se procurei agir simplesmente, sem rodeios, sem buscas de mim nem reflexões vãs.

7º Se rezei bastante e constantemente.

8º Se procurei fazer todas minhas ações com tranqüilidade seguindo a regra.

9º Se me tenho exercitado em falar menos e dizer somente o que serve para o serviço de Deus.

10º Se nos movimentos de amor próprio e nas emoções da natureza guardei um silêncio completo.

11º Se mantive minha alma em espírito de docilidade para a obediência e se agi, com os que me dirigem, com um verdadeiro coração de criança.

12º Se tomei o hábito de levantar meu coração para Deus quando o relógio bate, como queria São Vicente de Paula.

13º Se tive caridade para com os mortos, ganhando indulgências e rezando exatamente por eles.

2º Dia. Que direi do que o Senhor me tem dado, hoje, senão desejos? A graça de rezar muito, de chamar todos os dias à porta de sua misericórdia, para que enfim Ele me converta, movimentos de amor e de terno agradecimento para Jesus na sua agonia, e enfim resoluções que necessito colocar nas mãos dos que me dirigem para

115. O autógrafo passa diretamente do 1º ao 3º, a menos que o 2º estivesse escrito no alto da página que foi rasgada.

que me ajudem a cumpri-las, pois eu sozinha não as cumprirei. E primeiro, agir com eles com verdadeira obediência, humildade, simplicidade, confiança e segundo todo o agradecimento que sua bondade me inspira. Sinto que os aborreço com freqüência, eu sou boba e longa em me explicar, e ainda que lhes desagrade, isso me dá um impulso de amor mais terno a Jesus que nunca me acha longa demais com ele, que me compreende muito bem, que me alivia em tudo até tomar sobre si a lepra de meus pecados: *Ah! Se você fosse meu irmão!* etc. (Cant.8,1), eu repito muito isso e experimento alegria de ver voltar em mim o atrativo pelas palavras do Cântico dos Cânticos. Queria amar a Deus mais do que qualquer criatura conseguiu amar, esse é meu desejo, e não vejo, mesmo entre as que são de seu serviço, que possa desejar qualquer outra coisa. – Mas para isso devo me mortificar em tudo, suplico que me ajudem, quero praticar uma verdadeira paciência, vencer-me, tomar enfim todos os meios que me proporcionam o amor a Deus e que me digam o que devo mais particularmente tirar de mim.

3º Dia. Pensei muito que tendo empregado 33 anos de minha vida em mim mesma, quero, enfim, unir-me à morte de Jesus Cristo, que aconteceu com essa mesma idade, para me renunciar e fixar de agora em diante minha morada no amor de Deus e do próximo e no esquecimento de mim mesma. Como resolução de detalhe, desejo encontrar muitos meios de me habituar a fazer jaculatórias com freqüência, sobretudo esta: Meu Jesus misericórdia e também: *Maria, Mãe da Graça, Mãe de misericórdia, protege-nos do inimigo*¹¹⁶ etc. – Até aqui, as que mais fiz são: Deus só, Deus só por toda a eternidade, – Que seja feita tua vontade e não a minha, e – Ele sabe tudo, pode tudo, Ele é meu Pai, Ele me ama. – *Deus, meu Deus, minha alma tem sede de Ti* (Sl. 62, 2) – Jesus meu Deus, Maria, minha Mãe, tende piedade de mim.

4º Dia Estive mal disposta pela manhã, mas pensando em São José, cuja festa celebramos hoje, isso me reanimou e me fez tomar a resolução de agir com o P. Gerbet como Jesus menino, quando tinha 4 anos, então a sua direção me fez bem, tanto mais que o P. Gerbet me tratou com muita bondade. Em relação a minha repugnância a me expor aos estados interiores de Jesus, sob o peso do pecado, o P. Gerbet me disse uma palavra que me fez muito bem: que a esposa devia desejar seguir o Esposo por onde Ele for. Quero meditá-la com freqüência.

De manhã, lembrando o quanto o P. Gerbet tinha pacificado minha alma pela sua bondade e o bem que sua presença me fazia no estado de turbulência em que me encontrava, propus-me, particularmente, imitar a perfeição de seu relacionamento com as pessoas, porque tais modelos dão uma espécie de responsabilidade diante de Deus, se não os aproveitamos. Quero também tomar este ano por padroeiras, Santa Teresa e Santa Catarina de Gênova. A 1ª sobretudo pela perfeição de seu relacionamento com as pessoas, e o encanto que comunicava a todos; a 2ª por seu relacionamento com Deus, pois tudo quanto li dela me tocou a fundo, e precisamente Nosso Senhor me pede várias coisas que também pediu a ela. – A caridade que lhe pede para os doentes, me fala a que eu devo ter para as enfermidades das almas, mesmo com as mais penosas, e justamente eu terei menos méritos cuidando dos corpos, isso não me custaria nada.

C.2105
C.2106

5º Dia Meditei sobre o estado de vítima. Descobri: 1º que é uma armadilha de minha natureza me representar sempre as últimas conseqüências, para desviar-me. Atualmente não é questão de terríveis agonias e angústias interiores. Deus não as

116. Hino antigo.

apresenta para mim neste momento, nem me deixa entrar nisso. Se ele o quisesse e me pedisse interiormente, eu teria que aceitar. Mas vendo que não me pede nada disso, conclui por um sofisma, que eu não posso abraçar um estado tão penoso quando Deus mesmo não o pede claramente. Mas também não se trata disso. O estado de vítima poderá ter um dia, para mim conseqüências, e eu não devo tomar precauções contra Deus. Se um dia Ele o quiser, eu terei que querer também e devo estar geralmente abandonada, como a todas suas vontades. Entretanto, a cada dia basta seu mal e se trata de ser vítima, não com esses sofrimentos excessivos, mas na separação própria do estado de vítima. Ora, é por uma falta de generosidade e por falta de abandono que eu me deixo cair no temor dos estados interiores de Jesus na Paixão. Hoje, somente me é pedido penetrar em seu estado interior durante sua vida. Deus mesmo me deixa encontrar alegria e paz nesta participação, quando consigo entrar um pouco; mas se apoia sobre um profundo despojamento de mim mesma e das coisas criadas, sobretudo as que são apreendidas pelos sentidos e é por isso que minha natureza faz tantas voltas para fugir delas.–

2º Vi que tenho menos direitos de resistir a esse estado e que nem devo ser consultada para saber se o quero. 1º É dívida de meu batismo. 2º Eu o aceitei formalmente na Profissão. Que era essa impressão sobre os três votos? Será que ser casta dessa maneira, é estar separada de todo prazer dos sentidos. Será que o Esposo estaria mais contente ao me encontrar gozando de algo prazeroso do que usando meu olhar contra os desejos de seu ciúme? – Quanto mais terei a dizer sobre pobreza e a obediência como Ele me propõe.

3º Desejei ter uma autoridade perto de mim, sobretudo para que me forçasse a entrar nos desígnios de Deus. – O que tenho feito, infelizmente até aqui de todas essas instruções?

Que eu viva ou morra, não é importante, mas o importante é que eu seja o que Deus quer, no lugar onde estou. Gostaria cem vezes mais de morrer daqui a dois anos, depois de ter passado esse tempo santamente e edificando a todos, do que viver 50 anos na tibieza. Não há muita coisa a poupar. Ademais estou persuadida que tudo quanto farei por obediência, nunca me fará um mal real. Deus está obrigado a prover. O que não posso fazer naturalmente, posso fazer por obediência, não me é permitido duvidar. Quis encontrar na obediência a força para me vencer, mais do que eu encontraria na minha vontade. Acredito ser necessário que tenham comigo a caridade de empregar tudo para vencer minha natureza. Esta natureza é covarde, teme o sofrimento; orgulhosa, teme a reprovação feita com autoridade. Por que não encontrar no que ela teme, um castigo que a desvie daquilo que ela deseja? Acho que se ela tivesse certeza que o castigo ultrapassará sempre o gozo, isto seria para ela um freio e a graça a dominaria mais. Quero, pois, pedi-lo, mesmo me custando e que um tal discurso me humilhe. Posso assegurar que nunca essa severidade me fechará o coração e que não devem temer tomar demasiada autoridade. Eu quero entregá-la inteiramente. – Se fosse no nível da graça que me fizessem sofrer ou que eu me sentisse constrangida como aconteceu várias vezes, penso que seria permitido sentir-me magoada, mas que castiguem minha natureza, não lastimo em absoluto, pois ela me faz sofrer, e apesar de custar bastante, me alegre muito vê-la um pouco confundida. E mesmo quando não fizer novas bobagens, sei que deve ser quebrada para que Jesus reine em mim; E tanto mais deve ser dobrada quanto ela quer se erigir em mestra.

Acho Nosso Senhor muito bom por me ter pedido por obediência de ir sempre a Ele na comunhão. Isto me toca profundamente.

Para entrar no estado de vítima, vejo a grande necessidade de estar disposta verdadeiramente, a me mortificar sempre na comida e no prazer de ver coisas, ou de falar com pessoas de quem gosto. Eu deveria falar sempre do que os outros gostam, e não do que eu gosto.¹¹⁷ + A menor disposição em querer em tal ou tal circunstância, gozar disto ou daquilo, se isso se apresenta, ver coisas belas, novos países etc. me relaxa de antemão.

Quero fazer o propósito de comungar nas intenções da Regra e das pessoas por quem devo rezar e ganhar exatamente as indulgências pelos mortos. Faltei a tudo isso por negligência.

6º Dia – Rezei um pouco mais, na dependência da oração de Jesus em mim. Não é uma coisa bem triste e vergonhosa que até nisso a busca de mim mesma tenha tanta influência que em geral me desvia, porque esse estado é mais vazio, mais despojante e exige um recolhimento mais profundo e sério, sobretudo um recolhimento de outra natureza. – Procurei o que diria em confissão dos principais pecados de minha vida passada e encontrei coisas tão vergonhosas que ninguém esperaria mais nada de mim e que todos perderiam a estima de minha natureza. – Mas, será que não o mereço e é a própria humilhação que deve me decidir. Aliás, não é em vista dos homens que devo agir, mas por Jesus Cristo que saberá aproveitar o que faço, para seu serviço; enfim me senti inclinada a fazê-lo, para que aquele que aceitou se encarregar de minha alma veja claramente o quanto devo fazer penitência, e a grande necessidade que tenho e quanto isso é justo. Chegou o tempo em que tenho que abraçar generosamente a penitência e onde ela, pelo lugar que ocupará na minha vida, deverá fazer uma espantosa separação entre o futuro e o passado. Mas tenho o coração estreito e covarde e preciso que os outros o tenham grande e generoso para comigo.

Esses medos de perder a estima são uma das coisas que me fazem temer o afeto que tenho a algumas pessoas. Como desejar que elas me desprezem? E no entanto, eu deveria desejar ser desprezada de todos. Eu o suportaria ainda bastante de pessoas que me são indiferentes e na minha devoção a este texto: *Ah! se você fosse meu irmão etc...* eu acrescento de bom grado e que todo homem me despreze¹¹⁸ porque com Jesus presente, parece-me que o desprezo dos outros nos faz mais solidários com Ele e isto é desejável; mas para meus amigos não tenho tais desejos, apesar que isso me seja devido mil vezes. Como remediar a isto?

N.203/01
N.241B/01

Ocupei-me muito durante todo o dia do grande espírito de penitência que eu deveria empreender, depois de tantas faltas, de infidelidades e de atrasos. – Também preciso me lembrar, com frequência, que devo procurar o mais perfeito¹¹⁹, que o prometi a Deus, pois não se faz nada sem isso, pois senão volto sobre mim e até na oração sou covarde.

Quanto Jesus em mim pede humildemente perdão a seu Pai! Ele sofre de minhas covardias, do amor a mim mesma que me enrola e me paralisa em toda parte! Como me pede que seja, finalmente toda Sua! Ele tem desejos que eu ainda não satisfiz e

117. A última frase está acrescentada no final da página e assinalada com uma cruz.

118. Ct.8,1 –Maria Eugênia muda o sentido do texto suprimindo a negação: *sem que todo homem me despreze*.

119. Esta idéia, constante na espiritualidade de Maria Eugênia, aqui está apresentada em forma de promessa. Em 1846 (Cf. N.203/01) é expressa em forma de resolução.

nesta mesma hora, ainda não me levantei de minha cama de parálitica, para corresponder a ele. Jesus tem muita vergonha e tristeza! – Ele quer reinar em minha alma, quer sobretudo, para isso, que o amor próprio, a vontade própria, a atividade própria, a correria e a dissipação desapareçam. – Também Ele detesta a tendência que tenho a me agitar interiormente diante das contrariedades dos caracteres, dos humores e diante de tudo o que contradiz meus sentimentos até o mais profundo. Uma das condições de seu Reino em mim, é que eu tenha muita paciência para suportar tudo com suavidade e submissão interior, que eu veja as coisas nEle e não em relação a mim.

Jesus me lembra ainda muito o que me ensinou sobre meus três votos. Onde está essa pobreza dura, que trabalha acima de suas forças e que carece de tudo? Onde foi parar o afeto? Em meus achaques, minhas viagens, quantos cuidados, quantos exageros, quantas coisas até luxuosas desejei e procurei quando me faltavam, e aceitei com alegria quando apareciam, apesar de que fora de minha pobreza.

Onde foi parar a obediência de Jesus menino? E essa castidade, cujo ciúme chega a ponto de não querer me surpreender aceitando um prazer dos sentidos? Quanto ao amor do sofrimento, infelizmente! onde estou? De onde vem este horror que me leva a não me expor a sofrer algo do que Jesus sofreu por mim? Ante este pensamento voltei sobre minha horrível repugnância em me oferecer pelos pecados dos outros, eu me ofereci por algumas pessoas, mas recuso oferecer-me por pessoas que se fixaram na impenitência, sobretudo quando estão submersas na impureza, como, infelizmente, várias de minha família.¹²⁰ E no entanto, deixá-las sozinhas suportar o peso da cólera de Deus e o horror de sua impenitência, não um dia e em aparência, mas sempre e na realidade! Então me ofereci para sofrer tudo o que for necessário pela sua conversão. Mas como Jesus foi generoso, pois somente pelo amor da glória de seu Pai, quis sofrer tudo quanto é devido pelos impenitentes e até pelos condenados! – Eu só posso me oferecer pela sua conversão e com a condição de sua conversão. – Durante todo este tempo eu via a impureza voluntária e consumada, como o monstro, mais horrível que qualquer outro, porque o vi de perto e vivi muitos anos como no seu antro e sob o medo de suas mordidas.

7º Dia festa da Compaixão. – Nunca poderei expressar a emoção que sinto, ao pensar que posso comungar todos os dias. Tanto de dia como de noite, isso me incentiva de tal maneira a santificar minha vida que minha natureza desejaria por vezes afastar-se da Mesa Santa. Quando penso que Santa Joana de Chantal passava as noites impressionada com essa graça e suspirava por não ter conseguido bastante humildade. Quando penso que Nossa Senhora, na terra, depois da morte de seu Filho, somente pode comungar cada dia e eu estou sempre a algumas horas da vinda de meu Deus, enfim que a Igreja, para conceder esta graça, pede condições de desprendimento, de perfeição, e sinto que não posso perder um só momento para consegui-las.

Esta manhã senti um movimento de minha natureza ruim, era uma enorme repugnância diante da obrigação de me submeter a dizer tudo o que precede, e pensando que haverá momentos em que estarei aborrecida, mas é precisamente para esses momentos que devo pedir, e devo rezar bastante para que, longe de parar nisso, obriguem minha natureza a reconhecer que ela não é minha dona. Não seria me

120. Em 1842 no 1º aniversário de sua profissão, Maria Eugênia fez uma oferenda dela mesma por sua família. (Cf. N.185/03, 15 de agosto de 1842 e carta ao P. d'Alzon 1561, em 16 de setembro de 1842)

prestar serviço se me obrigassem a obedecer somente quando eu quero, mas peço encarecidamente que me obriguem, com a força da autoridade, quando me nego a obedecer. Ora, é isso que minha natureza quereria me impedir de pedir.

Passei toda a manhã meditando a Compaixão de Nossa Senhora. – O pensamento que a ternura pelo seu Filho lhe causou um verdadeiro martírio e que ademais de sua união aos sofrimentos de Jesus, ela teve sua paixão na compaixão que experimentava por Ele, mas que Ele mesmo não tinha por si; isto me fez entrar no meu coração com grande vergonha. E mesmo que digam que eu tenho coração, onde está essa compaixão por Jesus, onde a que eu deveria ter pelo meu próximo e onde não está a compaixão por mim mesma? Muito pedi a Nossa Senhora que me fizesse partilhar sua compaixão; procurei entrar na sua ternura por Jesus sofrendo e pedi para endurecer um pouco meu coração contra minhas ternuras comigo mesma. Meditando mais tarde sobre os três companheiros que Jesus escolheu neste mundo: a pobreza, o desprezo e a dor, tive mais disposição para aceitá-los, e de fato, não sou muito ingrata recusando-os, quando Deus me concedeu a graça de, talvez mais que qualquer outra pessoa, por temperamento acolher generosamente e sempre sua convivência? – E se eu procurasse examinar cada dia, daqui ao próximo retiro do mês, se pelo menos eu não os recusei? Também posso me propor, em caso de viajar, tomá-los como companheiros para afastar as faltas que cometi até aqui nessas ocasiões. A dor é o que me dá mais medo, mas se pelo menos, sem muito afastá-la, pudesse ser mais fiel às duas outras. Feliz e livre quem teve por divisa: *Ou sofrer ou morrer*¹²¹, nada a reteve, e Deus me fez para uma liberdade semelhante. Por que não teria ciúmes dela? *Nolite fieri servi hominum*¹²². Por que não procurar aplicar isto? Ah! tenho que compreender, uma vez por todas, que Deus, somente Deus, é minha alegria. Quanto menos falo aos homens, menos dificuldades tenho, e mais encontro a alegria íntima da alma; quanto mais faço algo por Deus, mesmo sendo difícil a Oração, mais sou feliz; quanto mais me renuncio, tenho mais paz. Deus me concede esta misericórdia sensível e posso ainda duvidar!... Daí, volto à obediência. Bem, uma coisa é certa que me punindo, me humilhando, me fazendo sentir uma autoridade, sem escapatória, posso corrigir depressa muitos defeitos pelos quais me deixo levar. – E é muito simples: não é a parte superior de minha alma que resiste a Deus, é a parte inferior, a carne e o espírito da carne. É natural que o que mortifica a carne e o espírito da carne, se impõe e os assusta, e é o que me explica como, ao mesmo tempo, posso, com a graça, desejar ser tratada assim, e minha natureza temer de tal maneira suas conseqüências que com muito cuidado evita de cair numa falta; nesses casos, sempre a parte superior de minha alma é de Deus, e se alinha ao Superior e o aprova. Sem isso eu não avançaria. Quero e devo dizer tudo isto apesar da repugnância de minha natureza e até pedir que me obriguem. Aliás, faço esta entrega de mim mesma com uma confiança que não poderia ser maior, e o desejo de que me façam confiança e me dirijam como a uma criança. Prometo apresentar um coração de criança, se o permitem, porque não teria a coragem, sobre isso, de fazer mais do que desejariam. E para ser sincera, devo dizer também o quanto o P. d'Alzon me mortificava nos lados mais sensíveis.

121. Teresa de Ávila: *Dios mio, o morir o padecer, que estos han de ser nuestro[sic] deseos*. Processo de Salamanca 1597, 6°. Ir. Ana de Jesus testemunha que Teresa tinha esta sentença no seu Breviário, escrita de sua mão. *Obras Completas* BAC, Madrid, 1954, pp568-571.

122. *Não se façam escravos dos homens*.

Não tive durante este dia tanta facilidade para a oração, como nos anteriores, mas os pensamentos que me alimentaram e que acabo de dizer, me fizeram muito bem.

8º Dia Hoje é dia de agradecimento. Sinto-me muito melhor do que anos atrás. Não acreditava poder me levantar tanto, experimentar tanta alegria e vida interior: *Minha juventude se renova como a da águia* (Sl.101,5). Meu corpo também o reflete, nunca estive tão bem e forte como agora. E ainda estou com melhores disposições em certos pontos, é algo mais simples na minha relação com Deus. Oh! Seja mil vezes bendito! – Experimento também muito agradecimento ao P. Gerbet que teve a bondade e a paciência de me acompanhar e me fez entrar nesse bom caminho. A bondade de meu caro Padre na sua última viagem, também me fez muito bem, mas os frutos não durariam muito se eu tivesse ficado sozinha.

Agora tenho todos os socorros que posso desejar, não poderia ser mais feliz com os orientadores que tenho, tanto pela harmonia entre o P. d'Alzon e o P. Gerbet sobre todos os pontos, quanto pela harmonia que minha alma sente entre sua direção e o que Deus lhes pede. Desejo aproveitar ao máximo, ser fiel a tudo quanto Nosso Senhor me tem dado neste retiro, e também na medida em que tudo que me será pedido em seu nome, não quero olhar para trás, nem me retomar, nem que me deixem livre de poder fazê-lo se eu o quisesse, eis o que vou pedir hoje a Nosso Senhor.

O amor de Nosso Senhor pela humilhação é o que me ocupou na oração. Não posso ter em mim outras tendências que não sejam as suas, e eu devo vê-lo em mim, incentivando-me a toda humildade e pequenez, mas sincera, de coração.

Como não quero que minha alegria me distraia, uno-me também particularmente a Jesus sofrendo; fiz a Via Sacra nessa intenção e quero encontrar nessa união toda a força de que necessito para conservar os frutos de meu retiro. Enfim, coloquei particularmente esses frutos sob a proteção de Nossa Senhora. Ela é minha Mãe e a confiança nela não falha. Não lhe peço nenhum bem desta terra, mas somente que me torne digna de ser sua filha, e confio que, cedo ou tarde, ela o fará.

N.209/01 [Meia folha de papel de carta, escrita reto e verso e dobrada verticalmente.]

[1850] – Deus quer que eu assumo o espírito de vítima e de cordeiro, sobretudo para que meu coração a fim de que não procure mais sua própria satisfação, e servir-me de todas suas delicadezas somente em benefício do próximo: quando o desejar para mim, devo me refugiar no espírito de vítima e me lembrar que, onde começamos a nos satisfazer, aí mesmo paramos de amar. Será que não vou oferecer, finalmente, a meu Deus um sacrifício de toda minha pessoa, prazeres, contrariedades, uso dos sentidos, emprego do tempo, pensamentos, sentimentos, tudo, se você meus Deus me concede essa graça. Oh! Não vou cessar de pedi-la. Tudo, tudo para o próximo e nada para mim, até nas coisas espirituais. Vencer meu egoísmo e adquirir uma generosidade que me faça entregar-me como vítima pelos outros. Vou me fazer ajudar pela obediência nos pontos seguintes:

1º Se vigiei meus sentidos e os dominei para evitar que minha alma vá se distrair e se disperse.

2º Se descuidei, por preguiça, algum bem que poderia fazer ou se utilizei fielmente meu tempo livre para ler, estudar ou rezar, para aperfeiçoar o melhor possível o instrumento de Deus em mim.

3º Se passei algum dia sem fazer alguma caridade a meu próximo, se fiz todas as que podia, se cada vez que desejei algo para mim, aceitei esse desejo somente para ver que efeito fazia nos outros, e fazer-lhes o que eu desejaria que fizessem a mim, se fiquei firme em não aceitar nada como alimento, cuidados, consolação, mesmo espiritual, até estar certa de que todas aquelas que tinham a mesma necessidade a receberam antes de mim.

4º Se tive somente pensamentos palavras e pensamentos suaves, de cordeiro, imitando o Cordeiro Divino.

5º Se evitei falar de mim, a não ser para me culpar, quando necessário, e se somente falei delicadamente com o próximo e do próximo.

6º Se procurei agir sempre puramente, humildemente e amorosamente, puramente por Deus, humildemente comigo e amorosamente com o próximo.— também simplesmente, sem rodeios, nem voltas, nem reflexões vãs.

7º Se procurei fazer todas minhas ações com tranqüilidade e seguindo a Regra.

8º Se rezei muito e constantemente.

9º Se me preocupei em falar menos e somente dizer o que é para o serviço de Deus.

10º Se nos movimentos de amor próprio e emoções da natureza, guardei silêncio.

11º Se na obediência tive minha alma aberta e disponível e se conservei um coração de criança para com os que me dirigem.

12º Se habitualmente elevo meu coração a Deus quando o relógio toca.

13º Se pratiquei a caridade com os mortos, ganhando indulgências e rezando exatamente por eles.

C.2106 Imitar Santa Teresa no seu relacionamento com o próximo, Santa Catarina de Gênova na sua relação com Deus. Lembrar que a Esposa deve desejar acompanhar o Esposo onde quer que Ele vá.

N.210/01 [Formato de caderno, cinco páginas: uma folha solta e uma dupla escrita sobre três páginas. Na quarta começa o N.201/01.]

Retiro [de oito dias]¹²³ + 1851 5 de março

Sinto tão fortemente a necessidade de me renovar, inteiramente, neste Retiro, me converter, que espero consegui-lo da misericórdia de meu Deus e da bondade de Nossa Senhora. Ontem passei o dia diante o Santíssimo exposto, suplicando a Jesus empregar todo seu poder para me mudar. Parece-me que a finalidade deste retiro é aprender a me dominar de tal maneira que em lugar de me deixar levar pela confusão, pelas contradições, pelos trabalhos etc. longe de Deus, eu aprenda a ficar em paz, por virtude, sob o olhar de Deus, sabendo que tudo depende dele e que toda nossa ação e nossa agitação, não são mais do que movimentos impotentes de uma pobre formiguinha, e que façamos todas as coisas, contanto que agradem a Deus, que rezemos, e que façamos o que acreditamos ser sua vontade, devemos manter a paz, olhando para Ele e sobretudo contando, em tudo, com sua bondade e seu ternura de Pai. Percebo como me é difícil manter uma paz que afaste todas as inquietudes, as

123. O P. d'Alzon esteve em Paris do 14 de fevereiro ao 16 de março. Maria Eugênia escreve a ele dia 18 de março: "...você veio com tanta força em minha fraqueza que ainda me sinto penetrada por isso..." C. 2155.

impaciências, as emoções do coração etc. mas é absolutamente necessário para eu poder dar um passo mais na virtude. Rezar quando a natureza sente profundas emoções é o melhor remédio; também ver mais Deus em tudo, ter mais fé e confiar nEle.

Estando aos pés de Jesus para que ele me instruisse. lembrei-me de todas suas palavras nesse sentido, há muitas: *nem um cabelo de suas cabeças cai sem que o Pai o saiba.* – *Não tenham medo* (Cf. Mat 10,30-31) (Luc 21,18) e na sua paixão: *Vocês não teriam poder sobre Mim se não o houvessem recebido do alto* (Jo.19,11). – e também: *Não temam os que podem matar o corpo* (Mat 10,28) etc.

Hoje 5. – Acabo de fazer a Via Sacra e acho que Deus me falou fortemente e abriu meu coração para que se humilhe e chore seu orgulho. Ó meu Deus por que sempre é questão de mim, meu eu, se os outros são bons para mim, se são irritantes, se serão no futuro? Será que nunca vou poder me estabelecer no verdadeiro desprezo de mim mesma, tender a perder minha consideração e não a conservá-la, colocar-me aos pés dos outros, estar pronta para que me contradigam, desprezem e somente temer uma coisa: os maus exemplos que dou e que eu deveria reparar sem a menor desculpa, e com meu querido Padre reconhecer-me culpada e lhe pedir perdão. Acho que minhas resoluções de retiro devem ser: aplicar-me a guardar a paz 1º por disposições bem humildes, grande cuidado e coragem para me humilhar, fazê-lo constantemente pelas pequenas coisas, coragem para fazê-lo, sem respeito humano, a cada falta, pouco me importa se minhas irmãs me desprezam, isso é melhor do que lhes dar mau exemplo; 2º por uma mortificação e desprendimento de tudo e de toda vontade própria e aceitando de coração e com amor os caracteres diferentes, as contrariedades; mortificação absoluta para me levantar de manhã, coisa necessária para dar bom exemplo e para ter tempo de fazer provisões de paz na oração e procurar comer como todas e não tomar nada entre as refeições, a não ser por causa grave e isto é necessário para o bom exemplo. 3º Pelo recolhimento e o olhar em Deus, a oração tão contínua quanto possível, e o esforço por deixar Jesus Cristo agir e rezar em mim.

Vejo que Deus quer me conduzir a algo mais perfeito que é o espírito de vítima com Jesus Cristo, a fidelidade a não ver nem as faltas, nem os defeitos do próximo senão para me oferecer para fazer penitência por eles, e não consentir em ter para comigo nenhum interesse, zelo, ternura, nem propriedade mesmo espiritual mais que pelo meu próximo. Depender de Jesus Cristo em todas minhas ações, ser verdadeiramente dEle para os outros, esquecer-me, viver de sua oração, de seu sacrifício, de seus pensamentos, e como todo coração humano quer ter alegria, ter a minha na união que seria o fruto disto.

Pedi muito a Jesus que me torne fiel, pelo menos às primeiras coisas e me conduzir às outras pela virtude de seu sangue.

Espero com tudo isso recomeçar a ser fervorosa e nunca mais me deixar desanimar por bobagens, alargar meu coração, ser generosa e que a obediência de criança tenha o 1º lugar, sem faltar tanto, como tenho feito por covardia ultimamente.

6, 7 e 8 de março. Várias vezes fui tocada fortemente, ao fazer a Via Sacra ou meditando Jesus sofrendo por todos, sua agonia, ou vendo-o amarrado, afastado longe dos seus, no meio de tanta coisa que a paciência mal pode suportar, amarras dolorosas, socos, injúrias, humilhações, a pressa, as cordas que o puxam, a multidão maldosa que o oprime, seus discípulos fugindo, sua mãe abandonada, e eu adorei sua serenidade, pedindo-lhe, acima de tudo. poder participar disso sempre. Quando o vejo na agonia,

sofrendo por todos nós e carregando nossos pecados, Ele me pede amar a alma dos outros como amo a minha e carregá-los com seu amor. Pensei muito que a Igreja nos ensina a dizer nós em toda oração e que quase todas minhas misérias seriam arrancadas pela raiz se me desappropriasse de tudo nas coisas espirituais, para somente querer o bem da comunidade e buscar para os outros, como para mim, tudo quanto desejei de perfeição, colocar sempre o nós em lugar desse eu que me faz tanto mal.

Vi que a vida religiosa é uma Cruz e que eu não a carreguei assim e que o que Jesus quer de mim é que o ajude a carregar a sua, aqui na casa, e é o que não tenho feito. Muitas vezes me tocou o pensamento que Jesus carrega aqui penosamente sua Cruz, a das pessoas e me chama a levá-la com amor. Gostaria com frequência, na vida ativa, vê-lo passando assim diante de mim. – Alegrar-me também puramente de sua glória, mesmo quando é procurada por caminhos que me trazem sofrimento, como uma Superiora que não está muito unida comigo¹²⁴, mas o bem que ela faz, é imenso, então por que não me alegrar também puramente? – Deus me urge para ganhar-lhe pessoas que não são bastante dEle, por falta de obediência, de caridade, etc. mas fazê-lo por amor, sendo indulgente, suave, mas zelosa com um zelo de amor, não formalista, suportando tudo que não é demasiado inconveniente e assim procurar ganhar a todas para Deus e a Regra. A experiência me ensina que devemos repreender somente os que se acham perfeitos, e deixar a cada um sua medida de estima e de honra pelo pouco bem que fazem. É necessário que as almas sejam bem fortes e bem cheias de amor, para que outra maneira de agir da superiora seja eficaz. Minha resolução é ser muito boa para as outras, a fim de ganhá-las para uma verdadeira vida religiosa. – Fiquei muito impressionada pensando em Jesus prisioneiro por amor no Cibório e no Tabernáculo. Senti-me feliz de ficar a seus pés o mais perto possível, somente por estar com Ele, e esta palavra de uma jovem me tocou muito: Eu estou aqui pelos meus pecadores. – Ah! se Ele está aí por mim, não é porque sou sua Esposa, mas porque sou pecadora, pelas chagas de minha alma, para curá-las e expiá-las, e está também por todas. Como estranhar que cada uma tenha um pecado a lhe apresentar, eu tenho os meus, e esta mesma misericórdia que é um...¹²⁵

N.210/02 [Deve faltar pelo menos uma página entre este texto e o anterior.]¹²⁶

...” tu só não serás vitoriosa se fugires – mas eu não fugirei” –

Esses pensamentos me deram, durante a Eucaristia, um grande amor por Jesus Cristo só, encontrado no despojamento e na separação de todas minhas tendências e um grande sentimento de não poder arrumar minha vida de forma a encontrar barreiras entre o pecado e eu.

Domingo. Voltando aos pensamentos de ontem, via que, ao contrário, minha vida está constituída, exteriormente, de estima, comodidades, distrações, autoridade, cuidados, atenções e amizade, com liberdade para dispor de meu tempo e dos bens da terra. É necessário mesmo que conserve essas coisas e as cultive. Ah! Como é justo, pelo menos necessário, que discretamente uma pessoa disponha de tudo isso, me

124. Nesse momento fora de Chaillot há somente duas superiores : Ir, M.Gertudes (Cap) em 1849 e Ir. Térèse Emmanuel em Richmond desde 1850.

125. Esta 3ª página está inacabada e a 4ª (no verso) contém um texto de 1846 registrado com o N° 201/01.

126. Impossível dizer se este texto, incompleto, faz parte do retiro de 1851.

repreenda, me humilhe, me comande, me reprove, me faça sentir e fazer sua vontade, organize meu tempo, meus relacionamentos, me mortifique, me peça contas, me obrigue a pedir e recuse a permissão de seguir meus desejos, me sirva, enfim, de barreira invisível entre eu e minha vida segundo a natureza. Percebo que pelo pouco que aceitei em espírito e que me ocupei de tudo isso, meu vício de propriedade interior diminuiu muito. Quase não o sinto: o voto de obediência abrangendo tudo e que se tornou o centro dos pensamentos que tive ultimamente na Oração, o mata.

N.211/01 [Folha solta, escrita reto.]

11 de junho de 1851 [data inexplicável, acrescentada por uma letra desconhecida.]

[o início falta] ...distração, ocupação, inquietação, desgosto, susceptibilidades, impaciências, falar demais, afeições humanas, ver em Deus aqueles que amo e não admitir, que suas desigualdades ou alguma outra coisa deles, me dominem, – procurar santificar minhas ações, oferecendo-as a Deus, santificar sobretudo meu Ofício, pelo espírito de oração, – desprender-me, com freqüência, do que faço ou começo a fazer, para me retirar em espírito aos pés de Jesus ou fazer, realmente, uma visita ao Santíssimo (por conseguinte devo procurar não colocar minha própria vontade sobre as coisas porque é o que prende e amarra mais a alma) – pedir sem cessar a Jesus, que me ensine a amá-lo e a ter um verdadeiro desprezo de mim mesma, pois é daí que surgem todos meus pecados, – abraçar os pequenos sofrimentos sem me afastar, por causa deles, da Regra ou do serviço de Deus, procurar aprender a não me queixar, e me alegrar pensando que por elas, unindo-as ao sofrimento de Jesus, é possível expiar minhas ofensas, e que o pouco que agüento me faça também pensar no amor extremo com que Jesus Cristo sofreu por mim. –

Na casa, aplicar-me a conseguir neste ano a obediência e o silêncio.

Para meu regulamento: Ler um livro de piedade no café da manhã, estar de volta em minha cela, pelo menos às 8h30, (depois de ter visitado as doentes e às 8h quando não me peçam nada semelhante). Ver as irmãs, ½ hora cada uma, 2 por turno, uma por necessidade, escrever às 10h, – Conselho aos sábados. – depois do Noviciado fazer a leitura e receber as irmãs, seja das 2h às 3h, ou das 3h às 4h, fora da Quaresma, antes do Noviciado prepará-lo, logo em seguida escrever, ou ler ou visitar os empregos, tomar, se conseguir ½ hora para fazer a Via Sacra. Durante a Quaresma tomar uma hora durante a tarde, para escrever, já que temos uma hora a menos pela manhã.

N.212/01 [Folha dupla de papel de carta, com o timbre gravado de Nossa Senhora da Assunção. Papel dobrado em quatro no sentido horizontal.]

2 de dezembro de 1851

Depois de tantas confusões onde me perdi durante muito tempo, eis que a luz de Deus brilha agora para mim, o que me parece na Oração mais íntima e verdadeira em que me pude colocar, onde estão as verdades através das quais encontro a paz, encontrar os meios de cumprir meus deveres amplamente e caminhar para a perfeição.

1º Meu padre tem comigo um coração de pai. Permanecer nessa verdade que me fez tanto bem, porque é a verdade, e devo muito agradecimento a Deus, pois não dou motivos para receber tanta bondade de sua parte.

2º Nossa amizade é uma amizade de Religioso para Religiosa, aspirando os dois à santidade e não tendo outra finalidade senão a santidade. Não tenho que buscar testemunhos humanos e todo meu cuidado deve ser de não procurar nenhuma busca humana.

3º Devo conservar a graça em mim, por uma grande pureza de intenção, retidão em buscar sempre a Deus, desprendimento de minha vontade, esforços para tirar partido dessa relação para poder avançar realmente, tomar coragem, destruir meus defeitos e tornar-me uma religiosa melhor, depois com uma simplicidade confiante pedir e insistir naquilo de que acredito ter real necessidade diante de Deus, para meu bem, assim como manifestar o que prejudica a minha alma, em lugar de violentar-me em fazer entrar o que jamais conseguirei.

4º Muito importante para mim, é não esquecer que a inflexibilidade e a teimosia, são talvez meus defeitos dominantes, que meus raciocínios interiores os sustentam, que as paixões e os movimentos interiores de minha alma estão impregnados de altivez e de amor próprio e que somente cortando uns e outros pela raiz, conseguirei viver na verdade, na caridade e na humildade.

5º É também necessário ser fiel em me dirigir primeiro a Deus por todas as coisas antes de ir a meu Padre, e se meu Padre não me dá o apoio que eu desejaria, retornar a Deus, sem jamais pensar em procurar outro apoio humano. Deus me pede que quando algo bem pesado me acontece, devo guardar silêncio, até que consiga ver claramente e retamente diante dEle, descobrir como Ele quer que eu o ultrapasse, fazendo abnegação de mim mesma e não tendo outra finalidade senão a sua glória nas coisas e seu amor no meu coração.

6º Tudo isso me pede permanecer em um espírito bem reto e fiel e é isso mesmo que Deus quer de mim. As tristezas pelas quais acabo de passar me fizeram morrer um pouco às coisas humanas, devem me ajudar a ficar vazia do que seria uma busca de mim mesma. Mas isso não é tudo. Teria que tomar, agora, a decisão de querer, enfim, ser santa, carregar corajosamente minha Cruz com Jesus Cristo, mortificar firmemente todas minhas covardias, levar uma vida organizada, muito laboriosa, muito dada aos outros, muito paciente, agindo muito somente por Deus e pelo próximo, procurando dar o máximo de mim, para chegar a ser uma excelente superiora, dar o exemplo e colocar tudo em ordem. Não quero mais me deter nas minhas tristezas, meus sofrimentos, nem me perder em mil imperfeições, a respeito da alimentação, do sono, e das pequenas coisas da vida. – Ainda sou um pouco covarde em tudo isso; pelo menos sinto a necessidade de rezar muito e me parece que deveria pedir a Nosso Senhor, que me livre de mim mesma, para que Ele viva e atue em mim. Sinto também a necessidade de trabalhar sinceramente a humildade, não contar para nada comigo mesma, nem nos meus pensamentos, não me deixar levar por minhas paixões nem aos movimentos interiores da natureza e me estabelecer e me manter na confiança naquele que representa Jesus Cristo para mim, assim como eu devo ser boa, caridosa e devotada diante daquelas para as quais represento Jesus Cristo.

Devo dizer que estas disposições de confiança com meu Padre me aproximam muito de Nosso Senhor. É como se um muro houvesse caído, uma dificuldade que desapareceu, eu entro na oração com muito maior abertura.

Percebo que devo tomar neste ano de 1852 uma resolução invariável de levantar-me exatamente na hora marcada, que nunca o final do sino, se o escuto, me encontre ainda com a cabeça no travesseiro, ou a irmã que me acorda não tenha tempo de acender a luz. Se falto a isto, levarei o cilício durante uma hora

N.213/01 [Folha de papel de carta dobrada ao meio verticalmente e escrita só na metade direita, deixando grande margem em branco. Depois dobrada em quatro como para colocar num envelope.]¹²⁷

29 [de dezembro de 18]51¹²⁸

1ª Oração.– Não fui constante para consagra-lhe tempo suficiente, para estar pontualmente é preciso que me levante às 5h da manhã. É a resolução que mais tomo, e me arranjei para poder fazê-lo acendendo o fogo e fazendo a oração no meu quarto. Faltei 2 vezes, desde que tomei a resolução, sem motivos suficientes. Tenho tanta necessidade da Oração, mesmo que não a faça maravilhosamente, mas me levanta o ânimo, pensando na bondade e no poder de Deus, e que Jesus Cristo quer ser minha força e minha esperança, tornar-se minha alegria, meu sustento e Ele não acharia ruim que eu o considerasse como minha contínua companhia. Avanço no olhar sobrenatural de humildade, submissão maleável, retidão para não me justificar, nem olhar para mim mesma. Torno-me generosa, desejo fazer viver Jesus Cristo em mim e no lugar de mim mesma, mas basta uma manhã sem Oração para recair na tristeza, na falta de paciência e nos pensamentos naturais. No entanto procuro falar com Deus com freqüência. Rezo o Ofício como com Nosso Senhor, quando não estou com pressa e nesse caso bastante bem, as outras vezes o rezo mal. Por causa da tosse, deixo de rezar o terço, mas sinto falta dele.

2º Minhas faltas Várias vezes me deixei levar aos raciocínios interiores, ao aborrecimento, à impaciência, altivez, pouca flexibilidade e dependência, tudo isso interiormente; também tive preguiça, perdi tempo, gulodice não observando como o podia sem inconveniente, o que você me pediu de comer só coisas comuns e não comer menos porque as coisas me repugnam.

3º Minhas leituras: vidas de religiosas e como leitura profana uma obra bastante inútil sobre uma guerra que percorri por vezes inutilmente, jornais políticos por curiosidade. Vou ler agora, a guerra dos Cafres¹²⁹ e Gautrelet sobre o estado religioso. Em tudo isso sinto independência para com você, e com menos disposições a me submeter, do que quando você esteve aqui.

4º Fui muito boa com nossas irmãs e lhes faço maior bem quando tenho meu coração dilatado e em harmonia com Nosso Senhor; mas ao contrário quando estou mais rígida, como hoje, deixo passar as ocasiões de falar com elas e de dizer uma palavra

127. Cf. Carta do 30 de dezembro de 1851 (C.2212) ao P. d'Alzon: "No momento de colocar as folhas no envelope".

128. A data entre chaves está ilegível, mas é a que foi colocada no texto enviado a Roma

129. Não conhecemos o livro que Maria Eugênia indica. "A guerra" é uma série de seis guerras (1779-1834) entre colonos (os Boers) e os indígenas (os Xhosa), por um território de África do Sul, que será anexado ao Cabo pelos ingleses. A fundação do Cabo em 1849 foi marcada pela revolta dos Cafres contra os Ingleses Cf. *Origens III*, c. 6.

que as anime, mas diante de minha negligência me torno ainda mais rígida. Desta vez não faltei à disciplina, mas faltei várias vezes às visitas ao Santíssimo, como você me havia recomendado.

[Parágrafo escrito verticalmente na margem da primeira página e começa por “1º Oração”]

Quanto à Oração devo acrescentar toda a necessidade que minha alma sente e que me leva a considerar Nosso Senhor como amigo e a contar com Ele e a pensar que está misericórdiosamente perto de mim; por outro lado não me atrevo.

N.214/01 [Formato de papel de carta, escrito reto e verso.]

+

23 de fevereiro de 1852

Esta manhã pedi a Nosso Senhor que me desse as palavras para poder dizer em minha prestação de contas de chegada ao P. d’Alzon, tudo o que mais necessito. comunguei nessa intenção e depois do encontro com ele, que não durou nem uma hora, me senti completamente renovada. Se as disposições e as convicções que me separam com freqüência de meu pobre Padre e até me impedem de chamá-lo meu Padre, estivessem de acordo com a verdade, poderiam me fazer tanto mal? Não ser amada de ordinário faz bem à alma, um pouco de abandono das criaturas leva a Deus, separar-se delas torna a oração mais fácil e o fervor mais forte.

Por que, todos esses sentimentos contrários, abatimento, aridez, tibieza, remorsos, senão porque ofendo Deus como verdade e que ele quer que permaneça unida a esta alma mais santa e que só ela tem o poder de me aproximar intimamente do bem, enquanto as outras me ajudam só a me afastar do mal. Creio que me posso identificar com o que o Padre me falou e da forma como ele o sente. Por que resistir e não procurar numa união de amor e de fé o remédio a todos esses pensamentos duros, a todas essas obediências fatais, a todas essas negações do amor que me paralisam na meditação da Paixão, e na união a Jesus e a seus mistérios? Obedecer por amor, fazer tudo por amor e não à força, entregar a Jesus todo meu ser, em todas minhas ações, reconheço que é disto que necessito.

A união interior com meu Padre me leva a agir com fervor; como deixar prevalecer sempre fantasmas e dúvidas? Ó meu Salvador conceda-me a graça de ser simples, boa, confiante, filha para com meu padre, para caminhar assim no amor, e não com essas miseráveis amarguras nas quais perco minhas forças e meu tempo. Se eu conseguisse não esquecer isto! Não me deixar cair na tentação e nos vãos temores; quantas coisas iriam bem melhor em mim, no meu relacionamento com você, quantas faltas a menos, quantas coisas iriam melhor na obra! Pela 1ª vez, depois de muito tempo, é nos braços de meu Padre que quero me jogar e é até o fundo de minha alma e sem exceção que suas palavras me convenceram.

N.215/01 [Folha dupla de caderno, escrita sobre três páginas, mais um bilhete intercalado.]

Retiro de 1852

Setembro

Os principais pensamentos de meu retiro têm sido: que fui criada e posta no mundo, não para fins de obediência fatalista, mas para conhecer, amar e servir a Deus e reproduzir em mim os traços de sua bondade; que fui batizada cristã para ter o

espírito de Jesus Cristo e sobretudo seu espírito de sacrifício, trabalhar para adquirir uma semelhança real entre Jesus e eu, finalmente para deixá-lo viver em mim; que sou religiosa sobretudo para morrer ao mundo e a mim mesma e trabalhar na minha perfeição; que perfeição e salvação são agora duas coisas bem ligadas para mim, e que o amor próprio, o amor de mim mesma é o meu grande impedimento para mim.

Então minhas resoluções devem ser: 1º renovar, com freqüência esses pensamentos com amor e afastar cuidadosamente todos os que não tenham esse mesmo caráter de amor e de fé, quer dizer de verdade, pois Deus é amor e não rigor. 2º Deus me pede que abra minha consciência ao P. d'Alzon com simplicidade e uma confiança que não deixe entre minha alma e a dele nem a espessura de um cabelo, entre sua vontade e a minha, com o desejo de perfeição que me faça trabalhar para ser perfeitamente submissa de vontade e de julgamento bem como na ação e pôr a seus pés toda a arrogância e rispidez de meu espírito e de meu coração. Ainda é necessário que ponha suficiente boa vontade para pedir, com freqüência, que me façam obedecer¹³⁰, que me façam sentir que dependo de alguém, que desejo avançar para poder suportar todas as dificuldades que as boas noviças e as boas religiosas suportam, e para as aceitar com afeto e respeito. Isso por minha parte, mas tenho que confiar no bom coração de meu Padre, e que segundo a Regra, não conheça outro refúgio nas minhas penas e dificuldades, pedindo-lhe vinte vezes socorro, de preferência a repousar, ainda que uma vez em mim mesma.

Minha 3ª resolução será lembrar-me que para tender à perfeição como tenho a obrigação, devo adquirir e praticar nas diversas ocasiões, perfeita paciência, perfeita doçura, uma perfeita humildade, perfeita caridade, perfeita mortificação etc. e não me contentar com não agir grosseiramente contra essas virtudes. N.203/01
N.208/01

4º Vi diante de Nosso Senhor, que para destruir meu amor próprio, não existe outro meio senão abraçar e forçar minha alma a abraçar de coração o que a crucifica. Gosto da tranqüilidade, me fecho num bem-estar inacessível em mim mesma, mas tenho que procurar as coisas que me mortificam sensivelmente e perturbam esse secreto bem-estar do coração, só para si, e procurá-lo somente em Jesus Cristo. – Isto é muito duro para mim, mas é o que expressa esta palavra: *Em troca da alegria que lhe foi proposta, Ele se submeteu à Cruz* (Heb. 12,1). Temer agradar-me a mim mesma; amar o sofrimento. Por isso acreditar que um dia é perdido, se não tiver uma mortificação sensível, reprovações, uma direção difícil, encontrar uma pessoa descontente, ser contrariada nalgum projeto, etc. se isso me falta e que

[Aqui começa o bilhete.]¹³¹ não consegui fazer no seu lugar, alguma mortificação que me custe. Isto seria triunfar sobre mim, carregar a cruz de Jesus Cristo, tomar o meio de destruir o amor de mim mesma e preparar o lugar para o amor de Jesus Cristo.

5º Vi que isso não basta, e que seria necessário trabalhar mais a humildade, mesmo com o P. d'Alzon, procurar amar ser humilhada porque preciso disso e se conseguir amá-lo seria um passo significativo para que Jesus Cristo reine em mim.

6º Renovar minha resolução de ter as vistas mais puras, a intenção mais reta, a mais intensa para Deus que eu puder, em todas minhas ações e decisões.

130. Maria Eugênia escreveu em seu pergaminho dos primeiros votos: “Dia 21 de setembro de 1852, festa de São Mateus, ... faço voto de obedecer a nosso pai, P. d'Alzon, em tudo o que ele me mandar.”

131. No verso está escrito em vertical, na margem “Querido Padre”.

7º Resoluções detalhadas.

Santificar o despertar, preparar a Oração, procurar viver recolhida, falar pouco e em voz baixa, pesar diante de Deus o que devo dizer, fazer o bem nos recreios, mostrar-me agradável e boa até demais exteriormente, corrigir meu defeito de perder tempo, combater a preguiça, evitar acima de tudo desfrutar do bem-estar, do descanso, nada em mim fora de Jesus Cristo.

[Fim do bilhete intercalado]

O P. d'Alzon me deixa como ordens

acrescentar um Pai Nosso por obediência, ao tempo dedicado a disciplina.

comungar 6 dias por semana, preparando-me com fervor.

prestar-lhe contas todo mês.

que o último toque de sino não me encontre com a cabeça no travesseiro, e quando não estiver cansada, levantar-me um quarto de hora antes, santificar esse momento

preparar a oração

evitar a perda de tempo, por exemplo, ver as irmãs às 8h e já ter organizado tudo a esta hora, escrever às 10h – depois às 2h ainda escrever ou ler – fazer minha oração às 3h, ler ou ver as irmãs – quando estiver em...¹³² pegar uma manhã para por em dia os livros, as contas e outras coisas úteis para a casa.

[No fim da página, depois de um espaço em branco]

Penitências que posso fazer sem me cansar: o cilício uma hora, dormir no chão algumas vezes, prosternar-me, tomar 50 golpes da disciplina, por exemplo.

N.216/01 [Formato de papel de carta dobrado em dois.]

Retiro de 1852 — setembro

Resoluções¹³³

1º Pensar com freqüência que fui criada e colocada no mundo, não para finalidades de uma obediência fatalista, mas para conhecer e amar a Deus e servi-lo; devo adquirir em mim, os traços de sua bondade, parecer-me com Jesus Cristo, fazê-lo viver em mim, afastar todo pensamento que não tenha essa marca de amor e de fé. Lembrar que Deus é amor e não rigor.

2º Obedecer de coração a meu Padre, não deixar jamais nem a espessura de um cabelo entre sua vontade e a minha, procurando ter obediência de vontade e de julgamento, como convém a uma religiosa, e com bastante simplicidade e confiança para não conhecer aqui na terra, outro refúgio em minhas dificuldades e sofrimentos, como pede a Regra sobre a superiora, particularmente para a Superiora Geral.

3º Lembrar que para tender a perfeição, devo procurar adquirir e praticar nas diferentes ocasiões: uma perfeita paciência, uma perfeita caridade, uma perfeita doçura, etc. em lugar de me limitar a evitar as faltas grosseiramente contrárias

4º Para destruir meu amor próprio, forçar minha alma a abraçar o que a mortifica, temer, sobretudo, apoiar-me em mim mesma ou perto de mim, mas amar o

132. Falta a palavra no original.

133. Esta folha é a mesma anterior, com melhor redação.

sofrimento, a fim de me apoiar somente em Nosso Senhor. – Acreditar que perdi o dia em que não tive que sofrer alguma reprovação, contrariedades sensíveis, direção difícil, imprevistos etc. e quando não consegui me procurar algo de tudo isso, então me mortificar-me em alguma coisa que me custe. – *em lugar da alegria que lhe foi proposta, Ele escolheu a Cruz* (Heb 12,1) Temer toda alegria que não vem de Deus, e procurar me forçar a abraçar a Cruz.

5º Trabalhar para me tornar humilde, aceitar as humilhações e até desejá-las.

6º Renovar minha resolução de pureza de intenção, tentando em tudo buscar com retidão o que mais agrada a Deus, sobretudo no governo

7º como resoluções de detalhe: combater sobretudo a preguiça, organizar o tempo, santificar o momento de acordar, preparar a Oração, vigiar-me para não me distrair em silêncio, pesar o que vou dizer e fazer o bem durante os encontros, procurar ser bondosa com o próximo e estimular a comunidade a fazê-lo.

O Padre D'Alzon me deixou as seguinte ordens

Comungar 6 dias por semana

Prestar contas cada mês.

Que o último toque do sino não encontre minha cabeça no travesseiro

Acrescentar um *Pai Nosso* ao tempo normal da disciplina

Santificar o momento de despertar e preparar a Oração

Organizar o tempo, por exemplo: até as 8h. já ter dado as ordens pertinentes para a casa, ver as irmãs até 10h, em seguida escrever. – Às 2h. escrever ou ler, 3h Oração e visitas, ou leitura. – Quando for preciso, empregar uma manhã inteira para um negócio, ou contas, ou decisões. Só evitar a perda de tempo.

Quanto às penitências, suporto bem o cilício, a prosternação, dar-me 50 golpes de disciplina mesmo fortes, dormir no chão, quando não faz muito frio.

N.217/01 [Conjunto de páginas de caderno; doze páginas escritas, quatro em branco.]

Retiro de 8 dias Setembro de 1856 — 26

C.2577
C.2578
C.2579

Tendo chegado ao 5º dia de meu retiro¹³⁴, é tempo de sacudir minha preguiça de escrever e de tomar resoluções. Parece-me que Deus me fez grandes graças neste retiro e como uma de minhas resoluções é de nunca mais desconhecer ou esquecer as graças que Deus me fez, mas recolhê-las e guardá-las no coração, quero lembrar

1º que Deus se serviu de minha estada nas Águas¹³⁵ para me distanciar um pouco dos assuntos que me tinham absorvido tanto o espírito de dois anos para cá, e me

134. Dom Mermillod pregou o retiro da comunidade do 8 ao 17 de setembro (cf. C. 2575) Maria Eugênia fez seu retiro a partir do dia 21.

135. Maria Eugênia esteve numa Estação de Águas para se cuidar. Trata-se de uma estada do 8 de julho ao 9 de agosto em Cauterets, estação termal nos Pirineus, perto de Pau. As águas sulfurosas e cloro-sódicas atingem 38º a 50º C.

devolvendo a saúde¹³⁶, tornou-se mais fácil para mim dar mais tempo a oração e que em Caunterets, nessas orações mais longas, tomei a resolução de 1º ser fiel em fazer pelo menos ½ hora de Oração depois da Missa, pela manhã, e pela tarde outra ½ hora. 2º propor não descansar até que chegue a me olhar como a última e mais imperfeita da Casa e me colocar interiormente no último lugar. 3º tentar me corrigir de falar demais, e como desde minha doença estou muito agitada e não suficientemente religiosa e modesta, devo trabalhar somente para honrar a graça de Jesus Cristo que deve ser bastante forte para mudar tudo em mim; ademais, me alegrar da humilhação que decorre desses defeitos, abraçá-la em toda ocasião e reconhecê-la, falar dela sem hesitação. 4º esforçar-me por fazer mortificações moderadas nas coisas ordinárias da vida.

C.2577 Em Caunterets uma vez me emocionei muito, pensando que a finalidade de nossa Congregação era comunicar às pessoas a vida de Jesus Cristo da qual estamos cheias, ou dizendo melhor: *transmitir o que contemplamos*¹³⁷, e eu vivia tão pouco as coisas contempladas, e por conseguinte tão pouco o que a Mãe da Assunção devia ser. Na peregrinação a Bétharram¹³⁸, pedi, pois, acima de tudo, a vida e o espírito de Jesus e de Maria para a Congregação, para mim e para nossos Padres.

Na minha volta, Deus, que já havia dilatado meu coração pela santa bondade que o P. d'Alzon me tinha testemunhado em Nîmes, dignou-se comovê-lo pelo Retiro pregado a nossas irmãs. Havia palavras, nesse retiro que me faziam uma impressão tal como nunca tive; meu coração, que eu pensava estar quebrado pelos sofrimentos precedentes, vibrava, e pela primeira vez em muito tempo, eu o sentia se abrir a toda a ternura do amor que mais jovem experimentei no serviço de Deus. Sentia que em tudo quanto nos era dito, havia uma parte que eu não fazia, era tudo o que visava a união, parecia que na terra eu tinha boa vontade em servir, mas conhecer e amar não eram para mim. No entanto temia mudar e me deixar levar pelo impulso do amor, meu estado me dava paz na abnegação, que me parecia sólida e humilde, sabia que no amor não sou dona de minha alma, que surgem inquietudes, que preciso de apoio, que necessidades de minha vida presente se me tornam insuportáveis, enfim, não querendo negar nada a Deus, eu estava profundamente perturbada. Fui levada a me abrir ao pregador¹³⁹, mas temia que fosse um movimento muito humano, também só queria falar com ele depois que todo mundo tivesse passado. No entanto uma primeira na confissão disse alguma coisa a ele, e ele me respondeu que ficasse em paz e que minhas disposições continham um amor real e suficiente. Depois, falando fora do confessional, sua palavra foi diferente; nos momentos em que eu o acompanhava, não podia me impedir de lhe falar com muita abertura, e ele acabou por me dizer que, através dessas conversas minha alma se tornou para ele como transparente, e que estava persuadido agora que Deus me pedia esse amor mais íntimo e mais ardente e me

136. Em 1853 e 54 Maria Eugênia ficou imobilizada durante meses, por causa de uma grave infecção no quadril e foi questão de uma operação, que afinal não foi feita. A melhora foi atribuída à intercessão dos 70 mártires chineses canonizados recentemente. Mas Maria Eugênia nunca se curou completamente. Cf. C.2545, 13 de abril de 1856: "Sofro mais do que nunca. Creio que continuarei sofrendo como na juventude."

137 Sto. Tomás –Summa 2ª 2ª Q 188, resposta 6

138. Em dialeto "béarnais" "Belo ramo": santuário marial perto de Lourdes e lugar célebre pelas grutas naturais. Maria Eugênia fala em 1843, depois de ter visitado a Ir. Marie Josèphe, que estava doente: "desde que fiz a peregrinação a Bétharram, nos Pirineus, aumentou minha devoção a Nossa Senhora. Ela me tem concedido várias coisas que lhe havia pedido" C, 1602, de 18 dezembro de 1843.

139. Dom Mermillod.

queria mais Maria em meio a minha vida de Marta, mas esta afirmação me trazia ainda mais perturbação. Eu me dizia que ele não me conhecia, que não tinha nem missão, nem autoridade, que com essa decisão estava dispondo de minha alma: sentia as mais vivas apreensões em me entregar assim a essa potência do amor, a única frente à qual me sinto sem força, sem razão e num estado de não poder determinar nada. – Eu estava aí, Senhor ,no penúltimo dia do retiro, com medo de você, sabendo que você é a única força em que devo me apoiar, quando você se dignou vir em minha ajuda, lembrando-me, durante minha noite sem sono, pensamentos que logo me deram coragem. Em primeiro lugar, que tentar viver em você pelo coração, não era alguma coisa sobre a qual não se pode voltar atrás, se se experimentassem efeitos ruins; que já que consegui vencer meu coração e habituar-me a viver sem ele, poderia bem voltar à vida em que estava, se uma vida mais dada ao amor provocava em mim inquietação demais. Mas o que me deu maior força foi pensar que a obediência me incentivaria desse lado se a pudesse consultar. Lembrei-me da última palavra do P. d’Alzon, foi que era suficiente ter amizade com as criaturas, mas que para Deus era necessário ter amor. Vendo a inclinação da obediência, sobre a qual não tinha pensado até esse momento, logo me pacifiquei e decidi seguir esse conselho que me dava aquele cuja palavra foi para mim um poderoso instrumento de graça, porque eu via também que era uma graça da parte de Deus bater assim à porta de meu pobre coração e se eu a deixasse passar, não voltaria nunca mais. Então me voltaram as palavras de São Bernardo que sempre me tocaram muito: “ Ó combate cheio de segurança com o Cristo e pelo Cristo, onde nem ferido, nem jogado na terra, nem mil vezes morto, se mil mortes fossem possíveis, tu não perderás a vitória etc...” e depois as do Cântico: *Não reparem se eu sou morena...os filhos de minha mãe se voltaram contra mim* (Ct. 1,6), e elas me fizeram compreender que a Esposa de Jesus Cristo, não necessita amar sobre rosas, e que as contradições que resultam por não ser compreendida ou não ser ajudada, convêm ao amor de Jesus, bem como qualquer outro sofrimento. – Ó Jesus abrirei novamente este santo livro dos Cânticos, fechado faz tanto tempo para mim, e onde antes encontrei tanta alegria!

No dia seguinte, falei seriamente com M. Mermillod, não precisei de muito tempo, ele me falou que percebeu logo minha tribulação, e que rezou a Missa por mim e que no momento em que tinha a Jesus entre suas mãos, sentiu fortemente que eu Lhe recusaria algo se não entrasse no caminho que Ele me abria. Teve a bondade de escrever algumas palavras para meu retiro e não posso duvidar que tem sido um instrumento de Deus para mim, porque tudo quanto me falou me fez um bem imenso até as poucas palavras que me escreveu.

Acho que este retiro deve ser uma renovação completa na minha vida: tenho 39 anos: por que não andarei agora no caminho da santidade; a morte é o complemento da profissão religiosa, por que não me verei como morta a partir de hoje, morta a todas as criaturas e todas as criaturas mortas para mim, morta na matéria de meus três votos, ao apôio dos bens terrestres, tendo bastante fé para olhar para eles como se olha desde a eternidade; morta a minha vontade, para obedecer por amor e não por dever, como fiz muitas vezes, amar a obediência onde Jesus está sempre e agradecer de coração àqueles que aí me fazem encontrá-lo; morta aos afetos, no sentido de estar morta a mim mesma, a minhas consolações, distrações nas criaturas, a meu corpo. Será que ele não viu e não escutou o que bastasse? Oh! Se eu pudesse morrer às coisas exteriores, dedicar-me às da alma! Depois, ter esse olhar tão puro que na morte Deus terá sobre minha alma, não querer nada que esse olhar possa condenar, e colocá-la com frequência sob esse olhar. O pensamento de morrer me parece doce:

então por que não morrer hoje, e de agora em diante viver unicamente para amar a Deus e começar, pela união, a vida do céu ou fazer meu purgatório. Quantas faltas vi com esta luz! Que vida tão imperfeita, quanta indelicadeza até nas minhas virtudes, que impedimentos à graça de Jesus! Sou chamada a ser santa, nossa Congregação deve ser da ordem da graça, em que ponto estou? Não devemos pôr debaixo dos pés tudo o que é da natureza, para abrir, por amor, uma porta para Jesus e para sua vida? Fiquei assustada com o estado do qual estou saindo pela graça de Deus e que era um estado em que eu fechava a porta à luz mais perfeita do amor, eu não via a imperfeição habitual de uma vida passada inteiramente do lado de cá da morte e não do lado da Eternidade. Oh! Meu Deus, dê-me a fé, eu a tenho pedido a você de todas as formas, dê-me-a hoje como a seus santos: a menor graça é maior bem que todos os bens naturais, a menor falta é maior mal que todos os males da terra, eu sei tudo isso e não penso nunca. Morte, sê a esposa de meu coração, eu te amei sempre, dá-me teus bens e tua força na vida. Eu te amo também como castigo, pois é justo que eu sofra, e te aceito na vida como um castigo e um sofrimento, que me separará do que me separou de Jesus. – Oh, se eu houvesse sido durante tantos anos sempre humilde, reta, generosa, boa, que progressos teria feito na Oração. Jesus Cristo me havia introduzido, prevenido, tocado e uma das faltas que opus a seu amor foi colocar de lado a lembrança de seus dons, porque eu não era bastante forte para não pensar em mim, também racionalizar e me dizer que tudo quanto me tinha tocado era somente o efeito natural de minha imaginação e de meu coração voltados para as coisas piedosas. Mas quem os teria sensibilizado senão Jesus? Posso me dar a mim mesma um só pensamento bom, um só sentimento de amor? Não teria sido mais natural, sobretudo para minha natureza tão inclinada ao orgulho e às coisas exteriores, enternecer-se por criaturas e deixar-se impressionar de coisas opostas ao amor de Jesus? Resolvi, então, recolher a lembrança de todas as moções de amor, todos os sentimentos mais vivos, todas as luzes que me foram dadas e com tanta força na Oração, e sem examinar se são ordinárias ou extraordinárias, me dizer que todas vinham sempre da misericórdia de Deus, querendo me separar de tudo e me unir a Ele. Celebrarei seus aniversários para tocar meu coração com os sentimentos de bondade de Jesus por mim, para aumentar minha confiança e para responder, hoje, a essas graças (pois eram mesmo graças), melhor do que fiz até agora, e revestir-me da pureza e da humildade que deveriam ter criado em mim.

Se peço tanto para morrer, é para viver como Esposa de Jesus Cristo; o maior fruto do bem que Dom Mermillod me fez, é que tomei Jesus pela mão para segui-lo humildemente como sua Esposa e entregar-me, sem reservas a todo o amor que Ele quiser incentivar no meu coração, mesmo se esse amor me tortura e me joga nas maiores inquietações. Abandono o respeito humano e a sabedoria humana, e venho aos pés de meu bom São Francisco de Assis¹⁴⁰ e lhe peço que me ensine a chorar aos pés de Jesus e a procurá-lo com toda a simplicidade do mais íntimo de meu coração. Ó poder de um homem de Deus quando Deus quer: o que eu não podia, eu posso; o que eu não via, eu vejo, o que eu não queria, eu quero, e esta mudança em mim é muito maior do que posso expressar. E me sinto tão feliz! Sei muito bem que Jesus Cristo não caça de ninguém, nem trata com leviandade, nem se cansa de ninguém mas se aproxima de todos com suas delicadezas extremas. Se, aliás, na relação de amor com Jesus, tenho delicadezas e sem me arrependê-las, pois meu coração

140. Cf. C.1554, 26 de junho de 1842: “O único e verdadeiro caminho, que apreciei, é esta extrema simplicidade, esta loucura de amor de São Francisco de Assis... nasci seis séculos atrasada!”

delas vive e que eu não quero mais matá-las, e espero também ter energia. Desejo, meu Deus, imolar tudo com você e como você e se eu guardar alguma coisa, é com a vontade de sacrificá-la a seu menor sinal. Oh! Conceda-me a graça de ter o olhar fixo em você, contemplá-lo continuamente, habituar-me a não deixar nunca sua presença, procurar conformar meus pensamentos aos seus, meu coração ao seu, não ser a que era, mas querer falar e viver somente por você e como você. Que em lugar de matar minha imaginação, me sirva para me representar o que vem de você e segundo você; eu não estou feita para este mundo, por que quis me cortar as asas, e me tirar o poder de voar para as grandes coisas para as quais realmente eu fui criada[?]

Eu não cumprirei tudo isto, O meu Deus, desfalecerei, de-me a graça de ser humilde para não desanimar. Os pensamentos de amor próprio me atormentarão; contra esta dificuldade, a maior que receio, conceda-me colocar-me no último lugar mas com o amor mais terno que não será o maior por causa de minha miséria, mas que seja o mais terno. Ó bom Jesus, de quantas ternuras e misericórdias você me tem cumulado! Com as mesmas graças e luzes, todas as outras irmãs teriam avançado muito mais do que eu, então que, pelo menos eu não cesse de ser sua e de confiar plenamente em você.

Minhas resoluções se resumem nestas três palavras que Dom Mermillod me falou: procurar estar completamente morta a tudo o que não é Deus, amorosamente aniquilada na sua contínua presença, e ser uma imagem fiel de Jesus Cristo e viver somente para Ele, com Ele e dEle.

Só mudei uma palavra que é o matiz que Deus me pede em especial; para conseguilo, e não posso sem isso ser uma boa superiora da Assunção, resolvi fazer exatamente os retiros do mês e a Oração, Leitura pelo menos ¼ de hora, a menos de impossibilidade. Prometi a mim mesma fazer minha oração às 09h e às 4h1/2 todas as vezes que puder, para garantir que não vou deixar de fazê-la, e acreditar que nada é mais importante, até para bem da casa.

Terminei de escrever e não disse nada de Nossa Senhora, no entanto seu pensamento me acompanhou ao longo do retiro, é pelas suas mãos que acredito ter recebido as graças depois da peregrinação a Bétharram, conto com Ela para me ajudar a amar Jesus e é seguindo-a que espero encontrá-lo. Ó Maria não tenho nada que não seja seu e espero, cada vez mais, ser inteiramente sua.

O dia de Nossa Senhora das Mercês¹⁴¹ fiz novamente o voto em favor das almas do purgatório, pois acreditava não o ter feito na forma correta. Copio aqui a fórmula e assino-a em sinal de meu compromisso.

“Para vossa maior glória, Santíssima Trindade, Deus único em três pessoas, para imitar mais meu doce Redentor Jesus Cristo, para testemunhar meu amor e meu inteiro abandono à Mãe das Misericórdias, Maria, que é também a Mãe das pobres almas do purgatório, eu Irmã Maria Eugênia de Jesus prometo cooperar para a redenção e a libertação dessas almas prisioneiras e ainda devedoras da justiça divina por causa de seus pecados, e quanto eu puder, sem me obrigar sob pena de pecado, me comprometo por voto, a confiar nas mãos de Nossa Senhora, todas minha obras satisfatórias durante a vida e no momento da morte e as que outros poderão me

141. Padroeira da Ordem da Redenção dos cativos ou Trinitários, festa dia 24 de setembro. Desde o encontro com o P. Lacordaire em 1836, Maria Eugênia ficou marcada pela idéia da redenção dos cativos: “Ele tomou por exemplo de vida religiosa a Ordem da Redenção dos Cativos na qual se promete a Jesus Cristo fazer-se escravo para libertar a todos os que veio redimir” (C. 1509); “...sou religiosa e comparo nossa vocação à da redenção dos cativos (C. 1603).

aplicar depois de minha passagem para a eternidade, para que sejam empregadas por esta divina Mãe, a libertar as almas que queira liberar do purgatório. Eu lhe recomendo com confiança minha pobre mãe, o Sr. de Franchessin, todos meus parentes, benfeitores e amigos, nossos padres espirituais, nossos irmãos e nossas irmãs e todos aqueles pelos quais tenho obrigação de rezar.

Peço-lhe, meu Deus que aceite e confirme esta oferenda, como eu a renovo e a confirmo em sua honra, minha salvação e para obter das almas do purgatório o socorro de que necessito para avançar na oração, para conhecê-lo, servi-lo e amá-lo melhor do que tenho feito até hoje.

Se o mérito de minhas obras não basta para pagar todas as dívidas das almas que Nossa Senhora quiser libertar, e as que terei merecido pelas minhas faltas, que detesto de coração, me ofereço, Senhor, para satisfazê-lo nas chamas do purgatório, renunciando a todos os socorros que poderia receber desta terra, e me abandono unicamente a sua misericórdia e a de Nossa Senhora, Maria, minha Mãe e minha esperança.

Tomo por testemunhas desta oferenda e deste pedido todos os bem-aventurados do Céu e toda a Igreja, a que luta na terra e a que sofre no purgatório. – Feito em Paris no dia de Nossa Senhora das Mercês, aos 24 de setembro de 1856. Irmã Maria Eugênia de Jesus.”

Na comunhão que terminou o retiro, tive uma luz que devo acrescentar, e é que devo me preparar para sofrer e sobretudo na Oração, agarrar-me com coragem, para me entregar inteiramente, apesar dos abandonos que mereço e fiz padecer a Nosso Senhor, e para recolher minha alma em meio às ocupações e levá-la sempre aos pés de Jesus Cristo, sem permitir distrações em outras coisas nem descanso em outra coisa. Nosso Senhor não me disse ainda que sou toda sua, vejo somente que o caminho se abriu e que devo caminhar para chegar a esta bem-aventurada união. – O quanto a doçura no zelo, fez bem a minha alma, desta vez!

vou lembrarei disso para pedir a meu Padre, com quem espero me confessar este ano, que me segure fortemente mas com suavidade, a fim de que eu aja por amor. E eu procurarei por amor a Jesus Cristo ser zelosa com calma e doçura: na moeda que a mulher do Evangelho encontrou no chão, vi a imagem de minha alma e agradei a Jesus de alegrar-se por recuperá-la. Eu também verei na moeda, a imagem do Mestre em toda pessoa até suja ou cheia de lodo e não lamentarei o trabalho que poderia me dar para arrancá-la da poeira.

N.218/01 [Folha dupla de papel de carta dobrada em quatro no sentido horizontal; no alto à esquerda, o timbre gravado da Virgem da Assunção.]

+

15 de novembro de 1857

C.2631 Sinto um impulso em mim, e somente posso dizer que é Deus quem me urge. Que
C.2632 me pede? Durante toda a viagem¹⁴² meditei sobre o que Deus me pediria e eis o que me parece. Deus me pede imitar a Jesus Cristo mais real e fielmente.

142. Maria Eugênia deixou Auteuil no dia 14 de novembro de 1854 viajando para Sedan, em vista da compra de outro terreno.

Uma infinidade de coisas, em mim, não são o que deveriam ser numa santa religiosa. Vejo isso, sei, sinto-o de um tempo para cá, e me desculpo dizendo que aceito a abjeção delas, pois são decorrentes de minhas queridas imperfeições, que contenta-se a Deus e pacifica-se as pessoas quando aceito a humilhação de tudo o que me falta, que meu caráter é assim, que esses defeitos têm algo a ver com minhas qualidades úteis etc... e mil desculpas dessa espécie de que, é verdade, meus diretores ficam contentes, – mas Deus não quer mais se contentar com isso.

Acredito que essa independência, que tantas vezes me reprovavam, e eu nem sempre compreendia por causa de meu atrativo pela obediência, consiste, precisamente, em preferir minha liberdade a tudo. Prefiro-a positivamente à estima e à admiração do próximo, sobretudo desde que meu coração está desapegado. Sei encontrá-la na obediência; eu cumpro meu dever, Deus e minha consciência estão satisfeitos e minha alma não pertence a ninguém. Também, ainda que pela firme convicção de meu dever, tenho, faz tempo, a disposição habitual de morrer antes que desobedecer, mas vejo sempre com pavor e com o coração apertado alguma obediência se aproximar. Será bem heróico, nesse estado, tomar o partido de tudo quanto se pode encontrar de abjeção nas minhas palavras duras, minha postura, minhas ações e pouco me preocupar em corrigir esse exterior, onde se encontra para mim o constante exercício de uma liberdade, talvez isenta de má intenção, mas natural. – E será que isso é amor? – Que eu tema a sujeição para mim, que ela pode atrapalhar minha missão junto dos outros, nada mais evidente. Mas será que o amor, não sabe corrigir sem obrigar, e quando alguém submete só por ele, apesar que seu toque ciumento mortifique a alma, ela é capaz de elevar de forma que não seja um peso para o próximo.

Tenho, pois, um remorso que se estende a tudo, e estes dia quando digo a Nosso Senhor: Meu Deus que me pedes? Escuto uma voz que me responde continuamente: tudo e não excludo nada.

Não me faço ilusões sobre o quanto vai me custar e sobre a dificuldade do empreendimento: muitas dessas coisas são pequenas mas são como uma pele bem fina que amarra a alma e forma sua última proteção, a alma sangra e infelizmente também resiste, com freqüência, quando se trata de lhe tirar tudo quanto tem de natural para deixá-la nua sob a mão de Deus. Ademais, a minha adquiriu de suas experiências passadas, um medo bem grande de se perturbar, de se enganar ou se deixar levar pelo seu próprio ardor, de perder a paz e o poder de ser sempre razoável.

No entanto, agora, Deus tocou minha vontade e estou decidida a andar por esse caminho. Temo somente parar. Preciso portanto de um confessor bem sereno que me tranqüilize contra meus temores de ilusão, e que cuja vontade perseverante e firme segure a minha, neste difícil empreendimento de me vencer até minhas últimas defensas. Acho que Deus o conseguiu para mim¹⁴³, e é uma das coisas que me fazem pensar que Ele não me permite que demore em pôr mãos à obra.

Sinto resistências, e por vezes, muitas; mas o melhor que posso fazer é não parar nelas, nem me acusar de infidelidade cada vez que comece a dialogar com elas.

Deus na sua bondade me concede também outros atrativos. Aqui estão os que mais me ajudam.

143. O Padre Picard, Assuncionista, é confessor em Auteuil onde a comunidade se instalou no dia 10 de agosto. Cf. C. 2633, de 12 de novembro de 1857.

Quando entrei na vida religiosa, ainda que Nosso Senhor me fizesse sentir muito seu amor, o que eu compreendia melhor, o que desejava, o que lhe pedia, era servi-lo muito. Ele abençoou meu serviço e lhe deu uma certa fecundidade e depois de algum tempo isso me pareceu pouca coisa. Ele pode se fazer servir pelas criaturas inanimadas; será que as que resistem contribuem sem querer ao cumprimento de sua vontade?

N.219/01 [Folha de papel de carta azul, encabeçado em relevo: “Casa da Assunção em Nîmes”; escrito reto e verso com tinta azul e dobrado pela metade no sentido horizontal.]

+ Nîmes ¹⁴⁴ 25 de fevereiro de 1858

Faz algum tempo que Nosso Senhor me mostra 1º Que ele quer que me empenhe mais em imitá-lo. 2º Que todas suas conversas na terra foram de santidade e de amor. Sua santidade me aparece como separação das criaturas, pureza admirável em todo relacionamento e em relação a tudo. Vejo seu amor como um dom tão inteiro de si mesmo, tão terno, tão benevolente que me faz ver nosso divino Mestre infinitamente amável. 3º Ele me incentiva a considerar meus pecados e minhas más disposições, e os sentimentos que Ele tem e que são opostos aos meus e às considerações do mundo. 4º Condenar e endireitar tantas coisas, em mim, me aterroriza, tenho medo desse trabalho. Nosso Senhor me pede tudo, sem excetuar nada. 5º Na minha viagem e no retiro vejo, sem poder ainda me convencer, que não basta conhecer meu nada, mas que é necessário me reconhecer como a maior culpada das pecadoras, refugio dos pecadores. 6º O que fui para Deus até os 19 anos: na vida religiosa como o sirvo?. – Por um lado, suas misericórdias foram incríveis, por outro vejo o dom que me deu para atrair o amor das criaturas, eu cresci na ocupação desse amor, no orgulho de o conseguir. Bastante virtuosa para ser estimada, demasiado pouco para desagradar ao mundo, tomei a meus próprios olhos um lugar enorme e ainda não descí dele. Amei meu corpo que tomava tanto lugar nessa ilusão, daí moleza, vaidade, orgulho, todos os pecados capitais atingiram minha alma, e será uma grande graça se agora eu parar de me estimar, como algo muito desejável e precioso, como, infelizmente me habituei a me considerar, ao ser estimada pelo amor cego de várias pessoas. 7º Frente a tudo isso, vejo Jesus que possuía tudo o que realmente podia suscitar o amor, vejo-o desprezado, crucificado, peço-lhe a graça de amá-lo, e me sinto movida por um amor mais verdadeiro do que acreditei ter até aqui, um amor que vive de aniquilamento e de sacrifícios. 8º Nosso Senhor reprova a vivacidade e a independência de minha vontade, ele quer, como fundamento de minha oração, um abandono, uma docilidade que não me permita dizer quero ou não quero. 9º Ele quer que eu imite sua entrega cheia de bondade e de amor, que de uma espécie de bondade natural, eu faça uma bondade sobrenatural e continua, portanto destruir a impaciência, as palavras vivas ou desagradáveis etc. 10º vejo que deverei tomar outras resoluções para mortificar minha gula, minha preguiça, fazer as penitências que puder, prometo tender a isso; mas o que é essencial, para aproveitar essas luzes, é fazer pelo menos uma hora de oração, procurar rezar continuamente e não entrar em discussão com minhas repugnâncias nem com as idéias do mundo e da natureza.

– Eu tinha decidido também aproximar-me da Regra o mais possível, e me calar o mais possível.

144. Maria Eugênia está em Nîmes desde meados de fevereiro até o início de março.

N.220/01 [Folha de papel de carta azul, timbre em relevo: “Casa da Assunção Nîmes”, escrito reto e verso, dobrado em quatro no sentido horizontal e vertical.]

Auteuil 16 de maio de 1858

As resoluções deste Retiro¹⁴⁵ são de reformar minha vida, da maneira mais prática. C.2662
Acredito sentir que o amor de Deus quer me purificar e me urge primeiro a suprimir C.2663
meus defeitos maiores.

1º Manter a resolução de mortificar a gula, progredir aplicando-me a tomar somente o que necessito para a saúde e com indiferença.

2º Levantar-me às 5h da manhã e para combater a preguiça procurar empregar bem o tempo, sem correrias, evitar as idas e voltas e não me deter naquilo de que gosto.

3º O terceiro ponto é combater o falar demasiado, entrando com freqüência em mim mesma para medir e diminuir as palavras. Ter uma atitude de desprendimento das pessoas com as quais mais gosto conversar.

4º Velar sobre meu aspecto exterior e procurar, por mortificação, adquirir mais modéstia, uma atitude mais religiosa. – baixar os olhos ½ hora cada dia, seja de uma vez ou em várias vezes, para responder à privação da vista que Deus me pede. Obedecer exatamente à prática de não tocar-me o rosto.

5º Combater todas as vivacidades e impaciências, esforçando-me para me dominar e não responder, nem contestar, nem me desculpar. Reconhecer meus erros e me rebaixar interiormente ante todas as contrariedades. Não corrigir o que for necessário, até o dia seguinte.

6º Combater em mim as pequenas vaidades, as motivações de amor próprio, permanecer bem vigilante neste ponto.

A luz interior que deve me guiar é procurar servir a Jesus Cristo e obedecer-lhe com respeito como Deus e fazer meus exercícios de piedade com o cuidado devido a Deus – confiar nEle, amá-IO, ser lhe fiel como a meu noivo celeste pois ele se digna me amar e me chamar – purificar minha alma, caminhar retamente com Deus, servi-lo seriamente, separar-me das criaturas e de minhas tendências por causa da pureza infinita do Esposo divino. –

N.221/01 [Folha de papel de carta com o timbre da Assunção; uma página escrita reto e verso, mais cinco linhas.]

+

Sedan 3 de julho de 1859

Ontem na viagem constatei que devia praticar a humildade e a obediência. Teria sido bem fácil destratar a Jesus e lhe dar ordens, pois passou 30 anos a se submeter a uma simples mulher. O que é que eu, que sou nada e pecado, posso achar ridículo ou espantoso nos atos da mais humilde dependência depois que Jesus Cristo fez isso? Como parecer-me com ele e aproximar-me dele se guardo uma falsa arrogância soberanamente ridícula e que não facilite ser tratada com autoridade, me façam sentir a obediência e a humilhação, como a uma de nossas meninas. Resolvi pedir para ser tratada sem cerimônia, que me façam sentir não somente a obediência mas também a

145. Retiro em Auteuil, a partir do 10 de maio, perto do leito de morte de Ir. M. Liguori, que faleceu dia 14.

humilhação; que em lugar de usar tanta bondade comigo sejam mais justos e firmes para exigir os direitos de Deus. Por minha parte prometi a Nosso Senhor tentar seriamente ser simples, fiel, generosa em tudo o que tem a ver com a obediência e a humildade. Nunca compreendi tanto que a obediência é irmã da humildade e que não posso ser suficientemente obediente sem ser humilde. Por isso, tentarei não discutir interiormente, não escutar as idéias da natureza nem do mundo, ser simples com Deus e diante de Deus, não multiplicar as palavras, escutar somente Deus no que devo dizer e fazer com as pessoas que o representam, ser fiel e generosa, isto pede mortificação e espírito de sacrifício.

Ademais de seu exemplo, Nosso Senhor me lembrou suas palavras: *Aquele que me ama, guarda meus mandamentos* (Jo.14, 15.21). Depois me fez compreender que é o espírito do mundo que nos torna arrogantes, que faz com que a gente se proteja; que foi bem fácil fazer obedecer a Nossa Senhora, pois ela sabia ficar no seu lugar, tão humilde e achando natural obedecer.

Para cumprir essas resoluções, preciso não entrar em discussão com minhas repugnâncias, pois não é somente a obediência em si que me custa, mas que ao tentar atacar sucessivamente todos meus defeitos, tenho que me vencer muito para obedecer sempre.

O nome de Virgem fiel dado a Nossa Senhora me interiorizou muito: mesmo sendo indigna, acho que eu deveria merecê-lo.

Quando não obedeco bem e não faço o suficiente para me vencer, devo pedir que me dêem penitências que me humilhem e me mortifiquem. Eu poderia e deveria fazer muito mais mortificações do que faço, e quando me impuserem algumas duras para me castigar, não seria mau.

A verdadeira razão pela qual não gosto de ter que prestar contas de minha vida com ordem, é que ficariam mais patentes muitas negligências e imperfeições e temo ter que me corrigir; ademais trata-se de depender.

N.222/01 [Conjunto de seis folhas escritas reto e verso, incluindo também o N° 223/01.]

Retiro 25 de outubro de 1859

Deus me mostrou neste retiro várias verdades, seria bem difícil lembrar os sentimentos suscitados, por isso necessito escrevê-los para poder voltar a eles e aprofundá-los.

1º Ordinariamente só me relaciono com Deus pensando em seu Ser, em seus direitos, na harmonia que existe em depender de sua absoluta perfeição. Deus me mostrou que Jesus Cristo, mesmo que eu fosse um ser defeituoso, cujo fundo é o nada, e que eu tornei ainda o mais defeituoso, o mais disforme, o mais absurdo possível pelo pecado e por todas as inclinações tão insensatas diante de Deus, de orgulho, de amor próprio, de me concentrar nesse pequeno ser que sou, de me comprazer em mim mesma, de apegos, de fazer dele meu tudo se Deus me deixasse fazê-lo, de querer ser honrado, adorado, bem tratado, de me revoltar diante de tudo que se refere a Deus etc; que Jesus Cristo, o Ser perfeito desceu do céu por mim e se entregou de tal maneira a mim, com sua vida e sua morte, que o que me espanta, o que recuso a sua divindade, é minha entrega total a ele, em todas as coisas e da mesma maneira. Este contraste me faz compreender o quanto Jesus Cristo me amou, quanto ultrapassou os limites, e o que eu devo a seu amor, a alegria que devo sentir e a fé que devo ter, e como devo

me entregar a Jesus Cristo por amor, com um sentimento igual ao de Santo Agostinho quando dizia: *Se eu fosse Deus e que você fosse Agostinho, desejaria me tornar Agostinho para que você fosse Deus.*

Meu Deus se entregou a mim: não poderei eu imitar seu amor, me entregando toda a Jesus, que é esse Deus totalmente entregue a mim durante sua vida e hoje na Eucaristia?

Julgar meu passado sob esta luz e perceber a serva infiel e culpada que sou. Reconhecer que só posso servi-lo, amando-o de todo meu coração e com a maior generosidade.

2º que a oração sendo o único meio de perfeição, sou muito culpada quando não a coloco no primeiro lugar de minhas ocupações. O silêncio me levando ao recolhimento, à paz, à alegria, à facilidade para rezar, sou muito culpada de me distrair, falar inutilmente e temer tanto me vigiar para diminuir as palavras inúteis o mais possível.

26 de outubro Segundo dia

Examinando minhas faltas deste ano, vejo que dois anos atrás tinha feito a resolução de caminhar corajosamente nos caminhos que Deus me mostrava, que eu recorreria à obediência para sustentar minha vontade, mas iria até na frente dela. Faz uns dez meses, ao contrário, descanso sobre a obediência para não ter que fazer outros esforços além dos que me pediam; me deixei arrastar pela obediência a ponto que muitas vezes ela teve pouca influência sobre mim. Deus me pede uma vontade constante para avançar, por conseguinte devo tomar os meios para isso, à medida que a graça me faz ver o que preciso fazer, mesmo que me custe. O que ele me pede é uma obediência ativa e não passiva. – Estou descobrindo mais coisas do que dois anos atrás, e desde agora posso dizer que o fruto deste retiro deverá ser, trabalhar seriamente para me renunciar, me desprezar, me cativar pelo recolhimento e por uma obediência que se entrega e não volta atrás por belos pretextos. Tornar-me dona do amor de meu corpo, da honra e do amor-próprio, de minha vontade. Tenho que chegar a isso pela oração e mortificação. C.2770

O que me tocou na meditação 1º é que ninguém mais do que eu pode pensar que pode se salvar sem atingir um certo grau de perfeição. Meu cargo, a influência, a responsabilidade que tenho na congregação me exigem isto. O que Nosso Senhor pedia a seus discípulos para se salvarem, ao Bispo de Éfeso, a santa Teresa de Ávila me falta e é muito difícil para mim; a saber, aos primeiros tornarem-se humildes, como crianças, ao 2º o ardor da caridade e à 3ª o desprendimento. Refleti muito sobre a necessidade de fazer grandes esforços sobre esses três pontos. O desprendimento é necessário para guardar a obediência e a humildade na direção. Minha natureza se busca, quer ser vista, procura achar que é amada e estimada, e depois disso a humildade e a obediência se tornam mais difíceis.

2º Devo dar conta a Deus de muitos dons que desviei. Trabalhei com frequência para mimar meu coração para sofrer menos e para me libertar e guardar minha ufanía, meu orgulho, o orgulho e o amor próprio desde minha infância estragaram o que me era natural. Mas o que deve me tocar mais, são as graças de Deus, tanto para me afastar de grandes perigos, como graças de ternura para com o Santíssimo Sacramento, graças de Oração, de amor sensível, de sentimento de dependência de Jesus Cristo etc... e o que fiz com isso[?] De dois anos para cá, tenho a consolação

de ter um confessor que me ajuda muito. Com quanta superficialidade e inconstância deixo perder as graças de Deus! Procurar ressuscitá-las e destruir o que lhes impede de dar frutos, retomar todos esses laços de amor, de atrativo, de recolhimento, de dependência.

3º Não se pode ser feliz quando se está dividido – É o segredo de todas as tristezas de meu passado, onde no entanto encontro ainda coisas que me dão prazer e me envolvem. Devo primeiro, deixar-me levar menos pela natureza, depois obedecer mais, ter mais humildade, mais desprendimento e depois imolação de mim mesma a Deus, menos paixão, menos rigidez, menos ressentimento, e penso que todas essas aflições teriam sido mais suaves pela união que Deus me teria proporcionado. Como ousei voltar ainda com meu espírito próprio. – E quem melhor do que eu sabe que quando uma alma se entrega toda a Deus, é sempre feliz. Eu sei e conheço por experiência que Deus é sempre alegria, em tudo, até mesmo no sofrimento, e que a alegria maior deste mundo está em vencer-se, dominar as paixões e a natureza. Finalmente eu sei que Deus acrescenta mil dons, mil luzes, e que uma só, já mereceria fazer por ela todos os sacrifícios. Desejo esses dons, ocupar-me de Jesus Cristo, paz que se difunde, gosto pelo amor, desejo de ver Deus absorvendo toda previsão de morte mesmo imprevista, e sou covarde, e negócio! e me dissipo! e sou negligente na Oração! etc... Tudo quanto perdi desses sentimentos, é sem dúvida por essas faltas. Deus pode voltar a me dar até bem maiores – se eu o servir enfim como ele quer!

3º dia

Preciso renovar-me na pobreza mesmo se fui mais fervorosa, e no Ofício divino unindo-me à Igreja e a Nosso Senhor. Quanto à castidade, quero entrar mais no espírito de imolação e trabalhar para renunciar ao prazer da preguiça, da gula, e ao prazer de conversar com as pessoas de fora. Quanto à obediência sinto muita vergonha de ter posto minha glória em conservar a liberdade e a independência quando ao contrário minha honra deveria ser perdê-las. Procurarei olhar Jesus Cristo e me trabalhar para adquirir uma obediência de julgamento, assim como uma obediência sincera, interior e corajosa.

4º dia

Na comunhão tive forte impressão de viver por Jesus Cristo, e que em todos os trabalhos, as ocupações, a confusão de tantas coisas para fazer, minha principal preocupação seja de fazer tudo por ele, pois em si as coisas são nada, que deseje fazê-las por ele e dessa maneira as agitações, as inquietações, preocupações etc. se acalmarão... Não consigo explicar-me bem. Desejo que seu amor, sua glória sejam o motivo de tudo o que faço: agir, sofrer, falar, rezar, viver ou morrer; dar mais intensidade a este motivo do que mesmo a sua vontade.

As meditações eram sobre a obrigação de tender à santidade. Eu faltei muito não querendo corrigir certos defeitos, como falar demasiado, ser independente, ser orgulhosa, etc... Como negligenciei a impaciência, a imortificação! Como trabalhei pouco para conseguir virtudes perfeitas!

N.156/01
N.230/01
N.241/05 – Sobre a infidelidade à graça. Fiquei absorvida pela lembrança deliciosa da maneira como a graça bateu à porta na minha juventude, em Notre Dame, em minha crisma, em minhas comunhões, minha primeira confissão, depois em Santo Tomás de

Aquino, no Santíssimo Sacramento¹⁴⁶. De que atrativo Deus envolve sua luz! Eu a sinto ainda neste retiro. Ela vem do Espírito Santo, custou o Sangue de Jesus Cristo, é semente de Eternidade feliz, quantas razões para amar!

5º dia

A febre me impediu de continuar.

C.2771

[O final desta página e o verso não foram terminadas.]

N.223/01 [Continuação e fim das 6 folhas.]

Retiro 2 de novembro de 1860

C.2828

2º Dia – Desde ontem, Deus me faz entender somente uma coisa: a necessidade de deixar viver e agir em mim o Espírito de Jesus Cristo em lugar do meu, por meio de um recolhimento mais íntimo, uma Oração e uma vida mais passiva, uma fé maior, a abnegação de minha vida, de minha ação e de meu espírito. – Parece-me que devo aplicar-me primeiro a Jesus Cristo obediente, Jesus Cristo amando as pessoas, cheio de caridade por cada uma, Jesus Cristo relacionando todas as coisas da terra à glória e à vontade de seu Pai. Penso também na necessidade de fazer todos os atos religiosos o mais exatamente e mais perfeitamente possível, para tender realmente à perfeição. Tudo isso preciso consegui-lo pela oração, e de fato passo muito tempo pedindo-o.

3º Dia – Ainda ontem me senti movida pelo Espírito de Jesus Cristo, como Espírito da oração da Igreja, e da minha, se eu souber unir-me a ela, Espírito cujos gemidos são todo-poderosos e onde devo buscar tudo quanto desejo obter para a Igreja, para a Congregação, para as almas, para meus parentes vivos e mortos, para os pecadores, para mim.

Hoje vi que a prática seguinte poderia me ajudar: Ajoelhar-me com frequência e dizer: Meu Divino Mestre, eu vos adoro no Tabernáculo e também em mim, onde espero que estejais pela graça. Reconheço que vós sois o Dono desta Congregação, desta casa, que seus negócios dizem respeito só a você, que vós sois o único que tem o direito de governar as almas, que nada se deve fazer aqui sem vosso espírito e vos peço bem humildemente aniquilar o meu e me ensinar a ser unicamente vosso instrumento, a entrar em vossos pensamentos e a sair dos meus. – ou o equivalente –

7º Dia Estive ocupada com os mesmos pensamentos. Vi claramente o que é mais necessário para chegar a depender do Espírito de Jesus e lhe deixar, em mim, a liberdade e até o reino que deve ter: — 1º Procurar manter a presença de Deus, tal como está expressa nestas palavras: *Assim como a serva tem seu olhar nas mãos de sua senhora, assim nossos olhos devem estar fixos em Deus* (Sl.122), – mas esta dependência deve ser o mais amorosa possível. 2º Para isso, lembrar com frequência os bens que estão no Espírito de Jesus Cristo, sua bondade essencial; se ele é manso, paciente, caridoso com todos e quer sê-lo em mim para os outros, ele é também para mim. Representar-me Nosso Senhor pedindo humildemente, pacientemente para reinar em mim, pedindo-o faz muito tempo, triste por meu atraso etc... 3º Manter-me o mais despreendida possível, aceitar todas as coisas suavemente, procurar não impor minha vontade, e me elevar pela fé e a oração à visão e às metas de Jesus Cristo, a

146. Parece que Maria Eugênia faz referência à Igreja Sto. Tomás de Aquino em Paris e a sua estada nas Beneditinas do Santíssimo Sacramento (novembro de 1837 a agosto de 1838).

seus pensamentos sobre as pessoas, a seus sentimentos por elas. 4º Honrar e imitar Nosso Senhor como cordeiro divino, procurar ter uma obediência de cordeiro e sentimentos de cordeiro: uma obediência simples, reta, filial, doce, humilde e sem contestação para os que têm o lugar de Deus, e também para com o Espírito de Deus; para mim; sentimentos de cordeiro para com tudo o que acontece ou me vem dos outros. Ter a disposição interior de ser para com o P. d'Alzon dócil, filial e consoladora como Nosso Senhor o era certamente para São José.

5º Ler a sagrada escritura ou Vida de Santos ou algum livro que me leve à perspectiva de fé. Conservar o pensamento que não sou boa, senão como membro de Jesus Cristo, dependendo do chefe e unida a seu Espírito que é o Espírito da Igreja e Espírito de oração e de santidade. Procurar não parar em mim fora desta fonte de vida a que estou unida pela graça. Se eu sair dela, todo bem morre em mim, toda influência má passa por cima. Ser fiel à Oração, fazê-la bem, o melhor possível, para conseguir essa união e para procurar no Espírito de Jesus Cristo a contrição, a adoração, o amor, as graças de que necessito, sobretudo a de praticar o mais perfeito, enfim, poder conseguir para os outros, para a Igreja, para meus irmãos pecadores, para nossas duas Congregações, para as almas do purgatório, para todos aquele que por agradecimento ou por outro motivo desejo alcançar graças particulares. E que seja por esta oração que eu chegue a remediar as coisas que me preocupam, em nossas casas, nas irmãs das quais estou encarregada, na minha família, nos negócios etc... que coloque em tudo isso muita confiança em lugar de me deixar levar pela inquietude.

6º Procurar fazer essas coisas com o coração, com confiança, liberdade, paz e amor, à minha maneira, sem me angustiar e aproveitando todos os bons sentimentos que Deus me dá aos poucos. Amar a Deus como uma criança, ir a Nossa Senhora pelo Espírito de Jesus Cristo; mas para a regularidade, a paciência e a mortificação em tudo quanto posso praticá-la, me forçar, me violentar e procurar ser mais enérgica. – Ser também mais enérgica no trabalho, no zelo e na ajuda aos outros. – Em suma, resumir meu retiro em uma palavra, ser dependente de Nosso Senhor e para isso ser boa, humilde e fiel à oração e ao recolhimento.

N.224/01 [Folha dupla de papel de carta com o timbre da Assunção, escrita em três páginas e dobrada em quatro.]

C.2924

C.2925

Retiro do 20 ao 28 de junho de 1862

Quero, neste ano, trabalhar seriamente para a perfeição, sem ilusão, sem “se”, sem “mas”, sem reservas, com toda a seriedade de minha alma e em tudo quanto seja da Vontade de Deus. Para isso Jesus Cristo que é meu fim, é também meu meio. Eis todo meu retiro.

c.2925 Jesus Cristo é meu meio. Voltar aí sempre, sobretudo nos momentos de impotência, nas tristezas, nas impaciências, nas covardias. Isso é o primeiro que necessito. É aí que devo jogar minha alma e haurir toda minha força, meus alívios e todas minhas esperanças.

Minha perfeição é ainda Jesus Cristo. Ir por Jesus Cristo a Jesus Cristo, isso é toda minha vida, para que seja como Deus a quer.

Pronuncio essas palavras com santo respeito, adoro essa condescendência infinita, mas não quero que o respeito e a adoração virem dúvida e temor.—

É assim: Jesus Cristo é meu caminho bem como minha vida, ele me deu tudo o que ele é e não há hora em que não queira me ver utilizar seus méritos, suas virtudes, seus pensamentos, suas orações, sua força, seu coração para suprir minhas infinitas falhas. Ó meu Mestre e meu Deus, poderíamos acreditar nisso, se você não o houvesse dito e se sob pena de lhe ofender, deixássemos de acreditar. Você é meu meio. Faça com que minha alma se sirva sempre de você para vencer-se, para se humilhar, para se desprender do mais íntimo e de tudo quanto por fraqueza, a escravizou. Com você e por você, o que há de difícil?

E que vida teria, se eu pudesse ir de você a você, ver você em tudo, nos superiores, nas irmãs, ao meu lado, dentro de mim e fora! Que vida santa e feliz seria, se eu a soubesse levar.

Somente, compreendo bem, tenho que renunciar a tudo, deixar cair tudo o que não é de Deus ou por Deus, nada guardar de meu passado, de meu presente, nem de mim mesma. Oh! Como necessito pedir, sem cessar, o socorro de Deus para desejá-lo com vontade sincera e me manter nele.

Minhas resoluções particulares devem ser:

1º A Oração, torná-la o mais possível íntima e confiante, procurar fazer a da tarde, rezar o Ofício, o terço, e todas as orações com o maior fervor possível, fazer a leitura espiritual, manter a presença de Deus, o recolhimento e deixar muitas coisas terrenas, para viver interiormente.

2º Fazer todas as coisas suavemente, com paz, dominar a vivacidade pessoal, o ativismo, a pressa, todos os sentimentos vivos que comprometem o coração e contagiam. Colocar muita vontade e mortificação para manter um exterior digno, modesto e conservar minha alma e minhas palavras na serenidade e doçura.

3º Ter uma obediência de criança, com confiança e amor, entrando na obediência de Jesus e vendo-o também com todo seu amor naqueles a quem obedeço.

4º Permanecer no amor de Deus e do próximo e não aceitar nenhuma disposição que angustie o coração e diminua o amor.

5º Pensar muito em Nosso Senhor vivendo em mim, tentar avançar nessa morada da alma onde Ele é o centro, levar este sentimento para a ação.

6º Desejar morrer a mim mesma e para isso preciso de muita generosidade para me humilhar e mortificar, aceitar com agradecimento que os outros me humilhem e me mortifiquem. Não parar em rodeios pelos quais recusaria a humilhação e a mortificação.

7º Ter mais zelo pela comunidade, e se necessário deixar coisas temporais para me ocupar mais das espirituais e encontre tempo para isso.

Ele é o Princípio (o Espírito Santo), Eu sou o meio e meu Pai é o fim de teus atos (Palavras de Nosso Senhor a uma pessoa piedosa).

N.225/01 [Folha dupla de papel de carta azul, escrita nas quatro páginas e dobrada em quatro.]

1º de dezembro de 1863 Fim de Retiro

C.2992
C.2993

A principal desordem a que este retiro deve responder, é a disposição de minha alma em se refugiar, quando sofro, num sentimento do dever rígido, duro, difícil. sem amor, e deixar-me levar por um fundo de irritação. Devo me lembrar que o maior de

todos os preceitos é este: *Amarás ao Senhor nosso Deus com todo o coração, com toda a alma, e com todo o espírito* e o segundo é semelhante ao 1º : *Amar o próximo como a si mesmo* (Mat 22,37-39), que tudo se encontra aí, que nada vale sem isto e que é daí, por conseguinte, que tudo deve brotar. Finalmente que este espírito de amor, em tudo o que fazemos, deveria ser tanto mais visível e dominante em nós, pois é o espírito que nos pede nossa Regra. *Antes de mais nada, queridas irmãs, etc.*¹⁴⁷

Vou ser ajudada pelos pensamentos que me fizeram tanto bem neste retiro, não porque me fossem desconhecidos antes, mas porque Deus me ajudou a interiorizá-los mais.

1º Como o objeto próprio do amor é a bondade, o amor infinito de Deus por si mesmo, repousa sobre a bondade infinita, que sua sabedoria infinita vê nele mesmo. Não posso compreender o que esta verdade contém em si; no entanto esta sabedoria infinita chega até mim pela comunhão, permanece em mim pela graça e esse amor me foi dado na crisma. Mas quanto mais me ultrapassa a noção da infinita bondade e sabedoria divinas, tanto mais devo compreender que transcende toda bondade conhecida e todo desejo que eu possa formular, e que ela deve ser para mim um pensamento delicioso, do qual devo esperar tudo e voltar a ele com suave e feliz confiança, e jamais duvidar do bem que quer para mim em tudo quanto me envia.

Também pensarei que em Jesus Cristo, esta Bondade divina me deu realmente tudo, o perdão de meus pecados, as graças de que necessito, os méritos que me faltam; quando, por puro amor, Deus me deu seu Filho único, e nele todos seus tesouros, Ele já previa meus pecados e infidelidades; e apesar dessa previsão, me fez nascer na Igreja católica e me chamou à vida religiosa, para que fosse membro e esposa deste divino Salvador; e mesmo que eu tenha abusado de todas as graças, ainda terei sempre, por pura graça de Jesus Cristo, o grande dom da oração, pela qual posso obter todas as outras, lavar e enriquecer minha alma, pela oferta da Cruz, da Paixão e dos méritos de meu Salvador. Enfim, se como algumas vezes penso, cansado de minha moleza, e de tudo quanto oponho a suas graças, Deus não esperasse mais de mim a perfeição de uma esposa, ele não me teria esperado tanto tempo. Este Mestre Todo-poderoso, não necessita de meus serviços, é meu amor que ele reclama, e se me suportou misericordiosamente até aqui, é para que eu lhe devolva, enfim, toda a fidelidade que lhe devo, toda confiança e amor.

Minha grande resolução é, pois, entregar cada manhã meu coração ao amor, prometendo preencher todo o meu dia, seja por atos interiores de amor de Deus pelo espírito de oração, seja por ações exteriores animadas pelos motivos do amor de Deus e do próximo. Nosso Senhor Jesus Cristo só viveu desses dois amores; quando o meu, miserável, não conseguir reproduzi-lo com seu ajuda, recorrerei a seu coração sagrado e procurarei deixá-lo viver em mim.

N.244/02 As Cruzes me perturbaram até aqui. É sobretudo delas que necessito ver na Bondade de Deus. Para isso, me ajuda uma frase de um santo, dizendo que, a Cruz que trouxe a paz sobre a terra, não foi feita para tirar a paz da alma. Devo aceitá-las com confiança, com paz, me guardando muito do que fiz com freqüência até agora, achá-las pequenas demais para oferecê-las a Deus e esperar algum bem espiritual delas; e por outro lado achá-las grandes demais, como para me arrasar.

147. Prólogo da Regra de Santo Agostinho.

Como resoluções de detalhe, sinto sobretudo a necessidade de rezar com mais fervor, de me desprender para rezar mais, de encurtar as conversas fora do recreio para guardar melhor a paz, de escutar e não ceder ao impulso que me faz dizer depressa demais meu pensamento. Obedecer melhor à Regra, ser exata nas mortificações que posso fazer, não tomar nada entre as refeições, ser dócil, reparar afetosamente as reações demasiado vivas que me escapam. Ser exata de manhã para me levantar, não buscar minha própria satisfação nos alimentos, 2 pontos importantes.

[a última frase, em baixo da página está escrita com letra menor]

N.226/01 [Folha de papel de carta com o timbre da Assunção, escrita reto e verso e dobrada em quatro.]

22 de outubro de 1865

Parece-me que Deus me pede: 1º entrar e permanecer no espírito de adoração e renovar em mim a presença de Deus, com tudo o que Ele é, se aproximando de mim, como tantas vezes o senti na minha juventude, seja nos sacramentos, seja na oração. Esta adoração profunda é o remédio para as tentações de dúvida.

2º trabalhar interiormente e exteriormente para uma verdadeira doçura e humildade de coração, como remédio à rigidez e às tentações de amargura e de desprezo.

3º Enfim, esforçar-me por entrar sem temor e sem reserva no espírito de vítima, na medida em que a imolação vem me encontrar, seja de Deus seja das criaturas e opor esse espírito de sacrifício sem reserva, às angústias e às obscuridades interiores, bem como diante de comportamentos exteriores que me parecem irritantes.

Tomei a resolução com o P. Picard de me considerar sempre errada, mas confiar sempre, me reconhecer culpada e não buscar a culpa nos outros, dizer humildemente as repugnâncias e fraquezas que em mim seriam opostas a seu comportamento e me tornariam infiel, sem jamais me permitir endurecer-me, nem me retirar, mas aceitar minha fraqueza e fragilidade, e jamais me defender das coisas com reservas, resistências ou rigidez.

Peço perdão a Nosso Senhor de todas minhas faltas e imperfeições das quais não quis me desprender, peço-lhe a graça de avançar na abnegação e na humildade, não contando comigo para esse trabalho, mas procurar sempre Jesus crucificado, Jesus humilhado, Jesus obedecendo, para unir-me a ele por amor e para que ele seja minha única força. Quero enfim amá-lo com um coração íntegro, que entrega tudo por esse amor e que renuncia a qualquer outro bem.

N.227/01 [Folha dupla de papel de carta, escrita nas quatro páginas]

Retiro de 8 dias¹⁴⁸ Janeiro de 1867

Comecei o Retiro dia 2 de tarde, com um grande desejo de santificar este ano e de dar a Deus, desde o começo – meu coração para ir direto a Ele, sem misturar nada de mim mesma ao que quero buscar nEle, e que é Ele só, seu amor e uma verdadeira entrega ao seu serviço; – meu espírito por um conhecimento pacífico de minha impotência e por uma atenção constante a em receber tudo com simplicidade da mão

C.3117
C.3119

148. Esse retiro tem lugar depois das grandes dificuldades com o Superior eclesiástico, por motivo da apresentação das Constituições em Roma (“Questão Véron” 1866). Cf. N.253/01, N.256/03.

de Deus sem mistura de discussão, nem de pensamentos naturais frente à obediência e a minhas atuações. – Minha vontade procurando fortalecê-la para fazer a vontade de Deus e sacrificar toda rigidez e toda vontade própria, apenas a perceba. – Meu corpo mantendo-o à disposição de Deus, quanto à Regra, à obediência, ao cansaço, aos sofrimentos, às mortificações prescritas ou aconselhadas e a todos os contratemplos que fazem sofrer. Desejei que isto seja meu presente de Natal para Nosso Senhor.

Estes são os primeiros pensamentos que me marcaram 1º que a fé nos comunica os pensamentos do próprio Deus, de forma que quando os pensamentos humanos vêm perturbá-los, só temos que subir mais alto e refugiar-nos nos de Deus. 2º que a esperança que eleva nossa vontade acima dela mesma para desejar só Deus, deve também fortalecer nosso coração, para esperar firmemente possuí-lo e para esperar dele todos os meios próprios para conduzir-nos a esse fim. Percebi a infidelidade que meu abatimento encerrava, e agora quero com toda minha vontade esperar constantemente chegar a possuir Deus no meu coração da maneira mais íntima, mesmo neste mundo.

Depois examinei minha alma e minha vida e sinto necessidade de fazer uma renovação completa de mim mesma. Já faz quase meio século que estou na terra. Que ficará desse tempo tão longo, mesmo contando só minha vida religiosa? Quantas ocupações e preocupações sem valor; quanta agitação, trabalhos, palavras, pensamentos que não ressuscitarão e que não deixaram traços para o bem! Quantas faltas, escândalos, irregularidades, maus exemplos que podem pesar sobre o futuro da Congregação! Que mau uso das coisas mais diversas, das graças, das provações, dos socorros, das tentações, das faculdades naturais, das disposições para algumas virtudes, das luzes sobre muitos pontos, das tendências que devia combater, dos amigos, dos aborrecimentos, dos Superiores, dos inferiores, dos negócios, das numerosas relações, de tudo o que Deus nos concedeu para a Obra, e de tudo o que eu podia me ter feito ganhar méritos através das contradições. Para que me comprometi no serviço de Deus? Posso imaginar que foi para construir casas, organizar as fundações, etc.? Certamente não, não é isso o principal. Sou de Jesus Cristo para combater o demônio, o mundo e a carne, para amar Nosso Senhor, para fazê-lo amar e conhecer. Todo o resto é apenas meio, e não podemos tomar o meio como a própria obra.

Proponho fazer deste ano um ano santo, no qual eu tenda só a viver com Jesus Cristo e a imitá-lo, a me desprender das coisas exteriores para viver no mais profundo de minha alma, lá onde Deus habita, cujo sentido a atividade exterior me faz perder. Minha resoluções serão pois:

1º diminuir minha vida ativa, desprendendo-me de detalhes que deixarei aos outros e não me prender às coisas que não têm um valor real para Deus e para a Congregação

2º colocar no seu devido lugar a vida regular e de oração. Para isso ser muito exata a três pontos: levantar cedo, Ofício no coro, e refeições na hora. —Rezar Matinas e Laudes à noite.

3º conservar na minha alma a serenidade, a submissão, a paciência, o espírito sobrenatural, o amor e a confiança. Para chegar a isso, não me permitir consentir nessas feridas que somente deixam ruínas e não mais me permitir que consinta nas revoltas que me causam. Se aparecerem não as escutarei, me refugiarei no Coração de Jesus Cristo como faria com um pensamento mau.— Pedir perdão, com frequência, a Deus de semelhantes consentimentos do passado e apagar seus traços o mais possível.

4º ter a coragem para me tornar enfim obediente, sem negociar, sem relaxar, sem me desculpar. Sacrificar-me rapidamente das coisas que me custam, reparar minhas covardias, minha rigidez, minhas argumentações. Que este ano seja, finalmente, um ano de obediência humilde e perfeita, de abandono de meu julgamento, de sacrifício.

5º vencer-me; querer vencer-me na paciência e nas mortificações permitidas. Sofrer, se necessário, para ser mais regular, não me queixar, não escutar as pessoas que se compadecem de mim, ou me incentivam a ser mole. Combater meus maus hábitos, o desleixo, a vida natural, evitar as conversas desnecessárias, calar sem condescendência, quanto mais diminuirei as palavras, mais paz terei. Pedir com frequência o socorro de Deus, já que eu não posso nada, procurar ter uma humildade alegre e bondosa; apagar as lembranças de fora desnecessárias para guardar minha alma para Deus. +¹⁴⁹ só deixar entrar na minha alma o mínimo de coisas possível, ocupar-me somente de coisas úteis que devo fazer. Caminhar para morrer, para deixar, me aniquilar, chegar pela morte e os sofrimentos que a envolvem à posse +¹⁵⁰ eterna de Deus. Empregar bem o tempo de trabalho pela Congregação e pelos outros. Tomar tempo para me despojar de muitas coisas para ser pobre e poder deixar tudo.

N.228/01 [Folhinha dupla, escrita nas quatro páginas. No verso consta “Nossa Madre” com outra letra.]

Retiro de março de 1868

C.3178
C.3180

Nosso Senhor me faz sentir, faz algum tempo, quanto Ele é digno de amor, quanta necessidade tenho dele e de que maneira, ele, Bem infinito, Deus todo poderoso, vem a mim com amor, se sou capaz de reconhecê-lo.

O que Ele me pediu neste retiro e os propósitos que faço são:

C.3180

1º Silêncio sobre minhas Cruzes para santificá-las, para fazer um purgatório por minhas inúmeras faltas, para buscar só a Jesus Cristo como consolador, para praticar o abandono, a confiança e mostrar a Nosso Senhor um amor generoso. Comunicarei sempre tudo o que diz respeito à dependência, utilidade e mesmo da simplicidade, mas nada mais, e isto sem buscar-me a mim mesma.

2º Procurar ter Nosso Senhor presente em todos meus atos, não de uma maneira geral, mas concretamente fazer tudo por ele, com frequência despertar pensando que todo meu trabalho é seu e que ele é minha única finalidade.

3º Procurar me conformar a sua vontade, não só passivamente, mas ativamente. Fazer as coisas como ele quer, velar portanto sobre minhas palavras, minha postura, sobre todos meus atos.

4º Desde esta festa da Compaixão até a próxima festa da Compaixão, imaginar que tomo a Nosso Senhor por Mestre de Noviços, consultá-lo, escutá-lo, procurando me corrigir com seus ensinamentos.

5º Mortificar-me segundo a Regra e nas pequenas coisas da vida, na comida etc... Procurar conformar minhas ocupações à Regra. Rezar muito mais e nas horas da Regra (Ofício), respeitar os horários da casa o mais possível, respeitar os silêncios etc.

149. Esta cruz anuncia a frase seguinte escrita em vertical na margem desta mesma página.

150. Nota escrita em vertical na página precedente

6º Combater a preguiça fazendo bem as coisas e logo que possível. Não adiar as ocupações, os trabalhos etc...

7º Agir com doçura, humildade, sem paixão, voltar para Deus os discursos interiores, os pensamentos sobre o que devo falar, as impressões, as emoções, as imaginações e ser boa com o próximo com grande paz. Apoiar-me na confiança que, contanto que eu não atrapalhe com minha personalidade, Deus fará sua obra e cuidará dela.

N.229/01 [Folha simples, maior que as folhas de caderno, escrita reto e metade do verso.]

27 de novembro de 1870 — 1º Domingo do Advento¹⁵¹

O sentimento com o que fiz este retiro¹⁵² é de me renovar na busca de Deus, mais forte, mais constante, mais única, deixando cair os pensamentos humanos, os desejos humanos, as inquietações humanas, afastando a maneira de ver humana para me lançar em Deus, com ardor e retidão na ação, como uma árvore que deixa cair os ramos para que o tronco suba reto e firme. E na oração tender a Jesus Cristo, presente pela graça no fundo de meu coração.

Criar, com ele no Santíssimo Sacramento, uma terna intimidade de fé, considerar como a graça e a consolação de meu cargo de superiora ter que providenciar sua morada nos sacrários e nas almas

Para meu progresso: seguir a Regra, combater as pressas, rezar antes de agir, de responder, de decidir, desprender-me dos detalhes e de tudo quanto não é Deus, e passar as responsabilidades aos outros. Reservar-me horas de silêncio e de trabalho pela Congregação para estabelecer o espírito religioso e o zelo do Reino de Nosso Senhor.— Aceitar serenamente a ruindade de minhas faltas passadas e aceitar, em união com Nosso Senhor sofrendo, todos os sofrimentos grandes e pequenos, renovar com frequência, esta decisão para tirar daí a paciência e me fazer a serva de Nosso Senhor e com Nosso Senhor.

Fazer, quando puder a oração de recolhimento no meu interior, mesmo que me custe, e dar mais tempo à Oração, apesar da dificuldade.

N.230/01 [Papel de carta pequeno dobrado em quatro.]

Resoluções [Agosto de] 1873

C.3372 *Tornar-me indiferente*¹⁵³ desfazer-me de todo apego, de todo desejo de honra, satisfação e bem-estar, de interesse e apego às coisas criadas, para ser unicamente de Deus e estar a seu serviço, na Congregação e para as pessoas. Manter-me unida a sua vontade em todo acontecimento, recebendo tudo de sua mão com confiança. Não desconfiar do coração de meu Deus, mas me abandonar nele com esperança e amor, acreditar que Jesus o abre para mim e me chama.

Preparar-me e habituar-me, a suportar as privações, as contradições, os sofrimentos, de boa fé, serenamente, amavelmente, amando-os por Jesus, por quem desejo sofrer, pelo menos o que ele me envia. Colocar o centro de minha vida na oração e em todos os exercícios espirituais da Congregação, faltando-os o menos possível. – Ousar

151. A partir desse momento, a letra de Maria Eugênia se torna mais larga.

152. Em Nîmes, a partir do 21 de novembro, cf. C3280 e carta a M. Térèse Emmanuel, C724.

153. Cf. *Exercícios de Sto. Inácio*, Princípio e fundamento.

amar Nosso Senhor, Nossa Senhora, São José e acreditar que eles o desejam e o pedem. – fazer meu exame particular sobre a presença de Deus, unida à confiança, não duvidar do Coração de Jesus Cristo.

– *Eu sou o homem que conheceu sua miséria* (Lam.3,1), isto não pode ser um segundo apoio à confiança? Tenho o desejo mais absoluto de não aceitar nenhum pensamento de satisfação, de amor próprio, de interesse próprio, de crítica, de impaciência, de nenhum mal, somente quero me entregar ao Coração de Jesus Cristo, somente a Ele procurar, me despojar de todo o resto, mas me sinto miserável, sem fervor, sem atenção, sem força, tenho receio de comungar e no entanto é a comunhão, sem dúvida nenhuma, que me deu esse horror do mal que está em mim.

N.231/01 [Dois papéis pequenos, escritos sobre três faces e meia.]

Retiro de dezembro de 1874¹⁵⁴

C.3417

1º Meu desejo é imitar Nosso Senhor, no que ouvi falar dele que sua regra era contentar Deus em tudo.

2º Pode ser que tenha ofendido mais a Deus com meu orgulho que me torna rígida e desolada, pobre de esperança, do que com tudo quanto me inquieta. Tomo a resolução de não aceitar nenhuma rigidez, nenhuma desconfiança, nenhum desânimo para com Deus, nem irritação, amargura e ressentimento ou rigidez para com aqueles que estão no seu lugar, nem mesmo com as pessoas com quem me relaciono.

Quero procurar ser humilde, flexível, disponível nos acontecimentos, doce com as pessoas que me representam a Deus e glorificá-lo por meio do abandono, da confiança e de uma entrega sem limites, com toda humildade, submissão e adoração. *Manso e humilde de coração* (Mt. 11, 29).

3º Se eu faltar a isso, se me irrita, se estrago todas as coisas, procurarei me levantar sem desânimo. Nenhuma falta, nenhum obstáculo será uma desculpa para renunciar a este trabalho.

Finalmente, consagrar o resto de meus anos a viver como uma Hóstia presente em mim, obedecer, deixar que disponham de mim, adorar, amar, esperar, unir-me a Jesus presente em mim com freqüência e sempre no altar pela Eucaristia.

N.232/01 [Bilhetinho amassado, mal colocado aqui, pois faz referência ao retiro N.234/01.]

Retiro Novembro de [18]78

Meditando em meu ser como criatura de Deus, a seu serviço e que ele é ao mesmo tempo, meu fim, me senti invadida pelo amor que ele teve criando-me e que lhe faz pedir meu serviço para ser meu fim. Contar com esse amor para atingir essa meta, eis o que deve ser minha força. Que eu o ame com confiança, agradecimento, coragem e uma certa segurança e apoio nele. Pode ser que Ele tenha quebrado laços, diminuído socorros para que eu vá mais a Ele. E não é só a vida natural...

154. A partir do dia 10 de dezembro de 1874, Maria Eugênia faz seu retiro em Nice onde se encontra o P.d'Alzon. Dia 30 de outubro Maria Eugênia escreveu a ele: "Não poderia fazer o retiro em Nice, perto de meu velho Pai mergulhado na oração e me dando a mão para me fazer subir mais alto?" C. 3415.

N.233/01 [Os números 233, 234, 235, constituem as primeiras páginas de um caderno pequeno, do mesmo formato que as páginas precedentes (N.232/01) e que parece arrancada desse caderno.]

C.3492

Retiro de 1877 Janeiro

1º dia. Minha primeira impressão é que preciso subir mais alto, me manter perto de Deus, em Jesus Cristo, relacionar tudo com aÍ, aceitar os acontecimentos, as ocupações e todas as coisas, não me deixar perturbar pelo que acontece, não desejar socorro humano para as coisas espirituais, nem coisas que me façam ir mais a Deus para todas minhas necessidades, mas levá-lo em tudo quanto devo fazer.

2º dia. Voltando sobre o fim do homem, com as palavras do catecismo: conhecer a Deus, amá-lo, servi-lo. Acho que eu compreendi mais servir. Sempre servir me fez decidir; a Vontade de Deus passa em primeira linha nos meus sentimentos, foi a primeira e a última razão de minha vocação. Necessito conhecer mais, amar mais Jesus Cristo, a oração é o meio para isso, desejo que o amor se torne o princípio de minha vida. Na minha juventude, Jesus fez os primeiros passos para conseguir uma vida de amor comigo, sentindo-o menos agora, sou eu que devo procurá-lo.

Sobre o uso das criaturas. Sim, necessito vigiar sem descanso para me tornar indiferente às coisas criadas, para buscar unicamente o que Deus quer de mim para seu serviço, para falar a todas as pessoas sua própria linguagem, levar sua caridade com abnegação e zelo. Depois, quanto a mim, devo tomar os meios que conduzam mais a Deus. Vejo como meios principais para mim, a mortificação habitual, a regularidade, a oração, o domínio de mim mesma. Ainda mais que tudo isso, vejo que Jesus deve ser meu meio para o interior e o exterior, já que ele se digna ser isso.

Ir a Jesus, entregar-lhe todas as coisas, pacificar-me, calar-me, controlar minha ação e minha palavra, parar para escutá-lo e atuar sob sua influência, contar em tudo e sempre com ele, ser boa, zelosa, expansiva por ele.

Em seguida preparei e fiz a confissão, meditei sobre o pecado, sobre todas minhas faltas, minhas desculpas vãs, indelicadezas para com Nosso Senhor, o escândalo que dou não mostrando nas ocasiões as virtudes de uma religiosa, quero me renovar, me transformar pela oração e pela dependência do Espírito de Deus, guardar a Regra melhor do que já o fiz.

3º dia. Meditei longamente e rezei bastante sobre conhecer Jesus Cristo, sobre sua santidade frente a minhas falhas, mas sobretudo, sobre sua misericórdia, sua compaixão, seu perdão ao qual devo me confiar, sua vontade de ajudar meus menores esforços, de me dar o querer e o fazer, sua alegria de me ver a seus pés, para receber dele, tudo quanto me falta e para que sua graça se derrame em mim.

Depois sobre amar a Jesus Cristo, compreender que ele me ama, que ele me guardou, chamou, acompanhou, que tudo o que amei, mãe, irmão, tio, P. d'Alzon é o que tinha recebido dele o que eu amava, e da natureza caída o que lhes faltava. Que era ele neles que me guardava, me amava, me fazia bem. E que o que me fazia feliz de fazer por eles, podia lhe oferecer, pois ele aceita serviço e amor.– Que eu devo amá-lo mais do que os outros e que ele me ama mais pedindo-me: Simão Pedro, tu me amas mais que os outros? E ainda que por amor, ele quer me ver a seus pés para agir em mim.

Encarnação. – Sobretudo Nossa Senhora em Loreto, sua vida nessa casa pobre, sua doçura, sua humildade, seu silêncio, sua abnegação, sua submissão, sua oração, seu amor. Imitá-la e entrar em suas disposições.

4º dia. Ainda a Encarnação. Pobreza da casa de Nazaré, comparar com minha pobreza, fico confusa, procurar ser o mais pobre possível, tirar de meus hábitos o que não é pobre, ocupar sempre o lugar dos pobres. Contemplei Jesus, Maria e José nessa pobreza.

Loreto¹⁵⁵ me lembrou com que vivacidade senti não poder ficar algum tempo para rezar ali. Meditei a humildade de Nossa Senhora, de Jesus aniquilado, a graça de saber se submeter, de rezar à porta humildemente. Se eu soubesse acolher o que mereço como pecadora, não procurando as coisas que me são agradáveis, nem me fechando às humilhações e contrariedades!

5º dia. Viagem de Nossa Senhora a Belém. Maria deixa a pobreza para ir ao despojamento, para pôr Jesus no mundo, numa gruta de animais, depois de ter sido rejeitada por toda parte. Oh! se eu soubesse como ela colocar-me sempre no lugar de uma pobre serva, em viagem para visitar nossas casas, levar Jesus com paz e alegria mesmo no sofrimento, nas contradições, nos imprevistos, nos procedimentos ruins se houver. Percebi meu orgulho, minhas exigências, minhas impaciências, quero sair de tudo isto e adquirir as disposições, o lugar humilde da pobreza da serva. Reconheci uma marca de amor no fato que Jesus me chamou para servir os outros, devo servir a todos, que eu sirva Jesus em todos. Abrir meu coração a todas, fazer o bem espiritual a todas de coração, amor, que possam sentir meu afeto, dedicação e abnegação de mim mesma.

Em Belém, desprezos, o nascimento de Jesus, a circuncisão, a apresentação no Templo. Jesus escolheu por companheiros de sua vida, a pobreza, a humilhação, o sofrimento, e junto dele Maria e José, a oração e o amor. Eu não posso encontrar, guardar e levar Jesus a não ser na mesma companhia. Vou procurar até o final do Retiro, imitar Nossa Senhora e São José na sua vida de união a Jesus, estando o mais possível recolhida e atenta a ele no meu coração, para conservar esse fruto precioso de meu retiro. Vi e senti que seria bom fazer algumas mortificações por amor e para as oferecer a Jesus.

6º dia. Meditei a fuga ao Egito, a Providência, sua ação, o abandono que devemos ter. Pode ser que apareçam muitos perigos, de dia, de noite, seguir a Providência como Maria, guardando o grande tesouro de união a Jesus. Com ele, aceitar as privações, os sofrimentos, contar com sua Providência para receber os socorros indispensáveis, ou para uma santa morte. E no meu passado, em todas as disposições de minha vida, ver a Providência que conduzia tudo, e acusar-me unicamente a mim por não ter feito melhor. Se Maria houvesse dito: se antes do nascimento de Jesus eu tivesse tido paz para me recolher; a viagem, a rejeição em Belém, essa gruta aberta, o vai e vem dos pastores, me impediam de rezar. Depois, a partida para o Egito, a confusão dessa fuga... Eu quero como Maria ver em tudo a Providência de Deus conduzindo tudo e unir-me a Jesus. C.3492

Jesus aos 12 anos no Templo. Eis uma dor bem grande para Maria, pois tinha perdido Jesus. Ela aceitava a pobreza, o cansaço da viagem, o transtorno de estar com uma

155. Em abril-maio de 1876, Maria Eugênia e Térèse Emmanuel foram à Itália em peregrinação a Nossa Senhora da Saúde, dirigida pelo P. Picard. Na volta de Roma, fizeram uma rápida parada em Loreto onde se encontra a casa dita de Nossa Senhora. No dia 2 de maio de 1877, o P. Picard escreve a Maria Eugênia, durante uma outra peregrinação: "Estamos aqui em Loreto... e rezei muito por você esta manhã, neste santuário bendito onde você queria tanto rezar e eu a contrariei tanto, impedindo-o. Procurei reparar um pouco o que fiz, e espero que Nossa Senhora não terá recusado minha oração."

multidão, mas ter perdido a Jesus! Como o procura com São José, como o ama! E Nosso Senhor, no Templo, abria a inteligência dos Doutores, que ele se digne abrir a minha para compreendê-lo. *Devo estar naquilo que é de meu Pai* (Lc.2, 49). Para mim, o Ofício é uma dessas obras de Deus, o outro é o serviço das almas.

Jesus em Nazaré ficou 30 anos, silêncio do Verbo, aniquilamento do Todo-Poderoso, trabalho, obediência, oração.

7º dia. Mesmo tema. Nosso Senhor em Nazaré, dá a Deus toda a glória devida e com ele e por ele, também Nossa Senhora e São José. Que vida de oração, de adoração e de amor! É o mais importante. Vida santa, a alma humana adora, vive no corpo como não vivendo nele, oferece-o como uma vítima, não o satisfaz em nada. Toda ação é uma homenagem a Deus. Jesus deseja trabalhar para a salvação da humanidade, mas antes de tudo pelo culto de seu Pai, é a vida que leva no Tabernáculo. Que bondade devia reinar em Nazaré, Jesus, Maria e José sendo bons para toda criatura de Deus; eu me refugiei a seus pés, como um cachorrinho e lhes pedi a graça de compreender, de imitar sua bondade e sua vida de amor e de culto à Santa Trindade.

Vida Evangélica. Jesus depois do batismo e do deserto vai aos homens com todo seu amor, mas sua primeira palavra, em dois Evangelistas é *Fazei penitência, porque o Reino de Deus está próximo* (Mat. 3,2). A bondade evangélica não tira nada à força de sua doutrina. Ele cura os corpos, é bom, paciente, mas pede coisas perfeitas; o sermão da Montanha, penetrar-me desse espírito, para mim e para os outros. O reino de Deus está próximo, seja a Eternidade e me aproximo dela, seja o reino da perfeição e devo trabalhar para mim e para os outros. Onde estava Nossa Senhora durante a pregação do Evangelho? São José certamente já tinha morrido, será que ela estava sozinha em Nazaré, ou às vezes com as santas mulheres, sua submissão, sua perfeição, sua pobreza.

A Ceia, ainda este pensamento me tocou, é que nesse grande dom de amor, Jesus pede a santidade. *Se não te lavo os pés, não terás parte comigo* (Jo.13,8). Aquele que é puro, deve lavar somente os pés. Todas as palavras durante a Ceia são de santidade e amor, como tudo isso é divino! Esse Pão que é um fogo divino, me prepararei a recebê-lo como uma luz que quer invadir meu ser. Adorei a Jesus nesse dom dele mesmo, rico de toda santidade.

8º dia. Mesmo tema. Jesus na Hóstia, fogo para purificar, para inflamar, verdade divina para retificar tudo, pedindo e dando santidade. Nesse ato de amor supremo, ele não diminui em nada a doutrina suprema da perfeição que veio ensinar ao homem. Ele se dá em sacrifício para ser o modelo e o meio. Oh! Quanta necessidade temos de nos purificar, de retirar os pés de tudo quanto atrapalha, de trabalhar para tornar o dom de si reto, sincero e generoso! Precisamos do carvão de Isaias para purificar os lábios que eles tocam (Cf. Is 6,6). Aceitar tudo o que purifica; sobretudo quando comungo, abrir meu ser a esse fogo divino para que ele visite tudo em mim, purifique e destrua tudo o que é escuro, mau, egoísta. Que eu aceite e coopere com sua ação. A santidade, em mim, só pode vir dele. Que eu entregue sobretudo a seu amor, ao grande meio que é a oração, sabendo perseverar aí mesmo se me custa.

Jardim das Oliveiras, este mistério me tocou em três pontos: 1º Jesus aceitando o peso de meus pecados e todos os sofrimentos de sua Paixão para expiá-los. 2º Jesus na angústia e só encontra socorro do lado do céu. 3º A vontade humana de Jesus entregue, submissa totalmente à vontade de Deus, apesar da desolação que experimenta em sua alma.

Meditei apenas rapidamente a paixão, e pedi a Nosso Senhor que eu consiga tomar parte na Compaixão de Nossa Senhora.

Minha resolução de retiro é de adorar em Nosso Senhor a santidade e o amor, procurar introduzir a santidade na minha vida pela fidelidade à graça e uma confiança sem limites no amor de Jesus por mim, rezar o mais possível, e para isso tomar o tempo que a Regra nos dá para o Ofício e a Oração, responder ao amor com que o Salvador se dignou me preservar, amando-o e amando os outros como ele os ama.

Bendito seja Deus, pois sinto que teve comigo grande misericórdia.

N.234/01

Retiro de Novembro de [18]78

N.232/01

N.243/01

1º dia. Eu sou de Deus, pertenço a Deus, para Deus.– É por amor que Deus me criou, que me deu tudo, que sempre me teve sob seu olhar, me preservou, me ensinou, esperou de mim que todas minhas ações, todos os meus pensamentos, todos meus afetos fossem dirigidos para ele.

C.3556
C.3557

Para isso, não foi só a natureza que ele me deu, mas a vida de Jesus Cristo que recebi pelo batismo, pelos sacramentos, onde tanto tempo me fez sentir sua presença, enfim a vida religiosa, para que a vida de Jesus Cristo se estabeleça e se manifeste em mim.

No relacionamento com as criaturas eu deveria imitar a Jesus, tornar-me indiferente a tudo aquilo que ele não escolheu para mim, ver todos como ele os vê, servi-lo como instrumento para seus fins, inclinando-me a abraçar o que ele ama, a humildade, a paciência, a pobreza, a fidelidade à regra, a oração e até os sofrimentos que ele pode me enviar, permanecendo unida a ele.

Por que temer? Devo apoiar-me no amor criador e redentor, contar com ele para conseguir meu fim. Nas dificuldades, nos perigos, olhar mais alto, não temer o isolamento. Deus está sempre presente. Seu amor é ciumento de todos meus atos, e procurarei lhe dedicar todos. Seu zelo pode ter sido a causa dessas repentinas mudanças de direção, que me foram tão difíceis, eu era demasiado humana em tudo. Necessito me aproximar dele em todo tempo e esperar dele todo socorro.

2º dia. – O pecado.– Fixei minha atenção sobre os pecados de omissão e tibieza, a negligência em minha vida. Quero trabalhar para fazer tudo por ele, e em todos meus relacionamentos com as criaturas, procurar unicamente seu serviço, dizer sempre alguma coisa que o faça conhecer, amar, tornando meu governo todo sobrenatural. Voltar a procurar ter maior recolhimento, mais regularidade, mais mortificação habitual, dar mais tempo à oração, conseguir até ¾ de hora, e se puder, dar uma hora. Ter um coração magnânimo, generoso, não guardar mágoas, ver por toda parte o bem e me alegrar. Não ter vistas exclusivas para a Congregação.

3º dia. O Reino de Jesus Cristo. Muito me tocou o pensamento que Jesus quer estender seu Reino no coração de todos os homens, primeiro no meu, e quero tomar, neste retiro, todos os meios para que ele reine em mim e também no coração de todos, pois ele me chama para trabalhar continuamente, para ganhar esses corações. É para isso

que sou religiosa da Assunção, é o objetivo do 4º voto que fiz¹⁵⁶. Não deveria fazer nada, nada dizer que não tenha como finalidade estender esse Reino, devo ter com todos uma palavra que os aproxime do Reino. – E para mim, compreender que o Reino de Jesus Cristo se vive na paciência, na pobreza, na humildade e no sofrimento.

4º dia. A Encarnação.

Senti uma consolação bem grande ao meditar este mistério, a longa espera do mundo, a preparação feita por Deus e tantos milagres (povo judeu e a Imaculada Conceição) as virtudes admiráveis de Nossa Senhora, a embaixada do Anjo, tudo para chegar à humildade escondida de Nosso Senhor da qual a razão humana duvida. É o segredo da santidade de Jesus que nos traz ao mesmo tempo que a salvação e por isso o espírito humano não consegue entender. / 5º dia. Natividade. A sagrada família rejeitada de todas as casas, Jesus nascendo numa gruta tão pobre, tão humilde. Pensei que é daí que ele me chama a ser sua Esposa, a unir-me a ele para fazê-lo reinar em mim e nos outros. Isto toca muito mais meu coração do que o Rei guerreiro que chama os soldados. Eu me entreguei, tanto quanto pude, com o desejo de me renunciar e de entrar, enfim, na dependência e na união de Jesus, e procurar ser daquelas que lhe pertencem de verdade e ter o desejo da santidade na aceitação plena e amorosa de seu mistério de pobreza, humilhação e sofrimento. Supliquei que realizasse isso em mim, pois eu sou tão covarde e incapaz de qualquer bem perfeito.

6º dia. Apresentação no Templo. – Fuga para o Egito.

São mistérios de sacrifício, de ameaças humanas, de separações, de penúria, mas também onde tudo é entregue a Deus, oferecido, tudo é abandonado a ele na provação. Pedi o abandono a Deus, a confiança, o espírito de imolação, que tenho tão pouco. As pombas sacrificadas deviam ser o símbolo das religiosas. As dores e o desprezo me seriam devidos por causa de minha covardia interior e exterior, e eu estaria mais bem disposta a recebê-los se estivesse mais convicta. Nossa Senhora estava serena, recolhida, submissa, seu coração estava sempre unido ao de Jesus. – Rezei com fé mais do que com gosto

7º dia. Tomei novamente a fuga ao Egito, do ponto de vista de São José como modelo de uma superiora. A união a Deus, a humildade, a morte a si mesmo e às coisas do mundo, tudo isso torna-o capaz de escutar Deus; é a sua voz que obedece, é dependendo de Deus que age simplesmente sem buscar razões humanas. Para mim, não organizar, nem decidir, nem responder senão depois de consultar Nosso Senhor. Obedecer ao que vem dele; para a Regra, ser muito exata, retomar a leitura espiritual, obedecer ao sino, às irmãs, servindo a sua vida espiritual, a meu confessor, em tudo quanto julgue necessário. – Abandono e confiança. – Uma das grandes luzes de meu retiro, é que não posso me santificar sem dificuldades, que não sei as que Deus me reserva, mas que devo estar abandonada para recebê-las em paz, amor e confiança, venham do alto, de baixo, de inimigos, de amigos, pouco importa. Abandono e confiança no amor de Deus por mim. Da fuga ao Egito, Nossa Senhora foi conduzida até o Calvário e eram os sinais do amor de Deus por ela. – Não podemos imaginar, que chegará o momento em que as dificuldades desaparecerão e tudo irá bem, devemos, ao contrário nos preparar para ter paciência, abandono, confiança em Deus, colocando em tudo o máximo de sobrenatural possível. Rezei muito para conseguir

156. Maria Eugênia e as primeiras irmãs fizeram um 4º voto, por ocasião da profissão perpétua, no dia 25 de dezembro de 1844: *consagrar-me, segundo o espírito de nosso Instituto a estender por toda minha vida o Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo em todas as pessoas*. Cf. Estudos de Arquivo Nº1.

essa disposição de Jesus presente no Tabernáculo para que ele me dê pela comunhão tudo quanto precisarmos, agindo ele mesmo em mim para me transformar.

8º dia. Meditei sobretudo em Nosso Senhor no Tabernáculo, rezei, adorei o aniquilamento em que se colocou por nós, considerei que é através desses aniquilamentos que ele nos trouxe o mistério da santidade, ele aceitou por mim, nunca é tarde demais para eu aceitar também, e quero fazê-lo com todas minhas forças, que são muito pequenas por causa de minhas infidelidades, mas recomeçando cada dia sem desanimar, eu farei pelo menos alguma coisa.

Minhas resoluções são:

1º Tomar como lema: *Vim trazer o fogo à terra e como desejo que se acenda* N.241/04
(Lc 12,49).

2º Aceitar todas as coisas pelo lado em que elas nos levam ao Reino e ao amor de Jesus Cristo. Procurar dizer a todo mundo alguma coisa que leve a estabelecer ou a desenvolver esse Reino e esse amor.

3º Abraçar a renúncia por amor a Jesus Cristo e para responder ao chamado que ele me faz de segui-lo e de estender seu Reino. Renunciar ao que minha natureza me pede, como a vivacidade e a busca de mim mesma.

4º Colocar-me, com freqüência na união e na dependência de Nosso Senhor, se puder a cada quarto de hora, procurando unir-me a seus pensamentos, seus mistérios, sua presença em mim, e no Santíssimo Sacramento.

Minha Nossa Senhora conduze-me a Jesus.

N.235/01

Janeiro de 1885 Epifania¹⁵⁷

Quantas graças dou a Deus por ter podido fazer este retiro. Minha alma quebrada e perturbada faz tempo, encontrou Jesus na meditação da negação de Pedro. Fiquei pensando que, apesar de todas suas faltas durante os três anos da vida pública, Nosso Senhor sempre o amou. Ele o repreendia, o perdoava, lhe conservava sua confiança; transfigurou-se diante dele e diante de mim também, tantas vezes na minha vida. Pedro a quem devia confiar-lhe tudo, não conseguiu velar uma hora com ele, depois, mesmo querendo segui-lo, o negou! Jesus olhou para ele, com um olhar de dor e de amor! Pedro não acompanhou o Mestre, nem no caminho da cruz, nem no Calvário; chora, tem confiança e desde a ressurreição Jesus vem a ele. E lhe confia sua Igreja. Quantas coisas Jesus me tem confiado! Que responsabilidades as minhas, se as olho do lado da confiança que Nosso Senhor me testemunha e das que tenho que me tornar digna! Sim, quero e posso agora ter uma contrição confiante; sim, encarregada da obra de Jesus e de seus interesses, quero, posso agora com esse olhar divino, que me levanta, trabalhar para me renunciar, para vencer minha sensibilidade, minha rigidez e tudo quanto vem de minha natureza. Para fazer a obra de Jesus, precisamos do despojamento, do desprendimento de tudo, da mortificação no uso de tudo o que serve a natureza, a alimentação etc... a palavra de Jesus: dizer, como decidi anteriormente, somente palavras boas e que façam bem; a influência de Jesus: consolar, ser boa, fazer sentir Nosso Senhor.

157. Passa do ano de 1878 ao ano de 1885 no mesmo caderno. O retiro de 1880 se encontra no N° 239/01.

Essa é minha missão, o dever de meu cargo, nada pessoal deve se misturar, nem minhas sensibilidades, nem minha honra, nem minha vontade, nada que se relacione comigo, ver-me livre de dificuldades, aborrecimentos, feridas, tristezas.

Concordei com o que o Padre¹⁵⁸ me disse, que devo receber das mãos do Senhor, como parte de sua pobreza, de suas humilhações e de seus sofrimentos, o mal que poderiam me fazer, a situação dos meus¹⁵⁹, as palavras que podem me dizer ou dizer de mim, a incapacidade de socorrer os meus, enfim, tudo o que pode me fazer sofrer. Necessito de uma graça bem grande e de uma luz grande também para fazer isso. É o que pedi.

[As páginas seguintes do caderno estão em branco.]

N.236/01 [Folha intercalada, formato maior do que o caderninho acima.]

Volto a minhas resoluções¹⁶⁰ que serão 1º examinar, com frequência se minhas ações, reflexões voluntárias têm por finalidade servir a Jesus Cristo – gostaria de não fazer nada, nada querer senão para esta finalidade, mortificar tudo o que é pessoal.

2º dizer coisas boas e que façam bem aos outros, ou me calar.

3º carregar as Cruzes e particularmente as dos meus e tudo quanto se apresentar da mão de Jesus em espírito de expiação, mas também de amor, de união aos sofrimentos, às humilhações e à pobreza de Nosso Senhor, com muita confiança, esperando fortemente que esses sofrimentos me farão bem espiritualmente e me darão Jesus. – Nunca cometer a loucura de preferir uma rigidez à alegria de estar com Jesus pela doçura e humildade.

N.237/01 [Bilhete intercalado um pouco mais largo do que o caderninho; escrito sobre três faces.]

Maio de 1886¹⁶¹

C.11700
C.11701

Meu Deus, lhe agradeço as graças recebidas neste retiro: detestar todas minhas faltas tão opostas à santidade de meus votos e de meu estado; querer a toda custa me prevenir para que não voltem mais, também me prevenir contra as faltas veniais e a tibieza; olhar como uma graça de predestinação os sofrimentos que me esclareceram e espero me purificaram; contar enfim com seu amor com uma confiança sem limites, acreditando que, depois de se ter dado a mim pela Encarnação e pela Eucaristia, você me justificou pela sua Cruz e pelo seu Sangue e você aceita que lhe ofereça, por amor, tudo quanto sou, tudo quanto posso para conseguir ser santa com a ajuda de sua graça.

Quero, ó meu Jesus, aceitar os sofrimentos que ainda me esperam como uma Cruz amada que você me oferece para unir-me a você: *Cruz preciosa e bem amada* (Ofício de santo André). Quero calar nas palavras e ações tudo o que me é pessoal e de meu orgulho, procurar unicamente você, falar, agir por você e que você seja o centro de

158. Certamente se trata do P. Picard, pois o P d'Alzon morreu dia 21 de novembro de 1880.

159. Alusão à situação moral e às dificuldades financeiras de sua família.

160. Esta nota não tem data, mas é muito parecida com a nota precedente de 1885.

161. Depois da partida de Ir. Marie de la Nativité e das dificuldades que se seguiram com o P. Picard, Maria Eugênia convocou um Capítulo especial no verão de 1886. Cf. PA 34 p. 35-38.

meu comportamento com os outros e de minha atuação na Congregação, que eu não seja mais nada e não queira mais que alguém se preocupe comigo.

Procurarei dizer somente palavras boas, ser igual para com todas as irmãs, não dizer o que reprovou senão diretamente à irmã depois de ter rezado.

Sobretudo darei mais tempo à oração, deixando antes as ocupações do que uma parte do tempo indicado pela Regra, inclusive aumentar esse tempo.

Fiz voto de estender o Reino de Jesus Cristo por toda a minha vida: eu me proponho fazê-lo primeiro em mim, depois nos outros, por um cuidado maior em viver a pobreza e a obediência religiosa segundo nossa Regra.

N.237/02 [Continuação do caderninho, depois de uma folha em branco.]

Dezembro de 1888

Resoluções:

1º Viver o mais possível na presença de Deus para fazer tudo sob o seu olhar.

2º Preparar minha alma para aceitar, amar a pobreza, o sofrimento e o desprezo *Vem e segue-Me* (Mat.19,21).

3º Fazer os trabalhos mais necessários para a Congregação, nossos começos, M. Térèse Emmanuel, horários.¹⁶²

[O caderninho ficou inacabado.]

N.238/01 [Folha simples de papel quadriculado, muito estragado, escrito só de um lado.]

31 de março de 1890

Meu Deus eu lhe agradeço pela paz e a felicidade que encontrei neste retiro.¹⁶³

Reconheço com evidência:

1º Que devo me aplicar mais à mortificação exterior para suprimir as comodidades e interior para não acompanhar os movimentos de minha natureza, impaciência, falar do que me choca etc... e ler livros que me levem à mortificação como São João da Cruz.

2º Procurar viver uma humildade interior que se coloca abaixo de todos, se apaga, para me unir ao espírito de Jesus sofrendo, sem rigidez nem voltas sobre mim mesma.

3º Rezar e sair de toda dificuldade pelo amor terno a Nosso Senhor na sua vida e no Santíssimo Sacramento.

4º Seguir meu atrativo de adorar por ele, e de dar por ele tudo o que é devido a Deus.

5º Fazer da prática valente de meus três votos o grande acontecimento de minha vida.

[Pela data, esta nota é a última das *Notas Íntimas* e também é a nota espiritual mais tardia que foi registrada.]

162. Depois da aprovação das Constituições (11 de abril de 1888), da morte de M. Térèse Emmanuel (2 de maio de 1888) e do Capítulo Geral (agosto de 1888), Maria Eugênia encara a nova etapa que se abre para ela e para a Congregação.

163. Retiro pessoal, começado dia 25 de março. Segundo os anais Maria Eugênia se serve, sem dúvida, de um novo livro de Mgr Gay: *Instruções em forma de retiro para as pessoas consagradas a Deus e pessoas piedosas* (Paris 1890).

N.239/01 [Formato de caderno grande, conjunto de oito folhas, das quais quatro escritas reto e verso.]

11 de novembro de 1880¹⁶⁴

Na véspera e de manhã: *Eu a conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração.*
(Os 2, 16)

1º O Batismo –sepultou-me com Jesus Cristo e fez de mim a morada da Santíssima Trindade. Ser sobrenatural dado por Deus.

2º A fé, a esperança e a caridade impressas na alma pelo batismo, uso dos dons, pureza de todos os sentidos, de todas as faculdades lavadas pelo Sangue divino, uso de si mesma, digno da presença e da habitação da Santíssima Trindade na alma. O que impediu a fé, a esperança e a caridade de se desenvolver na alma: espírito demasiado natural, apegos, amor de si.

3º Uso das criaturas (meu atrativo de separação)

4º Recapitulação e exemplos de Nossa Senhora, preservada e santificada desde sua concepção, sua fé, sua esperança, seu amor, seu uso dela mesma e das criaturas, seu respeito da habitação de Deus nela.

Dia 12

1º A confissão. Aí, Deus me escuta, me fala, me perdoa.

2º Espírito de fé nesse sacramento, experimentei Deus, negligências demais e sentimento vivo que é o sangue de Jesus dolorosamente derramado que lava cada culpa

3º Bondades de Deus comigo até minha Crisma, oração em Notre-Dame, efeito da *Imitação* e de alguns livros bons.

N.156/01
N.222/01
N.241/05

4º Minha crisma
dia 13

1º O Espírito Santo imprimindo seu caráter na minha alma e consagrando-a como seu templo. Caráter de soldado de Jesus Cristo e de apóstolo. O Cenáculo. Força pelo Espírito Santo, devotamento e zelo. Ser elevada acima de si mesma e de todas as coisas. Como compreendi pouco. Confissão de fé nas dificuldades. Eu sou cristão, diziam os mártires. Eu sou o templo do Espírito Santo, dizia Santa Águeda.

2º O Espírito Santo é o formador da Igreja, ele aí vive, a conduz, a inspira, a santifica. Que ele me faça um membro vivo, apto, fiel. Meditação do *Veni Creator*¹⁶⁵ sobretudo a 1ª e a última estrofes. Ele criou minha alma, que ele a habite e a crie de novo. Que ele me faça conhecer o Pai, o Filho e que eu creia e o siga.

3º Continuação do *Veni Creator: Fonte de vida, fogo e amor*. Demorar interiormente diante de Deus como seu Templo puro e bom. Não deixar entrar ou aceitar depressa demais toda amargura, irritação, sentimentos das injustiças humanas. Todas essas coisas passam, o bem permanece; permanecer no pensamento do bem recebido.

4º Nossa Senhora no Cenáculo, esposa do Espírito Santo, estando já plena dele, continua recebendo-o. Pedir para mim uma nova efusão do seu Espírito.

164 Advertida pelo P Picard da gravidade do estado do P. d'Alzon, Maria Eugênia deixa Paris e vai a Nimes dia 8 de novembro. Ali começa seu retiro e verá o P. d'Alzon dia 14. Cf. C.1003 e *Partage Auteuil* N° 29.

165 Hino de Pentecostes.

dia 14

1º O batismo é o dom de Jesus. No seu Batismo cobriu-se de nossos pecados. *O Cordeiro de Deus desceu às águas purificadoras e nos lavou em sua pessoa dos pecados, dos quais ele é inocente* (Hino de Vésperas da Epifania). Que grande é sua generosidade, ao tomar sobre si nossos males. Que modelo! Eu sou pobre em generosidade; olhar as faltas dos outros por esse lado.

2º O Espírito Santo é o dom de Jesus, prometido antes mesmo de sofrer.

3º A Ceia. Bondade de Nosso Senhor nessa Ceia Pascal com seus discípulos, no momento que se entrega a eles. Lava-pés. – Dignidade dos sacerdotes.

dia 15

1º A Ceia. Na Missa, primeiro ver a Ceia, depois meditar a instituição da Eucaristia. O que Nosso Senhor fez pelos seus Apóstolos e seus discípulos, ao longo de sua vida com eles, ele o fez por nós, por mim, vivendo no Sacramento, perto de mim, desde que me conheço por gente. Eu o escutei? Formou-me como ele queria? Se me afastei do mal e necessito ainda me purificar de tantas coisas, onde está o bem? Rezar para que ele consiga fazer comigo e de mim o que ele quer.

2º Para chegar até isso, meu Deus, que caminho você teve que fazer! A Encarnação. A 2^{da} Pessoa da Santíssima Trindade, olhando este mundo, onde, como em nossos dias, o poder do mal era grande; as almas, as criaturas tão grandes e belas, capazes de Deus, todas voltadas para as coisas da terra e do pecado, a Trindade resolve salvar, não através de obras grandiosas que forcem a convicção, mas quer ganhá-las por obras de amor. É preciso que a alma dê seu consentimento livre, sustentado pela graça, é verdade, mas livre em sua escolha. Eu sou a Bondade me disse o Senhor, ele age com sua bondade ao entregar-se com humildade, pobreza e sofrimento. Vejo essa palavra sob uma nova perspectiva. E para ganhar as almas, hoje, quer ser em seus servidores o que ele foi. Pobres almas dos maus! Somente por caminhos de bondade, de humildade, de pobreza, e sofrimento que Deus lhes oferece a salvação. Se elas não querem ver claro, não haverá coisas grandiosas para abrir-lhes os olhos. Fiquei muito comovida com tudo isto, e pedi a Nosso Senhor que minha alma entre totalmente em seus caminhos.

3º A Natividade, quanta pobreza, despojamento, desprezo das criaturas. Adorei, amei o Menino Jesus cheio de bondade, na sua pobreza e no seu sofrimento.

4º Nossa Senhora, escolhida por ser toda pura, humilde, pobre e generosa, para acompanhar o caminho que o Verbo divino devia seguir. Desprezada em Belém, não tendo nada na gruta, tão humilde, tão doce, tão conforme a Jesus Cristo. – Mas se a Mãe era assim, não será que a esposa deve entrar também por esse caminho? Olhei para mim, e vi quanta necessidade tenho de me transformar.

dia 16

No Santíssimo Sacramento, adorei a 2^{da} Pessoa da Santíssima Trindade, todas suas perfeições divinas: o Ser, o poder, a sabedoria, a santidade, a beleza, o amor. Procurei admirar, amar e me entregar sem reserva Àquele que tanto ama as almas, minha alma para vir até mim dessa maneira. Somente um consentimento livre pode entregá-las a ele e foi uma série de consentimentos livres que o fizeram Mestre delas e o glorifica nelas. Como é importante entregar-se: é Deus que o pede e lhe dá grande estima.

2º. Perfeições humanas de Jesus Cristo como homem. Pureza e santidade, humildade, bondade, paciência, zelo pela glória de seu Pai e zelo por nossas almas, adorei essas virtudes e tantas outras na humanidade de meu Deus, sua simplicidade, também sua pobreza. Enfim, seu coração sagrado, também criado, e no entanto é o Coração de meu Deus, seu amor, sua generosidade; pedi a Deus para penetrar nos sentimentos desse divino Coração e me entregar a ele para os outros.

3º Nazaré. No Sacramento continua a obediência e a vida escondida. Fiquei muito tempo considerando o silêncio, o trabalho, a obediência que reinavam em Nazaré e na dependência de Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento e pedi para aprender a obedecer, buscar somente a vontade de Deus, me calar e trabalhar sob o olhar de Jesus Cristo que está tão escondido no Tabernáculo.

4º Maria levando nos braços Jesus e tomando conta dele até os 30 anos. Que amor! Que respeito! Jesus se confia a nós no Santíssimo Sacramento, procurar envolvê-lo de amor, de contínuo respeito que imite os atos e as disposições de Maria.

dia 17

A Paixão. Na Missa pensei em Jesus se oferecendo pelos nossos pecados como no Jardim das Oliveiras.

1º A agonia de Nosso Senhor. Aquele que quis resgatar nossas almas pelo caminho do sofrimento, carregou todos nossos pecados; seu horror; os meus, aprender a odiá-los. Jesus se entrega por minha alma, me entregar a sua vontade. É o fruto desse sacrifício que recebo na comunhão.

2º Jesus entregue nas mãos de malfeitores. Pode ser que sejamos também entregues a eles, daqui a pouco¹⁶⁶. Sua paciência, seu amor, sua oração contínua. Adorar suas amarras, pensar em responder às provações venham de onde vierem pelo espírito de sacrifício.

3º *Eis aqui o Homem* (Jo.19,5). Essa multidão, esses carrascos, é a multidão e o poder que blasfemam. Essa Vítima é aquela que está exposta no altar. Reparar, amar, adorar. Pedir a Nosso Senhor que me conceda suas disposições.

4º Jesus elevado na Cruz. Ficar aí implorando a salvação, a graça, pedir perdão por minhas covardias, conhecer mais a Jesus.

dia 18

Passei o dia a rezar pelo P. d'Alzon, a pedir serenidade para responder a tudo quanto se apresente em mim, fora de mim, os sofrimentos, penas, inquietações, por espírito de bondade, de sacrifício e de humildade. Meditei sobre a comunhão, sobre ter Jesus no altar e poder recorrer a ele, pedi a ele para me ajudar a ser humilde e generosa e me conduzir pela paciência ao Céu, que peço sem cessar pelo pobre moribundo.¹⁶⁷

Devo aplicar-me a fazer pelo menos pequenas mortificações.

166. Alusão às leis sobre as Congregações religiosas: Os Padres da Assunção foram expulsos dia 5 de novembro da rua Francisco 1º em Paris. Depois da morte do P.d'Alzon também serão expulsos de Nîmes.

167. O P. d'Alzon morreu dia 21 de novembro de 1880 cf. Partage Auteuil nº 29.

6 ou 7 de dezembro¹⁶⁸ [1842]

Dezembro – Cheguei muito aborrecida ao Ofício da noite, por ter dito na recreação, uma palavra, que fez uma irmã ficar de mau humor. Se me tivesse deixado ir pelo acontecido, teria passado todo o Ofício a voltar sobre tudo o que aconteceu para chegar a esta falta involuntária. Tive que fazer um grande esforço para desviar minha atenção do fato e centralizar todo meu pensamento em Deus. – Procurei, seguindo minha intenção ordinária, rezar os salmos do 1º Noturno com fé, esperança e amor, apoiando-me na confiança que a obediência me tinha dado, de que minha homenagem era agradável a Deus, e deixando de lado outras lembranças com o pensamento dos sentimentos análogos de Jesus Cristo por seu Pai.

No começo do 2º Noturno, eu me senti completamente recolhida. Não posso bem dizer como foi a impressão que tive depois. Pareceu-me que, como que esquecendo toda minha resistência interior, tivesse apoiado toda minha fé na inteira submissão de Jesus Cristo à Verdade de seu Pai, minha esperança de sua oração por nós. Senti, ao começar o 2º salmo: *O rei se alegra em tua força, Senhor* (Sl.20,2) a presença de Jesus Cristo perto de mim, com a serenidade de um poder indizível, oferecendo a seu Pai as palavras de minha boca, ou melhor, ditando-as e dizendo-as comigo, como fala Aquele que sempre é atendido pela sua própria grandeza. Eu recebia todas as palavras desse salmo como uma bem-aventurada profecia; era como se ao pronunciá-las com Jesus Cristo, eu garantisse o efeito que as tornava eficazes perto de seu Pai de tudo o que pediam, ou melhor de tudo o que prometiam. *Ele pediu a vida, e tu lhe deste* (Sl.20,5). Isto é o que me falta fundamentalmente, o objeto da sede de minha alma. *Tu lhe concedeste o desejo de seu coração* (Sl 20,3a), a vida divina, da graça, da santidade, a vida de Jesus Cristo em nós, a vida sobrenatural, a vida sem fim, meu único desejo. *Não recusaste o desejo de seus lábios* (Sl 20,3b). Eu via a graça merecida por Jesus Cristo para nós, dada em plenitude a este chefe do corpo místico da Igreja, que se digna apresentar constantemente a oração de cada um de seus membros, e esta oração se torna tão poderosa que atinge seu fim. Sentia que ele tinha direito de pedir que fossemos Santas e que nos unindo a sua oração, em nós se realizaria a santidade.

Ainda agora, todas as promessas que cada versículo do salmo contém parecem-me inteiramente inefáveis, e compreendo bem mais profundamente todas suas palavras, apesar de que confio pouco na realidade de uma impressão que vem, sem dúvida, simplesmente de que muitas vezes me ocupei do valor que Jesus Cristo dá a oração do Ofício.

O que é para mim mais difícil de expressar, é a maneira como percebia a presença de Nosso Senhor. Parecia-me que eu o reconhecia secretamente, à minha esquerda, sem ousar olhar para ele, nem com os olhos de meu espírito. Este conhecimento era tão tênue, me parecia tanto que a menor vivacidade interior podia apagar essa impressão serena, que a menor coisa, o menor movimento interior, turvaria o espelho onde se refletia e me poderia impedir de percebê-lo, que eu centrava meu olhar na representação de Jesus crucificado, para ficar sozinha no fundo de minha alma e receber a serena influência da primeira impressão. Ainda que esta maneira de fazer tenha cortado as impetuosidades interiores que nascem ordinariamente em mim

168. Esta data foi acrescentada por Maria Eugênia no alto da página

quando tenho o mínimo sentimento da presença de Nosso Senhor, o fundo mesmo de minha alma não podia se impedir de lhe dizer suavemente: Onde estavas Senhor? Porque faz tempo que sinto muita dificuldade em me representar a pessoa bem amada de Nosso Senhor Jesus Cristo e sinto como se houvesse perdido esse Salvador de minha alma.

No Salmo seguinte, eu me unia a seu amor, pois me sentia obrigada a continuar minha maneira ordinária de rezar e me manter como se não sentisse nada. A impressão durou ainda nesse salmo, e parece-me que nas leituras seguintes, mas cada vez de forma mais obscura.—

— Tudo o que me restou desse último tempo, pois eu evitava olhar o que fazia e sentia, para me limitar em oferecer tudo em homenagem a Deus e lhe pedia que imprimisse ele mesmo em minha alma, sem mistura de minhas reflexões, o efeito que ele queria produzir; o que me restou, digo, é que unindo meu amor ao de Jesus Cristo e desejando ter, na medida em que sou capaz, as mesmas disposições de amor que ele tinha para seu Pai, senti que consistiam principalmente num abandono silencioso a tudo e a todos.

Querer o que Deus quer, como ele o quer, e por quem ele quer, e isso sem cessar e até nas mínimas coisas, inclinar-se ao menor sopro, estar pronta a ser alegremente colocada no alto, ou em baixo, na vida ou na morte, na dor ou na alegria, na luz ou na ignorância de qualquer vantagem mesmo espiritual, com a mesma alegria de amor, aprovar tudo, estar contente com tudo, não ter uma palavra, mesmo interior, que não seja de contentamento, *porque essa é tua vontade* (Mt.11,26), eis o que eu via nas duas palavras que ficaram fortemente impressas em mim: abandono e silêncio. De forma que esse silêncio, pode ser falar desde a manhã até a noite, se é a isso que me inclinam. – Mas sinto que é a noção obscura desse silêncio que já faz tempo não me permite dizer que me custa muito, apesar de sentir quando as coisas podem ser queridas por Deus ou que não lhes são opostas.

A maneira de receber as coisas de Deus, separando o mais possível minha atenção, como um grão de incenso que se deixa queimar diante de Deus e em sua honra, deixando a ele o cuidado de me fazer retirar o fruto que ele quiser, vem de meu último Retiro da Assunção e da experiência de abandono que fiz¹⁶⁹. Desde então passei todo o retiro de 8 dias desta maneira que me parece mais pura e mais digna da livre disposição de Deus e de seu soberano Domínio sobre seus dons, ao mesmo tempo que a mim, essa maneira me tira toda preocupação e me imprime liberdade e alegria. A única coisa que fica é a dificuldade que tenho em escrever minhas impressões; depois desta, por exemplo, a dúvida de ter que escrevê-la ou não, me deixou confusa e somente as escrevi hoje 18 – para obedecer a seu conselho. Depois de vários dias, lembrei-me bem melhor do que se tivesse escrito no momento, e ao escrevê-las as coisas vieram tão fortemente a minha memória que penso ter conseguido expressá-las com bastante exatidão. Somente tenho receio que ao falar e escrever se dê muita importância a essas manifestações de meu espírito, que não são inquietantes, pois reconheço que são conformes a fé.

N.185/03
N.186/03

169. Na carta nº 1559 do 17 de agosto de 1842, Maria Eugênia escreveu ao P. d'Alzon: “Voltando a suas cartas, vejo alguma coisa sobre o abandono em que você me aconselha permanecer para com todos os sentimentos de Jesus Cristo, quando me sinto inclinada a seguir suas inspirações... Amanhã durante a Missa vou renovar meus votos nesse sentido.”

23 de dezembro¹⁷⁰ Retiro de mês – Tenho um desejo de ser Santa que é agora toda
minha preocupação. Eu me reprovo como sendo orgulho; sobretudo quando sinto C.1574
aborrecimento ao ver as outras mais avançadas do que eu e acreditar que ele tem
mais altos desígnios de santidade para elas. Tenho horror de encontrar-me sempre tão
ocupada de mim em relação aos demais e de fazer rapidamente a comparação entre
elas e eu. Então irritando-me contra mim mesma, peço a Deus que já que não
encontraria um criatura mais disposta a atribuir-se tudo a si mesma e a desejar tudo
para si, peço que ele faça, ao contrário, que todas me ultrapassem, e dê a outros
mesmo os dons que ele destinava para mim, empobrecendo-me até em relação
àquelas que penso que não agiria como elas, e aumentando com os bens que estariam
reservados para mim, a riqueza daquelas que invejo. Esta oração é muito dura para
mim, me perturba ou pelo menos me endurece.

Mas junto com esse desejo ciumento de santidade, sinto uma violenta repugnância
aos meios de consegui-la, por um lado, não quero os sofrimentos que os santos
padeceram, por outro lado zombo com amargura, de meu desejo de chegar onde eles
chegaram.

Neste retiro vendo minhas misérias a sós com meu Deus, supliquei a ele que me
crucificasse, e repeti muitas vezes: *sofrer e ser desprezada por Ti.*¹⁷¹ Não
encontrando em mim nenhum outro elemento para qualquer outra espécie de bem,
pedia isso a ele com paixão: sim todos os sofrimentos da alma, do corpo, da vontade,
da humilhação, do desespero, da tentação e nada de suave neste mundo, mas que ele
seja o fruto. Então sinto a dor de não poder praticar em nenhuma realidade
voluntária, essa aceitação e esse pedido de sofrimento extremo e isso se transforma
em zombaria. Depois, me sinto obrigada a pedir autorização para fazer austeridades,
apesar da sabedoria e da covardia naturais que se alegram diante de cada negativa e
que me fazem tomar sempre, sob pretexto de obediência muda, a resolução de não
falar mais nisso. Aliás, não sinto a menor inclinação em dobrar minha vontade para
fazê-las, e somente as peço para satisfazer ao atrativo divino em uma submissão que
arriscaria ser menor se me fossem impostas.

Ó meu Deus! tudo, tudo é suportável, menos desagradar a você. Ter o coração
quebrado, ser golpeada pelo desprezo, por todos os despojamentos, pela
incapacidade, estar fora de minhas inclinações e de minhas disposições interiores, até
não ter virtudes adquiridas, ser a mais pobre nesse aspecto, sofrer nas minhas
necessidades espirituais, posso resignar-me a tudo, mas ter inclinações ruins que sei
lhe desagradam e se elevam contra você, não poder sustentar um bom propósito e ver
que se dilui e se perde ao querer fazê-lo, por simples e geral que seja, servi-lo mal, só
sentir impureza nas disposições frente ao futuro, sentir quando me queixo que não
tive bastante compaixão dos outros, fazer parar minhas lágrimas porque em ocasiões
censurei as lágrimas dos outros – que fazer meu Deus, para onde me voltar? Devo ter
confiança, e a quero ter, mas o que essa confiança pode me inspirar? Não sei,
somente sei queixar-me a Você e lhe suplicar que crie em mim um coração novo e
me conduza por um caminho reto, enquanto sou incapaz de fazê-lo. – E ao final de

170. O relatório deste retiro se encontra na carta 1574 de 3 de janeiro de 1843 ao P. d'Alzon, o que
permite datar esta Nota 240/01 de dezembro de 1842.

171. São João da Cruz contou a seu irmão mais velho, Francisco, que o Cristo lhe apareceu e lhe
perguntou o que desejava. João respondeu que queria sofrer e ser desprezado por Ele. – Relatórios das
testemunhas oculares de São João da Cruz, Biblioteca Nacional de Madrid Cf. *Tiempo y vida de San
Juan de la Cruz*, BAC, Madrid 1992).

tudo isso, não quero me queixar de mais nada. Desejando responder sempre a sua vontade atual sobre mim, meu sentimento mais forte é: Tudo é bom pois Você assim o quis ou o permitiu.

— Choro porque me sinto longe de você, deixo de chorar para saborear a dor desse sentimento que você me dá, e termino sem saber o que fazer à força de tanto controlar meus sentimentos. — Escrever é para mim um sacrifício, gostaria de deixar tudo entre nós dois, colocar minhas lágrimas, mortificações, orações somente diante de você pois se outros as percebessem, me pareceriam perdidas. Mas tenho tão pouca liberdade de espírito, que não ousa dizer uma só palavra interior sem submetê-la à obediência, tão pouca fidelidade e presença de espírito que jamais me mortifico exatamente sem que a obediência me obrigue a isso. Ademais se eu o fizesse, poderia ter escrúpulo.

N.240 B/01 [Folha de papel de carta, escrito reto e verso; o texto se parece muito com o precedente, mas há diferenças: incompleto e talvez o rascunho do N.240/01.]

7 de Dezembro – Cheguei muito aborrecida ao Ofício da noite, por ter dito no recreio uma palavra, que fez uma irmã ficar de mau humor. Eu teria passado todo o Ofício a voltar sobre tudo o fundo de toda classe de mal que acarretou essa falta involuntária. Tive que fazer um grande esforço para desviar minha atenção do fato e para centralizar todo meu pensamento em Deus. — Procurei, seguindo minha intenção ordinária, rezar os salmos do 1º Noturno com fé, esperança e amor, apegando-me na confiança que a obediência me tinha dado, de que minha homenagem era agradável a Deus, e deixando de lado outras lembranças com o pensamento dos sentimentos análogos de Jesus Cristo por seu Pai.

No começo do segundo Noturno, eu me senti completamente recolhida. Não posso bem dizer como foi a impressão que tive depois. Pareceu-me que, esquecendo toda minha resistência interior, eu teria apoiado minha fé da inteira submissão de Jesus Cristo à Verdade de seu Pai, minha esperança de sua oração por nós, senti ao começar o segundo salmo do 3º Noturno: *O rei se alegra em tua força, Senhor* (Sl.20,2) uma presença de Jesus Cristo perto de mim, com a serenidade de um poder indizível, oferecendo a seu Pai as palavras de minha boca, ou melhor, dizendo-as comigo, como fala Aquele que sempre é atendido pela sua própria grandeza. Eu recebia todas as palavras desse salmo como uma bem-aventurada profecia; era como se ao pronunciá-las com Jesus Cristo, eu garantisse o efeito de uma oração que as tornava junto de seu Pai eficazes de tudo o que pediam, ou melhor de tudo o que prometiam: *Tu lhe deste a vida que te pedia, Senhor* (Sl 20,5). Isso é o que fundamentalmente me falta, a vida divina, de graça, de santidade, a vida de Jesus Cristo em minha alma, a vida sobrenatural, a vida bemaventurada e eterna, único desejo de minha alma: *Tu lhe concedeste o desejo de seu coração* (Sl 20,3a). Ainda agora, todas as promessas que cada versículo do salmo contém, me parecem inteiramente inefáveis, e compreendo bem mais profundamente todas as palavras desse salmo, apesar de que confio pouco na realidade de uma impressão que vem, sem dúvida, simplesmente de que muitas vezes me ocupei do valor que Jesus Cristo dá a nossas orações.

O que é para mim mais difícil de expressar, é a maneira como percebia essa presença de Nosso Senhor. Parecia-me que eu o reconhecia secretamente, como à minha esquerda, mas sem ousar olhar para ele, nem com os olhos de meu espírito, e esse

conhecimento era tão tênue, parecia-me que a menor vivacidade interior podia fazer voar essa impressão serena, que ocupei meu pensamento com a representação de Jesus Cristo crucificado para ficar sozinha com o fundo de minha alma recebendo a serena influência da outra impressão. Ainda que isso tenha cortado as impetuosidades que nascem ordinariamente em mim quando tenho o mínimo sentimento da presença de Nosso Senhor, o fundo mesmo de minha alma não podia se impedir de lhe dizer suavemente: Onde estavas Senhor? Porque faz tempo que sinto muita dificuldade em me representar a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, e me sentir como se houvesse perdido esse Salvador de minha alma.

No Salmo seguinte, eu me unia a seu amor, pois me sentia obrigada a continuar minha maneira ordinária de rezar para me manter como se não sentisse nada. A impressão durou ainda nesse salmo e nas leituras seguintes, mas de forma ainda mais obscura.

Tudo o que me restou, pois eu evitava olhar o que fazia e sentia, para me limitar a oferecer tudo em homenagem a Deus e lhe pedia que imprimisse ele mesmo em minha alma, sem mistura de minhas reflexões, o efeito que ele queria produzir. Como dizia, o que me restou é que unindo meu amor ao de Jesus Cristo e desejando ter as mesmas disposições de amor que ele tinha para com seu pai, senti que consistiam principalmente num abandono silencioso a tudo e a todos. Querer o que Deus quer, como ele o quer, e por quem ele o quer, inclinar-se ao menor sopro, estar pronta a ser alegremente colocada no alto, no baixo, na vida ou na morte, na dor ou na alegria, com a mesma satisfação de amor, aprovar tudo, estar contente com tudo, não ter uma palavra, mesmo interior, que não seja de contentamento, eis o que eu via nas duas palavras que ficaram fortemente impressas em mim: abandono e silêncio.

De forma que esse silêncio, pode...

N.241/01¹⁷² [Caderninho de 22 páginas, escritas reto e verso, quase inteiramente a lápis; capa cartonada.]
[Na capa verso do caderno, a lápis]

Dormir no chão, usar o cilício aos sábados, a corrente Quinta e Domingo pelo menos 4 h., jejuar Sexta-feira, tomar a disciplina até o sangue pelo menos cada 15 dias, Sexta-feira ou na véspera das festas, durante um *Miserere*;¹⁷³ – Segundas, Terças, Quintas e Sábados e Sábados, procurar diminuir meu sono pelo menos a 7 horas.

tomar absinto à noite; não tomar nada entre as comidas, somente um copo de água em caso de cansaço; procurar rezar de joelhos, aquecer-me inverno, somente 3 vezes por dia

22 de setembro de 1847 [Início do caderno, nota a tinta.]

N.204/02

Para o coração: despojamento de tudo.

Para meu comportamento: – obediência, flexibilidade, abertura, demissão de meus sentimentos e ressentimentos, devotamento e largueza de amizade, ser para com aqueles que estão acima de mim mais boa do que justa, em lugar de ser mais justa do

172. É difícil justificar a ordem dos parágrafos deste número; no entanto, copiamos como se apresentam.

173. Durante o tempo de recitar o salmo 50, *Miserere*.

que boa. Para o esforço – esquecer-me de mim e confiar mais em Deus, apoiar-me mais sobre a oração e a misericórdia, do que no esforço para satisfazer a justiça.

Para praticar a confiança, dar tudo a Deus e esperar tudo dele.

Vida de fé, e apoio em Deus, em lugar de vida natural e de apoiar-me em mim mesma.

Dependência do Espírito Santo, recorrer a ele, despojamento de minha ação para substituí-la pela dele

[Continuação do texto a lápis.] 25 de julho de 1848

Minha resolução do Retiro de mês é tentar sinceramente humilhar-me, mortificar-me em tudo, ver o positivo nos outros, acolhê-los pelo seu bom lado, pensar neles com amor em toda ocasião, agir com liberdade, confiança e espírito filial com meu padre, pedindo-lhe o que preciso, esperando seu momento com amizade, sendo mais importuna do que reservada ou orgulhosa, mas paciente, com alegria, confiança e mortificação, para o que eu não puder conseguir imediatamente, – pedindo a ele sempre que houver uma sombra de necessidade e acreditar que seu amor me há de escutar¹⁷⁴ quando puder ou compreender minha verdadeira necessidade, que ele vai acreditar que é útil.

[a tinta] Desejo temê-lo e respeitá-lo como minha mãe, ridículo de meus ares independentes já que tudo vem singelamente de sua bondade...– pedi na comunhão que ele saiba me humilhar e me colocar no meu lugar quando aparecer o orgulho. Para isso pedi que me tratasse como uma menina.

N.207/01 [a lápis depois de meia página em branco] 30 de maio de 1849 Retiro de 8 dias

Intenções para o Ofício – : Prima: Unir-me a Jesus adorando a seu Pai, oferecendo-lhe todas as ações de seu e de meu dia, pedindo que sejam todas feitas em espírito de obediência

Terça, Sexta e Noa: Unir-me a Jesus em sua Santa Humanidade, agradecendo a Deus pelo destino que lhe deu de estar eternamente com ele, H[umanidade?] de D[eus?] e seu próprio Filho, e pela graça de me ter feito esposa de Jesus Cristo, toda dele, de seus conhecimentos e de seu amor e pedindo por conseguinte, para mim, o amor do desprezo, da contradição e do trabalho para que eu me pareça com ele.

Vésperas e C[ompletas] Unir-me a Jesus sofrendo e morrendo para destruir o pecado e para que todos conheçam o Pai, e pedir para mim o zelo da minha santificação primeiro, e depois a conversão e a santificação dos outros. Dor combate feroz contra o pecado mortal primeiro, depois contra todo pecado venial, a fim que eu me consuma destruindo-os e afastando-os por todos os meios possíveis, sem magoar nem machucar ninguém, e isso por amor a Deus que ele fere e desonra de modo tão estranho.

Matinas. Unir-me a Jesus Cristo pedindo-lhe que eu morra a todas as coisas exteriores, mantenha meus sentidos dominados e ficar sempre a seus pés no meu coração, só

174. A partir deste ponto, o fim do parágrafo está escrito, sempre a lápis, em cima de um outro texto riscado: “Minha alegria... pelo S. Coração. Minha tristeza, volto sobre minha infância, erro de ter passado por essa negação que ele fazia de nossos sentimentos naturais, questões de dinheiro, lista das permissões que devia copiar, Srta. de S. Victor” – Depois, uma frase a tinta: “fazer uma aristocracia daqueles que se deixam maltratar.” E mais três linhas a lápis: “Pierre David – irmã conversa de que fala ir. M. Madeleine – Ordem Terceira feminina.” – E a tinta: “impossibilidade de pagar M. Gouraud.”

com Ele, e bastante feliz de estar até na aridez, para unir-me a seu amor e ao seu conhecimento da infinita bondade e perfeição de Deus.

Sábado 13 de junho [de 1846]¹⁷⁵

C.1743

Ontem enviei minha prestação de contas.. Comecei São João da Cruz e fiquei tocada ao pensar que eu não havia nem começado a servir a Deus. Resolvi procurar sair pelo menos dos maiores defeitos e da busca de minha natureza a fim de poder crescer no amor de Deus, ser abrasada e purificada espiritualmente por ele. – Li e percorri alguns folhetins¹⁷⁶ e deitei tarde pois fiquei lendo. No mesmo sábado resolvi na adoração colocar-me sob a direção de São João da Cruz, e lhe prestar contas cada noite e santificar minhas ações diárias sobretudo pela pureza de intenção. Falei com a Ir. Marie Augustine, Marie Gonzague e Térèse, li ainda um folhetim, me queixei de uma cólica.

Domingo – Li um folhetim, senti muito não receber carta de Nismes [Nîmes]; estive muito tempo com Ir. Térèse Emmanuel, e dormi bastante na capela, passei a noite com a doente.¹⁷⁷

Segunda, fui dormir bem tarde, recebi carta de Nismes, com certo desprezo, cansaço e sono durante o dia, resolução de agir de forma mais perfeita.

Terça, fui dormir bem tarde, não consegui escrever até domingo, dormi até depois da Missa, terça, quarta e sábado, li os folhetins até sexta feira, quando recebi a resposta à prestação de contas, depois de ter recebido na véspera uma breve resposta muito boa, perturbação e dureza em geral, fiquei melhor quarta feira depois de ter chorado muito, com abandono e confiança diante do Santíssimo Sacramento, bastante devoção, quinta, na procissão pedi na bênção a graça de agir com maior perfeição, de uma vida mais austera, humildade, obediência, a união ao P. d'Alzon, sobretudo amor de Deus e zelo pela obra e por nossas irmãs, depois a conversão dos pecadores etc.

Sexta feira, levantei justo para a Missa, isso me aborreceu. Fui um pouco brusca em respostas a Ir. M. Augustine, e a outras irmãs, um pouco de impaciência e severidade com os defeitos, impaciência pelas perguntas que me faziam quarta feira.

aborrecida por Ir. Marie Thérèse e por ter esquecido algo para as meninas, falei com Ir. Marie Gonzague sobre o P. d'Alzon.

Sábado, nada de particular.

Domingo levantei pelas 5h½, resolução de ser afetuosamente humilde, pois percebi que o que me feriu foi ter que corrigir na fé minha amizade, pois preferia entregar sua guarda ao orgulho, apesar do desejo de terminá-la. Melhor para mim pelo despojamento de mim que encontro mais no amor que no desapego.– Ter lido um

175 Confrontando com a correspondência de Maria Eugênia, é possível colocar essas Notas em junho de 1846.

176 Na carta 1739 ao P. d'Alzon, de 22 de junho de 1846, Maria Eugênia fala de “uma história relativa à chegada de Maria Antonieta na França e da mania de Mesmerismos (= hipnose induzida) e Sonambulismos da época” O dia 30 de junho ela escreve:”Li sem escrúpulo a história de Maria Antonieta, até o dia do Sagrado Coração, quando recebi a resposta a minha última prestação de contas, onde você me repreendia. Resolvi então me abster e no entanto li depois alguns trechos indiferentes, como os retratos de Luiz XVI, de Dona Luisa etc” (C. 1743)

177 Ir. Térèse Emmanuel estava muito grave, com sarampo. Cf. C.1736, 11 de junho de 1846. Carta 1743, 14 de junho de 1846

folhetim sem antes ter querido fazê-lo. – Chamou muito minha atenção durante o dia a austeridade de São Carlos e do que ele diz: Sete horas de sono não são para quem tem responsabilidade de almas. tomei boas resoluções e pensei, em relação ao P. d’Alzon, que eu estava cheia de mim mesma, decidi ser mais exata na obediência, visto que quando faço uma falta estou disposta a fazer mais, e a sustentá-la, e isso é muito ruim (Levantar exatamente cansa).

Segunda feira, meditei no pouco que estou procurando seguir em tudo, a vontade de Deus, com a obediência da santa hóstia, agindo com essa prontidão. Resolvi procurar novamente só viver para ver, adorar Jesus Cristo pela fé e obedecer-lhe, pedi com insistência essa flexibilidade, comunguei pelo papa¹⁷⁸.

Terça, quarta e quinta – não escrevi nada, tenho mais paz, confirmei a resolução de colocar meu coração aos pés do P. d’Alzon, escrevi para ele, apesar de um movimento de amargura que tive por causa do final de uma cartinha que me mandou, a única depois da grande de sexta feira. Levantei tarde, fiz uma hora de Oração terça e quarta, nada na quinta, passei essas Orações a aguardar e espere a vida sobrenatural, a querer ser, segundo uma resolução do ano passado, algo humilde e baixo, sentimento iniciado de remorso e contrição de minhas rebeldias que foi diminuindo depois de minha conversa com a Srta d’Esgrigny 5ª feira. Disposição, no entanto, mais suave e mais livre, visto o que havia de bom nas suas outras cartas, quando as li para Alix, maior facilidade para falar bem dele. Temo um sentimento de orgulho pelos serviços que posso lhe prestar e a influência que posso ter sobre seus filhos ou a que posso lhe dar ou lhe tirar sobre minhas filhas.

Sexta feira, não me lembro.

Sábado, amargura com a carta de Nîmes, falei sobre isso com Ir. Marie Augustine, mas moderada e suavemente, disse em última análise, que seu grande mal está em não saber organizar nada *ordinavit caritatem*¹⁷⁹ e que nestes oito dias em que ele não tinha encontrado tempo para escrever nem para ler minha carta, nem para refletir um momentinho sobre a dor que me causou, tampouco em que durante todo o tempo que passou desde que ela dura, ele fez mil coisas menos importantes, sem levar em conta a amizade, a confiança e o coração da Superiora de sua Obra, e que arriscava fortemente aliená-las, mas que com a graça de Deus, isso não aconteceria. – Que eu estava tentada de desprezo por essa incompreensão de um sentimento profundo de que o bem que ele não me fazia eu o recuperaria nos sacrifícios que seu caráter me obrigava a fazer. – Fiquei desgostosa o dia inteiro.

Domingo, muito perturbada na comunhão e até o fim, em que consegui me serenar com este pensamento: que o verdadeiro momento de entregar meu amor até o extremo, era aquele em que, por não encontrar consolo em coisa alguma, tinha a certeza de não estar apegada à criatura, ou se buscar nela. – Durante o dia tive muita paz tanto que não cessei de agradecer a Deus, e que esperei encontrar nesse sacrifício o acesso a seu amor, sobre o qual Semenenko me tinha dado uma resposta a uma prestação de contas que me fez muito bem.

178. Pio IX eleito dia 16 de junho de 1846. Maria Eugênia escreveu ao P. d’Alzon em 11 de junho:” Temos a exposição do Santíssimo esta semana, rezo muito pela eleição do novo Papa, é a única coisa que me ocupa fortemente” C. 1736.

179. Cf. Cant. 2,4 *A bandeira que desfralda sobre mim é o amor*. – *Ordinavit in me caritatem*: São Bernardo, Sermões sobre o Cântico dos Cânticos, 49,5.

Segunda feira, não escrevi nada até sábado [4 de julho], enviei a prestação de contas; pouco rezei, me ocupei muito das irmãs, vi duas vezes a Srta. d'Esgrigny, disposição triste nos últimos dias, pedi a Nosso Senhor, sexta e sábado á noite, que viesse em mim tudo curar e endireitar. Senti muito ter pensado Sexta durante a noite no que poderiam dizer no baile de máscaras. Levantei tarde a semana toda e me cuidei bastante. Passei muito tempo com Ir. Thérèse Emmanuel, que nos dá frequentes preocupações. C.1743 C.1745

Quinta feira, nada escrevi desde segunda estive muito recolhida segunda meditando pausadamente o *Creio em Deus Pai onipotente*, tema único de minha confiança, com *Jesus ... no Espírito Santo que é Senhor e nos dá a vida*, todas as palavras do Creio me deram muita alegria. Pensei no entanto em ter uma confiança proveniente do fato que Deus o indicou como padre e com poder sobre mim. Fiquei este dia e o seguinte com o pensamento que é necessário ser dessas almas que querem sofrer em Deus e fora de Deus, e que é bom para mim não estar apegada ao P. d'Alzon senão como Jesus Cristo na Cruz, sobre as feridas e sem repouso, que devo encontrar meu repouso aí, sem buscar me livrar desse sofrimento. – À noite no recreio falei, rindo, que os ausentes ficavam longe do seu coração. Quarta e quinta de manhã, tive amargos sentimentos de crítica; pouca ou nenhuma Oração. Amargura intensa por tudo. Vi muitas irmãs terça, cansaço e pouco trabalho na quarta. Escrevi cartas boas ao P. d'Alzon. C.1751

Nada escrevi até dia 18 sábado. [Escrito no alto da página e o resto está em branco, bem como a folha seguinte.]

Quarta feira. Rezei pela Srta. d'Esgrigny e comunguei, confiança. – Quinta idem, sua decisão. – Sexta meu voto de despojamento. Sábado renovação dos votos, humildade que impede ser impositiva.– Palavra da *Imitação*: a alma piedosa tem sempre com ela seu consolador Jesus e lhe diz fica perto de mim, Senhor (Livro 3, c.16). faltas, olhei um folhetim, conversa um tanto longa com Ir. Marie Augustine, Srta. Dubosc.

Domingo, pouco recolhimento na oração, Missa e Comunhão. Capítulo sobre a castidade. Divaguei, olhei os jornais, vi um pouco um folhetim do *Estafette*, disse uma palavra a Ir. Marie Gonzague sobre o P. d'Alzon, disposição sem amor. Melhorei depois da visita do Sr. Castan a sua religiosa, mais recolhida em Vésperas, uma história ruim sobre Jerôme com o Sr. de Franchessin, fui interrompida de manhã e de tarde na Oração, recreio bom e útil a Ir. Claire Emmanuel, rezei á noite porque antes tinha dormido, tendência à humildade e à obediência, julgando-me indigna de repouso, de amizade, de estima, pedi humildade e resolvi ser fervorosa.

Segunda, meditei sobre a misericórdia que torna manso, empreguei pouco a manhã, tomei enfim a disciplina, deitei logo após o Ofício, fiquei mais sonolenta.

Terça feira, tentação de rigidez, durante a hora de Oração, terminei com a resolução de dar a Jesus Cristo e aos outros o que eles desejam, as almas, a confiança, me rebuscar menos e olhar, agir com devotamento amoroso. Pensei muito pela manhã o que poderiam me dizer. Você nunca me desobedeceu. Fofoquei das Srtas. Carbonel na enfermaria depois da comunhão. Fiquei demasiado, à tarde, com visitas e sem recolhimento. Resolução sobre a pureza de intenção, humildade na ação, unidade nos projetos.

depois de uma semana.

C.1721 Quarta feira 6 de maio [de 1846] . – Muita aridez, distraída esta manhã, impaciente
C.1724 por ver uma irmã do avesso – não comunguei. De tarde fiz uma hora de Oração, confessei, tomando com dificuldade a resolução de suavizar meu coração com 3 pessoas, frente às quais não o tenho ruim, mas altivo ou ferido: (P. d’Alzon, Ir. M. Thérèse, Ir. M. Gertrudes). Fiquei tempo demais no parlatório, durante o recreio, com Srta. Dubosc e não fui suficientemente reservada ao falar de mim.

Quinta 7 de maio. Aridez e distração pela manhã, pedi a Deus que receba as intenções e o amor de Nosso Senhor revestindo todas minhas ações do dia e decidi perder-me nele já que só ruindade no resto de minhas disposições. O dia foi mais ou menos, bastante paciência com a fúria de Ir. M. Augustine, oração pela França em São Miguel e recolhimento à meia noite.

N.203/01 Sábado santo. *Seus muitos pecados lhe são perdoados porque amou muito* (Luc 7,47). Oração de amor e de tristeza. Na véspera fui brusca com Ir. M. Thérèse por uma irregularidade. Existem em mim dois seres, um, a respeitar, tem relação com Nossa Senhora, outro a quebrar é a pior das pecadoras, eu. Impaciência e rudeza de manhã com Ir. M. Thérèse.

Quarta feira Santa¹⁸⁰ e os dias precedentes: sentimento da grande da tristeza de Nossa Senhora e de Nosso Senhor ao ter que se separar, nem mesmo aproveitando os últimos instantes, de Jesus Cristo totalmente entregue a seus apóstolos na última Ceia, em lugar de se entregar a esse amor puro, a essa alma divina. Sua oração: *Por eles eu me santifico* (Jo.17,19) *Nenhum deles se perdeu* (Jo.17,12) *Manifestei o teu nome* (Jo 17,12) tudo isso como meu modelo, Nossa Senhora dada às santas mulheres e seu sacrifício nisso.

Sentimento grande que tudo nesta vida é passageiro e mentiroso tudo o que não é de Deus ou em Deus. Ciúmes por todas as emoções desordenadas que tenho, desejo de ver a Deus para amá-lo acima de tudo isto.

Meu sacrifício, em relação ao P. d’Alzon, ao pensar que doente não cuidarei dele nem o verei mesmo que esteja morrendo.

tristeza da Sexta feira Santa que parece não sair de meu coração

A vantagem de poder falar na direção espiritual, é que se pode colocar nas almas o que se quer.

C.1727 Belas almas aqui, M. Gertrude.

180. Maria Eugênia colocou Sábado Santo antes de quarta feira

a copiar¹⁸¹

Estamos de acordo que os confesores deveriam ser escolhidos dentre os da Ordem e que não cabe a nós ser reservadas com eles, mas é o Superior Geral quem deve aconselhar-lhes que se limitem aos pecados, que pouco se misturem a outros assuntos mas enviem as irmãs, o mais possível a sua superiora, para toda direção, conciliando tudo nesse sentido. – 2º O superior local na sombra. 3º O Superior Geral deve estar em relação com a Superiora Geral por meio de um Delegado, sua opinião prevalecerá, a menos que 2/3 do Conselho seja contra.

Sexta feira 8 de maio [de 1846] Impaciência com o P. Gabriel, crítica e aborrecimento de Ir. M. Augustine que voltou pela manhã, agitação sobre tudo isso na minha oração de obediência a noite. C.1721
C.1726

Sábado – Pensamentos de orgulho. Que me importa que sejam amáveis ou não, que me importa que o próximo seja desta ou de outra maneira, desdém que me proporciona mal-estar e aridez com Deus; dificuldade para rezar, rigidez, bastante recolhimento à noite.

Domingo na Oração, estive sob a humilhação de meu orgulho, desejando que o quebrem, sentindo a necessidade de ser tratada com severidade, comandada, que o P. d'Alzon não tome... C.1722

Segunda, Terça, Quarta, Quinta. Aridez, uma vez não levantei na hora pois tinha deitado tarde, li um folhetim e a metade de outro.

Sexta feira, levantei às 5h.½ distraída e ruim na Missa, na comunhão, dureza com a carta do P. d'Alzon a esse respeito, desejo de não jejuar nem tomar a disciplina, no entanto o fiz, falei mal e demais de minhas disposições a Ir. Thérèse Emmanuel, faltei também ao Ofício da manhã, fiquei com o Sr. Himelet (Imlé?). Hora de oração árida.

Sábado 16 de maio. Com tanta aridez e confusão na Oração e na Missa, não ousei comungar; conversei com irmãs, com cuidado e bondade, fui um pouco longa com o Sr. Saget, li o final de um folhetim.

Confissão com desejo de melhorar. Hora de oração sem conseguir rezar, perturbação.

Domingo 17. Perturbação amarga na oração, apesar de desejar muito preparar-me bem para comungar. Capítulo com bastante zelo a julgar pela acolhida das jovens apesar da tristeza que eu sentia, melhorei depois. Na comunhão, disposição de chegar a ter um amor humilde, que se abaixe e longe de desejar ser respeitada, despoje todo egoísmo. Querer ser amada servida na comunidade, tomando sua santificação como objetivo de minha vida e colocando aí minha santificação, de forma que as Missas celebradas pelas irmãs o sejam também pela alma de minha alma e para meu melhor negócio pessoal diante de Deus. Perdi um pouco de tempo pela manhã, pouco recolhimento durante o dia nas visitas e outras coisas. C.1722

Segunda, bastante paz na Oração, na procissão da comunhão pedi a Nosso Senhor que me desse a paz e a graça de ser humilde e não me buscar tanto, dispersa

181. Escrito no alto da página. Com certeza Maria Eugênia queria recopiar este texto.

trabalhando pela manhã, amargura de tarde ao começar a escrever. Idem no recreio da noite, falei pouco por concentrar-me, faltei ao Ofício por Ir. M. Thérèse.

Terça 19, disposições amargas, lembranças das coisas que me machucaram, críticas de coração e de caráter que estou tentada a fazer, na Missa e pela manhã, tudo por causa da carta que devo escrever. Mais calma depois que escrevi. Tendo passado a oração da manhã a rezar o Ofício, tomei ½ hora prosternada à noite em espírito de obediência, mas dormi um pouco. (cilício, vi a Srta d'Eg. [Esgrigny?]).

Quarta, negligência para escrever, jejum, demorei em tomar a disciplina, espera de uma resposta, tensão por não a receber, decidi fazer como faria Nosso Senhor no meu lugar, no entanto pensamentos de amargura, rigidez, retorno interior sobre as coisas que me feriram, esforço repetido para afastar essas coisas por pensamentos piedosos.

Quinta-feira ascensão [sic] – ainda ao deitar pensei uma hora em todas essas coisas, amanheci melhor, pedi na oração e na comunhão um coração mais semelhante ao de Jesus Cristo que ama os seus com indulgência, os tíbios com esforços para torná-los perfeitos, e até os ruins com ansiedade. Resolvi procurar amar a todos com zelo e ardor, tentações de desespero, combatidas com pensamentos do amor de Jesus Cristo até por almas como a minha, sentimento íntimo de que em mim não há nada para ele e que eu não estou entre seus eleitos. À noite, bastante boa Oração e a resolução é 1º combater e destruir até o menor movimento de orgulho, servindo-me de tudo para isso e reconhecendo que junto com minha preguiça é o que mais desagrade a Nosso Senhor em mim. 2º renunciar a tudo o que vem do eu e volta para o eu – isso a respeito da recompensa dos menores méritos no céu. Pedi a Nosso Senhor por minha salvação e pelas obras, que me mude completamente; pois me sinto muito longe de sua vida, tal como deveria ser em mim. Preciso encarar as coisas não de maneira natural, mas como o véu sob o qual sinto que está Deus. Faltas: falei com muita superficialidade com o Sr. de Franchessin, faltei as Completas.

Sexta feira, Oração sobre a *Imitação*, Cap.I do Livro 2, bem até que eu escrevi a Nismes, perturbação, volta ao que eu tinha dito sobre a independência em minha carta em oposição aos pecados da carne.

Sábado, Estado de purgatório o dia inteiro, trabalhei pouco pela manhã, falei à noite com Ir. Térèse Emmanuel.

C.1730 Domingo 24, Falei com o Padre Semenenko, estive bastante bem

Segunda 25, Levantei tarde, rezei Prima só às 3h, um pouco por negligência, fiz de noite ½h de oração prostrada, lembrando os sentimentos do retiro que fiz nessa mesma época nas Dominicanas¹⁸². Vi ao P. Gaume, estive bastante bem, trabalhei pouco, mas conversei com Ir. Thérèse Emmanuel.

Terça 26. Fiquei aborrecida com a carta do P. d'Alzon sobre minha aflição. Respondi outra talvez dura. Fiquei perturbada o dia inteiro, rezei pouco e me senti abatida e displicente, desleixada porque quebrada.

Quarta feira. Levantei muito tarde de manhã, continuação da perturbação, até que reli as cartas antigas, e me senti melhor e resolvi não dar tanta importância a minhas pequenas misérias e, a minhas feridas, de tarde forte moção para uma vida mais dedicada, mais dura, mais entregue aos outros. Sobre esta palavra de Jelowicki:

182. Alusão ao retiro feito em 1837, depois do encontro com o P. Combalot Cf. N 154/01.

“Entrega-te, se queres que os outros se entreguem” e também sobre o que o P. d’Alzon me disse a esse respeito, onde há menos prazer em viver há maior generosidade. Fiquei demasiado com o Sr. H. [nome ilegível]

Quinta. Levantei às 4h½, maior recolhimento na Oração, Ofício, Missa e comunhão. Resolução de viver em presença de Deus com os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, cilício.

Sexta feira. Levantei às 4½. Perdi um pouco o tempo por aborrecimento do que estava fazendo, não jejei por cansaço. Durante a hora de Oração pensei sobre a humildade escolhendo o último lugar, a obediência despojando-me de meu próprio juízo; o espírito de Deus querendo encontrar uma alma vazia de imagens. Procurei ter por única imagem diante dos olhos Jesus Cristo confuso por minhas faltas.

Visita do Sr. Michel, escrevi até tarde à noite.

Sábado. Hora de Oração das 5½ até 6½ da manhã, dormi. Conversei com muitas irmãs estes dias. Sofri do jejum. Esqueci as penitências no refeitório, deitei tarde por ter ficado falando com Ir. Thérèse Emmanuel. Antes, visita do sr. Chavin.

Domingo Pentecostes. Levantei tarde demais, idas e vindas antes da Missa, falei um pouco bruscamente às irmãs que saiam. Recolhida na Missa com estas palavras: *Nada há no homem que não esteja manchado.*¹⁸³ Necessidade do espírito divino para me abrasar de amor e me dar um coração novo.

Entrevistas com as irmãs (faltei de cortesia ontem com a sra. Berthy), pouco recolhida em Sexta, Noa e Vésperas e até na benção do SS. Demasiada pouca reserva com o Sr. de Franchessin e os Puymaigre. – Boas resoluções à noite no Ofício, rezei bem o Terço, e o Lembrai-vos, dormi pedindo a Nossa Senhora para me conceder o espírito de perfeição interior.

Segunda [1 de junho] Comunhões áridas.

Propósitos.

Não escrevi nada até sábado. Rigidez e aridez, sobretudo a partir de quarta, tardei em fazer a hora de oração, falei com Ir. Th[érèse] Em[manuel] de tudo isso, com certa amargura.

Esqueci a disciplina de quartafeira. Rigidez e altivez diante da carta do P. d’Alzon, senti pesar em relação a Deus, ao comungar. Melhorei Sexta à noite pensando que poderia obter de Deus Pai o que perdi e também em querer perder-me no Espírito Santo. Oração prosternada quinta e sexta. Perdi tempo, preguiça, abatimento, sono prolongado.

Sábado. Ainda rigidez e preguiça durante algum tempo, li nos dias precedentes alguns folhetins que o P. Gabriel me disse para ler.

Domingo. Muita angústia de manhã e na véspera á noite na oração, apesar de meus esforços, no entanto bastante bem na Missa, comunguei porque o P Gabriel assim o quis, melhorei no decorrer do dia, fui pouco amável com a Srta. Dubosc, faltei à Benção do SS .por causa da Sra. de Gontaut.

Segunda [O resto da folha e as duas seguintes estão em branco.]

[A partir daqui retoma o caderno no sentido contrário.]

183. Sequência de Pentecostes, *Veni Sancte Spiritus*.

c.1753 30 de julho de 1846. Experimento hoje um grande alívio, minha alma está mais serena, sente mais força para a virtude. Ontem, na comunhão, festa de Santa Marta, me senti recolhida unindo-me a ela para receber Jesus Cristo – fazer o que Jesus Cristo lhe tinha dito, colocar-me aos pés do Mestre, *só uma coisa é necessária* (Lc.10,42), e lhe pedir tudo o que necessito e pedir-lhe que me fale. Eu o invoquei como meu socorro, minha riqueza em nossas necessidade de dinheiro O Todo Poderoso, Aquele que não pode desprezar nosso amor, pois se ofende se o dermos a qualquer outro. Fiquei perturbada ao receber a carta do P. d’Alzon, sobretudo por ter que lhe responder, sem saber se deveria lhe dizer tudo o que sinto. Chorei amargamente ao falar com Ir. Thérèse Emmanuel e ao escrever disse meu pensamento o mais suavemente que consegui e depois me senti melhor. Fiz bastante bem a oração à tarde e esta manhã também depois de comungar, voltando aos mesmos pensamentos e também aos de Nosso Senhor no deserto. Confessei ante-ontem e procurei evitar todo pecado desde então. Sinto a necessidade de ser perfeitamente obediente para conseguir a paz. Seria mais fácil de perto, mas sinto que deveria ser mais misericordiosa e benevolente, isso é o que me custa mais. Relendo a carta de ontem, não me pareceu tão seca.

[As notas do caderno terminam aqui, somente com duas linhas no alto da página. O resto ficou em branco. Na página seguinte, a lápis, três endereços:]

Sr. Bourdon prefeito de Nîmes

Sra. Hesse cours Bonaparte 23

Sra. Brunel rua Sylvebelle 98]

N.241/02 [Duas folhas pequenas destacadas, mesmo formato que as precedentes, junto com outras folhas, na capa do caderno N 241/01. A lápis.]

Continuação do 25 de março

Tal como sou, com o coração totalmente abandonado, desejo ardentemente a visão de meu Esposo que será minha paz. Não lamento nada de minhas fases anteriores, não odeio nem desejo meu estado presente, pois coloca em mim um movimento que é o que há de mais delicado e mais vivo em meu ser; quero bendizê-lo, aceito sofrer, quero sentir profundamente a fragilidade e a tendência ao mal; desejo somente tirar partido de tudo isto e me corrigir de todos meus defeitos. Nesse abandono e nesse propósito, no meio da tormenta, experimento com freqüência uma falta de forças, que me impede de trabalhar durante o dia, mas sinto também um certo amor e paz em querer nestas coisas as mais vivas de meu ser tudo quanto Deus quer. –

Sinto que há em tudo isso algo de refinado. Não depende de mim nem de minha vontade, só do meu jeito de sentir. Em outras coisas mais rudes e gerais não me sinto tanto em relação com Deus – mas desejo não aborrecer aqueles a quem Deus não pede isso. Falo unicamente para prestar contas. Custa-me muito falar de tudo isto. – Sinto mais temor de Deus, de sua santidade, de seu Ser, do que confiança e amor. Quero amá-lo de tal forma e desejar sua presença como desejo a do P. d’Alzon, mas pode ser que a deseje mais, pois se estivesse privada dela, a vida seria sem dúvida insuportável para mim.

faz tempo me chamou a atenção que não há nenhuma ação indiferente – minhas virtudes de atrativo divino: humildade e obediência.

N.241/03 [Bilhetinho quase apagado, do mesmo formato, inserido na capa do caderno N.241/01. A lápis.]¹⁸⁴

9 de outubro de 1849

Preciso ser sustentada

1º na observância exata da Regra

2º em atos freqüentes de submissão e de obediência para prevenir a emancipação de minha vontade e a destruir

3º em atos de penitência e de humilhação que não faço, por negligência e falta de fidelidade e austeridade.

4º em ter o coração alerta para banir dele todo pensamento de crítica, de aborrecimento etc. e somente ter pensamentos de amor para todos e que minhas palavras e atos brotem do amor

5º em encontrar autoridade e castigo pelas faltas que não consigo corrigir por mim mesma, visitas demasiado compridas etc.

6º em ser mantida e sustentada para só buscar como é meu desejo e o prometi a Deus, minha única alegria em fazer sua vontade.

7º nas refeições ser levada à mortificação e ao desapego habitual, punida pelas faltas ou pensamentos de gula.

N.241/04 [Bilhete maior, a lápis. Escrito muito tempo depois dos precedentes, mas inserido na capa do caderno NI 241/01]

Resoluções [de 1878]

N.232
N.234/01

Tomar por divisa: *Vim trazer o fogo na terra e que mais desejo senão que seja aceso* (Lc. 12,49). Acolher todas as coisas pelo lado em que se relacionem com o Reino e Jesus Cristo, levá-las a isso e com todos procurar dizer alguma coisa que possa levar a estabelecer esse Reino ou a desenvolvê-lo. Abraçar a renúncia por fidelidade ao chamado que me faz Jesus Cristo, por amor a Jesus Cristo e para responder ao seu chamado par segui-lo. Renunciar-me naquilo em que minha natureza me arrasta e se exhibe, impaciências, desejos, voltas sobre mim mesma etc...

Voltar com freqüência à união com Jesus Cristo, a seus pensamentos, suas moções, sua visão sobre todas as coisas, seus mistérios, sua presença em mim a cada quarto de hora se eu o conseguir. Lembrar que ele trouxe para nós o mistério da santidade, em seus aniquilamentos, sua obediência, sua pobreza, seu silêncio, seus sofrimentos, seus abandonos, o desprezo e a perseguição. É o que faz de sua Paixão objeto de dúvidas e de tentações.

184. O bilhete tem no alto da página, e com uma letra ruim, os nomes de “Catherine peeternella wauters e M gouweloos”. Catherine Wauters entrou no postulado em 16 de novembro de 1849. O registro dos votos, feitode sua mão e com a mesma letra de acima, leva o nome: Catharine Petronille Wauters.

N.241/05 [Pedacinho de papel rasgado, letra de juventude. Inserido na capa da N 241/01.]

N.156/01
N.222/01
N.230/01

Quando você viu no dia de minha Crisma¹⁸⁵, minha alma inundada de alegria – é que cada dia Deus a renova. A alma confusa por tão grande amor gostaria de ter alguma coisa para retribuir, sofrimento ou sacrifício, em sua santa embriaguez ama tudo o que é penoso e a menor falta, a menor imperfeição é tudo o que teme. Uma crítica, uma vaidade – a obediência seria então alegria. É vaidade querer se relacionar com pessoas de sua classe – Jesus, o Rei do Céu vivia com pescadores.

N.241B/01 [Bilhete num papel longo e estreito 24x10; escrito a lápis, muito difícil de ler.]

Sobre o ideal de perfeição¹⁸⁶

Que você quer, Padre¹⁸⁷, apenas estou sozinha com Deus e que o escuto intimamente e seriamente, não posso deixar de sentir que precisaria ter mais pureza e fidelidade.

As imperfeições que tenho habitualmente, as menores resistências e repugnâncias, as menores ocupações de mim mesma, me parecem tão culpáveis, e percebo que impedem tanto o bem e desagradam tão fortemente a Deus, que fica claro para mim, que posso evitá-las, com uma verdadeira obediência e despojamento interior, que gostaria que você as estimasse como eu para que me ajude a estimá-las sempre segundo Deus. – Então é verdade que desejo ser conduzida vigorosamente e que me censurem também severamente, pois reconheço merecê-lo diante de Deus, até pela menor imperfeição; que queiram me tornar perfeitamente obediente, humilde, mortificada, que a menor negligência, irregularidade, falta de submissão, de modéstia, palavras secas, ou qualquer palavra que não seja humilde e suave seja severamente repreendida. – Parece-me que todo esse mal deveria desaparecer, e por pouco que aparecesse eu deveria fazer severas penitências. Mas, de onde pode vir tudo isso senão de Deus, que me concede a graça suficiente para evitar essas faltas, e o ofendo pela covardia de minha vida, pois posso acrescentar que a severidade e a exigência nesses pontos geram na minha alma alegrias imensas quando as aceito. Quer dizer, não posso reter a alegria de ser fiel a Deus e essa alegria transparece no exterior, sem que eu faça nada.

C.1561

tríplice dependência onde reconheço que devo entrar: 1º de Deus, pela humildade, fidelidade a suas moções interiores e fervor para lhe dar até meus menores instantes, voltando ao serviço que lhe devo, desde o momento que os outros me permitem – 2º de obediência, tornando-a suave, humilde, pronta e perfeita – 3º de minhas irmãs, tornando-me sua servidora por um grande espírito de sacrifício, de zelo, de doçura na caridade, sabendo que todos meus instantes lhes pertencem e não devo recusar nenhum seja de dia seja de noite. – Esses três servidões são de Deus, todas 3. – Toda de Deus pelos outros, toda da obediência para Deus, toda dos outros por Deus. – Mas jamais minhas, cedo novamente toda posse de mim, pois quando a usurpei foi sempre injustamente. – Nunca mais quero dizer: até que enfim tenho um momento para mim,

185. Alusão a sua Crisma, o que indica que o bilhete é de uma data posterior ao Domingo de Páscoa, 15 de abril de 1837, e dirigido ao P. Combalot que estava presente.

186. Este texto data provavelmente de 1842 (Cf. C. 1561, 16 de setembro). Parece ser o primeiro onde seja questão deste “ideal de perfeição” cuja idéia volta muitas vezes e é retomada ao longo dos anos: NN 203, 208, 210, 215, 222, 223, 224, 246/03.

187. Talvez rascunho de uma carta.

nem usar para mim nenhum instante, nenhuma coisa, nenhuma de minhas faculdades. E se chegar um momento em que a obediência não pede nada, nem minhas irmãs me necessitem, então eu serei de Deus para elas. – Minha divisa será: Toda de Deus para elas, toda delas para Deus. – Meus bens espirituais, penitências, orações, comunhões, tudo para elas, pedirei para mim só a graça de servir bem.–

O que é bem contrário a tudo isto, é que quando expresso minha vontade em alguma coisa, a mantenho firmemente. Se apenas disse: não quero ler esse livro, fico de muito mau humor se me obrigam a lê-lo,

Geralmente minha vontade dominante é sempre sobre a mortificação e o estudo. Não estou disposta a estudar o que deveria saber, e sofro que me imponham mortificações. Em geral há uma coisa que ainda me perturba e é ser repreendida e humilhada, não dever me desculpar, e que disponham de mim – isso me inspira revolta, também responder à fidelidade para com Deus por um cuidado extremo nas pequenas coisas, não fazer coisas inúteis (na comunicação espiritual, palavras vãs, voltas sobre mim, pensamentos inúteis etc.) e não perder um instante, pois Deus já me pediu bastante trabalho, se eu trabalhar de fato para levar esta casa à perfeição.

Enfim, depois deste retiro, devo me propor unicamente escolher sempre o mais perfeito, sabendo que ainda não estou preparada para que me permitam fazer o voto¹⁸⁸, nem eu ousar pedi-lo.

Em todas essas graças de que falo, ontem uma coisa é objeto de horror, e é que o pensamento de aniquilamento desapareceu em mim – e como não fui fiel, temo que Deus se aborreça achando-me com tanta resistência para sofrer – Peço-lhe por favor que me faça sofrer, me obrigue a permanecer na aflição, para que a obediência me mantenha em estado de sacrifício e que Deus veja que absolutamente não resisto. Somente posso pedir a Deus que seja glorificado em mim como ele quiser, e essas imperfeições são os impedimentos que eu lhe coloco. – Ele só triunfa na sua criatura quando ela é castigada.

N.241B/02 [Bilhete a lápis, sem data; letra parecida com a do bilhete precedente.]¹⁸⁹

resumir para ele que deve se colocar com autoridade, seriedade, com o espírito de Jesus, que pense bem no espírito fundamental de sua obra, e que o instaure sem duvidar, que seja o Superior e faça bons religiosos pela virtude e o sacrifício. Que gostaria que conhecesse melhor nossa Ordem, um retiro; se ele não admitiria uma Ordem Terceira para seus professores leigos¹⁹⁰ –

quanto a mim, que me faça entrar na linha por meio do esforço, se eu me afastar pelo prazer que me obrigue a dar provas de flexibilidade e sacrifício absoluto a Deus, que não me ceda nunca, que me suporte unicamente, que mortifique minha natureza para dar vida à graça, que o desprendimento generoso e o amor a Jesus poderão remediar

188. Não parece que esse voto de perfeição tenha sido feito. No dia 22 de setembro de 1861, o P. d'Alzon escrevia a Maria Eugênia : “Por vezes me atormento com esse voto de perfeição que deveríamos ter feito 15 ou 16 dias atrás. E você?”

189. Este bilhete tem sobre o reto, a tinta, na vertical :”Se julga bom que se ajoelhem diante do Superior.”

190. Este bilhete parece com evidencia que é dirigido ao P. d'Alzon e pode ser datado de 1844-1845. O P. d'Alzon funda sua Ordem, com uma Ordem Terceira, no Natal de 1845 e Maria Eugênia faz um voto de obediência ao Padre em 1845. Cf N° 198/01.

as invejas, que eu retirarei fruto vivendo este ano como um noviciado, por um voto de obediência a ele, que nós todas nos colocamos a sua disposição para rezar por uma Ordem análoga à nossa, que devo consultar as disposições de Jesus para com todos, pois em relação a ele, já as tenho.— Que não se deixe mais levar por movimentos naturais, como as brincadeiras com o Bispo, que gostaria que não perdesse o espírito sério a não ser pelo bem e a alegria dos outros e que se aplique a sacrificar todas as coisas pequenas, feridas, honras, coisas sabidas e escondidas.— que nós façamos disso um desafio, bem como fazer cada coisa com o espírito de Jesus, falar dele, imitá-lo e agir em sua honra.

É evidente que Nosso Senhor não teria feito isso. O espírito de Jesus é um espírito forte, ousado, espírito de libertador do mundo – mas não brincalhão nem superficial.

falar de sua obra, quanto aos estudos, a pobreza, austeridade, ao hábito (os Poloneses) às práticas religiosas, simbolismo de Jesus¹⁹¹ Regra dos Lazaristas¹⁹² se ele quiser ser aprovado se os religiosos de São Luis o são.

N.242/01 [Bilhete sem data, mesmo papel, mesma letra de juventude que a N.241/05.]¹⁹³

Você está comigo, Senhor meu Deus. Quanta bondade e misericórdia para com uma miserável criatura como eu, dignar-se morar perto dela e querer se fazer sentir às vezes no seu coração. Meu Deus conceda-me o amor imenso dos santos e santas que viviam em você e não neles e que o pensamento de sua presença alegrava em todas as dificuldades. E quando me aproxime da Santa Mesa e o receba no meu coração, você meu Criador e meu Deus, permita-me que me uma a você intimamente, e conceda-me alguns bons sentimentos para lhe oferecer. Como ousar pensar que fiz um sacrifício, e como não estar cheia de alegria e de admiração ao perceber que você Senhor diante de quem todo joelho se dobra, você permite a uma mulher cheia de mentira, egoísmo, vaidade, ruindades vergonhosas, chamá-la de sua Serva, sua filha, que digo? sua Esposa. Como meu coração estremece diante de tanta bondade, quero que seja inteiramente Seu, que todo o meu ser desapareça diante de você, e que eu compreenda finalmente que, mesmo se eu carregasse juntas todas as misérias, todas as dores, todos os desprezos do mundo, nunca teria comprado caro tão grande honra, nem as maravilhosas consolações que você já me concedeu. Por isso coloco tudo nas suas mãos, minha vida, meu corpo, minha vontade, que seja feita sua vontade, dê-me às vezes somente algumas lágrimas quando eu for rezar a seus pés, sustente-me e guie-me você mesmo, conceda-me o espírito de oração para me tornar agradável e me ensine a me desprender de mim mesma, porque você sabe, Senhor, que digo que quero, mas não o faço.

Mas você é tão bom, meu Senhor e meu Deus, que você levará em conta minha boa vontade e realizará em mim o que eu não sou capaz de fazer sem você. Se isso pode ser realizado somente pelo sofrimento, acho que o aceito de todo coração, dê-me a força de amá-lo, de ir adiante dele se for necessário. Mas que eu não esqueça nunca, que você deve ser abençoado sempre e em todo lugar, e sobretudo por mim, que você

191. Esta expressão testemunha a preocupação de Maria Eugênia, sustentada pelo P. d'Alzon, de apoiar as Constituições sobre o exemplo de Jesus e as palavras da Escritura.

192. Em maio de 1849, antes da partida para o Cabo, Maria Eugênia se encontrou com o Superior Geral dos Lazaristas, P. Étienne, e consultou sua Regra a respeito das Missões. Cf. C.2031.

193. O conteúdo como a letra deixam adivinhar que foi escrito antes da Fundação.

segurou maravilhosamente à beira do abismo, quando eu ia me precipitando, eu que poderia ter sido a pedra angular de um edifício de infâmia, e que mesmo o desejei, você bem o sabe meu Deus, e que me parece ao contrário ter sido preservada por milagre, para entrar no jardim fechado de sua Igreja e contribuir com minha pedra numa grande obra destinada a glorificar seu Nome.

Não permita que me preocupe do lugar que ocuparei, mas faça-me sentir como será belo e glorioso, mesmo se é o último, comparando-o com o que eu teria escolhido por mim mesma.¹⁹⁴

N.242/02 [Bilhetinho. Letra dos primeiros anos da fundação. Dobra na vertical.]

É necessário que eu aprenda, a criar, para minha relação com Deus, horas de oração pela mortificação do sono, entregando-me de noite à Oração mesmo se me custa; pela austeridade criar meios de recolhimento e de união a Jesus sofrendo, em todas minhas ações

procurar solidão interior e conversa com Deus, pelo silêncio total interior e exterior sobre mim mesma e sobre minhas práticas de mortificação.

Quanto a meus deveres, estar atenta, cada dia, à ordem, aos estudos, e à direção do colégio, ocupando-me com bastante cuidado e amor para chegar a partilhar com os demais minhas idéias e meu zelo.

estar atenta às irmãs em suas diversas ocupações durante o dia, para torná-las úteis e lhes mostrar que me interessa que tudo seja bem feito.

procurar ser mais curta e ao mesmo tempo bem suave na relação com todas fazer estudar e estudar eu mesma, tanto quanto possível, encurtando mais e mais as visitas, cartas, relações inúteis, e perder menos tempo.

encorajar as irmãs para fazerem bem seus trabalhos e a manter tudo em ordem.

Tudo isso na presença de Deus para servir a sua glória, obedecer a sua vontade e em união com o Verbo Encarnado, como é minha própria inclinação

Tenha piedade de mim Senhor, pois você sabe quanto sou culpada em tudo e quanto me deixo levar pela covardia, a preguiça, o desleixo, e a negligência diante de tudo o que apresenta alguma dificuldade.

N.242/03 [Papel maior. Dobra na vertical e três vezes na horizontal.]

N.247/01
N.248/01

Meu Deus eu lhe peço tudo o que você sabe que me é necessário para cumprir inteiramente sua vontade sobre mim, grande união com meu padre e nossas irmãs e a graça de santificá-las e de entusiasamá-las e sustentá-las, e as levar poderosamente para você; para mim, meu Deus, se você assim o quer, como me dizem, peço um pouco de sua luz e de seu amor. Confirmo meu desejo de me entregar a você para fazer tudo, sofrer tudo o que você quiser de mim, aceitar todos os estados que você queira. Eu me abandono a você sem reserva. *Eis que venho; no livro está escrito, para fazer tua vontade. Meu Deus tenho tua lei no meu coração* (Sl 39,8-9). Eu lhe

194. Pelo papel, a letra e o conteúdo, este bilhete é parecido com os outros bilhetes de 1837. As últimas palavras acompanham o formato de um rasgão do papel.

suplico, torne-me dócil a Seu Filho, faça de mim seu instrumento, faça que eu não lhe resista nunca, torne-me forte, generosa nas minhas repugnâncias, fiel em vencê-las: o que você não pode fazer, meu Deus, nada é impossível para você. Sim, você pode tudo o que eu desejo, você o quer pela sua bondade, você conhece os meios, pela sua sabedoria. Mesmo às custas de minha vida, de todo sofrimento e com o coração partido, a vontade e o espírito, eu lhe peço para me fazer entrar em todos seus desígnios e servir a sua glória, a seu amor em toda criatura. Eu me entrego, Senhor a uma obediência humilde e suave, flexível, submissa, cega, suave, amorosa, sem previsões, sem reserva e generosa até a morte; prometo pobreza, castidade e obediência, seguindo a luz que recebi de você.

Peço a simplicidade que tanto me faltou, a humildade confiante, oh! uma confiança ilimitada em você, grande, generosa, comunicativa, a graça de procurar somente você e avançar assim nessa pureza de intenção que tanto desejo, esse espírito de fé vivo que percebe você e o faz perceber pelos outros em todas as coisas, a atenção a sua presença, o espírito de Oração. Tenho tanta necessidade, meu Deus de unir-me a você e aprender a rezar e saber encontrar por generosidade tempo para rezar. Viver sob a ação de sua graça, na união seus mistérios, dar a você adoração, louvor e levar os outros a fazer o mesmo, peço sua graça para o Ofício, reverenciar, fazer reverenciar, amar, louvar a sua Majestade, você pode ainda me conceder tudo isso, pois o necessito tanto. Dê-me também a ousadia de chamá-lo meu Esposo, de apoiar-me assim em você. Ó meu santo Esposo, Esposo de Majestade, de caridade, de sacrifício, dê-me um coração grande, generoso, tire as mesquinhas, as misérias, as voltas sobre si, torne-me conforme o Seu coração para com o próximo e faça que todos o amem e se sacrifiquem por você.

Ó meu Deus *purificai-me de minhas faltas ocultas, e salvai também teu servo das outras*¹⁹⁵ repare, apague os escândalos que pude dar na minha vida, conceda a todos aquele a quem eu fiz dano, graças que reparem esse mal. Peço muito por todos aqueles que me fizeram sofrer, que me mortificaram, também por aqueles que me amaram e procuraram meu bem. Concede o repouso eterno a minha mãe, ela foi o 1º princípio de minha vocação, a conversão e salvação de Louis, do Sr. de Franchessin, sim, mesmo de Eugênio e de meu pai.

Você sabe Senhor que existem pessoas cuja malícia naturalmente eu partilho: conceda-me Senhor, quero sofrer pelo que me aproxima delas e me faz sentir o peso de seus pecados, Lamennais, V. Hugo, Buchez, eles me fizeram bem, todas as pessoas para as quais você quer que eu seja útil, Semenenko, Ferlezki, Caiezwicz,¹⁹⁶ seus irmãos, seu pobre país, a Irlanda, a França, a regeneração católica da Itália e da Espanha. Tenha piedade do estado da educação na França, esclareça o clero nesse ponto, abençoe as obras onde a infância é ainda cristã e particularmente a de Sr. Leboucher.

Conceda-me ser fiel ao estudo e ao trabalho e retirar proveito disso para seu serviço, dê-me espírito de ordem e a capacidade de organizar tudo nesta casa. Conceda-nos uma boa casa religiosa, afaste os problemas materiais que prejudicam o bem, que o Sr. Duverger aceite ceder-nos seu terreno¹⁹⁷, enfim tudo o que você sabe que necessitamos.

195. Sl 18,13-14 – Tradução segundo a Vulgata.

196. Os três são sacerdotes da Ressurreição, poloneses.

197. O terreno do Sr Duverger era contíguo ao terreno de Chaillot adquirido por Maria Eugênia em 1844.

N.242/04 [Bilhete, formato de caderno, escrito no reto e só uma linha no verso; letra de juventude.]

Jesus Cristo se humilhou, tomando a condição humana, e se humilhou ainda mais obedecendo até a morte e morte de cruz (Fil.2,7-8)

Humilhar-se diante de Deus, aniquilar-se diante de suas grandezas infinitas, que tem de difícil? Mas não é somente a humildade teórica que Nosso Senhor Jesus Cristo veio nos ensinar. Ele que, sem presunção, podia se assimilar a Deus, ele se aniquilou, fez-se semelhante a um escravo, abaixou-se diante de todas as criaturas, quis sofrer os ultrajes e desprezos. Mas Nosso Senhor Jesus Cristo é nosso modelo; é nosso caminho e nossa vida: é nele que somos salvos, mas com a condição de viver unidos a ele como os ramos à videira, de viver de seu espírito, de completar em nós o que falta a sua paixão.

As humilhações que Nosso Senhor quis suportar, não eram devidas a sua santidade sem mancha mas a nossos pecados. Ele as sofreu para nos ensinar que eram devidas a nossa natureza rebelde, orgulhosa e suja; colocando-se em nosso lugar foi considerado *o opróbrio dos homens e a abjeção do povo* (Sl 21,7). Por nós mesmos somos só o nada e o pecado: o nada só merece que o esqueçam, o pecado só mere a vergonha. Mas como o pecado que herdamos de nosso primeiro pai era um pecado de orgulho, não existe paixão maior em nós do que o desejo contínuo de querer que pensem em nós, que nos amem, que nos estimem. Para viver do espírito de Jesus Cristo, precisamos renunciar a esse desejo idolátrico de encher nossos corações de nós mesmos, quando é somente Deus que deve cumular-nos: devemos nos fortalecer para fazer todas as obras unicamente pela glória de Deus, segundo a palavra de São Pedro: *A fim de que em tudo, Deus seja glorificado por Jesus Cristo* (1 Pe. 4,11), devemos enfim, querer e desejar que todas as criaturas de Deus, se levantem contra nossa malícia original e que Deus se sirva disso para aniquilar nosso orgulho pela confusão.

N.243/01¹⁹⁸ [Formato de papel de carta escrito reto e verso.]

1ª meditação – Venho de Deus, pertenco a Deus, para Deus. Foi por amor que Deus me criou, que me deu tudo, me preservou com seu olhar fixo em mim, me ensinou, esperou de mim que todas minhas ações, meus pensamentos, todos meus afetos sejam dirigidos a ele. E para isso não somente me deu a natureza, mas me deu a vida de Jesus Cristo pelo batismo, pelos sacramentos onde, aqui no mundo, me fez sentir sua presença, enfim pela na vida religiosa para que em união a Jesus Cristo lhe dê sem cessar, louvor, amor, oração, reparação, adoração, ação de graças.

Por que temer? Devo me apoiar nesse amor, contar com ele para alcançar meu fim que é Deus mesmo.

Nas dificuldades, nos perigos, olhar mais alto, não temer a solidão. Deus está sempre presente. Seu ciúme pode me ter retirado esses apoios de direção cuja separação me foi dolorosa, para que me apóie nele e encontre socorro somente nele.

Como eu devo me unir à vida de Jesus, servindo e amando seu Pai, reconhecê-lo nas criaturas, me tornar indiferente nas minhas preferências, para buscar o que agrada a

198. Este bilhete pode ser datado de 1878. Cf. N 234/01.

Jesus e abraçar o que ele ama, a humildade, a paciência, a pobreza, a regularidade, a oração e quando ele me apresentar, os sofrimentos, ficando unida a ele.

2º dia o pecado. Fixei minha atenção sobretudo nos meus pecados de omissão e tibieza, a negligência de minha vida. Quero me refazer com mais oração, regularidade, olhar mais sobrenatural, mais atenção a me unir a Jesus Cristo e a segui-lo.

N.243/02 [Folha de papel quadriculado, formato de papel de carta. Letra semelhante ao precedente, mas data provavelmente diferente.]

Resoluções

fé viva mantida pela aplicação às coisas interiores e pelo desprendimento das coisas exteriores, oração e mortificação.

Esperança, confiança em Jesus Cristo, sua providência, fechar os olhos aos apoios criados.

amor, humildade, fidelidade, fervor, supressão do amor próprio, relações humildes, pacientes com as pessoas, olhar mais pelo lado em que vão a Deus, ajudá-las. Procurar Jesus no Santíssimo Sacramento para encontrar aí o amor.

pobreza, desprendimento de espírito (sic), dos pensamentos sobre os bens deste mundo, evitar as alegrias vãs de ter conseguido resolver os problemas, não se inquietar, nada desejar. Deus provê as comunidades onde se vive a Regra, a humildade, o fervor

Liquidar certos negócios, dinheiro de Ir. Anne Marie, enxoval, Th.(ou Ch) (inglesa), assuntos com Louis, Alfred, Clichy¹⁹⁹, pedra do túmulo, Missas pelos mortos, esmolas a fazer, contas atrasadas. – Fazer tudo com as conselheiras. não me apegar a nada, nem remoer nem me preocupar sobre o que as irmãs têm ou não tem, confiança em Deus. – consultar sobre o assunto do Sr. Rolly, ser obediente naquilo que me custa, mortificar-me na postura, gula, não desejar nada, chegar a uma vida comum.

Combater a impaciência, a impetuosidade até mesmo na imaginação, deixar que me incomodem mesmo se estou doente, ser firme pela observância, mas com bondade e paciência, fora disso suportar tudo. Buscar o meio de ganhar as pessoas suavemente para fazerem o que é necessário. Mostrar carinho e não ferir ninguém.

Procurar seguir a Regra, ofício, oração, leituras, levantar na hora e tudo mais, renovar-me cada dia pela Missa e a comunhão.

Trabalhar para a boa organização dos ofícios, empregos, casas, tudo o que estabelecerá o espírito da Assunção, desapegar-me dos detalhes.

Quero conseguir mostrar caridade, e outras virtudes, ser muito verdadeira nisto. Não desprezar jamais ninguém, renovar-me na obediência (Regra e confessor) e na pobreza. Abandonar-me a toda vontade de Deus. e me submeter em tudo.

199. Em abril de 1853, graças ao dinheiro emprestado por Maria Eugênia (por intermédio de Louis), o P. d'Alzon comprou uma propriedade em Clichy perto de Paris. O colégio de Paris, na rua Saint Honoré desde 1851, mudou para Clichy no outono de 1853 e foi fechado em agosto de 1860. Alguns meses mais tarde, os Assuncionistas se instalaram na rua Francisco 1º. Mas o assunto de Clichy demorou muito tempo a ser resolvido. Na época em que se presume ter sido escrito este bilhete, não o tinha sido certamente – ou seja entre 1869 (morte do Sr. Rolly) e 1875 (morte de Louis).

N.244/01 [Bilhetinho. Letra e tinta semelhantes às NN 241/05 e 242/01.]

Segunda²⁰⁰ Santa infância de Jesus, envolto em panos, na Hóstia, obedecendo à voz do padre, como à de José e de Maria, olhar para ele, imitá-lo na sua pequenez, doçura, humildade, pobreza, submissão, amá-lo com confiança, pureza de coração, dirigir-se a Maria e a José.– Jesus, Maria e José eu lhes entrego meu coração.

Terça Vida escondida de Nazaré, amor do esquecimento, do silêncio, do trabalho, fidelidade às ocupações diárias, perseverança, igualdade de alma e de caráter, rezar a nosso santo Anjo e a Maria para que nos façam penetrar, como esposas fieis, na humilde vida de Jesus filho do carpinteiro; desprezo, esquecimento de tudo o que mundo é ou foi para nós. –

Quarta – Vida evangélica de Jesus, imprimir em nós sua palavra santa, escutá-la, procurar praticá-la sem cessar, pedir que nos transforme através de seus milagres, sentir-nos felizes por deixar tudo para nos unirmos a sua missão, que seu exemplo nos dê coragem em nossos deveres, zelo e paciência pelas almas, esquecimento de si, devotamento a sua obra, fortalecer-nos no seu seguimento, contemplá-lo, implorando-o junto com São João e São Pedro, Santa Maria Madalena; a cananéia, o Centurião, o paralítico etc.; pobreza, cansaço, perseguições que o Salvador padeceu, ingratidão, procurar dar-lhe consolo.

Nada dizer, nada fazer que não seja para sua glória.

Quinta –Jesus Eucarístico, sua presença na casa, suas adorações, obediência, silêncio, aniquilamento, doçura, amor, abandono.

Sexta – obediência – memorial de sua paixão, estado de morte, de vítima do pecado, espírito de penitência, de sacrifício, morte a si mesmo, às coisas da terra, aos desejos dos sentidos, amor silencioso de tudo o que crucifica.

Sábado – afeto de sua Mãe por este mistério, pedir-lhe que renove em nós o que fez nela na Encarnação e depois, união de amor e de confiança nas disposições e nos sentimentos de Jesus e de Maria. Repetir com freqüência seus nomes com essa intenção.

Domingo – O que faz Jesus pela sua Igreja nesse mistério, nos une em espírito, estar prontas a morrer e a sofrer por ela, zelo, fé, respeito e oração pelos Bispos e sacerdotes, ação de graças pelo que a Igreja faz por nós, dirigir-nos aos apóstolos para viver verdadeiramente como cristãos. Glória do Santíssimo Sacramento no céu, onde lhe oferecem adoração, amor que lhe é dado, desejo de chegar lá.

N.244/02 [Série de frases em um bilhetinho.]

Quando chegarmos ao fim de nossa vida, todos os esforços feitos para seguir nossa Regra, para viver no recolhimento, na humildade e caridade serão nossa maior consolação.

3 de junho de 1860 Ir. Maria Eugênia de Jesus

200. Este bilhete expressa intenções de oração para cada dia da semana. Cf. C.1557, 28 de julho de 1842: “Volto a um hábito bem antigo de honrar sucessivamente os estados de J. C. seguindo os dias que lhe consagrei faz tempo”.

Pela paciência possuireis vossas almas (Lc.21,19). Minha recomendação será, desta vez, ser humilde e doce nas contrariedades.

3 de abril de 1862

Pela caridade, atrairão o Espírito Santo, mas é necessário que essa caridade seja humilde, paciente e nos despoje de qualquer interesse próprio.

2 de julho de 1865

Dediquem-se à oração pela mortificação interior e o recolhimento

23 de junho de 1868

N.255/01 A Cruz que trouxe a paz na terra não deve tirá-la de nossa alma.

19 de julho de 1869

N.244/03 [Texto a lápis sem data. Letra grande, depois do ano 1870.]

Pedir cada dia da semana, pela intercessão dos 12 apóstolos :

o amor de Jesus Cristo

o amor de Nossa Senhora

o amor da Igreja

o amor e o zelo pelas almas

uma fé simples, generosa e a coragem de testemunhar, em tudo, o Evangelho.

Uma esperança firme nos bens celestes e o desprendimento dos bens presentes.

7 [sic] – espírito de oração e a fidelidade ao Espírito Santo.

N.245/01 [Bilhetinho sem data.]

5h. Levantar, oração, Prima Missa ação de graças

7h½ Café da manhã lendo algum livro, responder às irmãs em coisas do momento

8h. Terças e sábados: Direção espiritual. – Aos sábados Ir. Marie Thérèse, Augustine, Marie Catherine, Marie Gonzague, Marie Louise e Marie Cécile. –

Terças Ir. Marie Françoise, C[laire] Emmanuel, Marie Mechtilde, Marie Bernard, Marie Espérance e Marie Emmanuel, Os outros dias, escrever cartas, ver as contas, trabalhar para a casa até 10h.

Das 10h às 11h½ ocupar-me das Noviças depois da partida de Ir. Th[érèse] Em[manuel]²⁰¹

11h½ Ofício, almoço, recreio, leitura espiritual

2h a 3h Noviciado ou estudo pessoal

3h Vésperas

3½ Parlatórios ou falar com as irmãs, ou organização da casa ou ler ou estudo pessoal.

5½ se puder, Oração

6h Oração de regra, jantar; recreio, Ofício, deitar.

201. É possível que se refira à partida de M. Térèse Emmanuel para a fundação de Richmond em 1850.

Como estudo... [sem terminar]

[Em baixo do bilhete, a lápis]

Ir. M Augustine Sábado 20 de abril

Ir. M Francisca terça 9 de abril

[No verso, a lápis, outro horário]

8 Correspondência, leitura

10 Direção espiritual

11½ Ofício

3h Vésperas ler e visitar os empregos

5½ Oração

N.245 B/01 [Bilhetinho, formato de caderneta, a tinta.]

Minhas resoluções são:

1º Fugir do pecado, chorar pelo pecado, reparar o pecado.

2º Agir com amor de Deus efetivo e afetivo, oferecendo-lhe um coração respeitoso, terno e puro.

3º Ficar o mais possível na sua presença.

4º Falar pouco exterior e interiormente para ter a alegria de conseguir maior afeto por Deus e poder pedir-lhe, com frequência, o que ele quer que eu faça em cada ação e por cada pessoa.

Retiro 27 de setembro de 1846

N.203/02
N.204/01

[No verso deste bilhete uma lista de nomes, alguns deles riscados. – Talvez Maria Eugênia estivesse prevendo nomes a atribuir às irmãs. Ver a relação na edição francesa.]

N.245/02 [Papelzinho sem data, escrito no reto. As NN 245/02-05 podem ser datadas entre 1845 e 1847.]

Regulamento

De manhã

Terças e sábados Direção espiritual a partir das 9h se devo fazer algo antes – Terças cada 15 dias a partir das 8h Ir. Marie Térèse, M Gonzague e M Louise.

As outras terças M Cécile, M Francisca, Cl[aire] Emmanuel

Aos Sábados a partir do 12 de janeiro: M Augustine, M Catherine.

Os demais sábados Ir. Térèse Emmanuel, Anne Marie

Segunda, quarta e sexta trabalho

Domingo e quinta cartas e arranjos da casa

Domingos, quintas, terças e sábados pela tarde, ler das 2 às 3 Santo Agostinho ou São Bernardo ou outros, segundas, quartas e sextas cartas

3½ Cartas, direções imprevistas, ler – todas as sextas conselho

Regulamento do dia

5h Levantar (segundo a Regra)

5½ Oração

6h. ¼ Prima e Terça, depois fazer minha cela

6h ¾ Missa

7h½ Café. Depois posso estudar até 9h ou 10h, segundo o número de coisas a combinar com a ecônoma e a Mestra de Noviças, que vêm nesse horário comigo. O tempo que restar até o Ofício, escrever cartas, ver as contas, assuntos da casa, estudo de regras e costumes de outras Ordens para poder escolher melhor nossos próprios usos.

11½ sexta Noa e exame da manhã

12h Almoço, recreio.

1½ Leitura espiritual

2h Estudo, quando não tenho cartas para escrever ou visitas

3h Vésperas e Completas

3½ Ver as irmãs em particular, ou ler, por vezes escrever

5½ Oração da tarde

6h Jantar, Recreio²⁰²

8h Instruções para o dia seguinte

8¼ Matinas e Laudes, exame de consciência que faço muito mal ou não faço, pois durmo assim que acaba o Ofício.

10h Todas estamos deitadas

As interrupções contínuas, tornam difícil organizar bem os meus estudos. Daqui a pouco devo dar uma aula de alemão às meninas, e outra de Santo Tomás às Irmãs pois desejam continuá-las, e tudo isto me deixará menos tempo ainda.

[A continuação no verso é quase ilegível.]

Lista de penitências que faço agora. Indico as que são de Regra.

Dormir sobre palha (de regra)

Jejuar sexta feira, com frequência tarde

Cilício na cintura 3 ou 4 horas de tarde, dois dias por semana. Os outros dias tomar a disciplina durante um *Miserere* ou algumas *Ave Maria*.

Remédios abomináveis que tomo durante todo o verão, para agradar as que pensam que me fazem bem, mas não acredito no resultado.

Não beber entre as refeições.

Tomar de manhã o chá sem açúcar, de que não gosto, para assegurar-me que façam chá para a Irmã Inglesa.

202. Em nota, com uma chave entre 1h½ e 6h: “de tarde me chamam sem parar para as visitas”.

Carregar água, fazer os trabalhos humildes, mas não tanto quanto deveria segundo a Regra.

Penitências que eu pensava dever fazer

Dormir no chão, pelo menos no verão

Jejuar o mais possível sem que ninguém o perceba, assim tomar bem pouca coisa de manhã e à noite não ultrapassar a quantidade da colação, menos no domingo.

Tomar a disciplina até o sangue algumas vezes, mas tenho pouco coragem.

Privar-me de vinho: fazer isto habitualmente, me custa.

Nas comidas, evitar o que gosto ou misturar absinto.

Colocar sempre absinto no jantar.

Não procurar tanto alívio nas pequenas misérias, nem comentá-las.

Usar a camisola de inverno durante o verão.

Levar o cilício quando faz menos calor.

Rezar sempre de joelhos.

Ser exata para me levantar de manhã.

Quando tomo a disciplina, alternar nos braços, nas pernas e nos pés, o que é muito doloroso.

N.245/04 [Folha de papel de carta, escrita reto e verso e dobrada em quatro.]

[Resoluções]

Não procurar alívio nas pequenas dores de cabeça, de dentes etc. ir assim mesmo ao ofício etc

Dormir sobre a palha (de regra)

+ Dormir no chão algumas vezes no verão.

Jejuar sexta feira, os demais dias fazer o possível, tomando somente um pouco de pão, ou de chá sem leite e sem açúcar pela manhã, e não ultrapassar no jantar o permitido para a colação, menos aos domingos. De forma que no almoço será o mesmo que servem para a comunidade, ou seja um prato de carne, legumes e fruta.

Misturar absinto à comida.

Privar-me de vinho.

Agüentar a sede.

Usar o cinto de ferro no domingo e na quinta, durante 3 ou 4 horas, antes do jantar; quando não fizer muito calor, + usar às vezes o cilício de crina dia e noite.

Tomar a disciplina quatro ou cinco dias por semana durante a recitação de um *Miserere*; tomá-la até o sangue mais ou menos uma vez por mês, nas vigílias de grandes festas, mas não nas costas. Só a tomo nas costas e nos braços com urtigas, e raramente.

Nunca ter fogo no meu escritório, no inverno, e evitar me aquecer mais de duas ou três vezes por dia.

Deitar uma hora mais tarde que a comunidade, ou me levantar ½ antes ou ainda levantar-me durante a noite ½ hora para rezar.

Ocupar a cela menor, cuja porta dá para uma escada que com frequência cheira mal.

Rezar de joelhos o mais que puder ou prosternada.

Usar a camisola de lã durante o verão.

Fazer trabalhos um tanto cansativos, como carregar a água, fazer a louça, cuidar das irmãs ou das meninas doentes, e quando alguma coisa me repugna, beijá-la.

Regulamento do dia

4h½ Levantar

5h Oração, durante uma hora, leitura espiritual, Prima, Terça e Missa.

7h½ — café e aula de alemão.

8h¾ Trabalho da casa, ocupar-me das Irmãs Noviças, ou conversar com sua Mestra, ou escrever cartas, contas—

11h½ Sexta e Noa e exame da manhã.

12h Almoço, recreio.

1h½ Quando não tiver visitas, ocupar-me do colégio com a irmã encarregada, ou estudar por minha conta.

3h Vésperas e Completas.

3h.½ Ver as irmãs em particular, ou ler.

5h½ Oração.

6h Jantar e recreio.

8h Últimos avisos.

8h¼ Matinas e Laudes – quando resta algum tempo antes das 10h faço a Via Sacra ou se tiver cartas a escrever, deito às 11h e me levanto às 5h.

N.245/05 [Bilhete a lápis, escrito reto e três linhas no verso; dobrado na vertical.]

Regulamento

Levantar assim que toca o sino – disciplina tomada, oração dita, fazer a cama, lavar-me até 5h½ – depois da Missa, ler no café da manhã, organização, recomendações ou ir diretamente à sala de comunidade para receber as irmãs, lendo entre – 8h½ direção depois cartas ou contas, ou regulamentos – 11 ½ Ofício, tornar o recreio útil, leitura espiritual de 2 a 3 – 3h½ direção, depois estudo ou visitas.

Usar o cilício de ferro das 3 às 5, quintas e domingos, a disciplina durante o dia quando faltei à regra por minha culpa ou à obediência ou a outras ordens do P. d'Alzon.

Sopa de manhã, rezar de noite ou ler até 9h45, ser exata ao Ofício, e um pouco mais dura para minhas pequenas dores, desfazer meu hábito de mexer muito com a cabeça, com as mãos e de tocar-me o rosto no coro. Silêncio exato. Ler a Regra às 2h ou de noite.

N.246/01 [Esta N.246 consiste em bilhetinhos, chamados bilhetes de profissão.²⁰³]

Meu Deus peço a fidelidade em seus caminhos, a força, a graça, a simplicidade, o recolhimento para corresponder a sua atração sobre mim, a graça de uma obediência que não me angustie, a graça de sair de mim mesma pela dependência, o amor, o abandono de entregar meu coração a Deus, de seguir esse coração e não ser abatida fisicamente.

N.246/02

Meu Deus eu peço fidelidade a seus caminhos, a graça de aproveitar de meu retiro, as luzes para sua obra, a graça de santificá-la, de ser uma boa Superiora, para o P. d'Alzon a graça de lhe fazer bem, de lhe obedecer em paz, todas as graças necessárias para a perfeição de sua obra e de sua alma, também a luz para me dirigir.

Para Ir. Marie Augustine a graça da humildade, Ir. Térèse Emmanuel fidelidade e graça para orientá-la.

[No verso] de Nossa Madre.

N.246/03

+

Meu Deus eu lhe peço para meu padre e para mim todas as graças necessárias para sermos bons Superiores, fundar Sua obra segundo Sua vontade, viver em união com você, ter sempre vontade de fazer o mais perfeito. Conserve ou recoloque meu coração a Seus pés e aos pés de todos, que a humildade, a caridade e o espírito de sacrifício dirijam tudo o que eu faço. Torne-me flexível, tire de mim a arrogância, a vaidade, o orgulho, a preguiça, a covardia, a gula, moleza e também a falta de recolhimento que é meu maior mal. Renovo meu pedido de ter sempre a força e a fidelidade de seguir a Regra e de fazer penitência.

N.203/01
N.208/01
N.241B/01

Abençoe a todas minhas filhas segundo o que cada uma lhe pede e necessita; dê também a todas a graça e a força da fidelidade à Regra. Conceda a Sra. Boyer a conversão de seu marido e as graças que farão dela uma digna primeira irmã da Ordem Terceira.²⁰⁴

N.246/04

[No alto do bilhete escrito a lápis:] Profissão de Ir. Cécile: [29/12/1845]

Para o P. d'Alzon e para mim as graças de ser Superiores santos: para Ir. Térèse Emmanuel a graça de crescer no seu atrativo e de praticar todas as virtudes, fazer o bem a todos, e desempenhar bem seu serviço em todos os aspectos. Para a comunidade, união, fervor, regularidade, zelo e vida interior. Para mim vida interior e continuo espírito de mortificação. Que o P. d'Alzon me ajude a praticar a obediência, me compreenda e me leve aonde Deus quer. Que ele me peça com

203. Era costume confiar às irmãs no momento de sua profissão um bilhete com intenções de oração.

204. A Ordem Terceira feminina, de que Mme Boyer fez parte, foi fundada em Nîmes em 1846.

frequência fazer mortificações já que isso me faz bem. Ir. Marie Gonzague fervor e amor, M. Augustine morrer a si mesma pelo espírito de oração, M Tèreise mortificação interior e exterior, M Cécile, M Louise confiança, amor, fidelidade a suas resoluções, nossas irmãs postulantes obediência, oração e recolhimento.

[Na terceira página o seguinte endereço da mão de Maria Eugênia:

Sra Sollier,
24 rua do fbg. du Roule)

[No verso] Nossa Madre

N.242/03 **N.247/01** [Folha dupla de papel de carta, com três páginas escritas; à esquerda timbre gravado ASS. N. D.]

Meus pedidos de Profissão

[Natal de 1844]

Que o meu primeiro pedido, Senhor, seja que faça de meu querido padre um verdadeiro santo. Conceda-lhe a graça eficaz para fundar nossa Ordem: conceda-lhe inteligência perfeita, força, santidade; aplaine os obstáculos ou faça que contribuam para o sucesso. Peço para ele, irmãos santos também, que sua Ordem tenha um espírito verdadeiramente religioso, esclarecido, o espírito que deve ser o nosso, a manifestação de Jesus, a união aos seus mistérios. Peço para esta obra o irmão de Ir. M. Gertrudes e o de Ir, Marie Tèreise etc.

A segunda graça que peço é a conversão dos meus familiares e o descanso eterno de minha mãe, por quem me ofereci a você.

A terceira é a santidade de minha filha Tèreise Emmanuel, a santificação de todas minhas irmãs, a graça de levar todas as almas que você me confiar a toda a perfeição de que são capazes.

Que nenhuma se perca, meu Deus, vele sobre elas para que sejam todas suas e perfeitamente suas. Envie-nos almas capazes de nos ajudar a fundar nossa Ordem na santidade. Conceda-nos o espírito de zelo, de união, de simplicidade, e pobreza, de fidelidade de adesão a Jesus Cristo que lhe pedimos sem cessar. Forme você mesmo nosso espírito, guie nossos estudos, seja o autor de nossa regr,a. Conceda-nos a graça de estabelecer uma Ordem Terceira que sirva para estender seu Reino. Salve-nos de todos os obstáculos que podem nos prejudicar, e a mim dê-me o espírito de conselho, também a nossas irmãs. Para a pobreza, os estudos, o 4º voto, as Noviças, a Geral, a regra inteira, conduze-nos para conseguir o que você sabe melhor do que nós. Dê a Ir...

Senhor, agora que lhe pedi tudo o que nos dizem que você nunca recusa, em troca do sacrifício religioso, ousarei ainda lhe pedir tudo o que pode santificar esse sacrifício e que para você é bem fácil retirar dos tesouros de seu amor e de seu poder. O que lhe peço sobretudo, é o que você sabe que necessito para cumprir toda sua vontade sobre mim, grande união com meu padre e nossas irmãs, a graça de santificá-las, de animá-las, de sustentá-las, de levá-las fortemente a você. Para mim, meu Deus, se você quer como me dizem, um pouco de sua luz e de seu amor. Mas eu quero estar bem unida a você, para fazer tudo, sofrer tudo, passar por todos os estados que você quiser. Eu me abandono a você sem reserva: *Eis que venho. No rolo do livro está escrito que venho para fazer tua vontade. Meu Deus ameí tua lei e a guardo no mais profundo de minhas entranhas* (Sl 39,8-9).

Eu lhe suplico, torne-me flexível a seu Filho, ser seu instrumento, que não resista nunca a ele, torne-me forte, generosa ante minhas repugnâncias, fiel em vencê-las: o que você não pode!, nada lhe é impossível. Sim, você pode tudo o que desejo, você o quer também por sua bondade, você vê os meios por sua sabedoria. À custa de minha vida, de todo sofrimento, de toda angústia de coração, de espírito, da vontade peço-lhe me fazer aceitar sempre sua vontade e servir à sua glória, ao seu amor em toda criatura. Eu me entrego, Senhor, a uma humilde e doce obediência, dócil, submissa, cega, serena, amorosa, sem previsões, sem reserva, e generosa até a morte. Prometo pobreza, castidade e obediência segundo as luzes que você me deu; peço-lhe a simplicidade que tanto me faltou, humildade confiante, oh! sobretudo uma confiança sem limites em você, ampla, generosa, comunicativa, a graça de só buscar a você, e assim adquirir a pureza de intenção que tanto desejo, uma fé viva que veja você e o deixe perceber aos demais em todas as coisas, a atenção a sua presença, espírito de Oração. Meu Deus necessito tanto viver unida a você, saber rezar, saber encontrar, generosamente, tempo para rezar.

Viver sob a ação de sua graça, unida a seus mistérios, adorá-lo, honrá-lo, levar os outros a adorá-lo, recitar santamente o ofício, nele reverenciar, louvar, amar sua majestade divina, você pode ainda me dar tudo isso, e eu preciso tanto!

Conceda-me também, a audácia de chamá-lo de Esposo, de apoiar-me assim em você. Oh! meu santo Esposo, meu Esposo de Majestade, de caridade, de sacrifício, conceda-me um coração grande e generoso, tire de mim as mesquinhas, as voltas sobre mim, as misérias torne-o conforme ao seu para com meu próximo e faça que eu ame você e me entregue inteira a você.

Ó meu Deus, *de minhas faltas ocultas, purifica-me, e salva também teu servo das outras.*²⁰⁵ repare, apague os escândalos que pude dar na minha vida, conceda a quem fiz mal graças para se levantarem. Peço muito por todos aqueles que me fizeram sofrer, que serviram para me mortificar, para me fazer sofrer, e também por todos os que me amaram e buscaram meu bem.

Você sabe, também, Senhor, que existem pessoas com quem partilho naturalmente a malícia; conceda-me poder carregar com elas as penas que me solidarizam com seus pecados e fazem com que sinta seu peso. – M. de L.M[ennais] etc. N.185/03

Conceda-me ser fiel ao estudo e ao trabalho e aproveitar tudo para seu serviço. Dê-me o espírito de ordem e a capacidade de organizar tudo em ua casa. Também ajude-nos nas coisas materiais de que precisamos.–

O resto são intenções particulares, e aquelas pelas quais sempre rezo: A Igreja, as Ordens religiosas, a conversão das pessoas, esse...

N.248/01 [Folha simples de papel de carta, com o timbre ASS.N.D.; escrita reto e verso.]

Meus pedidos de Profissão, além das três graças

[Natal de 1844]

Meu Deus, peço tudo quanto você sabe que necessito para cumprir sua vontade, grande união com meu padre e nossas irmãs e a graça de santificá-las e lhes servir

205. Sl.18,13-14.Tradução segundo a Vulgata.

com exatidão de incentivo, de sustento, de levá-las a você; para mim, meu Deus se você assim o quer como me dizem, me dê um pouco de sua luz e seu amor. Mas sobretudo desejo estar bem unida a você para fazer tudo, sofrer tudo, passar por tudo o que você quiser, me abandono a você sem reserva: *Eis que venho. No livro está escrito, venho para fazer tua vontade. Meu Deus, tua lei está no profundo de meu ser.* (Sl.39,8-9)

Eu lhe suplico, torne-me dócil a Seu Filho, seu instrumento e que eu não lhe resista nunca, torne-me forte, generosa ante minhas repugnâncias, fiel em vencê-las; o que você não pode fazer? Nada é impossível para você. Sim, você pode tudo o que eu desejo, você o pode pela sua bondade, você vê os meios por sua sabedoria. Às custas de minha vida, de todo sofrimento, amargura de coração, de meu espírito, de minha vontade, peço que me faça aceitar sua vontade e servir a sua glória, a seu amor em toda criatura. Eu me entrego, Senhor a uma humilde e doce obediência, flexível, submissa, cega, suave, amorosa, sem previsão, sem reserva e generosa até a morte; prometo pobreza, castidade e obediência segundo as luzes que você me tem dado. Peço a simplicidade que tanto me faltou, humildade confiante, oh! Sobretudo uma confiança em você sem limites, ampla, generosa, comunicativa, a graça de procurar somente você e assim adquirir a pureza de intenção que tanto desejo, um espírito de fé viva que o veja, e o deixe transparecer aos outros, em todas as circunstâncias, atenção a sua presença, espírito de oração. Preciso tanto, meu Deus unir-me a você e saber rezar, saber encontrar, por generosidade, tempo para rezar.–

Viver sob a ação de sua graça, unida a seus mistérios, adorá-lo, honrá-lo, levar os outros a adorá-lo, sua graça para o ofício, reverenciá-lo, louvar, amar sua majestade divina, você pode ainda me dar tudo isso de que preciso tanto.

Conceda-me também, a audácia de chamá-lo de Esposo, de apoiar-me assim em você. Oh! meu santo Esposo, meu Esposo de Majestade, de caridade, de sacrifício, conceda-me um coração grande e generoso, tire de mim as mesquinhas, as voltas sobre mim, as misérias torne-o conforme ao seu para com meu próximo e faça que eu o ame e me entregue inteira a você.

Ó meu Deus, de *minhas faltas ocultas, purifica-me, e salva também teu servo das outras*²⁰⁶ repare, apague os escândalos que pude dar na minha vida, conceda a quem fiz mal graças para se levantarem. Peço muito por todos aqueles que me fizeram sofrer, que serviram para me mortificar, para me fazer sofrer, e também por todos os que me amaram e buscaram meu bem...

.....

Você sabe, também, Senhor, que existem pessoas com as que partilho naturalmente a malícia; conceda-me poder carregar com elas as penas que me solidarizam com seus pecados e fazem com que eu sinta seu peso. [Seguem-se algumas linhas riscadas e ilegíveis]

Conceda-me ser fiel ao estudo e ao trabalho e aproveitar tudo para seu serviço. Dê-me o espírito de ordem e a capacidade de organizar tudo em sua casa. Conceda-me a graça de estabelecer a Ordem Terceira que sirva para estender o seu Reino, forme nosso espírito, guie nossos estudos, seja você mesmo o autor de nossa regra. Todo o resto tem a ver com a casa, nossas irmãs, com todas as intenções pelas quais sempre rezo: a Igreja, as Ordens religiosas, a conversão das pessoas, várias pessoas em particular etc. [5 linhas e meia apagadas e substituídas por etc.]

206. Sl 18, 13-14. Tradução segundo a Vulgata.

N.249/01 [Folha de papel de carta, maior que as precedentes, escrita reto e verso.]

[25 de dezembro de 1844]²⁰⁷

Meu Deus, sua Esposa quer se entregar a você sem reserva; em troca, você não lhe concederia tudo o que você pode tirar facilmente, dos tesouros de amor e de poder que possui?. Que seu 1º dom, meu Senhor, seja a santidade absoluta de meu padre e de minha filha, a santificação também de todas as outras. Que meu padre tenha a grande graça de fundar nossa Ordem, dê-lhe inteligência perfeita, força, graça. santidade; aplaine os obstáculos ou faça-os servir para o sucesso.

Eu lhe peço para ele também irmãos santos, que sua ordem tenha um espírito verdadeiramente religioso, esclarecido, o espírito que deve ser o nosso, a manifestação, a união aos mistérios de Jesus. Peço para isso o irmão de Ir. Térèse Emmanuel, o de Ir. M. Gertrude, de Ir. Marie Térèse e de Ir. Marie Louise²⁰⁸ ou se não é sua vontade, peço a conversão dos primeiros e a salvação dos outros.

Pague minha dívida de agradecimento ao P. Gabriel, faça dele um santo; ao P. Lacordaire, ao P. Combalot me perdando e lhe perdando as faltas que cometemos um contra outro. Oh meu Deus escute minha voz para abençoar sua santa Igreja; é por ela sobretudo que me ofereço, abençoe-a por causa da misericórdia que você me faz e que eu ousou apresentar, abençoe o santo padre²⁰⁹ conceda-lhe seu espírito e se ele morrer, dê-nos, nestes dias tão difíceis, os mais santos, os mais esclarecidos, os mais fortes papas e Bispos. Guie e abençoe nosso Arcebispo²¹⁰, nosso Superior²¹¹, todos aqueles que nos fazem bem, nossos confessores, aqueles que rezam por nós: O Bispo de Nantes de Tulle, Digne, Montauban, padres Pion, Petit, Blanc, Lesaint, Leboucher Leroux²¹² e todos os que você conhece. Peço pela Obra da Ressurreição²¹³, a de M. Thérèse²¹⁴ a Ordem de São Domingos, a Visitação da Côte Saint André. Peço boas postulantes que nos ajudem a fundar a Ordem na santidade e a estendê-la, e particularmente Srta d'Esgrigny, Dubosc, Cécile Montaudon, a de Nîmes²¹⁵ se é para sua glória, rezo por elas. Conceda-nos a graça de estabelecer a terceira ordem que ajude a estender o seu Reino, conserve Georgine, Henri, nossas pobres alunas, faça religiosas a todas as que poderiam ser, Josephine, Sophie, Emma,

207. Este bilhete é semelhante aos outros, somente os nomes são muito mais detalhados.

208. Os irmãos de Ir. Térèse Emmanuel, Joseph O'Neil; de Ir. M. Gertrude, Emilio e Frederico Henningsen; de Ir. M. Luisa: Adolfo Beilling. A correspondência de 1845 e dos anos seguintes estão cheias de diálogos e descrições de jovens susceptíveis de ser professores ou postulantes para a Obra do P. d'Alzon

209. Gregório XVI Papa de 1831 a 1846

210. Dom Affre.

211. P. Gaume.

212. Lebouchet e Leroux acrescentados

213. A Obra da Ressurreição, congregação fundada em Roma em 1836 por um grupo de jovens emigrados da Polônia. Estabelecidos em Paris à rua dos Correios, perto de Impasse des Vignes, estiveram em relação com a jovem comunidade da Assunção desde 1843 – Cf *Partage Auteuil* N° 24 e 35.

214. A Obra das Damas de Marie Teresa ou Servas de Jesus Cristo, foi fundada em Bordeus no ano de 1814, obra de reabilitação moral de moças : O Refúgio. Maria Eugênia se hospedou com elas em Nîmes, e é aí que conheceu o P. d'Alzon. O 4º voto que faziam, inspirou a Maria Eugênia para que as primeiras irmãs também o fizessem.

215. Segundo a correspondência de Maria Eugênia na sua volta de Nîmes, parece que seria a Srta. Mirin. Cf. C. 1642 6 de novembro de 1844: "A Srta. Mirin muito gentil tem desejo de entrar na Assunção." Não entrou.

Madeleine, Ernestine, a pureza para L. e H., a salvação para todas. Conceda-nos o espírito de zelo, de união a Jesus, de caridade, de simplicidade, de pobreza, de fidelidade que lhe pedimos sem cessar. Forme você mesmo nosso espírito, guie nossos estudos, seja o autor de nossa regra. Salve-nos de todas as dificuldades que podem nos prejudicar, dê-me a mim o espírito de conselho, bem como a nossas irmãs. Quanto à pobreza, aos estudos, ao 4º voto, o Noviciado, a Geral, toda a Regra, conceda-nos o que você achar melhor. Peço para Ir. M. Gonzague a generosidade, para Ir. M. Thérèse o espírito de sacrifício, M. Augustine a humildade, para Thérèse Emmanuel tudo o que você sabe que necessita, M. Gertrude e as Noviças uma transformação em você, M. Catherine a regularidade, a obediência, a doçura, a caridade e a todas, a santa humildade.

Oh meu Deus você vê no mundo tantas almas que necessitam de conversão, de socorros, de graças, de vocação, que têm direito a minhas orações pois as pediram. Peço por todas, e em particular pelos Srs. Coste, Rolly, Bouland, os Néron, Daulut, Pruneau, Chateaubriand, as Sras de Marie Thérèse, sr. Saint Bruno, Maurice, os mortos, minha madrinha²¹⁶, minha avó²¹⁷, Sra. Thuxet, Sra de Commarque, Sras. Caroline, M. Paulina, sobretudo por minha querida filha Marie Joseph e todos aqueles que lhe fizeram algum bem. Peço pela família Leroux, a pobre Eugênia, todos nossos benfeitores, todos nossos amigos, Sr. Cattois, o outro irmão de Ir. M. Gertrude, para que seja também religioso, Sra. de Berthy, Sra. Coste, seus filhos, Sra. de Mesnard, sua filha, Srta. Belle, que sejam perfeitas cristãs, dê para nós Caroline se ela pode servir aqui para sua glória, pela Sra. Laurence, tenha piedade dela, Sra. Poujolat, sua mãe, seu marido, sua filha, toda minha família, meu pobre tio de Brou, minhas antigas mestras, pelas missões, pelos missionários de Madagascar e da China²¹⁸.

N.249/02 [Bilhete confiado a uma irmã na profissão. Pode ser de 1845-46.]

Meu Deus, você conhece melhor do que eu, minhas inúmeras necessidades. Você sabe o peso que oprime minha alma, o que eu deveria ser e que não sou. Você pode suprir, até na minha natureza, tudo o que me falta. Conceda-me que faça sempre bem a meu padre, a minhas filhas, a todos com os quais me relaciono, que eu seja agradável no trato, o centro em tudo quanto seja meu dever, que seja capaz de levar todas e cada uma a maior perfeição, que tenha a inteligência para fazer o que você quer para a sua obra, que organize tudo segundo a sua vontade, que cada emprego se torne o que deve ser para colaborar com o bem que você quer de nós e para que nunca o mal se introduza. Torne-me muito fiel a você e a minhas obrigações exteriores: ajude-me a fazer desaparecer toda negligência, que viva de sua presença, de sua união, que seja generosa para sofrer, ter o espírito de vítima em tudo. Dê-me a

216. Segundo a assinatura da ata de Batismo: Anne Marie Madeleine Faber, viuva Lanchere

217. Avó paterna: Sra. Jacques Philippe Constant Milleret, (Sofia Bertaut de Damery, falecida em 1835). Maria Eugênia não conheceu sua avó materna de Brou, (Éleonor Eugénie Bosquet, falecida em 1792).

218. O 30 de agosto de 1844, na festa de Santa Rosa de Lima, Maria Eugênia fez um compromisso missionário, em seu nome e em nome da Congregação, com os srs Webber e Richard, missionários apostólicos, na véspera de partir para Madagascar.

Uma união de orações também foi estabelecida com os srs. Charrier e Galy, missionários na China. Cf. Études d'Archives n° 1.

saúde e a graça para seguir a Regra, diminuir meu sono e fazer penitência. Enfim conceda a inteligência de perceber o que você quer de mim para aqueles que me orientam e dê-me a fidelidade para seguir essa orientação com grande obediência interior.

[no verso] Nossa Madre

N.249/03 [Pode ser bilhete de profissão]

+

que [sic] eu aproveite da direção do P. d'Alzon e me relacione bem com ele, que ele me faça realmente bem, assim como a nossas irmãs, que o Espírito de Deus esteja nas duas Congregações, que o Espírito Santo, presida seu Capítulo, inspire sua Regra, que o Sr. de Cabrières se faça religioso com eles, que Deus lhes envie outras boas vocações em abundância, para nós bons sujeitos, uma casa regular, uma casa de 2º Noviciado na França, em Nîmes, se isso for para o bem da Congregação, para mim uma fé viva, renovar minha grande devoção ao Santíssimo Sacramento e a Nossa Senhora, graças para fazer avançar as almas, para as professoras espírito de amor, de sacrifício, de vida sobrenatural, de perseverança, que Ir.M Cécile e Ir. Anne Marie sejam curadas de suas tentações, que a 1ª ame sua vocação. Que a Ir. Aimée nos deixe sem nos fazer mal, que eu saiba guardar a caridade em todas minhas palavras a esse respeito, que esta moça não nos prejudique. Saúde para Ir. M. Rose, Ir. Marie de Jésus, Ir. M. Winifrid²¹⁹, nosso padre, alunas para a casa de Paris, que nossos assuntos com o Sr. de Franchessin²²⁰ se vendam e terminem bem. Fervor para nossas irmãs, que Deus nos dê jovens que sejam capazes de governar e formar as outras.

N.250/01 [Pode ser outro bilhete de Profissão.]

Ó meu Deus, quem melhor do que você conhece minhas necessidades e sabe o que quer de mim! – O que lhe peço, é conhecer, cumprir e amar sua vontade em toda sua perfeição. Conceda-me pela intercessão desta santa jovem²²¹ a paz, não uma paz sem contradições, mas a paz de Jesus Cristo, da humildade, do recolhimento, do abandono e de uma grande generosidade diante de todas as Cruzes. Ó Jesus, meu Salvador, una-me a você e não permita que nada me separe de você; receba meus votos que renovo com ela, ajude-me a vivê-los perfeitamente, faça-me uma religiosa santa, interior e exteriormente, fiel e zelosa, o que devo ser no meu lugar, ou a qualquer lugar que você me destine. Conceda-me a graça de ter um coração doce, indulgente, no qual as feridas se apaguem, e que somente seja capaz de sentir as de seu amor ferido e ofendido por mim e pelos pecadores.

Peço sobretudo a humildade sincera e profunda, a Oração e uma união inviolável a você. Se isso lhe agrada, como penso, peço a graça de viver em estrita união com sua

219. Esta irmã não está inscrita nos registros, mas uma irmã com esse nome consta na fundação de Richmond em 1850

220. Para saber a data deste bilhete: Sr.de Franchessin morreu dia 21 de julho de 1851. Ir.Aimée, Visitandina, está na Congregação por alguns meses em 1852 (Cf. C.2241) e o 2º Capítulo dos AA foi em agosto de 1852.

221. Pode ser Ir. M. Colette, que professou dia 8 de fevereiro de 1847. No dia 16 Maria Eugênia escreve ao P. d'Alzon: “Desde a profissão da ir. M. Colette. que encarreguei de pedir a Deus tantas coisas para mim, encontrei grande facilidade para a oração e uma paz tal como a havia pedido, quer dizer, não sem contradições e tristezas, mas na qual encontro meios de ir a Nosso Senhor” C. 1818.

Santa Humanidade e de imitá-la particularmente. Para o P. d'Alzon tudo o que você sabe que é necessário, para ele, sua obra e a nossa, paz, sustento, virtudes, sabedoria, comportamento, dons de direção e de prudência, bons sujeitos, um Mestre de Noviços, que veja sua vontade sobre mim e que eu responda a sua orientação. Que venha a Paris, que nossas Constituições sejam bem feitas, que tenhamos cada um uma casa regular, bons sujeitos fervorosos; a inocência e a pureza para nossas alunas e os dele, a sabedoria na vigilância e no ensino para seus professores e as nossas. Que ninguém aprenda aqui o pecado, que aquelas que o praticam se corrijam. Para Ir. Th[érèse] Em[Manuel], que se entregue a seus desígnios e atrativos de santidade, que eu a socorra fielmente e tenha a graça. Para Ir. M. Aug[ustine], e Ir. Claire Em[Manuel] o que elas pedem: serenidade, doçura, morte a elas mesmas. Ir. M. Térèse fidelidade, serenidade, trabalho. Ir. M. Gonz[ágüe] vida religiosa, doçura, silêncio; M. Cécile e M. Louise fidelidade; M. Gertrude consolação, espírito comunitário, desenvolvimento para a ação; M. Madeleine. M. Claire Oração e fervor, à 2ª humildade e saúde. M. Em[Manuel] morte a ela mesma; M. Franç[oise] espírito interior; M. Liguori humildade, doçura, desenvolvimento de capacidade; M. Caroline morte a ela mesma, serenidade, humildade; M. Joseph abertura de espírito, vida interior; M. Mecht[ilde] amabilidade, ação, edificação; M. Cath[erine] bom caráter, oração contínua; M. Véro[nique], humildade, recolhimento; A[nne] Marie cura das tristezas e fantasias, bom espírito, muito amor; para a professa fidelidade interior, graças que a conduzam a santidade; M. Esp[érance] e Genev[iève], piedade, silêncio, sérias virtudes; Dosithée conversão; a Noviça penitência, fervor, morte a ela mesma.

Ó Senhor que esta morte seja também para mim o fruto de meus sofrimentos; que eu a aceite e responda a todas as graças de despojamento e de humilhação que essas dificuldades podem acarretar. Grande generosidade para isto, morte de minha teimosia e de minha opinião, docilidade profunda e tanto mais humildade quanto eu não a soube praticar.

Console o coração do P. d'Alzon e conserve-o bom para mim e para nós, ainda que para mim peço isso só quanto ao fundo, sem querer esperar doçura ou alegrias.

Também peço para mim, o amor da pobreza nas coisas grandes e seu espírito em todos os pensamentos para o futuro, querer estar entre as mãos de todos e sob os pés de todos se necessário, levando a Cruz nas humilhações, como Jesus Cristo sem poder nem querer jamais voltar atrás ou me desprender sob nenhum pretexto ou por qualquer razão que seja.

N.251/01 [Folha de papel de carta escrita reto e verso, dobrada em quatro.]

Peço a Deus que nossa fundação do Cap seja abençoada, que nossas irmãs cheguem a bom Porto e que em todas as viagens que se farão para esta colônia haja sempre uma proteção particular de Deus e de Nossa Senhora,²²² que nenhuma irmã perca jamais sua vocação, que sobretudo nenhuma seja jamais atingida por um pensamento ou coisas contrárias à fidelidade que deve a seu divino Esposo. Que ele dê às Irmãs e sobretudo à Superiora, a sabedoria, a fidelidade às Regras, o zelo, a vontade e a graça de conservar um mesmo espírito para santificar suas almas, de saber discernir a

222. Este bilhete tem um interrogante. Está escrito com a mão de Ir. Gertrude até “Tornar-se- humilde, serena, abandonada”; o que se segue está escrito com a letra de Maria Eugênia. Trata-se de uma oração feita em comum antes da partida para o Cap em 1849?

conduta de seus membros, salvar muitas almas pelas obras de zelo e de caridade, mil bênçãos para o Bispo e a Missão. Para nossos irmãos, santidade, desenvolvimento, que terminem com as dificuldades financeiras, e que criem uma Ordem muito útil para a educação e que tenha o espírito que pode nos fazer bem a nós também. P. d'Alzon, que Deus o tire de sua tristeza, que lhe dê a alegria dos santos, liberdade de espírito e todas as virtudes de que necessita.

Para nossas irmãs, espírito de regularidade, de caridade, de doçura, de zelo e de humildade.

Para a Professora, que Deus a faça avançar, cada dia, nos seus deveres, que a conserve nas suas boas resoluções,

Para mim que Deus me conceda a graça de sair das angústias e das repugnâncias que ele conhece, liberdade de espírito, ser bem dirigida, voltar a ter confiança, obedecer exatamente. Conseguir sentimentos de amor, re-encontrar as graças de oração que perdi por minha culpa²²³, tornar-me humilde, calma, abandonada, livrar-me de minha impressionabilidade, conseguir chegar a uma total pureza interior, humildade, simplicidade e amor, sobretudo a paz, a benevolência, a docilidade, o fim de toda amargura do coração, espírito de infância e de oração e contínua união a Nosso Senhor. Saber organizar meu tempo e minha vida para cumprir meus deveres. Ser uma boa Superiora em tudo e estar pronta para ser boa sem cargo algum. Saúde para empregá-la na Oração, a regularidade, a penitência, fervor sólido para essas três coisas. Sair dos embaraços e preocupações econômicas, que Deus funde a casa e a livre das dívidas. Boas postulantes fervorosas e capazes. Socorros espirituais para Ir. Térèse Emmanuel, graças [palavra ilegível] de Deus para ela e fiel correspondência, outras para ir. M. Aug[ustine], M. Gonz[ague], Cl[aire] Em. – Pureza, espírito cristão para as alunas. Saúde para Lisette e muita humildade.

Para nosso Santo Padre, o Papa²²⁴ que, para a glória de Deus e da Igreja, o tire de tantas dificuldades, que venha à França e desperte a fé. Socorros e luzes especiais do Espírito Santo.

Para a religião católica e a Igreja, que Deus a proteja, a glorifique, a estenda, a santifique na França e por toda parte. Conversão do Sr. de Franchessin, de Louis, de meu pai, de Alfred, toda minha família.

Para o P. Gabriel, Monsenhor [Sibour], P. Sibour, mil graças e bênçãos de Deus; que Deus lhes retribua assim como a Dom Affre, ao P. Le Saint e a todos nossos benfeitores todo o bem que nos têm feito. Bênçãos para todas as Ordens religiosas, o P. Lacordaire em particular. Vocação de Caroline para nós, casamento cristão para Louis.

N.251/02 [Bilhete de papel de carta mortuário, dobrado e fechado, levando a menção "Profissão de Ir. M. de Jesus e Wilfrid". [9 dezembro de 1850].]

Peço para mim a dependência, a graça de me unir profundamente a Jesus na Oração em passividade, despojar-me de meu amor próprio, ser humilde, amorosa, santificando meu coração conforme o modelo de Jesus Cristo, paciente, com o espírito de vítima de Jesus Cristo, fazendo que eu me dê toda aos outros, bem submissa e humilde na obediência e também na amizade, e ser assim também para com todos, na medida de meu relacionamento com cada pessoa. bastante saúde para

223. A partir daqui a letra é de Maria Eugênia.

224. Pio IX de 1846 a 1878.

poder seguir a regra, se Deus o quer, e também para dar bom exemplo, e poder trabalhar muito pela Congregação, – a graça de discernir o que é bom para a Congregação, para a Regra, para as fundações e fazer o necessário. – A fundação das duas Obras, a vocação de Dom Gay para a As[sunção], que o P. d’Alzon consiga o terreno de Chaillot, que tenha no próximo ano um Noviciado fervoroso – as maiores luzes e graças para o P. d’Alzon. – Que o P. de Cabrières seja religioso da Assunção – a saúde do P. Monnier, P. Picard, P. Cardenne, P. d’Alzon.

Para o Cabo boas vocações, socorros temporais, grande união com a Congregação, todas as graças de Deus, que o Bispo esteja contente conosco. – Para o P. Sibour mil graças de fervor e desejo de ir para Deus – a saúde – A conversão do Sr. de Francessin, meu pai, Louis, Eugène, Emma, Alfred, Sr. Rolli (sic), Sr. Wainbaye, Sr. e Sra. Doulchet, nossos amigos, parentes de nossas irmãs.

que nossas irmãs se santifiquem seriamente, que a casa seja fervorosa e siga a Regra, meios de construir uma casa regular, de pagar nossas dívidas, de ajudar nossas irmãs do Cabo, para as professoras a graça de uma mortificação constante, de uma vida verdadeiramente religiosa, para Ir. M. Caroline a humildade e a doçura, Ir. M. Bernard, M. Cécile e Louise, o dom da inteligência, para Ir. M. Louise o espírito de pobreza, para Ir. M. Gonzague uma vida toda interior, Ir. M. Térèse e Ir. M. Augustine dom de paciência, Louise o espírito de pobreza.

Todas as graças mais preciosas para o Papa, para a Igreja, para as Ordens religiosas, para o P. Gabriel, P. Deplace, Dom Sibour.

N.251/03 [Bilhete a lápis sem data.]²²⁵

para mim humildade, espírito de Oração, progressos reais, graças de governo, bom diretor, silêncio, regularidade completa, luzes de Deus e socorros para terminar as Regras, o cerimonial e o costumeiro e fazê-los aprovar.

Socorros para a casa de Londres, encontrar meios de remediar em suas necessidades. – Vocações para isso, vocação de Isaure e de Émilie, se for para a glória de Deus, - Vocações para o P. d’Alz[on], liquidação de todas as dívidas de Clichy, venda de seus terrenos, fim das dificuldades nos assuntos temporais deles e nossos. Perseverança e boas disposições para M. Angèle, M. Wilfrid, M. Cécile, M. Térèse, espírito religioso para M. Augustine, M. Walburge, M. Gonzague, Nathalie, que o Noviciado seja fervoroso, espírito de Governo e fervor para as superiores, dom de inteligência para Ir. M. do Santíssimo Sacramento, saúde para Ir. Térèse Em[Manuel] e Ir. M. Bernard; fidelidade na sua caminhada, casa regular em Sedan, em Nîmes e em Richmond, saúde e sabedoria para o P. d’Alzon, graças de luz, de santidade, de governo para o P. Picard, restabelecimento de sua saúde, graças para o Bispo de Rheims, de Westminster, de Mans, de Carcassonne, de Nîmes, de Trípoli, de Paris e de Southwork.

Que Deus afaste sua cólera da Igreja e da França, conversão da Inglaterra, benção, saúde luzes para o Papa e graças para todos nossos benfeitores, confessores, superiores, Irmãs da Ordem Terceira e amigos, – alunos para o colégio aqui e em Sedan; que Baby seja bom cristão e não ofenda a Deus, que Louis e sua esposa sejam

225. Poderia ser de 1858-59 segundo as pessoas nomeadas: Baby Emmanuel Milleret, sobrinho de Maria Eugênia, filho de Louis e Mathilde, nascida em setembro de 1856). “a criança que Mathilde carrega”: Margarita (Guita) nascida em 10 de junho de 1859. Isaure e Nathalie entraram no convento respectivamente em 1858 e 1859.

cristãos, boa morte e conversão para toda minha família, descanso para almas do purgatório, minha mãe, Sr. de Franchessin, nossas irmãs mortas, conversão do Sr. Rolly antes de morrer – do Sr. Warhayre, Sra. de Morange, Carlos de Tou[zon?]; bênçãos para a criança que Mathilde leva em seu seio, que seja toda de Deus.

graças para o Oratório, os Dominicanos, o P. Ceslas, Dom Gay, P. Mermillod, P. Monsabré, alunos para os colégios da Assunção.

N.252/01 [Bilhete de profissão, papel de carta dobrado. Sem data.]²²⁶

Para mim, espírito de oração, de humildade, de amor, de alegria e de paz, de união a Nosso Senhor, coragem para avançar.

Conversão completa de Ir. M. Marthe, Ir. M. Caroline, Ir. L[ouise] Eug., Ir. M. Em[manuel], Ir. M Aug[ustine], Ir. M. Cécile, luzes para mim para a Regra e o Governo – Vocação perseverante até o fim e bom espírito para Ir. Fr[ançoise] Élis[abeth]. – conversão de Louis, sua mulher, Sr. Rolly, Sr. Beva, Alfr[ed] – casamento de Alfred, paz nos assuntos de família, que Louis consiga sua independência²²⁷; adoração para todas nossas casas, construções de Bordéus e Londres, irmãs para Richmond, graças para o P. Picard e os Padres, que o P. d’Alzon se santifique, seja bom para nós, vocações e Regras bem feitas para ele, casa de Paris e do Noviciado bem estabelecidas.

Que as Professas sejam edificantes. Para Léonie desprendimento e graças da vocação a que foi chamada. Entrada em religião de Madeleine, Térèse, Léonie Kalm, Hélène, e M. Louise; saúde para Ir. M. André, Ir. Térèse Em., Ir. Camille, cura de minha língua, fundações de Poitiers e de Málaga.

salvação do Sr. Heurtloup.

[Na vertical] Que Deus nos envie boas superiores e Mestras de Noviças.

[no verso] Nossa Madre

N.253/01 [Bilhete de profissão.]²²⁸

6 de abril de 1867

Para mim espírito de humildade, de penitência, de oração, a paciência e sobretudo o amor de Jesus Cristo crucificado, a inteligência da Cruz, o amor mais generoso possível em todo meu relacionamento com Deus e com o próximo. Ser conduzida pelo Espírito de Deus no governo, a sabedoria, o discernimento do que Deus quer para nós em nossas Regras, o Noviciado e em toda a formação na Congregação.

Que Deus nos conceda definir as Regras que nos convêm, a aprovação do Instituto, que nos conceda paz com nossos Superiores²²⁹, bons Superiores, bons confessores em todos os lugares.

226. O autógrafo no alto da página está deteriorado, não permite ler corretamente a data que consta das folhas datilografadas para Roma (*Ita est*): agosto de 1864. Houve, sim uma profissão em 28 de agosto de 1864 e o texto do bilhete parece confirmar essa data, pelos nomes ou acontecimentos e mesmo a perspectiva de fundação.

227. O Sr. Milleret faleceu em 12 de agosto de 1864.

228. Houve uma profissão de várias irmãs no dia 5 de abril de 1867, e não no 6. Teria sido escrito na véspera?

229. Este bilhete se situa depois das dificuldades com o P. Véron, superior eclesiástico no momento da apresentação das Constituições a Roma em 1866. P. Véron faleceu na noite do 3 ao 4 de março

Que o P. d'Alzon esteja contente comigo e bom para meu bem espiritual e o das Irmãs. Que Nîmes se torne bem religioso, que possamos construir a apela e o internato, e que as irmãs sejam verdadeiras adoradoras e almas zelosas, organizar aí noites de adoração. Bordéus uma boa superiora, bom espírito e o desenvolvimento do colégio, um bom capelão, poder terminar o que falta ao prédio e ter a adoração.²³⁰

Que Londres se funde bem pela próxima visita, poder construir uma capela, ter aí um internato, outras obras, muito bom espírito, vocações, recursos necessários.

Graças de perfeição e de consolação para Richmond, para Sedan, conseguir a adoração, bons confessores e manter boas relações com os Superiores.

Para Lyon, reforma dos espíritos que precisam, desprendimento de lucros e apego à casa, poder comprar a casa vizinha, desenvolver o colégio, ter a adoração.

Para Málaga, casa regular, fervor, vocações, id para Poitiers.

Que as Irmãs que não têm bom espírito ou mudem ou deixem a Congregação, (M. Em[anuel], M. Chr[istiane], M. Aug[ustine], M. Virg[inie], M. Angèle, [um nome riscado ilegível] M. Joseph), que M. Eul[alie] M. Anselme se tornem completamente religiosas ou nos deixem e todas as outras que não chegariam a ser boas religiosas. Que Deus não permita que nos prejudiquem Que dê autoridade ao Governo.

Vocações para os Padres e para nós. Capela em Paris, colégio em Paris para os Padres, que sejam Agostinianos²³¹ e fiquem sempre unidos a nós. Para nós, as 4 de Richmond, Jeanne D'Ast[org], Madeleine de F[oucault], Marie d'Hozier, as duas Fléchet, Marie Bouchet, L. Marteau etc.

Saúde para nossas melhores irmãs, cura de Ir. M. du Calvaire. Conversão de meu irmão, meu sobrinho, saúde e vida cristã para as crianças. Casamento do Sr. Narcisse, que Ir. Marie J[oseph] se converta, que Julia venha, que os de B. fiquem com Gerty, e que a eduquem tão bem que possa ser religiosa, que Ir. Térèse [Emmanuel] esteja boa de saúde, se santifique, seja boa Mestra de Noviças, seja aliviada de tudo isso [na vertical] boas Superiores para nossas casas, boas Mestras de Noviças e do internato.

N.254/01 [Bilhetinho de profissão, dobrado em quatro.]²³²

6 de abril de [18]76

Peço a Deus minha santificação, a paz da Igreja, a conversão da França, para nós muitas vocações, recursos para regularizar e construir nossas casas: Lyon, o externato de Lourdes. Minha cura, se é a vontade de Deus – o fim das questões de família, que eu não tenha mais que me ocupar disso, que Emmanuel consiga um bom casamento para Ferdinand e Alfred, que Guita se cure e seja boa [Na vertical no reto] a conversão de Edith Hore.

[No verso] que Deus nos livre de escândalos e defecções.

Nossa Madre

1867 (Cf. C 3838) P. Jourdan lhe sucedeu, era Vigário Geral do Arcebispado de Paris.: “ Dizem que é muito bom, muito sereno, conhecendo muito pouco seu novo cargo e achando tudo muito bom” (C.,3840 29 março de 1867).

230. A adoração dependia da aprovação do Ordinário do lugar.

231. As Religiosas da Assunção e os Padres são afiliados à Ordem de Santo Agostinho, como Terceiros, desde 1866. O P. d'Alzon negociou a união com os Agostinianos, mas não se realizou.

232. 7 de abril, Profissão de Ir. Marie da Imaculada Conceição.

N.254/02 [Bilhete de profissão, formato de papel de carta, escrito reto e verso.]

Outubro de [18]76

Libertação do Papa, triunfo da Igreja²³³, conversão da França, de Paris, que Deus pare e confunda os projetos ímpios e revolucionários, conversão da Inglaterra, da Rússia, da Alemanha e fim da perseguição nesses dois países, conversão da América. Que sejamos preservados das revoluções, da destruição de nossos conventos e de todas as obras de educação e de zelo na França. Um governo cristão que salve as almas por boas Instituições e a fé na educação.

Minha santificação, grande amor por Deus, a conversão das irmãs imperfeitas, saúde, vida para ²³⁴Madeleine, M[Arie] du Christ, M. Térèse Emm., boas Superiores e boas Religiosas, que Deus estabeleça nossas relações com os Padres tal como ele quer²³⁵ faça a união, a santidade, o espírito interior entre eles e a união entre eles e nós.

Boas tradições, terminar bem a Regra para nossa santificação como Congregação e nossa finalidade segundo Deus.

Boas vocações para nós e para os Padres – meios para fundar em Lourdes, na Irlanda e em Madri e fazer muito bem, com comunidades fervorosas.

Para Emmanuel, que ande no bom caminho, vida cristã e honrosa, salvação eterna. Para Guitta que seja uma moça virtuosa. Um casamento cristão para Ferdinand.

Que Deus nos conceda uma casa para o externato na rua de Lübeck, uma casa para as obras e que Deus a abençoe. Cura de M. Fr[ançoise] Eug., o Céu para meu irmão²³⁶, que sua família se liberte das más influências.

[no verso] Nossa Madre

N.254/03 [Bilhetinho.]

Minha santificação, do P. P[icard] – de nossas casas, a graça de estabelecer regras e regulamentos para santificar o futuro.

União de coração em Jesus com o P. d’A[lzon], nossas Madres, nossas Irmãs e entre as duas Congregações. – Saúde, vida cristã para Louis, sua família, que sua vida se oriente bem. Vida cristã e meios de vida ²³⁷para Georges, conversão de F[erdinand], vocação para René²³⁸

Para nós vocação de Marthe²³⁹ Renard, de Lucie, de Srta. De W. – de Mad[eleine] de Malaret²⁴⁰, que entrem este ano, que Deus proteja nossas casas, nossas irmãs, nossas obras.—

233. Em setembro de 1870, os estados Pontifícios foram anexados à Itália e a partir dessa data, Pio IX se considerou prisioneiro no Vaticano.

234. “M. M. Claire” riscado.

235. O Capítulo Geral de agosto de 1876, tratou da questão do relacionamento entre as duas Congregações e o P. Picard foi nomeado Visitador das Religiosas da Assunção; mas no conjunto, as decisões não foram satisfatórias. A questão das relações será retomada no Capítulo especial de 1886.

236. Louis faleceu em Dezembro de 1875.

237. “Alfred” riscado.

238. Georges, Ferdinand e René são os três meio-irmãos de Maria Eugênia.

239. Srta. Roux, riscado, Renard, acrescentado. Srta Josefina Roux, nascida em 1850, entrou e saiu em 1876.

Liberdade para a Igreja, que todas as Ordens religiosas e o Clero se santifiquem e tenham liberdade para fazer o bem. Liberdade e conversão da França, da Inglaterra, liberdade, triunfo do Papa.

Saúde, santidade para o P. d'Alz[on], Dom Gay, nossas melhores irmãs. M. Térèse Emm., M. du Christ, M. Clémentine, M. Claire, M. Walburge.

[Na vertical] a Lorena, a Alemanha, a Alsácia católica[s]²⁴¹

N.254/04²⁴² [Bilhetinho escrito reto e verso.]

bom estabelecimento para a fundação de Nice.²⁴³

Perfeição religiosa, espírito da Assunção, dons de governo para Fr[ançoise] Él[isabeth], M. de l'Inc[arnation], M. du Christ, M. Caroline cura de M. Claire, que Ir. Fr[ançois] X[avier] se refaça, e eduque bem as meninas, que todas sejam excelentes religiosas. – Para mim, conversão sobretudo pela mortificação, o espírito de oração, a paciência, a humildade sincera e profunda, o maior amor possível para Nosso Senhor e Nossa Senhora; dom de governo, aprovação de nossas Regras, que Nosso Senhor inspire o que ele quer para nossa perfeição como Ordem, e perfeição de cada uma para a educação, a adoração, as fundações, etc...

relacionamento com os Padres, harmonia e união com eles. Santidade para o P. d'Alz[on] e sabedoria e luzes, bem como para o P. Picard, graças para todos, boas vocações para eles e para nós.

Pessoas capazes de ser Superiores, de formar as Noviças, de educar as meninas bem e segundo o espírito da Assunção.

Paz exterior e interior, que Deus proteja o Soberano Pontífice, converta a Europa, afaste as revoluções, renove as aspirações do povo cristão, que ele...

N.255/01 [Papel de carta dobrado em quatro, escrito de um lado e a metade do outro.]

Que Deus me dê a graça de santificar seriamente meus últimos anos, de estabelecer bem as regras e regulamentos.

Conversão da França e da Inglaterra. Que Deus quebre o trabalho do anticristianismo e que inspire horror dele aos povos. Que ele sustente Leão XIII.²⁴⁴

240. Madeleine de Malaret é citada na correspondência de 1874.

241. Depois da guerra de 1870 a Lorena e a Alsácia foram anexadas pela Prússia em 1871. O tratado de Francfort, no entanto, reconhecia aos habitantes dessas regiões a possibilidade de optar individualmente pela nacionalidade francesa, o que fez Maria Eugênia.

242. Para ajudar a pôr a data desta Nota: Nice foi fundada em 1868 e M. Caroline morreu em 1871.

243. Linha acrescentada no início da página.

244. Leão XIII foi eleito Papa no dia 20 de fevereiro de 1878. No dia 23, Maria Eugênia escreve ao P. d'Alzon "Muito me impressionou a alegria de nossas alunas como fui também impressionada da sua tristeza na morte de Pio IX. Deus seja bendito, vejo que pata elas como para nós, as alegrias e as dores da Igreja ecoam em seus corações. Enfim todo mundo está contente com este Papa..que Deus nos deu... e a unidade de amor e de homenagem que Pio IX fundou, continuará com ele." (C.3527 e Cf.C 3526)

Este bilhete de um lado está escrito a lápis, com a data de 8 de setembro 77, e não parece a letra de Maria Eugênia. No entanto uma página do texto parece que pode ser datada de 1877.

Para os Padres vocações, Bournisien, rapazes de Saint Dizier e do seminário menor, sacerdotes capazes, um para Diretor do Colégio, uma casa no Val²⁴⁵ – bom alunado em humanidades – concórdia.

Para nós boas vocações, moças capazes para ser Superiores e mestras de Noviças, Isabelle, Lila, M. Claire, Albertine, Srta Nettement²⁴⁶, – minha Marguerite²⁴⁷, Marie Miron – as de Montpellier, as que Deus conhece – irlandesas.

Que todas nossas casas sejam fieis à Regra – bênção para a fundação do externato – casa em Lourdes e em Ramsgate²⁴⁸ – Saúde para as irmãs, fidelidade à regra, cura de Ir. M. Catherine, Ir. M. de Saint Jean, Ir. J[eanne] Adelaïde, Ir. M. Clémentine, M. Camille²⁴⁹, Claire Emm.; uma superiora para Poitiers.

[na vertical] que Emmanuel se case com uma mulher muito cristã.

N.255/02 [Papel de carta dobrado em quatro. A parte superior (duas ou três linhas) parece ter sido tirada,]

que Deus livre M. Marg[uerite] de suas dificuldades, boas vocações e socorros para Londres. Conservar nossas casas, que Deus não permita que a Revolução faça mal à Igreja da França, na Itália – paz da Igreja na Alemanha, santificação dos sacerdotes, das religiosas, nossa santificação, estabelecer para nós regras, regulamentos sábios, que tudo se organize santamente no espírito querido por Deus. As mesmas graças para os Padres, para eles um Noviciado fora de Paris, uma capela em Paris. Boas vocações para eles e para nós. Poder construir Lyon e organizá-lo. Boas superiores, bons confessores e Superiores Eclesiásticos. Saúde para Madre Tèrese Em., M. M. Claire²⁵⁰, Ir. Germaine, M. M. Vincent, as boas superiores, as boas religiosas, Ir. M. de La Nativ[ité], Ir. Louise Eug. – Paz, perseverança para Ir. M. Charlotte, bom espírito em nossas casas.

Para mim um grande e verdadeiro amor de Deus e desprezo de mim mesma, um bom e santo retiro. Para minha família socorros para que sejam bons cristãos e vivam segundo seu estado. Para o P. d'Alz[on] santificação. Para o P. Picard graças de luzes, de virtude, de vida interior, de governo.

N.255/03 [Bilhetinho de profissão. A lápis.]

cura de Madeleine e de Ir. Rose Agnès, uma mulher boa e cristã para Emmanuel, sua conversão, a de Mathilde e de Amélie²⁵¹

245. Nessa época foi questão várias vezes do Val, perto de Paris onde os Padres desejavam abrir um Noviciado. Na Cronologia do P. Picard pelo P.Pépin AA diz o seguinte em setembro de 1877: “ O P. Picard e seus religiosos foram visitar a magnífica abadia do Val, atrás do bosque de Montmorency”. Dia 24 de setembro o P. Picard escreve a Maria Eugênia: “A abadia do Val é belíssima e esplêndida, mas é muito cara. Está nas mãos de Deus.” Este projeto não se realizou. Para as irmãs, foi questão de outra propriedade em 1868 o Val perto de Meudon. (Cf. Maria Eugênia ao P.Picard, C. 3641) Quanto ao Val Notre Dame, na Bélgica, a abadia foi adquirida pelas Religiosas da Assunção em 1902.

246. “Srta. Nettement” escrito sobre “Marg. De Th” riscado.

247. Sua sobrinha Guitta, que entrou no convento em 1878.

248. Ramsgate foi fundada em 1878.

249. Primeira redação: “oração para irmã M. de La Conception et M. Charl[otte], M. Aimée” riscado.

250. Para ajudar a datar este bilhete: As dificuldades de Londres são de 1876-77 (M. Marie Marguerite), M. Marie Claire morreu o dia 8 de junho de 1877 e Ir. Marie Charlotte saiu da Congregação em Outubro de 1877.

251. Cunhadas de Maria Eugênia, esposas de Louis e de Georges.

Boas vocações de Passy e de outros lugares, mestras capazes, superiora Adelaïde, Srta Bellet, que o P. Joly se torne nosso amigo.²⁵² Boas relações e união com os Padres.

[no verso, a tinta] Nossa Madre a ir. Anne Térèse

N.255/04 [Bilhetinho escrito a lápis.]

Rejeição do artigo 7.²⁵³

Cura de M. M. Du Christ, que termine a perseguição.

Conservar nossas casas e internatos

Boas e numerosas vocações.

Para ir. Marg[uerite]²⁵⁴ uma verdadeira obediência, para seu irmão um bom casamento.

[no verso] Nossa Madre

N.256/01 [Este N.256 é formado de três minúsculos bilhetes, páginas de agenda, cuja primeira data é: Circuncisão (1º de janeiro).]

[a lápis) Dei meu coração a Deus para o amar apesar de tudo o que ainda guardo de mim nesse coração, meu espírito para compreender minha incapacidade e aceitar tudo sem raciocinar, minha vontade para que se dobre à de Deus e à obediência.

[No verso(2 de janeiro) a lápis] Grande Retiro [1867]

N.256/02 [Página de agenda: 8 de janeiro.]

Meu Deus entro novamente no estábulo de Belém a seu serviço; quero observar todas as leis de sua casa que você me mostrou no dia de minha profissão, deixar-me formar pelo exemplo de Maria e José. Suas mãozinhas são dispensadoras de suas graças, inteligência de seus mistérios de sofrimento e humilhação, conceda-me todas elas quando o recebo na comunhão.

N.256/03 [Página de agenda : 9 de janeiro.]

Tomada de hábito de Ir. Madeleine de Jesus, Alphonse Marie, M. de l'Incarnation, M. Irenée, M. Étienne e M. Marcelina presidida por P. Véron.²⁵⁵

252. P. Joly presidiu a Profissão de Ir. Anna Teresa, dia 16 de novembro de 1878.

253. O Artigo 7 da lei de 18 de março de 1880 prescrevia: "Ninguém está admitido a dirigir um estabelecimento de ensino, público ou privado, se pertence a uma congregação religiosa não autorizada." Cf. Cc. 3612-3616.

254. Sobrinha de Maria Eugênia e irmã de Emmanuel, deixou o noviciado em abril de 1880.

255. Esta Tomada de Hábito se realizou em 9 de janeiro de 1867, depois das dificuldades com o P Véron. Cf notas de rodapé dos NN 227/01 e 253/01. Nesse mesmo dia Maria Eugênia escreve ao P. d'Alzon: "Sairei justo hoje do retiro para a Tomada de Hábito... não é estranho da parte do P. Véron ter querido tanto presidir esta cerimônia? Não me admiraria que fizesse um discurso onde tentaria dizer coisas amáveis. Que homem estranho!" E em post-scriptum: "O P. Véron está aqui, prontificando-se a fazer tudo o que queiramos..." C. 3119.

Meu Deus ensina-me a contemplar sua Paixão fazendo-me compreender os mistérios do sofrimento, da humilhação e da pobreza dolorosa, colocando no centro dos braços de sua Cruz, seu amor, seu Coração e sua obediência
Faça-me amar essas coisas.

N.257/01 [Letra grande, bilhete escrito mais tarde.]

Saúde para Ir. Louise M. e Ir. M. Clémentine
Bom sucesso, bom espírito para Cannes
Que o S[agrado] C[oração] não funde em Cannes nem em Nice
Que a casa de Reims se levante
Que a de Lyon se funde bem finalmente
Que em Poitiers possamos ter alunas e vocações, uma casa bem regular
Que Ramsgate²⁵⁶ se estabeleça bem, encontre recursos e vocações
Para nós, que os Padres sejam nossos amigos de verdade, para mim um amor de Deus bem grande.

[Em vertical na margem direita] para Emmanuel um casamento cristão, uma vida cristã

N.257/02 [Bilhete a lápis. Letra grande]

²⁵⁷ pedir a entrada de Léonie d'H[unolstein], Marg[uerite] de Br[etagne], de Marie D[urand] de Saint G[eorges], Srtas. Cazajoux, de la Chapelle, Denise Rouvière, Marg. Veillard, Térésa d'Hornoy, J. Glatou e saúde para ela, Fl. Hardwick, Lizzie Bliss.

cura de Ir. M. Anselme, saúde para M. de La Nativ[ité], M. du Christ, Casamento cristão para Emm[anuel], um pouco de felicidade cristã para Guitta.

Sucesso nos negócios de Emm[anuel] e de Ferdinand –

Que nos livremos das leis Brisson²⁵⁸ que nossas casas da França possam permanecer, socorros para Ramsgate, Casa em Granada²⁵⁹ com meios para fundá-la

Vocações de jovens bem formados para os Padres.

256. Para ajudar a datar este bilhete: Ramsgate foi fundada em 1878. Em 1878-79 Maria Eugênia se preocupa com o futuro da casa de Nice. Ir. M. Clémentine faleceu em 1881.

257. Houve uma profissão dia 25 de abril de 1881; várias das jovens nomeadas entraram no Noviciado depois de abril de 1881 (ou mais tarde); Ir. M. Anselme faleceu em 8 de maio de 1881; as leis Brisson datam de 1880-81.

258. Leis, decretos e relatórios (1880-81) contra as congregações religiosas: imposições a respeito dos estatutos, obrigação de aprovação do governo, diplomas de Estado obrigatórios, pesquisas sobre os bens. – Henri Brisson (1835-1912) Chefe do partido radical socialista e, em 1881, presidente da Câmara.

259. Fundada em 1883 durou pouco tempo.

Jacques Constant Milleret
1708-1790
casa-se com Élisabeth des Marquez † 1809

Philippe Joseph de Brou
1687-1740
casa-se com Isabelle Stevens 1692-1757

Jacques Philippe Constant Milleret
1751-1817
Philippe Joseph de Brou (Général)
1732-1796 Viena
Segundo casamento

Éléonore Eugénie Louise Bosquet 1751-1792

Jacques Constant Milleret
1779-1864 Primeiro casamento com _____
em 1801

Eugénie Eléonore Joséphine de Brou
1782-1832

Jacques Eugène*
1803-1867
casa-se em 1829

Charles
1813-1822
(sepultado em Preisch)

Louis*
1815-1875
casa-se em 1855

Mathilde* de Touzon † 1881

Emma* Dejean † 1865

Alfred*
1830-1877
(não teve filhos)

Emmanuel*
1856-1896
casa-se com Marie Citerne

Marguerite (Guitta)*
1859-1906
casa-se em 1882 com Henri de Valdor

René
1881-1955
casa-se com
Mad. Labarre † 1983

Maurice
1883-
casa-se com
Cl.Fursehouse

Henriette
1888-1970
casa-se com
M. Bickel

Yvonne
1894-1984

Jacques René El
casa-se com
J.Staskewitsch

Monique
casa-se com
P.Duceurjoly †

Huguette
Mme Sordoillet

Aurélia(1975)

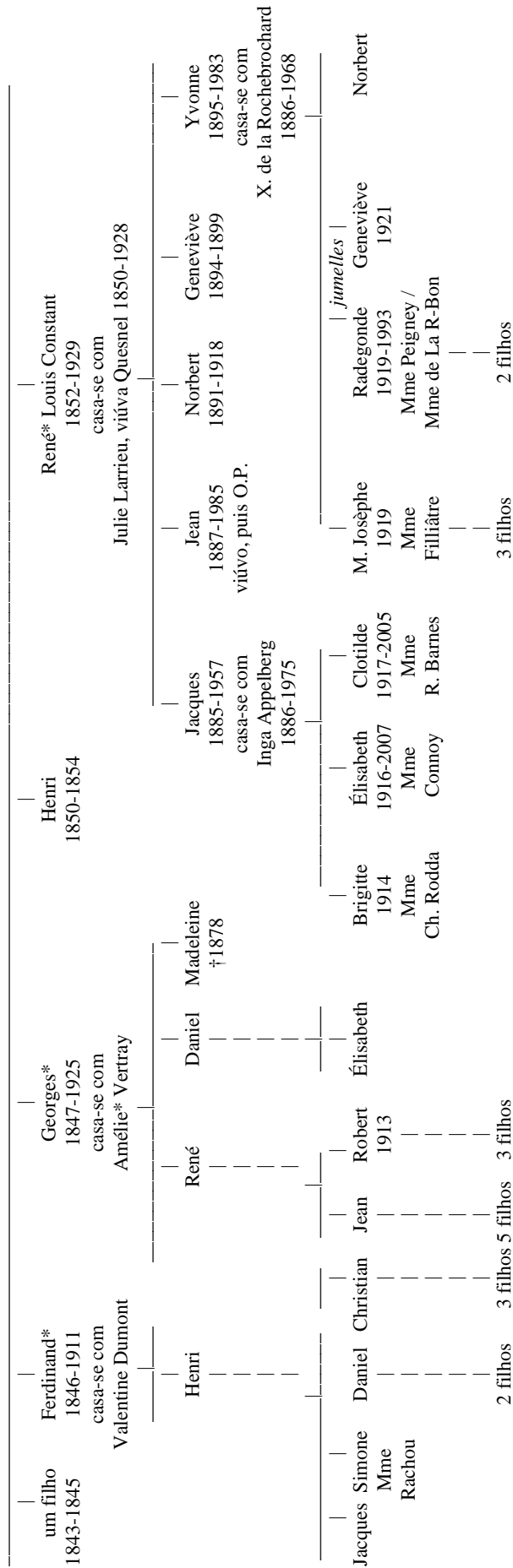
J.Jacques † Catherine Christine
descendência

Patricia Serge Jessica
descendência

Anne Marie Eugénie
1817-1898
fundadora em 1839
das Religiosas da Assunção

Anne Élisabeth
1822-1823
(sepultada em Preisch)

Jacques Constant Milleret 1779-1864 _____ Segundo casamento com _____ Anne Philippine de la Chevardière de la Grandville 1822-1865
1843 _____ 1843



* Nomes mencionados nas Notas Íntimas

FAMÍLIA DE MADRE MARIA-EUGÊNIA

CRONOLOGIA DA VIDA DE SANTA MARIA EUGÊNIA

Esta Cronologia foi redigida a fim de ajudar a leitura das *Notas Íntimas*, permitindo situá-las em um contexto; daí a escolha dos acontecimentos históricos e a maneira de transcrevê-los.

- Os acontecimentos da vida de Maria Eugênia, os acontecimentos da Congregação, o relacionamento com o padre d'Alzon constituem o conjunto principal de cada ano, na seqüência dos dias e dos meses.
- *Os fatos políticos estão escritos com margem maior e em tipo itálico.*
- Os fatos da história da Igreja, os que se referem à arquidiocese de Paris, aos Superiores eclesiásticos, às Congregações da Assunção e à família de Maria Eugênia depois da fundação, têm margem maior e tipo normal.

*

- 1817
- 26 de agosto: 1 hora da manhã. Nascimento de Anne Eugénie MILLERET, em Metz, 12 rue do Haut-Poirier, hoje rue do Chanoine Colin.
 - 5 de outubro,: Batismo na capela de Preisch, perto da estátua de Nossa Senhora da Consolação.
- 1819
- O senhor Milleret é eleito Conselheiro Geral da Moselle e condecorado no grau de Cavaleiro da Legião de Honra.
- 1821
- A família Milleret muda para 12 rue des Trinitaires, em Metz.
- 1822
- 10 de fevereiro: Nascimento de Anne-Élisabeth, irmãzinha de Ana Eugênia. Morte de Charles, 9 anos, segundo irmão de Ana Eugênia.
- 1823
- 17 de janeiro: Morte de Anne-Élisabeth.
- 1825
- A família Milleret muda para o 12 rue Pierre Hardie, depois para o 10 rue aux Ours, em Metz.
- 1827
- Queda de Ana Eugênia. Contusão no quadril. Essa queda terá seqüelas em toda a sua vida.
- 1828
- Os Milleret moram no 4 rue do Haut-Poirier. O Senhor Milleret tem também uma residência em Paris, 7 rue d'Antin, e outra no Luxemburgo.
- 1829
- 12 de fevereiro: Eugène, irmão mais velho de Ana Eugênia, casa-se com Emma Dejean.
 - 25 de dezembro: Ana Eugênia faz a Primeira Comunhão, na igreja de santa Segolena, na Missa das 10. Profunda experiência da graça. *"Esse instante foi curto, mas nunca o esqueci."*

- 1829-1830 Colégio interno em Metz, mas não é possível saber por quanto tempo.
- 1830
- 23 de junho: O Senhor Milleret é eleito deputado pela primeira circunscrição administrativa do Departamento da Moselle. Grande festa em Preisch.
 - *Julho: Revolução que derruba o rei da França, Carlos X, e passa o poder a Luís-Filipe de Orléans, proclamado rei dos franceses.*
- Conseqüências financeiras dos acontecimentos: falência dos bancos do Senhor Milleret.
- A família parte para Paris, ao que parece no início de dezembro.
- (A correspondência da Senhora Milleret a sua prima, Senhora Pruneau, permite acompanhar a evolução da falência e suas conseqüências, entre 1830 e 1832. Fala da família, mas não podemos reconstituir com clareza toda a história.)*
- 1830-1831 Ana Eugênia doente.
- Nas cartas da Senhora Milleret : “*Dor nos quadris... não pode ficar sentada... tem que ficar deitada*”. Em outros documentos e pelo que diz a própria Maria Eugênia mais tarde : “*Febre tifóide aos 12 ou 13 anos*”.
- 1831
- Agosto: A Senhora Milleret informa novo endereço em Paris.
- 1832
- 8 de julho: Morte da Senhora Milleret, vítima da epidemia de cólera. Ana Eugênia vai morar com a Senhora Doulcet, em Châlons-sur-Marne. Dúvidas e perturbações espirituais.
- 1833
- 13 de maio: Venda de Preisch.
- 1835-1836 Ana Eugênia em casa da Senhora Foulon, em Paris.
- 1836
- Quaresma: Pelo segundo ano consecutivo, o padre Lacordaire prega em Notre-Dame de Paris. Ana Eugênia assiste a essas conferências: **conversão** e **vocação**. Vai se encontrar com o padre Lacordaire.
- 1837
- Ana Eugênia ouve o padre Combalot que prega na igreja de Saint Sulpice.
- Quaresma: Procurando um confessor e depois de um sonho, pede o endereço do padre Combalot e vai à igreja de Santo Eustáquio. Ali, o padre Combalot fala de seu projeto de fundação.
 - 15 de abril: Domingo na oitava da Páscoa (= domingo de Quasimodo). Recebe o sacramento da Confirmação, administrado por Dom Quelen, Arcebispo de Paris.
 - Maio: Vocação decidida. Na casa das Dominicanas da rue de Charonne, Paris 11°, participa de um retiro pregado pelo padre Combalot. Faz voto de tornar-se religiosa, depois votos particulares de castidade e de obediência.
 - Julho: Férias na Lorena, em casa dos Néron, em Beauregard.
- Setembro: Revela ao pai sua vocação.
 - Novembro: Entra como pensionista no convento das Beneditinas do Santíssimo Sacramento, 16 rue Tournafort, Paris.

- 1838 Saúde abalada. Ana Eugênia deixa as Beneditinas do Santíssimo Sacramento e viaja com seu pai e o padre Combalot na Sabóia e nos Alpes. Consegue a permissão de fazer um noviciado sério.
- 15 de agosto: Entra na Visitação da Côte Saint André (Isère) para aprender o que é a vida religiosa.
 - Outubro: Passa alguns dias em casa da Senhora Combalot (mãe do padre Combalot), em Chatenay, perto da Côte Saint André. Aí encontra pela primeira vez o padre d'Alzon.
- 1839 A correspondência de Ana Eugênia com o padre Combalot traz muitas reflexões sobre o projeto em vista.
- 4 de Abril: Ana Eugênia despede-se da Visitação. Seu irmão Louis vem buscá-la e a leva para sua casa, em Paris, durante o tempo que precede a fundação.

**30 DE ABRIL DE 1839 :
FUNDAÇÃO da ASSUNÇÃO
EM PARIS, 15 rue FÉROU,
(atualmente n° IX) – 6ª circunscrição
ANA EUGÊNIA MILLERET
e ANASTASIE BÉVIER
(Irmã Maria Eugênia
e irmã Marie Augustine).**

- 4 de agosto a 23 de outubro: estada em Meudon, 12 rue des Pierres.
- 5 de agosto: Entrada de Catherine O'Neill (Irmã Thérèse Emmanuel).
- Setembro: Em resposta a uma carta de Maria Eugênia, carta de encorajamento do padre d'Alzon.
- 9 de outubro: Entrada de Joséphine de Commarque (Irmã Marie Thérèse).
- 23 de outubro: Volta a Paris. Instalação no 108 rue de Vaugirard.

• 9 de novembro: Celebração da primeira Missa na Assunção.

- Advento: Rezam o Breviário Romano.
- Natal: Missa à meia-noite na Visitação, 110 rue de Vaugirard.

- 31 de dezembro: Morte de Dom Quelen, Arcebispo de Paris.

1839-1840: Introdução às Constituições pelo padre Combalot, seguida da redação das primeiras Constituições.

- 1840
- 25 de fevereiro: Entrada de Henriette Halez (irmã Marie Josèphe).
 - 16 de março: Entrada de Constance Saint Julien (irmã Marie Gonzague).
 - Março: Monsenhor Affre, Vigário geral, considera as Constituições “boas e edificantes”.

- 26 de maio: Monsenhor Affre é nomeado Arcebispo de Paris.

- 14 de agosto: **Tomada de hábito de Maria Eugênia e das primeiras irmãs, presidida por Dom Affre.**

- 11 de Outubro: Entrada de irmã Marie Catherine e de irmã Anne Marie (primeiras irmãs conversas).

- Dezembro: O padre d'Alzon aceita o pedido feito por Maria Eugênia de escrever a ela de vez em quando, e coloca as condições desse relacionamento.

- Natal: Na Missa da meia-noite, na Visitação, primeira graça mística da irmã Thérèse Emmanuel.

1841

- Fevereiro: Maria Eugênia faz um retiro de oito dias.

- Março: Ela é eleita superiora pelas irmãs.

Projeto do padre Combalot de apresentar as Constituições diretamente ao Papa. Dificuldades.

- 3 de maio: Partida do padre Combalot. Ruptura.

- O padre Gros é nomeado Superior eclesiástico.

- Julho: Primeira estada de irmã Marie Josèphe fora da comunidade, por questão de saúde.

- 16 de julho: O padre d'Alzon aceita a direção espiritual de Maria Eugênia.

- Agosto: Retiro de profissão.

**14 de agosto: Primeiros votos de
madre Maria Eugênia de Jesus,
de irmã Thérèse Emmanuel da Mãe de Deus,
de irmã Marie Augustine de São Paulo,
cerimônia presidida pelo padre Gros.**

- Outubro: Chega a primeira aluna.

- Novembro: Carta de Maria Eugênia ao padre Gros.

- 27 de novembro: Resposta do padre Gros.

- 13 de dezembro: Carta ao padre Lacordaire.

- 25 de dezembro: Resposta do padre Lacordaire.

1842

- Março: Mudança da comunidade da rue de Vaugirard ao 26 Impasse des Vignes (atualmente rue Rataud). Para a capela, compra do altar de Port-Royal.

- 25 de maio: Primeiros votos de irmã Marie Thérèse da Encarnação e de irmã Marie Josèphe da Santa Família.

- 15 de agosto: No primeiro aniversário da profissão, Maria Eugênia faz uma oferta de si mesma para sua família.

- 15 de setembro: Ela começa um retiro de 8 dias.

- Outubro: No início das aulas, 14 alunas.

Nesse ano de 1842, Maria Eugênia redige os “Conselhos sobre a educação”.

- 8 de novembro: Primeiros votos de irmã Marie Gonzague da Conceição.

- Dezembro: Graça de Maria Eugênia durante a recitação do Salmo 20.

- 1843
- Março: O padre Gaume é nomeado Superior eclesiástico.
 - 25 de março: Oferta de Maria Eugênia ao Mistério da Encarnação.
 - 22 de junho: Maria Eugênia vai a Eaux-Bonnes (nos Pirineus), onde está irmã Marie Josèphe, doente.
 - 29 de junho: Morte de irmã Marie Josèphe.
 - Julho-Agosto: Primeira visita do padre d'Alzon depois do encontro em Chatenay. Ele faz com que as irmãs adotem a divisa: "*Adveniat regnum tuum*".²⁶⁰
 - 28 de agosto: Pela primeira vez, "*irmã Thérèse Emmanuel sente a dor das chagas de Nosso Senhor*".
 - 10 de setembro: Maria Eugênia começa um retiro de 8 dias.

1843-1844: Trabalho sobre as Constituições.

1844 Correspondência com o padre d'Alzon a respeito da fundação de uma Congregação religiosa masculina.

- Quaresma: Jejum total de irmã Thérèse Emmanuel.
- 10 de setembro: Maria Eugênia começa um retiro que será interrompido depois de quatro dias.
- 10 de outubro: Início de viagem a Nîmes, com a permissão do Superior eclesiástico e do padre d'Alzon, para consultá-lo sobre as Constituições. Viagem de barco e diligência.
- 16 de outubro: Chegada a Nîmes. Hospedagem em casa das Irmãs de Marie-Thérèse (Refuge) até o início de novembro.
- Início de novembro: A contragosto, viagem à Itália com o Senhor de Franchessin.
- 23 de novembro: Volta a Paris. Maria Eugênia foi confirmada no cargo de Superiora pelo padre d'Alzon.
- 15 de dezembro: Entrada em retiro de profissão perpétua, "*um pouco pregado pelo padre Gabriel*".

**25 de dezembro: Votos perpétuos de
madre Maria Eugênia, madre Thérèse
Emmanuel,
irmã Marie Augustine, irmã Marie Thérèse,
irmã Marie Catherine,
e 4^e Voto:
"Trabalhar por toda a vida para estender o
Reino
de Nosso Senhor Jesus Cristo
nas almas".**

Cerimônia celebrada às 7 da manhã pelo padre Gaume.

260. Venha a nós o vosso Reino.

- 1845
- 19 de abril - 15 de setembro: Estada do padre d'Alzon em Paris. Contatos frequentes com as irmãs.
 - 23-31 Mai: Ele prega o retiro no Impasse des Vignes.
- Madre Maria Eugênia faz um voto de obediência ao P. d'Alzon.
- Setembro: Visita da madre Macrine, abadessa basiliiana de Minsk.
 - Outubro: A Comunidade muda para o 94-96 rue de Chaillot.
 - 11 de dezembro: Pela primeira vez, votos perpétuos sem votos temporários (irmã Anne Marie).
- 25 de dezembro: Em Nîmes, **fundação dos Religiosos da Assunção.**
- 1846
- 2 de fevereiro: Na oração, Maria Eugênia renova o voto de obediência ao padre d'Alzon.
 - 23 de fevereiro -24 de abril: Estada do padre d'Alzon em Paris.
- 1º de junho: Morte do Papa Gregório XVI.
 - 16 de junho: Eleição de Pio IX.
- Junho: Grave doença de madre Thérèse Emmanuel.
 - 5-13 de setembro: O padre Gabriel prega o retiro às irmãs.
 - 8 de setembro: O padre d'Alzon faz voto de “dedicar-se totalmente à perfeição de Maria Eugênia”.
 - 22 de setembro: Maria Eugênia começa um retiro.
- 1847
- Março: A Comunidade tem 23 irmãs, entre professoras e noviças.
 - Agosto: Primeiro pedido de fundação, que não é atendido: uma casa de adoração em Paris.
 - 17-27 de setembro: Retiro – Exercícios Espirituais – pregado pelo padre Deplace, ex-Jesuita.
- 1848
- 15 de janeiro –meados de março: Estada do padre d'Alzon em Paris.
 - de 18-25 de fevereiro: Retiro de Maria Eugênia.
- *22 de fevereiro: Início da Revolução em Paris.*
 - *24 de fevereiro: Abdicação de Luís-Filipe. Proclamação da segunda República e Governo provisório.*
 - *22-26 de junho: Dias sangrentos.*
- 25 de junho: Morte de Dom Affre, Arcebispo de Paris, atingido por tiros. Ele tinha ido às barricadas pedir a paz.
- Julho: Um Diretor das Missões Estrangeiras pede uma fundação na China. *”Por causa de nosso 4º Voto, essa idéia me atrai muito”.*
- 12 de julho: Dom Sibour é nomeado Arcebispo de Paris.
- *Dezembro: Eleição de Luís-Napoleão Bonaparte como Presidente da República.*
- 1849
- Janeiro: O padre Sibour, primo do Arcebispo, é nomeado Superior eclesiástico.

- Fevereiro: Visita de Dom Devereux, Vigário apostólico das províncias orientais do Cabo: projeto e decisão de fundação.

- Durante a Quaresma, graças extraordinárias de madre Thérèse Emmanuel que pede para consultar o padre Lacordaire. Madre Maria Eugênia propõe que seja orientada em confissão pelo padre Gay. “*O padre Lacordaire me disse que não conhece ninguém melhor do que ele*”.

- Maio: Encontro de Maria Eugênia com o jovem Étienne Pernet, que ela propõe como noviço ao padre d’Alzon.

- 28 de maio–4 de junho: Retiro de Maria Eugênia, com ajuda e conselhos do padre Gerbet.

- 27 de agosto: Partida das missionárias do Cabo. Maria Eugênia as acompanha a Bruxelas e a Anvers.

- Novembro: Estada do padre d’Alzon em Paris.

1850

- Fevereiro: O padre Gay, confessor de madre Maria Eugênia e de algumas irmãs, simpatiza cada vez mais com a Assunção. Passa a ser o diretor espiritual de madre Thérèse Emmanuel. Madre Maria Eugênia desejaria que ele entrasse nos Assuncionistas.

- 15-22 de março: Retiro de Maria Eugênia (padre Gerbet).

- Maio: Partida de madre Thérèse Emmanuel para a fundação de Richmond. Madre Maria Eugênia encarrega-se do Noviciado.

- 19 de junho-22 de julho: Estada do padre d’Alzon em Paris.

- Agosto: Estada de madre Maria Eugênia em Ems, tratamento da garganta.

Passa por Aix-la-Chapelle, Trêves. Volta por Cattenom, propriedade do Senhor de Franchessin, não longe de Preisch.

- 14-24 de setembro: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre Deplace.

- 13 de novembro–15 de dezembro: estada do padre d’Alzon em Paris.

• 25 de dezembro: em Nîmes, profissão do padre d’Alzon e dos primeiros Religiosos da Assunção.

- Janeiro: Viagem de Maria Eugênia à Inglaterra.

- 14 de fevereiro-16 de março: Estada do padre d’Alzon em Paris.

- 2 -10 de março: Retiro de Maria Eugênia.

- Maio: O padre d’Alzon está em Paris para procurar uma casa para sua Congregação.

- 21 de junho: Morte de Senhor de Franchessin, assistido pelo padre Gabriel.

Julho: O padre d’Alzon abre um colégio em Paris, rue du Faubourg Saint Honoré.

- Setembro: Retiro da Comunidade. Maria Eugênia dá as instruções.

- 2 de dezembro: *Golpe de estado de Luís-Napoleão, Presidente da República, com o objetivo de restabelecer o Império.*

1852

Fevereiro: O padre de la Bouillerie é nomeado Superior eclesiástico.

- 19 de março–4 de abril: Estada do padre d’Alzon em Paris.

- 29 de abril: Partida de um segundo grupo de irmãs para o Cabo, desta vez de Toulon.

- Maio: Viagem de madre Maria Eugênia a Nîmes onde o padre d'Alzon deseja uma fundação.

Volta de madre Thérèse Emmanuel de Richmond.

- 8 de setembro: Chegada do padre d'Alzon em Paris.
- 9 de setembro: Maria Eugênia começa o retiro com ele.
- 20 de setembro: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre d'Alzon.
- 21 de setembro: Maria Eugênia renova o voto de obediência ao padre d'Alzon.
- Novembro: Projeto de fundação na Lorena. Não se realizará.

• 2 de dezembro: *Luís Napoleão torna-se Imperador dos franceses, sob o nome de Napoleão III.*

- 10 de dezembro: Madre Maria Eugênia escreve a madre Marie Gertrude, Superiora do Cabo, para pedir que volte “*em nome da obediência*”.

1853

- Janeiro: Maria Eugênia, doente desde dezembro, deve viajar para um descanso.
- 12 de fevereiro – 13 de março: Estada do padre d'Alzon em Paris.

Aquisição pelos padres de um terreno em Clichy.

- Junho: Construção em Chaillot. Projeto de fundação em Sedan. Grande cansaço de Maria Eugênia. Dor nos quadris e na perna.
- Julho: Impossível ficar sentada ou de pé. Os médicos decidem enviá-la a uma estação de tratamento em Bourbon-l'Archambault (Allier). Seu irmão Louis vai levá-la de carruagem.
- 2 de agosto: Partida para Bourbon, chegada dia 4.
- 31 de agosto: A dor piorou, decisão de voltar a Paris. O doutor Gouraud acompanha Maria Eugênia.
- 20-30 de setembro: Retiro da Comunidade .
- 30 de setembro: Madre Maria Eugênia recebe uma carta de ruptura de madre Marie Gertrude, do Cabo.
- Outubro: Maria Eugênia só pode mudar de lugar em cadeira de rodas ou deitada numa maca.
- 11-24 de novembro: Estada do padre d'Alzon em Paris.
- 13 de dezembro: Começo de uma novena aos 70 Mártires da China, pelo restabelecimento de Maria Eugênia.
- 22 de dezembro: Os médicos pensam que há um abscesso. As dores são tão fortes que eles sugerem uma operação, “*não perigosa, mas que exigiria repetir-se 5 ou 6 vezes*”.

1854

Perspectiva de uma operação, adiada três vezes.

- 15 de fevereiro: “*É o nono mês que estou assim, de cama, doente*”.

Outra novena aos 70 Mártires da China.

- 3-13 de março: Estada do padre d'Alzon em Paris.
- 25 de março: Como resposta ao voto de obediência de Maria Eugênia, o padre d'Alzon faz voto de “*dedicar-se a sua santificação*”.

• 26 de abril: Morte de Dom Devereux, no Cabo.

- 27 de abril: Dom Sibour oferece pedir a Roma un Breve laudativo para a Congregação. O pedido é redigido e aprovado pelo Superior eclesiástico.
- 19 de maio: Congestão cerebral do padre d'Alzon.
- Fim de junho: Maria Eugênia pode ir a Sedan, mas faz a viagem deitada.

- Julho: Estada de Maria Eugênia na Estação de Águas de Enghien, ao Norte de Paris.
- Agosto: Durante a preparação da fundação de Sedan, grassa nessa cidade uma epidemia de cólera. Maria Eugênia autoriza irmã Marie Thérèse, enfermeira, a cuidar dos doentes.
- 25 de setembro–5 de outubro: Retiro da Comunidade em Chaillot, com o padre Gay.
- 9 de novembro: Maria Eugênia começa o retiro. Suas dores físicas diminuíram, mas ela só pode escrever deitada. A enfermidade diminui pouco a pouco e parece voltar só nos momentos de maior cansaço.

A fundação de Nîmes se define.

- 8 de dezembro: em Roma, proclamação do Dogma da Imaculada Conceição.

1855 • 19 de janeiro: **Decreto Laudativo** concedido por Roma à Congregação, depois da apresentação dos Estatutos. Em junho, esse Decreto será transformado em **Breve**, assinado pelo Papa.

- Março: O padre de la Bouillerie, Superior eclesiástico, foi nomeado bispo de Carcassonne. Dom Sibour (Bispo de Trípoli) toma a sucessão. Ele já foi Superior eclesiástico de 1849 a de 1852.

• Março–Maio: Período ocupado pelo projeto de venda de Chaillot e de compra de outra propriedade.

- 14 de junho: Casamento de Luís Milleret e Mathilde de Touzon, na capela de Chaillot.

- 24–31 de julho: Estada do padre d'Alzon em Paris; encontro com o padre Gay; Maria Eugênia ainda deseja que ele entre com os padres.
- Setembro: Visita da propriedade da Thuilerie, em Auteuil, e decisão de compra.
- 21 de outubro: Partida de Maria Eugênia para a fundação de Nîmes. Volta dia 28.
- Fim de outubro : O Cardeal Wiseman pede uma fundação em Londres.
- Outubro–Novembro: Projeto de construção junto do castelo da Thuilerie (arquiteto Verdier). Multiplicação dos trâmites para obter do Governo a aprovação da Congregação.
- 6 de dezembro: Partida de Maria Eugênia para Nîmes. Fica até o dia 27 e passa a tarde desse dia em Lavagnac, propriedade dos d'Alzon. Encontra ali o padre e no dia seguinte participa de sua Missa.
- 31 de dezembro: A conselho de Dom de la Bouillerie (Bispo de Carcassonne), Maria Eugênia vai a Sorèze, onde o padre Lacordaire fundou um colégio. Encontra-o e fala com ele sobre uma fundação da Assunção em Montolieu, não longe de Sorèze. O projeto não se realizará.

1856 • 1º de janeiro: Maria Eugênia participa da Missa do padre Lacordaire em Sorèze.

- 4 de janeiro: Volta a Nîmes depois de ter ido a Carcassonne e a Montpellier.
- 8 de janeiro: Volta a Paris.
- 16 de fevereiro: Começam a cortar árvores e a cavar o terreno em Auteuil, preparando a construção.

- 5 de março: A aprovação **oficial** da Congregação é concedida pelo Imperador Napoleão III. O decreto de reconhecimento legal foi recebido no início de abril.

- 14 de abril: Lançamento da primeira pedra do Mosteiro de Auteuil, e bênção por Dom Sibour, Superior eclesiástico. O trabalho desse tempo reacende a dor de Maria Eugênia (cf. 1853-1854).

- 9 de maio: Nascimento de Luís-Emmanuel, sobrinho de Maria Eugênia; batismo dia 14. Maria Eugênia conseguiu permissão de ser a madrinha.

- 25 de junho – 5 de julho: Estada de Maria Eugênia em Nîmes para compra de um terreno. Em seguida viagem a Cauterets, estação termal dos Pirineus, passando por Montpellier, Toulouse e Tarbes.

- 8 de julho – 12 de agosto: Estada em Cauterets.

- 9 de agosto: Peregrinação a Bétharram, santuário Marial.

- Volta a Paris por Pau, Dax, Bordéus.

- 16 de agosto: Grande recreio da Assunção na Thuilerie.

- 29 de agosto – 6 de setembro: Maria Eugênia está em Nîmes.

- 8 de setembro: Início do retiro da Comunidade, pregado pelo padre Mermillod.

- 21–29 de setembro : Retiro de Maria Eugênia.

- 24 de setembro : Na festa de Nossa Senhora das Mercês, faz um ato de oferta de si “pela redenção e libertação das almas prisioneiras”.

- Outubro: Maria Eugênia convida o padre d’Alzon, cansado, para passar um tempo na Thuilerie, antes da partida de Chaillot e instalação da Comunidade no novo Mosteiro. Ele chega aí no fim de novembro.

- 1857 • 3 de janeiro: Assassinato de Dom Sibour, Arcebispo de Paris, na igreja Saint Étienne du Mont. Dom Morlot assume a sucessão.

- 17–27 de janeiro: O padre d’Alzon faz um retiro na Thuilerie. Continuam as obras em Auteuil.

- 16 de fevereiro – 13 de março: Viagem de Maria Eugênia a Londres, em vista de uma fundação; e a Richmond.

- 20–28 de abril: Visita de Sedan.

- 5 de maio: Partida para Nîmes onde o padre d’Alzon chega no dia 13.

- 20 de maio: Partida de Nîmes e chegada à noite na Visitação da Côte Saint André.

- 23 de maio: Volta a Paris.

- Fim de julho – Início de agosto: Mudança de Chaillot para Auteuil.

• 10 de agosto: Instalação em Auteuil.

- 7–17 de setembro: Retiro de algumas irmãs, sem pregador.

- Setembro: Fundação de Londres.

- Outubro: Primeiro início das aulas em Auteuil, no castelo da Thuilerie, transformado em internato.

- Novembro: O padre Picard é o confessor das irmãs e das alunas

- Dezembro: O padre Darboy, Vigário geral, é nomeado Superior eclesiástico.

- 1858
- Janeiro–Junho: Doença grave de Emmanuel, sobrinho de Maria Eugênia. Ele está em Auteuil com sua mãe.
 - 11 de fevereiro: Início das aparições de Lourdes.
 - 15 de fevereiro–Início de março: Maria Eugênia está em Nîmes.
 - 10 de maio: Maria Eugênia começa o retiro em Auteuil, junto de irmã Marie Liguori, agonizante.
 - 14 de maio: Morte de irmã Marie Liguori.
 - 20 de maio: Fim do retiro de Maria Eugênia.
 - Junho: Viagem de Maria Eugênia a Londres e a Richmond.
 - 2–19 de julho: Estada do padre d’Alzon em Paris.
 - Agosto – Setembro: Presença em Auteuil das irmãs que vêm para o Primeiro Capítulo Geral.
 - 22–30 de agosto: Retiro pregado pelo padre Enjelvin.
 - 2 de setembro: Sob a presidência do padre Darboy, Superior eclesiástico, madre Maria Eugênia é eleita Superiora geral vitalícia.
 - Novembro: Viagem de Maria Eugênia a Nîmes.
- 1859
- 10 de fevereiro – 3 de março: Presença do padre d’Alzon em Paris.
 - 4 de março: Maria Eugênia leva uma pancada. A dor antiga recomeça. Tem que ficar deitada até o 22 de março.
 - 2 de julho: Está em Sedan.
 - 23 de julho: Parte para Londres.
 - 4–14 de setembro: Retiro da Comunidade de Auteuil, pregado pelo padre Petetot, dos padres do Oratorio.
 - Outubro: Aquisição de Kensington.
 - 25 de outubro: Maria Eugênia começa um retiro, interrompido no quinto dia por um acesso de febre. O médico exige repouso total e proíbe as viagens.
 - 8–15 de novembro: Estada de Maria Eugênia em Mans, com irmã Marie Thérèse, enfermeira, “*para mudar de clima e cortar a febre*”.
 - Dezembro: O padre Darboy é nomeado Arcebispo de Paris. O padre Véron é seu sucessor como Superior eclesiástico.
- 1860
- Entre de janeiro e de junho, viagens de Maria Eugênia a Sedan, Londres e Richmond.
 - 22 de junho: Partida para Bordéus, onde foi pedida uma fundação, e para Nîmes.
 - 17–23 de agosto: em Auteuil, retiro da Comunidade, pregado pelo padre d’Alzon.
 - Setembro: Fundação de Bordéus.
 - 10 de outubro: Visita muito benevolente do padre Véron.
 - 1º de novembro: Maria Eugênia começa um retiro.
- 1861
- 24 de junho: A conselho do padre d’Alzon, Maria Eugênia parte para uma estação de um mês em Ems, com duas irmãs. A caminho, passa um dia e uma noite em Metz.
 - 22 de julho: Partida de Ems e repouso na Lorena, perto de Thionville. Depois, parada em Sedan.
 - 3 de agosto: Volta a Auteuil.

- 17 de agosto: Retiro pregado pelo padre d'Alzon, até dia 22 (5º dia) pois ele teve que retornar a Nîmes.
 - Fim de agosto-Início de setembro: Maria Eugênia está em Bordéus.
 - Setembro: Fala-se sobre uma fundação em Beirute. De outro lado, o padre d'Alzon sugere que a Congregação se estabeleça em Jerusalém, no local do túmulo de Maria.
 - Novembro: em Londres, Dom Howard propõe a obra da Primeira Comunhão das meninas.
Projeto de fundação em Lyon.
 - 29 de dezembro: Maria Eugênia parte para Nîmes e Lyon.
- 1862
- 16 de janeiro: Volta de Maria Eugênia a Paris.
 - 3-12 de fevereiro: Ela está em Bordéus onde encontra o padre d'Alzon que prega um retiro para Senhoras.
 - 9 de março: na reunião hebdomadária do Capítulo, *“por unanimidade, as irmãs aprovaram pedir a Roma votos de dois anos antes dos votos perpétuos”*(cf. 1845).
Em maio chegará a autorização.
 - 14 de março-5 de abril: Maria Eugênia está em Londres e Richmond.
 - Maio: Peregrinação a Roma do padre d'Alzon e da diocese de Nîmes. Projeto de fundação dos Padres na Bulgária.
 - 15-27 de maio: Madre Maria Eugênia está em Lyon com a Superiora, madre Marie du Saint Sacrement, e duas irmãs.
Peregrinação a Fourvière, visita às Irmãs do Retiro, de Marie-Thérèse, etc.
 - 3 de junho: na audiência dos peregrinos de Nîmes, o padre d'Alzon ouve Pio IX lhe dizer: *“Abenço suas obras do Oriente e do Ocidente”*.
 - 20–28 de junho: Maria Eugênia faz um retiro.
 - 10–20 de agosto: Visita de Lyon.
 - 26 de agosto–2 de setembro: Londres e Richmond.
 - 7–16 de setembro: Retiro da Comunidade de Auteuil, pregado pelo padre Bernard, Carmelita de Rennes.
 - 25–30 de outubro: Maria Eugênia está novamente em Lyon.
 - 27 de novembro: Depois de consultar o Conselho geral, madre Maria Eugênia responde que *“por enquanto”* não podem atender ao pedido de fundação de Jerusalém... *“salvo se a Imperatriz assumir as despesas”*. E acrescenta: *“não temos ninguém para enviar ali”*.
- 1863
- Janeiro: O padre d'Alzon, muito ocupado em vista da próxima viagem a Constantinopla, escreve a Maria Eugênia: *“Se vocês quisessem enviar algumas religiosas a Belgrado, na Sérvia, fariam uma obra maravilhosa para a Igreja”*.
 - 24 de fevereiro: De Constantinopla, ele escreve: *“Vocês fariam um internato em Philippopoli ?... Poderiam estabelecer ali uma Escola Normal”*.
 - Março: Maria Eugênia responde: *“Em teoria, aceito os projetos que você propõe, tudo o que poderíamos fazer; na prática, só pode sair alguma coisa séria através de conversas que poderemos ter em sua volta, quando você conhecer bem as coisas e os lugares”*.
O Conselho mantém-se na negativa para Jerusalém.
 - 8 de maio: Maria Eugênia está em Sedan.

- 27 de maio – meados de junho: Viagem a Nîmes para encontrar o padre d'Alzon. Durante essa estada, Maria Eugênia visita Hyères (projeto de fundação), pára em Toulon, volta a Nîmes, depois pára em Lyon e Dijon.
- 30 de agosto – 7 de setembro: O padre d'Alzon prega o retiro da Comunidade, em Auteuil.
- 24–30 de novembro: Maria Eugênia faz um retiro.
- 8–24 de dezembro: Vai a Lyon, depois a Nîmes e conversa com o padre d'Alzon sobre os projetos do Oriente.

1864

- Fevereiro: O padre d'Alzon está em Paris.
- Março: Viagem de Maria Eugênia a Sedan.

- Abril: O Senhor Milleret recebe o padre Picard em sua casa, no interior, a convite de Louís, “*para que ele se acostume a ver uma batina... Espero que isto vai abrir caminho para o futuro*”.

- 26 de abril: Maria Eugênia está em Bordéus.
- Junho: Perspectiva de fundação em Málaga.
- 19 de julho: Carta de Convocação para o Segundo Capítulo Geral .
- 5 de agosto: O padre d'Alzon propõe uma fundação em Andrinopla. A resposta deve ser dada pelo Capítulo Geral.

- 13 de agosto: Morte de Senhor Milleret, “*assistido pelos Sacramentos*”. Maria Eugênia foi visitá-lo três vezes, para prepará-lo.

- 20 de agosto: Abertura do retiro do Capítulo, pregado pelo padre Gay.
- 5 de setembro: Primeira sessão do Capítulo Geral, presidida pelo padre Véron.
- 11 de setembro: “*Sem desistir da fundação de Andrinopla, a decisão foi de adiá-la, pelo menos até que a dos Padres da Assunção estivesse estabelecida e que tivéssemos irmãs formadas para que a fundação possa ser feita com segurança*”.

- Depois do Capítulo, Maria Eugênia vai descansar dez dias na Lorena, em casa de uma amiga de infância, acompanhada por seu irmão Louís.

- Outubro: Dificuldades de compreensão com o padre d'Alzon a respeito da fundação nos países do Leste.

- Maria Eugênia vai a Sant'Anne d'Auray para descansar e passa por Saint Martin de Tours e Poitiers, em vista de uma fundação.
- Novembro: Projeto de irmãs Oblatas ou Ordem Terceira sem clausura, para a Congregação. “Percebo que há muito bem que nós não podemos fazer, e que elas poderiam assumir”.
- Dezembro: Viagem a Nîmes (com escala em Lyon) para reencontrar o padre d'Alzon. Algumas irmãs poderiam ir para o Leste em maio de 1865.
- Meados de dezembro: As primeiras irmãs destinadas a Málaga viajam para Nîmes. Vão embarcar de Marselha em janeiro de 1865.

- 8 de dezembro: Pio IX publica a Encíclica *Quanta Cura* e o *Syllabus*.

Nesse mesmo ano de 1864, em Auteuil, construção do Petit Couvent²⁶¹, chamado de Imaculada Conceição.

- 1865
- 13 de fevereiro: Partida para Poitiers onde foi oferecida uma casa perto da Igreja Sainte Radegonde.
 - Março: Desejo de adiar a fundação do Oriente.
 - 6-15 de março: Retiro de Maria Eugênia “*com as meditações do padre Saint-Jure sobre a pessoa de Nosso Senhor... e o sermão depois da Ceia*”.
 - Abril: Morte de Madame Milleret (Anne Philippine de la Chevardière), segunda esposa do pai de Maria Eugênia.
 - Maio: Incompreensões com o padre d’Alzon a respeito da missão no Oriente e tentativas de explicação mútua sobre as dificuldades de relacionamento.
 - 24 de maio: Para servir à missão do Oriente, fundação pelo padre d’Alzon das **Oblatas da Assunção**. As primeiras irmãs se reúnem no Vigan, em Rochebelle, chamada Nossa Senhora da Bulgária.
 - Julho: A pedido do padre d’Alzon, madre Marie Madeleine é enviada de Sedan ao Vigan para ajudar na formação das Oblatas.
 - Julho: Fundação des **Irmãzinhas da Assunção**, em Paris, pelo padre Pernet e Marie Antoinette Fage (Madre Marie de Jesus).
 - 16 de junho-14 de julho: Maria Eugênia está em Londres e Richmond.
 - Início de setembro: Está em Sedan e Saint Dizier, em vista de uma fundação.
 - 17-28 de setembro: em Auteuil, retiro pregado pelo padre Mas S.J., de Bordéus.
Trabalho sobre as Constituições em vista do pedido de aprovação do Instituto.
- 1866
- Fevereiro-Março: Maria Eugênia vai a Vannes, Saint’Anne d’Auray, Poitiers, Bordéus.
 - Abril: Além do trabalho sobre as Constituições, correspondência com os Bispos para obter cartas de recomendação necessárias para a aprovação do Instituto.
 - Abril-Maio: Fundação de Poitiers.
 - Maio: Primeira viagem de Maria Eugênia a Roma.
 - 9 de maio: Parte de Auteuil, via Lyon e Nîmes, onde encontra irmã Jeanne Marie de l’Enfant Jésus, que será sua companheira de viagem em Roma.
 - 17 de maio: Partida de Marselha.
 - 19 de maio: Chegada a Civita-Vecchia e Roma.
 - 20 de maio: Pentecostes. Missa Papal na Capela Sixtina.
 - Nos dias seguintes: Visita aos Santuários e encontros com personalidades eclesiásticas.
 - 31 de maio: Corpus-Christi. Audiência de Pio IX.
 - Junho: em Paris, dificuldades com padre Véron, Superior eclesiástico (Questão Véron).
- Depois de uma nova audiência de Pio IX, dia 1º de julho, Maria Eugênia parte de Roma dia 4 de julho e, em várias etapas, chega a

261. Hoje a Casa Geral está instalada nesse prédio.

Paris dia 10. Os problemas com padre Véron estão cada dia mais graves.

- 9 de agosto: Lançamento da primeira pedra em Saint Dizier.
- 13-23 de setembro: em Auteuil, retiro pregado pelo padre Vitte, Marista.
- 10 de novembro : Madre Thérèse Emmanuel é nomeada Superiora local.
- Novembro: Madre Maria Eugênia vai a Nîmes falar com o padre d'Alzon. Junto às Oblatas do Vigan, madre Marie Madeleine é substituída por madre Marie Emmanuel.

• 17 de novembro: Uma carta de padre Véron anuncia que no dia 23 será lançada uma “interdição” sobre Auteuil (supressão do Santíssimo Sacramento e proibição do ministério sacerdotal).

• 20 de novembro: O padre Véron é nomeado pároco da igreja S. Vicente de Paulo.

• 22 de novembro: O decreto de “interdição” é suspenso.

Nesse intervalo, a Congregação recebeu apoio total do padre d'Alzon e dos Padres da Assunção, como também de vários Bispos. Mas as tratativas para a aprovação da Congregação foram adiadas para ocasião mais tranqüila.

1867

- 2 de janeiro: Maria Eugênia começa um retiro.
- 9 de janeiro: Tomada de hábito presidida pelo padre Véron.
 - Fim de janeiro: Morte de Eugênio, irmão mais velho de Maria Eugênia.
 - 3 de março: Morte do padre Véron.
- 15 de março: Maria Eugênia está em Sedan.
 - 29 de março: O padre Jourdan, Vigário geral, é nomeado Superior eclesiástico, sucedendo ao padre Véron.
- Abril: a pedido de Dom Mermillod (bispo suíço), Maria Eugênia começa a redigir um trabalho sobre a situação das Congregações com Superiora Geral.
- 22 de abril: Madre Thérèse Emmanuel parte para a visita das casas da Inglaterra.

Na sua ausência, madre Maria Eugênia dá as Instruções do Noviciado.
- Maio: Maria Eugênia vai a Saint Dizier, Lyon e Nîmes.
- 10-11 de junho: Na volta por Lyon, madre Maria Eugênia e madre Marie do Saint Sacrement, Superiora de Lyon, vão a Genebra falar com Dom Mermillod.
- Junho-Julho: Maria Eugênia faz projetos para uma estação de águas em Ems com o padre d'Alzon e Marie Correnson, de Nîmes, que se prepara para ser encarregada das Oblatas. Mas o padre, doente no Vigan, tem que desistir dessa viagem.
 - 29 de junho: Festas grandiosas em Roma para celebrar o 18º Centenário do martírio de São Pedro e São Paulo. Durante os festejos, Pio IX anuncia a convocação de um Concílio.

- 1º de agosto: Maria Eugênia parte para Ems com Marie Correnson.
- 7 de agosto: Na volta, passa por Sedan, Saint Dizier e Reims, onde o novo Bispo, Dom Landriot, pede uma fundação.

• 14 de setembro: o **Decreto de aprovação do Instituto** é concedido por Roma.

• Outubro: Maria Eugênia está em Bordéus, Poitiers, Reims onde a fundação deve ser na Páscoa de 1868. Mas aparecem grandes dificuldades com o Arcebispo de Paris, Dom Darboy, que se opõe a essa fundação.

Dom Ledochowski, Arcebispo de Posen, pede uma fundação na Polônia. Essa fundação não se fará.

- Novembro: Os Zuavos pontifícios ganham a batalha de Mentana contra as tropas de Garibaldi. Maria Eugênia escreve: “*Não podemos pertencer ao corpo dos Zuavos, mas nossos corações estão com eles*”.

1868

Durante este ano, Maria Eugênia se interessa muito pela preparação do Concílio, pelos teólogos escolhidos, pela questão dos confessores das Congregações religiosas femininas, pela questão dos Votos solenes para as mulheres, etc.

As dificuldades com o Arcebispo de Paris a respeito de Reims só se amenizarão em meados de janeiro.

- O padre Deplace sucede ao padre Jourdan como Superior eclesiástico.

• 16 de janeiro: Recepção oficial do Decreto de aprovação do Instituto e das *Animadversiones* sobre as Constituições.

Serão feitas traduções para a Inglaterra e a Espanha.

• Março: Maria Eugênia está em Sedan, Saint Dizier, Reims.

• 30 de março – 7 de abril: Faz um retiro em Auteuil.

• 14 de abril: Fundação de Reims.

• 22 de abril: em Lyon, encontro com o padre Vitte que deve ir a Roma e se ocupa dos Estatutos dos Religiosos em geral.

• 25 de abril: em Marselha, madre Maria Eugênia assiste com o padre d’Alzon e madre Emmanuel Marie (Marie Correnson) ao embarque das cinco primeiras Oblatas da Assunção para a Bulgária.

De Marselha, ela vai a Nice, onde deseja uma fundação para as irmãs doentes. A casa de “l’Ermitage” há de se abrir em outubro.

• Junho: Está em Londres e Richmond.

- *Setembro-Outubro: Tumultos políticos em Málaga, preocupação com as irmãs.*

• Novembro: Visita da fundação de Nice, onde irmã Thérèse Marie de Jesus Délaissé morrerá em dezembro.

1869

• Fevereiro: o padre d’Alzon está em Paris.

• Março: Preocupação com a saúde de madre Thérèse Emmanuel. Madre Maria Eugênia está em Reims e Sedan.

- Abril: Ela está em Saint Dizier, de onde vai a Metz, à casa do Senhor Rolly, Sub-tutor dos menores Milleret em 1832, e que ela deseja converter. Ele morrerá dia 2 de junho.
- Abril-Maio: Viagem a Lyon, Nîmes, Nice.
- Junho: Reims.
- Julho: Londres e Richmond.
- Agosto: Poitiers.
- 15-24 de setembro: em Auteuil, retiro pregado pelo padre Stanislas, Capuchinho.
- Outubro: Maria Eugênia está em Nice e convida o padre d'Alzon a vir passar ali uma semana de descanso. Ela o vê no início de novembro, antes da partida do padre para Roma, para o Concílio.
- Novembro: Maria Eugênia envia ao padre d'Alzon seu trabalho “*sobre o relacionamento da Superiora Geral com os Bispos*”. Está indignada com o galicanismo do Arcebispo de Paris e de parte do clero da França.

- 8 de dezembro: em Roma, abertura do Concílio .

- Dezembro: Demissão do Superior eclesiástico, padre Deplace, que será substituído em janeiro de 1870 pelo padre Bayle, Vigário geral.

1870 Correspondência com o padre d'Alzon, em Roma: sobre a política, a situação da Igreja na França, a Igreja em geral, o desenrolar do Concílio.

- Maio: Preparação do terceiro Capítulo Geral, em intercâmbio com o padre d'Alzon.

Estudo sobre a questão do Governo da Congregação.

- 1º de junho: Carta de Convocação para o Terceiro Capítulo Geral.
- 25 de junho: Abertura do **Capítulo Geral**, sob a presidência do padre Bayle.

- 18 de julho: em Roma, declaração do Dogma da Infallibilidade Pontifícia. •

18 de julho: em Auteuil, Morte de irmã Marie Catherine do Precioso Sangue.

- *19 de julho: Declaração da Guerra franco-prussiana*

O Concílio é suspenso por causa da guerra.

- Fim de julho: em Saint Dizier, a Assunção se torna hospital militar.
- Início de agosto: Maria Eugênia parte para Lyon onde chegam notícias das primeiras derrotas da França. Logo em seguida, Sedan é sitiada, Reims ameaçada.

Ela volta a Paris para dispersar as irmãs e colocá-las em segurança, sobretudo o Noviciado. Organiza as partidas para Poitiers, Lyon, Bordéus, Nîmes, Inglaterra, etc.

O Noviciado parte para Lyon.

- 26 de agosto: Madre Maria Eugênia sai de Paris, deixando umas trinta irmãs com madre Marie Séraphine. No Petit Couvent é organizado um atendimento hospitalar.
- 31 de agosto: Maria Eugênia está em Poitiers.

- 2 de setembro: Sedan capitula.
 - 3 de setembro: O Imperador é destituído.
 - 4 de setembro: É proclamada a Terceira República, com um Governo Provisório de Defesa Nacional. A invasão prussa ganha terreno.
- 17 de setembro: Madre Maria Eugênia está em Bordéus, de onde telegrafia a madre Thérèse Emmanuel seu acordo para Sacconex (Suíça), oferecido por Dom Mermillod para o Noviciado, em sua diocese de Genebra.
- 19 de setembro: Paris é sitiada.
 - 20 de setembro: O exército italiano invade Roma. Pio IX se considera “prisioneiro” no Vaticano.
- 4 de outubro: Maria Eugênia está em Nîmes, de onde faz uma viagem a Nice.
 - 5 de novembro: o padre d’Alzon inaugura, para as irmãs de Nîmes, uma série de Conferências sobre a vida religiosa. Faz 53 palestras até março de 1871. Maria Eugênia está presente.
 - 21-27 de novembro : Retiro de Maria Eugênia.
- 1871 O Noviciado fica em Sacconex até o fim de fevereiro. Depois se desloca, uma parte para Nice, outra para Nîmes. Em abril, reunido, estabelece-se em Nice.
- 18 de janeiro: O Império prusso é proclamado em Versalhes.
 - 28 de janeiro: Depois de quatro meses de sítio, Paris capitula.
 - 26 de fevereiro: Em Versalhes, assinatura de um primeiro tratado de paz. A Alsácia e a Lorena passam a pertencer à Prússia.
 - 17-18 de março: Tumultos em Paris.
 - 28 de março: Proclamação da “Commune” em Paris.
- 7 de maio: Último Capítulo de Maria Eugênia em Nîmes.
- 10 de maio: Tratado de Francfurt qui termina a guerra.
 - 21-28 de maio: Semana sangrenta. Execução pela “Commune” de 480 reféns, entre os quais o Arcebispo de Paris, Dom Darboy. Fim da “Commune”. Execução e deportação de muitos de seus membros.
- 2 de junho: Volta a Paris onde as irmãs apreciaram a grande dedicação do padre Picard durante a ocupação de Auteuil. Depois da “Commune”, a casa está em estado deplorável. As irmãs que estavam dispersas voltam no fim do mês.
 - 16 de julho: Primeira instrução de Capítulo depois das lutas; procissão como gesto de reparação pelas profanações.
- Dom Guibert assume a sucessão de Dom Darboy como Arcebispo de Paris.
- 6 de setembro: Início do retiro da Comunidade, pregado pelo padre Esbach, do Seminário francês de Roma.

- Novembro: Semana de reunião com as Superiores “para tratar dos deveres e do relacionamento das Superiores das comunidades e estabelecer maior unidade de princípios e de ação”.

1872

Na correspondência, reflexões sobre “*a impiedade persistente*”, a necessidade da educação, o projeto de obras para a conversão das classes populares.

*O primeiro pensamento é sempre para essa situação da Igreja e da sociedade que faz clamar: salva nos, perimus.*²⁶²

- 24 de janeiro: em Auteuil, fundação da Associação Notre Dame de Salut (padre Picard, padre Vincent de Paul Bailly, madre Maria Eugênia, um grupo de senhoras).
 - 7 de março-15 de abril: Estada do padre d’Alzon em Paris.
 - 2 de maio: Partida de Maria Eugênia para as visitas de Lyon, Nice, Nîmes.
 - 6 de maio: Maria Eugênia encontra o padre d’Alzon em Nice. Mais tarde irá vê-lo em Nîmes.
 - 3 de junho: Volta de Maria Eugênia.
- Chegadas sucessivas das irmãs do Noviciado que, depois da Suíça, passaram um ano em Nice: do 8 de abril de 1871 ao 4 de maio de 1872.
- 10 de junho: Volta de madre Thérèse Emmanuel.
 - 20 de julho – 8 de agosto: Maria Eugênia em Ems, estação de águas. Na volta, parada em Sedan e Reims.
 - 17-25 de agosto: em Auteuil, retiro da Comunidade, pregado pelo padre d’Alzon.
 - 7-11 de setembro: Maria Eugênia está em Saint Dizier onde encontra o bispo de Nancy.
 - 29 de setembro: Capítulo sobre “a estima de Deus”. Toma-se a decisão de passar a anotar as instruções de madre Maria Eugênia.
 - 30 de setembro-7 de outubro: Viagem a Poitiers e Bordéus.

1873• 9 de janeiro : Morte do Imperador Napoleão III, na Inglaterra.

- 6 de fevereiro: Em casa dos padres da Assunção, rue François I, primeira Assembléia Geral da Associação Notre-Dame de Salut. Madre Maria Eugênia está presente com madre Marie du Christ e umas quarenta senhoras.
- 17 de maio: o padre Vitte, que se tornou Bispo da Nova Caledônia, pede irmãs para sua missão. Várias se oferecem. Madre Maria Eugênia quer primeiro consultar o padre d’Alzon.
- 20 de maio: Ela vai a Nîmes ficando aí até o 3 de junho.

• Maio: A Princesa Mercedes de Orléans, 13 anos, é matriculada em Auteuil.

• 24 de maio: O Marechal Mac-Mahon é eleito Presidente da Terceira República.

- 16 de junho: Maria Eugênia encontra Dom Vitte em Lyon.
- 3 de julho-1º de agosto: Estação de águas em Ems, depois Sedan e Reims.

Dificuldades com as Oblatas de Nîmes por causa do Externato que elas abriram.

262. Salva-nos, pois perecemos.

- 19-27 de agosto: Retiro de Maria Eugênia.
- 4-12 de setembro: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre Nouveau, Marista.
- 17 de setembro: Visita a Dom Vitte a respeito da Nova Caledônia.
- 28 de setembro: Instrução de Capítulo sobre a missão da Nova Caledônia
- 20 de outubro: Partida de irmã Marie Apollonie e de irmã Marie Rosalie para Nîmes onde esta última fará os Votos perpétuos, dia 23, antes de embarcar para a Nova Caledônia.
- 25 de outubro: o padre d'Alzon acompanha as duas missionárias a Marselha onde elas devem encontrar a Superiora, madre Marie de l'Incarnation. Madre Maria Eugênia não pode acompanhá-las, pois o clima político é tenso.
- 26 de outubro: Embarque das missionárias. Nesse mesmo dia, em Auteuil, Capítulo de Maria Eugênia sobre a Renúncia: *“Na hora em que nossas irmãs partem para a Missão...”*
- 29 de outubro: Primeira visita do padre d'Hulst, nosso novo Superior eclesiástico depois da morte do padre Bayle, em setembro.

1874

- 18 de janeiro: Festa do Santo Nome de Jesus. No serão da véspera, um dos presentes é o retrato das três missionárias da Nova Caledônia e poesias que falam sobre elas.
- 2-3-4 de abril: o padre d'Alzon preside as cerimônias da Semana Santa. Dia 6, segunda-feira da Páscoa, ele fala à Comunidade sobre a Obra de Notre Dame des Chateaux (Escolas Apostólicas dos Assuncionistas); dia 9, ele passa parte do dia em Auteuil; dia 12, preside uma Profissão.
- 15 de abril: Uma carta anuncia a chegada das irmãs à Nova Caledônia dia 28 de janeiro.
- 9 de maio-1º de junho: Madre Maria Eugênia está em Londres e Richmond com irmã Marie de la Nativité.
- 22-27 de junho: Está em Sedan e Reims.
- 14 de julho: Notícia da doença, sem esperança de cura, de irmã Marie Rosalie, na Nova Caledônia. Dom Vitte administrou a Extrema-Unção.
- 16-21 de julho: Madre Thérèse Emmanuel acompanha a Saint Dizier os corpos das dez primeiras irmãs mortas na Congregação. Vão repousar num jardimzinho, dentro da propriedade.
- 10 de agosto: Maria Eugênia parte para Poitiers, Bordéus, Lourdes, onde estará durante a segunda Peregrinação Nacional. Encontra aí algumas irmãs que voltam da Estação de Eaux-Bonnes, e o padre d'Alzon, em retiro em Bétharram, e que participará da Peregrinação. Depois ela irá a Nîmes e a Lyon.
- 19 de agosto: Morte da irmã Marie Rosalie na Nova Caledônia.
- 5 de setembro: Volta de Maria Eugênia a Auteuil.
- 11-20 de setembro: em Auteuil, retiro da Comunidade com o padre Donizet, S.J.
- 7 de novembro: Partida de madre Marie du Christ e das primeiras irmãs para la fundação de Montpellier, que se fará dia 21 de novembro.
- 12 de novembro: Partida de madre Maria Eugênia para Lyon, Nîmes, Montpellier.
- 1º de dezembro : Chegada a Nice.
- 10 de dezembro: Começa um retiro orientado pelo padre d'Alzon, que chegou na véspera.
- 23 de dezembro: Volta a Paris depois de ter passado por Nîmes e por Lyon.

1875

- 3 de fevereiro: Partida de Maria Eugênia para Poitiers, Bordéus e Lourdes para aí preparar uma fundação, pedida pelo Bispo, Dom Langénieux. Parada em Tarbes, em casa de uma família amiga. Chegada a Lourdes dia 6. Aquisição de um terreno, ao lado das irmãs de Nevers. mas decisão de não construir por enquanto.
- 9 de fevereiro: Partida de Lourdes. Parada em Pau, depois Bordéus e Poitiers onde as irmãs se preparam para mudar de casa.
- 16 de fevereiro: Volta a Auteuil.
 - 5 de março: O padre d'Hulst preside a uma Profissão. Madre Thérèse Emmanuel pede-lhe que autorize a exposição do Santíssimo Sacramento mais um dia por semana, o que ele aceita. Quanto à exposição todos os dias, está acima de seu poder concedê-lo; é preciso licença do Arcebispo.
- 22-24 de maio: Curta estada de Maria Eugênia em Reims.
- 13 de junho: Capítulo sobre a "Consagração ao Coração de Jesus", pedida pelo Papa, e que será feita dia 16 de junho. O padre Picard dará nesse dia a bênção papal concedida por ocasião de sua última viagem a Roma.
- 19 de junho: Primeira Comunhão e Confirmação. Maria Eugênia fala com o Arcebispo de seu desejo de fundar um Externato em Paris.
- 27-29 de agosto: Maria Eugênia está em Poitiers.
- 4-12 de setembro: Em Auteuil, retiro da Comunidade, pregado pelo padre d'Hulst.
- 16 de setembro: Maria Eugênia parte para o Sul, por uma quinzena de dias. Encontra o padre d'Alzon em Nîmes e volta dia 2 de outubro.
- 6 de outubro-12 de novembro: Estada do padre d'Alzon em Paris.
- 25-29 de outubro: Maria Eugênia está em Bordéus. Volta para o retiro das alunas, pregado pelo padre d'Alzon, do 28 au 31.
 - 20 de dezembro: Durante uma estada em Paris, morte de Louis, irmão de Maria Eugênia. Ela pôde estar junto dele e ajudá-lo nos últimos momentos.

1876

- Março: Na Nova Caledônia, acidente de irmã Marie Apollonie: perna fraturada por um sino que caiu da torre, amputação e morte. A notícia só chegará um mês depois.
- 2 de abril: o padre d'Alzon, que chegou de Nîmes dia 26 de março para pregar um retiro para senhoras na rue François I, vem para uma longa visita à Comunidade, falando das irmãs de Nîmes e de Montpellier.
- 23 de abril: Capítulo de Madre Maria Eugênia antes de sua partida para Roma com madre Thérèse Emmanuel. Será sua segunda viagem à Itália.
- 24 de abril: Partida matinal. Passagem por Lyon. Em Turim, as viajantes unem-se à Peregrinação dirigida pelo padre Picard.
- 27 de abril: em Gênova, visita do hospital onde Santa Catarina cuidava dos doentes e Missa junto do corpo da Santa.
- 29 de abril: Chegada a Roma.
- 5 de maio: Audiência do Papa para 1500 peregrinos.
- 8 de maio: Segunda audiência pública. A audiência privada deve ser dia 11 ou dia 12.
- 13 de maio: Partida de Roma com a Peregrinação. Parada em Loreto, Assis, Pádua, Veneza, Milão.
- 19 de maio: Chegada a Nice onde madre Thérèse Emmanuel vai descansar alguns dias. Madre Maria Eugênia prossegue sozinha a viagem de volta.

- 30 de maio: Chegada de madre Maria Eugênia a Auteuil.
- 19 de junho: Visita de Dom Vitte, Bispo de Nouméa. Conta com detalhes a morte de irmã Marie Apollonie. Deseja um segundo grupo de irmãs. “*Achamos que não temos irmãs em número suficiente para atender a esse pedido*”.

- 18 de julho: **Carta de Convocação para o Quarto Capítulo Geral.**
- 16-23 de agosto: Retiro pregado pelo padre d’Alzon : três instruções por dia, uma delas reservada às Capitulantes.
- 24-26 de agosto: **Capítulo Geral**, presidido pelo padre d’Alzon. Por aclamação, o padre Picard é nomeado visitador da Congregação. Mas a questão de sua autoridade não fica estabelecida com clareza.

- Outubro: Fundação de Santa Isabel, em Madrid.

1877 • 3 de janeiro: Visita do padre d’Hulst. A pedido de madre Thérèse Emmanuel, ele concede à Comunidade autorização para um terceiro dia de adoração por semana, por este novo ano.

• 23 de janeiro: Partida de quatro irmãs para a fundação de Madrid. O internato começará dia 15 de fevereiro.

- 23 de janeiro-2 de fevereiro: Retiro de Maria Eugênia.

- 3 de março: Morte de Alfred Milleret, sobrinho de Maria Eugênia. Tendo na véspera recebido a notícia que ele estava muito mal em Lille, ela pediu ao avô de uma aluna que fosse prepará-lo para receber os Sacramentos.

• 6 de abril-5 de maio: Maria Eugênia visita as Comunidades de Lyon, Nîmes, Montpellier, Nice.

- 3 de junho: 50 anos de episcopado de Pio IX.

Procissão na ilha São Pedro, as meninas de uniforme branco e echarpe amarela. Alocução do padre Picard. Iluminação no alto da torre.

Capítulo de Maria Eugênia: “*Unir-se à Igreja para celebrar esse aniversário*”.

• 8 de junho: Morte de madre Marie Claire. “*Todas essas mortes me abatem; que esse abatimento possa me unir a Nosso Senhor*”.

• 26 de junho: Partida de Maria Eugênia para a visita de Reims e Sedan.

• 2-8 de agosto: Outra vez em Saint Dizier.

• 30 de agosto-8 de setembro: em Auteuil, retiro da Comunidade, pregado pelo padre Emmanuel Bailly, A.A.

- O padre d’Hulst concede um quarto dia de adoração por semana, “*ad experimentum*”, durante um ano.

• 18-26 de setembro: Maria Eugênia está em Bordéus e em Poitiers. Na volta, viagem com o padre Gay, nomeado Bispo “*in partibus infidelis*” de Anthedon.

• 30 de setembro: Novena preparatória à abertura do Externato, rue Malesherbes, na 8ª circunscrição de Paris.

• 10 de outubro: Benção do Externato pelo padre d’Hulst e primeira Missa . Várias irmãs de Auteuil estão presentes, junto com madre Maria Eugênia.

1878 • 6 de janeiro: Madre Maria Eugênia e madre Thérèse Emmanuel vão passar o dia no Externato para a festa da Superiora, madre Marie du Christ.

• 23 de janeiro: *Casamento de Mercedes d'Orléans com o Rei da Espanha Afonso XII.*

• 3 de fevereiro: Maria Eugênia começa a série de Capítulos sobre “o Espírito da Assunção”.

• 7 de fevereiro: Morte de Pio IX.

O internato está de luto. O padre d'Alzon parte para Roma.

• 9 de fevereiro : em Auteuil, Missa solene por Pio IX, celebrada pelo padre Pernet.

• 10 de fevereiro: Capítulo de Maria Eugênia: Pio IX apresentado como modelo para as Religiosas da Assunção.

• 12 de fevereiro: O padre Picard parte para Roma para o funeral, como representante da Associação Notre Dame de Salut.

• 16 de fevereiro: Missa solene por Pio IX no Externato. Maria Eugênia está presente.

• 19 de fevereiro: a pedido de Maria Eugênia, o Arcebispo permitiu a adoração noturna em Auteuil e no Externato para a abertura do Conclave.

• 20 de fevereiro: **Eleição de Leão XIII.**

• 6 de março: Na volta de Roma, o padre Picard vem falar sobre os acontecimentos.

Primeiras negociações para a fundação de Ramsgate.

• 27 de maio: Partida de Maria Eugênia para a Inglaterra. É acompanhada por sua sobrinha Guitta e por irmã Marie de la Nativité.

• 1º de junho: Partida de Londres para Richmond.

• 13 de junho: Volta de Maria Eugênia com Guitta.

• 24 de junho: Maria Eugênia anuncia na Comunidade a iminente fundação de Ramsgate.

• 26 de junho: *Morte da Rainha Mercedes da Espanha, antiga aluna de Auteuil. Madre Maria Eugênia se emociona muito.*

• 3 de julho: Missa solene pela Rainha Mercedes.

• 1º de agosto: Visita do Duque e da Duquesa de Montpensier, pais de Mercedes.

• 3-12 de setembro: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre Matignon, S.J.

• 13-16 de setembro: Maria Eugênia está em Reims.

• 19 de setembro: O padre d'Hulst permite um quinto dia de adoração, o domingo.

• 20 de setembro: Maria Eugênia recebe como postulante Guitta, sua sobrinha, com o nome de irmã Marguerite de Jesus.

• 21 de setembro: Maria Eugênia parte para uma primeira viagem longa à Espanha.

Em Bordéus, surpresa de encontrar no mesmo trem a família de Montpensier que se mostra muito atenciosa para com ela. Mas em Irun, na fronteira, por falta de lugar, ela tem que tomar outro trem.

• 24 de setembro: Chegada a Madrid.

- 26 de setembro: a convite da Duquesa, dia no palácio do Escurial para a Missa pela Rainha Mercedes. Maria Eugênia é apresentada ao Rei Afonso XII, que depois ajudará as irmãs na construção do colégio de Santa Isabel.
 - 3 de outubro: Partida de Madrid para Málaga. Parada em Córdoba, visita da cidade e da Catedral.
 - 5 de outubro: Chegada a Málaga. Volta por Madrid, depois parada em Bayonne, na casa das irmãs de Caridade, por causa de um desastre com o trem precedente.
 - 28 de outubro: Volta a Auteuil.
 - 25 de novembro-3 de dezembro: Retiro de Maria Eugênia.
- 1879
- 6 de janeiro: Madre Maria Eugênia e madre Thérèse Emmanuel vão à festa do Externato.
 - 30 de janeiro: *Mac-Mahon demite-se da Presidência da República. Jules Grévy é eleito Presidente.*
 - Março: *Projeto de lei de Jules Ferry, ministro da Instrução Pública. Temor para as Congregações Religiosas.*
 - 19 de março: em Málaga, morte de madre Marie Agnès, envenenada por um remédio errado. “Precisamos ver nisso um desses desígnios de Deus que não podemos compreender e diante dos quais é preciso calar e adorar”.
 - 22 de abril: Partida de Maria Eugênia para Lyon, Nîmes, Montpellier, Nice.
 - 21 de maio: Volta de Maria Eugênia. Dificuldades internas em Nîmes. Projeto de fundação para Cannes (no Convento das Religiosas da Apresentação).
 - 1º de junho: *Na África do Sul, numa guerra contra os Zulus, Morte do Príncipe Imperial, filho de Napoleão III.*
 - 12 de julho: *Missa de Réquiem.*
 - 6 de julho: A adoração quotidiana é concedida a Auteuil.
 - 8-12 de agosto: Maria Eugênia está em Saint Dizier.
 - 28-30 de agosto: Está em Poitiers.
 - 5-12 de setembro: em Auteuil, retiro da Comunidade, pregado pelo padre Delobel, CSSR.
 - 26 de setembro: Madre Marie de la Nativité, superiora de Ramsgate, parte para preparar a fundação de Cannes.
 - 8 de dezembro: Jubileu da Imaculada Conceição, 25 anos depois da proclamação do Dogma.
 - 9 de dezembro: Festa no Petit Couvent, chamado Imaculada Conceição. Maria Eugênia vai participar com as irmãs.
- 1880
- Preocupações com a política.
- “Acho que precisamos desenvolver a obra dos Externatos Religiosos. Se tivéssemos mais irmãs, é o que eu acho que deveríamos fazer”.*
- 3 de abril: Partida de Maria Eugênia para as visitas do Sul.
 - 6 de abril : Chegada a Cannes.

- 9-17 de abril: Nice. De novo Cannes até o 20 de abril e partida para Montpellier.
- 7 de maio: Volta a Auteuil.

Perspectiva de dissolução e de expulsão das Congregações Religiosas. *“É difícil ver um belo futuro para tudo o que é Religioso na França”*.

- 10 de agosto: O padre d’Alzon escreve a Maria Eugênia que fará um retiro do 15 ao 30... *“para me preparar para meus 70 anos Depois disso...”*
- 19 de agosto-11 de setembro: Madre Thérèse Emmanuel visita as casas da Inglaterra. Oferecem a madre Maria Eugênia um convento perto de Burgos. Ela está pronta a entregá-lo ao padre d’Alzon *“como refúgio para os Noviços”*. Por outro lado, proposta de fundação no Chile.
- 15-24 de setembro: em Auteuil, retiro da Comunidade pelo padre Rollin, S.J.
- 4-7 de outubro: Maria Eugênia está em Saint Dizier.
- 23 de outubro: Preocupação com a saúde do padre d’Alzon.

“Deixe-me ao menos, na minha incapacidade, repetir o quanto o acompanho com minha velha e fiel dedicação em Nosso Senhor. Não seria bom que você fosse a Cannes para se recuperar ? Ali você estaria muito bem e me permitiria que eu fosse vê-lo” .

- 29 de outubro: Grandes preocupações em relação aos padres. Em alguns lugares da França os Religiosos foram expulsos.
- 5 de novembro: Expulsão dos padres da rue François I.
- 8 de novembro: Madre Maria Eugênia parte para Nîmes, esperando rever o padre d’Alzon.
- 11 de novembro: Começa um retiro.
- 14 de novembro: Visita o padre d’Alzon e recebe sua bênção.

**21 de novembro , festa da Apresentação de Maria :
morte do padre d’ALZON.**

- 24 de novembro: A capela da rue François I foi fechada, a Missa de Réquiem é celebrada em Auteuil.
- 25 de novembro: O padre Picard é eleito Superior Geral.
- 29 de novembro: Volta de Maria Eugênia depois de três semanas de ausência.

- 8 de dezembro: os padres de Nîmes, expulsos, partem para a Espanha.

- 11 de dezembro: os padres jovens de Paris despedem-se de Auteuil antes de partir.

1881

- 1º de janeiro: Votos do novo ano ao padre Picard, que conta a acolhida cordial feita aos padres na Espanha.
- 19 de março: Visita do padre Picard, depois de uma estada na Espanha. Fala sobre a pobreza da Comunidade.

- 21 de março: Maria Eugênia passa o dia no Externato para a abertura do atelier em benefício dos padres.
- 18 de abril: O recreio da segunda-feira da Páscoa é estragado pela lei Brisson. Até o dia 20 de abril, todas as instituições Religiosas devem fazer uma declaração de bens e de renda, se quiserem continuar a existir. Maria Eugênia passa o dia comunicando a notícia às casas da França.
- 20 de abril: Depois de um trabalho pesado para preparar o registro, várias repartições públicas informam que a declaração só poderá ser exigida em 1882.
- 17-24 de junho: Maria Eugênia está em Lyon.
- 4 de julho: Nove irmãs se apresentam para os exames do Brevê, exigido pelas novas leis do ensino. Todas serão aprovadas.
- 12 de julho: Maria Eugênia assiste à distribuição de Prêmios no Externato.
- 14 de agosto: Quarenta anos de votos “das primeiras Madres”.
- 19 de agosto: Capítulo sobre “o mistério da Assunção”.
- 28 de agosto: pela primeira vez, celebração de um Ofício próprio de Santo Agostinho.
- 1º-10 de setembro: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre Boulanger, Dominicano.
- 17-26 de outubro: Maria Eugênia está em Sedan, Saint Dizier e Reims.
- 8 de novembro: Partida de Maria Eugênia para Nice, Cannes e Nîmes. Daí vai diretamente a San Sebastián com o projeto de fazer ali uma fundação, prevendo o caso em que a Congregação seja expulsa da França.
- 23 de novembro: Volta de Maria Eugênia, encantada com San Sebastián e com a acolhida do Bispo. Durante a viagem, encontro de Dom Chamard, Beneditino, com quem conversa sobre os Salmos.

• 8 de dezembro: Morte da cunhada de Maria Eugênia (Mathilde),
“apoiada por todos os socorros possíveis”.

- 22 de dezembro: Decisão de comprar a propriedade de Mira Cruz, em San Sebastián.

Nesse mesmo ano, partida das primeiras irmãs para Sidmouth.

1882

- 1º de janeiro: Maria Eugênia fala sobre a fundação do Cabo, sobre sua viagem a Bruxelas e Anvers para acompanhar as irmãs que iam embarcar; depois, sobre sua viagem a San Sebastián – e anuncia esta nova fundação.
- 15 de janeiro: no recreio da festa do Santo Nome de Jesus, Maria Eugênia fala sobre o início da Congregação e sobre as primeiras irmãs que morreram.
- Março: Em todas as casas, é preciso terminar as declarações para o imposto Brisson sobre a renda.

• 28 de março: *Lei sobre o ensino primário, leigo e obrigatório.*

- 15 de abril: Bênção do novo Externato da rue de Lübeck sob o patrocínio de Notre Dame de Salut.
- 18 de abril: Morte de madre Marie Thérèse, *“uma das pedras de fundação de nossa Assunção”.*
- 27 de abril: Partida de madre Maria Eugênia para Lyon, Nice, Cannes e as outras casas do Sul. De Nîmes, vai em peregrinação ao túmulo de santa Marta, em Tarascon. Na viagem de volta a Paris, pára na Côte Saint André com madre Marie du Christ. Encontra ainda quatro irmãs que a conheceram em de 1838-39.
- 24 de maio: Volta a Auteuil.
- 24 de junho: Carta de Convocação para o **Quinto Capítulo Geral.**

- 29 de junho-11 de julho: Viagem à Inglaterra, visita de Ramsgate, Londres e Sidmouth. Não deu tempo de ir até Richmond.
- 1º de agosto: Abertura do retiro do Capítulo, pregado pelo padre Picard.
- 11 de agosto : no fim do retiro, festa dos 25 anos do padre Picard como confessor. Madre Maria Eugênia oferece como lembrança um cálice no qual mandou gravar a data de 1857.

• 12-13 de agosto: **Capítulo Geral.**

• 21 de agosto: Maria Eugênia vai ao Externato, rue de Lübeck, para a bênção da primeira capela.

1883

- 28 de janeiro: Maria Eugênia lembra ao Noviciado que essa data tinha sido escolhida pelo padre de Bérulle para a festa das “Grandezas de Jesus”, cara aos padres do Oratório.
- Março: Madre Thérèse Emmanuel está muito doente. Fazem uma novena pedindo sua cura.
- 24 de abril: Visita de Dom Bosco.
- 26 de abril: Maria Eugênia parte para a Espanha, com paradas em Poitiers, Bordéus, depois San Sebastián, Madrid, Granada (onde deve ser feita uma fundação) e Málaga.
- 7 de junho: Volta de Maria Eugênia.

16 de junho: Fundação pelos Assuncionistas do Jornal *La Croix*.

• 6-14 de agosto: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre Laurent, A.A. Lübeck une-se a Auteuil.

• 12 de setembro: Partida para a fundação de Granada.

• 18 de setembro: Morte de madre Marie de Jesus, co-fundadora com o padre Pernet das Irmãzinhas da Assunção.

• 30 de setembro: Maria Eugênia anuncia o Indulto que permite estabelecer um Noviciado em Cannes para as irmãs que têm pouca saúde. As irmãs vão partir dia 11 de outubro, e poucos dias depois irá madre Thérèse Emmanuel.

• 20-28 de outubro: Retiro de Maria Eugênia com a ajuda do padre Picard.

• 2-19 de novembro: Maria Eugênia está em Saint Dizier, Reims e Sedan. Faz uma viagem a Metz e Thionville. Há uma proposta de fundação perto de Metz ou no Luxemburgo, mas nada é decidido.

1884

• 22 de fevereiro: Partida de madre Maria Eugênia para Lyon, Nîmes, Montpellier, Cannes onde chega dia 12 de março, encontrando madre Thérèse Emmanuel convalescente, e Nice.

• 8 de abril: Volta a Auteuil.

• 2 de maio: Capítulo sobre o aniversário da Fundação. “*Na Assunção, tudo vem de Jesus Cristo, tudo pertence a Jesus Cristo, tudo deve ser para Jesus Cristo*”.

• 31 de maio: Volta de madre Thérèse Emmanuel depois de sua doença grave.

• 4-29 de julho: Maria Eugênia está na Inglaterra: Londres, Sidmouth, Ramsgate e Richmond.

• 19-28 de agosto: em Auteuil, retiro da Comunidade, pregado pelo padre Alexis, A.A., sobre os diversos textos do Ofício de Santo Agostinho.

• 17 de setembro: Maria Eugênia passa um dia em Reims.

- 14 de outubro: Maria Eugênia recebe a resposta definitiva para a fundação de Lourdes, onde a Congregação assume o internato das Beneditinas, em frente da Gruta.
- 16 de outubro: Madre Maria Eugênia parte para Lourdes com madre Marie Arsène, Superiora. Volta dia 22 por Bordéus e Poitiers.

Nesse mesmo ano, compra da propriedade de Andecy (no Marne) como casa de repouso.

- 1885
- 6-14 de janeiro: Maria Eugênia faz um retiro.
 - 23 de fevereiro-30 de março: Está primeiro em Lyon, em Cannes dia 25 de fevereiro, em Nice dia 3 de março, em Montpellier dia 16 de março.

Na primavera, novamente a saúde de madre Thérèse Emmanuel causa preocupação. Dia 16 de abril, ela recebe o “Sacramento dos moribundos”. O Noviciado não é informado. Mas todas as irmãs rezam pela sua cura. A noite do de 18 ao 19 é muito difícil. Dia 20 surgem novas esperanças. Mas altos e baixos continuam a se alternar. Dia 26 de abril, Maria Eugênia faz um Capítulo sobre “a conformidade com a vontade de Deus”.

- 18 de maio: Extrema fraqueza de madre Thérèse Emmanuel: *“É muito diferente oferecer-se a Deus na oração ou sentir que Ele nos destrói lentamente pela doença”*.
- 19 de junho: Partida de Maria Eugênia para Lourdes e San Sebastián. Volta por Bordéus e Poitiers.
- 5 de agosto: Profissão de irmã Marie de Saint Augustin (Fanny O’Neill), presidida pelo padre Pernet. É a primeira vez que madre Thérèse Emmanuel está presente entre as irmãs desde a sua doença.
- 28-29 de agosto: Maria Eugênia está em Reims.
- 7-15 de setembro: em Auteuil, retiro da Comunidade, pregado pelo padre Stanislas, Capuchinho.
- Outubro: Madre Thérèse Emmanuel está outra vez doente.
- 16 de outubro: Madre Marie de la Nativité deixa a casa de Cannes. É o início da “questão Nativité”.
- 15 de novembro: Madre Thérèse Emmanuel parte para Cannes com irmã Marie Michel, enfermeira.
- 19 de dezembro: Madre Maria Eugênia, muito cansada (crise cardíaca, febre) e transtornada pelos acontecimentos, deve partir para um repouso completo no Sul: parada em Lyon e chegada em Nîmes dia 27 de dezembro.

- 1886
- Os acontecimentos precedentes coincidem com dificuldades com os padres da Assunção e graves problemas de família.
- 7 de janeiro: Madre Maria Eugênia chega a Cannes. Espera-se que o clima e a presença de madre Thérèse Emmanuel farão bem a ela. Enquanto isso, em Auteuil, continuação da “questão Nativité”, crise com o padre Picard: “Interdição” sobre o Petit Couvent.
 - 30 de janeiro: Madre Louise Eugénie, superiora do Petit Couvent, vem a Cannes conversar com madre Maria Eugênia.
 - 11 de fevereiro: Madre Maria Eugênia parte de Cannes com madre Louise Eugénie. Parada em Montpellier e em Nîmes .
 - 3-7 de abril: Madre Maria Eugênia está em Poitiers com madre Marie du Christ.
 - 2-10 de maio: Retiro de madre Maria Eugênia.

- 9 de maio: Madre Maria Eugênia chama madre Thérèse Emmanuel nesse momento grave para a unidade da Congregação. Madre Agnès Eugênia fica encarregada do Noviciado.
- 13 de maio: Volta de madre Thérèse Emmanuel a Auteuil.
- 24 de maio: Carta de Convocação ao **Capítulo Geral Especial** do mês de agosto, que deve tratar da questão da autoridade dos padres da Assunção e da Superiora Geral.

• 9 de julho: Morte do Cardeal Guibert, Arcebispo de Paris. Dom Richard é seu sucessor.

- 25 de julho-2 de agosto: Retiro preparatório ao Capítulo, pregado pelo padre Céméraire, “sobre a doutrina de São João da Cruz e sobre a vida religiosa”.
- 4 de agosto: Sessão preparatória para o Capítulo, sob a presidência de madre Maria Eugênia.
- 5-12 de agosto: Capítulo presidido por Monsenhor d’Hulst. As Capitulares formulam um projeto de Governo. Terminam o trabalho sobre as Constituições, o que permite apresentar a Roma o pedido de aprovação. Unidade reforçada em torno de Maria Eugênia. O relacionamento com os padres da Assunção, será de direção espiritual e de ajuda mútua. Mas a situação de dificuldade foi dura e deixará marcas por bastante tempo. Madre Marie du Christ, a pedido do padre Picard, é emprestada “por tempo indeterminado”, para ajudar na formação das Oblatas de Paris.
- 25 de setembro: Madre Thérèse Emmanuel viaja para Cannes com a enfermeira, irmã Marie Michel.

1887

- 25 de fevereiro: Madre Maria Eugênia parte para Cannes, preocupada com a saúde de madre Thérèse Emmanuel.
- 4 de março: Dia em Nice. Houve ali um terremoto dia 23 de fevereiro.
- 23 de março: em Cannes, madre Maria Eugênia estabelece madre Lucie Emmanuel como superiora da comunidade, depois da partida de madre Marie de la Nativité.
- 24 de março: Partida de Cannes, parada em Marselha; chegada a Nîmes dia 26 à noite.
- 6 de abril: Volta a Auteuil depois de passar por Montpellier e Lyon. Madre Thérèse Emmanuel está melhor.
- 31 de maio: Primeira Comunhão e Confirmação pelo Arcebispo de Paris, Dom Richard (que será nomeado Cardeal em de 1889).
- 14 de junho: Madre Thérèse Emmanuel volta de Cannes.
- 17-27 de junho: Maria Eugênia visita as casas de Reims e Sedan.
- 29 de julho-24 de agosto: Maria Eugênia visita Poitiers, Bordéus, Lourdes, San Sebastián. Durante essa viagem, ela não está bem, mas continua as visitas programadas. Em Lourdes, encontra a Peregrinação Nacional. Em San Sebastián, recebe a visita da Rainha da Espanha, Marie Christine. Durante esse tempo, madre Marie Marguerite, superiora de Londres, vem ajudar madre Thérèse Emmanuel em Auteuil.
- 13-22 de agosto: Retiro da Comunidade, pregado por Dom Logerot, Mestre de Noviços em Solesmes. Ele deve enviar um monge para dar aulas de canto gregoriano à Comunidade.
- 9 de outubro: Partida de madre Thérèse Emmanuel para Cannes.

1888

- 29 de janeiro: na instrução de Capítulo, Maria Eugênia fala sobre sua próxima viagem a Roma “*para questões da Congregação*”. São tratativas para a aprovação das Constituições e busca de uma casa para uma fundação em Roma.
- 4 de fevereiro: Partida para Roma, com parada em Lyon e em Cannes.
- 6 de fevereiro: em Cannes, madre Maria Eugênia encontra madre Thérèse Emmanuel muito fraca.
- 7 de fevereiro: Dia em Nice para negócios.
- 10 de fevereiro: Madre Marie Catherine, que deve acompanhar Maria Eugênia na viagem a Roma, chega a Cannes. Partida para Nice dia 12, e para Roma dia 15.
- 16 de fevereiro: Chegada em Roma. Hospedagem no Convento da Apresentação, via Milazzo nº13. Visita da Basílica de São Pedro.
- 17 de fevereiro: Missa em Minerva, no túmulo de santa Catarina de Sena.
- 20 de fevereiro: Audiência do Cardeal Vigário. Ele encoraja a recusar a aprovação se não for concedido o Ofício.
- 10 de março: Missa do Santo Padre com 70 pessoas. Oferta do Dízimo de São Pedro. Bênção de Leão XIII.
- 19 de março: Partida de Roma depois das primeiras tratativas. Chegada a Cannes no dia seguinte. Madre Thérèse Emmanuel cada vez mais fraca.
- 6 de abril: Nova viagem a Roma. Tratativas nos dias que se seguem.

**11 de abril: Decreto de aprovação das
Constituições,
assinado pelo Papa na festa de São Leão.**

- 13 de abril: Maria Eugênia participa da Audiência Geral dos franceses.
- 14 de abril: O Decreto de aprovação lhe é entregue.
- 19 de abril: Peregrinação de ação de graças a Nossa Senhora do Bom Conselho, em Genezzano.
- 24 de abril: Partida de Roma. Parada em Assis e Loreto.
- 27 de abril: Chegada em Nice.
- 29 de abril: Chegada em Cannes onde madre Thérèse Emmanuel está muito mal.
- 1º de maio: Madre Thérèse Emmanuel recebe os últimos Sacramentos.

**Noite do 2 ao 3 de maio: Morte de madre
Thérèse Emmanuel.**

- 3 de maio: Festa da Invenção da Santa Cruz. Madre Maria Eugênia transmite a notícia à Congregação : “*Unamo-nos em torno da Cruz que assinalou seu nascimento e recebeu seu último suspiro. Mais do que nunca, sejam fiéis a tudo o que ela ensinou*”.

- 6 de maio: Funerais de madre Thérèse Emmanuel. Partida de madre Maria Eugênia.
- 12 de maio: Chegada de madre Maria Eugênia a Auteuil.
- 30 de maio: Carta de Convocação para o **Sétimo Capítulo Geral**.
- 2 de junho: Missa do Trigésimo Dia por madre Thérèse Emmanuel.
- Dia 27 de maio, dia 3 de junho, dia 15 de julho: Instruções de Capítulo sobre madre Thérèse Emmanuel.
- 3-7 de julho: Maria Eugênia está em Saint Dizier.
- 27 de julho: Depois de meia-noite, chegada do corpo de madre Thérèse Emmanuel.
- 28 de julho: Missa de Réquiem e inumação no “jazigo do bosque”. Mais tarde será construída uma capelinha.
- 12 de agosto: Inauguração do altar de bronze dourado, presente das Antigas alunas para o Jubileu dos Cinquenta anos da Fundação.
- **15 de agosto: Assunção. Abertura do Cinquentenário da fundação.**
- 16-22 de agosto: Retiro em preparação ao Capítulo Geral, pregado pelo padre Parisot, Redentorista.
- 26-27 de agosto: Capítulo Geral, preparação do Jubileu.
- **28 de agosto: Festa de Santo Agostinho, Jubileu do Cinquentenário.**
- 7-10 de setembro: Estada de Maria Eugênia em Solesmes. Convidada por Dom Logerot, ela é acolhida pelas Beneditinas da Abadia de Santa Cécile.
- 5 de novembro: Partida de madre Marguerite Marie para a fundação de Roma.
- Início de dezembro: Retiro de Maria Eugênia.
- 14 de dezembro: Partida das primeiras fundadoras da casa de Roma.

1889

- 4-6 de fevereiro: Maria Eugênia está em Bordéus.
- 28 de abril: nas vésperas do Cinquentenário da fundação, instrução de Capítulo: “Construir nossa obra e nosso ensino sobre o alicerce da fé”.
- 30 de abril: **Celebração do Jubileu** para as alunas, as antigas, e “as pessoas de fora”.
- 14 de maio: Partida de Maria Eugênia para Lyon e as outras casas do Sul. É acompanhada por irmã Cécile Emmanuel, sobrinha de madre Thérèse Emmanuel. Durante a viagem ela se sente mal e causa preocupação durante dois dias; depois se restabelece .
- 11 de junho: Volta de Nîmes.
- 28 de junho: Festa do Sagrado Coração de Jesus, mais solene do que de costume, a pedido de Dom Richard. Madre Maria Eugênia lê o Ato de Consagração.
- 21-30 de agosto: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre Rabussier, S.J.
- 12 de setembro-2 de outubro: Madre Maria Eugênia está na Inglaterra.
- 20 de outubro: Parte para a nova fundação de Rouen, até dia 30.

Desde esse ano de 1889, fala-se de uma fundação nas Filipinas.

1890

- 25 de março – 2 de abril: Retiro de madre Maria Eugênia seguindo um livro de Dom Gay.

- Abril: Monseigneur d'Hulst, nomeado pregador de Notre Dame, já não pode ser o Superior eclesiástico da Congregação em Auteuil. O padre Odelin assume a sucessão.
 - 15 de abril: Partida de madre Maria Eugênia, para visitar as casas do Sul.
 - 21 de abril: Está em Nîmes; a partir daí ela será acompanhada por madre Marie Walburge; dia 22 em Cannes, dia 25 em Nice até dia 28; de novo Cannes, onde passa os aniversários do 30 de abril e do 2 e 3 de maio.
 - 5 de maio: Partida de Cannes.
 - 7 de maio : em Nîmes, consagração da capela.
 - 14 de maio: Volta a Auteuil com madre Marie Walburge.
 - 25 de maio: Visita de Dom Logerot e Dom Guépin, Beneditinos.
 - 8 de julho: Partida para Reims, depois Sedan e estação de águas em Ems.
 - Fim de julho: Estada em Preisch a convite do proprietário, Senhor de Gargan.
 - 8 de agosto: Volta a Auteuil.
 - 19 de agosto: Visita de Dom Hildebrand e de Dom Placide, da Abadia de Maredsous.
 - 21-30 août: Retiro da Comunidade, pregado por Dom Besse, Mestre de Noviços de Ligugé.
 - 15 de setembro-25 de outubro: Viagem de Maria Eugênia à Espanha, depois de passar por Poitiers e Bordéus.
 - 27 de setembro: Maria Eugênia chega a San Sebastián onde a Rainha vem duas vezes visitá-la.
 - 7 de outubro: Chega a Madrid, mais não vai a Málaga: a Superiora vem encontrá-la em Madrid.
 - 20 de outubro: de novo em San Sebastián até dia 23.
 - 25 de outubro: Volta a Auteuil, passando por Bordéus, mas não por Lourdes.
- 1891
- 13 de abril-16 de maio: Madre Maria Eugênia está em Lyon, Cannes, Nice, Nîmes.
Celebra a festa de santa Catarina em Cannes.
 - 15 de maio: Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII.
 - 23-26 de maio: Madre Maria Eugênia está em Rouen.
Têm início as obras para acrescentar um andar ao “castelo da Thuilerie”, ou seja, o internato de Auteuil.
 - 29 de maio: Visita do ministro plenipotenciário da Nicarágua para combinar a fundação, que deve ser feita em León em 1892.
 - 30 de junho: Partida de madre Maria Eugênia para Ems com madre Marguerite Marie e irmã Paule Françoise, postulante. Peregrinação a Arenberg, parada em Thionville em casa dos Néron, visita ao Bispo de Trêves que pede uma fundação, parada em Preisch, depois em Saint Dizier onde está irmã Marie Augustine, envelhecida e reumática.
 - 29 de julho: Volta a Auteuil.
 - 17-26 de agosto: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre de Gabriac, S.J
 - 3-29 de outubro: Viagem de madre Maria Eugênia à Espanha.
 - 22 de novembro: Bênção do internato reformado de Auteuil.
 - 15 de dezembro: Maria Eugênia vai ao Externato para assistir a uma conferência científica.
- 1892
- 1º de janeiro: Visita do padre Picard.
 - Meados de janeiro: Cansaço de madre Maria Eugênia: proibição de falar e de caminhar.

- 19 de janeiro: Morte de Dom Gay.
- 11 de fevereiro: Pela primeira vez, a Igreja celebra a festa de Nossa Senhora de Lourdes.

- 21 de fevereiro: No Capítulo, madre Maria Eugênia lê a circular que está enviando às casas para pedir orações contra a proposta de lei contra as associações. Encarrega as Superiores de pedir a seus Bispos uma noite de adoração nessa intenção.
- 28 de fevereiro: O Santíssimo está exposto durante toda a noite. Madre Maria Eugênia vai de carro com algumas irmãs antigas ao Externato onde fazem uma festa em sua honra.

- 1º de abril: Partida para a Espanha com o objetivo de organizar a fundação da Nicarágua. Parada de dois dias em Poitiers, depois Bordéus, San Sebastián.
- 12 de abril: Chegada a Madrid: Passa aí a Semana Santa e a festa da Páscoa.
- 20 de abril: Partida de Madrid, com madre Marie Célestine. Parada em Córdoba.
- 22 de abril: Chegada a Málaga aonde não tinha estado desde 1878. Volta por Madrid, San Sebastián, Lourdes e Bordéus.
- 24 de maio: Chegada a Auteuil.
- Fim de junho: Preparação ativa da fundação da Nicarágua.
- 3 de julho: Partida para Reims, Sedan e Ems com madre Marguerite Marie e duas jovens professoras. Chegada a Ems dia 6 à noite. Partida dia 29 e parada em Preisch, depois em Reims.
- 3 de agosto: Volta a Auteuil.
- 15 de agosto: 138 Religiosas em Auteuil, das quais 64 noviças.
- 17-25 de agosto: Retiro da Comunidade, pregado por Dom Delatte, monge de Solesmes.
- 24 de agosto: Partida das irmãs para a fundação da Nicarágua; embarcam em Pauillac, perto de Bordéus.
- 29 de agosto: Partida de madre Marie do Perpétuo Socorro para a Espanha, onde vai preparar a fundação das Filipinas.
- Setembro: Fundação de Gênova.
- Fundação do Orfanato de Boulouris (São Rafael).
- 6-12 de setembro: Maria Eugênia descansa em Andecy.
- Início de novembro: Chegada das irmãs a León (Nicarágua).
- 12 de novembro: Partida das irmãs da Espanha para as Filipinas.

1893

- 16 de janeiro: Madre Maria Eugênia vai de carro ao Petit Couvent para receber os votos de festa das alunas.
- 8 de fevereiro: Passa o dia no Externato.
- 20 de fevereiro: Partida para uma longa viagem cujo objetivo é Roma, para apresentar ao Papa a oferta do Dízimo de São Pedro. Irmã Marie Michel a acompanha até Cannes, depois madre Lucie Emmanuel, madre Marie Gonzague e irmã Jeanne Marie.
- 25 de fevereiro: Chegada a Nîmes, onde fica até o 6 de março; depois Boulouris-São Rafael até o 9, Nice até o 13 e Gênova.
- 15 de março: Chegada a Roma. Visita dos santuários.
- 27 de março: Audiência privada de Leão XIII.
- 13 de abril: Partida de Roma. Parada em Gênova, Nice dia de 18, Cannes dia 20, Boulouris dia 28, Montpellier dia 29, Nîmes dia 2 de maio, Lyon dia 5 de maio.
- 8 de maio: Volta a Auteuil com irmã Marie Michel.

- 28 de junho: Madre Maria Eugênia parte para Ems cuidar da asma que a fatiga muito. “Sua saúde, mesmo mantendo-se maravilhosamente bem, sofre as diminuições da idade”. Uma irmã a acompanha.
 - 25 de julho: Volta de Ems, depois de parar em Preisch onde ela estava no dia da festa de santa Marie Madalena (dia 22).
 - 15 de agosto: Assunção. Madre Maria Eugênia preside a tudo.
 - 25 de agosto: Grande festa para seus 76 anos.
 - 4-13 de setembro: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre de Castries, capelão de um convento de Poitiers.
 - 17-26 de outubro: Madre Maria Eugênia descansa em Andecy.
- 1894
- 14 de janeiro: Festa do Santo Nome de Jesus. Madre Maria Eugênia, muito viva, evoca lembranças da fundação.
 - 27 de janeiro: Carta de Convocação para o **Oitavo Capítulo Geral**.
 - 8 de março: Partida para Roma com irmã Marie Michel e uma aluna das maiores, Jeanne Campenon, futura madre Jeanne de l’Enfant-Jésus. Visita de Lyon, Montpellier (durante a Semana Santa), Nîmes, Bouldouris, Cannes, Nice e Gênova, a partir do 8 de abril. Lá, Madre Maria Eugênia fica doente e tem que desistir da viagem a Roma. A Superiora de Roma vem vê-la em Gênova. Na volta, parada em Nice, Cannes, Nîmes e Lyon.
 - 1º de maio: Volta a Auteuil.
 - 28 de junho-19 de julho: Estada em Ems. Na volta, três dias em Preisch, depois Reims.
 - 24 de julho: Volta a Auteuil.
 - 15 de agosto: Todas as Superiores já chegaram para o Capítulo. Estão com madre Maria Eugênia nessa festa e, dias depois, para seu 77º aniversário.
 - 28 de agosto-4 de setembro: Retiro, pregado por Dom de Cabrières, Bispo de Montpellier.
 - 5 de setembro: Abertura do **Capítulo Geral**, presidido pelo padre Odelin, Superior eclesiástico.
- Madre Maria Eugênia expressa o desejo de ter uma Vigária Geral e pede que seja madre Marie Célestine, superiora de Madrid – que é eleita por unanimidade.
- 22 de setembro: Madre Maria Eugênia parte para San Sebastián para visitar a Rainha da Espanha.
 - 3 de outubro: Vai a Madrid com madre Marie Célestine.
 - 3 de novembro: Madre Marie Célestine chega a Auteuil como Vigária Geral.
 - 10-27 de novembro : Madre Maria Eugênia vai descansar em Andecy.
 - 24 de dezembro: O Capítulo de Natal é feito por madre Marie Célestine.
- 1895
- 17 de janeiro: em Saint Dizier, morte de irmã Marie Augustine.
 - 20 de janeiro: Festa do Santo Nome de Jesus. Às 5 horas, madre Maria Eugênia recebe os votos das irmãs de Auteuil e de Lübeck. Retira-se às 8 horas e madre Marie Célestine preside o serão.
 - 8 de março: Madre Maria Eugênia parte para Nîmes com irmã Marie Michel e madre Madeleine de Jésus. Depois vai a Montpellier, Bouldouris, Cannes e Nice
 - 27 de março: Parte para Gênova; dia 9 de abril, está em Roma.
 - 30 de abril: Volta a Cannes, depois Nîmes, Montpellier, de novo Nîmes e Lyon.

- 22 de maio: Volta a Auteuil.
- 17 de julho: Partida para Andecy, com irmã Marie Michel. Este ano ela não irá a Ems.
- 15 de agosto: Pela primeira vez, Maria Eugênia não está em Auteuil. Volta dia 23, bem em forma.
- 25 de agosto: Celebração solene de seus 78 ans.
- 17 de setembro: Madre Maria Eugênia vai passar alguns dias em Rouen.
- 20 de setembro: Partida das irmãs para a fundação de Santa Ana, em El Salvador.
- 19 de outubro: Partida de madre Marie Célestine para as visitas das casas do Sul e da Itália. Madre Marie Catherine a acompanha a Roma.
- 21 de dezembro: Madre Marie Célestine volta de Roma onde encontrou o Papa Leão XIII que “abençoou a resistência às leis injustas”.
- 24 de dezembro: Ela faz o Capítulo de Natal. Madre Maria Eugênia retira-se cada vez mais.

1896

- 20 de janeiro: Madre Maria Eugênia vai de carro ao Petit Couvent receber os votos de festa das alunas.
- 10 de março: Parte para Cannes, com uma irmã enfermeira. O médico aconselha essa viagem para curar um resfriado que poderia se tornar crônico. Chegada a Cannes dia 14, depois de uma parada em Lyon. De Cannes, vai alguns dias a Boulouris, depois volta a Cannes para a Semana Santa. Em seguida Nice, junto de Nossa Senhora da Consolação, e de novo Cannes e Montpellier.
- 31 de maio: Volta a Auteuil.
- 16 de julho-14 de agosto: Estada em Andecy.
- 21 de agosto: Cedendo às instâncias das irmãs, madre Maria Eugênia vai passar alguns dias em Paramé, na Bretanha, perto de Saint Malo. Festejam ali seus 79 anos e dão de presente uma estátua de Sant’Ana, atualmente guardada nos Arquivos.
- Início de setembro: Volta a Auteuil onde fica sabendo que seu sobrinho, Emmanuel Milleret, morreu subitamente.
- 12-22 de setembro: Retiro da Comunidade, pregado por Dom Logerot, Beneditino.

- 6 de novembro: Morte de Dom d’Hulst.

• Fim de novembro: Visita de madre Marie Gertrude, do Cabo, e de irmã Catherine do Rosário, sua sucessora como Superiora dessa Comunidade. O projeto de fusão não tem sucesso, mas irmã Catherine fica na Assunção, recomeçando o Noviciado.

- Dezembro: Fundação das **Orantes da Assunção** pelo padre Picard e Madre Isabelle de Clermont-Tonnerre, viúva d’Ursel.

1897

- Fevereiro-Março: Madre Marie Célestine está em Madrid. Pouco a pouco, madre Maria Eugênia não vem mais aos recreios com as irmãs, a não ser para as abençoar no fim do dia.
- 27 de maio: Ascensão: “*Nossa Madre Geral desejou o céu para todas nós*”.
- 26 de julho: Festa de Sant’Ana. Maria Eugênia pede a ela o amor por Maria: “*Ninguém no mundo amou mais Maria do que ela*”.
- 4-14 de agosto: Retiro da Comunidade, pregado pelo padre Alix, Dominicano.
- 16 de agosto: Passada a festa, madre Maria Eugênia diz: “*Vamos continuá-la no céu*”.

- 24 de agosto: Celebração dos 80 anos de madre Maria Eugênia, em seguida dos 49 ans de madre Marie Célestine (que também nasceu no dia 26 de agosto).
- 28 de outubro: pela última vez, madre Maria Eugênia faz a Via Sacra na capela, apoiada por uma noviça.
- 1º de novembro: Última comunhão na capela.
- 8 de novembro: a pedido de madre Maria Eugênia, volta de madre Marie Célestine, que tinha viajado dia 20 de setembro para a Espanha.
- Natal: pela primeira vez, madre Maria Eugênia não pode fazer a procissão e colocar o Menino Jesus no presépio. Ele é levado ao seu quarto.

1898

- 1º de janeiro: Visita do padre Picard, fazendo votos de “todas as alegrias do Natal”. *Eu tive essas alegrias*. Durante o dia ela acolhe as irmãs por pequenos grupos.
- 12 de janeiro: Morte de irmã Marie Philomène, que madre Maria Eugênia ia abençoar todos os dias em seu quarto.
- 16 de janeiro: Festa do Santo Nome de Jesus. Madre Maria Eugênia vem à sala de Comunidade. Muita simplicidade e emoção. Visita do padre Picard.
- 2 de fevereiro: Pela última vez, madre Maria Eugênia dá a bênção da noite.
- 13 de fevereiro: Recebe os Sacramentos das mãos do padre Picard.
- 28 de fevereiro: Visita do Cardeal Richard que abençoa madre Maria Eugênia e lhe apresenta para beijar a Cruz que Dom Affre estava usando quando foi morto nas barricadas, em 1848.
- 3 de março: Madre Maria Eugênia recebe a comunhão das mãos de Dom Logerot, mas não pode mais falar.
- 7 de março: Começa a agonia.
- 9 de março: De manhã, madre Marie Célestine pede a madre Maria Eugênia que aperte sua mão se quiser ainda comungar. Depois desse sinal, a Eucaristia lhe é dada em Viático. Às 5 horas, o padre Picard vem e lhe dá a absolvição.

**10 de março: De noite, às 3 horas 1/4,
morte de Madre
MARIA EUGÊNIA de JESUS,
Fundadora da Congregação
das Religiosas da Assunção.**

O enterro foi no dia 12 de março. Seu corpo foi inumado ao lado do de madre Thérèse Emmanuel, na terra de Auteuil, “*no meio dos grandes bosques, cheios de sombra e de silêncio.*”

- Dia 25 de março de 1926, continuando as leis de expulsão das Congregações Religiosas, da dissolução da congregação e da venda de Auteuil, a « capela do bosque » foi destruída. Os corpos de madre Maria Eugênia e de madre Thérèse-Emmanuel foram transferidos para o cemitério de Auteuil.
 - Dia 1º de dezembro de 1942, dentro do Processo de Beatificação, o corpo de madre Maria Eugênia foi exumado, depois transferido para a capela do externato de Lübeck.
- Desde o dia 26 de junho de 1974, antes da Beatificação, passou a repousar na capela da Casa Mãe, construída em 1961.

**Dia 9 de fevereiro de 1975,
na Basílica de São Pedro de Roma,
Madre Maria Eugênia Milleret
foi proclamada Bemaventurada
pelo Papa Paul VI.**

**E no dia 3 de junho de 2007
na Praça de São Pedro em Roma,
ela foi canonizada
pelo Papa Bento XVI.**

PROPOSTA de CLASSIFICAÇÃO CRONOLÓGICA das NOTAS ÍNTIMAS

Como foi dito na Introdução geral, nem sempre a classificação das Notas Íntimas corresponde à cronologia. Por isso tentamos estabelecer um quadro que talvez permita uma certa classificação.

- **Data:** Nessa coluna foram colocados os números datados e também números que, mesmo não trazendo a data, podem ser datados em função do conteúdo ou da apresentação. Isso é indicado pelos parênteses que acompanham também uma data colocado no texto autógrafo, sem que seja sempre possível, atualmente, justificá-la. Referir-se ao próprio texto, ou às notas do original francês.
- **Indicações:** Para a data e os texto, as indicações são as de Maria Eugênia. As palavras entre parênteses são uma explicação que acrescentamos a esses quadros.
- **Números não datados:** São números para os quais permanecem incertezas, mas que em geral podem ser situados em um ano ou em um intervalo de anos.
- **A grafia das palavras:** (iniciais maiúsculas ou minúsculas) concorda com o que escreveu Maria Eugênia.

[Em caso de dúvida, referir-se ao original em francês. N.T.]

I. Antes da fundação

ANO	DATA	NUMÉROS	INDICAÇÕES	NUMÉROS NÃO DATADOS
1835		151/01		
1836	29 Março	152/01	Paris (início do texto)	
1837	Março e Abril Abril (Maio) Maio (Verão) Novembro	152/01 159/01 153/01 154/01.02.03 154/04-12 160/01 154/13 161/03	(últimos parágrafos) Paris No Retiro (continuação) Lorena No convento (= Beneditinas do S.S.)	241/05 163/02.03 161/01.02=1837-38 242/01 242/04 = 1837-39 ou depois
1838	18 Janeiro 4 Abril	161/04 161/05 161/06	(Beneditinas do S. S.) Santíssimo-Sacramento (= Beneditinas)	
1839	3-11 Fevereiro (e depois)	162/01	(Côte Saint-André)	244/01=antes da fundação ou 1842

II. Depois da Fundação

ANO	DATA	NÚMEROS	INDICAÇÕES	NÚMEROS NÃO DATADOS
1839	Por volta de Novembro 14 Dezembro	158/01 163/01	Partes de um retiro	
1840	Março (Março ou Abril) 26 Abril 12 Agosto Dezembro "	164/01 155/01 156/01 157/01 165/01 166/01	Quasimodo (= Dom.depois da Páscoa) Tomada de hábito Retiro de eleição	
1841	Fevereiro Março 30 Março Abril 3 Maio Maio Junho Agosto 6 Agosto (et 15 Agosto (Setembro) (Agosto - Set) 24 Setembro 21 Dezembro 21 "	167/01 168/01 169/01 170/01 174/02 174/03.04 171/01 172/01 173/01 174/01 175/01 176/01 177/01 178/01 178/02 179/01 180/01	{ Retiro (8 dias) " Depois do Retiro Partida do Padre Combalot Retiro de Profissão Retiro do mês fête de São Januário	176/02 193/02 = 1841 ou 1844
1842	7 Janeiro 24-25-26 Jan. 2 et 4 Fevereiro Março 12 Abril 27 Maio 25 Junho 3 Julho 15 Agosto Setembro 6 ou 7 Dez. 23 Dezembro 7 Dezembro	180/01 181/01 " 182/01 183/01 184/01 185/01 185/02 185/03 186/01 187/01 240/01 " 240 B 01	(continuação) Terça-feira Oitava do SS. Sacr.. 3 h. Domingo Domingo Retiro Retiro do mês	241 B / 01 244/01=1842ouantes da função
1843	25 Março 15 Junho 10-14 Set.	188/01 189/01 190/01	Festa do SS Sacramento Retiro de 8 dias	242/02

II Depois da Fundação

ANO	DATA	NÚMEROS	INDICAÇÕES	NÚMEROS NÃO DATADOS
1844	12 Janeiro 15 Março Festa de Santo Agostinho (=28 de Agosto) 10 de Setembro 30 Outubro (Noël) (Noël)	191/01 192/01 193/01 194/01 195/01 196/01 242/03 247/01 248/01 249/01	Retiro do mês Retiro 1844 Para o P. d'Alzon Retiro (1º, 2º, 3º dias) Direção dada pelo P. d'Alzon Bemª. Marie de Soccus { Meus pedidos de Profissão (idem)	193/02 ; 1844 ou 1841 241 B/02 : 1844 ou 1845
1845	4 Março 19 Maio 20 Maio 30 Maio (29 Dez.)	197/01 198 B 01 198/01 199/01 200/01 246/04	Retiro do mês Paris Paris - St Bernardino de S. Resoluções Bilhete de profissão	241 B/02 : 1845 ou 1844
1846	24 fevereiro Abril 9 Abril [Abril-Maio [Junho-Julho [Setembro) [" [27 setembro Outubro	201/01 202/01 203/01 241/01 203/02 204/01 245 B/01 205/01	Retiro de um dia 5ª f. Santa → depois da Páscoa { Resoluções Retiro Grande Retiro [Notas de leitura)	245/02.03.04.05: entre 1845 et 1847 = egulamento - horárioss 241/02: Continuação do 25 de Março 246/01.02.03: ±1846 249/02: ±1845-1846
1847	22 Setembro 25 Setembro	241/01 204/02	(Retiro)	250/01 (Bilhete de profissão)
1848	18 Fev e ss. 25 Julho	206/01 241/01	Retiro (8 dias)	
1849	28 Maio-2 Junho 30 Maio 9 outubro	207/01 241/01 251/01 241/03	28 Maio : 2ª feira de Pentecostes, Retiro (8 d.) Retiro 8 dias (Antes da partida para o Cabo)	
1850	15 Março et ss. (1850) (9 Dezembro)	208/01 209/01 251/02	Retiro de oito dias Bilhete de profissão	245/01

II Depois da Fundação

ANO	DATA	NÚMEROS	INDICAÇÕES	NÚMEROS NÃO DATADOS
1851	5-8 Março (11 junho) 2Dezembro (Dezembro)	210/01 (210/02) 211/01 212/01 213/01	Retiro (8 dias)	
1852	23 fevereiro (Setembro) Setembro	214/01 { 215/01 216/01	(Retiro) Retiro - Resoluções	249/03
1853		Não há notas		
1854		Não há notas		
1855		Não há notas		
1856	Setembro	217/01	Grande Retiro	
1857	15 novembro	218/01		
1858	25 Fevereiro 16 Maio	219/01 220/01	Nîmes Auteuil	251/03:1858-1859
1859	3 Julho 25-29 Outubro	221/01 222/01	Sedan Retiro (inacabado)	
1860	3 Junho 2 Nov. et ss-	244/02 223/01	Retiro 2°, 3°. 7° dias	
1861		Não há notas		
1862	2 abril 20-28 Junho	244/02 224/01	Retiro	
1863	1° Dezembro	225/01	fim do grande Retiro	
1864		252/01	(Bilhete de profissão)	
1865	2 julho 22 Outubro	244/02 226/01		
1866		Não há notas		
1867	Janeiro 2 Janeiro 8 Janeiro 9 Janeiro 6 Abril	227/01 { 256/01 256/02 256/03 253/01	Grande Retiro (começa dia 2 à noite) Página de agenda «" «"	
1868	Março 23 junho	228/01 244/02	Retiro	254/04 : entre 1868 et 1871 243/02 : entre 1869 et 1875
1869	19 julho	244/02		
1870	27 Novembro	229/01	1° Domingo do Advento	244/03 : après 1870
1871		Não há notas		
1872		Não há notas		
1873	(Agosto)	230/01	Resoluções	
1874	Dezembro	231/01	Retiro	254/03
1875		Não há notas		
1876	6 Abril Outubro	254/01 254/02	(Bilhete de profissão) (Bilhete de profissão)	255/02 :1876 ou 1877
1877	Janeiro	233/01	Retiro (8 dias)	

INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS

**As Irmãs que não têm indicada a Congregação a que pertencem são Religiosas da Assunção.*

** De 1845 a 1862 não pronunciaram votos temporários, mas fizeram diretamente a Profissão perpétua. Em 1862, foram restabelecidos os votos temporários, depois de um pedido apresentado a Roma. Isto explica a diferença de datas de profissão apresentadas aqui.*

- AFFRE (Dom) Denis-Auguste: 1793-1848 249/01 251/01
Vigário geral de Paris no momento da fundação. Arcebispo de Paris em 1840. Aprovou as primeiras Constituições de 1840 e deu o Hábito às primeiras irmãs no dia 14 de agosto de 1840.
Morreu em junho de 1848, durante a Revolução, numa tentativa de pacificação entre as duas partes. Suas últimas palavras foram: “Que meu sangue seja o último a ser derramado”.
Em 1898, antes de morrer, Maria Eugênia recebeu a visita do Cardeal Richard, Arcebispo de Paris, que lhe deu a beijar a Cruz peitoral de Dom Affre, lembrança dos inícios da Congregação.
Bilhete: “Que Deus retribua a nossos benfeitores tudo o que fizeram por nós” (1849)
- AIMÉE (Irmã) Visitandina de Avignon 249/03
De acordo com o P. d’Alzon e Maria Eugênia, ela obteve de sua superiora afastar-se um tempo de sua comunidade e morar com as religiosas da Assunção. Chegou em junho de 1852.
Bilhete: “Que ir. Aimée nos deixe sem nos prejudicar” 1852
- ALIX 241/01
Pode ser Alix de Montaudon, irmã de Natália que era vocação para a Assunção. Passou algum tempo em Chaillot nessa época,
– ou melhor ALIX de Paty, futura postulante, entrou em agosto de 1846.
Bilhete: “Vi tudo o que tinham de bom nas suas antigas cartas (do P. d’Alzon) quando as li para Alix” (junho de 1846)
- ALFRED 243/02 – 251/01 – 251/02 – 252/01 – 254/01
Alfred Milleret, de 1830-1877, sobrinho de Maria Eugênia, filho de seu irmão mais velho Eugênio (1830-1867) e de Emma Dejean, sua esposa (casados em 1829). Bilhete: “Solucionar certos assuntos com Alfred) Rezar por sua conversão”.
- ALPHONSE MARIE do SSmo. Sacramento (Irmã) 256/03
Alice Ryan, nascida em 6 de agosto de 1842 na Irlanda; entrou em 5 de agosto de 1866; toma o hábito dia 9 de janeiro de 1867 (P. Véron); primeiros votos dia 15 de janeiro de 1868 (P. Picard); votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1870 (P. Bayle); falecida dia 27 de fevereiro de 1918 em Richmond.
Bilhete: na tomada de hábito de 1867.
- ALTENHEIM (Sr. de) 203/01
Sem dúvida pai de duas alunas de Chaillot, Anne (de 1846 a 1851) e Marie (de 1846 a 1857). O Sr. d’Altenheim foi de grande socorro para as irmãs e as alunas na revolução de 1848.

Anne nascida em de 1836 entrou no Noviciado em de 1852 e tomou o nome de irmã Marie Antoinette de la Présentation; morreu em 1918.

ALZON (Padre Emmanuel) 1810-1880 174/01 (note)

185/03 (note) – 187/01 (note) – 188/01 – 193/01 – 194/01 – 195/01 – 197/01 – 202/01 – 203/01 – 204/02 – 206/01 – 208/01 – 210/01 (note) – 214/01 – 215/01 – 216/01 – – 217/01 – 223/01 – 235/01 (note) – 239/01 (note) – 240/01 (note) – 241/01 – 241B/01 (note) – 241B/02 (note) – 245/05 -246/02 – 246/04 – 249/03 – 250/01 – 251/01.02.03 – 252/01 – 253/01 – 254/03.04 – 255/02

Nasceu no Vigan dia 30 de agosto de 1810. Ordenado em 26 de dezembro de 1834. Vigário Geral de Nîmes em 1835, cargo que ocupará durante 45 anos. Amigo do P. Combalot que lhe apresentou Ana Eugênia Milleret em Chatenay em outubro de 1838, perto da Côte Saint André. Depois da partida do P. Combalot em maio de 1841, tornou-se conselheiro e diretor espiritual da jovem fundadora das Irmãs da Assunção. Em 1845, em Nîmes, fundou a Congregação dos Agostinianos da Assunção, e em 1865, no Vigan, fundou a Congregação das Oblatas da Assunção.

Com Maria Eugênia, foram 40anos de amizade humana e espiritual, com suas luzes e por vezes, suas sombras. Nas Notas Íntimas encontramos muitas referências a essa relação.

Bilhetes: Reflexões, intenções etc.

AMÉLIE (Vertray) 255/03

Esposa em 1875 de Georges Milleret (1847-1925) meio irmão de Maria Eugênia, nascido do casamento de seu pai (1843) com Anne da Chevardière de Grandville.

Bilhete: ME pede sua conversão (1875).

ANNA TERESA de l'Immaculée Conception (Irmã) 255/03

Dolores Camarinas, nascida dia 28 de março de 1858 em Zaragoza; entrou dia 5 de agosto de 1877 em Madrid; tomada de hábito dia 15 de novembro de 1877; primeiros votos dia 16 de novembro de 1878 (P. Joly); votos perpétuos dia 9 de novembro de 1881 (Dom Moreno, Patriarca das Índias); falecida aos 31 de dezembro de 1934. Em Santa Cruz de Tenerife.

Sucessivamente em Madrid, Granada (Fundação em de 1883), Madrid San Sebastian, Málaga, Réims. Nas Filipinas de 1883 a de 1889, depois Cannes, Boulouris, Lourdes, San Sebastian, Santa Cruz (1921).

Bilhete: confiado a Ir. Anna Teresa, provavelmente ao fazer os primeiros votos.

ANNE MARIE (Irmã) 243/02 – 245/02 – 249/03 – 250/01

Anne Marie Carrère nascida dia 6 de outubro de 1822 em Arudy (Baixos Pirineus) Entrou dia 11 de outubro de 1840 (Vaugirard); tomada de hábito dia 4 de abril de 1842; votos perpétuos dia 11 de dezembro de 1845 (P. Gabriel); faleceu dia 11 de dezembro de 1875 em Auteuil. Uma das duas primeiras irmãs coadjutoras (Cf. Origens I).

Bilhetes: horário de Maria Eugênia... “que a irmã seja curada de suas tristezas” (1847), “fantasias...” “de suas tentações” (1852)

ASTORG (Jeanne d') 253/01

É questão dela na correspondência desde 1859: ela parece sonhar com o Carmelo. Em 1861 essa perspectiva se concretiza. Em 1863 está acompanhada espiritualmente por Dom Dupanloup e não se sente feliz. Maria Eugênia escreve ao P. d'Alzon: “Proibiram-lhe de se confessar com você, mas ela espera se encontrar com você e será muito bom.”(C. 2968). Em 1865, Maria Eugênia vai visitá-la no convento da Visitação de Orléans onde tinha entrado: “É o Bispo que tem sobre ela toda a influência” (C.3059). Parece que não ficou.

No bilhete de 1867, Maria Eugênia a pede “entre as vocações para nós”. Por outro lado, em 1873, a reencontramos na Assunção de Nice com sua mãe.

AGOSTINHO (Santo): 354-430 95/01

Nascido em Tagaste em novembro de 354. Convertido em meados de 386; batizado na véspera de Páscoa de 387; Sacerdote em 391. Bispo em 395. De 396 a 430, ano de sua morte, Bispo de Hipona.

Desde as origens, a Congregação adota a regra de São Agostinho. As referências a suas Obras são freqüentes nos escritos de Maria Eugênia como nos do P. d’Alzon. O nome de “Religiosas Agostinianas da Assunção” testemunha esta pertença espiritual.

Bilhete: Leitura do “*Tratado sobre as Virgens*” (1844).

BABY 251/03

Emmanuel Milleret, nascido em 1856, sobrinho de Maria Eugênia, filho de seu irmão Louis (1815-1875) e de Mathilde de Touzon (casados em 1855).

Bilhete: “ que Baby seja bom cristão”... (1858-59)

BELLE (Srta) 249/01

Sem dúvida professora de Caroline de Mesnard, filha da Sra. de Mesnard que fazia parte da Ordem Terceira.

BERTHIER (padre): 1704-1782 206/01

Entrou na companhia de Jesus em 1722. Autor espiritual. Entre outros, Comentários sobre os salmos e sobre Isaías. Sepultado na catedral de Bourges. Seus livros faziam parte da biblioteca da comunidade que pôde ser reconstituída.

Bilhete: Retiro de 1848, 2º dia: “Necessito entrar na noite da vontade segundo a 7ª. Carta do P. Bertier”.

BERTHY (Sra. de) 241/01 – 249/01

Relacionamento. Em junho de 1843, Maria Eugênia escreve desde o Impasse de Vignes, a Ir. M. Josèphe doente, nos Pirineus: “Sra. de Berthy pergunta por você e pede notícias com muito carinho”

Bilhetes: “faltei de delicadeza com a Sra. De Berthy(1846); rezar por ela... (1844)

BÉRULLE (P.) Cardeal Pedro: 1575-1629 190/01

Sacerdote em 1599, introduziu o Carmelo na França em 1604 e fundou em 1611 o Oratório, “companhia toda dedicada ao Filho de Deus”. Fundador de “Escola francesa de espiritualidade”, que marcou as origens da Congregação. Sua obra mestra: *Discurso sobre o Estado e as Grandezas de Jesus* em 1623. Faleceu durante a Missa em 1629.

As Irmãs adotaram no início o *Ofício das Grandezas de Jesus*, composto por Bérulle. Em 1846 Maria Eugênia enviou uma cópia ao P. d’Alzon para a Ordem Terceira de Nîmes.

Bilhete: “ ler livros sérios de amor... de Bérulle (1843)

BEVA (Sr.) 252/01

Sua esposa, Sra. Cécile Béva, era uma amiga de infância de Maria Eugênia. Em julho de 1837, quando esteve em Lorena, Maria Eugênia indica ao P. Combalot:

” Você pode me escrever à casa da Sra. Cécile Béva, em Thionville - Moselle” (Vol. I, C. 3) . Os avós da Sra. Beva eram proprietários de Preisch, antes dos Milleret. Os arquivos da Congregação possuem a correspondência entre Maria Eugênia e os Beva, de 1852 a de 1872)

Bilhete: rezar por...

- BLANC (Sacerdote) 249/01
 Confessor extraordinário, dado pelo P. Gaume em 1843 (cf. C. 1607, 1608). Autor de uma História da Igreja muito estimada na época. Os arquivos conservam um texto manuscrito onde na página de guarda está escrito da mão de Maria Eugênia: “Regras dadas pelo P. Gaume propostas para os Padres reunidos em La Chenai” (Padres de São Pedro fundados por Lamennais)
 Bilhete: Rezar por nossos confessores, e os que rezam por nós...” 25/12/1844
- BLISS (Lizzie) 257/02
 Não figura nos registros, mas uma Mary Bliss, (Irmã Marie Paula do Santíssimo Sacramento). Nascida no dia 18 de outubro de 1860; entrou aos 8 de maio de 1885; tomada de hábito aos 28 de agosto de 1885; primeiros votos dia 24 de setembro de 1886; votos perpétuos dia 29 de setembro de 1888; falecida aos 24 de agosto de 1824 em Manila.
 Bilhete: Maria Eugênia pede sua entrada (1880-81)
 N.B. Numa carta dirigida ao P. d’Alzon, 23 março de 1878 (c.3531), Maria Eugênia fala de uma jovem inglesa, aluna de Kensington, que vai encontrar seu pai em Roma, Sr. Bliss. Ela está encarregada da mensagem dirigida pelas Filhas de Maria ao novo Papa Leão XIII.
- BONA (Cardeal) João: 1609-1674 53/01
 Entrou em 1625 na Ordem dos Feuillants, Abade de Mondovi (Piemonte) depois Geral de sua Ordem. Em Roma, consultor de varias Congregações. Cardeal em 1669. Autor espiritual muito estimado por seus contemporâneos. Tinha lido os Padres da Igreja, sobretudo São Bernardo, e conhecia os escritos de seus contemporâneos: Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Sales.
 Bilhete: “Caminho do céu” do Cardeal Bona (Abril de 1837).
 N.B. Num caderno chamado: “ Misturas religiosas” – julho de 1836” (MOI F), Maria Eugênia copiou trechos deste autor com o título: *Caminho do céu*.
- BONALD Sr. de) Visconde Louis: 1754-1840 161/02
 Escritor político de tendência monárquica, regime no qual ele vê a harmonia entre política e religião, harmonia destruída pela Revolução.
 Suas Obras:
 1796: *Teoria do poder político e religioso na sociedade civil*.
 1801: *Ensaio analítico sobre as leis naturais e a ordem social*.
 1818: *Buscas filosóficas sobre as leis naturais da ordem social*.
 1830: *Demonstração filosófica do princípio da sociedade*.
 Em 1836, Lacordaire recomenda a Maria Eugênia a leitura deste autor do qual ela copiou trechos no caderno indicado acima (MOI F) As “*Misturas de Bonald*” figura entre os livros levados por Maria Eugênia no momento da fundação.
 Bilhete: Citação de Bonald (1837-38).
- BOSSUET (Jacques-Bénigne): 1627-1704 180/01 – 194/01
 Escritor - Bispo. Célebre por suas pregações desde 1659. Preceptor do Delfim, escreveu para ele “*Discursos sobre história universal*” ao qual Maria Eugênia faz referência com freqüência. Bispo de Meaux em 1684.
 Bilhete: Sermão de (1842) Leitura (1844).
- BOUCHET (Marie) 253/01
 Nasceu em 5 de agosto de 1847 em Montpellier; entrou aos 2 de setembro de 1867 (ir. Louise Agnès da Imaculada Conceição); tomada de hábito dia 2 de fevereiro de 1868; primeiros votos dia 20 de abril de 1869 (P. Picard); votos perpétuos dia 14 de setembro de 1871 (P. Bayle) ; faleceu dia 9 de fevereiro de 1873 em Nice.

Bilhete: “vocação para nós...” (1867)

BOULLAND (Sr.) 249/01

Amigo de Buchez e da família Milleret, Maria Eugênia o cita explicitamente ou não, na correspondência de 1842 (Cf.Cc 1556,1557) e na de 1844, como sendo uma das rela es marcantes de sua juventude. Fica em rela o e em correspondência com ele. Em 1851 ela lhe pede a cole o do jornal *L’Européen*, fundado em 1831.

Bilhete: “ aqueles que têm direito a nossas ora es...” (25/12/1844).

BOURNISIEN (Joseph Marie) 255/01

Nascido em 1856, fez seus estudos no Colégio da Imaculada Concei o, na rua Vaugirard e entrou em contato com os Religiosos Assuncionistas da rua Francisco 1  em Paris. Participou das peregrina es organizadas por eles em 1872 a La Salette, em 1873 a Lourdes. Entra no seminário e continua seus estudos no Seminário francês de Roma e na Universidade Gregoriana. Ordenado em 1880. Durante 11 anos, capelão da Escola Santa Genoveva, na rua Lhomond (perto do Impasse de Vignes). Entra nos Assuncionistas em 1891.

Bilhete: “Voca o para os Padres” (por volta de 1878).

BOYER (Sra.) 246/03

Esposa de um farmacêutico de N mes, com sua caridade ajudou o P. d’Alzon na funda o do “Refuge”, mantido pelas Irmãs de Marie T r se (N.249/01). Membro da Ordem Terceira fundada em N mes pelo P. d’Alzon em de 1846; foi nomeada Priora em 1852.

Bilhete : “ conceda   sra. Boyer a conversão de seu marido e as graças que farão dela uma digna primeira irmã da Ordem Terceira.”

BRETAGNE (Marguerite de) 257/02

Nascida em 15 novembro de 1860; aluna de Auteuil de 1869 a 1978; entrou dia 2 de fevereiro de 1882 (Ir. Agn s Marguerite de Nazaré); tomada de hábito dia 22 de julho de 1882; primeiros votos dia 15 de agosto de 1883; votos perpétuos dia 15 de agosto de 1885; faleceu dia 17 de novembro de 1937 no Val Notre Dame.

Superiora da funda o de Filadélfia em 1919.

Bilhete: Maria Eugênia pede sua entrada conosco.

BRISSON (Sr. Enrique) : 1835-1912 257/02

Chefe do Partido radical Socialista, lança um inquérito sobre a fortuna das Congrega es religiosas. Em abril de 1881, uma lei exige que a declara o dos bens seja feita em breve espaço de tempo. Finalmente a obriga o dessa declara o será adiada para 1882.

Bilhete: “que nos livremos das leis Brisson”.

BROU (Sr. de) 249/01

A sra. Milleret, Eugénie  l onore de Brou, tinha tr s irmãos: Louis-Charles e Philippe-Joseph, g meos, nascidos em 1775 e François, nascido em 1777. Um dos g meos faleceu em 1846. Não se sabe qual dos dois. (Louis de Brou era padrinho de Louis Milleret).

Bilhete: “ Peço-lhe reze por meu pobre tio de Brou” (25 de dezembro de 1844).

BUCHEZ (Sr.) Philippe Joseph: 1796 – 1865 242/03

Médico, escritor, publicitário, homem político. Primeiramente adepto de sociedades secretas, discípulo do pensamento social de Saint Simon (1760-1825), fundador do jornal *L’Atelier*, presidente da Assembléia Constituinte em 1848. Evolui para um pensamento social inspirado do cristianismo.

Suas Obras: 1833 – *Introdução a ciência da história*.
1833-38 *História parlamentar da revolução francesa*.
1840 *Ensaio de um tratado completo de filosofia no ponto de vista do catolicismo e do progresso*.

Amigo da família Milleret, Maria Eugênia considera sua influência muito importante para seu pensamento (cf. CC 1607, 1610 ao P. d'Alzon em 1844). Seu nome volta com freqüência na correspondência, sobretudo no ano de 1848 (cf. *Origens III*, cap 3º)]

Bilhete: “Lamennais, V. Hugo, Buchez, me fizeram muito bem” (1844).

CABRIÈRES (Sr. de) François M. Anatole: 1830-1921 249/03 – 251/02

Seu pai era Prefeito de Nîmes sob a Restauração. Fez seus estudos no colégio da Assunção de Nîmes, entrou no seminário de São Sulpício em 1849 e foi ordenado em 1853. Diretor do Seminário Maior de Nîmes, depois do Colégio da Assunção. Secretário e depois Vigário Geral do Bispo de Nîmes, Dom Plantier, em 1873 foi nomeado Bispo de Montpellier, onde ficou até sua morte em 1921. Sempre ligado à história e à vida da Assunção.

Bilhete: “que ele seja religioso da Assunção” (1850, 1852).

CAIEZWICZ ou KAIZIEWICZ – Jerôme 242/03

Padre Polonês da Ressurreição. Superior Geral depois do P. Semenenko, fundador da Congregação. Será o negociador de uma união eventual entre seu Instituto e os AA. Em 1845-46 foi questão de sua irmã como futura postulante, mas morreu antes de entrar na comunidade.

Bilhete: rezar por... (1844).

CAMILLE STANISLAS da Imaculada Conceição (Irmã) 252/01

Amélie Menu, nascida em 1 novembro 1836; entrou dia 29 de novembro de 1854; tomada de hábito dia 1 de julho de 1855; votos perpétuos dia 16 de setembro de 1856 (P. Mermillod), faleceu aos 24 de novembro de 1866 em Auteuil.

Bilhete: saúde para ... (1864).

CARBONNEL (Srtas) 241/01

Três irmãs de Nîmes, Isaure, Antoinette e Anaïs, devotadas à Obra do P. d'Alzon. Em 1844, antes de partir de Nîmes Maria Eugênia foi visitá-las. Anaïs, nascida em 1802, primeiro fez parte da Ordem Terceira; entrou no postulado em 1847, com o nome de Ir. Marie Vincent e tomou o hábito dia 23 de janeiro de 1848. Deixou o noviciado por razões familiares em 1849, não voltou e morreu em Nîmes dia 15 de agosto de 1850.

Bilhete: de 1846.

CARDENNE (Sr.) 251/02

Irmão Vitor, religioso AA, nascido em 1821, conheceu o P. d'Alzon em Paris em 1845, professor e membro da Ordem Terceira em Nîmes, depois noviço em 1846. Profissão temporária dia 25 de dezembro de 1850. Faleceu dia 14 de dezembro de 1851.

O P. d'Alzon o considerava como “uma de nossas pedras fundamentais”.

Bilhete: saúde para... (1850).

CAROLINE (Irmã) 249/01

Caroline Blanc, Visitandina, encarregada da formação de Maria Eugênia durante sua estada na Costa Sto, André (agosto de 1838-abril de 1839), (cf. *Origens I* cap.VI; cap.IX) Morreu como Superiora do Mosteiro de St. Étienne em Forez.

Bilhete: Rezar por... (1844).

- CAROLINE 203/01 – 249/01 – 251/01
 Filha da Sra. de Mesnard, entrou na Ordem Terceira Dominicana e esteve em relação com Maria Eugênia. Não entrou no noviciado.
 Bilhetes: “Dá-nos Caroline se ela puder servir aqui para a glória de Deus” (1844) “...preocupada com ela na Missa” (9 de abril de 1846), “vocação de Caroline para nós” (1849).
- CASTAN (Sacerdote) 241/01
 Em 1846, o Padre Castan é secretário no Bispado. Em julho de 1848 Maria Eugênia fala ao P. d’Alzon de “um Cônego de Paria que desejaria levar uma vida mais santa, mais pobre, mais devotada, o Padre Castan” (C.1955).
 Bilhete: “Melhor depois da visita do P. Castan a sua religiosa” (1846).
- CATTOIS (Sr.) 249/01
 Médico – Cuidou de Maria Eugênia durante sua estada nas Beneditinas do Santíssimo Sacramento (1837-1838) e também depois da fundação.
 Bilhete: rezar por... (1844).
- CAZAJEUX Marie (Irmã) 257/02
 Nasceu em 16 de julho de 1856 em Albi; entrou aos 2 de maio de 1881 (Irmã Marie Rita do Menino Jesus); tomada de hábito em 6 de agosto de 1881, primeiros votos em 18 de dezembro de 1882, votos perpétuos dia 16 de abril de 1885 (Dom Hulst) ; faleceu dia 10 de novembro de 1929 no Rio de Janeiro.
 Bilhete: “a entrada de...”
- CESLAS (Padre) 251/03
 Ceslas Loyson, Dominicano. Sua irmã Colomba fez profissão na Assunção aos 30 de abril de 1857. Nesse mesmo ano aconteceram as dificuldades entre o P. Ceslas e as autoridades eclesiásticas a respeito de certas pregações. Mais tarde se secularizou. Ir. Marie Colomba deixou também a Assunção em 1869 por influência de outro irmão seu, Padre Charles Loyson, que se tornou Carmelita, com o nome de P. Hyacinthe, e foi apóstata. Em 1856, voltando de uma sessão nos Pirineus, Maria Eugênia passou por Pau e se hospedou na casa da família Loyson.
 Bilhete: “graças para...(1858-59).
- CHAMPAGNEUX (Sra.) 161/04
 Filha da Sra. Roland, mulher política guilhotinada na Revolução em novembro de 1793. Converteu-se escutando o P. Combalot, na Igreja St. Étienne do Mont, perto de Impasse des Vignes. A correspondência de Maria Eugênia com o P. Combalot, em 1837, dá um eco de seu bom relacionamento. No outono de 1837, é ela que sugere a Maria Eugênia o convento das Beneditinas do SS. (cf.*Origens* I).
- CHAPELLE (Srta. de La) 257/02
 Uma senhorita de La Chapelle entrou em 1867 e morreu em 1874 (Ir. André da Cruz). Esta não foi identificada. Parece que não entrou.
 Bilhete: Maria Eugênia pede sua entrada.
- CHATEAUBRIAND François-René (Visconde de): 1768-1848 249/01
 Nascido em St. Malo. escritor, homem político. Publicou em 1802 “*O gênio do cristianismo*” e “*René*”, duas Obras que tiveram uma enorme repercussão e abriram o caminho para desenvolver o Romantismo. Sua esposa fundadora da “Casa Marie Térèse” para os Padres idosos e pobres, logo depois da Revolução, estava em relação com o P. Combalot, e, através dele, também esteve com a Congregação (Cf. Lembranças da rua Férou e Impasse des Vignes, *Origens* II). A última obra de

Chateaubriand, *Memórias de Além-Túmulo* foi lida e guardada, pelas irmãs, à medida que iam sendo publicadas nos jornais de 1848, ano da morte do autor. Está enterrado no rochedo do Grand-Bé, em frente ao mar, em St. Malo, seu país natal.
Bilhete: “aqueles que têm direito a nossas orações...” (1844).

- CHAVIN (Sr.) 241/01
Na correspondência, é questão dele, entre as relações de 1844. Autor de uma vida de São Francisco de Sales.
Bilhete: visita de...(1846).
- CLAIRE EMMANUEL do menino Jesus (Irmã) 241/01
- 245/01.02 – 246/04 – 250/01 – 251/01
Irma Boubet, nascida dia 25 de janeiro de 1827; entrou aos 10 de outubro de 1843 (Impasse des Vignes); Tomada de hábito dia 13 de fevereiro de 1844 (P. Gaume); votos perpétuos aos 25 de abril de 1845 (com Ir. M. Gertrude, do Cabo); falecida aos 29 de outubro de 1850 em Chaillot (2ª da Congregação). Fez o 4º voto antes de morrer (cf. C.308 de Maria Eugênia Têrèse Emmanuel) (Cf *Origens* II cap.V e *Origens* III, cap. IX)
Bilhete: horário de Maria Eugênia.../ pede para a irmã “graças de igualdade e doçura” (1847-49).
- CLAIRE EMMANUEL de Nossa Senhora (Irmã) 255/01
Marie Nivet, nascida em 13 de junho de 1844; entrou aos 2 de outubro de 1864; tomada de hábito dia 29 de setembro de 1865; primeiros votos dia 2 de outubro de 1866 (P. Vitte); votos perpétuos dia 15 de outubro de 1868 (P.Picard); faleceu dia 12 de julho de 1926 no Val Notre Dame. Superiora de várias casas desde 1877, especialmente de Montpellier, na volta das irmãs depois das expulsões, em 1916. Conselheira de M. Marie Johanna em 1922.
Bilhete: saúde para...
- COMBALOT Théodore:1797- 1873 152/01
– 154/03 – 154/04 – 161/04 – 166/01 – 169/01 – 170/01 – 172/01 – 173/01 – 185/01 – 185/03 – 187/01 – 241/05 – 249/01 –
Segundo de uma família de quatorze filhos. Entrou com 19 anos no Seminário de Grenoble, dirigido por sacerdotes que haviam vivido a Revolução e sofrido pela fé. Ordenado em 1820. Discípulo de Lamennais do qual se separou no momento de sua condenação pela Igreja. Após uma peregrinação a Saint’Anne d’Auray em 1825, ele decide fundar uma Congregação religiosa para a educação cristã das jovens, futuras mães de família. Depois de um primeiro projeto fracassado em 1831-32, descobre em 1837 a fundadora da Obra: Ana Eugênia Milleret, e nos meses seguintes descobre as que serão as primeiras irmãs da Assunção. A fundação foi realizada aos 30 de abril de 1839. O dia 3 de maio de 1841, foi a ruptura, inevitável, com o “fundador”, generoso, apaixonado, mas violento e com idéias confusas. Ultramontano, o P. Combalot prosseguiu sua obra “missionária apostólica” até sua morte em março de 1873.
Bilhetes: relação a seu diretor (1840),; começo do afastamento (1841); depois da ruptura (maio de 1841: rezar por...(1844).
- COMMARQUE (Sr. e Sra. de) 249/01
Família de Irmã Marie Thérèse, Josephine de Commarque.
Bilhet: “aqueles que têm direito a minhas orações...” (25dezembro de 1844).
- COMMARQUE (de) Joséphine 162/01 n.
Cf. Irmã Marie Thérèse.

- DEPLACE (Padre) 204/02 – 251/02
Sacerdote que deixou a Companhia de Jesus por razões de saúde. Autor de *Manresa*, foi enviado providencialmente à comunidade de Chaillot, sem pregador para o retiro de 1847. Este retiro foi importante para Maria Eugênia e marcante para as irmãs. No momento das dificuldades com o P. Véron (1866-67), ajuda e aconselha Maria Eugênia. Superior eclesiástico de 1866 a de 1870, pároco de Notre Dame de Paris em 1868. Bilhetes: sua direção (setembro de 1847); “as melhores graças para ele” (1850).
- DOULCET (Sra.) 161/04 n.
Esposa do recebedor de impostos de Chalons sur Marne, Maria Eugênia foi confiada a seus cuidados pelo pai, depois da morte de sua mãe. Ficou dois anos com ela num ambiente mundano. Suas relações continuaram depois. Dia 6 de fevereiro de 1854, Maria Eugênia escreve ao P. d’Alzon: “Esta pobre mulher... que eu chamava de tia e que me deu pela primeira vez, junto com grandes demonstrações de ternura, alguma esperança de conversão, se suicidou sábado jogando-se da janela. Minha única consolação é saber os sentimentos tão bons que testemunhou e toda sua generosidade para com os pobres.” (C. 2382) De fato, em seu testamento deixou uma forte soma de dinheiro, às Irmãzinhas dos Pobres.
- DOULCET (Sr. e Sra.) 251/02
Cf acima
Bilhete: rezar por... (1850).
- DUBOSC (Srta.) 241/01 – 249/01
Maria Eugênia encontra a Srta. Dubosc em Nîmes em 1844 e fica em contato com ela como uma possível vocação. (Cf. C ao P. d’Alzon 04/12/1844) relatando o primeiro encontro: “Quando a vi estive longe de pensar que pudesse entrar conosco, mas no pouco que escutei dela, achei-a muito boa e gostei muito, deixou-me uma boa impressão... Será que se habituará a obedecer? Como vive em Marseille?” etc. (C.1646). A correspondência testemunha uma relação de muitos anos. Em 1857 (já está com 45 anos) ainda é questão de vocação: o Carmelo, a Assunção? Finalmente a Srta Dubosc não entrou na Assunção.
Bilhetes: “Boas postulantes” (25 de dezembro de 1844); “fiquei tempo demais com a Srta. Dubosc” (6 de maio de 1846).
- DULACQ (ortografia incorreta – cf. Du Lac) 203/01
Bilhete: “Fiquei no almoço do Sr. Dulacq por pura satisfação.” (abril-maio de 1846).
- DURAND de ST.GEORGES (Marie) (Irmã) 257/02
Nascida dia 13 de março de 1860 em Montpellier, aluna da Assunção em Auteuil de 1874 de 1877, entrou aos 25 de junho de 1881, (Ir. Madeleine de Jesus); tomada de hábito aos 15 de dezembro de 1881; primeiros votos aos 18 de dezembro de 1882; votos perpétuos aos 21 de dezembro de 1885; faleceu dia 13 de julho de 1935 em Montpellier. Bilhete: Maria Eugênia pede sua entrada.
- DUVERGER (Sr.) 242/03
Na correspondência de Maria Eugênia com o P. d’Alzon, fala deste Sr. a partir de 1844, no momento da compra de Chaillot. Vivia perto de Nîmes, em St. Gilles, possuía um terreno contíguo ao que Maria Eugênia acabava de comprar em Chaillot, em outubro de 1844. Seu perfil pode ser lido na correspondência, onde se pode acompanhar o assunto desse terreno.
Bilhete:” concede-nos o terreno do Sr. Duverger” (dezembro de 1844).

- EGRIGNY (Srta d') Marie 203/01 -241/01
 ESGRIGNY 249/01
 Depois de tê-la entrevistado em Nîmes, Maria Eugênia escreve ao P. d'Alzon: “
 “É verdade que Nosso Senhor me tem dado um grande atrativo por ela e união...”
 (C.1645) . Primeiro atraída pelo Carmelo, ficou em relação com Maria Eugênia até
 1850, data de sua entrada com o nome de Irmã Marie Xavier. Maria Eugênia pensou
 enviá-la para a fundação de Richmond. Mas ela deixou a Congregação no mesmo ano
 de sua entrada.
 Bilhetes: 1844 – 1846 - 1849
- ÉMILIE 251/03
 Pode ser Émilie Binet, nascida dia 4 de outubro de 1837 em Toulouse. Recomendada
 em 1858 pelo P. Monsabré. Entrou dia 1 de janeiro de 1859 com o nome de Irmã M.
 Imelda da Santa Família; tomada de hábito aos 28 de agosto de 1859; votos perpétuos
 dia 16 de setembro de 1860; faleceu aos 14 de janeiro de 1875 em Bordeus.
 Bilhete: vocação para nós...(1858-59).
- EMMA DEJEAN 251/02
 Cunhada de Maria Eugênia, esposa em de 1829 de seu irmão mais velho Jacques-
 Eugênio.
 Bilhete: a conversão de...(1850).
- EMMA RYAN 249/01
 Irlandesa, de uma família amiga de M. Térèse Emmanuel. Primeira aluna na rua
 Vaugirard em outubro de 1841, tinha 11 anos e meio, ficou até 1847. Entrou dia 22 de
 maio de 1851 com o nome de Irmã Jeanne Marie; tomada de hábito dia 13 de agosto de
 1851. Saiu sem fazer profissão.
 Bilhete: rezar “por nossas alunas...” (dezembro de 1844).
- EMMANUEL MILLERET 254/01.02 – 255/01.03 – 257/01.02
 Sobrinho de Maria Eugênia (1856-1896) Filho de Louis Milleret e de Matilde de
 Touzon(cf. Baby 251/03).
 Bilhetes: Que Emmanuel se converta, que ande pelo bom caminho” (1876); “ um
 casamento cristão para...”
- ERNESTINE (de Moy) 249/01
 Sobrinha de Eugênio e de Léon Boré por intermédio dos quais Irmã Marie Luisa
 (Beiling) conheceu a Assunção (cf. *Origens* II c. IX) Entrou como aluna no Impasse des
 Vignes com 15 anos, em outubro de 1844. Mais tarde religiosa da Visitação em Munich.
 Bilhete: rezar “por nossas alunas...” (dezembro de 1844).
- EUGÈNE MILLERET 242/03 – 251/02
 Jacques-Eugène, irmão de Maria Eugênia (1803-1867) Esposo em de 1820 de Emma
 Dejean, falecida em de 1865. Pai de Alfred (1830-1877).
 Bilhetes: conversão de...” (1844-1850).
- FERDINAND MILLERET 254/01.02.03 – 257/02
 Meio-irmão de Maria Eugênia, (1846-1911). Nascido do segundo casamento de seu pai
 (1843) com Anne de La Chevadière de La Grandville. Casará com Valentine Dumont e
 terão um filho, Henri.
 Bilhetes: “a conversão de...” “um casamento cristão para...”(1876) “ sucesso nos seus
 negócios...”

- FERLEZKI 242/03
Sacerdote polonês, como Semenenko e Cajziewicz. A menção de “seus irmãos e seu pobre país” evoca a história dolorosa da Polônia depois de 1830.
Bilhete: rezar por... (1844).
- FERRAND DE MISSOL : 1805-1883 177/01
Nascido em St. Gervasy, perto de Nîmes. Um dos médicos mais conhecidos em Paris pelas suas obras de caridade. Na correspondência, desde 1841 (cf. C. 1408 a Irmã Marie Joseph doente) Maria Eugênia fala do Sr. Ferrand ou do “santo Dr. Ferrand (C.1630 – 1844). Viúvo em 1844, ordenou-se sacerdote aos 9 de janeiro de 1856. Foi ele quem assistiu o Sr. Milleret no momento de sua morte, em 1864. Ferrand faleceu dia 2 de outubro de 1883.
Bilhete: escrito no verso de uma carta do Dr. Ferrand de Missol, 27 setembro de 1841.
- FLÉCHEY(os dois) 253/01
Pode ser Stéphanie Fléchet, aluna em Auteuil em 1865-66 com 17 anos. Casou-se logo. Na correspondência, é também questão de Delphine Fléchet, que passou algum tempo em Nice em 1869 (cf.C 1295)), Maria Eugênia escreve à Superiora, Irmã Marie Térèse: “espero que você vai fazer dela uma postulante”. Não existe inscrição nos registros.
Bilhete: vocação para... (1867).
- FOUCAULT (Madeleine de) 253/01
Nascida em 16 setembro de 1845 em Voulans; entrou dia 18 de setembro de 1868 (Irmã Térèse Marie do Sagrado Coração); tomada de hábito dia 9 de abril de 1869 (Dom de La Bouillierie); primeiros votos dia 26 de abril de 1870 (P. Bayle); votos perpétuos dia 8 de agosto de 1872 (Dom de la Bouillierie); faleceu dia 22 de dezembro de 1888 em Auteuil. Sucessivamente Superiora de Montpellier, de Bordéus. Foi a Auteuil para o Capítulo de 1888 e ficou lá até a morte. Sua vida foi escrita.
Bilhete: entrada de...(1867).
- FOULON (Sra.) 154/03 – 161/04 n.
Prima da família Milleret, com quem ficou Maria Eugênia, depois da estada na casa da sra, Doucet. Em 1836, foi com ela que seguiu as conferências da Quaresma pregada por Lacordaire em Notre Dame de Paris. A Sra. Foulon é a mãe de Marie, faleceu em 1856.
- FOULON (Marie) 152/01 n. – 154/11
Prima de Maria Eugênia, casou com Joseph Poujoulat.
- FRANCHESSIN (Sr. de) Ernest 153/01 – 154/03
– 195/01 – 203/01 – 204/02 – 241/01 – 242/03 – 249/03 – 251/01 – 252/02.03 –
Nascido em 25 dezembro 1790, filho de Gaspard de Franchessin e de Constance de Rémond, residindo em Cattenom. Primo 4º grau do Sr. Milleret. Maria Eugênia o chamará sempre “meu tio”. Rico e generoso para com ela e para com a Congregação. Com Maria Eugênia, as irmãs rezaram sempre por ele em agradecimento e pedindo sua conversão. Antes de morrer aos 21 de junho de 1851, aceitou serenamente a visita de um sacerdote e recebeu os sacramentos.
Bilhetes: Intenções ao longo dos anos.
- FRANÇOISE-ÉLISABETH de Jesus-Marie (Irmã) 252/01 – 254/04
Élisabeth de Bastard nascida dia 14 de abril de 1840 em Bordéus; entrou dia 19 de dezembro de 1863; tomada de hábito dia 30 de agosto de 1864; primeiros votos dia 15 de outubro de 1865 (P. Picard); votos perpétuos dia 15 de outubro de 1867 (P. Picard); falecida dia 17 de março de 1874 em Auteuil.

(cf. *Origens* IV e Capítulo de Maria Eugênia de 22 de março de 1874) Assistente em Reims no momento da fundação de 1868, depois em Nîmes em 1870 e Auteuil. Bilhetes: para ela “vocação fiel até o fim”...’dom de governo”.

FRANÇOISE EUGÉNIE da Imaculada Conceição (Irmã) 254/02

Eugénie de Malbosc, nascida dia 4 de outubro de 1822 na Ardèche; entrou dia 29 de outubro de 1855; tomada de hábito dia 2 de fevereiro de 1856; votos perpétuos dia 10 de fevereiro de 1857 (P. d’Alzon); faleceu dia 21 de outubro de 1878 em St Dizier. Sucessivamente Superiora de Nîmes, de Sedan, Poitiers e Reims. – Segunda Assistente Geral de 1864 a de 1870 (cf. *Origens* IV cap. IV e VIII). Doente a partir de 1875. Sua vida foi escrita por Dom de Cabrières. Bilhete: cura de...(1876).

FRANÇOIS DE SALES (Madre) 154/03

Superiora de um convento de religiosas Agostinianas (Cônegas de Santo Agostinho) em Paris. Maria Eugênia pede a ela informações para uma possível experiência antes da fundação. (cf. CC. 34-35, maio de 1838) Finalmente ela será recebida pelas Beneditinas do Santíssimo Sacramento. Bilhete: “apesar de minha entrada em...” (1837).

FRANÇOIS XAVIER de N.Sra. da Misericórdia (Irmã) 254/04

Zenaïs Briot de La Mallerie, nascida em 30 de junho de 1833 em Morbihan; entrou dia 16 de abril de 1863; tomada de hábito dia 7 de setembro de 1863 (P.d’Alzon); primeiros votos dia 15 de outubro de 1867 (P. Picard); votos perpétuos dia 14 de setembro de 1877; faleceu dia 28 de maio de 1813 em Aranjuez. Sucessivamente em muitas comunidades. Bilhete: “que ela melhore e eduque bem as meninas”...(entre 1868 e 1871).

FRAYSSINOUS (Denis de) Padre; 1765-1841 152/01

Sacerdote de St Sulpice em 1788, tendo recusado o juramento constitucional, durante a Revolução, exerceu o “ministério escondido” durante o “Terror” (1793-94). Foi conhecido por suas palestras apoloéticas para os jovens, nos Carmelos (1801-1806) e depois em Saint Sulpice (1807), onde o seu sucesso molestou a Napoleão 1º que o suspendeu (1809). Mas recomeçou de 1814 até de 1822. Foram publicados em 1825 com o título: *Defesa do Cristianismo*, e continuaram a fazer bem a muitos. Capelão do Rei Luis XVIII em 1821, foi o maior mestre da Universidade em 1822. Foi ministro dos Assuntos Eclesiásticos e da Instrução Pública (1824-1828). Os arquivos conservam um caderno de Maria Eugênia, jovem, onde copiou trechos de suas palestras. (MO1 F). Bilhete: referência a seu pensamento (1836).

GABRIEL Jean Louis: 1798-1866 (Padre) 195/01

– 203/01 – 204/02 – 241/01 – 249/01 – 251/01.02

Sacerdote da diocese de Montpellier, conhecia bem a família d’Alzon. Capelão da comunidade de Impasse des Vignes, depois de Chaillot. “sacerdote zeloso, muito instruído, ocupado em estudos filosóficos, cujas teorias, às vezes, eram estranhas”, mas muito dedicado à comunidade. Mais tarde, pároco de St Merry em Paris. Morreu tragicamente afogado durante um passeio no mar na Bretanha.

Bilhetes: “perdi tempo com...”(1846) “... impaciente” (1849) “...mil graças para ele” (1849-50).

GAUME, Jean Alexis: (1797-1869) Padre 195/01 – 241/01 – 249/01 n.

Nascido em Fuans (Doubs). Ordenado em 1821. Irmão de outro eclesiástico, Jean Joseph Gaume (1802-1879). Amigo do P. Combalot. Confessor de Maria Eugênia nas Beneditinas do SS. (1837-38), Vigário geral de Paris (1842-56). Superior eclesiástico da

Congregação depois do Padre Gros (1843 a 1849). Dificuldades com ele quanto à orientação da Congregação, na redação das Constituições de 1844. No Natal de 1844, foi ele que recebeu os votos das primeiras irmãs.
Bilhete: “vi o P. Gaume” de 1846.

GAUTRELET François Xavier SJ: (1807-1886) 213/01
Fundador da Obra e da revista “Apostolado da Oração” (1846). Autor no mesmo ano de um *Tratado do estado religioso*, editado e completado várias vezes até sua morte. Uma dessas edições existe nos arquivos, em dois volumes.
Bilhete: “Vou ler Gautrelet, sobre o estado religioso” – 1851.

GAY, Carlos Luis: de 1815-1892 (Presbítero) 238/01 – 251/02.03 – 254/03
Nascido em Paris dia 1 de outubro de 1815. Ordenado dia 17 de maio de 1845. O P. Lacordaire indicou-o como diretor espiritual de Irmã Térèse Emmanuel em 1849 e ele a acompanhou até sua morte em 1888. Sob seu conselho, escreveu cada dia suas notas de oração. Antes de mais nada era pregador e diretor espiritual. Deixou numerosos textos marcados pela espiritualidade da Escola Francesa. Bispo auxiliar de Poitiers em 1877 até a morte do Cardeal Pie em 1880. Ele próprio morreu em 1892. Grande amigo da Assunção. Uma correspondência abundante testemunha sua relação com Irmã Térèse Emmanuel.
Bilhetes: “Vocação de Dom Gay para a Assunção” 1850; “santidade para Dom Gay” 1870.

GEORGES MILLERET 1847-1925 254/03
Meio-irmão de Maria Eugênia. Nascido do segundo casamento de seu pai (1843) com Anne de La Chevardière de La Grandville. Casou com Amélie Vertray em 1875. Três filhos: René, Daniel, Madeleine, morta em 1878.
Bilhete: “Vida cristã e meios de vida para Georges” (agosto de 1876).

GENEVIÈVE (Irmã) 250/01
Seu nome não consta nos registros. Não deve ter ficado muito tempo no noviciado.
Bilhete: para ela “piedade, silêncio, virtudes sérias”.

GEORGINE 249/01
Sem dúvida Georgine Hay da qual Maria Eugênia escreve ao P. d’Alzon em 22 de fevereiro de 1847 (C. 1819): “vi novamente Georgine minha afilhada de 1843, que nós tivemos a felicidade de fazer entrar na Igreja, alguns dias depois de sua primeira visita a Paris. Ela chegou justo hoje, depois de uma ausência de dois anos”. E em abril de 1847 (C.1844): “Georgine Hay, nossa convertida de há 4 anos, vai entrar nestes dias no noviciado. É uma alegria bem grande para nós todas” Nascida na Escócia em 1824, entrou no postulado em maio de 1847 com o nome de Ir. Marie Bernard. Deixou a Congregação em dezembro de 1866.
Bilhete: “conserva nossas filhas, Georgine...” (1844).

GERBET Padre Philippe Olympe :1798-1864 207/01 – 208/01
Discípulo de Lamennais, separa-se dele depois da condenação. Amigo do P. Combalot, se interessa pela Obra da nova Congregação. Ultramontano convicto. Bispo de Perpignan em 1854.
Bilhete retiro de 1849, de 1850: ajuda espiritual do P. Gerbet.

GERMAINE (irmã) 255/02
Ou Louise DUMAS, (Irmã Marie Germaine) nascida dia 25 de agosto de 1823 em Nîmes: entrou dia 27 de agosto de 1853; tomada de hábito dia 18 maio de 1854 (P. de

La Bouillerie); votos perpétuos dia 24 de maio de 1856 (P. Gabriel); falecida dia 21 de julho de 1886 em Cannes.

Ou Anna de GAVULOFF (Irmã Germaine Marie), nascida dia 4 de abril de 1854 em Odessa; entrou dia 16 de junho de 1876; tomada de hábito dia 24 de setembro de 1876; saiu pouco depois.

Bilhete: saúde para...

GERTRY 253/01

Pode ser Gertrude O'Neill, sobrinha de M. Térèse Emmanuel. Nascida em 6 de maio de 1860 em Liverpool. Pensionista em Auteuil com suas irmãs. Entrou dia 14 de agosto de 1878 (cf.C 3548); tomada de hábito dia 19 de janeiro de 1879 (P. Picard); primeiros votos dia 15 de agosto de 1880 (P.Picard); votos perpétuos dia 2 de outubro de 1882 (P.Picard); falecida dia 5 de fevereiro de 1927 em Cannes.

Bilhete: “que os de B. guardem bem Gertry e a eduquem tão bem que chegue a ser religiosa”

GLATOU Jeanne (irmã) 257/02

Aluna de Auteuil de 1876 (aos 13 anos) a 1881. Entrou em setembro de 1882 com o nome de Irmã Marie Cécilia de Jesus. Tomada de hábito e votos no leito de morte, dia 24 de setembro de 1882. Faleceu aos 26 de setembro de 1882 em Auteuil.

Bilhete: “entrada de J. Glatou e saúde para ela” (1880-81).

GÖRRES Jacob Joseph: 1776-1848 207/01

Publicitário alemão e professor de história da universidade de Munich. Autor, entre outros da *História dos Mitos asiáticos* em 1810. Sua obra principal é *Die christliche Mystik* (A Mística cristã) de 1836-42. Em março de 1843, Maria Eugênia escreve ao P. d'Alzon: “desejo fazer a tradução da mística de Görres, tendo um pouco de tempo agora, preciso estudar o alemão e também prometi ao P. Gabriel vários fragmentos dessa obra, em troca dos sermões excelentes que fez a nossas irmãs” (C.1585). Em abril retoma: “Não penso fazer a tradução de Görres... eu o leio menos, tem coisas admiráveis, mas desconfio de sua imaginação e de sua disposição para sistematizar a ação de Deus nas pessoas” (C.1586). Nos arquivos existem dois volumes dessa obra, Ed. de 1840 e de 1842.

Bilhete : Alusão a passagens deste autor (Maio de 1849).

GONTAUT (Sra. de) 241/01

Senhora da Ordem Terceira se interessa pela obra de Paris e de Nîmes. Dia 29 de outubro de 1847, Maria Eugênia escreve: “ela nos fez uma propaganda magnífica no Faubourg St Germain” (C. 1892).

Bilhete: “faltei a Benção por causa da Sra. de Gontaut. (1846).

GOURAUD Henri: 1807-1874 (Sr.) 203/01 – 241/01 n.

Médico de duas alunas inscritas em maio de 1843, foi também da comunidade, e muito apreciado em Impasse des Vignes e Chaillot. Fundador do *Jornal dos conhecimentos médicos-cirúrgicos*. Em 1846, passou a ser noviço da Ordem Terceira dominicana.

Bilhete: “Conversa com o Dr Gouraud (1846).

GREGÓRIO XVI – Mauro Capellari: 1765-1846 249/01 n.

Religioso Camaldulense, eleito Papa em 1831. Pelas Encíclicas de 1832 e de 1834 condenou o liberalismo e Lamennais. Sob seu pontificado é que a Assunção foi fundada e que as primeiras irmãs pronunciaram os votos. Sua obra é importante em relação às Missões Estrangeiras.

Bilhete: “Abençoi nosso papa” (1844).

- GROS (presbítero) Jean Nicaise (cf. GAUME) 190/01
 Nascido dia 7 de outubro de 1794 em Reims; falecido dia 13 de dezembro de 1857 em Versailles. Vigário Geral de Paris sob Dom Affre. Superior eclesiástico das religiosas da Assunção depois da partida do P. Combalot, de 1841 a 1843. No final de 1841, a carta que Maria Eugênia lhe enviou (C.1504) e sua resposta, constituem uma etapa importante na história da Congregação. Nomeado Bispo de St Dié e sagrado em fevereiro de 1843, depois foi Bispo de Versailles em 1844. Cf GAUME.
- GROU Padre Jean Nicolas, SJ: 1731-1803 190/01
 Autor de obras de espiritualidade na linha de Lallemand, Surin e Causade. Na lista de “livros levados por Maria Eugênia dia 30 de abril de 1839”, lista escrita de sua mão, figuram :”2 volumes. *Interior de Jesus e de Maria* do P. Grou”. Por outro lado existe nos Arquivos um livrinho: *Meditações em forma de retiro sobre o amor de Deus, com um pequeno opúsculo sobre o dom de si mesmo*, pelo P. Grou SJ (Besançon 1824), livro que leva o nome de Josephine Néron.
 Bilhete: resolução de ler “livros que levem suavemente para Deus”.
- GUITTA Marguerite Milleret 251/03 – 254/01.02 – 257/02
 Cf. Marguerite (255/01). Sobrinha de Maria Eugênia, filha de seu irmão Louis e de Matilde de Touzon, nascida dia 10 de junho de 1859. Aluna da Assunção em Auteuil e Nîmes. Entrou no noviciado em setembro de 1878 com o nome de Ir. Marguerite de Jesus (cf.255/04); tomada de hábito dia 19 de janeiro de 1879. Saiu antes da profissão dia 27 de abril de 1880. Em 1882 casa-se com Henri de Valdor. Um filho: Louis-Henri. Falecida em 1906.
 Bilhetes: “que se cure e seja boa”; “que tenha vocação para nós” (1878).
- HARDWICK Florence 257/02
 Nascida dia 25 de fevereiro de 1862 em Londres, aluna da Assunção de 1880 a 1881. Entrou dia 13 de abril de 1881 (Ir. Agnès de la Compassion); tomada de hábito dia 8 de setembro de 1881 em Londres; primeiros votos dia 2 de outubro de 1882 (P. Picard); votos perpétuos dia 10 de novembro de 1884 em Londres. Falecida aos 25 de fevereiro de 1926 em Santa Cruz de Tenerife.
 Bilhete : “entrada de... (1880-81).
- HEURTELOUP (Sr) 252/01
 Difícil de identificar. Pode ser Sr.Charles Heurteloup, pai de Maxima-Louise Heurteloup, nascida em 3 de novembro de 1845 em Paris. Aluna em Auteuil de 1859 a 1862. Entrou dia 2 de agosto de 1880 com o nome de Ir. Louise Emmanuel. Tomada de hábito dia 30 de outubro de 1881; primeiros votos dia 25 de dezembro de 1883. Logo em seguida, membro da Ordem Terceira. Falecida dia 12 de março de 1893 em Lyon.
 Bilhete: rezar “pela salvação do Sr. Heurteloup” (1864).
- HIMELET (Sr.) ou melhor: IMLÉ Henri Joseph 241/01
 Nascido dia 18 de outubro de 1822, em Lyon. Aluno da Escola de Belas Artes de Lyon de 1837 a 1842, depois se fixou em Paris. Professor de desenho. Membro da Ordem Terceira de São Domingos. Em 1846, Maria Eugênia oferece ao P. d’Alzon um retrato dela feito pelo pintor Imlé.
 Bilhete: de 1846.
- HORE Edith 254/01
 Nascida dia 6 de outubro de 1841 em Wimbledon. Entrou dia 16 de junho de 1866 (Ir. Marie de l’Incarnation). Superiora da fundação da Nova Caledônia em 1873. Deixou a Congregação em de 1876 (cf. PA Nº 7).

Bilhete: “conversão de...” “ que Deus afaste de nós os escândalos e a defecções” (1876).

HOZIER Marie de (Irmã) 253/01

Nascida dia 3 de março de 1841 em Pisa. Entrou dia 8 de junho de 1867, com o nome de Ir. M. Albertine do Coração de Jesus; tomada de hábito dia 2 de fevereiro de 1868; primeiros votos dia 2 de julho de 1869; votos perpétuos dia 14 de setembro de 1871; falecida dia 28 de novembro 1901 em Reims.

Bilhete: “entrada de ...” abril de 1867.

HUGO Victor: 1802-1885 242/03

Poeta clássico, se torna em 1829-30 “a melhor encarnação do Romantismo”. Maria Eugênia leu alguns seus poemas, pois ela escreve em maio de 1838 ao P. Combalot: “Você me repreenderá por ter lido *As vozes interiores* de V. Hugo; não tem muita coisa; no entanto me poetizou um pouco” (C. 36). Também é possível que suas peças de teatro ou seus romances históricos tenham sido conhecidos pela jovem. Depois, a vida de Victor Hugo foi marcada pelos grandes acontecimentos do século XIX. Deixou uma obra imensa. Sua morte em 1885, suas obsequias celebradas civilmente, segundo seu desejo, mas com grande pompa, suscitaram na comunidade a “oração de reparação”.

Bilhete: “...Lamennais, V. Hugo, Buchez... me fizeram muito bem” (1844).

HUNOLSTEIN Léonie d’ 257/02

Nascida em 21 de fevereiro de 1860 em Paris. Aluna de Auteuil de fevereiro de 1873 a julho de 1878. Entrou dia 26 de junho de 1881 (Ir. Gertrude Emmanuel de Nossa Senhora); tomada de hábito dia 15 de janeiro de 1882 (Dom d’Hulst); primeiros votos dia 28 de janeiro de 1883 (Dom d’Hulst); votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1885 (Dom d’Hulst). Deixou a Congregação por razão de saúde 1890. Faleceu em 1891.

Bilhete: “entrada de...” (1880-81).

ISAURE VARIN d’AINVELLE 251/03

Nascida em 6 de junho de 1838 no Gard. Entrou dia 8 de outubro de 1859, com o nome de Ir. Jeanne Emmanuel de la Compassion; tomada de hábito dia 13 de fevereiro de 1860; votos perpétuos dia 10 de maio de 1861. Superiora de Nîmes em 1886. Falecida dia 9 de janeiro de 1890.

Bilhete: “vocaçao para...” (1858-59).

JEANNE ADELAÏDE de la Nativité (Irmã) 255/01

Jeanne Guillomot, nascida em 31 de janeiro de 1857 em St. Dizier; entrou dia 21 de agosto de 1875; tomada de hábito dia 16 de janeiro de 1876 (Dom Ségur); primeiros votos dia 21 de janeiro de 1877 (P. Durand SJ); votos perpétuos dia 26 de abril de 1879 (Dom de La Bouillerie). Em Bordéus de 1878 a 1891. Enviada doente a Málaga em novembro de 1892, voltou em março de 1893. Faleceu dia 17 de junho de 1893 em Bordéus.

Bilhete: “cura de...” de 1878.

JELOWICKI (Padre) 241/01

Padre polonês da Ressurreição. Conduziu a Madre Macrine a Roma para encontrar-se com o Papa. Madre Macrine, abadessa de Minsk, escapou da perseguição e se hospedou em Chaillot em 1845. (Cf Origens II).

Bilhete: “palavra reconfortante de...” (1846).

JOLY (Padre) 255/03

Sacerdote, Vigário de Passy. Em novembro de 1878 preside a cerimônia de profissão de Ir. Anna Teresa. Dia 1º de janeiro de 1879, ele deu a Bênção do Santíssimo Sacramento

à meia noite. Depois encontramos seu nome como sacerdote, oficiando nas cerimônias de profissão (1880-82).

Bilhete: “ que o P. Joly se torne nosso amigo” (1878).

JOSEPHINE MACNAMARA 249/01

Irlandesa, prima de M.Térèse Emmanuel, nascida em Londres dia 21 dezembro de 1826. Aluna na rua Vaugirard, depois no Impasse des Vignes de agosto de 1842 a agosto de 1845 (*Origens II*) Entrou dia 7 de fevereiro de 1851: cf M. Marie Marguerite.

Bilhete: “*façam religiosas a todas aquelas que podem ser...*” (1844).

JOUBERT Joseph: 1754-1824 205/01

Moralista francês. Publicou seus *Pensamentos* em 1838.

Bilhete : notas de leitura (1846).

KALM PODOSKA (Léonie) 252/01

Nascida dia 5 de março de 1846 na Polônia. Aluna de Auteuil em 1860-61. Entrou dia 7 de agosto de 1865 Irmã Marie Rose de Jesus Crucificado,; tomada de hábito dia 25 de março de 1866; primeiros votos dia 5 de abril de 1867; faleceu dia 23 de março de 1868 em Sedan. Parece que foi ela que, em 1864, acompanhou Maria Eugênia, cansada, em peregrinação a Sainte Anne d' Auray. (Cf. C. 3040).

Bilhete: “... entrada em religião de...” (1864).

LA BRUYÈRE (Jean de): 1645- 1696 205/01

Escritor. Seus *Caracteres* descrevem a sociedade de seu tempo e plena transformação (decadência das tradições morais e religiosas, novos costumes etc). Esta série de retratos agrada aos leitores que procuram encontrar os modelos que o inspiraram.

Bilhete: notas de leitura (1846).

LAC (du) Jean Melchior: 1806-1872 203/01

Nascido em Aveyron, estudou em Paris, amigo de Emmanuel d'Alzon. Começou a escrever em 1826 nas publicações católicas (*O Memorial Católico. O Correspondente*), depois no jornal *O Universo* fundado em 1833. Maria Eugênia fala dele na sua correspondência de 1843. A partir de 1848, junto com Louis Veuillot, (1813-1883) foi redator chefe de *O Universo*, jornal católico ultramontano. Depois de uma tentativa na vida beneditina em Solesmes, voltou a seu jornal ate sua morte.

Bilhete: abril-maio de 1846.

LACORDAIRE (Padre) Henri Dominique: 1802-1861 152/01

– 154/04.10 – 171/01 – 187/01 n. – 249/01 – 251/01

Sacerdote em 1827, discípulo de Lamennais e seu colaborador no jornal *L'Avenir (O Futuro)* (1830). Foi o primeiro em deixar “La Chesnaie” no momento da condenação. Pregador de quaresma em Notre Dame de Paris em 1835 e 1836. Maria Eugênia presente nas suas pregações em 1836, lhe escreverá mais tarde: “Sua palavra respondia a todos meus pensamentos... Eu estava realmente convertida...” (C.1501). Um primeiro encontro se deu em 1836, antes da partida de Lacordaire para Roma. Em 1839, recebeu o hábito dos dominicanos, antes de restabelecer na França a Ordem, expulsa pela Revolução. Maria Eugênia e a Congregação ficaram em relação com ele. Faleceu em 1861 em Soréze, colégio que ele tinha fundado.

Bilhetes: evocação de sua influência; rezar por... (1837-1838 -1841-1844-1849).

LAMARTINE Alphonse de: 1790 – 1869 153/01 n.

Poeta e homem político. Suas primeiras obras literárias: *Méditations* (1820), *Harmonies Poétiques et Religieuses* (1830), *Jocelyn* (1836) tiveram uma grande ressonância. No entanto, considerado mais deísta que realmente católico, Lamartine viu seus poemas

postos no Índice. Em 1838, Maria Eugênia escreve ao P. Combalot a respeito de suas leituras: “ Você me permite ler *La chute d’un Ange?* (*A Queda de um Anjo*) Quero lhe prevenir que interpretarei seu silêncio como consentimento, pois não quero enganá-lo nem ficar na incerteza, porque nesse caso acabo sempre por fazer o que desejo, mesmo sentindo remorso” (C.36). A partir de 1830, Lamartine orienta-se cada vez mais para a atividade política e social e em fevereiro de 1848, foi colocado à frente do governo provisório. A correspondência de Maria Eugênia com o P. d’Alzon desse ano, dá um eco, quase diário, desses acontecimentos.

LA MENNAIS ou LAMENNAIS (Felicité de): 1782 -1854 152/01
– 154/10 – 192/01 – 204/02.03 – 247/01

Nascido em St Malo. Sacerdote em 1816. Em 1817, ano do nascimento de Maria Eugênia, publicou: *Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião*. Reúne em torno de si um grupo de discípulos, entre outros o P. Combalot, Lacordaire, Montalembert. Em 1830, lança um jornal “*O Futuro*” cuja divisa é “Deus e Liberdade”, e reúne a juventude liberal católica. Condenado por Roma em 1832 e 1834, abandona o sacerdócio e se orienta para um “humanitarismo social e místico”. Em 1834 publica ainda :”*Palavras de um crente*” e em de 1844 “*Uma voz de prisão*”.

Maria Eugênia foi marcada pelo pensamento de Lamennais; ela expressa ao mesmo tempo a influência de suas idéias e reza pela sua conversão, já que rompeu com a Igreja. Lamennais morreu aparentemente, nessa atitude de ruptura.

Bilhetes: evocação de... (1836-1837); “Lamennais, Victor Hugo, Buchez, me fizeram muito bem” (1844); “para ele, graça da conversão” (1847).

LAURENCE (Sra.) 249/01

Senhora pensionista em Vaugirard em de 1841. Maria Eugênia pensa que sua mensalidade poderia ajudar “a receber noviças ou a conseguir uma casa”. Tratava-se nesse momento do Convento de Port Royal que não pôde ser comprado, mas a comunidade se mudou, em 1942, para a Impasse des Vignes.

A sra. Laurence tinha família em Bordéus e contava-se com seu apóio no caso de uma fundação nessa cidade (cf. Cc.1187, 1192, 1416), mas a fundação só foi realizada em de 1860.

Bilhetes: rezar por... (1844).

LEBOUCHER (Padre) 242/03 – 249/01

Em 1843 era confessor ordinário da comunidade. Seu nome volta com freqüência na correspondência dos anos seguintes.

Bilhetes: “abençoa as obras para infância cristã e em particular a do P. Leboucher”. “...nossos confessores, aqueles que rezam por nós” (1844).

LEJEUNE (Padre) 207/01 – 208/01

Autor espiritual. Em 1843, um *Padre* Lejeune era confessor da comunidade. Aqui, não se trata dele: o retiro foi feito com a ajuda espiritual do P. Gerbet. Mas Maria Eugênia escreve ao P. d’Alzon dia 29 maio de 1849: “deixei todos os autores que podem me levar à discussão, eu medito *A solidão de dez dias* do P. Lejeune com o qual estou bem contente, leio a vida de São Filipe de Néri e alguma coisa de Santa Teresa e do P. Surin (C. 2038). E durante o retiro de 1850: “Trouxe na minha solidão o retiro do P. Lejeune de que tanto gostei no ano passado” (C. 2105).

Bilhetes:”Todas as meditações do P. Lejeune me fazem muito bem” (1849).

LEÃO XIII, Gioacchino Pecci:1810-1903 255/01

Eleito Papa dia 20 de fevereiro de 1878. Sob seu pontificado as Constituições das religiosas da Assunção fora definitivamente aprovadas, no dia 11 de abril de 1888.

- LEROUX (Padre) 195/01 – 249/01
 Jesuíta, confessor extraordinário em Impasse des Vignes e em Chaillot. Bilhetes: “O P. d’Alzon acha bom que eu me dirija ao P. Leroux” (1844). Rezar por “nossos confessores, P. Leroux...” (25 de dezembro de 1844)
 N.B. Nesse mesmo número a família Leroux não está identificada.
- LESAINTE ou LE SAINT (Padre) 180/01 n. – 249/01 – 251/01
 Capelão das Carmelitas, foi confessor da comunidade algum tempo depois da partida do P. Combalot (cf. *Origens I*). Maria Eugênia faz referência a ele na carta ao P. Lacordaire (cf. *Textos Fundadores I*)
 Bilhete: rezar por “nossos confessores”... (1844), por... (1849).
- LEVAILLANT (Sra.) 159/01
 Relação antes da fundação, pode ser por intermedio do P. Combalot.
 Bilhete: ela emprestou a Maria Eugênia *Os anais da Fé* (março-abril de 1837).
- LISETTE 251/01.02
 CF. Irmã Marie Louise.
- LOUIS MILLERET: 1815-1875 242/03 – 243/02 – 251/01.02.03 – 252/01 – 254/03
 Irmão de Maria Eugênia e seu companheiro de infância, ficou sempre muito unido a Maria Eugênia e à Congregação. Casou-se em 1855 com Matilde de Touzon. Teve dois filhos: Emmanuel, (1856-1896) e Marguerite (Guitta), (1859-1906), mais tarde Sra. de Valdor em 1882. A oração de Maria Eugênia acompanha os acontecimentos da vida de seu irmão.
 Bilhete: intenções segundo as Notas.
- LOUISE EUGÉNIE de La Mère de Dieu (Irmã) 252/01 – 255/02
 Nathalie de Komar, nascida dia 3 de dezembro de 1840 na Polônia.. Entrou dia 23 de outubro de 1858; tomada de hábito dia 12 de janeiro de 1860 (P. Deguerry); votos perpétuos dia 10 de maio de 1861 (P.d’Alzon); falecida dia 4 de janeiro de 1906 em Auteuil. Ecônoma geral a partir de 1882. Superiora do Petit Couvent, em Auteuil, no momento de “Caso Natividade” (1885-86). Conselheira geral em 1888.
 Bilhetes: Conversão completa de...” (1864) “ rezar por...”
- LOUISE MARIE das Cinco Chagas (Irmã) 257/01
 Aurélia Keily, nascida dia 3 de março de 1843. Entrou dia 10 de julho de 1865; Tomada de hábito dia 9 de novembro de 1865; primeiros votos dia 21 de dezembro de 1866 (Poitiers, P. Gay); votos perpétuos dia 21 de agosto de 1869 (Málaga); falecida dia 21 de fevereiro de 1907 no Val Notre Dame. Superiora de Málaga de 1880 a 1886.
 Bilhete : “saúde para...”
- LUCIE (Irmã) 254/03
 Pode ser Lucie de Lattre, nascida dia 11 dia outubro de 1855. Aluna de Auteuil de 1869 a 1873. Entrou dia 16 de outubro de 1875: Irmã Lucie Emmanuel de Marie Immaculée; tomada de hábito dia 16 de janeiro de 1876; primeiros votos dia 21 de janeiro de 1877; votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1879; falecida dia 7 de setembro de 1930 no Val Notre Dame. Mestra de Noviças de 1894 a 1924.
 Bilhete: “para nós vocação de...” (1874).
- MADELEINE (BEILING) (Sra.) 249/01
 Irmã de Irmã Marie Louise, aluna no Impasse des Vignes em fevereiro de 1844, com 14 anos. Saiu em março de 1848 e casou, tornando-se Mme. d’Éverlange; cunhada de Ir. Marie Emmanuel, faleceu em 1853.

Bilhete: “Abençoa nossas alunas...”(1844).

- MADELEINE de Jésus-Marie (Irmã) 254/02 – 255/03 -256/03
Madeleine de Morogues, nascida dia 22 de setembro de 1842 em Orléans. Aluna de Chaillot e de Auteuil de 1856 a 1860. Entrou dia 30 de julho de 1866; tomada de hábito dia 9 de janeiro de 1867 (P. Véron); primeiros votos dia 15 de janeiro de 1868 (P. Picard); votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1870 (P. Bayle); falecida dia 22 de janeiro de 1911 em Spínola (Itália). – Sucessivamente superiora de Nice (1878), Nîmes, Nice, Cannes e Auteuil depois do Capítulo especial de 1886. Conselheira Geral em 1888, 1894, 1900. Novamente Superiora de Cannes de 1906 a 1908. Sua vida foi escrita.
Bilhetes para sua tomada de hábito; “saúde, vida para...”
- MADELEINE 252/01
Poderia ser Madeleine de Morogues (cf. Ir. Madeleine de Jésus-Marie)
Bilhete: “entrada em religião de...” (1864).
- MALARET (Madeleine de) 254/03
Aluna de Auteuil de janeiro a setembro de 1860. Tinha 11 anos. Neta da Condessa de Ségur, nascida Rostopchine, autora de muitos livros para crianças. Madeleine e sua irmã Camille são “as meninas exemplares” do livro de sua avó que leva esse nome. Na correspondência de 1874, Maria Eugênia fala de uma “antiga aluna que tem vocação e que duvida entre a Assunção e Marie Reparadora... É a neta da Sra. Ségur.” (Cf. Cc. 1346 e 3653) – Não entrou na Assunção, mas no fim de sua vida foi membro da Sociedade das Filhas de São Francisco de Sales.
Bilhete”vocação de...”
- MARGUERITE (irmã) 255/01 – 255/04
Marguerite Milleret, sobrinha de Maria Eugênia (cf. Guitta).
- MARIE AIMÉE (irmã) 255/01 n.
Virginie Husson, nascida dia 25 de novembro de 1850 em Lyon; entrou dia 12 de maio de 1859; tomada de hábito dia 17 de abril de 1876; saiu em setembro de 1877.
- MARIE ANDRÉ da Natividade (irmã) 252/01
Marie Mallet, nascida dia 28 de agosto de 1832 em Limoges; entrou dia 12 de maio de 1859; tomada de hábito dia 19 de novembro de 1859; votos perpétuos dia 23 de dezembro de 1860 (P. Le Rebours, Vigário Geral de Paris); faleceu dia 7 de setembro de 1867 em Auteuil.
Bilhete: “Saúde para...”
- MARIE ANGÈLE de la Providence (Irmã) 251/03 – 253/01
Marie Henry, nascida dia 25 de março de 1830; entrou dia 2 de maio de 1849; tomada de hábito dia 5 de novembro de 1850; votos perpétuos dia 4 de outubro de 1852 (P. d’Alzon); faleceu dia 31 de dezembro de 1881 em Lyon.
Sucessivamente em Richmond, Auteuil e Lyon de 1865 até sua morte.
Bilhetes:” boas disposições para...” “que as jovens que não têm bom espírito melhorem ou que nos deixem” (1867).
- MARIE ANSELME do Verbo Encarnado (Irmã) 253/01
Mary Catherine Litchfied, nascida dia 24 de fevereiro de 1834 em Londres; Entrou dia 16 de maio de 1862; tomada de hábito dia 21 de novembro de 1862; primeiros votos dia 2 de fevereiro de 1864 (P. d’Alzon); saiu em 1868.
Bilhete:” que se torne completamente religiosa ou que nos deixe” (1867).

- MARIE ANSELME du St. Sacrement (Irmã) 257/02
Hélène Byrne, nascida dia 31 de março de 1854; entrou dia 15 de dezembro de 1874 em Richmond; tomada de hábito dia 14 de setembro de 1875, primeiros votos dia 21 de janeiro de 1877 (P. Durand SJ) votos perpétuos dia 20 de junho de 1879 em Richmond; faleceu dia 8 de maio de 1881 em Auteuil.
Bilhete: “cura de...” (1880-81).
- MARIE AUGUSTINE de Saint Paul (Irmã) 190/01 n. – 241/01 – 245/01.02 – 246/02.04 – 249/01 – 250/01 – 251/01.02.03 – 252/01 – 253/01
Anastasié Bévier, nascida dia 10 de junho de 1816 em Avranches (Normandia). Entrou dia 30 de abril de 1839 com Ana Eugênia Milleret, na rua Férou, em Paris. Tomada de hábito dia 14 de agosto de 1840 (Dom Affre) ; primeiros votos dia 14 de agosto de 1841 (P. Gros); votos perpétuos e 4º voto dia 25 de dezembro de 1844 (P. Gaume); faleceu dia 17 de janeiro de 1895 em St. Dizier.
Primeira mestra de estudos. Mestra do Pensionato em Nîmes (1856-59), depois em Auteuil, novamente em Nîmes, Poitiers, Lyon, St. Dizier, de 1880 até sua morte (Cf. *Origens* I, cap. X; *Origens* II, 4ª parte, cap. III e volumes seguintes.
Bilhetes: ver nos números das notas.
- MARIE BERNARD do Santíssimo sacramento (irmã) 245/01 – 251/02.03
Georgine Hay, nascida dia 10 de março de 1842 na Escócia. Entrou na Igreja Católica dia 15 de agosto de 1843, (cf.Georgine). Entrou no postulado dia 23 de maio de 1847; tomada de hábito dia 14 de maio de 1848 (P.Gaume); votos perpétuos dia 14 de junho de 1849 (P.Sibour). Superiora da fundação de Sedan em 1854, enviada a Londres em 1857 para ajudar na fundação; segunda assistente Geral a pedido de Maria Eugênia, de 1858 a 1864. Deixa a Congregação em dezembro de 1866. É a ela que Maria Eugênia escreve: “*Só falta a sua alegria o que falta a seus sacrifícios*” (C. 5376)
Bilhetes: horário de Maria Eugênia: “pede dom de inteligência para...”
- MARIE CAMILLE da Providência (Irmã) 255/01
Herminie Barlois, nascida dia 30 de setembro de 1850 em Paris. Entrou dia 10 de outubro de 1867; tomada de hábito dia 1 de junho de 1868; primeiros votos dia 2 de julho de 1869 (Dom Pie. Bispo de Poitiers) ; votos perpétuos dia 8 de setembro de 1871 (Dom Sola, Bispo de Nice); falecida dia 8 de abril de 1898 em Roma. Em Nice até 1877. Superiora de Montpellier em 1878 e de Roma em 1895.
Bilhete: “saúde, cura para...”
- MARIE CAROLINE da Santa Infância (Irmã) 204/02 – 250/01 – 252/01 – 254/04
Alix de Paty, nascida dia 23 de agosto de 1826. Entrou dia 29 de agosto de 1846; tomada de hábito dia 19 de março de 1847 (P. Gaume); votos perpétuos dia 14 de junho de 1849 (P. Sibour); faleceu dia 24 de fevereiro de 1871 em Nice.
Enviada a Richmond no momento da fundação em 1850 (cf. *Origens* III cap. VII), a Sedan para preparar a fundação em 1854, Mestra de Estudos depois de Ir. Marie Augustine. Superiora da fundação de St. Dizier em 1868 (cf. *Origens* IV, cap.VIII). Em Nice em 1869 por razão de saúde. Membro do Conselho do Noviciado de 1858 a 1870. Conselheira Geral em 1870.
Bilhetes: “cura... humildade... conversão completa... dons...”
- MARIE CATHERINE (Irmã) 245/01.02 – 249/01 – 250/01
Marie Saint Martin, nascida dia 1 de março de 1816 em Arudy (Basses Pyrénées). Entrou dia 11 de outubro de 1840 (Vaugirard); tomada de hábito dia 15 de agosto de 1841 (P. Gros); primeiros votos dia 3 de setembro de 1843; votos perpétuos e 4º voto dia 25 de dezembro de 1844 (P. Gaume); faleceu dia 25 de fevereiro de 1853 em

Auteuil. Uma das duas primeiras irmãs coadjuadoras. Cf. *Origens* I cap. V e *Origens* III cap. XI

Bilhetes: dia de direção; para ela “ bom caráter, oração contínua”.

MARIE CATHERINE do Menino Jesus (Irmã) 255/01

Amélie Doumet, nascida dia 22 de abril de 1852 em Sète. Entrou dia 11 de novembro de 1871; tomada de hábito dia 22 de fevereiro de 1872; primeiros votos dia 27 de fevereiro de 1873 (P. Felix SJ);votos perpétuos dia 5 de março de 1875 (Dom Hulst); faleceu dia 15 de dezembro de 1921 em Roma.

Sucessivamente Superiora de Poitiers, Lübeck. Conselheira Geral em 1886, 1888,1894. Ecônoma geral muitos anos,. Segunda Assistente Geral em 1898. Assistente Geral de 1900 a 1921. Superiora Geral de setembro a dezembro de 1921. Enterrada no cemitério de São Lorenzo Fora dos Muros em Roma. (Sua tia, irmã Marie Catherine do Precioso Sangue, de 1828-1870, foi superiora da fundação de Bordéus em 1860: (cf *Origens* IV).

Bilhete : “ cura de ...”

MARIE CÉCILE de la Nativité (Irmã) 245/01.02 – 246/04 – 249/03 – 250/01 – 251/02 – 252/01

Joséphine de Momigny, nascida em 15 de março de 1822 em Blois. Entrou dia 20 de novembro de 1843 (Impasse des Vignes) (cf. *Origens* II); tomada de hábito dia 25 de maio de 1844 (P. Gaume); votos perpétuos dia 29 de dezembro de 1845 (P. Lacordaire); faleceu dia 25 de junho de 1886 em Sedan.

Bilhetes: “para ela... confiança ... amor... fidelidade... dom de inteligência etc.”

MARIE CHARLOTTE du St. Sacrement (Irmã) 255/01 n. – 255/02

Fanny de Robernier, nascida dia 27 de julho de 1842; entrou dia 14 de fevereiro de 1862; tomada de hábito dia 22 de agosto de 1862; primeiros votos dia 8 de setembro de 1863 (P. d’Alzon); votos perpétuos dia 28 de setembro de 1865 (P. Mass). Saiu em outubro de 1877. Faleceu pouco depois na sua família.

Bilhetes: “para ela... paz, perseverança,,,”

MARIE CHRISTIANE (Irmã) 253/01

Louise Cabaret, nascida dia 5 de abril de 1846. Entrou dia 31 de janeiro de 1867. Saiu em 1868.

Bilhete: “ que as jovens que não têm bom espírito melhorem ou nos deixem...” (1867).

MARIE CLAIRE (Irmã) 250/01

Não consta nos registros, mas é questão dela na correspondência de Maria Eugênia. Dia 19 de março de 1847, tomada de hábito com outras três irmãs das quais somente duas estão inscritas nos registros (Ir. Marie Caroline e ir. M. Mectilde). Deixará a Congregação em novembro de 1847. (cf. Cc 1807 e 1894).

Bilhete: “para ela oração e fervor” (1847).

MARIE CLAIRE du St. Sacrement (Irmã) 254/02 n. – 254/03 – 255/02

Léonie Bélime, nascida dia 25 janeiro de 1843. Entrou dia 4 de fevereiro de 1864; tomada de hábito dia 30 de agosto de 1864 (P. Picard); primeiros votos dia 15 de outubro de 1865 (P. Picard); votos perpétuos dia 15 de outubro de 1867 (P.Picard); faleceu dia 8 de junho de 1877 em Auteuil. Superiora de Nice em 1875. Por ocasião de sua morte, Maria Eugênia fala dela no Capítulo de 10 junho de 1877: “ Grandes exemplos deixados por Mère Claire”.

Bilhetes: para ela “vida... saúde... santidade...”

- MARIE CLÉMENTINE da Santa Infância (Irmã) 254/03 – 255/01
 Madeleine de Boisson, nascida dia 1 de novembro de 1850 (Gard). Entrou dia 5 de agosto de 1870; tomada de hábito dia 26 de abril de 1871 em Nice; primeiros votos dia 8 de maio de 1872 (P. d'Alzon); votos perpétuos dia 2 de julho de 1874 em Poitiers (P. Gay); faleceu dia 7 de fevereiro de 1881 em Nîmes. Sua vida foi escrita. Bilhete: para ela “saúde, santidade... cura...”
- MARIE COLETTE (irmã) 250/01 n.
 Victorine Saunier, nascida dia 25 de março de 1819 em Mayence. Entrou dia 16 de março de 1844; tomada de hábito dia 6 de janeiro de 1845 (P. Gabriel); votos perpétuos dia 8 de fevereiro de 1847 (P. Gabriel), falecida dia 25 de setembro de 1910 em Andecy.
- MARIE DOSITHÉE (Irmã) 250/01
 Catherine Wauters nascida dia 9 de novembro de 1824 em Berkem. Entrou dia 16 de novembro de 1849; tomada de hábito dia 23 de abril de 1850 (P. Gabriel); votos perpétuos dia 16 de agosto de 1852 (Dom Dupuch, Bispo de Alger); faleceu subitamente dia 26 de junho de 1905 em Cannes.
 Em Sedan, depois da fundação em 1854 até a partida da comunidade em 1893 (com exceção dos anos de 1871-72). Depois Londres (1893-95) e Cannes.
 Bilhete : por ela “conversão”.
- MARIE EMMANUEL de L'Ange Gardien (Irmã) 208/01 – 245/01
 – 250/01 – 252/01 – 253/-01
 Elisa d'Éverlange, nascida dia 6 de agosto de 1827. Entrou dia 18 de dezembro de 1845; tomada de hábito dia 10 de junho de 1846; votos perpétuos dia 25 de setembro de 1847 (P. Gaume); falecida dia 14 de maio de 1903 em Nîmes.
 Superiora da fundação de Londres de 1857 a 1862; enviada ao Vigan de 1866 a 1867 para ajudar na formação das Oblatas, depois passa por diversas casas. A partir de 1894 em Auteuil, cuida de Maria Eugênia já idosa e a cerca de carinho e delicadezas.
 (cf, *Origens* II: vocação; III: Londres; IV)
 Bilhetes: “morte a si mesma...conversão...”
- MARIE ESPÉRANCE (irmã) 245/01 – 250/01
 Pauline Lericheume, nascida dia 22 de junho de 1824 em Paris. Entrou em dezembro de 1845 em Chaillot; tomada de hábito dia 28 de julho de 1846; votos perpétuos dia 12 de maio de 1848 (P. Gaume); faleceu dia 22 de dezembro de 1854 em Chaillot.
 Bilhetes: para ela: “piedade, silêncio, virtudes sérias”.
- MARIE ÉTIENNE (Irmã) 256/03
 Sophie Daire, nascida dia 10 de agosto de 1840 (Gard). Entrou dia 20 de novembro de 1866 em Nîmes; tomada de hábito dia 9 de janeiro de 1867 (P. Véron); primeiros votos dia 15 de janeiro de 1868 (P. Picard); votos perpétuos dia 14 de setembro de 1871 (P. Bayle); falecida dia 20 de outubro 1906 em Cannes.
 Bilhete: no momento de tomada de o hábito.
- MARIE EULALIE do Menino Jesus 253/01
 Honorine Olivier, nascida dia 2 de janeiro de 1836. Entrou dia 31 de outubro de 1859 em Nîmes; tomada de hábito dia 15 de junho de 1860; votos perpétuos dia 2 de outubro de 1861 (P. Laurent AA); falecida dia 17 de setembro de 1915 em Bordighera.
 Bilhete: “que as jovens que não têm bom espírito melhorem ou nos deixem”...(1867).

- MARIE FRANÇOISE de La Crèche (Irmã) 245/01.02 – 250/01
 Térèse Bourdet, nascida dia 4 de outubro de 1827 em Nîmes. Entrou dia 18 de dezembro de 1845 em Chaillot; tomada de hábito dia 10 de junho de 1846 (P. Gabriel); votos perpétuos dia 25 de setembro de 1847 (P. Gaume); faleceu dia 22 de dezembro de 1915 em Londres,
 Enviada como ecônoma à fundação de Sedan, depois a Lyon, Nîmes até 1881 e Londres. (Cf. *Origens* II; *Origens* III cap. XII).
 Bilhete: para ela “espírito interior”.
- MARIE GENEVIÈVE (Irmã) 250/01
 Não está inscrita nos registros; certamente ficou pouco tempo no noviciado.
 Bilhete: Para ela:” piedade, silêncio, virtudes sérias”.
- MARIE GERTRUDE do St. Sacrement (Irmã) 210/01 n. – 241/01
 – 246/04 – 247/01 – 249/01 – 250/01 – 251/01 n.
 Amélie Henningsen, nascida dia 21 de abril de 1822. Entrou dia 28 de julho de 1843; tomada de hábito dia 13 de fevereiro de 1844 (P. Gaume); votos perpétuos dia 25 de abril de 1845.
 Fundadora do CAP em de 1849. Fez o 4º voto antes de partir para a missão. (Cf. C.2056). Em 1852 escolhe romper com a Congregação em vez de voltar a Paris como lhe foi pedido por Maria Eugênia ”em nome da obediência”. Desta ruptura nasceu a Congregação das Irmãs Missionárias da Assunção (M.S.A.).
 (Sobre o CAP: *Origens* III, cap.V e VI, e correspondência de Maria Eugênia- vol.38)
 Bilhetes: Maria Eugênia pede para ela generosidade, e seu irmão para o P. d’Alzon (1844); “fervor de amor, graças de luz e de vida interior” (1845); “consolação, espírito de comunidade, desenvolvimento para a ação” (1847).
- MARIE GONZAGUE St. Sacrement (Irmã) 198/01 n. – 241/01 – 245/01.02
 – 246/04 – 249/01 – 250/01 – 251/01.02.03
 Constance Saint Julien, nascida em 12 de agosto de 1822 em Paris. Entrou dia 16 de março de 1840 (Vaugirard); tomada de hábito dia 21 de novembro de 1840 (P. Combalot); primeiros votos dia 8 de novembro de 1842 (Dom Cœur); votos perpétuos e 4º voto dia 12 de agosto de 1845 (P. d’Alzon); faleceu dia 15 de outubro de 1907 em Boulouris, a última das primeiras irmãs.
 Superiora de Bordéus em 1863, de Lyon em 1880, de Nice em 1886. Foi ela quem acompanhou a volta do corpo de Mère Thérèse Emmanuel de Cannes para Auteuil em julho de 1888.
 Cf. *Origens* I 1ª e 2ª partes cap. III e *Origens* II, III, IV – passim
 Bilhetes: horário de Maria Eugênia, pede para ela “graças, espírito religioso”.
- MARIE IRÉNÉE do Menino Jesus (Irmã) 256/03
 Marguerite Besson, nascida dia 25 de maio de 1848 em Lyon. Entrou dia 19 de agosto de 1866; tomada de hábito dia 9 de janeiro de 1867 (P. Véron); primeiros votos dia 15 de janeiro de 1868 (P. Picard); votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1870 (P. Bayle); faleceu dia 29 de outubro de 1877 em Nîmes.
 Ela fez parte da fundação de Reims em 1868.
 Bilhete: por sua tomada de hábito.
- MARIE JOSÈPHE de La Sainte Famille (Irmã) 180/01 e nota – 217/01 n. – 249/01
 – Henriette Halez, entrou dia 25 de fevereiro de 1840 (Vaugirard); tomada de hábito dia 14 de agosto de 1840 (Dom Affre); primeiros votos dia 25 de maio de 1842 (P. Gros); faleceu dia 29 de junho de 1843 em Louvy (Hautes Pirénées) antes do votos perpétuos (Cf. *Origens* I 2ª parte, cap.III e VIII; *Origens* II cap II) Maria Eugênia escreveu ela mesma o início de uma circular sobre ela. (C. 1428)

Bilhete: para ela “abertura de espírito e vida interior”.

MARIE JOSEPH (Irmã) 250/01

Não está inscrita nos registros, mas é questão dela na correspondência para a tomada de hábito do 19 de março de 1847, com outras três irmãs (C 1807). Em abril de 1849 Maria Eugênia fala dela como fazendo parte da Ordem Terceira (C.2028).

Bilhete: para ela “abertura de espírito e vida interior”.

MARIE JOSEPH de Bethléem (irmã) 253/01

Zélie Van Den Brule, nascida dia 14 de abril de 1838. Entrou dia 10 de janeiro de 1858; tomada de hábito dia 21 de maio de 1858; votos perpétuos dia 22 de agosto de 1859 (Dom Sacheri, Nuncio apostólico); faleceu dia 3 de maio de 1938 em San Dalmazzo.

Durante os problemas com o P. Véron em 1866-67, surgiram dificuldades com ela por causa de uma transferência de casa.

Bilhetes: para ela “ abertura de espírito, vida interior”; “que as jovens que não têm bom espírito , melhorem ou nos deixem”(1867).

MARIE LIGUORI de la Visitation(Irmã) 250/01

Élodie Biclet, nascida dia 2 de julho de 1829 na em Guadalupe. Entrou em outubro de 1845 (enviada por um Padre do Espírito Santo). Tomada de hábito dia 10 de junho de 1846 (P. Gabriel); votos perpétuos dia 25 de setembro de 1847 (P. Gaume); falecida dia 14 de maio de 1858 em Auteuil.

No Cabo de 1849 a de 1852. Depois Chaillot, Sedan, Auteuil (1856).

Cf. *Origens* II 2ª parte, cap.IV; *Origens* III, cap.V e VI; *Origens* IV.

Bilhete: para ela “ humilde doçura, desenvolvimento de capacidades”.

MARIE LOUISE de la sainte Famille (irmã) 245/01 . 02 – 246/04

– 249/01 – 250/01 – 251/01 (Lisette) – 251/02

Louise Beiling, nascida dia 19 de outubro de 1825 em Munich. Entrou dia 14 de fevereiro de 1844, enviada por Eugène e Léon Boré; tomada de hábito dia 14 de agosto de 1844, votos perpétuos dia 29 de dezembro de 1845 (P. Lacordaire); faleceu dia 26 de agosto de 1855 em Chaillot.

(Cf. *Origens* II cap. IX e *Origens* III, cap. XIV)

Bilhete: horário de Maria Eugênia para ela ”fidelidade... dom de inteligência etc.”

MARIE LOUISE 252/01

Pode ser Marie Louise Magne, nascida em Nîmes dia 4 de fevereiro de 1845. Entrou dia 31 de março de 1865 (Ir. Térèse Eugénie de la Sainte Vierge); tomada de hábito dia 23 de março de 1866 (P. d’Alzon); primeiros votos dia 5 de abril de 1867 (P. Picard); votos perpétuos dia 17 de maio de 1869; falecida dia 7 de janeiro de 1878 em Nîmes.

Madre M. Denyse Blachère, 5ª superiora geral de 1953 a 1970, era de sua família.

Bilhete: “entrada em religião de...”

MARIE MADELEINE (Irmã) 241/01 n. – 204/02 – 241/01 – 250/01

Não está inscrita nos registros, mas podemos acompanhar sua história através da correspondência.

Heloïse Achard, nascida em 1819, entrou em dezembro de 1845; tomada de hábito dia 10 de junho de 1846. Em junho de 1847 deve deixar a Congregação por motivos de saúde. Entrou então na Ordem Terceira em Nîmes. Em outubro de 1847 (C. 1486)

Maria Eugênia escreve a ela que “suas companheiras de hábito fizeram profissão dia 25 de setembro”. Em 1849 é questão de sua volta, o que não aconteceu. Faleceu em Nîmes dia 29 de junho de 1849 na casa de seu pai, “o mesmo dia e na mesma hora de Ir. M. Joseph há 6 anos. Espero que esta a acolheu no céu” (C. 2049).

(Cf. *Origens* II)

Bilhete: para “ela tudo o que pode santificá-la... oração e fervor.

MARIE MARCELINE (Irmã) 256/03

Rose Maragonis, nascida dia 15 de março de 1841 (Aveyron). Entrou dia 8 de dezembro de 1865; tomada de hábito dia 9 de janeiro de 1867 (P. Véron); primeiros votos dia 2 de fevereiro de 1870 (P. Bayle); votos perpétuos dia 23 de abril de 1873 (Dom Vitte); faleceu dia 19 de abril de 1934 em Andecy.

Bilhete: pela sua tomada de hábito.

MARIE MARGUERITE du Saint Rédempteur (Irmã) 255/02

Joséphine Macnamara, nascida dia 21 dezembro de 1826 em Londres. Prima de M. Térèse Emmanuel, aluna em Vaugirard e Impasse dês Vignes de 1842 a 1845. Entrou dia 7 de fevereiro de 1851; tomada de hábito dia 13 de agosto de 1851 (P. Gabriel); primeiros votos dia 16 de agosto de 1852 (Dom Dupuch, Bispo de Argel); falecida dia 5 de fevereiro de 1909 em Boxmoor, perto de Londres.

Mestra do Pensionato em Sedan, no momento da fundação. Superiora de Londres em 1869. No capítulo especial de 1886, foi nomeada assistente geral suplementar, visto o estado de saúde de M. Térèse Emmanuel. Assistente Geral em 1888. Fará parte do Conselho 1900 e será superiora até 1906.

Cf.Origens III; Origens IV.

Bilhete: “ que Deus livre a M. Marguerite de suas dificuldades”.

MARIE MARTHE de Jesus (Irmã) 252/01

Gabrielle Giberton, nascida dia 4 de janeiro de 1836. Entrou dia 13 de novembro de 1858; tomada de hábito dia 22 de fevereiro de 1859 (P. d’Alzon); votos perpétuos dia 26 de março de 1860 (P. Véron); deixou a Congregação em agosto de 1873.

Bilhete “conversão de...”

MARIE MECHTILDE de la Vie Cachée (Irmã) 245/01 – 250/01

Sophie de Peter, nascida dia 31 de janeiro de 1815 (Baviera). Entrou dia 30 de novembro de 1846 (Chaillot Cf. *Origens II*); tomada de hábito dia 19 de março de 1847 (P. Gaume); votos perpétuos dia 2 de março de 1849 (P.Gabriel). Deixou a Congregação por volta de 1859 por motivo de saúde.

Sucessivamente em Richmond e Sedan.

Bilhetes: para ela “ amabilidade... ação... edificação...”

MARIE ROSE du Saint Esprit (Irmã) 249/03

Octavie Duval, nascida dia 31 de março de 1829 em Paris. Entrou dia 15 de junho de 1850; tomada de hábito dia 25 de fevereiro de 1851; votos perpétuos dia 25 de março de 1852 (P. de la Boullerie); falecida dia 18 de junho de 1854 em Chaillot (Cf. *Origens III*, cap. XI)

Bilhete: “saúde para ...”

MARIE THÉRÈSE (ou TÉRÈSE) de l’Incarnation (irmã) 203/01 – 241/01

– 245/01.02 – 246/04 – 247/01 – 249/01 – 250/01 – 251/02.03

Joséphine de Commarque, nascida dia 1 de setembro de 1811 em La Bourlie (Périgord). Entrou dia 9 de novembro de 1839 em Meudon, a última das quatro primeiras irmãs, apesar que ter sido a primeira encontrada pelo P. Combalot, depois de Maria Eugênia. Da Côte St. André Maria Eugênia escreve a ela como “minha primeira e única irmã”; tomada de hábito dia 14 de agosto de 1840 (Dom Affre); primeiros votos dia 25 de maio de 1842 (P. Gros); votos perpétuos e 4º voto dia 25 de dezembro de 1844 (P. Gaume); faleceu dia 18 de abril de 1882, a primeira das quatro primeiras irmãs.

(Cf Capítulos de Maria Eugênia 27 de abril de 1882 e de 18 de agosto de 1884)

Enfermeira da comunidade desde o início. Prepara a fundação de Sedan de 1854, participa da fundação de Bordéus de 1880, Superiora de Nice em 1868. Conselheira toda sua vida.

(Cf. *Origens* I cap. VIII; *Origens* III, cap. XII; *Origens* IV, cap. III e VIII. – Deixou um caderno de “Lembranças”.

Bilhetes: intenções conforme as datas.

MARIE VÉRONIQUE (Irmã) 250/01

Jeanne Brossard, nascida dia 6 de agosto de 1819. Entrou dia 1 de abril de 1843; tomada de hábito dia 4 de novembro de 1843; votos perpétuos dia 11 de dezembro de 1845 (P. Gabriel); faleceu dia 11 de novembro de 1868 em Auteuil. No Cabo de 1849 a de 1852 (Cf. *Origens* III, cap. V e VI).

Bilhete: para ela “humildade , recolhimento”.

MARIE VINCENT do Coração de Jesus (Irmã) 255/02

Adèle Lecat, nascida dia 22 de maio de 1836. Entrou dia 24 de fevereiro de 1855; tomada de hábito dia 24 de setembro de 1855 (P. d’Alzon); votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1857 (P. d’Alzon); faleceu dia 29 de setembro de 1916 em Mons (Bélgica). Na comunidade de Sedan de 1857 a de 1871, Superiora de Sedan de 1872 a 1881, de Reims de 1882 a 1907, de Mons em 1907.

Bilhete: “saúde para...”

MARIE VIRGINIE (Irmã) 253/01

Louise Fabre, nascida dia 14 de outubro de 1835 (Ardèche). Entrou dia 8 de agosto de 1858 em Nîmes; tomada de hábito dia 23 de abril de 1859 em Nîmes (P. d’Alzon); primeiros votos dia 8 de setembro de 1862 em Nîmes (P. de Cabrières); votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1866 em Lyon (P. Vitte). Deixou a Congregação em 1867.

Bilhete: “ que as jovens que não têm bom espírito melhorem ou nos deixem” (1867).

MARIE WALBURGE du Saint Sepulcre (Irmã) 251/03 – 254/03

Amy Howly (prima de M. Térèse Emmanuel) nascida dia 24 de novembro de 1826 na Irlanda. Entrou dia 5 de agosto de 1850; tomada de hábito dia 29 de janeiro de 1851; votos perpétuos dia 25 de março de 1852 (P. de La Boullerie); falecida dia 16 de julho de 1910 em Auteuil.

Fundadora de Nîmes em 1855 (cf. *Origens* III cap. XV) depois Superiora de diversas casas, Conselheira de 1855 a 1858, de 1864 a 1876, de 1882 a 1900.

Bilhetes: “espírito religioso para...” (1858-59).

MARIE WILFRID da Trindade (Irmã) 249/03 n. – 251/02.03

Delia Shaw, nascida dia 29 de abril de 1826 (Irlanda). Entrou dia 19 de abril de 1849; tomada de hábito dia 29 de novembro de 1849 (P. d’Alzon); votos perpétuos dia 9 de dezembro de 1850 (P. Deplace); falecida dia 30 de abril de 1912 em Kensington.

No Cabo, alguns meses em 1852, antes da ruptura, depois em Richmond, Sedan, Bordéus, Londres de 1868 até sua morte.

Bilhete : no momento de sua profissão (1850).

MARIE DU CALVAIRE (Irmã) 253/01

Mary Anne Spencer, nascida dia 16 de abril de 1831 em Londres. Entrou dia 29 junho de 1861; tomada de hábito dia 29 de dezembro de 1861, saiu em dezembro de 1862. Toma novamente o hábito em 21 de julho de 1863; primeiros votos dia 7 de outubro de 1864 (P. Véron); votos perpétuos dia 5 de abril de 1867; faleceu dia 9 de julho de 1871 em Auteuil.

Bilhete: “cura de...(1867).

- MARIE DU CHRIST (Irmã) 254/02.03.04 – 255/04 – 257/02
 Esther de Mauvise, nascida dia 4 de março de 1845 em Poitiers. Entrou dia 14 de agosto de 1868; tomada de hábito dia 28 de novembro de 1868 (P. Gay); primeiros votos dia 2 de fevereiro de 1870 (P. Bayle); votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1872 (P. Gay); faleceu dia 11 de fevereiro de 1922, com as Oblatas da Assunção.
 Sucessivamente Superiora de Montpellier em 1874, Conselheira Geral em 1876, superiora de Nîmes de 1879 a 1882 (morte do P. d'Alzon em 1880). Conselheira Geral em 1882, Superiora do “Petit Couvent de Auteuil”, depois de Lübeck. No Capítulo Geral de 1886, foi emprestada ao P. Picard por um tempo indeterminado para ajudar na formação das Oblatas; morreu com elas como Superiora Maior.
 Bilhetes: para ela ” cura... saúde, vida... perfeição, dom de governo”.
- MARIE DE LA CONCEPTION (Irmã) 255/01 n.
 Louise Lamy Rousseaux, nascida dia 5 de outubro de 1826. Entrou dia 15 de setembro de 1858; tomada de hábito dia 21 de dezembro de 1858 (P.Picard); votos perpétuos dia 26 de março de 1860 (P.Veron); faleceu dia 12 de fevereiro de 1878 em Londres.
- MARIE DE L'IMMACULÉE CONCEPTION (Irmã) 254/01 n.
 Marie de Rothiacob , nascida dia 29 de agosto de 1839. Entrou dia 8 de dezembro de 1874; tomada de hábito dia 5 de abril de 1875 (P. Chevojon); primeiros votos dia 7 de abril de 1876 (Dom Outremont, Bispo de Mans); votos perpétuos dia 28 de abril de 1878 (P. Pernet); faleceu dia 21 de agosto de 1887 em St, Dizier.
- MARIE DE L'INCARNATION (Irmã) 254/04 – 256/03
 Edith Hore, nascida dia 6 de outubro de 1841 em Winbledon (Inglaterra). Entrou dia 16 de junho de 1866; tomada de hábito dia 9 de janeiro de 1867 (P. Véron); primeiros votos dia 15 de janeiro de 1868 (P. Picard); votos perpétuo dia 2 de fevereiro de 1870 (P. Bayle).
 Superiora da fundação de Nova Caledônia em 1873 (cf. *Origens* IV cap. XV e *Partage-Auteuil* N° 7). Voltou em 1875, foi enviada a Richmond e daí saiu da Congregação em 1876.
 Bilhetes: por ocasião de sua tomada de hábito 1876: “ conversão d'Edith Hore”.
- MARIE DE JESUS (Irmã) 249/03 – 251/02
 Berthe de Gouy , nascida dia 21 de novembro de 1826 em Paris. Entrou dia 7 de abril de 1849; tomada de hábito dia 21 de novembro de 1849 (P. d'Alzon); votos perpétuos dia 9 de dezembro de 1850 (P. Deplace); faleceu dia 31 de julho 1906 em San Sebastian.
 Sucessivamente em Bordéus, Lyon, Auteuil, Nice, Nîmes, Cannes, várias estadas em St Dizier. Em San Sebastian a partir de 1900.
 Durante a guerra de 1870, a família de Gouy ofereceu às irmãs hospitalidade em seu castelo onde várias irmãs viveram em comunidade,
 Bilhete: “saúde para...”
- MARIE DE LA NATIVITÉ (Irmã) 237/01 n. – 255/02 – 257/02
 Florence Dillon, nascida dia 21 de julho de 1848 em Londres. Entrou dia 23 de dezembro de 1868, tomada de hábito dia 9 de abril de 1859; primeiros votos dia 26 de abril de 1870 (P. Bayle); votos perpétuos dia 8 de outubro de 1871 (Dom Pie).
 Superiora da fundação de Ramsgate (1878), da fundação de Cannes (1879). Em 1875 deixa por duas vezes a Congregação. Depois de vinte anos de vida agitada, entra no Bom Pastor em 1906 e ali faz profissão em 1910. Faleceu dia 5 de abril de 1932 (Cf. *Partage Auteuil* n° 12)
 Bilhetes: rezar por...”saúde para...”

- MARIE de Saint Jean (Irmã) 255/01
Henriette de Mondion, nascida dia 21 de outubro de 1853. Entrou dia 23 de fevereiro de 1873; tomada de hábito dia 5 de agosto de 1873; primeiros votos dia 20 de setembro de 1874 (P. Picard); votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1877 (P. Picard); faleceu dia 26 de dezembro de 1906 em Bordeus.
Superiora da fundação de Granada (Espanha), em 1883-84, – de Poitiers de 1886 a de 1889, de Bordéus de 1889 até sua morte.
Bilhete : “cura de...” 1878.
- MARIE du Saint.Sacrement (Irmã) 251/03
Cécile de Gouy, nascida dia 28 de julho de 1824 (Irmã mais velha da Ir. Marie de Jesus). Entrou dia 5 de setembro de 1855; tomada de hábito dia 2 de fevereiro de 1856; votos perpétuos dia 10 de fevereiro de 1857 (P. d’Alzon); faleceu dia 28 de abril de 1908 em Andecy.
Superiora de Sedan de 1860 a 1862, Superiora da fundação de Lyon de 1862 a 1871 (Cf. *Origens* IV c.III) depois de Bordeaux (1871-1877), de Reims (1878-1882), do Petit Couvent de Auteuil (1883) de Nîmes (1883-1885), de St. Dizier em 1885. Ela era superiora, no momento do incêndio de 1901; depois da partida dessa casa, foi enviada a Andecy onde morreu em 1908.
Bilhete: “dom de inteligência para...” de 1858-59.
- MARTEAU L[aure] 253/01
Nascida dia 17 de março de 1849; entrou dia 15 de setembro de 1869 (Irmã Agnès Marie du Saint Esprit); tomada de hábito dia 8 de abril de 1870; primeiros votos dia 8 de setembro de 1871; votos perpétuos dia 5 de março de 1875; falecida dia 8 de fevereiro de 1941 em Andecy.
Bilhete: “vocação para...” (1867).
- MATHILDE DE TOUZON 251/03 – 255/03
Esposa de Louis Milleret. Mãe de Emmanuel em 1856, de Marguerite em 1859.
Bilhetes: “ bênçãos sobre a criança que leva em seu seio!” (1858-59) “conversion”.
- MERMILLOD (Padre) Gaspar 1824-1892 217/01 251/03
Sacerdote, Bispo em 1864 e Cardeal em 1890. Foi no decorrer do retiro de 1856 feito com a ajuda do P. Mermillod que Maria Eugênia escreve: “Quando procuro o mistério que mais me leva a me encontrar com Nosso Senhor, volto sempre ao Santíssimo Sacramento” (C. 2579). Em 1856, também o P. Mermillod propõe ao P. d’Alzon uma fundação em Ferney, perto de Genebra, “sobre o solo de Voltaire e as muralhas de Calvino”, e para as Religiosas da Assunção uma fundação em Genebra para uma casa de adoração. Os projetos não se realizaram.
Bilhetes: “ Falarei seriamente ao P. Mermillod... ele percebeu minha angústia”... “o bem que o P. Mermillod me fez” (1856); “graças para...”
- MESNARD (Sra de, e sua filha Caroline) 203/01 – 249/01
“Filha espiritual por excelência” do P. Lacordaire (Cf. C. 1616), fez parte de uma Ordem Terceira dominicana. Relação com Maria Eugênia.
Bilhetes: “Rezo por...” (1844); “ perdi tempo com essas senhoras” (1846).
- MICHEL (Sr) 241/01
As *Origens* se referem a ele desde 1845. “Bom católico, excelente educador e antigo diretor de colégio, tendo boas relações com o governo e gozando de estima merecida”... Interessa-se particularmente pela Obra da Assunção (Paris e Nîmes). Nas *Origens* II, encontramos uma carta bem interessante do P. d’Alzon a Maria Eugênia a esse respeito, no ano de 1846.

Bilhete : “Visita do Sr. Michel”.

- MONNIER (Sr.) Jules: 1815-1856 251/02
Professor no Colégio da Assunção em Nîmes. Um dos primeiros membros da Ordem Terceira AA, inaugurada em Nîmes dia 26 de dezembro de 1845, no dia seguinte à Fundação dos Padres. Pronuncia seus votos de terciário com os outros primeiros membros em 27 de dezembro de 1848.
Bilhete: “saúde de...”(1850).
- MONSABRÉ (Frei) Jacques; 1827- 1907 251/03
Dominicano. Em relação com a Congregação (correspondência entre 1858 e 1891) Pregador em Notre Dame de Paris de 1873 a 1890, desenvolvendo o dogma a partir da explicação do Credo. Suas conferências foram conservadas pelas irmãs.
Bilhete: Graças para... (1858-59).
- MONTAIGNE Michel EYQUEM : 1533-1592 205/01
A partir de suas leituras, anota suas reflexões, suas reações. Assim escreve os *Essais*, de 1580 até sua morte, com uma edição definitiva em 1595. Expressa as contradições de sua própria natureza, a impotência do homem para encontrar a verdade e a justiça, a relatividade das coisas humanas. Sua “arte de viver” é uma sabedoria prudente, feita de bom senso e tolerância,
Bilhete: notas de leitura (1846).
- MONTALEMBERT Charles (Conde de):1810-1870 154/10
Na época do jornal *L’Avenir* (1830) era discípulo de Lamennais, mas não o seguiu depois da ruptura com Roma. Chefe dos católicos liberais, defensor das liberdades religiosas, especialmente do Ensino livre. Orador, escritor. Sua *História dos Monges do Ocidente* é citada nas *Origens*. Era parente de Joséphine de Commarque (Ir. Marie Térèse): um artigo do jornal *L’Univers* relata sua presença na profissão desta irmã dia 25 de maio de 1842.
Bilhete ”meus contemporâneos, ilustres defensores da fé...”(1837-38).
- MONTAUDON (Srta.) 249/01
Jovem com quem Maria Eugênia conversou longamente antes de partir de Nîmes em 1844. É questão dela na correspondência dos anos seguintes e novamente em 1857. Finalmente ela não entrou.
Bilhete: “boas postulantes... particularmente...” (1844).
- MORANGE (Sra. de) 251/03
Sogra de Louis Milleret, que se casou em 1855 com Mathilde de Touzon. A mãe de Mathilde, viúva, tinha desposado o Sr. de Morange. É com esse nome que na correspondência fala-se da avó dos filhos de Louis e de Mathilde: Emmanuel e Guitta.
- NATHALIE DE KOMAR 251/03
Nascida dia 3 de dezembro na Polônia. Aluna em Chaillot e Auteuil de 1854 a 1858. Entrou em de 1858: Ir. Louise Eugénie de la Mère de Dieu.
Bilhete: « esprit religieux pour... » (1858-59).
- NÉRON (família) 249/01
Sra. Néron, de Thionville, era amiga da Sra. Milleret, e sua filha Joséphine, amiga de infância de Maria Eugênia.
Depois da fundação Joséphine passa algum tempo na comunidade, mas não conseguiu ficar por falta de saúde. Casou, e sua filha, Louise Bossion, foi aluna da Assunção.
Bilhete: “aqueles que têm direito a minhas orações... os Néron” (1844).

- NETTEMENT (Srta.) 255/01
Blanche, nascida dia 17 de julho de 1858 em Orléans. Entrou dia 28 de julho de 1879 (Ir. Marie Bathilde do Menino Jesus); tomada de hábito dia 2 de fevereiro de 1880; primeiros votos dia 8 de dezembro de 1882. Saiu dia 11 de abril de 1884. Voltou e fez os votos perpétuos em Reims (Cardeal Langénieux) dia 23 de dezembro de 1888. Em Nice de 1889 a 1904 e San Dalmazzo em 1904. Novamente saiu dia 5 de abril de 1908. Bilhete: “vocação para nós...(1877).
- NICOLAÏ (Sra. de) 204/02
Ao longo dos anos, a família Nicolaï é mencionada entre as relações da Assunção. Em 1863, no momento de projetos para Jerusalém, é questão da Sra. de Nicolaï que poderia ajudar a recuperar santuários. (C. 2964). Bilhete: “para ela graças de coragem” (1847).
- NOUET (Padre SJ) 1605-1680 158/01
Suas Obras: “*Méditations spirituelles à l’usage des personnes qui veulent avancer dans la perfection*” e *Retraite sur la vie religieuse*. Na lista de “livros dados pelo P. Combalot, dia 30 de abril de 1839”, lista escrita por Maria Eugênia, pode-se ler: ”13 vol. *Méditations* du Père Nouet. 1 a mais” Bilhete: notas de leitura:”Sobre a vontade de Deus” (por volta de novembro de 1839).
- OLIER (religioso) Jean Jacques: 1608-1657 190/01
Fundador da Companhia de Sacerdotes de St. Sulpice, discípulo de São Vicente de Paula e do P. Surin. Maria Eugênia cita-o com frequência. A espiritualidade da Escola Francesa marcou as origens da Congregação. Bilhete: “ler livros que me levem a Deus” (1843).
- PETIT (Presbítero) 249/01
Um dos Diretores do Seminário de Grenoble, do tempo de juventude do P. Combalot. “Ordenado sacerdote durante de “O Terror”, seguia por toda parte os Padres proscritos, escondendo-se com eles nos bosques e nas montanhas e acompanhando aqueles que deviam morrer, até o pé do cadafalso...” (cf. *Origens I*) . Mais tarde, confessor na Côte St André, ocupou-se muito de Maria Eugênia durante sua estada na Visitação. Nos anais da Visitação: “O Padre Petit nosso confessor, a considera, já, apesar de sua juventude, uma alma de elite”. Bilhete: “Aqueles que rezam por nós” (1844).
- PICARD (Padre) François: 1831-1903 218/01 n. – 226/01 – 233/01 – 235/01 n. – 237/01 – 239/01 n. – 251/02.03 – 252/01 – 254/02. n. 03.04 – 255/02
Nascido dia 1º de outubro de 1831 em Saint Gervasy, perto de Nîmes. Entrou em 1850 na Congregação dos Religiosos da Assunção, fundada recentemente. Professou em 1851. Sacerdote em 1856. Confessor de Maria Eugênia a partir de 1857. Aconselhou e apoiou a Congregação durante muitos anos, antes que se manifestassem as dificuldades sobre a questão da autoridade na Congregação (Capítulo Especial de 1886). Sucessor do P. d’Alzon em 1880. Em 1896 fundou as Orantes da Assunção, com Madre Isabelle Marie de Gethsémani (de Clermont- Tonnerre, viúva de Ursel) Faleceu em Roma dia 16 de abril de 1903. Bilhetes: Intenções diversas segundo as notas.
- PIE IX – Giovanni Mastai Feretti: 1790-1870 204/02 n. –241/01 – 251/01 -
Eleito Papa em 1846. Dia 11 de Junho de 1846 (C. 1736) Maria Eugênia escreve: ”temos O S.S. exposto esta semana, rezo muito pela eleição do novo Papa, é a única coisa que me preocupa bastante” e em 23 novembro de 1846 (C. 1793): “Você sabe que pensamento me levanta constantemente de meu estado de profunda tristeza? É o do

Papa que Deus acaba de nos dar para sua Igreja. Este pensamento preenche meu coração. Como queixar-se de alguma coisa quando temos a felicidade de ver nos dias de sua vida mortal um Vigário de Jesus Cristo que parece ser tão santo e pode elevar a Igreja tão altamente?” Quando falece em 1878. Maria Eugênia lhe consagra o Capítulo do 10 fevereiro. É sob seu pontificado que os Estatutos do Instituto foram aprovados (1855/1867).

Bilhetes: “por N.S.P. o Papa, os maiores socorros de Deus, a santidade...”

“comunguei pelo Papa”... ”que Deus o eleve a sua glória e à glória da Igreja” (1846-1847-1849).

PION (Padre) 249/01
Capelão e confessor extraordinário das Irmãs da Visitação da Côte St. André. Amigo do P. Combalot. Foi um admirável intermediário para organizar a estada de Maria Eugênia nesse Mosteiro. Quando Maria Eugênia chegou ela escreve ao P. Combalot:”Estou muito agradecida ao P. Pion, por me ter recomendado tanto”. Mais tarde, ficará em correspondência com ele.
Bilhete:”aqueles que rezam por nós...” (1844).

POUJOLAT (Sra.) 249/01
Marie Foulon, prima de Maria Eugênia, esposa do sr. Joseph Poujoulat (1808-1880), historiador. Em 1844, Joseph Poujoulat escreve uma *História de Santo Agostinho* e em 1857, dedica a Maria Eugênia sua *Tradução das cartas de St. Agostinho*, Cf. *Partage-Auteuil* N° 47)
Bilhete: “rezo pela Sra. Poujoulat, sua mãe, seu marido, sua filha, toda minha família...” (1844).

PRUNEAU (família) 249/01
Ernestine Pruneau, amiga de infância e prima de Maria Eugênia do lado materno. Sua mãe, nascida de Boland, era parente dos de Brou. Já idosa, escreveu suas lembranças de Maria Eugênia em Metz e Preisch (cf. *Partage-Auteuil* n°15).
Bilhete:” aqueles que têm direito a minhas orações...” (1844).

PUYSÉGUR (Sra. de) (1819-1869) 203/01 n.
Marie d’Alzon, irmã do P. d’Alzon, casada com o Conde Jacques de Puysegur. Mãe de três filhos: Marte, falecida em 1845, ao cair nas escada da Capela de Lavagnac. Alix, nascida em 1837, aluna em Chaillot de 1838 a 1851, mais tarde carmelita; e Jean que fez parte dos zuavos pontifícios para defender o poder temporal do Papa.

RANCÉ, de (religioso) 1626-1700 154/04 n. – 190/01
Padre Armand Jean Le Bouthillier de Rancé: Reformador da Ordem Cisterciense da Abadia de La Trappe. Em seu livro *Santidade e deveres da vida monástica*, Maria Eugênia encontrou a frase inserida nas Constituições desde 1844, no capítulo da castidade: “Como elas se dão inteiramente a Jesus Cristo, não há mais ação, nem palavra, nem instante de sua vida, sobre os quais Ele não tenha direito”... (ao P. d’Alzon, 9 de dezembro de 1843, C. 1592).
Bilhete: referência a seu livro *Orações cristãs* (1843).

RENARD Marthe 254/03
Nascida dia 22 de setembro de 1857 em Rouen. Entrou dia 8 de outubro de 1875, Irmã Marie do Calvário. Tomada de hábito dia 16 de janeiro de 1876 (Dom Ségur); primeiros votos dia 21 de janeiro de 1877; votos perpétuos dia 2 de fevereiro de 1879 (Dom Ségur). Saiu em maio de 1890.
Bilhete: “...vocação de...”

- RENÉ (Milleret) 254/03
 Último meio irmão de Maria Eugênia, 1852-1929. Nascido do 2º casamento do seu pai em 1843 com Anne de La Chevardièrre de La Grandville. Casou em 1884 com Jeanne Larrieu, viúva do Sr. Quesnel, de quem terá cinco filhos.
 Bilhete: “vocação para...”
- ROLLY (Sr.) Henri de: 1800-1869 243/02 –249/01 – 251/02.03 – 252/01
 Amigo da família Milleret, conheceu Maria Eugênia, menina. Depois da morte da sra. Milleret (1832), o Sr. Milleret o aceita como Sub-Tutor de seus dois filhos menores: Louis e Maria Eugênia. Conselheiro e homem de negócios de Maria Eugênia nas complicações de família. Na primavera de 1869, Maria Eugênia vai a Metz visitá-lo antes de sua morte (2 de junho de 1869).
 Bilhetes: “Consultar sobre o assunto do Sr. Rolly”; “aqueles que têm direito a minhas orações...” 1844 “; “conversão do Sr. Rolly antes de morrer” 1850.
- ROSE AGNÈS (du Coeur de Marie) (Irmã) 255/03
 Rose Strafford Jerningham, nascida dia 20 de setembro de 1840 em Londres. Entrou dia 1 de novembro de 1857; tomada de hábito dia 15 de junho de 1858 (Cardeal Wiseman) votos perpétuos dia 22 de agosto de 1859 (Dom Sachari, Núncio apostólico); faleceu dia 25 de setembro de 1880 em Londres. (cf. *Origens IV*). Parente do Cardeal Howard.
 Sucessivamente em Londres, Nîmes, Londres, Nice, Londres.
 Bilhete: “cura de...” (1878).
- ROUSSEAU Jean-Jacques: 1712-1778 152/01
 Filósofo, cujas Obras :*Discurso sobre a origem das desigualdades, O Contrato social e Emílio* tiveram grande influência no final do século XVIII. As *Confissões* e *Os sonhos de um caminhante solitário*” anunciam o Romantismo.
 A propósito de suas leituras, Maria Eugênia escreve ao P. Combalot em dezembro de 1837; “Os erros dos livros de ateus, seus paradoxos, a pobreza incompleta de seus sistemas foram um peso bem grande nas as provas positivas dos apologistas. O *Emílio* é um dos livros que mais me fizeram saborear o catolicismo” (C.15).
 Bilhete: reflexão sobre o pensamento de Rousseau (1836-37).
- ROUVIÈRE Denise 257/02
 É questão dela na correspondência, na época deste bilhete: ela tem 19 anos, é professora em Toulon e está em relação com o Priorado de Nîmes. “Quanto ao que você me diz, hoje, de Denise Rouvière, ficarei muito contente, Padre, que entre conosco...” (16 agosto de 1880. C. 3628).
 Não consta nos registros. Mas somente numa nota de 1873 trata de uma Marie Rouvière, Irmã Albertine de Chantal, falecida em 1889.
- ROUX (Sr.) 162/01
 Muito provavelmente Roux-Lavergne, nascido em 1802, doutor em Letras, colaborador do jornal *O Universo*, então chamado *O Universo Católico*.
 O número de 5 de março de 1839, ao qual se faz alusão, comporta efetivamente uma “carta” dele.
- SAINT BRUNO (Irmã) 249/01
 Irmã do “Refuge”, onde Maria Eugênia se hospedou por ocasião de sua viagem a Nîmes em Outubro-novembro de 1844. O nome desta irmã aparece na correspondência de 1844 e de 1845: por intermédio do P. d’Alzon, Maria Eugênia lhe envia uma lembrança especial.
 Bilhete: “rezar por”... (1844).

- SEMENENKO (Pierre): 1814-1886 241/01 – 242/03
 Padre polonês, fundador em Roma em 1836 da Congregação dos padres da Ressurreição. Os laços com a Congregação da Assunção datam de sua instalação na rua des Postes, perto do Impasse des Vignes, por volta de 1843. A correspondência entre Maria Eugênia e o P. d'Alzon dá um eco bem grande dessa relação.
 Bilhetes: “rezar por...”(1844); “falei com o Padre Semenenko”.
- SIBOUR (Dom) Auguste Marie Dominique: 1792-1857 251/01.02
 Arcebispo de Paris em 1848, depois do Dom Affre, assassinado por um sacerdote suspenso de Ordens e demente, dia 3 janeiro de 1857, na Igreja de St. Étienne Du Mont. É sob seu episcopado que os Estatutos da Congregação foram apresentados em Roma e aprovados (1854-55).
 Bilhete: “ Mil graças e bênçãos de Deus...” 1849; “ Todas as graças mais preciosas para...”(1850).
- SIBOUR (Padre) Léon François: 1807-1864 251/01.02
 Primo do precedente. Sacerdote em 1832. Vigário Geral de Paris em 1849. Superior eclesiástico da Congregação, depois do P. Gaume, de 1849 a 1852. Pároco de Sto. Tomás de Aquino em 1850. Em 1855, Bispo Titular de Tripolis, auxiliar de Dom Augusto Sibour.
 Bilhetes: “Mil graças e bênçãos de Deus...” (1849). –“ Todas as graças mais preciosas para...” (1850).
- SOPHIE VALENTIN 249/01
 Nascida no Senegal, companheira de viagem de Maria Eugênia na sua volta de Nîmes em 1844, “excelente menina, muito cômoda para viajar”, aluna no Impasse des Vignes em novembro de 1844. Não consta nos registros do Noviciado.
 Bilhete: “ faça religiosas todas aquelas que têm condições para isso” (1844).
- TALLEYRAND (Bispo) Charles Maurice de: 1754-1838 205/01
 Bispo de Autun (1788), deputado nos États Généraux em 1789. Deixa o sacerdócio depois de ter apoiado a ”Constituição Civil do Clero” e desempenha um papel político nos regimes que sucedem a Revolução. No fim da restauração passa à oposição liberal.
 Bilhete; evoca a... (1846).
- TÉRÉSE 252/01
 Pode ser Térèse Dufour, nascida dia 22 de setembro de 1844. Entrou dia 19 de março de 1866 (Irmã Térèse de Jésus Délaiissé); tomada de hábito dia 2 de outubro de 1866; primeiros votos dia 15 de outubro de 1867; votos perpétuos dia 12 de novembro de 1868; falecida dia 14 de dezembro de 1868 em Nice, na casa recém fundada, e perto de Nossa Senhora da Consolação. Irmã muito estimada e querida por Maria Eugênia.
 Bilhete : “entrada em religião de... “ (1864).
- THÉRÈSE EMMANUEL (ou TÉRÈSE) de la Mère de Dieu 167/01 n. – 170/01 n.
 – 179/01 – 180/01 – 188/01 – 194/01 – 203/01 – 204/02 – 208/01 – 210/01 n. – 237/02
 – 241/01 – 245/01.02 – 246/02.04 – 247/01 – 249/01 – 250/01 – 251/01.03 – 252/01 – 254/02.03 – 255/02 –
 Catherine O'Neill, nascida dia 3 maio de 1817 em Limerick (Irlanda). Entrou dia 5 de agosto de 1839 em Meudon; tomada de hábito dia 14 de agosto de 1840 (Dom Affre); primeiros votos dia 14 agosto de 1841 (P. Gros); votos perpétuos e 4º voto dia 25 de dezembro de 1844 (P. Gaume). Faleceu dia 2 de maio de 1888 em Cannes.
 Mestra de Noviças e Assistente durante quase 40 anos. Fundadora e Superiora de Richmond de 1850 a de 1852. Superiora da Casa Mãe de 1868 a 1870 e de 1872 a 1882.

Sua união com Maria Eugênia e seu papel na Congregação fazem com que a consideremos co-fundadora. (Cf *Origens* I, II, III IV).

Bilhetes: ver intenções nas Notas.

THOMASSIN (Marguerite de) 255/01 n.

Nascida dia 28 de julho de 1855 em Paris; entrou dia 30 de outubro de 1877 (Irmã Marie Lucie de St. Joseph); tomada de hábito dia 24 de março de 1878; primeiros votos dia 27 de março de 1879; votos perpétuos dia 25 de abril de 1881; faleceu dia 12 dezembro de 1884 em Cannes.

VEILLARD Marguerite 257/02

Nascida dia 20 de março de 1863 em Laval. Entrou dia 14 de agosto de 1883 (Ir. Joseph Emmanuel de la Vierge Marie); tomada de hábito dia 21 de novembro de 1883; primeiros votos dia 21 de novembro de 1884; votos perpétuos dia 27 de novembro de 1886 em Poitiers. Saiu 31 dezembro 1906.

Bilhete: "entrada de..."(1880-1881).

VÉRON (Presbítero) Paul: 1815-1867 227/01 n. – 253/01 n. – 256/03 –

Nascido em Paris dia 14 de janeiro de 1815 em Laval. Sacerdote em Roma em 1840. Incorporado à Diocese de Paris em 1850. Vigário Geral sob Dom Morlot e Dom Darboy. Superior eclesiástico da Congregação de 1859 a 1867. De tendência galicana, mostrou-se no início muito bom para a Congregação, mas em 1866, quando foram apresentadas as Constituições em Roma, em vista da aprovação da congregação, sua atitude deu lugar ao "Conflito Véron". Esta dificuldade foi grave (cf. *Origens* IV cap. VII e *Textos Fundadores* I. A tomada de hábito do 9 de janeiro de 1867, presidida por P. Véron, aconteceu durante um período de pacificação. Sempre Superior eclesiástico, mas nomeado pároco de St. Vincent de Paul aos 20 novembro de 1866, faleceu dia 3 março de 1867.

Bilhete: tomada de hábito presidida pelo P. Véron (Janeiro de 1867).

WAUTERS Catherine 241/03 n.

Nascida dia 9 de novembro de 1824 em Berkem(Bélgica). Entrou dia 16 de novembro de 1849 (Ir. Marie Dosithée); tomada de hábito dia 23 de abril de 1850 (P. Gabriel); votos perpétuos dia 16 de agosto de 1852 (Dom Dupuch, Bispo de Argel); falecida subitamente dia 26 de junho de 1905 em Cannes.

Em Sedan desde a fundação em 1854 até a partida da comunidade em 1893 (exceto os anos de 1871-72). Depois Londres (1893-95) e Cannes.

ÍNDICE

Nota sobre a edição brasileira	p. 5
Para ajudar a leitura (edição brasileira)	p. 7
Introdução da edição original francesa	p. 9
NOTAS ÍNTIMAS de Madre Maria Eugênia de Jesus	p. 15
Família de Madre Maria Eugênia	p. 238
Cronologia da vida de Madre Maria Eugênia	p. 241
Proposta de classificação cronológica das Notas Íntimas	p. 279
Informações biográficas sobre as pessoas citadas	p. 283
